HISTÓRIA
SECRETA
DA
ÚLTIMA
GUERRA
SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

História Secreta da Última Guerra

de Seleções do Reader's Digest

História Secreta da Última Guerra

de Seleções do Reader's Digest

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST · RIO DE JANEIRO · 1962

Copyright, 1962, da Editôra Ypiranga S.A.

As condensações que compõem êste volume foram feitas com autorização dos respectivos proprietários dos direitos autorais, mediante acôrdos especiais

Proíbe-se a reprodução total ou parcial

Editôra Ypiranga S.A.
Av. Presidente Vargas, 62, 7.º andar — Rio de Janeiro, GB

IMPRESSO NO BRASIL

Índice

Lindbergh Narra Seu Primeiro Vôo de Guerra 13
A Caça ao *Bismarck* 18
Obra-Prima da Espionagem Alemã 35
Uma Noite Inesquecível 42
A Verdade Sôbre o Fim de Rommel 52
A Morte Levava um Cronômetro 62
Um Cadáver em Missão de Guerra 91
Visita Clandestina 97
Pearl Harbor: Cinco Oportunidades Perdidas 116
O Dia Mais Longo da História 123
Quarenta Minutos que Decidiram a Guerra 195
Eu Fui Montgomery 201
O Engano Mais Trágico dos Nossos Tempos? 217
Como Heidelberg Foi Salva 221
A Viagem Secreta do Tesouro da Grã-Bretanha 228
Eu Comandei o Ataque a Pearl Harbor 241
Os Últimos Dias de Hitler 249
Operação *Nordpol:* o Maior Blefe da Guerra Secreta 262
Areias de Dunquerque 272
A Guerra Secreta de Censores x Espiões 316
De Quem é a Culpa do Massacre de Katyn? 323

Hitler Tentou Invadir os Estados Unidos 330
As Façanhas do Corsário *Atlantis* 342
O Homem que Salvou Londres 353
"Estávamos à Sua Espera em Dacar" 360
Como o Gen. Eisenhower Escapou de Morrer 368
Hiroxima Seria Evitada 373
O Prisioneiro que Escapou 381
O Fim do *Bismarck* 410
Eu Fui Uma Espiã 421
O Mistério dos Balões Japonêses 430
Heróis em Cascas de Nozes 437
Dinheiro Falso Como Arma de Guerra 442
Cinzas de Hiroxima 451
Um Entre Oito Milhões — Caça a um Espião 486
O Furo da Rendição Alemã 493

Índice das fotografias

Um dos bombardeiros Heinkel 111 em missão de guerra sôbre Londres 45
A Catedral de S. Paulo envolvida pelos incêndios de Londres 49
Rommel na África com seu estado-maior 55
Funerais de Rommel 59
Visão do inferno de Pearl Harbor em 7.12.41 119
Lançamento de pára-quedistas inglêses sôbre Caen 129
Navios de desembarque aliados aproximam-se da costa francesa 151
Tropa americana desembarcando numa praia da Normandia 171
Pára-quedistas americanos avançam sob fogo alemão 179
Bombardeiro Liberator americano atingido pelo fogo antiaéreo alemão 185
Rendição de franco-atiradores alemães 191
O General Montgomery e seu *double* 207
Vista geral de Heidelberg 223
A última fotografia de Hitler vivo 251
Evacuação das fôrças aliadas em Dunquerque, quadro de Charles Candell 285
Soldados inglêses ajudam seus camaradas a subir em um navio 299
Destróieres inglêses chegam a um pôrto na Inglaterra 311
Tripulantes do *Atlantis* desembarcam numa ilha do Pacífico para se reabastecerem de água 345

Quatro dos 27 navios afundados pelo *Atlantis* 349
Pára-quedistas americanos caindo sôbre Okinawa 375
O *Bismarck* em ação contra o *Hood* 415
Um dos balões japonêses 433
Explosão da bomba atômica 473
Chegada dos plenipotenciários alemães ao QG de Montgomery para a assinatura da rendição alemã 497
A histórica sessão de 7.5.1945 501

Índice dos mapas

A Europa em 3 de setembro de 1939 11
Fôrças navais e aéreas inglêsas atacam o *Bismarck* 23
Desembarque aliado na Normandia 165
A base naval americana de Pearl Harbor em 7.12.41 243
Territórios conquistados pelo Eixo — 1943 260
O avanço alemão sôbre Dunquerque 277
Invasão aliada do norte da África 363
A situação militar por ocasião da rendição alemã 492

Alemanha
Países anexados à Alemanha de 1936 a 3-9-1939
Países da aliança franco-inglêsa
Países anexados à Itália, situação em 3-9-1939
Itália e colônias
Países neutros
NORUEGA
SUÉCIA
FINLÂNDIA
ESTÔNIA
LETÔNIA
LITUÂNIA
U.R.S.S.
MAR DO NORTE
DINAMARCA
IRLANDA
GRÃ-BRETANHA
Londres
HOLANDA
BÉLGICA
Berlim
ALEMANHA
Varsóvia
POLÔNIA
Paris
FRANÇA
Praga
TCHECOSLOVÁQUIA
Viena
ÁUSTRIA
SUÍÇA
HUNGRIA
ROMÊNIA
IUGOSLÁVIA
MAR NEGRO
BULGÁRIA
ESPANHA
Roma
ITÁLIA
GRÉCIA
TURQUIA
MAR MEDITERRÂNEO
TUNÍSIA
ARGÉLIA
LÍBIA
EGITO

A Europa em 3 de setembro de 1939:
a Alemanha, aumentada e reforçada
com a anexação do Sarre, da Áustria,
da Tchecoslováquia e de Memel,
ataca a Polônia,
deflagrando a Segunda Guerra Mundial

Lindbergh Narra Seu Primeiro Vôo de Guerra

Charles A. Lindbergh

Com as armas carregadas e os anéis de mira brilhando ao sol nossos quatro Corsairs pairam como falcões por sôbre a região em poder do inimigo. Embaixo ficam os montes cobertos de florestas da Nova Irlanda; adiante, os vulcões violáceos de Rabaul. Alhures, nossos olhos esbarram com uma confusão de nuvens, céu e água azul do Pacífico. Estamos voando a 2.400 metros de altura. Nossos aviões têm sua base num campo de pouso aberto numa região coralina das Ilhas Verdes — 640 quilômetros a leste da Nova Guiné, quatro graus ao sul do equador.

São 22 de maio de 1944. É a minha primeira missão de combate. Meus sentidos estão livres das calosidades produzidas pela rotina cotidiana. Esta manhã êles despertaram gritando que eu ia partir para matar e correr o risco de morrer; que, à semelhança do homem das eras primitivas, seria ao mesmo tempo caçador e prêsa. Dentro de mim, a percepção civilizada e o instinto barbárico misturavam-se formando uma liga ainda não experimentada. Desde a alvorada, tôdas as coisas que me cercavam — o ar que respirava, o chão que pisava, as próprias árvores da selva — adquiriram qualidades novas de beleza e de perigo.

Lá estava a graciosa curva da asa do meu avião de combate, quando subi para bordo antes de decolar, atestando a divina faculdade criadora do homem. Havia o volume incômodo da minha pistola a comprimir-me o peito e a lembrar-me o nosso diabólico poder destruidor. As copas aglomeradas dos coqueiros desfilavam para

trás enquanto meu trem de pouso recolhia e a minha velocidade aumentava. A fôrça de 2.000 cavalos impelia-me em direção ao céu, para o reino sôbre-humano da aviação, até que uma voz em meu receptor gritou: "Preparem suas armas!"

Agora nossos quatro aparelhos voam bem afastados uns dos outros, em formação de combate. Ao pé daqueles montes lá embaixo, escondidos no tapête de fôlhas e ramos de espêssa floresta, estão nossos inimigos — homens de língua e idéias diferentes, mas dotados de corpo e cérebro semelhantes aos nossos. Sabemos que seus binóculos estão dirigidos para nós, que suas baterias carregadas nos antecederão em nossa corrida. A qualquer momento negras rajadas podem romper esta atmosfera clara como cristal. Estamos como os animais naquela floresta — prontos para saltar sôbre nossa prêsa; alerta para que não saltem sôbre nós. Desvaneceu-se repentinamente o encanto do vôo. Vejo com olhos condicionados à guerra — voamos em aeroplanos de aspecto malvado, tripulados por pilotos desumanos, feitos para matar, adestrados para matar, ávidos de matar.

A 3.000 metros inclinamos nossas asas e circunvoamos a cidade de Rabaul, esburacada pelas bombas. Seu pôrto está atravancado de navios afundados — monumentos a bombardeios anteriores. Uma única rajada de fogo antiaéreo, alta e disparada a êsmo, anuncia a nossa chegada.

Os bombardeiros pesados B-25 do Exército enxameiam no céu acima de nós. Estão chegando do oeste aviões torpedeiros da Marinha. Bandos de P-40 de combate voam alto, em cobertura. Começou o ataque. A muito menor altura, os monomotores de caça Airacobras mergulham sôbre os seus alvos. Nuvens negras de fogo antiaéreo pontilham o ar.

O rádio só faz tagarelar: foi assinalada no mar uma balsa salva-vidas e está chegando um hidroavião para socorrer o homem abatido. Viramos para o sul. Colunas de fumaça e chamas produzidas por grupos de bombas incendiárias de magnésio sobem como cogumelos... um depósito de combustível do inimigo. O rádio anuncia um avião de combate inimigo. Mergulhamos. É apenas um P-39, desgarrado da esquadrilha, receoso de que o tomemos por um Zero.

Desapareceram os B-25. Vejo os aviões torpedeiros se reagrupando ao largo do mar. Um traço de fumo assinala um que foi atingido.

Terminou o bombardeio, os céus de Rabaul estão desertos. No solo arde uma dúzia de fogueiras. Como as nossas caixas de munições ainda estão cheias, temos alvos a bombardear antes de voltar à nossa base.

Duque de York é uma ilha situada no canal entre a Nova Bretanha e a Nova Irlanda. Nela foi construído um campo de pouso japonês. Nas proximidades da base há diversas aldeolas onde, segundo diz o nosso serviço de informações, se acham aquarteladas tropas inimigas. Aviões de patrulhamento receberam instruções no sentido de bombardearem impiedosamente aldeias e se guardarem das armas de terra. Que é feito dos nativos? "Há muito se refugiaram nas montanhas."

Baixamos sôbre as palmeiras e subimos 150 metros para iniciarmos as nossas incursões. Vejo uma fileira de cabanas no meu aparelho de pontaria e despejo fogo de enfiada através delas, enquanto ergo o nariz do avião... poeira que se levanta... fragmentos saltando... projetis incendiários ricocheteando em tôdas as direções... cuidado com as palmeiras... horizontalizar... voar rasante para que as baterias inimigas não possam seguir-nos.

Desfazemos a formação. Agora cada aparelho está por conta própria. Viro para a costa. Encarapitada num rochedo há uma construção com paredes de colmo; ao lado dela, barris de aço. Deixo minhas balas cortarem o ar até que chego a uns 100 metros de distância... inclino para a esquerda... outra fileira de cabanas... uma breve rajada... circular para voltar à base.

Ganho altura para localizar minha posição... mergulhar para evitar as metralhadoras inimigas... centralizar um edifício na alça de mira... apertar o gatilho... *não!... um campanário!... uma igreja!... suspender fogo... puxar o manche...* Os Corsairs, caças monomotores da Marinha Americana, estão-se reunindo ao largo do mar. Junto-me a êles e empreendemos o regresso à base. Minhas rodas tocam no chão às 12 h e 30 m; a missão durou três horas e 40 minutos.

A fúria estrepitosa da nossa guerra é substituída pelo silêncio tropical, úmido e opressivo. Lambuzo o pescoço com um insetífugo e sento-me numa caixa de granadas. Não consigo esquecer aquela igreja. Campanários não combinam com alças de mira. A idéia de Deus é antagônica à idéia da guerra.

— Hoje quase fiz fogo contra uma igreja — disse eu a um jovem capitão dos fuzileiros. — Reconheci-a em tempo.

— Oh! Refere-se àquela igrejinha na Ilha Duque de York? — disse êle, rindo. — Nós a bombardeamos em tôdas as missões. Os nipônicos usavam-na como quartel.

Presumo que os nossos inimigos dizem o mesmo sôbre as igrejas que destroem. Ambas as partes encontram desculpas para fazer tudo o que querem em guerra, e é sempre "o outro" quem pratica a primeira atrocidade. Se Deus tem sôbre o homem o poder alegado por seus Discípulos, por que permite a guerra? Como pode alguém voltar da guerra e crer que um Deus todo-poderoso deseja "paz na terra e boa vontade entre os homens"? Somos tentados a pôr em dúvida a extensão do poder divino. Somos tentados a duvidar da própria existência de Deus.

A brisa agita as fôlhas das palmeiras. As ondas do Pacífico quebram-se mansamente na praia. Meus pensamentos dão meia volta ao mundo, transportando-me até o meu lar. Acho difícil situar-me no espaço e no tempo. Minha família está quase de cabeça para baixo em relação a mim, e para ela se aproxima o dia em vez da noite. Meu lar não está na direção que meu braço apontaria, para as bandas do nordeste; está realmente debaixo dos meus pés. Imagino-me a olhar através da terra para as solas dos sapatos de meus filhos.

Mas êste solo úmido que meus pés estão pisando não está, para o senso infantil, embaixo de mim; é uma parede vertical de terra, girando a mais de 1.600 quilômetros por hora. Sòmente uma fôrça misteriosa, chamada gravidade, me dá a sensação de estabilidade e me impede de ser precipitado no espaço. Precipitar-me no espaço... em direção a que estrêla? Onde é para cima, ou para baixo, na vastidão dos céus?

O alto para meus filhos e o alto para mim são agora direções opostas. Não existe um plano universal que se possa tomar como têrmo de referência; planêtas rodopiando em tôrno de bolas de fogo, sóis precipitando-se com velocidades celestes... Precipitando-se para onde? Continuarão assim para sempre? Seguirão alguma prodigiosa órbita própria? Como pode ser infinito o universo? Mas o que poderia haver além do seu fim?

Perscruto os ínvios espaços onde a luz, saltando para a Lua en-

quanto um homem dá um passo, viaja durante bilhões de anos entre galáxias de estrêlas, onde tôda a duração da vida na Terra nada mais é que um momento do tempo celeste; onde há calor para vaporizar o carbônio, frio para liquefazer o ar, o nada imensurável, a substância da qual proveio o mundo e o homem também. Como foi criado êste universo? O que fêz as leis que o regem — a perfeição matemática, a complexidade de minúcias, a simplicidade do plano, a importância de um mero átomo, a trivialidade de um milheiro de estrêlas?

São os homens também rigorosamente limitados de compreensão, como os insetos que rastejam e zumbem à minha volta? Amplia-se sempre a inteligência, como o espaço, enquanto a vida se desenvolve em formas cada vez mais elevadas? E se existe uma escala graduada de conhecimento, que marca alcançaram os sêres humanos? Em grandeza mental e física, corresponderia a diferença entre o inseto e o homem à diferença entre o homem e Deus? Talvez Deus não possa ser avaliado com medidas terrenas; talvez Êle prefira não ter forma nem tangibilidade.

Mas o poder e o plano aí estão, manifestos nas órbitas dos céus, na gravitação terrestre, na existência do ôlho e do espírito humanos.

Um motor tosse e ronca. Levanto-me da caixa de granadas e me dirijo para minha barraca. Onde, na vida, no espaço e na matéria, haverá lugar para a guerra? Como justificar uma igreja numa alça de mira? É a luta uma parte essencial do plano universal? Ou encontrará o homem, evolvendo, um caminho que conduza à paz mundial?

A Caça ao *Bismarck*

Capitão-de-Mar-e-Guerra Russell Grenfell
da Real Marinha Britânica

A descrição dêste episódio, visto de bordo do couraçado alemão, se acha na página 410.

EM MEADOS de maio de 1941, a fortuna da guerra mostrava-se desfavorável aos inglêses. Havia pràticamente um ano que êles se batiam sòzinhos contra as poderosas nações do Eixo, até então vencedoras. A situação naval era má, e piorava a olhos vistos. Os afundamentos de navios levados a cabo pelo inimigo atingiam proporções críticas, e o Comando Naval Alemão estava atacando as linhas inglêsas no mar, não só com submarinos e aviões, mas também com navios. Chegava agora a nova de que haviam sido vistas duas grandes unidades navais alemãs, fortemente comboiadas e acompanhadas de 11 navios mercantes, navegando a tôda a fôrça para o norte, no Kattegat. Supunha-se que um dêsses vasos de guerra fôsse o nôvo e poderoso couraçado *Bismarck*.

Surgiu imediatamente esta questão: que iriam fazer aquêles navios inimigos? Andariam simplesmente comboiando os barcos mercantes para depois romper o bloqueio e entrar em mar aberto? Como o seu aparecimento no Atlântico representasse a pior das ameaças possíveis, os inglêses admitiram a hipótese de que os alemães se dispunham a tentá-lo — e basearam nisso seus planos de ação.

Essa decisão impunha a estrita vigilância de tôdas as saídas do Mar do Norte através das quais os alemães pudessem irromper no Atlântico, o que confrontava os inglêses com a vasta complexidade dos problemas de busca e perseguição. E as operações dessa ordem, como é notório, custam sempre muitos navios.

Condensação de "The Bismarck Episode", copyright, 1948, de Russell Grenfell. Ed.: The Macmillan Co., Nova York 11, N. Y., E. U. A.

Sir John Tovey, comandante da Home Fleet, tinha ao seu dispor uma fôrça de dois couraçados (o *King George V* e o *Prince of Wales*), dois cruzadores de batalha (o *Hood* e o *Repulse*), e um porta-aviões (o *Victorious*) com que dar batalha ao *Bismarck*. Essa proporção de cinco contra um afigurava-se satisfatória. Mas o *Bismarck* era um caso muito sério! Maior do que qualquer dos couraçados inglêses, possuía como armamento principal oito canhões de 15 polegadas e supunha-se que fôsse tanto ou mais veloz do que qualquer das maiores unidades navais inglêsas. Além disso, os alemães tinham demonstrado na guerra anterior a sua capacidade de construir navios de guerra capazes de agüentar maior castigo que os seus equivalentes inglêses.

Quanto aos grandes navios britânicos, não eram de qualidade nem de longe comparável. O *Repulse,* com 25 anos de idade, tinha dois canhões menos que o *Bismarck,* a sua blindagem era fraca, e reduzida a sua capacidade de combustível. O *Hood,* embora unidade poderosa, tinha mais de 20 anos. O *Prince of Wales,* ao contrário, era nôvo demais! Fazia apenas três semanas que lhe haviam instalado duas das tôrres de artilharia, e não houvera tempo para treinar a tripulação em eficiência de batalha, nem a maquinaria fôra "amaciada". O *Victorious* estava nas mesmas condições. Acabava de receber os aviões, e era a primeira vez que os pilotos de reserva tinham pousado na plataforma de um porta-aviões. Assim, o Almirante Tovey dispunha sòmente de um navio (o *King George V*) que se podia considerar um digno oponente do *Bismarck*.

O almirante resolveu repartir os seus navios pesados em duas fôrças, para cobrir as saídas para o Atlântico. O *Hood* e o *Prince of Wales* navegariam para o norte; o seu próprio navio-capitânia — o *King George V* — o *Victorious* e o *Repulse* iriam para o sul cobrir as passagens até as Ilhas Feroé.

Restava agora saber qual seria o momento oportuno de mandar essas duas esquadras para o mar. O suprimento de combustível podia desempenhar papel decisivo no êxito ou fracasso de uma caçada suscetível de abranger muitas centenas de milhas. Se as fôrças inglêsas de intercepção largassem cedo demais e patrulhassem debalde os mares enquanto o *Bismarck* estivesse ainda fundeado em algum pôrto, o combustível assim desperdiçado viria a faltar-lhes quando

êle de fato surgisse em mar aberto. Por outro lado, se demorassem demasiado a sair, o *Bismarck* podia zarpar antes de êles chegarem, ganhando assim uma dianteira difícil de ser vencida. A única solução do espinhoso dilema estava em dispor de informação rigorosa sôbre a posição e os movimentos do navio inimigo.

À 1:15 do dia 21 de maio, um pilôto que efetuava um vôo de reconhecimento na costa norueguesa em um Spitfire especial da Unidade de Reconhecimento Fotográfico do Comando de Costa avistou e fotografou dois vasos de guerra em um recôndito fiorde perto de Bergen. Um dêles foi logo identificado como sendo o *Bismarck* e o outro como um cruzador que mais tarde se soube ser o *Prinz Eugen*.

Pela meia-noite, como não se tornasse a avistar o *Bismarck,* o Almirante Tovey mandou o *Hood* e sua fôrça para o norte. O dia seguinte, 22 de maio, dia de péssimo tempo para operações aéreas, foi de ansiosa expectativa. Mas às 19:45, quando recebeu do reconhecimento aéreo a notícia de que o *Bismarck* e o seu companheiro não estavam mais em Bergen, Tovey se aprestou para largar imediatamente com a sua própria esquadra. Mandou também o cruzador *Norfolk* prestar auxílio ao cruzador *Suffolk,* que já estava em missão de patrulha no Estreito da Dinamarca.

Ao anoitecer de 23, pelas sete horas, o Comandante R. M. Ellis estava no passadiço do *Suffolk*. Estivera de serviço o dia todo e a noite antecedente, e de fato, também, na noite anterior àquela... O mau tempo constante impedira por completo que a aviação cooperasse na patrulha. O Estreito da Dinamarca estava em grande parte coberto pela cerração, mas oferecia uma abertura de cêrca de três milhas de largura, logo abaixo de um banco flutuante de gelos árticos. O *Suffolk* andava navegando para sudoeste nessa abertura, perto do nevoeiro. Às 19:22, o *Bismarck* foi avistado, e com êle o *Prinz Eugen*. A cêrca de 14.000 metros de distância, o *Suffolk* estava em perigo de ser atingido pelo fogo inimigo, cujo alcance era de 40.000 metros; por isso o Com. Ellis alterou logo o rumo, aproou para o nevoeiro e irradiou o sinal de inimigo à vista.

Mantendo contato pelo radar, manobrou ao abrigo da cerração, para que o *Bismarck* lhe passasse adiante, e foi navegando no encalço

dêle. Enquanto vigiava atentamente os pontos brancos que, no mostrador do radar, representavam as duas unidades inimigas, êle as viu cruzar a sua rota, caminho do norte, a todo o vapor. O Com. Ellis voltou então a rumar para mar aberto, avistou os alemães a 15 milhas pela proa, e regulou o rumo para continuar a perseguição, mandando um rosário contínuo de sinais de rádio à medida que avançava.

Oculto na cerração, o *Norfolk* captou todos êsses sinais. Estava o comandante na cabina, comendo a sobremesa do jantar, quando o sinaleiro-chefe quase caiu pela porta adentro, para anunciar, emocionado: "O *Suffolk* pegou-os, Comandante!" — e lhe entregou a comunicação sôbre o inimigo. Um instante depois o Comandante Phillips estava no torreão de comando; mandava alterar o rumo e convergir para a posição referida do inimigo. Às 20:30, após navegar uma hora a tôda a fôrça, o *Norfolk* irrompia sùbitamente da cerração e avistava o *Bismarck* e o *Prinz Eugen* a umas seis milhas de distância, navegando diretos a êle, a bombordo. Phillips fêz uma manobra brusca para boreste e voltou a embrenhar-se na névoa, lançando uma cortina de fumaça para proteger a retirada. Desta vez o *Bismarck* estava alerta e rompeu um fogo muito certeiro. Três salvas de 15 polegadas enquadraram o *Norfolk,* e outra foi cair-lhe na esteira. Só por muita sorte não foi atingido. Alguns estilhaços enormes caíram ainda a bordo, mas o cruzador conseguiu escapulir-se ileso, ao abrigo da névoa.

Depois de se ter refugiado na cerração, o *Norfolk,* como o *Suffolk,* manobrou para tomar a posição de perseguidor, tomando posição bem longe, a bombordo do inimigo, de modo que os navios alemães não pudessem escapulir despercebidos se virassem naquela direção. Assim continuou a caçada, perseguidos e perseguidores singrando quase ao máximo de velocidade nas águas gélidas do Estreito da Dinamarca, na meia-luz da noite ártica, entrando e saindo de nevoeiros intensos, turbilhões de neve e rajadas de chuva.

Entrementes, a esquadra do Vice-Almirante Holland, constituída pelo *Hood,* o *Prince of Wales* e seis contratorpedeiros, vinha singrando à tôda, para cercar o inimigo. Às 5:35 da manhã de 24 de maio, os dois vasos de guerra alemães estavam à vista, e o almirante

britânico mandou alterar o rumo para se acercar dêles. Oficiais e guarnição, postados nas estações de combate desde pouco depois da meia-noite, prepararam-se para fazer entrar em ação as grandes tôrres de artilharia, até então silenciosas.

O nervosismo aumentou a bordo do *Suffolk* e do *Norfolk*. Agora que haviam chegado os grandes navios, os cruzadores davam por concluída com êxito a sua missão e os seus oficiais e tripulantes, fatigados, preparavam-se para assistir, com alegre e empolgante satisfação, à destruição do inimigo. Mal sabiam êles, porém, o que lhes estava agora reservado ver!

Daí em diante tudo sucedeu com fulminante rapidez. Quando a distância se reduziu para 25.000 metros, o *Hood* e o *Prince of Wales* abriram fogo contra o *Bismarck*, que logo respondeu secundado pelo *Prinz Eugen*. Sôbre qual dos navios estava o inimigo disparando? Após uma tensa expectativa, que durou o tempo da trajetória dos tiros, os tripulantes do *Prince of Wales* notaram, não sem justificado alívio, que o fogo de ambos os vasos alemães convergia sôbre o *Hood*.

Os pontos de orientação para o tiro, nas modernas batalhas navais, são ainda, principalmente, as colunas de água erguidas pelas granadas ao explodirem no mar. Essas colunas de água sobem a grande altura — 60 metros, no caso dos projetis mais pesados — e são o meio de que se servem os oficiais da direção de tiro para saberem onde vão cair os seus projetis. Se todos os repuxos aparecem além ou aquém, à esquerda ou à direita do alvo, fazem-se as necessárias correções. O que o oficial da direção de tiro procura é um enquadramento, quer dizer, um ou mais repuxos além, e um ou mais aquém do alvo: êle sabe então que está "em cima" do inimigo, e poderá acertar nêle um ou mais tiros. Via de regra, êle não vê êsses impactos: com as espoletas de ação retardada, a granada pode penetrar profundamente no casco do navio, antes de explodir, e o lampejo da explosão se torna invisível do exterior.

O *Prinz Eugen* acertou o primeiro tiro em menos de um minuto. Ateou-se logo, perto do mastro grande do *Hood*, um enorme incêndio, que se propagou ràpidamente para vante, lançando labaredas a grande altura. Para quem o observava de bordo dos cruzadores, o incêndio parecia um grande semicírculo de chamas, semelhante ao Sol que se escondesse no poente; todos sustiveram a respiração,

Fôrças navais e aéreas inglêsas atacam o *BISMARCK*

perguntando se seria humanamente possível dominá-lo. Depois o fogo abateu um pouco e por algum tempo pareceu pulsar, ora subindo, ora baixando.

A linha de tiro foi-se retificando ràpidamente. O *Bismarck* já tinha conseguido enquadrar o *Hood* várias vêzes e muito provàvelmente o tinha atingido. Súbito, os espectadores nos outros navios inglêses viram, horrorizados, um tremendo jato de labaredas irromper de entre os mastros do *Hood* a muitas dezenas de metros de altura, e no meio dêle uma grande bola incandescente que subia para o céu. Êsse vômito vulcânico durou apenas um ou dois segundos e, quando desapareceu, no lugar onde estivera o *Hood* pairava enorme coluna de fumaça. Através dela, podiam-se distinguir a proa e a pôpa do navio, erguendo-se a pino entre as ondas: o *Hood* explodira, partira-se ao meio, e em cêrca de dois minutos desaparecia por completo.

Avizinhava-se agora o *Prince of Wales* para receber em cheio, por sua vez, o fogo feroz do inimigo. Uma verdadeira muralha de água se ergueu a enorme altura, perto dêle, onde caíra uma salva dos canhões de 15 polegadas, logo seguida pelas colunas um pouco menores das granadas do armamento secundário do *Bismarck* (o de seis polegadas), e essas descargas, misturadas com as de oito polegadas do *Prinz Eugen,* começaram a cair umas sôbre as outras, com fulminante rapidez, a intervalos de uns 10 a 15 segundos. O estrépito da batalha era medonho, os uivos e explosões das granadas inimigas se confundiam com o troar dos canhões do *Prince of Wales* e com o chôrro da espuma erguida pelas explosões das granadas próximas, para formar um dilúvio contínuo de barulho. Era tanta a água que subia em volta do *Prince of Wales,* em parte chegando por vêzes a ultrapassar a altura do mastro grande, que se tornava difícil verificar onde caíam os seus próprios tiros.

De vez em quando sentia-se que o navio era sacudido de pôpa a proa, como por efeito de um choque violento, e os homens do contrôle de ré avistaram um rasto de fumaça negra que passava por êles, prova de que o fogo lavrava mais para os lados da proa. Em meio a essa confusão, uma granada de 15 polegadas veio fuzilando cravar-se na ponte, traspassando-a, para explodir ao irromper

do lado oposto. A ponte ficou logo reduzida a escombros, e tôda a oficialidade e guarnição dela foi morta ou ferida, com exceção apenas do próprio Comandante J. C. Leach e do sinaleiro-chefe. Na estação provisora, logo embaixo, o sangue começou a pingar das bôcas do tubo acústico de comunicação com o passadiço.

Para tornar o quadro ainda mais negro, o *Prince of Wales* sofria agora as conseqüências de ser demasiado "jovem": pequenos acidentes mecânicos começaram a perturbar o funcionamento das tôrres, e agora um canhão, depois outro, falhava um disparo. Operários da firma construtora que estavam a bordo fazendo os reajustamentos finais no equipamento das tôrres tinham saído para o mar com o navio. Mas, apesar de sua assistência técnica no reparo dos desarranjos nas tôrres, as salvas eram em média só de três, quando deviam ser de cinco canhões.

O navio continuou a ser atingido. Duas granadas lhe furaram o casco na linha de flutuação, e alguns compartimentos ficaram inundados, penetrando no navio umas 500 toneladas de água. O Comandante Leach, que se mudara para o passadiço inferior, decidiu retirar e esperar reforços. Mudou de rumo e abandonou o campo de batalha, protegido por uma cortina de fumaça.

Conquanto não desse ainda sinais de estar danificado, o *Bismarck* não fêz qualquer tentativa para segui-lo. O único sinal de que podia estar avariado, era um rôlo de fumaça negra que se viu nìtidamente jorrar da chaminé, após uns três minutos de combate. Era como se, abalada por um violento safanão, a fuligem de todos os recantos da praça de caldeiras se tivesse soltado e fôsse expelida a grande altura pelos gases que escapavam da chaminé.

A perda do *Hood* era um grande golpe para os inglêses. Tinha sido êle o maior navio da esquadra britânica. Uma geração inteira de marinheiros crescera e se formara na idéia de que êle era a mais poderosa unidade naval do mundo. E logo à primeira batalha desmantelava-se, entre uma explosão de tremendas labaredas, depois de ter estado alguns minutos apenas sob o fogo inimigo! Só foram encontrados três sobreviventes.

O fato inquestionável é que o planejamento do *Hood* era defeituoso. Com efeito, um ou dois anos após o seu lançamento, os peri-

tos navais haviam feito notar que uma granada inimiga que o atingisse sob certo ângulo abriria fàcilmente caminho até o paiol de munição. Êsse ponto fraco poderia ser remediado com refôrço da blindagem, e isso mesmo o Almirantado decidiu fazer logo que houvesse oportunidade para obras extensas de remodelação; mas as obras nunca chegaram a ser realizadas.

Resta dizer que o fogo do *Bismarck* foi brilhante, muito superior ao que, à data, poderia exibir a Real Marinha Britânica. A direção de tiro foi de primeira ordem, e a dispersão dos tiros muito reduzida. Os resultados foram notáveis. Enfrentando uma superioridade inimiga de dois para um, em cinco ou seis descargas êle fêz ir pelos ares uma unidade e com mais umas 12 pôs a outra fora de combate.

A derrota do destacamento do *Hood* tornou inúteis numerosos planos. O lampejo deslumbrante de uma colossal explosão transformara a situação de um momento para outro. Se, antes da destruição do *Hood,* era necessário meter a pique o *Bismarck,* isso se tornava agora duplamente imperativo. Embora corresse mais tarde a notícia de que o couraçado alemão estava deixando um longo rasto de óleo, o fato é que êle continuava navegando a tôda a fôrça para sudoeste, e aparentemente incólume; ora, a essa altura, cruzavam o Atlântico dez comboios navais, alguns dêles protegidos sòmente por uma cortina de navios ligeiros. Essa situação, potencialmente desastrosa, forçou o Almirantado a tomar providências drásticas.

A Fôrça H do Vice-Almirante Sir James Somerville, formada pelo cruzador de batalha *Renown,* o porta-aviões *Ark Royal,* o cruzador *Sheffield* e seis contratorpedeiros, encontrava-se em Gibraltar, a umas 1.500 milhas para o sul. Tinha por missão manter a esquadra italiana engarrafada no Mediterrâneo, fechando-lhe a saída para o oceano. Resolveu-se, pois, trazer a Fôrça H contra o *Bismarck.* A centenas de milhas para noroeste, em pleno Atlântico, o couraçado *Ramillies* recebeu ordem de abandonar o seu comboio, a fim de ir interceptar pelo oeste a rota do *Bismarck.* A cêrca de 1.500 milhas da costa da Irlanda, o couraçado *Rodney* foi igualmente destacado de um comboio naval, e teve ordem idêntica.

Seis horas após a destruição do *Hood,* mais dois couraçados, um cruzador de batalha, um porta-aviões, três cruzadores e nove contratorpedeiros tinham-se ido juntar à fôrça de perseguição. Estava-se promovendo assim uma concentração que, pela vastidão da área de operações, e pelo seu caráter dramático, não tinha, talvez, paralelo na História!

Tanto o *Norfolk* como o *Suffolk* tinham continuado a seguir no encalço do *Bismarck,* após o afundamento do *Hood.* O *Prince of Wales* singrava perto do *Norfolk* e, a umas 300 milhas para leste, Sir John Tovey, no *King George V,* avançava para o inimigo, ao máximo de velocidade que sua esquadra podia desenvolver. Seguiam com êle o porta-aviões *Victorious* e o cruzador *Repulse.*

Durante algumas horas o tempo clareou e os cruzadores mantiveram sob suas vistas o inimigo, a uma distância de 15 a 18 milhas. Cêrca das 11 horas, porém, avistaram-se pela frente bancos de nevoeiro. Ambos os cruzadores se acercaram do *Bismarck* o quanto a prudência permitia, mas ao meio-dia perderam-no de vista, entre a cerração e o chuvisco que caía. Como o radar então usado tinha o curto alcance de umas 13 milhas apenas, o contato durante aquela tarde foi intermitente.

O Comandante Ellis, do *Suffolk,* vinha esperando que o *Bismarck* tentasse virar-se contra algum dos seus perseguidores, à coberto da escassa visibilidade, e o surpreendesse a curta distância. Agora, às 18:30, o seu radar começou a revelar que a distância diminuía ràpidamente e Ellis, alerta contra alguma emboscada, mudou de rumo e elevou a velocidade ao máximo. Ao dar meia volta com o navio, surgiu-lhe pela frente, dentre o nevoeiro, o *Bismarck,* que rompeu fogo com tôda a sua artilharia. Ellis mandou logo lançar uma cortina de fumaça, e conseguiu ocultar-se atrás dela.

Essa breve ação arrastou ambos os navios na direção do *Norfolk* e do *Prince of Wales,* e êste último abriu fogo em apoio do *Suffolk.* O *Bismarck* afastou-se a grande velocidade, e sabe-se hoje que essa sortida fôra uma manobra de sua parte para cobrir a retirada do *Prinz Eugen,* obrigado a separar-se do seu camarada para ir reabastecer-se de combustível em um navio petroleiro.

Até aqui, os inglêses haviam conseguido acompanhar o curso do *Bismarck.* Mas Sir John Tovey estava apreensivo, não se fôsse êle escapar durante a noite, dada a superior velocidade que podia desen-

volver. Se o *Bismarck* tocasse de repente a tôda a fôrça, podia deixar os seus perseguidores "a ver navios". A única maneira de o fazer afrouxar antes do anoitecer, era atacá-lo com os aviões do *Victorious*. Se fôsse possível meter-lhe ao menos alguns torpedos no casco, infligindo-lhe avarias abaixo da linha de flutuação, a sua velocidade seria reduzida o bastante para anular qualquer possibilidade de fuga durante a noite.

Antes do anoitecer, portanto, nove aviões do *Victorious* saíram em demanda do *Bismarck,* a cem milhas de distância, quase no limite máximo do seu raio de ação. Era a primeira vez, na história naval, que um couraçado era atacado no mar por aparelhos com base em porta-aviões. A tripulação dos aviões, ainda em sua maioria não treinada em combates navais, realizou o ataque, não obstante, com grande bravura. Tôdas as nove máquinas lançaram seus torpedos, e tôdas regressaram ao porta-aviões. Contudo, que se pudesse afirmar com certeza, só um torpedo atingira o alvo, e o *Bismarck* não afrouxou a marcha!

No conjunto, aquêle dia foi de penosa derrota e frustração. Ainda mais: à meia-noite, os contratorpedeiros que acompanhavam o *King George V* viram-se obrigados a seguir para a Islândia. Aquela prolongada corrida a alta velocidade deixara-os com os tanques muito vazios para se aventurarem a permanecer em alto mar. Sua partida deixou o Almirante Tovey com uma desagradável sensação de nudez, e o fato de que em breve o *Repulse* teria de ir também embora para se reabastecer de combustível agravava êsse desconfôrto. Tudo isso, junto, representava uma triste reviravolta da fortuna, já que, no dia anterior, à mesma hora, a carreira do *Bismarck* parecia pràticamente liquidada. Mas o pior ainda estava para vir...

Às três da manhã de 25 de maio, o *Suffolk* perdeu contato com o *Bismarck,* que só voltaria a ser localizado 31 ½ horas depois.

Foi êsse um período de tensão crescente, de desesperadas conjeturas quanto à rota do *Bismarck,* e de preocupação com a baixa das reservas de combustível; mas, acima de tudo, de mêdo: não estivessem os navios inglêses afastando-se cada vez mais do *Bismarck,* em vez de se aproximarem dêle.

Finalmente, os aviões do Comando Costeiro avistaram de nôvo

o *Bismarck* às 10:30 de 26 de maio. Mas, nesse ínterim, o largo desvio feito pelos navios inglêses na direção do Mar do Norte os fizera perder uma distância grande e preciosa. Depois de terem estado pràticamente ao lado do inimigo, viam-se agora muito à sua retaguarda; e, se êste continuasse rumando para a França, a velocidade normal, seria impossível alcançá-lo, porque a diminuição do combustível proibia aos inglêses a continuação daquela marcha forçada. A curva de consumo de combustível ascende bruscamente quando um navio se aproxima da velocidade máxima.

O *Bismarck* levava agora uma dianteira de umas 50 milhas sôbre o *King George V,* e, o que é mais, estaria em breve sob a proteção aérea dos alemães: mantendo-se à velocidade presente de cêrca de 20 nós, pelo romper do dia seguinte poderia achar-se dentro do raio de ação dos bombardeiros alemães. Assim, se os inglêses quisessem forçá-lo a entrar em ação, era preciso reduzir-lhe consideràvelmente a velocidade, e essa redução devia ter lugar naquele mesmo dia, ou seja, o dia 26.

Mas como poderiam consegui-lo? Só por meio de torpedos. A única esperança estava nos aviões do *Ark Royal.* Umas 24 horas antes, a Fôrça H andava a 1.500 milhas de distância; agora, singrando a tôda a fôrça para o norte, essa esquadra podia ser realmente o único obstáculo no caminho do *Bismarck* para o pôrto de salvamento.

Quando o rádio trouxe a notícia de que o *Bismarck* reaparecera, 15 aviões do *Ark Royal* estavam aprestados para ir torpedeá-lo. Às 14:30 começou a decolagem. O *Bismarck* estava a 40 milhas dali, e as tripulações dos aviões foram informadas de que nenhum outro navio se achava por aquelas águas.

O tempo piorara gradualmente durante todo o dia, e quando o ataque aéreo estava ainda na fase preparatória, Somerville tinha ordenado ao *Sheffield* que procurasse o *Bismarck* e seguisse em sua esteira. A ordem transmitida pelo holofote de sinais só foi recebida pelo *Sheffield,* e o *Ark Royal* nunca notou a partida do cruzador.

Pouco depois levantou vôo a esquadrilha de ataque. Voando através de chuva e cerração, as tripulações localizaram pelo radar um navio, sensìvelmente na posição onde esperavam encontrar o couraçado inimigo. E presumindo, naturalmente, que se tratasse dêle, lançaram-se ao ataque.

Não é de estranhar que, naquele momento de tensão, os pilotos não houvessem reconhecido o *Sheffield*. Baixaram na perspectiva de achar um inimigo, e — tal o poder da sugestão — foi como inimigo que a maioria dêles o viu.

O Comandante Larcom, do *Sheffield,* captara os sinais de Somerville anunciando a decolagem dos aviões, de sorte que não ficou surpreendido quando os viu aparecer. Mas, ao observá-los com o binóculo, compreendeu logo que êles estavam picando para atacar o navio. Ordenou sem demora a máxima velocidade, e mudou de rumo para confundir os atacantes. O *Sheffield* não disparou nem um tiro, e os oficiais e tripulantes olhavam em silêncio enquanto os torpedos iam caindo no mar.

Caiu o primeiro, erguendo uma grande coluna de água, e os observadores, reduzidos à impotência, aprestaram-se para o que desse e viesse... Momentos depois, as atenções eram atraídas por algo ainda mais empolgante: ao embater no mar, o segundo torpedo detonou com o fragor do trovão. O mesmo aconteceu com o seguinte. As cabeças dos torpedos tinham sido armadas com pistolas magnéticas, e era evidente que explodiam ao tocarem a superfície da água.

Dos torpedos restantes, três explodiram sem causar dano. Três dos pilotos viram em tempo o êrro que estava sendo cometido, e não largaram os torpedos. Ficavam pois no mar sòmente seis ou sete torpedos perigosos com que o *Sheffield* tinha que se haver. Com todos os oficiais e guarnição disponível postados no passadiço, perscrutando o mar para descobrir as esteiras delatoras dos torpedos, o Comandante Larcom manobrava o cruzador em ziguezagues, a fim de se esquivar aos mesmos; e, com tal habilidade o fêz, que todos êles passaram sem o tocar.

A esquadrilha regressou ao porta-aviões em um estado de espírito sombrio; mas ainda lhe restava outra oportunidade. Com o navio jogando fortemente, os aparelhos foram reabastecidos e novos torpedos instalados. Uma lição, pelo menos, se tinha aprendido: não se podia confiar nas pistolas magnéticas. Resolveu-se por isso empregar as antigas e mais seguras espolêtas de contato.

Pelas 19:00, a fôrça de ataque estava de nôvo formada no tombadilho. O vento ainda soprava com fôrça, a visibilidade era variável,

as nuvens estavam a 180 metros ou menos, e pesados e longos aguaceiros varriam o mar. Quando os aviões largaram, todo o mundo a bordo do *Ark Royal* percebeu que, desta vez, os pilotos iam resolvidos a triunfar.

Cêrca de 40 minutos depois, o *Sheffield* os avistou, e sinalizou: "Inimigo doze milhas bem à proa." Os aparelhos subiram, desaparecendo nas nuvens. Passado pouco tempo, começou o canhoneio a boreste e avistava-se a fulguração de numerosas explosões de granadas no ar.

O distante lampejo do fogo antiaéreo continuou ainda por alguns minutos e depois esmoreceu. Houve uma pausa, e logo os homens que estavam no passadiço do *Sheffield* avistaram primeiro um, depois dois aviões que regressavam. Vinham ladeando o cruzador a pouca altura, e ao nível do passadiço. Não traziam os torpedos e, quando um dêles passou bem perto, pôde-se ver de bordo que a tripulação sorria, rasgadamente, com os polegares virados para cima. Todos os que estavam no passadiço e no tombadilho do *Sheffield* aclamaram com os seus gorros os aviadores.

Quando a esquadrilha de ataque regressou ao *Ark Royal,* verificou-se que cinco dos aviões haviam sido atingidos pelo fogo do *Bismarck,* e num dêles, cujo pilôto e artilheiro vinham feridos, se contaram 127 buracos. A despeito de tudo isso, e da falta de luz, só um dos aparelhos fêz aterragem desastrosa. Interrogadas as tripulações, ficou assente que o *Bismarck* fôra atingido uma vez, a meia-nau.

As mensagens do *Sheffield,* e depois as de um avião do *Ark Royal* que acompanhava o *Bismarck,* indicavam que êste dera meia volta, e ia agora singrando na direção geral norte. Por que razão se estava êle conduzindo de maneira tão estranha, para não dizer suicida? Será que tinha os lemes avariados, e não obedecia mais ao comando?

Quando os derradeiros aviões voltaram desgarrados de sua missão e com os tanques pràticamente vazios, essa hipótese animadora ficou confirmada. Depois da difícil aterragem na escuridão e com os balanços violentos do porta-aviões, os tripulantes deram importantes informações: logo após o ataque aéreo, o *Bismarck* havia descrito dois círculos completos e, ao que parecia, acabara parando de todo, proa para o norte, e nessa posição se encontrava agora,

entregue aos balanços do mar. Não se podia pedir prova mais clara.

Depois da ansiedade e desapontamentos daqueles dias passados, em que a esperança de pegar o *Bismarck* se reduzira quase a zero, a evidente avaria do inimigo parecia quase boa demais para se acreditar. Para os oficiais superiores, sobretudo, o alívio foi imenso. Êles, que tinham compreendido a situação estratégica geral, ignorada dos oficiais subalternos, quase que haviam desesperado de alcançar o *Bismarck*. Tinham compreendido que o ataque aéreo (que causara as avarias fatais) era virtualmente a derradeira esperança de fazer afrouxar o inimigo e, assim, evitar a sua fuga. E que êsse recurso supremo houvesse dado tão fulminante resultado, era coisa que estava para além de tôdas as expectativas da razão! Eram diminutíssimas as probabilidades dêsse triunfo. Não obstante, tal acontecimento improvável se realizara!

O dia seguinte, 27 de maio, amanheceu com horizontes de procela e pouca visibilidade. Às 8:15 o *Norfolk* avistou o *Bismarck* pela proa, a cêrca de oito milhas, e sinalizou a notícia para o *King George V* e o *Rodney*.

Às 8:47 os canhões de 16 polegadas do *Rodney* começaram a batalha. No instante exato em que os projetis deviam atingir o alvo, relampejaram os canhões do *King George V*. O *Bismarck* permaneceu calado durante dois minutos e depois entrou em ação. Sua terceira descarga enquadrou o *Rodney,* pouco faltando para o atingir. O Comandante Dalrymple-Hamilton alterou o rumo para poder assestar mais canhões sôbre o inimigo, e começou a infligir-lhe bombardeio mais pesado do que o próprio *Bismarck* era capaz de manter.

Às 8:54 o *Norfolk* rompeu fogo, a 20.000 metros de distância, com os seus canhões de oito polegadas; o *King George V* e o *Rodney,* que se tinham aproximado a distâncias ainda menores, fizeram entrar em ação seus armamentos secundários. E às 9:04 o cruzador *Dorsetshire,* da Fôrça H, entrou em combate.

A eficiência da artilharia inimiga diminuía agora visìvelmente. Nos poucos minutos seguintes, ambos os couraçados inglêses se acercaram mais do *Bismarck* e tornou-se-lhes fácil observar com os binóculos os pormenores do que ia a bordo dêste. Eram visíveis os sinais do castigo. Um incêndio de razoáveis proporções flamejava a meia-nau. Alguns dos canhões pareciam silenciados, e os outros disparavam só esporàdicamente. O *Norfolk* viu dois dos canhões de 15 polegadas, da proa, apontando para baixo, caídos à depressão máxima, como se um tiro dos inglêses houvesse provocado um desarranjo no mecanismo hidráulico da tôrre.

A distâncias cada vez menores, os dois couraçados inglêses despejaram metralha cerrada pelas baterias principais e secundárias. Uma violenta explosão ocorreu logo atrás da mais alta das duas tôrres da proa do *Bismarck,* fazendo voar por cima do passadiço a parte posterior da mesma. Um tiro espetacular fêz em estilhaços a alça diretora mais elevada da bateria de 15 polegadas.

A velocidade do *Bismarck,* a essa altura, era apenas um rastejar incerto, e os couraçados inglêses viam-se obrigados a ziguezaguear, para diante e para trás, de modo a poder manter seus canhões assestados nêle. Teria sido mais simples acabar com a batalha logo, com uma série de descargas diretas; mas para isso seria preciso afrouxar a marcha à velocidade do inimigo que, por demasiado baixa, os expunha ao ataque de algum submarino.

Pelas 10:00 o *Bismarck* estava reduzido a uma ruína silenciosa. O mastro tombara, a chaminé desaparecera, os canhões desmantelados apontavam em tôdas as direções, e uma nuvem de negra fumaça subia do meio do navio. Era evidente que o interior era um inferno de chamas, pois através de numerosos furos de granadas e estilhaços, nos costados, via-se brilhar o clarão do fogo. Os marujos abandonavam os canhões, e podiam-se ver grupos dêles correndo de lado para lado no tombadilho, sob um chuveiro contínuo de granadas, e até ocasionalmente lançando-se ao mar, para escaparem pela morte nas ondas ao inferno abrasador do navio.

Mas a bandeira do *Bismarck* continuava desfraldada! Ostensivamente, êle teimava em resistir. Impotente e rodeado de inimigos, não se rendeu.

Os inglêses estavam resolvidos a afundá-lo o mais depressa possível. A qualquer momento podiam surgir os aviões alemães de longo raio de ação, ou virem pelo mar, com o seu rasto de espuma, os torpedos dos submarinos — que, por acaso estranho, já tardavam a chegar à cena da batalha. A essa urgência acrescentava-se a angustiosa escassez de combustível. Sir John Tovey mostrou a sua impa-

ciência, ao ordenar que se fizesse fogo quase à queima-roupa: "Cheguem-se mais, cheguem-se mais!", dizia ao Comandante Patterson, "não há bastantes tiros certeiros que me satisfaçam!"

O *Rodney* estava agora disparando bordadas com nove canhões de 16 polegadas, e as enormes granadas atingiam o *Bismarck,* três e quatro ao mesmo tempo. Um torpedo do *Rodney* foi também atingi-lo a meia-nau. O *Norfolk* julgou, pelo menos, que tinha acertado um torpedo. Mas o *Bismarck* continuava flutuando...

Tornava-se porém evidente, agora, que o casco em chamas, consideràvelmente submerso e meio paralisado, nunca poderia voltar ao pôrto, quer se afundasse agora, quer mais tarde. Às 10:15, Sir John Tovey, de bordo do *King George V,* sinalizou ao *Rodney* para que êste alinhasse pela pôpa dêle. Já se tinham arriscado ao esperar um tempo demasiadamente longo e era hora de regressar à base.

Ao afastar-se, o *Dorsetshire* lançou dois torpedos, um dos quais atingiu o *Bismarck* a boreste, explodindo sob o passadiço. O cruzador deu então a volta para bombordo, e disparou outro torpedo, que também atingiu o alvo. O despedaçado leviatã, com a bandeira sempre içada, adernou então silenciosamente para bombordo, virou de quilha para o ar, e desapareceu nas ondas.

Tinha acabado a grande caçada. O poderoso *Bismarck* deixara de existir após uma valorosa batalha contra fôrças muito superiores. Tudo o que dêle restava eram algumas centenas de homens, cujas cabeças se viam à superfície das ondas alterosas, nadando. O cruzador *Dorsetshire* e o contratorpedeiro *Maori* ainda conseguiram salvar uns 110. Mas veio então o alarme de periscópio à vista, e os vasos de guerra inglêses se retiraram.

A destruição do *Bismarck* foi o resultado de uma das mais demoradas perseguições contínuas da história naval. Do ponto de vista das espetaculares mutações da sorte, da freqüente alternativa de intenso otimismo e negro desânimo, de vitórias brilhantes logo seguidas de total derrota — ela é, provàvelmente, um caso único na história da guerra no mar.

Obra-Prima da Espionagem Alemã

J. Edgar Hoover

Diretor do Bureau Federal de Investigação dos Estados Unidos

CERTA MANHÃ, em princípios de janeiro de 1940, enquanto o navio entrava lentamente no pôrto de Nova York, um passageiro, de pé junto à amurada, contemplava os edifícios envoltos em bruma. Acabara de subir a bordo o prático, acompanhado dos funcionários costumeiros, um dos quais, aproximando-se daquele visitante, disse-lhe, num murmúrio:

— Seu nome vai ser S. T. Jenkins. Quando o navio atracar, vá diretamente para o Hotel Belvoir, e fique esperando no seu quarto.

À noite, após muitas horas de expectativa, Jenkins ouviu que abriam a porta de comunicação do seu com o apartamento ao lado; por ela entraram, então, dois agentes especiais do Bureau Federal de Investigação (FBI), ao qual Jenkins pertencia também. Cumprimentando os agentes, passou a dar-lhes notícias que por certo não lhes agradariam:

— Fui aluno da Escola Nazista de Espionagem, que funciona em Hamburgo, na Pensão Klopstock. Formei-me há duas semanas e no dia da despedida o diretor da escola, Dr. Hugo Sebold, fêz um discurso, dizendo o seguinte:

"Para os agentes do Führer nas Américas do Norte e do Sul, o mais espinhoso dos problemas é a dificuldade de entrarem em contato conosco. As polícias de diversos países nos têm dado que fazer. Mas não tardará estabelecermos um sistema de comunicações no mundo inteiro. Não posso explicar-lhes ainda de que se trata.

Digo-lhes apenas isto: reparem nos pontinhos — muitos pontinhos."

— Êles me mandaram aos Estados Unidos — prosseguiu Jenkins — e me deram certas instruções, sem dizer mais nada.

Até então, tanto a espionagem alemã quanto a japonêsa haviam estado literalmente acuadas devido à técnica, de que dispúnhamos, no sentido de impedir-lhes as comunicações. Eis uma das razões pelas quais nos fôra possível evitar verdadeiras catástrofes preparadas pela sabotagem. Havíamos identificado os mensageiros do inimigo, descoberto onde depositavam suas cartas, decifrado seus códigos e solvido suas tintas secretas; averiguáramos onde estavam seus transmissores de rádio, e chegamos a usá-los para despistar os adversários.

Certa feita encontramos, no bôlso de um espião, uma caixa de fósforos. Quatro dêles, embora idênticos aos outros, eram na realidade minúsculos lápis de escrita invisível, que se revelaria mais tarde por meio de uma solução preparada com uma droga rara. Êsse engenhoso dispositivo, que parece invenção de algum ficcionista, tornou-se inútil graças a nossas pesquisas; e o mesmo se deu com as cartas em microfilme, as quais eram enroladas num carretel e cobertas com fio de sêda, ou eram cosidas na lombada de revistas. Uma dessas películas fôra escondida dentro de uma caneta-tinteiro, sendo-nos necessário quebrá-la para remover o filme.

Quando oito sabotadores desembarcaram na costa leste dos Estados Unidos traziam lenços nos quais o Alto Comando Alemão escrevera, com tinta invisível, os nomes das pessoas que, neste país, eram simpatizantes dos nazistas. Um dêles levava, no salto do sapato, a imagem fotográfica do projeto que a Marinha Americana possuía para nôvo dispositivo de escape nos submarinos.

Tudo isso, e mais alguma coisa, tínhamos descoberto, mas que seriam aquêles "pontinhos"?

A primeira providência tomada foi convocar, de nossos laboratórios, um jovem físico, autor de excepcionais trabalhos no campo da microfotografia colorida. Encarregamo-lo de proceder a experiências baseadas em suposições nossas quanto ao significado das palavras de Sebold. Nesse ínterim, todos os agentes ocupavam-se em procurar qualquer vestígio dos tais "pontos" ainda enigmáticos.

Um dia, em agôsto de 1941, fomos ao cais esperar um rapaz que, proveniente dos Bálcãs, estaria chegando aos Estados Unidos. Dêle

sabíamos que era filho, um tanto estróina, de um milionário; e tínhamos razões para crer que fôsse, além disso, agente alemão. Com meticuloso cuidado, examinamos-lhe os pertences: escôvas de dentes e roupas; sapatos e documentos... Um funcionário de nosso laboratório, tendo segurado um envelope de maneira que a luz incidia-lhe de través, viu, de repente, um minúsculo ponto brilhante. Era um pontinho que refletira a luz; um pontinho, na face do envelope, do tamanho de um grão de poeira.

Com infinita cautela, nosso agente enfiou a extremidade de uma agulha sob a orla do pequeno círculo negro, e conseguiu removê-lo. Tratava-se de um corpo estranho qualquer, que fôra incrustado, por assim dizer, na própria fibra do papel, tendo todo o inocente aspecto de um sinal de pontuação, escrito a máquina. Ao microscópio, foi ampliado 200 vêzes; pudemos então ver que era a imagem, em filme, de uma carta dactilografada, cujo teor nos gelou o sangue:

"Ao que tudo indica, os trabalhos científicos para a utilização de energia atômica estão sendo levados avante, nos Estados Unidos, em determinada direção, graças, em parte, ao uso do hélio. É indispensável que obtenhamos informações contínuas sôbre tais experiências, principalmente quanto às perguntas que se seguem:

"1. Qual o processo empregado nos Estados Unidos para o transporte do urânio pesado?

"2. Onde estão sendo realizadas experiências com o urânio? (Universidades, laboratórios industriais, etc.)

"3. Que matérias-primas se usam nessas experiências? Quanto a esta pergunta, convém confiar apenas nos melhores peritos."

Eis aí! O serviço alemão de espionagem conseguira fotografar uma carta inteira, reduzindo-a a minúsculo tamanho. Na verdade, era o que esperávamos, pois já havíamos também obtido imagens diminutas, embora nos faltasse a emulsão aperfeiçoada pelos alemães.

Essa invenção do microponto era, de fato, incrìvelmente engenhosa e eficaz, imitando perfeitamente um sinal de pontuação dactilografado ou impresso. O jovem agente balcânico, por exemplo, trouxera no bôlso quatro formulários de telegrama, nos quais, pelo sistema dos pontos, se haviam inserido mensagens liliputianas; eram 11 pon-

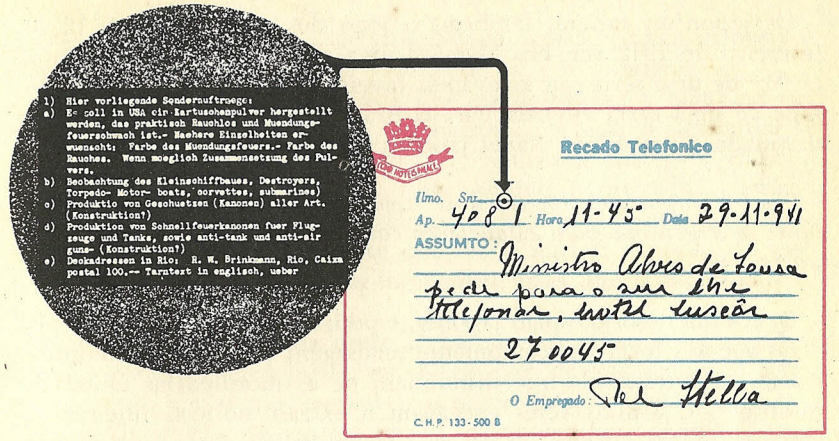
tinhos nos quatro papéis. Colada ao verso de um sêlo postal, encontramos minúscula faixa de filme, que levava as imagens de 25 fôlhas de papel dactilografadas!

Estávamos, agora, cientes de que o rapaz recém-chegado tinha ordens não só de investigar os projetos referentes à energia atômica, como também de enviar relatórios mensais sôbre a produção de aviões, o envio dêstes para a Inglaterra, o Canadá e a Austrália, e o número de pilotos americanos em treinamento. Submetido a interrogatório, mostrou-se afável e calmo, e, compreendendo que já tínhamos conhecimento do sistema de pontos, não poupou informações.

Estudara no Ginásio Técnico de Dresden, sob a orientação do famoso Professor Zapp, inventor do processo de micropontos. As mensagens eram impressas, primeiro, em fôlhas quadradas de papel, e em seguida fotografadas com uma câmara de minúsculo tamanho e de alta precisão. Por êsse processo se obtinha uma reprodução com as dimensões de um sêlo, aproximadamente. Fazia-se então nova fotografia, desta vez através de um microscópio invertido, e a imagem, infinitésima, era retida e revelada sôbre uma lâmina de vidro coberta com a referida emulsão secreta. O negativo revelado recebia agora uma mão de colódio, para que a emulsão pudesse deslizar, inteira, soltando-se do vidro. O técnico usava, nesse momento, curiosa adaptação de uma agulha de injeção, cuja ponta se serrava, afinando-se bem a borda em círculo. Colocava-se êsse instrumento sôbre o microponto, à maneira de uma fôrma de cortar biscoitos; e erguia-se o microponto.

O processo seguinte consistia em arranhar ligeiramente, com uma agulha, o local, no papel, onde se houvesse de inserir o ponto. Com a agulha comprimia-se o ponto de modo a embuti-lo na própria contextura do papel. Outra agulha, de minúsculas dimensões, arranhava outra vez a fibra do papel cobrindo o ponto, e êste, finalmente, era tratado novamente com o colódio, para que se mantivessem em seu lugar as fibras do papel.

Mais tarde Zapp simplificou seu processo consideràvelmente. A maioria dessas operações passou a ser feita de maneira mecânica, numa caixa do tamanho de uma pasta. Com o tempo foram-se produzindo máquinas em quantidade, que iam sendo enviadas a agentes em diversos países da América do Sul. De vez em quando faziam-se


1) Hier vorliegende Sonderauftraege:
a) Es soll in USA ein Kartuschenpulver hergestellt werden, das praktisch Rauchlos und Muendungsfeuerschwach ist.- Naehere Einzelheiten erwuenscht: Farbe des Muendungsfeuers.- Farbe des Rauches. Wenn moeglich Zusammensetzung des Pulvers.
b) Beobachtung des Kleinschiffbaues, Destroyers, Torpedo- Motor- boats, corvettes, submarines)
c) Produktio von Geschuetzen (Kanonen) aller Art. (Konstruktion?)
d) Produktion von Schnellfeuerkanonen fuer Flugzeuge und Tanks, sowie anti-tank und anti-air guns- (Konstruktion?)
e) Deckadressen in Rio: R. W. Brinkmann, Rio, Caixa postal 100.-- Tarntext in englisch, ueber

Recado Telefonico

Ilmo. Snr.
Ap. 4081 Hora 11-45 Data 29-11-941
ASSUMTO: Ministro Alves de Sousa pede para o seu lhe telefonar, hotel Luscão 270045
O Empregado: Del Stella
C.H.P. 133-500 B

também remessas de emulsão. Para ler as missivas, os agentes nazistas levavam consigo um microscópio desmontável, muito engenhoso.

Duvido que possamos algum dia revelar o método pelo qual logramos descobrir e interceptar centenas de mensagens em micropontos, escritas em alguns dos aludidos países. Enfim, pelo exame constante dos micropontos, mantínhamo-nos a par das atividades diárias de vários grupos. Eram êles, aliás, infatigáveis, conseguindo informar-se sôbre o tráfego marítimo pelo Canal do Panamá, o mau estado de uma das comportas dêsse canal, e até mesmo a quantidade de óleo perdido pelos Estados Unidos por ocasião do ataque a Pearl Harbor. Berlim não se cansava de pedir cada vez mais informes e dados. Ao revistar um dos espiões encontramos um pedacinho de papel que parecia, em tudo e por tudo, um dêsses pequenos formulários, usados em hotéis, para recados telefônicos. No texto impresso, porém, havia dois pontos, e êstes, ampliados, revelaram uma série de mensagens, entre as quais se lia isto:

"Ordens especiais.

"Temos notícia de que se fabrica nos Estados Unidos uma pólvora de cartucho pràticamente livre de fumaça, produzindo fogo débil. Detalhes de que precisamos: a côr do fogo e da fumaça. Se possível, a composição da pólvora." *

* Parte da mensagem extraída dos arquivos do FBI e reproduzida nesta página.

Os japonêses faziam, também, o jôgo dos pontinhos... A 12 de fevereiro de 1942 veio-nos às mãos uma mensagem de micropontos (a 90.ª de uma série que estávamos investigando), embutida no envelope de uma carta enviada para o Brasil, proveniente de Tóquio e destinada a um Adido Naval japonês. Dizia:

"Se fôr impossível comunicar-se com Q., mande I. ou seu representante à Argentina para estabelecer contato com o Adido Naval naquele país."

Q. era um notório espião japonês, especializado em assuntos navais.

Os agentes forjavam comumente mensagens para dar a seus superiores a impressão de que dispunham de extraordinárias fontes de informações. Muitas vêzes chegavam a extrair notícias inteiras de algumas revistas! Entre 20 de janeiro de 1942 e 5 de fevereiro de 1943, copiaram 16 notícias da revista *Time* e 72 de *Newsweek*. E os alemães em Portugal costumavam pagar a marinheiros de países neutros 300 escudos por exemplar de qualquer revista que contivesse informações de natureza militar. Ora, seria impossível continuarem impunemente com êsse jôgo, e não tardou que viesse da Alemanha, para todos os agentes, êste pedido:

"Queremos é o que *não sai* nos noticiários."

Graças a têrmos descoberto o código dos pontos, conseguimos prender grande número de espiões e dissolver muitos grupos. Um dia, em certa mensagem, vimos ligeira referência a uma senhora residente em Madri. Dando busca em nossos arquivos, verificamos que essa mesma dama enviara dinheiro, anos atrás, a um homem nos Estados Unidos. Ao que averiguamos, vivia êle folgadamente em Washington, tendo cortejado, durante bastante tempo, uma môça americana. Esta mais tarde se alistara no Serviço Auxiliar Feminino do exército de seu país. Logo a interrogamos.

Quando lhe perguntamos se conhecia bem o cavalheiro em aprêço, respondeu-nos que, de fato, êle a procurara com muita freqüência, mas não lhe agradara, por ser reservado e introvertido, e acabou por perdê-lo de vista inteiramente. Apresentamos, então, à môça, o nosso problema: era necessário que alguém se aproximasse daquele indivíduo e fizesse investigações a seu respeito hábil e disfarçadamente. Como militar, a serviço de sua pátria, estaria disposta a tentar descobrir se se tratava, realmente, de um inimigo?

Arranjamos a coisa de maneira que ela desse com o rapaz na rua como se fôsse por acaso. Nem lhe passou pela cabeça desconfiar, é claro; encantado por vê-la outra vez, entrou a cortejá-la como o fizera antes, e durante um mês nossa auxiliar improvisada cumpriu sua tarefa de modo impecável. Hoje está o rapaz na cadeia, porque um dia, julgando vaidosamente que ela o amasse a ponto de querer tornar-se sua cúmplice, fêz-lhe confidências que o incriminaram irremediàvelmente.

É assim que se processa nosso trabalho: esperamos sempre que o inimigo cometa o êrro inevitável. Neste caso de que acabo de falar, êle errou ao mencionar, em carta, o nome da madrilena.

Entre as tramas da espionagem que conseguimos deslindar uma vez resolvido o problema dos pontos, a mais importante foi sem dúvida a seguinte: num dos países do continente americano estávamos encontrando cartas de todo gênero, eivadas de pontos, endereçadas a Berlim e escritas por várias pessoas diferentes; eram cartas de amor, missivas entre parentes, comunicações sôbre assuntos comerciais, tôdas aparentemente inócuas, mas transmitindo mensagens ocultas que diziam respeito a explosões de navios do Eixo apreendidos e a certos pormenores da produção de guerra. A caligrafia variava, e, quanto às cartas dactilografadas, usavam-se máquinas diferentes; no entanto, os micropontos eram todos produzidos por máquinas idênticas. A conclusão era óbvia: a fonte teria que ser a mesma, forçosamente. Em cooperação com nossos colegas em outros países americanos após demoradas buscas de cidade em cidade, em lojas, escritórios e residências, conseguimos finalmente capturar vasta rêde de espionagem nazista.

Citei acima apenas alguns dos planos por nós frustrados, graças à informação sôbre os pontos, obtida de um agente plantado, por assim dizer, diante do imenso nariz do Dr. Sebold.

Uma Noite Inesquecível

Quentin Reynolds

Foi um dia quente e desanuviado em Londres e, quando o crepúsculo absorveu a tarde, sabíamos que ia ser uma noite sem nuvens, salpicada de estrêlas e de lua cheia. Mas não sabíamos, ainda, que aquela noite ia mudar o curso da História. Era simplesmente sábado, 10 de maio de 1941.

Havia na capital inglêsa, naquela ocasião, uns 50 correspondentes americanos e formávamos um grupo de desanimados, na maior parte. Com a Rússia neutra, estava sendo lançado contra a Inglaterra todo o pêso da Luftwaffe. Só em abril, os submarinos alemães tinham destruído meio milhão de toneladas de navios aliados. O Exército Britânico fôra forçado a recuar no Egito e previa-se que a próxima perda seria o Canal de Suez. Já estavam perdidas a Grécia e a Iugoslávia, e a Alemanha ia conquistando o domínio de todo o Mediterrâneo.

Portsmouth, Southampton, Liverpool e outros portos tinham sido quase mortalmente atingidos e os estaleiros de Clyde estavam todos desmantelados. O número de civis mortos subia a 43.000. Mas Londres continuava de pé e o povo, embora cansado, estava firme e resoluto.

Era essa a situação naquela noite de sábado, em maio. Quase todos nós morávamos e trabalhávamos no Hotel Savoy. Quando tocaram as sereias, prestamos pouca atenção; era coisa rotineira. Mas uma hora depois compreendemos que não se tratava de um simples ataque igual aos outros; naquela noite, a Luftwaffe estava jogando tôda a sua fôrça contra nós, aproveitando integralmente a lua propícia aos bombardeios e o céu sem nuvens.

O Savoy reservara uma sala para a imprensa e encarregara um

homem chamado Titch de tomar conta dela. Demos à sala o nome de Bar do Titch. Era êle um sujeito atarracado, de cabelos louro-avermelhados e trazia sempre um ar preocupado. Tinha paixão por copos limpos e passava as tardes a poli-los. Quando caía perto alguma bomba, o seu ar preocupado se acentuava sempre; tinha mêdo de que o choque lhe quebrasse os copos. Havia várias mesas na pequena sala, uma delas com um tabuleiro de xadrez, sôbre o qual se debruçavam dois jornalistas, completamente alheios à barulheira lá fora. Ouvia-se a batida monótona de um teletipo, mas era um som tranqüilizador.

Além das explosões quase constantes, ouvia-se um ronco surdo e confuso que parecia encher a sala. Fui até a rua. Lá fora, o ronco contínuo era mais alto. Do outro lado do Tâmisa estendia-se por entre os armazéns e as docas um impetuoso lençol de chamas. Do meio do rio, minúsculos barcos extintores lançavam contra as labaredas esguichos patèticamente fracos. A água parecia até alimentar as furiosas línguas de fogo, que subiam cada vez mais alto.

Bob Post, do *Times* de Nova York, ia saindo do hotel.

— A RAF informou que hoje há mais de 400 lá em cima. É muito avião!

— E nós já derrubamos algum?

— Só oito. As baterias antiaéreas não alcançam a altura em que êles estão.

(Alguns meses depois, as baterias antiaéreas de Berlim alcançaram a altura do B-17 em que estava Bob Post, e êle morreu.)

Entramos. Os dois jornalistas continuavam mergulhados na sua partida de xadrez. Tomei entre os dedos o papel amarelado que ia saindo do teletipo. Êste parecia um laço entre nós e um mundo equilibrado, estável, a quase 5.000 quilômetros de distância.

O enorme edifício do Savoy, todo de cimento armado e aço, estremeceu e a nossa salinha encheu-se do ruído de uma tremenda explosão que nos fêz cambalear, com os ouvidos tinindo. O ar deslocado rodopiou na sala, com a fôrça já reduzida mas ainda com vibração suficiente para fazer dançar os copos do Bar do Titch. Sete dêles caíram e se despedaçaram. Titch murmurou um palavrão.

— Êstes danados eu não consigo mais substituir — resmungou êle. — Onde é que se vai comprar copos em Londres hoje em dia?

Dois correspondentes entraram na sala, cambaleando. Vinham abatidos, com as roupas rasgadas e as mãos cobertas de arranhões. Moravam em Chelsea, numa das casas de madeira que formavam ali uma longa fila. Uma bomba de alto poder explosivo atingira o quarteirão e destruíra tôdas as casas menos a dêles, matando quase todos os demais habitantes do quarteirão. Tinham trabalhado com os bombeiros, arrastando os feridos dos edifícios em chamas. Titch saiu de trás do balcão, trazendo uma garrafa de conhaque.

— Não tenho iôdo — disse êle, derramando o conhaque sôbre os arranhões — mas conhaque é um bom desinfetante.

Um dos rapazes reparou no rótulo da garrafa e retirou a mão.

— Um conhaque de três anos, Titch? Você *sabe* muito bem que eu não suporto conhaque de menos de doze anos — disse êle fingindo-se zangado.

Estávamos todos falando alto, porque as explosões nos tinham deixado um pouco surdos. Mas ainda se ouvia o teletipo. Não havia nada que fizesse parar aquêle *tic*-tic, *tic*-tic.

Chegaram novas notícias. Ao que parecia, tôda Londres estava em chamas. As horas passavam trôpegas, com chumbo nos pés. A telefonista do Savoy chamou para avisar que tôdas as linhas estavam interrompidas. Estávamos isolados em nosso pequeno oásis.

Os elevadores continuavam funcionando, eu e Ed Beattie, da United Press, fomos até o terraço. Era como se estivéssemos numa ilha cercada por um mar de chamas. Uma centena de holofotes mergulhava no ar dedos longos, brancos e inquiridores, e o barulho irregular dos aviões alemães, lá em cima, era um zunido insistente e surdo, de que os ouvidos não podiam livrar-se; era como o zumbir de um milhão de mosquitos.

— Parece que êles atingiram a Câmara dos Comuns — disse Beattie, apontando.

Lentamente, com tôda a calma, iam descendo os artifícios iluminantes, brancos e brilhantes, delineando Londres para os bombardeiros que a sobrevoavam. À direita, resplandecia a imensa cúpula da Catedral de São Paulo, tôda branca. Parecia um gigantesco pudim cercado de uma calda flamejante de conhaque. Era óbvio que a parte de Londres conhecida como a City estava sendo arrasada pelas chamas.

Um dos bombardeiros Heinkel 111 em missão de guerra sôbre Londres prepara-se para bombardear as instalações às margens do Tâmisa

Foto Keystone, Londres

— É uma data que nunca esqueceremos — disse Beattie, com ar soturno.

Sentíamo-nos ambos como se estivéssemos à cabeceira de um amigo moribundo. Tínhamos ficado conhecendo Londres e o seu povo, e nos sentíamos ligados à velha e brava cidade. Agora, ela estava morrendo. Imaginávamos que não podia haver dúvida a êsse respeito. Estilhaços das granadas começaram a salpicar o telhado. Não se impunham ali atos de heroísmo; descemos, portanto.

Certa quantidade de fumaça penetrara na sala e as pessoas tinham uma aparência estranha, porque a fuligem e a fumaça lhes haviam pôsto máscaras escuras e grotescas. Continuavam chegando notícias fragmentadas. O Ministério de Informações dizia que os alemães haviam provocado pelo menos 3.000 incêndios e que era grande o número de baixas entre bombeiros e o pessoal da defesa civil antiaérea. O número de mortos era pelo menos 2.000, informava o Ministério, mas seriam precisos vários dias para uma verificação exata. Setenta armazéns e fábricas tinham sido consumidos pelo fogo...

De repente, através do rugido das chamas ouvimos um som agudo. Olhamos uns para os outros, sem acreditar. Tinha passado. Era o sinal de Céu Limpo. Chegara finalmente a madrugada, a maior inimiga do bombardeiro noturno. Mas sentíamos que chegara tarde demais.

Saímos para o Strand. Uma pesada mortalha de fumaça pairava sôbre a cidade. Com as fisionomias tensas, homens e mulheres emergiam das estações do trem subterrâneo e dos abrigos antiaéreos. Muitos traziam nos braços crianças adormecidas. As chamas continuavam a apontar para o céu, partindo das casas incendiadas, e quando nos encaminhamos para Whitehall vimos que tinha sido de fato o pior reide aéreo da guerra.

Dirigimo-nos para a Câmara dos Comuns. As chamas tinham sido contidas, mas ainda escapavam do telhado rolos de fumaça. Parou um carro e dêle saltou um homem baixo, cheio de corpo, com um charuto na bôca. Entrou no edifício e saiu depois de alguns minutos, percebendo-se uma expressão de raiva em seu rosto. Quando tomou outra vez o carro, Churchill tinha o olhar duro e seu pensamento parecia muito distante.

Dirigimo-nos ao Ministério de Informações. Lá estavam alguns de nossos colegas. Com passo vivo, entrou na sala um brigadeiro-do-ar. Notamos com surprêsa que êle não parecia desanimado. Ao contrário, estava sorridente.

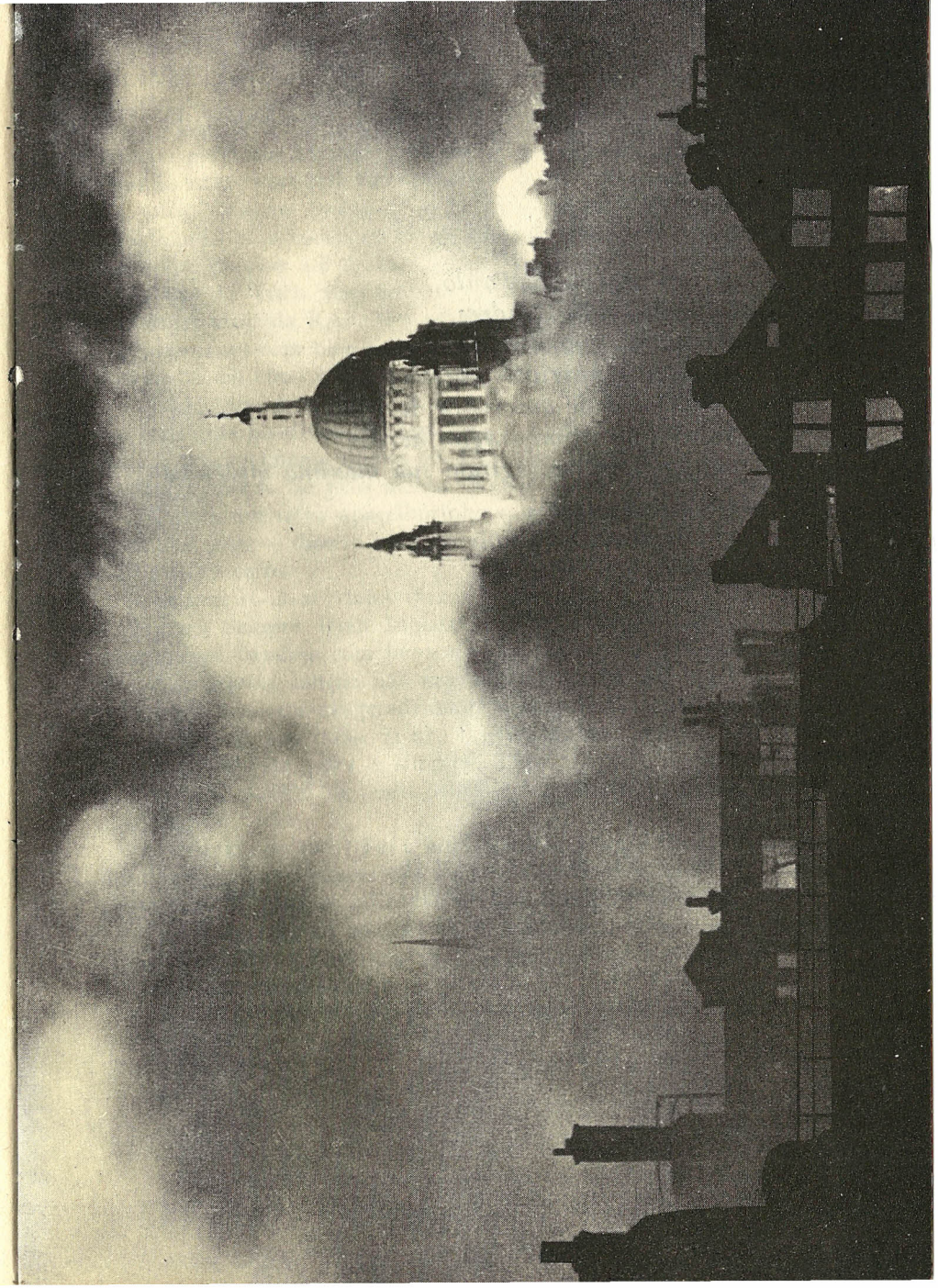
— Foi uma noite daquelas — disse êle, com a falta de ênfase que caracteriza os inglêses. — Os danos foram grandes. Não atingiram a Estação de Fôrça de Battersea, mas em compensação atingiram quase todo o resto. Faltou água; estão tentando usar a do Tâmisa, por meio de bombas, mas só daqui a 24 horas é que os incêndios poderão ser dominados. Os senhores devem ter achado o bombardeio muito sério — e foi de fato a pior *blitz* que já sofremos. Mas fiquem sabendo de uma coisa: — acrescentou calmamente — creio que ganhamos a guerra esta noite.

Olhamos para êle, espantados. O homem estaria louco? Êle notou o nosso espanto e sorriu.

— Todos sabem que o Ministério do Ar já tem declarado várias vêzes que teremos dominado a situação sempre que conseguirmos infligir 10 % de baixas a um contingente aéreo alemão. Não há fôrça aérea que possa suportar por muito tempo êsse desgaste. No momento calculamos que pelo menos 450 aviões alemães participaram do ataque. Os dados incompletos de que dispomos revelam que abatemos 45, ou seja 10 %. É um cálculo muito parcimonioso. É a primeira vez que conseguimos tantas baixas inimigas num ataque noturno. E isso significa que os nossos caças noturnos, com os novos aparelhos de localização, estão alcançando pleno êxito. A Alemanha não pode dar-se ao luxo de perder num só ataque 45 tripulações especializadas.

— Podem crer que nós da Fôrça Aérea estamos extremamente satisfeitos — continuou. — Os senhores talvez se recordarão desta noite como a mais terrível por que já passaram. Para nós será a noite em que provamos aos alemães a futilidade de seus bombardeios noturnos. Talvez venha a ser lembrada como a noite em que a Inglaterra foi salva.

Saímos do edifício pensativos. Seria mesmo verdade o que dissera o brigadeiro-do-ar? Teria Londres realmente sobrevivido? A fumaça começava a dissipar-se e despontava um Sol forte e alegre. Parecia incrível, mas havia uma dúzia de táxis à porta do Ministério. Os



A Catedral de S. Paulo,
no coração de Londres,
circundada por incêndios,
durante a horrível noite
de 29 a 30 de dezembro de 1940,
quando os bombardeios aéreos
da Inglaterra atingiram sua máxima violência

Foto Keystone, Londres

choferes pareciam satisfeitos. Voltamos de táxi para o Savoy e, como algumas ruas estivessem intransitáveis, fomos obrigados a dar diversas voltas. Mas os incêndios estavam apagados e já havia turmas trabalhando para consertar os principais encanamentos d'água arrebentados. Viam-se até ônibus trafegando pelo Strand.

No Bar do Titch, encontramos dois sorridentes rapazolas com os uniformes azuis da RAF. Nós os conhecíamos bem; eram pilotos de caças noturnos com base nos arredores de Londres. Tinham passado a noite lá em cima e contaram-nos tudo.

— Estão dizendo que nós só derrubamos 45? — perguntou um dêles, com uma risadinha de desprêzo. — É claro que pegamos 45 na certa e provàvelmente outros 60. Êles não se atreverão mais a bombardear Londres. Se pelo menos tiverem juízo, não voltarão.

— Temos um nôvo aparelhozinho que nos guia exatamente para onde êles estão — disse o outro, muito sério. — É segrêdo, mas pode crer que dá certo.

O brigadeiro-do-ar tinha razão.

"Haverá Sempre Uma Inglaterra", cantarolava Titch, trazendo uma imensa bandeja com bules de chá fervendo e pratos cheios de torradas. Aquela canção não era muito popular na Inglaterra. Os inglêses a achavam exageradamente sentimental. Mas naquele momento, por alguma razão, já não a consideravam assim. Talvez fôsse apenas a verdade pura e simples. Talvez aquela Inglaterra *fôsse* de fato indestrutível. Se podia sobreviver a uma noite assim, poderia sobreviver a tudo.

Dez de maio de 1941? Foi a noite em que a maré virou e qualquer dia dêstes os historiadores vão tomar conhecimento dessa data. Compreenderão afinal que foi o dia em que a Inglaterra se salvou. Que não iria cair, como os pessimistas, havia meses, vinham anunciando. Achava-se maltratada e apresentava algumas feridas superficiais, mas estava mais forte do que nunca.

Dez de maio de 1941. Positivamente, uma noite inesquecível.

A Verdade Sôbre o Fim de Rommel

Condêssa Waldeck

O General Erwin Rommel tinha 49 anos quando se viu envolvido sùbitamente pela auréola da fama, em maio de 1940, à frente da Sétima Divisão Panzer, na batalha da França. Dois anos depois, quando levou o seu *Afrika Korps* a menos de 100 quilômetros de Alexandria, seu nome corria de bôca em bôca, em todos os quadrantes do mundo. Foi nesse ano que Hitler o fêz Marechal-de-Campo e os inglêses o apontaram como o mais hábil general da guerra.

Para os soldados do Oitavo Exército Britânico, que tiveram de enfrentá-lo na África, "fazer um rommel" significava cumprir uma missão de forma impecável. Sua astúcia e faculdade de improvisação granjearam-lhe o apelido de "Rapôsa do Deserto". Certa vez, encontrando-se sob violenta pressão britânica, o general conseguiu assustar o inimigo dando-lhe a impressão de estar comandando fôrças muito superiores. Sabendo que a RAF fotografava diàriamente as linhas alemãs, ordenou que todos os veículos disponíveis fôssem postos em movimento de vaivém incessante durante duas noites, crivando de milhares de sulcos os areais próximos. As fotografias, somadas à propaganda alemã, iludiram os inglêses, que, por se julgarem em inferioridade de fôrças, bateram em retirada.

Ao ordenar um ataque, em outra ocasião, foi Rommel informado de que havia apenas seis tanques disponíveis. "Pois então ataquem com poeira!", trovejou êle. Minutos depois, todos os veículos do Corpo começaram a mover-se, em círculos, num raio de alguns

quilômetros. Cobertos pela imensa nuvem de poeira, avançaram seis tanques contra os inglêses. Êstes, imaginando-se atacados por uma divisão motorizada inteira, abandonaram ràpidamente as posições que ocupavam.

Rommel possuía o que se poderia chamar *sex appeal* militar, qualidade que tanto se revelava no seu vistoso quepe como na argúcia de suas decisões. Para seus homens, que o viam emergir da tôrre do tanque, na frente de combate, era a própria imagem do deus das batalhas. "Não se afaste de mim", disse, certa vez, a um dos seus oficiais, debaixo da fuzilaria inimiga. "A mim, nada acontece." Um dia, porém, um fim trágico o surpreenderia.

Quais foram, afinal, as circunstâncias misteriosas que envolveram a sua morte? Segundo a versão oficial alemã, Rommel faleceu em virtude de ferimentos recebidos durante a invasão da Normandia, ao ser metralhado o seu carro perto de Livarot, ao sul do Havre. A verdade, porém, é muito mais dramática e reveladora.

Sòmente depois dos insucessos alemães na campanha da África foi que Rommel se apercebeu do infinito desprêzo de Hitler pela criatura humana. Sabia que a campanha estava perdida, devido não só à falta de gasolina e equipamento como à crescente superioridade das fôrças inglêsas. Insistiu com Hitler para que se fizesse a retirada das tropas alemãs, como o único meio de poupar a vida de milhares de homens. Hitler replicou-lhe, exaltado: "A vitória ou a morte!"

"Nem morri, nem venci", comentou Rommel mais tarde, sêcamente.

Antes da rendição de Tunes, em maio de 1943, Hitler o chamara a Berlim, a fim de não o identificar com a derrota iminente.

Os meses que se seguiram foram amargos. O general jamais pertencera ao Partido Nazista nem fôra condecorado com o emblema dourado do mesmo. Preocupado com o êxito da sua carreira, ignorava, até então, os massacres, o trabalho escravo, os campos de concentração, o terror da Gestapo nas áreas ocupadas. Enchiam-no, agora, de horror as ignomínias perpetradas pelos nazistas em nome do povo alemão. "Fiz a guerra com decência", disse êle, "mas essa gente manchou minha farda." Quando Hitler publicou a famosa ordem de fuzilamento de reféns, à razão de 12 para cada alemão morto, Rommel foi um dos raros comandantes alemães que não lhe fizeram caso algum.

O que mais o conturbou, no final da guerra, foi a convicção de que Hitler preferiria arrastar a Alemanha inteira ao abismo, a renunciar à luta.

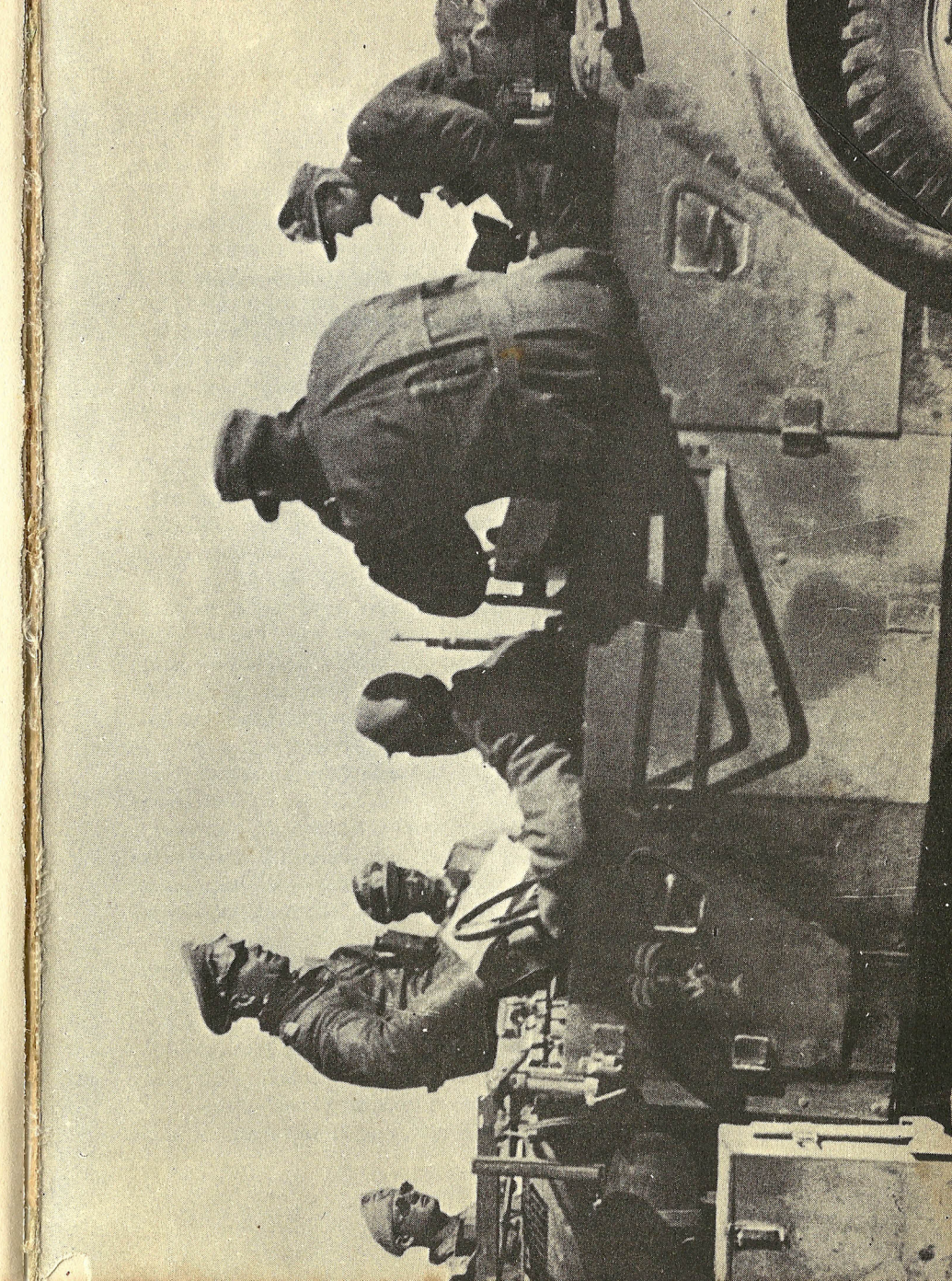
A fim de alimentar a confiança do povo alemão e impressionar os Aliados, Hitler nomeou Rommel comandante das fôrças que defenderiam a Normandia contra a invasão. O general, porém, não tardou em convencer-se de que seria impossível repelir, com os escassos recursos ao seu dispor, um desembarque em grande escala. Em abril de 1944, conferenciou com o General Karl Heinrich von Stülpnagel, governador militar da França e um dos líderes da resistência a Hitler, sôbre os meios de terminar imediatamente a guerra no ocidente e derrubar o regime nazista.

Com a esperança de obter condições de paz mais favoráveis que a rendição incondicional exigida pelos Aliados, Rommel projetou oferecer, à revelia de Hitler, um armistício a Eisenhower e Montgomery. As tropas alemãs se retirariam dos territórios ocupados e os Aliados, em troca, suspenderiam, imediatamente, o bombardeio das cidades alemãs. No leste, entretanto, os alemães continuariam a lutar numa frente menos extensa — România, Lemberg, o Vístula, Memel — "em defesa da civilização ocidental".

Rommel propôs que Hitler fôsse aprisionado por algumas unidades de confiança, e julgado por um tribunal alemão. Não desejava transformar o Fuehrer em mártir, dando-lhe cabo da vida sumàriamente.

Nesse ínterim, os Aliados desembarcaram na Normandia e, em 15 de julho de 1944, Rommel mandou a Hitler um ultimato no qual exigia a imediata abertura de negociações para o armistício. Deu ao Fuehrer o prazo de quatro dias para decidir-se.

Na noite de 17 de julho, de volta da frente de batalha, Rommel chegou às proximidades de Livarot. Sùbitamente, dois aviões com emblemas britânicos mergulharam, em vôo picado, sôbre êle. Um dêles, a poucos metros do solo, metralhou o lado esquerdo do carro. Rommel foi atirado, inconsciente, fora do veículo. Estava caído na estrada quando o segundo avião o metralhou. O general ficou tão gravemente ferido — uma fratura no crânio, duas nas têmporas, um maxilar partido, o ôlho esquerdo afetado, forte abalo no cérebro — que os médicos duvidaram que pudesse sobreviver.



Rommel na África circundado por seu estado-maior

Foto gentilmente cedida pelo Imperial War Museum, Londres

E, fato estranho, não consta dos arquivos da RAF nenhuma referência ao ataque a um carro isolado perto de Livarot em 17 de julho. Tratar-se-ia da resposta de Hitler ao ultimato de Rommel?

De qualquer maneira, êsse foi o primeiro dos dois rudes golpes que frustraram a conspiração contra Hitler. O segundo ocorreu em 20 de julho. A chamada "Operação Valquíria" — plano organizado por chefes militares e civis antinazistas para assassinar Hitler, e em cuja articulação inicial Rommel fôra envolvido por von Stülpnagel — não logrou eliminar o Fuehrer no seu quartel-general na Prússia. A bomba explodiu a dois metros do ditador, destroçou a sala, feriu 20 homens e matou quatro. Hitler, porém, escapou milagrosamente.

Os conspiradores foram acossados pela vingança nazista, que mandou enforcar aquêles que conseguiu prender.

No fim do verão, Rommel encontrava-se pràticamente restabelecido. Não lhe restava do acidente senão uma paralisia parcial do ôlho esquerdo.

Em 14 de outubro, levantou-se cedo, em sua vila de Herrlingen, perto de Ulm, para receber Manfredo, seu filho de 16 anos, que vinha passar com êle uma breve licença do Exército. Outro visitante, menos bem-vindo, era também esperado, ao meio-dia. Por um telefonema, na noite anterior, Rommel fôra informado de que o General Burgdorf viria visitá-lo em nome do Fuehrer, para discutir com êle a sua "nomeação para um nôvo comando". Ao filho, observou o marechal, pela manhã: "A vinda de Burgdorf parece-me uma armadilha."

Ao meio-dia chegou o enviado de Hitler, em companhia do General Maisel. Rommel, sua espôsa e filho cumprimentaram os visitantes que beijaram, cerimoniosamente, a mão de Frau Rommel. Depois de trocadas algumas frases formais sôbre a amenidade do clima, a saúde dos presentes e o esplêndido restabelecimento do marechal, Frau Rommel e Manfredo se retiraram.

Pouco depois de uma hora, o marechal subiu ao quarto da espôsa.

— Mas que se passou? — perguntou esta, alarmada pelo semblante grave do marido.

— Dentro de 15 minutos estarei morto — disse Rommel meio absorto, como que a medir e pesar o sentido de cada palavra.

Ràpidamente, contou-lhe o que se passara: o inquérito sôbre von Stülpnagel (que fôra estrangulado após uma tentativa de suicídio, em que perdera a vista) não deixara dúvidas sôbre a participação de Rommel no atentado de 20 de julho. Hitler dava-lhe, agora, opção entre a morte imediata pelo veneno ou julgamento perante um tribunal popular. Os dois generais frisaram que, se Rommel insistisse no julgamento, seriam exercidas represálias contra sua mulher e filho; entretanto, se se deixasse envenenar, êles seriam poupados e receberiam tôdas as honras e pensões a que tinha direito a família de um marechal-de-campo alemão. O Fuehrer estava decidido a ocultar do povo alemão o fato de o general mais popular dos seus exércitos ter conspirado para derrubá-lo e fazer a paz.

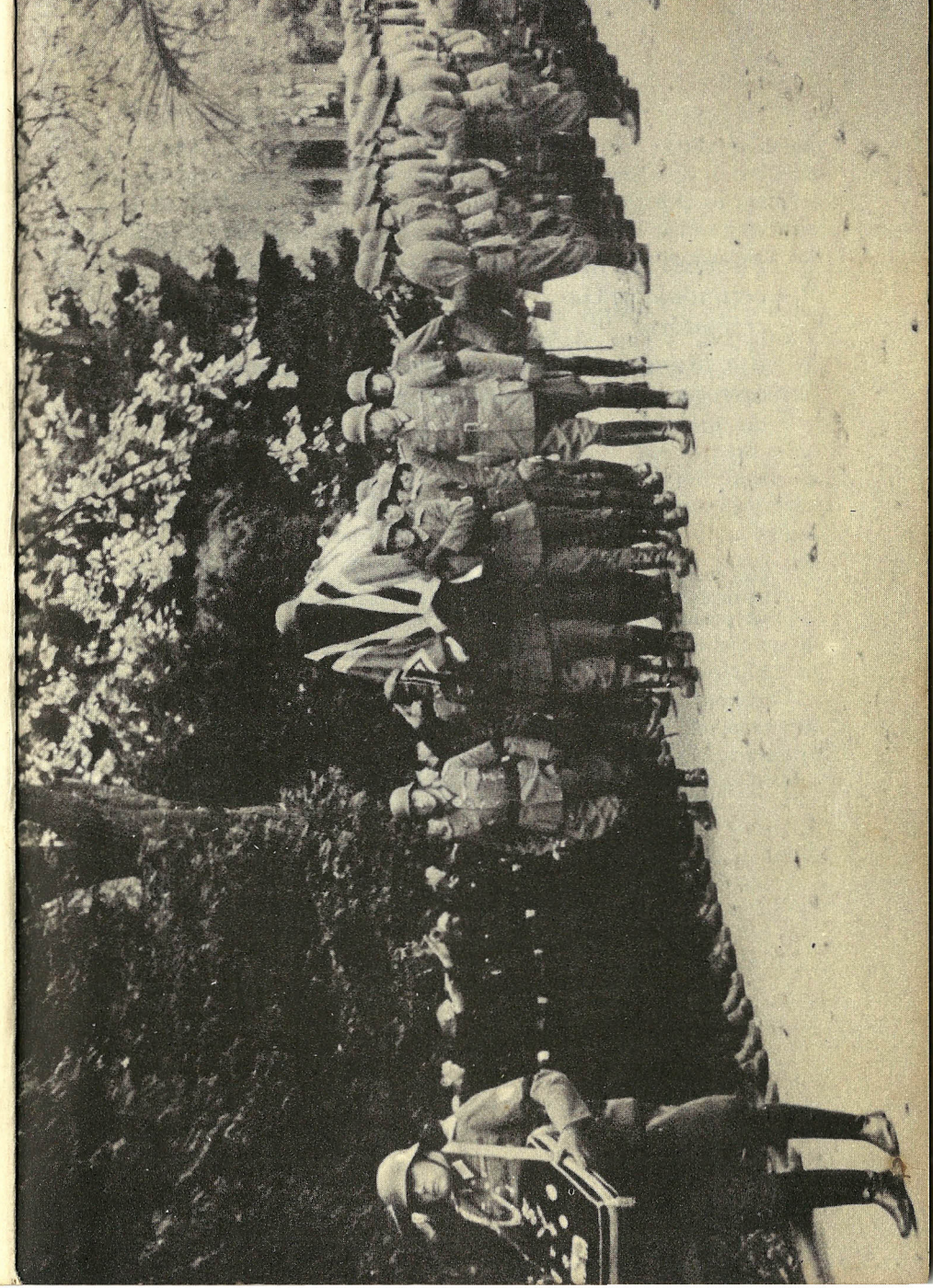
Com monstruosa precisão, Burgdorf descreveu a Rommel os menores detalhes do seu plano. A caminho de Ulm, dariam ao marechal certa dose de veneno; três segundos depois, estaria morto. O corpo seria conduzido a um hospital de Ulm enquanto um despacho levaria ao mundo a notícia de que Rommel falecera sùbitamente, ainda em conseqüência dos ferimentos recebidos em 17 de julho.

Rommel, no quarto do pavimento superior, pudera transmitir os detalhes dêsse plano diabólico a duas outras pessoas — seu ajudante-de-ordens, Capitão Aldinger, e Manfredo.

Deixou que o ajudassem a vestir o sobretudo e pôs a seguir o quepe, com o garbo de sempre. Manfredo e Aldinger alcançaram-lhe as luvas e o bastão de marechal. Dirigiu-se, então, ao automóvel, onde o aguardavam seus assassinos.

Nos anais do Terceiro Reich, nenhuma cena revelará com maior eloqüência o clima psicológico que envolvia o terrorismo hitlerista. Não se tratava, aqui, de um judeu indefeso nas mãos da Gestapo, mas de um marechal-de-campo, com o bastão em punho, orgulho do Exército germânico, lendário no mundo inteiro pela sua bravura e argúcia. Êsse homem, entretanto, deixava-se levar dòcilmente a caminho da morte.

Por que razão nenhum dos presentes se animou a sacar uma pistola e eliminar os dois generais? A resistência, porém, talvez não salvasse Rommel, e além disso poderia ter significado o fim de todos: soube-se, depois, que elementos motorizados das tropas SS haviam sido concentrados nas proximidades. Entretanto, uma reação dra-



Funerais do Marechal Rommel. Depois da cerimônia oficial o cortejo fúnebre se dirige ao crematório

Em primeiro plano uma alta patente alemã carrega uma almofada com as condecorações do falecido

Esta fotografia é o único exemplar existente, sendo propriedade particular da viúva do Marechal que a cedeu expressamente para ser publicada neste livro

mática não só teria destruído o plano de Hitler para ocultar a defecção do mais popular dos seus generais, como teria sido a centelha capaz de deflagrar a revolta geral. Mas, ao que parece, os alemães de tôdas as classes estavam a tal ponto entorpecidos pelo terrorismo do regime, que uma decisão como essa não poderia nem sequer ter ocorrido a alguém.

Às 13 h e 25 m, Burgdorf e Maisel fizeram entrega do cadáver de Rommel ao hospital de Ulm. O médico-chefe, que se dispunha a proceder à autópsia, foi prontamente interrompido por Burgdorf, que lhe disse: "Não toque no corpo. Em Berlim já se tomaram tôdas as providências."

Talvez jamais se venha a saber, exatamente, o que se passou no caminho de Ulm. Burgdorf pereceu, com Hitler, no subterrâneo da chancelaria do Reich. Tanto Maisel, que ainda se encontra prisioneiro na zona norte-americana da Alemanha, quanto o motorista da SS afirmam terem recebido ordem de abandonar o carro por um momento, encontrando, ao regressarem, Rommel agonizante.

Aos funerais promovidos pelo Estado, em 17 de outubro, compareceram, contritas, as altas patentes militares e principais personalidades do partido nazista. A oração fúnebre foi pronunciada, em nome do Fuehrer, pelo Marechal-de-Campo von Rundstedt. Frau Rommel, pálida e abatida, recusou o braço que êste lhe ofereceu. Uma tensão incrível envolvia aquela farsa bem ensaiada. Entretanto, poucos, dentre os presentes, sabiam que estavam assistindo à última cena de um assassinato.

A Morte Levava um Cronômetro

Nigel Balchin

De começo nem pude entender bem o que o camarada estava tentando dizer-me ao telefone. Foi preciso que êle dissesse três vêzes o nome, para que eu conseguisse perceber que se tratava do Stuart. Disse êle:

— Peguei uma, meu velho!

— Santo Deus! — exclamei — Você conseguiu mesmo? E... inteira?

— Inteirinha. Para dizer a verdade, são duas. Completas, intactas, e novinhas em fôlha.

Duas LOU! E ambas não detonadas! Era por aquilo mesmo que eu e Stuart vínhamos ansiando havia algum tempo. LOU era o nome por nós dado às bombas de armadilha que os alemães vinham fazendo chover por sôbre tôda a Inglaterra. Até a data, a própria existência dessas bombas permanecera no terreno das conjeturas. Ninguém conseguira sequer ainda ver uma delas. Mas nós tínhamos razões para saber que existiam — pois alguma coisa andava reduzindo a cisco pessoas sãs e vivas!

— Onde é que você está? — perguntei.

— Em Luganporth. Elas estão na praia, lá embaixo, a uns três quilômetros de distância. Já mandei passar cordões de isolamento em volta. Olhe aqui, meu velho, se não me engano você quer entrar neste negócio, não? Você não tem obrigação nenhuma, é claro, mas...

— Está visto que quero!

— Está bem. Então, aqui tem o plano. Vou esperar até amanhã para elas explodirem sòzinhas. Se até então não explodirem, agirei.

62 *Condensado do livro "The Small Back Room", copyright, 1945, de Nigel Balchin. Editado por Houghton Mifflin Co., 2 Park St., Bóston 7, Mass., E. U. A.*

Fêz uma pausa e acrescentou:

— Se a primeira me mandar pelos ares, você tenta a segunda.

— Por favor, Stuart, seja cauteloso! — disse eu.

— Meu nêgo, não se incomode, que eu terei cuidado. Até amanhã.

Antes de mais nada, eu tinha sido chamado a intervir nesse negócio pela minha experiência em questão de espolêtas. Nossa unidade de pesquisa tinha que ver com tôda sorte de novidades em armamento, e um dia recebi uma ordem para ir a Ribbenham e apresentar-me na estação de polícia a um tal Capitão Stuart. Quando lá cheguei, uma hora mais tarde, êle estava à minha espera. Era um jovem oficial de sapadores. Depois de mùtuamente apresentados, disse-me:

— Bem, o que sucedeu foi que uma bomba matou uma criança.

Fiquei um tanto desapontado e indaguei:

— Achou alguma bomba falhada, e deu-lhe uma martelada, não foi?

— Não cremos que tenha sido assim. Pelo que podemos depreender, a pequena apanhou qualquer coisa do chão, simplesmente. Ou talvez a tenha apenas tocado.

— E que era?

— Não sabemos.

Stuart acendeu um cigarro e acrescentou bruscamente:

— Já é a quarta, esta semana. Em circunstâncias sempre idênticas, e sempre depois de terem voado aviões alemães na região.

— Você quer dizer que êles andam lançando bombas de armadilha?

— Parece que sim.

Pensei um pouco.

— E sempre crianças? — indaguei.

— Não. Três crianças e um adulto.

— Não existe nenhum sobrevivente, suponho eu.

— As pessoas que até hoje tocaram nessa coisa ficaram reduzidas a pó. Horrìvelmente espedaçadas. Mas desta vez temos um sobrevivente: o irmão caçula da vítima. Foi quase milagre êle ter saído ileso. Mas como tem só três anos, não é grande ajuda. Pensei em

darmos um pulo até a casa da família, para ver o que se pode arrancar do garôto.

Metemo-nos a caminho, e eu perguntei:

— Que é que lhe dá tanta certeza de que se trata de bombas alemãs, e não de restos do nosso próprio material, abandonados por aí?

— Sobretudo, os lugares onde elas aparecem. Esta última foi no parque. Só Deus sabe quantas coisas nós deixamos por aí; mas nunca em tais lugares. E acontece que aparecem precisamente logo após a passagem de aviões inimigos.

Andamos um pouco mais e Stuart acrescentou:

— O fato que mais me impressiona, é que o diabo das coisas parecem explodir com tanta facilidade. Não temos a menor idéia do que se tenha passado com os outros dois guris, pois não estava ninguém presente. Mas com o homem já foi diferente: alguém que estava a uns cinqüenta metros de distância o viu parar, curvar-se como para apanhar do chão alguma coisa que imediatamente explodiu. Êle não tropeçou, nem deixou cair o objeto, nem aconteceu nada de parecido.

Stuart dobrou de repente a esquina duma rua transversal e bateu na porta duma casa bastante modesta. Atendeu uma mulher muito magra, com cara de espectro, pálida, de olheiras quase roxas, que reconheceu Stuart:

— Ah, boa tarde!

— Boa tarde, Sr.ª Davis. Como vai o Bobby?

— Muito melhor. Quase que já parece o mesmo de antes. Não querem entrar?

Entramos. Bobby estava ali, um guri de cabeleira de estôpa, camisola de jérsei e os sapatos rotos. Aparência bastante normal, embora um pouquinho tímido. Ofereci-lhe um pedaço de chocolate, que êle fitou solenemente e depois aceitou com alguma dúvida. Stuart inclinou-se e perguntou-lhe:

— Olhe aqui, Bobby, eu quero perguntar uma coisa a você. Que é que aconteceu quando aquela coisa fêz bum?

O guri olhou para êle fixamente e repetiu:

— Aquela coisa fêz bum!

— Você estava brincando com a Sheila?

O menino assentiu.

— De que é que vocês estavam brincando?

A resposta se fêz esperar um momento. E de repente o garôto desatou a falar, atropelando-se um pouco para conseguir dizer tudo:

— Sheila não queria, Sheila não queria brincar mais, e foi... e foi embora, e me chamou e disse: "Olha o que eu achei, Bobby", e a coisa fêz bum.

Stuart disse com voz branda:

— E você viu o que foi que ela achou, Bobby?

O menino acenou que sim.

— De que tamanho era?

Stuart mostrou uma caneta.

— Dêste tamanho?

— Não sei — respondeu o guri num sôpro de voz.

— De que côr era a coisa, Bobby? — perguntei.

— Êle ainda não conhece as côres, meu senhor! — explicou a mãe. — Tem só três anos. Eu acho que êle nem viu realmente. Você viu, Bobby? A coisa estava na grama e Sheila a achou, não foi?

— Sheila achou, e disse assim: "Olha o que eu achei." E aquela coisa fêz bum!

— Sheila a apanhou do chão? — insistiu Stuart.

O guri abanou logo a cabeça.

— Tem certeza?

— Sheila não apanhou, não. Ela pôs aquilo no chão e falou pra mim.

— Deixou ficar onde estava?

— Deixou, e disse assim: "Olha o que eu achei."

Cruzei meu olhar com o de Stuart e abanei a cabeça de leve. Êle me deu um aceno resignado. Agradecemos à mãe e saímos.

Ao descermos a rua, Stuart comentou:

— Não é mesmo para a gente enraivecer?

Mais um ou dois anos de idade, e êle podia ter-me dado todos os pormenores.

— Êle bem que quis, pobrezinho. E onde está o cadáver da irmã? — perguntei eu, instantes após.

— O médico está fazendo a autópsia. Talvez tenha algo para nos contar.

Fomos falar com o médico legista. Stuart já lhe havia dito que os fragmentos eram importantes, e êle guardara duas dúzias de estilhaços de aço, mas pequeníssimos. Parecia que a maior parte do invólucro da bomba era de plástico, coisa dos diabos, porque se desfaz quase em pó.

Perguntei-lhe se, pela natureza dos ferimentos, podia determinar qual a posição da criança ao dar-se a explosão. Era um dado essencial para sabermos se a menina levantara a bomba do chão.

O médico, velho escocês, pachorrento e bastante simpático, abanou a cabeça:

— Quando os ferimentos são tão profusos, é difícil dizer. O senhor viu o corpo da pobre pequena? — acrescentou, dirigindo-se a Stuart.

Stuart acenou que sim.

— Então, já deve saber...

— É. Não é de se esperar que nos vá adiantar muito.

Depois dessa entrevista fomos sentar-nos, a matutar, no quarto de Stuart.

— O pior — disse eu — é que, enquanto não tivermos a certeza de que a pequena tocou no objeto, pode-se admitir que era uma bomba-relógio.

Êle abanou a cabeça:

— Pelos casos anteriores, quase posso jurar que não se trata de espolêta de retardamento. O nó da questão é que todos aquêles que acharam a bomba morreram antes de terem tempo de mostrá-la, fôsse a quem fôsse. Ora, não seria provável que isso acontecesse com uma espolêta de retardamento.

— Diacho! — disse eu de repente. — Que estúpido que eu sou. Esqueci-me de perguntar à Sr.ª Davis se Sheila levava consigo algum objeto de metal.

— Eu perguntei — disse Stuart. — Ela levava uma pulseira, e tinha biqueiras e chapas de metal nos saltos dos sapatos.

Com o seu modo tranqüilo, Stuart era um rapaz competente. Eu já começava a gostar muito dêle. Ficou ali sentado muito tempo, dando a impressão de ser muito jovem e de estar bastante fatigado.

— A que horas é que você comeu pela última vez? — perguntei a Stuart.

— Oh, nem sei bem — respondeu êle vagamente.

Acho que nem ouvira bem a minha pergunta. Depois levantou a cabeça e disse:

— Isto está o diabo, meu velho. Você não aventa nenhuma hipótese?

— Bem, vamos ver o que já temos. Não sabemos como é que as bombas foram colocadas nos lugares, mas é bastante claro que não são nossas, e até agora só apareceram depois da passagem de aviões inimigos. A bomba é, provàvelmente, quase tôda de plástico, e explode com facilidade infernal. Não se deve tratar de bomba de ação retardada: suspeito que seja magnética, ou então de vibrador.

Stuart concordou e disse:

— Essa hipótese não nos autoriza a esperar grandes progressos.

— É dificílimo saber o que podemos fazer, enquanto não...

— Enquanto não forem sacrificadas mais algumas crianças? — replicou Stuart com certa amargura. — Esta semana, a mortandade de crianças foi além do que os meus nervos podem suportar. Estou ficando esgotado.

— Vocês não poderiam expedir um aviso ao público? — avancei.

— Podemos. Até já o fizemos. Mas você sabe como são as crianças. Está muito bem dizer aos adultos que não bulam nas coisas que encontrarem, mas isso é talvez pedir demais. A ajuizar pelo que sabemos, essas bombas até se podem parecer com... uma inofensiva bôlsa, ou qualquer outra coisa. Olhe aqui, o que nós precisamos é de pegar uma dessas bombas, e quanto mais depressa melhor! Temos que achar uma, pôr-lhe uma guarda em redor, e desmontá-la.

— Isso — disse eu. — Vai ser muito divertido, não acha? Êsse negócio de desmontar bombas!

Stuart ergueu os ombros.

— Você não tem que intervir nesse capítulo. Isso é comigo. O fato é que você não tem obrigação nenhuma a não ser que queira mesmo.

— Bobagem. Está claro que eu estou metido nessa brincadeira.

Stuart me olhou um instante, e depois contentou-se com dizer:

— Está bem, meu velho.

Eu e Stuart concordamos em nos manter em contacto pelo correio. De espaço a espaço trocávamos cartas, cada qual oferecendo a sua

teoria própria sôbre qual seria o modo como a bomba era montada. Era tudo obra de palpite. Até que uma tarde, bem na horinha que eu ia saindo do escritório, recebi um telegrama que dizia: "N.º 14, Hospital Geral, Lowallen. Urgente."

Lowallen ficava a uns 240 km e eu só podia chegar lá na manhã seguinte. Quando cheguei, Stuart tinha um ar extremamente fatigado. Estava pálido, abalado, e tinha os olhos congestionados. Disse-me:

— Alô, Rice. Foi bom você ter vindo.

— Lamento não ter podido vir ontem mesmo. Não havia trem.

— Não importa — disse êle com a voz cansada. — Você não podia ter feito nada.

— Que foi? Outra criança?

— Não, desta vez foi um soldado. Artilheiro.

— Muito ferido?

Stuart olhou-me meio surprêso:

— Está gravemente ferido! É incrível que ainda esteja vivo. Já devia ter morrido há muitas horas.

— E pode falar? Diz alguma coisa?

— Quando volta a si. Teve ontem à noite dois minutos em que pôde falar com bastante acêrto e, esta madrugada, mais alguns segundos. Mas desde então tem estado inconsciente.

— Você passou a noite tôda ao lado dêle?

— Passei. Não havia outra coisa a fazer. Venha comigo. Não creio que êle ainda volte a si, mas enfim...

Entramos no quarto. O artilheiro estava amparado na cama por um montão de travesseiros. Só se lhe via um ôlho, fechado, e a metade inferior do rosto, absolutamente branco como cêra. Até os lábios estavam exangues. O resto eram ligaduras. Parecia de pequena estatura.

— Que idade tem êle? — perguntei.

— Vinte anos. É artilheiro de campanha.

— Tem alguma probabilidade de escapar? — indaguei com a voz abafada.

— Nenhuma. É um milagre que ainda esteja vivo! Os próprios médicos não encontram explicação. Tudo que de ruim podia ter acontecido, lhe aconteceu.

— E êle falou muita coisa?

— Bastante. Pelo menos, em comparação com o que sabíamos antes.

Stuart abriu seu livro de notas e continuou:

— O infeliz estava passeando no campo de gôlfe com um camarada da bateria. A coisa estava no chão, no saibro duro de uma depressão. Era um cilindro com pouco mais de 30 centímetros de comprimento e cinco de diâmetro. Pelo menos foi o que depreendi. Disse êle que lhe pareceu um grande maçarico elétrico, com uma tampa na extremidade. Parte prêto, parte vermelho vivo; mas êsse detalhe eu não consegui pegar bem claro.

Deteve-se a decifrar as notas, a testa franzida de atenção.

— Êles a levantaram do chão? — perguntei.

— O camarada que ia com êle. Êste, o ferido, queria deixar a coisa onde ela estava, e relatar o achado. Mas o outro teve receio de que se rissem dêles, e que os chamassem de medrosos. Como eram artilheiros, provàvelmente não ignoravam que a maioria dessas coisas não explode senão quando é golpeada, ou quando se arma a espolêta, ou quando se puxa para fora um pino, ou coisa semelhante. Por isso resolveram levar o canudo para o quartel. O outro camarada agarrou a bomba e ela explodiu.

— Imediatamente?

— Disso eu não estou certo. Êle tornou a perder os sentidos antes de me dar a perceber exatamente o que é que o camarada fêz à bomba, e qual o momento em que ela explodiu.

— O outro morreu, não?

— Claro! Ficou em pedaços.

Matutei um instante, e depois disse:

— Não posso compreender para que é que os alemães fazem isto. É caso para se dizer que não vale a pena.

— Não vale a pena? Claro que vale! Então você não está vendo que cada um dêstes engenhos infernais que êles têm lançado até agora matou pelo menos uma pessoa, e às vêzes mais? Compare isso com a maioria das bombas, em pêso e em custo, e logo verá se vale a pena ou não!

Passado pouco tempo, entrou um dos médicos. Depois de examinar o ferido, disse:

— Receio que não haja mais nada a esperar, capitão. Êle está

nas últimas. Mas o que acho extraordinário é que tenha podido resistir até aqui...

Stuart insistiu em ficar até que o jovem soldado expirasse. O médico olhou o artilheiro, e reparei que êste se tornou rijo. De repente, disse o médico em voz baixa:

— Aí o tem, Stuart.

Recuou um pouco, sem largar o pulso do soldado, que abriu o ôlho descoberto. O médico acrescentou:

— Depressa!

Stuart inclinou-se para o ferido, dizendo-lhe:

— Ouça-me, meu rapaz, o Roberts levantou a bomba do chão?

As ligaduras não deixavam entrever qualquer expressão no rosto exangue. O ôlho rolou na órbita até se fixar em Stuart. Ouvimos uma espécie de estertor muito curto e rápido.

— Roberts apanhou-a? Veja se nos pode dizer. É muito importante.

O estertor rápido continuou. De repente, parou, e os lábios se moveram como se o soldado quisesse dizer alguma coisa: mas nada saiu. O ôlho cerrou-se novamente.

O médico olhou para Stuart e abanou a cabeça. Continuava palpando o pulso do ferido. O rosto de Stuart denotava ansiedade. Olhou para o artilheiro um momento, depois virou-se sùbitamente para o médico e disse:

— Será pior para êle, já nesse estado, se eu insistir em perguntar?

O médico hesitou e deu de ombros. Stuart respirou fundo e disse em voz alta, quase brusca:

— Peterson! Abra os olhos e escute!

As pálpebras bateram e se entreabriram.

— Roberts apanhou o canudo do chão, ou não apanhou?

O estertor parou de nôvo. Stuart deu um passo rápido à frente, afastou o médico, agarrou o pulso do moribundo e disse, de maneira rude:

— Vamos agora. Diga-me: Roberts levantou o canudo? Vamos, homem, fale! Sim ou não?

Houve uma pausa de um segundo. Depois, os lábios do soldado se moveram e esboçaram distintamente um "sim".

— Agarrou pela ponta ou pelo meio?

Stuart, todo inclinado para diante, tinha a testa coberta de suor. Os lábios do soldado mexeram-se e êle balbuciou outro monossílabo, que não pudemos entender. A tensão do rosto de Stuart desapareceu de modo estranho. Por um momento êle permaneceu mudo. O ôlho do soldado estava ainda entreaberto, mas só se lhe via o branco. A respiração arquejante havia cessado. Stuart voltou-se para o médico e disse então numa voz sem expressão:

— Não sinto mais o pulso. Acho que deve estar morto.

O médico agarrou o pulso, palpou-o por instantes e acenou com a cabeça:

— Está.

Olhou para Stuart e disse brandamente:

— O capitão sempre conseguiu alguma coisa.

Stuart assentiu. Depois, disse, num tom de voz que soava estranhamente:

— Com licença. Já volto.

E saiu quase a correr. O médico voltou-se para mim:

— Vá cuidar do capitão. Êle passou por uma dura prova. Eu me encarrego disto.

Fui atrás de Stuart. Também eu começava a preocupar-me com o seu estado. Stuart refêz-se depressa, e, dez minutos após havermos saído da enfermaria, parecia haver voltado completamente ao normal. Mas alguma coisa de peculiar se estava passando dentro dêle. Stuart era um dêsses rapazes que pagam muito caro pela sua calma e competência. Quando, essa noite, eu voltei à cidade, compreendi que aquêle negócio vinha produzindo nêle um efeito estranho, como se êle julgasse que tudo era, de certa maneira, culpa sua. E ocorreu-me a idéia de que, se a tarefa não fôsse ultimada bem depressa, as conseqüências para êle seriam desastrosas.

Mas na realidade, durante muito tempo, nada de nôvo aconteceu. E quando, finalmente, Stuart me telefonou para dizer que tinham encontrado duas bombas na praia de Luganporth, eu quase já havia esquecido por completo o assunto.

Foi só depois de ter metido numa mala meia dúzia de coisas para a jornada, que voltei a pensar no caso, e de repente assustei-me. Enquanto eu conversava com Stuart, nem estava refletindo. Até

me aborrecera um pouco a idéia de que êle não quisesse esperar por mim. Quando, porém, não tive mais o que fazer senão esperar até o dia seguinte, as coisas mudaram muito de aspecto! Não fazia outra coisa senão pensar: "Êle vai-se matar, e depois eu terei que enfrentar a tarefa sòzinho!" Podia até ver na imaginação o infernal canudo repousando na areia, pronto a estourar. E quando por fim fui deitar-me, fiquei de olhos fechados, matutando no caso, suando, tremendo, num estado de pânico geral, até conseguir adormecer.

Na manhã seguinte, eu via ainda tudo mal parado, mas de um modo um tanto diferente: em parte porque eu nunca consigo fantasiar as coisas tão vivamente à luz do dia quanto de noite; e também porque eu não tinha mais aquêle pressentimento de fatalidade iminente quanto ao Stuart. Ainda admitia que êle pudesse morrer nessa empreitada, mas já não era com a certeza irremediável da noite anterior.

Já o trem havia vencido uma boa parte da distância, quando me ocorreu que, afinal, Stuart talvez estivesse esperando que eu chegasse, para então começar o trabalho. Não sei por que, essa idéia me precipitou de nôvo no mêdo pânico. Senti-me, francamente, mal, e corri ao lavatório; mas, embora tivesse vomitado abundantemente, não fiquei realmente em nada aliviado. Olhei-me no espelho: tinha aquela mesma cara chupada e sem queixo, que sempre me fêz parecer fraco e tímido. Pensei assim: "Retrato de um herói que se apavora à simples idéia de ser herói."

Ao apear-me na estação de Luganporth, esperava-me um tenente de sapadores que se dirigiu a mim e indagou se eu era "Mr. Rice". Respondi que sim, e êle disse:

— Pearson, ao seu dispor. Tenho ali um carro à sua espera.

— O Capitão Stuart já fêz alguma coisa? — perguntei, assim que o automóvel começou a rodar.

O tenente olhou para mim como se a pergunta o surpreendesse:

— Oh, sim — foi a resposta.

Virou o rosto para outro lado e acrescentou:

— Tarefa ingrata. Supus que o senhor já soubesse. Mas é claro que não podia saber, estando a caminho.

— Êle morreu?

— Teve morte instantânea.

Minha garganta ficou sêca, mas, inexplicàvelmente, senti-me muito calmo.

— Ficou mais alguém ferido?

— Não. Êle estava fazendo o trabalho sòzinho. Ninguém mais estava perto.

— Coitado! Era um ótimo camarada!

— Era, sim. E que homem corajoso!

Metemo-nos por uma estrada estreita e íngreme, que conduzia ao mar. Num aviso postado à beira da estrada lia-se: "Perigoso trafegar de automóvel." Perto de uma enseada avistei dois pequenos bangalôs, com três ou quatro automóveis à porta, o que, não sei como explicar, me surpreendeu. Talvez porque não esperasse encontrar ali uma série de pessoas estranhas. O tenente parou o carro à porta de um dos bangalôs e disse:

— O comandante ordenou-me que o levasse lá dentro imediatamente.

Fui encontrar um tenente-coronel sentado a uma mesa de pernas de tesoura. Levantou-se e apertou-me a mão. Era alto e espadaúdo, teria uns 45 anos, e no seu rosto de pugilista os olhos azuis de bebê eram um contraste. Disse-me:

— Finalmente você veio. Prazer em conhecê-lo. Meu nome é Strang.

Pearson fêz continência, saiu, e nós nos sentamos. Após curto silêncio, eu disse:

— Gostaria de saber exatamente o que se passou. De que maneira Stuart realizou o trabalho.

— Estão agora transcrevendo as notas taquigráficas. Vai poder lê-las daqui a pouco.

— Nesse caso... êle tinha alguém tomando notas? Ou será que êle...

— Tinha um telefone de campanha — atalhou Strang.

Nunca tal me havia ocorrido, e isso por certo me fêz encabular bastante.

— Bem — disse Strang arredando alguns papéis que tinha em frente, e apoiando-se na mesa — depois entraremos nesses detalhes. O que preciso de esclarecer primeiro é qual será a sua posição nisto tudo.

Olhou-me pensativamente com seus olhos azuis de bebê, e disse com vagar:

— Stuart me disse a noite passada que tinha combinado com você que êle faria a primeira tentativa e que, se ela falhasse, você entraria em ação.

— Exatamente.

— Bem, se êle tivesse combinado isso com um dos nossos homens, estaria muito certo. Alguém há de fazer o trabalho! Mas eu fico sem saber qual a minha posição ao tratar com um paisano como você. Se eu o encarregar da missão e, por azar, você fôr vitimado, que é que sua família me virá dizer depois? Ou o seu chefe? Ou só Deus sabe quem mais?

— Eu não tenho família, e a minha repartição está a par de tudo.

— Bem. De modo que você acha que, pela sua parte, está tudo certo?

— Está.

Strang meditou um momento, depois meneou a cabeça e disse:

— Bem, agora tenho que achar a maneira de ressalvar a minha responsabilidade. Não podemos arriscar-nos a ouvir dizer que, assim que apareceu um trabalho perigoso a ser feito, nós recorremos a um civil!

— Não vejo em que isso de ser civil tenha que ver com o caso. Muitas tarefas difíceis são entregues aos civis. E por que não? Afinal de contas, esta é apenas uma operação de remover uma espolêta.

Strang recostou-se na cadeira a pensar, e no fim disse:

— Tem razão. Nesse caso, acho que devo recomendar a aceitação do seu oferecimento.

Sorriu de repente com muita simpatia e acrescentou:

— Com muita gratidão, escusado é dizer.

Senti que corava de leve e murmurei umas vagas palavras. Strang levantou-se e disse:

— Está bem. Talvez você gostasse de ver os apontamentos de Dick e a transcrição taquigráfica.

Comecei pelos cadernos de notas. Segundo parece, tinha havido uma dúzia de casos da bomba misteriosa antes de Stuart haver sido encarregado do assunto. Fôra-lhe confiada essa tarefa um mês antes

de êle entrar em contacto comigo. O departamento de Stuart era conhecido pelas iniciais CSB. Os canudos chamavam-se primeiro "armadilhas", e depois LOU. Chamaram-me especialmente a atenção as passagens acêrca de nosso encontro e das expedições que fizéramos. As referências à minha pessoa eram as mais elogiosas e davam a impressão, a quem as lesse, de que eu fizera muito mais do que realmente fiz.

A última parte estava datada de apenas três dias antes:

"Às 19:00 horas CSB foi informada por telefone de que um oficial da RAF, em gôzo de licença, ao passear na praia cêrca de três quilômetros de Luganporth, encontrara dois objetos que correspondiam às descrições das LOU, transmitidas pelo rádio. Quando cheguei a Luganporth verifiquei que estavam à distância de uns 400 metros entre si, ambas tombadas na areia acima da linha da preamar.

"Despi-me, aproximei-me e fotografei-as. São maiores do que supúnhamos, medindo uns 35 cm de comprimento e uns 6 a 7 cm de diâmetro, com a tampa um pouco mais larga. Ambas enterradas na areia até quase o meio. Parece-me razoável concluir que tenham sido lançadas de grande altura."

As fotografias eram boas e nítidas. Tinham sido tiradas a uma distância inferior a dois metros. Raciocinei que ou Stuart se esquecera do metal da máquina fotográfica, ou então decidira que êsse pouco metal não representava perigo àquela distância.

Voltando a ler o relatório, vi que, efetivamente, êle tinha pensado no metal:

"Tendo fotografado os canudos, deixei a máquina à distância e fui olhar mais de perto a bomba A, sem contudo tocá-la. Enquanto eu a estava examinando, pareceu-me ouvir um tique-taque; com efeito, aproximando o ouvido, pude perceber nìtidamente a batida, sem precisar de recorrer a um estetoscópio. O exame da bomba B revelou igualmente o mesmo tique-taque. Coisa inesperada, pois davam assim a impressão de terem espolêtas de retardamento, quando nós havíamos abandonado já a hipótese de que fôssem bombas-relógio.

"Participei o fato ao Tenente-Coronel Strang que já então aparecera com o grupo CSB, e resolvemos não tocar nas LOU durante 24 horas. Consideramos improvável que elas tivessem espolê-

tas de retardamento superior às 36 horas que teriam, então, decorrido desde o momento em que haviam sido encontradas. Se, decorridas as 24 horas, nenhuma explosão se houvesse produzido, eu devia aproximar-me delas. Se os relógios ainda estivessem trabalhando, eu devia tentar fazê-los parar com o aparelho EM; se tivessem parado, devíamos admitir de duas uma: ou que a espolêta falhara, ou então que estava agora armada e pronta a detonar sob a ação de algum estímulo."

O relatório transformava-se repentinamente em carta dirigida à minha pessoa:

"Caro Rice:

"Caso você queira saber (e espero sinceramente que não o queira!), êste é o modo como vou proceder:

"Atacarei primeiro a bomba A. Maldade minha, visto eu considerá-la em posição um pouco melhor do que a segunda, o que quer dizer que você terá que se haver com esta!

"Abri uma trincheira para abrigo na areia, a uns nove metros de distância, que é o máximo a que atingem minhas varas de sondagem. Metido no abrigo, experimentarei um metal suspenso da vara, para ver se a bomba reage ao eletromagnetismo. Admitindo que não reaja, tentarei então fazer passar uma sombra sôbre ela, em vários pontos, com a vara, para a hipótese do truque ser fotoelétrico. Supondo que também não seja, porei então coisas ligeiramente aquecidas em contacto com a superfície, para me certificar de que ela não explodirá ao toque da mão humana.

"Se tudo ainda então permanecer quieto, sairei de minha toca e avançarei resolutamente para o canudo. Verificarei se tem tiquetaque. Se o relógio estiver funcionando, tomarei meu aparelho EM portátil — que deve estar a 50 metros de distância — e procurarei fazer parar o maquinismo. Confesso que não gosto nada desta parte, mas francamente não vejo outra coisa a fazer. Se os alemães puseram ali o relógio só para assustar a gente, então êles não são cavalheiros! Mas se o relógio tem qualquer função na bomba, temos de fazê-lo parar antes de ir mais longe. O ruim, no que respeita ao EM, é que êle fará provàvelmente parar o relógio; mas, se a coisa tem também uma espolêta de outra espécie, isso pode fazê-la explodir. O que, francamente, não seria nada agradável!

"Seja como fôr, presumindo que o relógio tenha parado por si, ou que eu o tenha feito parar, deverei admitir então que estamos em presença de uma espolêta qualquer do tipo de "movimento" — talvez um vibrador — e que o problema está em achar a maneira de manter quieto o diacho da coisa enquanto eu lido com o canudo.

"Pensei a fundo no caso, e, por mais que procure, não consigo achar nada melhor do que uma grande chave inglêsa, mas mesmo com isso será muito difícil movimentar-me perto da bomba, por causa da areia.

"Se eu conseguir fazer agarrar com firmeza a primeira chave, tentarei então desatarraxar a tampa com outra chave inglêsa. Esta fase é tôda ela questão de palpite, é claro, mas, feito o balanço das probabilidades, tudo indica: (a) que a tampa se desatarraxa (afinal de contas, os alemães tiveram que meter a carga no canudo, e também que instalar de algum modo a espolêta, e eu não vejo por que outro lado êles o poderiam ter feito); (b) que a espolêta está na tampa.

"Acho que é só. Irei fazendo meus comentários pelo telefone, enquanto trabalho, e isso você os lerá depois. Felicidades, meu velho, e obrigadíssimo. Voltaremos a ver-nos na hora do almôço.

Dick Stuart."

Embaixo, lia-se: "Se você *tiver mesmo* de mexer na B, não esqueça de levar um lenço para as mãos, que podem suar demais. E mergulhe a cabeça no abrigo enquanto trabalhar com a vara de sondagem. A sua bomba *pode* ser diferente da minha." Havia outro espaço em branco, e depois a frase final: "Também já escavei um abrigo para você, seu preguiçoso!"

Acabava eu de ler essas palavras, quando Strang entrou e disse:

— Bem, já falei com a Sede do Comando. Não lhes agrada muito a idéia, mas dizem que podemos ir para diante.

Hesitou um momento e prosseguiu:

— Bem, estamos agora, por assim dizer, nas suas mãos. Quer pensar já em um plano, ou prefere acabar a leitura do material?

— Acho que vou acabar de ler isto primeiro. Já não falta muito.

— Muito bem — disse Strang, olhando para o relógio. — São três e meia. Que tal se daqui a uma hora tomarmos uma xícara de chá e você nos expuser em seguida a maneira como quer operar?

Assim que êle saiu, voltei à transcrição das notas taquigráficas. Eram uma estranha mistura do que fôra ouvido pelo telefone e das notas do próprio taquígrafo. A primeira fôlha abria assim: "0645 horas. Ensaiada a linha, estava em ordem. O Capitão S. saiu e vimo-lo entrar no abrigo. 0648. Estou armando a vara de sondagem e colocando uma grande chave inglêsa à guisa de isca no anzol. O Capitão S. cantarola entre dentes. O Sargento Groves assestou o binóculo e diz que o vê ajustando as juntas. 0651. Bem, vamos começar! O Sargento Groves informa que vê o Capitão S. estender a vara e aproximar a chave da bomba. Diz qualquer coisa; não consigo entender. 0653. O peixe não morde esta isca. Vamos agora experimentar outra. 0655. Vamos agora experimentar a sombra. 0656 Nada feito. Vamos a ver com o tubo quente. 0659. Êste trabalho é delicado. Quase que eu ia esbarrando no diacho do canudo. Parece que o calor também não a impressiona. Acho que agora tenho de sair dêste abrigo confortável e atacar a coisa de frente. 0700. O Sargento Groves informa que o Capitão S. saiu da trincheira. 0701. Escute aí, pessoal lá da base: êste fio do telefone é um empecilho danado. O Capitão S. está olhando para baixo. O fio do telefone o embaraça. 0703. O capitão está perto da bomba. Ajoelha-se. O Sargento Groves informa que êle escuta, com a cabeça quase no chão. 0704. Ora viva! A coisa parou. O relógio não está, repito, não está batendo; quer dizer, ou a espolêta falhou, ou está agora pronta para explodir. Onde é que está essa chave? Ah, aqui está ela. Parece que pesa meia tonelada. O Capitão S. torna a ajoelhar-se, diz qualquer coisa que eu não entendo. 0707. Vou tentar agora aplicar a chave para manter firme o canudo. 0708. O Sargento Groves informa que o vê trabalhando com a chave. 0712. Diz uma imprecação! 0715. Assobia. Diz: bem, está posta. Se tem vibrador, é um bastante insensível. Não reagiu a um bruto safanão que lhe dei. Tenho agora a chave apertada de través na extremidade mais delgada, de modo que posso mantê-la firme com a mão esquerda. Não que esta mão esquerda me sirva de muita ajuda. 0717. Vou descansar alguns segundos. Quer um de vocês aí me trazer um cigarro e um fósforo? Não se cheguem a mim enquanto eu estiver perto da bomba. O Capitão S. retira da cabeça o fone e começa a se afastar. O sapador Reece leva-lhe um cigarro. O Capitão S. senta-se no chão, acende o

cigarro e fuma. Reece volta, conta que o Capitão S. diz que tudo corre bem, mas a parte mais difícil vem agora. Reece diz que êle está bem, mas suando muito. 0725. O capitão levanta-se, volta ao seu pôsto e ajoelha-se. Agora seguro o canudo com a mão esquerda. Vou escavar a areia sob a extremidade da tampa, para ver se consigo agarrá-la com a outra chave. 0726. O capitão cantarola. 0729. Acho que está bem assim. Oh, meu Deus, aqui é que eu devia ter três mãos! Preciso das duas para apertar a segunda chave, quer dizer, tenho que largar a primeira. Que maçada! 0731. Vou ter que tirar a primeira chave, e tornar a pô-la, de maneira a prendê-la com o joelho enquanto aplico a outra. 0732. Bem, vamos fazer isso. 0737. Já tenho a primeira colocada outra vez. Acho que isto não pode ser de vibrador, do contrário já teria ido tudo pelos ares. 0739. Agora vou pôr a segunda chave na tampa. 0742. Tudo correu bastante bem. Presumo que a tampa se desatarraxe da direita para a esquerda. Um momento. 0744. Vou tentar agora desatarraxar a tampa com a chave da mão direita, enquanto seguro a bomba com a da mão esquerda. Atenção agora, pessoal! Vou começar! O Capitão S. fala entre dentes. Não entendo o que diz. 0745. Não vai. Ou não é rôsca de parafuso, ou está apertadíssima. Outra tentativa. 0746. Consegui deslocar a tampa um bom pedaço. 0747. Dei-lhe uma volta completa. Agora tenho que tirar a chave, e tornar a pô-la para uma segunda volta. O sargento diz que o Capitão S. muda de posição. 0752. Já dei duas voltas. A tampa está bastante sôlta. Tentarei desatarraxá-la com os dedos. 0754. Consegui tirar a tampa. Ouçam bem. Vou falar devagar. A tampa se desatarraxa para a esquerda; dá umas seis voltas girando sôbre rôsca de latão. O mecanismo de relojoaria está na tampa. O aparelho vibrador, longitudinal, está dentro e no cimo do próprio canudo. Ah, estou percebendo agora. Esperem um minuto. 0756. Sim, é isso mesmo. Duas mangas isoladoras que entram de um lado e outro do vibrador, impedindo-o de atuar. O mecanismo de relógio dá a êsses isoladores um movimento de rotação, e deixa assim o vibrador pronto a estabelecer contacto. É bem engenhoso! 0758. Antes de avançar mais, vou ligar o vibrador à terra, para neutralizá-lo. Fiquem espiando. Ligo primeiro à terra um dos pólos do contacto. 0804. Bom, se a eletricidade que me ensinaram na escola não está tôda errada, isto deve dar certo.

Acho que é melhor sacudir o vibrador só pra ver. Sim, acho que estou certo. 0807. Bem, minha gente, a não ser que haja um homenzinho muito pequenino, metido lá dentro com um fósforo aceso, ou coisa parecida, creio que o assunto está resolvido. Antes de terminar o trabalho, vou examinar mais um pouquinho. Que buraco é êsse? 0809. Não, positivamente não há engano. O que não posso entender é por que razão êles precisavam dum espigão tão comprido para os isoladores... mas pronto. Neste instante, 0810, deu-se a explosão, e o telefone foi destruído. O Sargento Groves conta que, a essa altura, viu pelo binóculo que o Capitão S. estava ajoelhado, de busto erecto, segurando nas mãos uma peça que parecia ser a tampa."

Strang reapareceu daí a instantes e perguntou:

— Quer uma xícara de chá? Lá no meu quarto.

Encaminhamo-nos para o quarto dêle. O chá estava forte demais, mas era do que eu precisava. Strang me disse:

— E então que é que você deduz das notas taquigráficas?

Pensei alguns momentos e respondi:

— Não sei bem. Parece-me bastante claro que sucedeu de duas uma: ou êle não ligou devidamente o vibrador à terra, ou então havia outra espolêta, que êle não viu.

— Já tem um plano formulado do que vai fazer? — indagou Strang.

— Mais ou menos. Vou fazer exatamente o que Stuart fêz, até o momento em que êle tirou a tampa, mas não vou usar a chave de porcas para segurar o canudo. Quero ter ambas as mãos livres.

— Então, que vai usar?

— Grampos, se pudermos obter do tipo que se usa nos laboratórios. Poderei assim arredar a areia em tôda a volta, e alcançar melhor o canudo.

Strang mostrou-se algo duvidoso e disse:

— Creio que não temos por aqui nada de parecido com isso. Talvez se possa arranjar, mas não poderá ser até amanhã de manhã. Convém-lhe assim?

Assenti.

Saí antes do jantar, e fui dar uma volta pela praia. Detive-me um pouco a olhar as gaivotas; tentei concentrar-me na idéia de que agora bem podia ser a última vez que eu contemplava tudo aquilo.

Mas êsse pensamento não me dominou: a última passagem das notas taquigráficas continuava a girar-me na cabeça. Custava crer que um rapaz como Stuart houvesse cometido um engano ao ligar o vibrador à terra. Inacreditável, tratando-se dêle. Seria muito mais natural que alguma coisa lhe tivesse passado despercebida. Quer dizer — *outra espolêta!* Êle tinha falado dum buraco que vira à última hora, e dissera que não compreendia por que é que o espigão era tão comprido. Ora, se os isoladores do vibrador eram retirados pelo mecanismo de relojoaria, como é que o espigão podia ser tão comprido? Se êle era mais comprido do que a distância do relógio ao vibrador, então não podia sair. Mas o fato é que êle tinha saído porque, aparentemente, o vibrador ficara pronto para funcionar.

Eu não podia entender bem o que ocorrera e, passado um momento, decidi sentar-me e olhar as gaivotas.

Na manhã seguinte, acordei com frio e bastante deprimido, mas nem alvoroçado nem com mêdo. Strang já estava tomando o seu desjejum, acompanhado de dois outros oficiais. Habitualmente eu não comia pela manhã; mas pensei que, se nada comesse, êles iriam supor que eu estava nervoso, de forma que comi um pouco de pão e presunto frito.

— Arranjamos alguns grampos — disse Strang. — Talvez sejam grandes e pesados demais, mas sempre são mais firmes do que grampos de laboratório. Não lhe ocorre nada mais de que possa precisar?

— Acho que não. Exceto as coisas que serviram ao Stuart.

— Nesse caso, podemos pôr tudo no carro e ir até lá embaixo?

A distância à praia onde estava a bomba era só de uns três quilômetros e pouco. Saímos, e Strang me disse:

— E então, meu velho, como se sente?

— Oh, muito bem.

— Bem! Não se afobe — retrucou Strang — e pare pra descansar se se sentir fatigado. Temos tempo de sobra.

Calou-se e depois tornou:

— Não sei se com você se dá o mesmo, mas eu, quando tenho que mexer nessas coisas, tenho sempre em mente que elas não explodem senão quando a gente comete um êrro. Assim, sempre se pode parar para descansar e pensar.

O carro começou a rodar. Strang levava o saco das ferramentas. Quando chegamos a uns 100 metros do objeto, já eu podia avistá-lo bem, deitado na areia, com a bandeirola de alarma espetada ao lado. Disse então a Strang:

— Muito bem. Quer passar-me as ferramentas?

Hesitou um momento, e julguei que ia objetar alguma coisa, mas êle disse apenas:

— Está bem.

Depois deu-me uma palmada no braço e acrescentou:

— Seja feliz, rapaz, seja feliz.

E voltou para a base.

Quando me vi sòzinho, apoderou-se de mim um pânico súbito. Enquanto êle estivera comigo, eu tinha apenas um mêdo vago — e não mêdo de alguma coisa em especial. Acho que eu estava mais preocupado com a minha aparência do que com a tarefa. Mas agora que Strang fôra embora e me deixara sòzinho com a bomba ali pousada na areia, senti-me tolhido de pavor. Tomei a resolução de não olhar para ela enquanto não estivesse no abrigo: baixei a cabeça e avancei com muito esfôrço.

O abrigo pouco mais era do que um arranhão na areia, e pouco fundo. Dentro dêle, separava-me da bomba a largura dum quarto, aproximadamente. Olhei para fora, em direção à base: Strang estava de regresso ali, e eu podia avistar o fio telefônico se desenrolando pelo areal em uma linha preta irregular.

Fitei a bomba e disse ao telefone:

— Ela está a uns dez metros de distância. Bastante afundada na areia no extremo da tampa, de modo que só posso ver a metade da tampa que sobressai. O outro extremo mal entrou na areia. Parece ter um calhau embaixo. Acho até que Stuart já disse que tinha. Vou sondá-la com metal, depois com a sombra e por fim com o calor.

Comecei a armar uma das varas de exploração. Parecia um caniço de pesca, com a diferença que os encaixes eram de plástico, em vez de metal. Minhas mãos tremiam tanto, que durante algum tempo não fui capaz de articular as peças. Por fim, consegui armá-la, e prendi uma das chaves de bombeiro no gancho da ponta. Comuniquei ao telefone:

— Vou fazer a prova do metal.

Estendi a vara, procurando mantê-la longe da bomba enquanto não estivesse tôda de fora. Sentia-me já muito melhor, e em todo caso bastante seguro de que tudo aquilo era realmente um desperdício de tempo, de sorte que fiz fácil e ràpidamente os testes de metal e de sombra. Meditei depois um pouco sôbre o ensaio de calor, que me obrigava a tirar do aparelho térmico as almofadas aquecidas, prendê-las à vara e aplicá-las de longe *contra* o canudo, de tal forma que me arriscava a dar-lhe um empurrão. Pensei por instantes em anunciar pelo telefone, simplesmente, que ia suprimir essa operação, mas lembrei-me de que Strang podia ficar aborrecido, e resolvi fingir pelo menos que estava realizando o teste. Nem mesmo de binóculos êles podiam ver se eu encostava realmente a almofada à bomba, ou não. Suspendi a almofada na vara, fi-la passar longitudinalmente a boa distância da bomba, e anunciei:

— Reação nula.

Foi só depois de ter recolhido e desmontado a vara, que me ocorreu que tinha perdido uma boa oportunidade. Até ali, tinha-me empenhado em não mexer no canudo com a vara, para que êle não explodisse; mas, se êle houvesse explodido enquanto eu estava no abrigo, eu teria ficado ileso, livre do perigo... Todos teriam pensado que fôra um mero acidente. Era um sentimento, êsse, muito estranho! Mas não podia nem pensar em armar novamente a vara e fazer explodir intencionalmente a bomba! Pensei, em todo caso, que se me tivesse lembrado disso antes, e tivesse *semiprovocado* o acidente, ter-me-ia saído muito bem da missão. Lembro-me de que fiquei zangado comigo mesmo por não haver pensado nisso mais cedo, e ao mesmo tempo bastante contente de não o ter feito...

Nada me restava fazer, agora, senão a última operação: sair do abrigo e ir pegar o canudo a unha. Deixei a trincheira e consegui pôr-me em pé, junto dela, sem maior dificuldade. Repeti comigo o que Strang dissera: que as coisas só explodem quando a gente comete algum êrro, e isso me reconfortou muito. Comecei por verificar que não havia tique-taque; depois agarrei os grampos e as chaves de porcas que tinha no cêsto.

Meu propósito era conseguir firmar a bomba com as garras dos grampos, e depois afastar a areia em tôrno dela, de modo a deixá-la

bem acima do nível do chão e acessível por todos os lados. Calculei que, havendo uma segunda espolêta, ela teria escapado a Stuart, devido a lhe ser impossível ver a parte inferior da bomba, oculta na areia. Disse isso mesmo ao telefone, fiquei de joelhos, e virei-me para agarrar os grampos. Ao fazê-lo dei um leve puxão ao fio telefônico, que se prendeu e esticou um pouco e, durante uma fração pavorosa de segundo, pensei que êle se tinha embaraçado na extremidade da bomba, arrastando-a de esticão. É claro que não tinha. Estava apenas retido por uma das chaves inglêsas. Mesmo assim, fiquei frio. Tirei o telefone do ouvido, coloquei-o atrás de mim, e iniciei meus esforços para colocar o primeiro grampo.

Talvez fôsse falta de imaginação, mas nem depois de ter lido as notas do Stuart eu concebera quão delicada e perigosa ia ser essa operação. O maior obstáculo era a areia, sêca e sôlta, que, embora estivesse sempre agarrada à gente, nunca nos dava um apoio firme. As garras dos grampos partiam de alavancas curtas e grossas, de sorte que eu me via forçado a pôr a base delas pràticamente de encontro à bomba para conseguir pegá-la com as prêsas. A base não parecia ser muito firme, mas tão depressa eu fiz pressão nela para baixo, para a firmar devidamente na areia, esta desatou a deslizar e largar-se da bomba, e eu pensei que o negócio se ia desequilibrar e rolar no chão! Daí a pouco estava suando em bicas, e o suor escorria-me para os olhos.

Quando consegui enfim tirar suficiente areia para apertar as garras do grampo, sentei-me no chão e limpei os olhos com o lenço. Queria ter certeza de ver se elas estavam ou não bem centradas. Deitando-me na areia e espiando ao longo do canudo, pude ver que o grampo devia ficar cêrca de um centímetro mais além. Fi-lo mover-se de leve, esquecendo que a base do grampo estava já encostada à bomba. Como não se movesse fàcilmente, forcei-a um pouco; a base, é claro, empurrou a bomba, e eu a vi deslocar-se um bom pedaço na areia. Pulei para longe como um idiota, mas nada aconteceu. Ela se deslocara sòmente uns milímetros, mas foi o bastante para me deixar doente de mêdo.

Tentei continuar, mas as mãos tremiam-me demasiado, de sorte que tornei a sentar-me e repousei um momento. Devia estar fazendo um papel idiota porque mesmo um detonador de vibrador exige

mais do que aquêle leve empurrão para causar a explosão. Enquanto descansava lembrei-me do telefone, abandonado; agarrei-o e disse:

— Já consegui assentar as garras do primeiro grampo, e vou agora apertá-las. Dei agora mesmo uma boa pancada na bomba, com a base do grampo, e a fiz mexer-se um pouco, mas nada aconteceu.

Comecei a apertar as garras, sempre alerta para me certificar de que ambas prenderiam o cilindro ao mesmo tempo.

Preocupava-me agora o tremor que se apoderara de mim. Não eram só as mãos que tremiam: um dos grandes músculos da coxa começara a fazer acrobacias por conta própria, e doíam-me as costas. Informei pelo telefone que já tinha um grampo instalado, e que ia descansar um pouco; sentei-me durante um ou dois minutos.

O segundo grampo foi muito mais fácil de aplicar. Essa extremidade da bomba estava menos enterrada na areia, e em todo caso eu podia trabalhar mais à vontade, agora que o outro extremo estava firme. Logo que ficaram ambos seguros, cavei a areia, para que a bomba ficasse completamente desembaraçada, retida nas prêsas dos grampos.

Mas, como um tolo, em vez de repousar, atirei-me logo à tampa num esfôrço para arrancá-la. Os grampos agüentavam firme, mas as garras estavam apenas apertadas com um parafuso de borboleta, e eu achei melhor não correr o risco de que elas afrouxassem enquanto eu destorcia a tampa com uma chave inglêsa; de outra forma, podiam ceder, e todo aquêle negócio daria uma viravolta. Eu teria ainda que aplicar duas chaves inglêsas, como o Stuart fizera — uma para agarrar o corpo da bomba, de modo que êle não girasse, e outra para desatarraxar a tampa.

Graças aos grampos, era-me mais fácil aplicar as chaves do que o fôra para Stuart, mas percebi logo que não podia desatarraxar a tampa. Empreguei tôda a minha fôrça mas ela nem se moveu. Pensei que talvez fôsse uma rôsca inversa, e tentei para o outro lado: nada. Por fim, prendi o cabo da outra chave com o joelho, tal como o Stuart, e apliquei ambas as mãos à chave: nem assim consegui deslocá-la.

O insucesso me abalou até o âmago. Acho que nunca me ocorrera que aquilo poderia ser tão difícil. Compreendi de relance que, se não conseguisse tirar aquela tampa, iria tudo por água abaixo, e

todos os meus esforços teriam sido baldados. Tornei a tentar com todo o empenho. Devo ter abalado a bomba um bocado, embora os grampos a agüentassem bem. Meu corpo estava alagado de suor, e eu arquejava ruidosamente. Fui obrigado a parar nesse momento e, quando olhei para cima, a cabeça andava-me à roda e tudo me pareceu dum verde estranho. Baixei a cabeça, fechei os olhos, e pensei: "Não vou ser capaz de desatarraxar isto." Perdi tôda a fôrça dos braços!

Quando reabri os olhos, as coisas haviam retomado a sua côr habitual. Agarrei de nôvo a chave e dei-lhe um puxão tremendo. É provável que a tampa já tivesse afrouxado, porque dessa vez cedeu logo. Tirei-a e sentei-me com ela na mão. Durante um ou dois minutos estive cansado demais para poder olhá-la. Conservei os olhos fechados, e esperei que a respiração me voltasse. Passado um pedaço melhorei um pouco, e comecei a examinar a tampa. Era tal qual Stuart a descrevera: o mecanismo de relojoaria estava na cabeça. Dela saía um espigão que terminava em forquilha, esta com dois pedacinhos chatos de material, um em cada ponta, que pareciam isoladores. Na parte superior do corpo da bomba, entre dois pólos elétricos, havia uma simples língua de latão, o vibrador. A oscilação dêste, necessária ao contacto com os pólos para que se desse a explosão, era de cêrca de ¼ de polegada para cada lado.

Pensei assim: "A primeira coisa a fazer é ligar à terra os dois pólos, e eu não posso fazê-lo porque minhas mãos tremem demais."

Sabia eu que já não estava raciocinando muito direito, e parei, sentei-me, e tentei proceder devagar. Comuniquei pelo telefone aonde já chegara, e que ia agora descansar. Meus olhos ardiam infernalmente, e eu os fechei, tentando controlar o meu poder de raciocínio.

Passado pouco, acudiu-me gradualmente a idéia de que ligar os pólos à terra não era realmente coisa muito difícil, porque era aos pólos que eu tinha de amarrar os fios, e não à lâmina do vibrador; e êles eram bastante sólidos.

Sentia-me já melhor e comecei a tentar colocar os fios. Foi, realmente, muito fácil. Essa operação, completada, me deu alma nova! Acho que foi então que comecei a sentir-me como se, afinal, fôsse capaz de vencer a bomba...

Era ali que algum engano dera cabo do Stuart. Certifiquei-me bem de que a ligação à terra estava perfeita, prevendo o caso de ter sido isso o que lhe tivesse escapado. Depois rastejei até o lado oposto da bomba, e comecei a procurar sinais de outra espolêta.

Enxerguei logo duas coisas: o orifício de que Stuart tinha falado entrava pela bomba adentro; e, como êle dissera, o espigão que partia do relógio parecia demasiado comprido. Tinha uns 10 cm de comprimento. Ora, a distância entre o vibrador, na parte superior do canudo, e o relógio, era com certeza pequena, quando a tampa estava atarraxada. Imaginei que se houvesse outro espigão mais curto, para o vibrador do tôpo do canudo, eu devia calcular que o mais longo enfiava pelo orifício adentro, para alcançar outra espolêta no interior dêle. E de repente eu vi! Virei a tampa e olhei para dentro. Lá estava! Claro, o espigão mais curto estava recolhido no próprio mecanismo de relógio, de tal sorte que nada dêle ficava visível de fora! Eu só podia ver as extremidades dos respectivos isoladores.

Cheguei ao telefone e disse:

— Acho que dei com a coisa. O espigão comprido que Stuart encontrou pertence a uma segunda espolêta dentro do canudo. O espigão do vibrador que êle viu está escondido no próprio relógio, e êle não deu por isso. A julgar pelo comprimento do espigão, a segunda espolêta fica situada a boa distância, dentro do corpo da bomba. Vou procurar agora alguma entrada no canudo. Se não houver, é porque a espolêta se introduz antes da carga, e esta pode ser extraída.

Voltei à bomba para espiar melhor. Pelo que eu podia ver, o corpo era um cilindro de plástico liso, sem sinais de qualquer abertura. Estava eu quase a decidir que seria preciso atacá-lo pela abertura superior, quando notei que a superfície parecia estar um pouco lascada do lado de baixo, onde a bomba embatera num calhau. Vi, então, que não era o plástico que se tinha lascado, mas um verniz exterior. Êste verniz era prêto, como o plástico, e enquanto não lascasse não era possível dar pela sua presença. Agarrei uma faca e comecei a raspá-lo. Tão depressa removi um pouco dêle, pude notar uma junção no cilindro, onde se atarraxavam as duas partes que o compunham.

Foi então que a parte perigosa de tôda a operação se esclareceu para mim: estando o segundo vibrador no corpo do cilindro, seria possível desatarraxar sem perigo a tampa inferior; mas se êle estivesse *na tampa,* então o ato de começar a desatarraxá-la faria ir tudo pelos ares! Tinha eu que decidir, agora, se devia manter o corpo da bomba quieto e desatarraxar a segunda tampa, ou deixar esta tranqüila e fazer girar antes o corpo, para separá-los.

Enquanto pensava como resolver êsse difícil enigma, devo ter ficado bastante esquisito, pois a dada altura dei comigo gemendo de modo estranho. Acho que era o desapontamento de verificar que ainda não estava fora de perigo. Acabrunhava-me o sentimento tolo de que não era justo que eu tivesse de atacar êsse problema, depois de solucionar o da outra abertura.

Fiquei sentado algum tempo, olhando a coisa sem esperança e sem fazer nada. Sabia bem o que pensava: que o segundo vibrador estava no corpo da bomba e que era a segunda tampa que eu devia desaparafusar, mas durante muito tempo não fui capaz de perceber de onde é que me vinha essa idéia. Só depois de haver agarrado novamente a tampa superior percebi que o comprimento do espigão é que me sugerira essa idéia. Coloquei então a tampa ao lado do cilindro, e comparei os respectivos comprimentos. O espigão da espolêta superior tinha-se recolhido cêrca de quatro centímetros; admitindo que o espigão mais comprido se recolhera outro tanto, teria começado por ter sòmente uns 17 ou 18 cm, o que significa que dificilmente êle poderia ter chegado até a tampa inferior, no outro extremo. Fui ao telefone e expliquei minha teoria. Depois, tornei a aplicar as chaves inglêsas. Lembro-me de ter pensado: "Se eu tenho razão quanto ao espigão, o problema está resolvido. Se errei, estou morto!" E recomecei meus esforços para tirar a segunda tampa.

Estava tão perra quanto a primeira, e eu me senti aniquilado. Era o fato de que êsse esfôrço recaía exatamente nos mesmos lugares do anterior. Não creio que estivesse realmente assim tão perra. Se eu estivesse descansado, aposto que um puxão valente a teria feito ceder logo. Mas os meus músculos da mão e do braço estavam esgotados, e, em vez de fazer um grande esfôrço, eu me vi obrigado a executar uma série de pequenos movimentos que de nada adiantaram e, ao contrário, tiraram os derradeiros vestígios de energia que me

restavam. Após as primeiras tentativas, percebi que nunca seria capaz de fazer girar a maldita tampa. Se eu tivesse uma pontinha de senso, devia ter parado e repousado, ou matutado numa melhor forma de fazê-lo; mas tal não me ocorreu. Assim, continuei a trabalhar com a chave, sem a menor esperança de que fôsse possível mover a tampa.

Não sei quanto tempo estive nisso, nem como é que não fiz rebentar a bomba com algum movimento violento. Lembro-me de me ouvir soluçar a cada puxão que dava, e que fiquei de olhos fechados porque o suor os fazia arder muito. Até que, por fim, minha mão se paralisou de todo, escorregou da chave, e meu tronco caiu um pouco para trás, na areia. Ainda fiz um esfôrço desalentado para me levantar, e depois fiquei ali estendido, arquejando e soluçando, de olhos fechados. Nisto, ouvi a voz de alguém dizer qualquer coisa; abri os olhos e, como através de uma névoa, entrevi um vulto a uns três metros de mim. Pisquei os olhos para ver melhor — era Strang: de *shorts* e nu da cintura para cima. Visto assim, de baixo, dava a impressão de um gigante. Gritei para êle:

— Afaste-se, pelo amor de Deus, que isto ainda não acabou. Não posso desatarraxá-la.

Senti-me sufocar e recomecei a soluçar. Strang disse:

— Com jeito vai, meu velho. Qual é a dificuldade?

— A tampa. Tem outra espolêta. Está emperrada.

Êle relanceou a vista à chave e disse:

— Bem, está certo. Deixe-me tentar. Você quer desatarraxar isso?

Assenti, quase de modo automático:

— Tem que agarrar firme com a chave da direita, enquanto desaparafusa a tampa com a outra. Tenha cautela. Se não a mantiver firme, pode rebentar.

Strang fêz-me sinal afirmativo e ajoelhou-se em frente à bomba. Depois virou-se para mim e ajuntou:

— Olhe aqui, seria melhor se você fôsse para o abrigo. Você já fêz a sua parte.

— Não — respondi. — Por que diabo é que eu hei de ir?

Strang hesitou, depois disse:

— Bem, então vou começar.

Agarrou as chaves e eu vi seus músculos possantes incharem de re-

pente. Soltou uma espécie de grunhido, e a coisa girou. Depois de tirar a tampa, disse:

— E agora, cavalheiro, você me diz o que fazer. O trabalho é seu.

— Saia daí. Agora eu posso terminar.

Êle afastou-se. Olhei a bomba pela abertura inferior. Era exatamente o que eu pensara, exceto que o segundo vibrador estava montado transversalmente. Pedi um fio. Strang me deu um pedaço, e eu comecei a tentar ligá-lo aos pólos. Strang perguntou:

— Acha que consegue, ou quer ajuda?

— Pode deixar — respondi.

Consegui por fim ligá-los. Feito isso, sentei-me e fiquei a olhar para aquilo. Novamente Strang perguntou:

— E agora, que mais?

— Chame o seu pessoal e tire a carga pra fora.

— E... é só isso?

— É só — respondi.

Um Cadáver em Missão de Guerra

Ewen E. S. Montagu

Ex-Oficial do Serviço de Informações da Marinha Britânica

No cemitério da cidadezinha espanhola de Huelva, 200 quilômetros ao norte de Gibraltar, na costa do Atlântico, está enterrado um súdito britânico. Êsse homem morreu de pneumonia na umidade brumosa da Inglaterra no outono de 1942, sem suspeitar que descansaria para sempre sob o ensolarado céu de Espanha. Em vida, êle nada fizera de especial pela pátria; mas depois de morto prestou um serviço que, provàvelmente, salvou milhares de vidas aliadas.

O caso principia nos últimos meses de 1942, quando a campanha da África do Norte ia se aproximando da vitória. Planejava-se o ataque seguinte que seria na Sicília. Os alemães, por certo, esperavam que isso acontecesse. Como convencê-los do contrário, induzindo-os a espalhar suas fôrças?

Um elemento do nosso grupo de segurança teve uma idéia. Os alemães sabiam que oficiais nossos circundavam contìnuamente a costa espanhola em avião, rumo à África do Norte. Por que não depor no mar, na altura da Espanha, um cadáver munido de documentos falsos, como se tivesse caído de um avião sinistrado? Se o cadáver desse à praia, era bem provável que os papéis caíssem nas mãos de agentes da espionagem alemã.

Surgiu aqui uma questão de ordem prática. Um morto não respira; se o corpo é pôsto no mar, os pulmões permanecem vazios,

e assim seria possível à autópsia determinar que o óbito ocorrera antes de o corpo entrar na água. E a espionagem alemã desconfiaria.

Silenciosamente, iniciamos diligências junto aos círculos médicos militares no sentido de conseguirmos um cadáver cuja *causa mortis* pudesse confundir-se com afogamento. Por fim, tivemos informação de que um homem acabava de morrer de pneumonia, forma de morte em que há líquido nos pulmões.

Alguns dos parentes do morto estavam vivos. Sem revelar pormenores obtivemos o consentimento dêles, ficando combinado que a identidade do cadáver jamais seria dada a conhecer. Basta-me dizer que o morto, homem de seus trinta e poucos anos de idade, passou a ser dali por diante o "Major William Martin, dos Fuzileiros Reais". Seu cadáver foi colocado num frigorífico enquanto elaborávamos o nosso plano.

Desde o início, ficou decidido que o documento da cilada devia provir de bem alto. Simples indiscrição de coronel não serviria. Consegui que o General Sir Archibald Nye, Subchefe do Estado-Maior Imperial, escrevesse uma carta ao General Alexander, então no comando do 18.º Grupo de Exércitos na África. Tratava-se de uma explicação "entre amigos" dos motivos pelos quais Alexander não estava recebendo dos chefes do Estado-Maior tudo o que queria. Por inferência, chegava-se à conclusão de que o objetivo que estávamos projetando atacar no Mediterrâneo ocidental *não* era a Sicília.

Tivemos o cuidado de mencionar dois pontos falsos como nossos possíveis objetivos — um na Grécia e o outro, não identificado claramente na carta, no Mediterrâneo ocidental. A carta deixava transparecer, também, que nós *queríamos* que os alemães pensassem que o desembarque se daria na Sicília, mas que estávamos usando essa ilha para cobertura do nosso verdadeiro objetivo. Assim, se os alemães engolissem a pílula, qualquer informação que lhes chegasse ao conhecimento a respeito da Sicília seria considerada como parte do nosso ardil.

Além disso, resolvemos confiar ao Major Martin um comunicado de Lorde Louis Mountbatten ao Almirante da Esquadra, Sir Andrew Cunningham, comandante-em-chefe no Mediterrâneo. Êsse comunicado explicava a missão do Major Martin e concluía:

"Creio que Martin é o homem que lhe serve. Queira mandá-lo de volta logo que termine o assalto. E não se esqueça de dar-lhe umas sardinhas. Elas estão racionadas aqui."

Eu achei que essa facécia a respeito de sardinhas seria do agrado dos alemães e serviria para indicar a Sardenha como objetivo do nosso assalto.

Uma dificuldade era a carteira de identidade do Major Martin, com a respectiva fotografia. De tôdas as fotos que tiramos do cadáver, nenhuma dava a impressão de pessoa viva. Mas um dia, numa reunião, correndo os olhos pelas pessoas presentes, descobri à minha frente um sósia do Major Martin. Conseguimos que êle posasse para uma fotografia.

Faltava dar personalidade ao cadáver. Resolvemos que Martin seria homem de inteligência viva e perito em lanchas de desembarque — daí o motivo de sua ida à África do Norte. Mas era, também, um pouco estróina: no seu bôlso foi posta uma carta da matriz do Lloyds Bank, datada de 14 de abril de 1943, convidando-o a saldar um débito de quase 80 libras de saques a descoberto.

Todo oficial môço tem alguma ligação amorosa — e o Major Martin conhecera havia pouco uma encantadora jovem chamada Pam. Na carteira êle guardava uma fotografia e duas cartas dela. Essas cartas foram dobradas repetidas vêzes para dar a impressão de que tinham sido lidas e relidas. Provàvelmente, êsse namôro era a causa do seu débito no banco, pois que lá estava no seu bôlso uma nota de 53 libras proveniente da compra de um anel de noivado.

Naturalmente, o major levava também a miscelânea do costume — chapas de identificação, relógio de pulso, cigarros, bilhetes antigos de ônibus, pedacinhos de papel, chaves. Resolvemos que êle teria levado a noiva ao teatro na sua última noite passada na Inglaterra, e, antes de ser êle embarcado num submarino no dia 19, metemos-lhe no bôlso as metades de dois ingressos para uma peça levada a 22 de abril.

Estava assim preparada a cilada em todos os seus detalhes.

Decidimos depor o cadáver à vista de Huelva, pequeno pôrto do sudoeste espanhol, perto da fronteira portuguêsa. O normal seria que os espanhóis entregassem o corpo ao vice-cônsul inglês para o sepultamento; calculávamos, porém, que o agente alemão local obteria cópias dos papéis — e foi o que aconteceu.

Por sorte, o submarino *Seraph,* sob o comando do Tenente Jewell, estava de partida para Malta mais ou menos na data desejada. Jewell lograra levar clandestinamente o Gen. Mark Clark à África do Norte e trazê-lo de lá em 1942, antes do desembarque dos aliados, e conseguira, também, recolher o Gen. Giraud quando êste fugira da França.

Verifiquei qual seria o tempo ao largo de Huelva. Ainda aqui a sorte nos bafejou. O vento predominante ia soprar "para a terra".

Procuramos então a aprovação final do Primeiro-Ministro Churchill. Tivemos de preveni-lo de que, se os alemães descobrissem o nosso ardil, a Sicília seria marcada como objetivo dos aliados. Churchill deu sua aprovação e ordenou se informasse o Gen. Eisenhower, então no comando supremo da invasão da Sicília.

O *Seraph* zarpou às 18 horas de 19 de abril de 1943. Ia a bordo o Major William Martin, num caixão metálico de dois metros, coberto de gêlo sêco.

Durante dez dias o submarino só vinha à superfície à noite. A 30 de abril êle estava a uma milha de Huelva, sem ser descoberto e no horário fixado. Na hora marcada, 4 e 30 da manhã, o caixão foi içado e o Major Martin retirado para fora. Jewell encheu o colête salva-vida do major e quatro jovens oficiais descobriram-se e baixaram a cabeça enquanto o comandante murmurava as preces do sepultamento. Depois, com um leve empurrão, o Major Martin entrou em ação...

A um quilômetro dali Jewell lançou à água um bote de borracha de um dos nossos aviões, com um único remo de alumínio para simular pressa.

Na manhã de 30 de abril de 1943, um pescador espanhol avistou o corpo perto da praia. O cadáver foi recolhido pelas autoridades; procedeu-se à autópsia, que constatou "asfixia por imersão no mar". O vice-cônsul inglês foi devidamente informado e no dia 2 de maio o Major Martin foi enterrado com tôdas as honras militares.

Até aqui tudo correra bem. Entregaram-nos o cadáver — *mas nada nos disseram sôbre os documentos!*

A 4 de maio expedimos um sinal "urgente e muito secreto" declarando que soubéramos que o Major William Martin levava entre seus papéis alguns documentos "secretos e de suma importância".

Devia ser solicitada oficialmente ao Govêrno espanhol neutro a entrega de todos os documentos do morto.

Entrementes, o agente alemão em Huelva não nos decepcionou. Soubera êle da existência dos envelopes e da categoria dos destinatários, e pelo que mais tarde sucedeu quase não se pode pôr em dúvida que êle avisou seus superiores. Sòmente a 13 de maio o Chefe do Estado-Maior Naval espanhol fêz entrega dos documentos ao nosso adido, informando-o de que "tudo se achava ali em perfeita ordem".

Pedimos então que fôsse colocada uma laje sôbre a sepultura. Lá está ela ainda. (Pam enviou uma coroa.) Finalmente, mandamos inserir o nome do Major Martin na lista das baixas publicadas no *Times* a 4 de junho de 1943.

O êxito do desembarque na Sicília em julho foi uma boa prova de que o nosso ardil surtira efeito; mas a prova positiva foi encontrada mais tarde em documentos apreendidos ao inimigo.

Um dia, depois de já terminada a guerra, o oficial inglês encarregado do exame dos arquivos navais alemães apreendidos comunicou-se, horrorizado, com o Vice-Diretor do Serviço de Informações da Marinha. Um alto oficial do exército, disse êle, tinha enviado algumas cartas de caráter secreto, aparentemente por via irregular, e essas cartas haviam caído em mãos dos alemães.

Tratava-se, nem mais nem menos, dos documentos levados pelo Major Martin. Entre os arquivos alemães, estavam cópias fotográficas das cartas, com tradução e notas do Serviço de Informações. Havia um dossiê especialmente preparado para o Almirante Karl Dönitz. Quatorze dias depois de o corpo ter sido achado nas costas da Espanha, o diário de guerra do Estado-Maior Naval germânico consignava ter o Estado-Maior do Exército concluído definitivamente pela legitimidade dos documentos, e que o assalto principal aliado não seria na Sicília mas na Sardenha, com um desembarque subsidiário na Grécia.

O Alto Comando transferiu tôda uma divisão blindada da França para o Peloponeso, na Grécia, a fim de guarnecer as comunicações entre as duas praias — o Cabo Araxos e Kalamata — mencionadas nos documentos do Major Martin. Foi uma operação de grande vulto, que durante algum tempo manteve aquela divisão afastada

da guerra. Ordenou ainda o Alto Comando a colocação de minas ao largo da Grécia, a instalação de baterias de costa e o preparo de bases de lanchas-torpedeiras, de estações de comando e serviços de patrulhamento marítimo. Em junho foi enviado da Sicília para a Grécia todo um grupo de lanchas-torpedeiras.

No Oeste, o Marechal-de-Campo Wilhelm Keitel em pessoa assinou uma ordem do Comando Supremo das Fôrças Armadas determinando o "refôrço da Sardenha". Uma grande fôrça blindada foi deslocada para a Córsega e reforçadas as defesas na costa setentrional da Sicília (onde não desembarcamos) contra um "possível ataque de despistamento durante o assalto à Sardenha".

Mesmo depois de iniciada a invasão da Sicília, o Alto Comando recomendava vigilância especial no Estreito de Gibraltar, contra comboios para a Córsega e a Sardenha. Em outros documentos deplorava-se que o envio de lanchas-torpedeiras à Grécia tinha aberto uma brecha fatal nas defesas da Sicília.

O êxito da "missão" do Major Martin pode ser avaliado pelas palavras do Marechal-de-Campo Erwin Rommel, cujos documentos pessoais revelam que, quando os aliados invadiram a Sicília, as defesas alemãs achavam-se dispersas "em conseqüência do encontro do cadáver de um mensageiro diplomático nas costas da Espanha".

Hitler também deve ter visto os documentos, porque o Almirante Dönitz deixou escrito no seu diário: "O Führer não concorda... em que o ponto mais provável de invasão seja a Sicília. Êle acha que a ordem anglo-saxônica confirma que o ataque será dirigido principalmente contra a Sardenha e o Peloponeso."

Visita Clandestina

Willis George

CERTA NOITE, pouco tempo depois do ataque a Pearl Harbor, estava eu fazendo o meu quarto de vigilância como membro do Serviço Secreto da Marinha junto do Terceiro Distrito Naval em Nova York, quando, por volta das 11, o crepitar dum teletipo interrompeu sùbitamente o silêncio dos nossos escritórios. Corri ao aparelho e recolhi a mensagem: era de Washington, dos meus superiores, e vinha lançar-me no que, com tôda a propriedade, se pode descrever como uma carreira de arrombador oficial.

Dizia-se nessa mensagem que constava terem os adidos de certa embaixada estrangeira em Washington queimado no dia anterior todos os papéis da sua chancelaria. Poderíamos averiguar se os funcionários do consulado do mesmo país, em Nova York, haviam feito o mesmo?

Fui pedir ao oficial sob cujo comando me encontrava que me autorizasse a penetrar no tal consulado para averiguações. Ao contrário de muitos outros oficiais, êste meu chefe estava sempre disposto a correr riscos extremos, e até a pôr em jôgo a sua própria carreira, para cumprir as missões que êle sabia serem imperativas.

— Está bem — disse êle. — Mas não esqueça que os consulados são território estrangeiro. Se você fôr pegado em flagrante, o incidente terá as conseqüências mais embaraçosas para o Departamento da Marinha!

Isso eu bem compreendia, de modo que tentei elaborar um plano de ação à prova de erros. Comecei avistando-me com o administrador do edifício onde estava o consulado e exibindo-lhe minhas credenciais. Fiquei sabendo que o homem era um veterano da marinha, e, como tal, prontificou-se imediatamente a dar-me ajuda.

Condensado do livro "Surreptitious Entry". Copyright, 1946, de Willis George. Editôra: D. Appleton-Century Co., Nova York, N. Y., E. U. A.

— Não há ninguém de guarda durante a noite, além do ascensorista do elevador privativo do consulado — explicou êle.

Pedi-lhe emprestado um macacão dos que usam os encarregados da limpeza e, assim disfarçado de empregado do edifício, subi em outro elevador até dois andares acima do tal consulado. Lá chegando, desci pela escada de serviço até o andar do consulado, cuja porta abri com a chave mestra do administrador. Uma vez dentro do consulado, chegou-me logo ao nariz o cheiro de papel queimado. Examinando as cestas de papéis, verifiquei que se tinha procedido a uma destruição em regra da papelada. Mas outras coisas havia ali que atraíram minha atenção: alguns cofres, uma caixa-forte embutida na parede, e muitos arquivos de aço, tudo devidamente fechado a sete chaves. Minha convicção era que ainda havia por ali muitos papéis intatos do mais alto interêsse...

Resolvi logo que, com licença superior ou sem ela, havia de voltar àquele escritório com quantas pessoas e ferramentas me fôssem necessárias para destrancar e esmiuçar aquêles cofres e arquivos, sem deixar rasto da nossa visita. Mais uma vez o meu oficial superior me deu carta branca, muito embora desta feita êle estivesse agindo sem instruções de Washington. E êle bem sabia, tanto ou melhor do que eu, que uma coisa é meter o nariz em cestas de papéis velhos, e outra, muito diferente, violar o segrêdo de um cofre.

— A única condição que eu lhe imponho — disse — é que você execute o seu trabalhinho de tal forma, que ninguém possa suspeitar que andou vasculhando êsses cofres.

Era uma exigência medonha para quem em matéria de abrir cofres não passava de um pobre amador inexperiente! Mas logo na manhã seguinte comecei reunindo uma brigada que, segundo eu esperava, seria capaz de levar a cabo a façanha: um serralheiro, um perito em cofres, um poliglota para nos dizer logo quais os documentos dignos de serem fotografados, e um fotógrafo de primeira ordem para microfilmar os ditos papéis. A British Security (Segurança Inglêsa) emprestou-nos uma solteirona angulosa, de uns 50 anos, de modos tímidos e silenciosos, que, com a ajuda de duas braçadas de panelas, frigideiras e chaleiras, era capaz de abrir qualquer embrulho lacrado, de modo a desafiar a mais minuciosa inspeção, ainda quando pratiçada com o auxílio de raios ultravioleta. Junte-se a isso

uma brigada de investigadores, cuja missão era guardar o edifício e avisar-nos da aproximação de algum funcionário do consulado.

Quando minha tropa, reunida às pressas, consumou finalmente a sua primeira visita clandestina, todos nos comportamos como autênticos amadores: andamos num constante corrupio pelas salas do Consulado, agrupamo-nos curiosamente de sala em sala para ver como é que se abria uma fechadura sem a arrombar, e quando se abriu o primeiro cofre, todos os presentes quiseram meter o nariz ao mesmo tempo! Fomos sem a menor dúvida descuidados na maneira de apagar os sinais da busca, mas em todo caso nada descobriram, e nossas visitas continuaram por muitas noites seguidas. Durante uma dessas incursões, a nossa máquina fotográfica caiu ao chão com um estrondo capaz de acordar os mortos do seu sono. Nada sucedeu, mas o fato é que o ascensorista do Consulado deve ter participado o incidente. Com efeito, em uma das noites subseqüentes, uma espécie de sexto sentido me advertiu de que alguma coisa de anormal se passava, e, antes de mandar subir os meus auxiliares, fui lá em cima sòzinho ver o que havia. Enverguei o macacão de trabalho e, acompanhado pelo chefe do pessoal da limpeza, entrei no Consulado. Dito e feito: assim que abrimos a porta, a luz acendeu-se e surgiram à minha frente o cônsul e um guarda armado, ambos de pistola em punho! Os nossos uniformes de limpadores salvaram a situação, e o cônsul desculpou-se, dizendo que pensava fôssemos gatunos.

O incidente veio complicar a nossa missão. A partir dessa noite, exercendo vigilância da janela de um edifício vizinho, observei que o guarda chegava tôdas as tardes, por volta das cinco, e ficava tôda a noite metido no Consulado. Ora, enquanto êle permanecesse ali, as nossas visitas se tornavam impossíveis. Não havia remédio senão desembaraçar-me dêle, e assim resolvi. Uma noite, subi às furtadelas até ao segundo andar e, com grande ruído, espatifei uma cadeira junto do poço do ascensor. Depois retirei-me apressadamente para os porões do edifício, levando comigo a cadeira partida. Meia hora depois chegava em um táxi o cônsul que o guarda chamara urgentemente pelo telefone. Do nosso pôsto de observação no prédio vizinho, vimo-lo percorrer, em grande excitação, as salas do Consulado em busca de vestígios de assalto. Passadas algumas noites, repeti o

incidente da cadeira com idênticos resultados. Desta vez, o cônsul ficou furioso. Ficara provàvelmente aborrecido de o terem arrancado ao calor dos lençóis por motivos tão estúpidos. No dia seguinte o guarda não apareceu: era evidente que o cônsul o despedira!

Graças a isso pudemos recomeçar nossas busças. Mas com muito maior prudência agora, visto sabermos que o cônsul estava de pé atrás. Não havia remédio senão aprendermos pela dura experiência. Dez semanas foi quanto tempo levamos para terminar essa missão. Uma vez concluída, porém, havíamos fotografado todos os documentos de importância que se encontravam no tal Consulado; estávamos de posse dos códigos; de um fichário completo de todos os simpatizantes do Eixo residentes nos Estados Unidos; e de farto material revelador de que os nazistas vinham utilizando aquêle Consulado como importante centro de espionagem.

Nos dois anos seguintes realizei mais de 150 incursões sub-reptícias dêsse gênero — e em nenhuma delas fui pegado em flagrante. Ainda bem, pois sempre, nessas missões, agíamos inteiramente por nossa conta e risco pessoal. Como trabalhávamos fora da alçada da lei, não podíamos esperar nenhuma ajuda, apoio, nem reconhecimento por parte do govêrno, no caso de sermos pegados em flagrante. Minhas instruções eram as seguintes:

"Em nenhuma circunstância deverá o senhor colocar o govêrno do seu país em posição embaraçosa."

Apesar da confissão espontânea que acabo de fazer sôbre minha carreira criminal, peço ao leitor que acredite nisto: eu não sou o que se chama o "tipo criminoso". Melhor seria contar minha história. Antes da grande crise de 1929, eu era membro da Bôlsa de Valôres de Nova York. Trabalhei depois durante alguns anos no Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, à cata de informação sôbre os embarques clandestinos de álcool de Cuba para o país, logo depois da revogação da Lei Sêca, e mais tarde na investigação das manobras dos contrabandistas de narcóticos.

É por isso que, ao ser admitido como funcionário civil no quadro do Serviço de Informações Secretas da Marinha, em 1941, já adquirira experiência considerável como investigador ou, se o preferem, detective. Mas qual não foi a minha decepção, quando se limitaram

a me destacar para o monótono serviço de entrevistar candidatos a emprêgo!

Quando estalou a guerra, a 7 de dezembro de 1941, tôda a gente, inclusive nós, o pessoal dos serviços secretos, ficou alerta contra os espiões. Os nossos telefones parecia que nunca se calavam. Uma noite descobrimos uma luz que piscava na janela de um apartamento, no alto de um elegante prédio residencial: na certa se tratava de um espião transmitindo mensagens em código! Arrombamos a porta do apartamento e pegamos o nosso "espia"... Os sinais luminosos em código, segundo logo se apurou, eram um dêsses aquários caros, colocado perto de uma janela, e equipado com uma lâmpada elétrica que se acendia de vez em quando para aquecer os peixinhos tropicais que nadavam dentro dêle...

Telefonavam-nos às vêzes para denunciar sujeitos que estavam emitindo mensagens em rádio de onda curta, ou avisar que havia submarinos navegando no Rio Hudson. Tôdas essas histórias de espionagem eram, está claro, invenções da mais pura água, mas, na dúvida, tudo era preciso investigar, não fôsse alguma delas verdadeira.

A minha impressão era, francamente, que tudo isso não passava de criancice. E foi então que dei para pensar, com melancólica fixidez, em todos os segredos que deviam estar guardados nos cofres e arquivos das centenas de emprêsas comerciais controladas pelos alemães, em atividade por todo o país. Era ali — pensava eu — e não em mãos de simples indivíduos, que se devia encontrar um verdadeiro tesouro de dados vitais para os nossos serviços de informação. Assim se foi formando pouco a pouco no meu espírito o plano de uma série de "visitas clandestinas", ou, em outras palavras, de puros e simples arrombamentos. O êxito que obtivemos logo de entrada com as buscas que fizemos no Consulado suspeito granjeou a aprovação do método por parte das autoridades superiores.

A verdade, porém, é que êsse nosso êxito inicial quase que ia dando cabo de nós. Muito embora nós próprios soubéssemos quão verdes ainda estávamos no ofício, os dirigentes sentiam-se agora no direito de supor que éramos capazes de praticar "visitas clandestinas" em larga escala. Na opinião dêles, tínhamos então o dever de treinar — ao que parece, da noite para o dia — 50 homens na arte delicada de forçar fechaduras, e outros tantos nos requintes da violação de

cofres sem deixar rasto... Durante semanas a nossa repartição andou numa roda-viva. Cada caso que nos era submetido se tornava, virtualmente, uma operação para a turma de buscas.

Muito mais difícil do que manter o segrêdo das nossas operações em relação aos indivíduos suspeitos por elas visados era guardar discrição para com a nossa própria gente. O laboratório de pesquisas por nós instalado tornou-se de uma popularidade inquietante entre os inúmeros oficiais de marinha que apareciam para visitar-nos. Os técnicos sentiam um prazer especial em mostrar a êsses cavalheiros como é fácil abrir um arquivo com uma ponta de arame ou um pedaço de lâmina de serra; como se podem violar fechaduras, cadeados ou cartas, sem deixar vestígios, e tudo o mais que éramos obrigados a fazer no decurso de uma busca. As referências aos casos específicos em que ainda estávamos trabalhando eram de uma freqüência assustadora. É evidente que as informações assim obtidas se tornavam depois temas fascinantes de conversação com as senhoras, à mesa do jantar. Muitos oficiais de marinha, e outros indivíduos que nunca tinham feito parte de uma turma de busca, encontravam em nosso trabalho uma inesgotável mina de recursos para impressionar as suas amiguinhas. Isso chegou ao ponto de que, um dia, numa festa, eu tive de escutar com tôdas as mostras de interêsse, até os mínimos detalhes, a história de uma das nossas buscas, narrada por uma senhorita que a tinha bebido dos lábios de um "comando" de mesa de café; êste se fizera passar aos olhos dela como membro da nossa brigada!

Mas, a despeito dêsses contratempos, continuamos melhorando nossa técnica e equipamento, até podermos repetir em uma só noite a nossa primeira façanha — que nos absorvera umas dez semanas. Mas os planos e preparativos para uma busca dessa natureza chegavam por vêzes custar-nos um mês de trabalho. Para lograr êxito, a arte de entrar em casa alheia sem deixar vestígios não é coisa que se possa praticar à toa.

Tôdas as buscas de importância eram agora precedidas da escolha e análise criteriosa de todos os papéis usados que o pessoal da limpeza retirava, com o lixo, dos escritórios do suspeito. Os restos de cartas rasgadas ou queimadas vinham, em muitos casos, confirmar a idéia de que valia a pena realizar uma investigação minuciosa. Por exemplo, um dos nossos suspeitos rasgou e queimou um dia

tôda a sua correspondência; mas, um mês depois, a secretária particular do indivíduo em aprêço jogou à cesta dos papéis, intatos, os cadernos onde estenografava as cartas que o patrão lhe ditava. A transcrição dessas notas estenográficas deu-nos o texto integral de tôdas as cartas de importância que êle remetera durante seis semanas.

Sob a orientação competente da perita que nos fôra emprestada pelo Serviço Britânico, aperfeiçoamo-nos na arte de abrir envelopes lacrados. Aprendemos a levar conosco cortinas opacas, que nos permitiam trabalhar com as luzes acesas, sem sermos vistos de fora; a operar em silêncio profundo, até havermos afastado a hipótese de microfones escondidos; a levar conosco uma pistola de pó, contendo uma mistura de pó de carvão e de talco, a fim de reempoeirar qualquer superfície ou papel tocado pelas nossas mãos; a acautelarnos contra possíveis ciladas; a fazer um desenho do conteúdo dos cofres, antes de lhe tocarmos, para que, finda a operação, todos os objetos pudessem ser repostos rigorosamente em seus lugares... Um dos nossos carros era equipado com um aparelho transmissor-receptor de rádio de onda curta. Três outros aparelhos transmissores-receptores, minúsculos, iam instalados em malas de mão, que podíamos perfeitamente carregar conosco para tôda a parte. Só não conseguimos fazer progressos rápidos quando tentamos ensinar os membros amadores do grupo a abrir fechaduras e cofres, porque essa técnica requer um conhecimento perfeito de tais mecanismos e um ano, pelo menos, de prática constante.

Uma das buscas mais compensadoras por nós levadas a cabo foi a que teve lugar nas luxuosas instalações mantidas por um tal Stephen K. Ziggly no 12.º andar de um grande prédio em Chicago. Êsse cavalheiro ocupava-se, pelo menos na aparência, de negócios bancários e de seguros, gozando de reputação internacional em ambos êsses ramos. Mas as autoridades americanas suspeitavam que êle tinha outros e mais sérios negócios, como a direção de uma rêde internacional de espionagem a serviço da Alemanha nazista. A matriz do seu negócio de operações bancárias e de seguros achava-se na capital de certo país neutro, na Europa, mas a maior parte das suas ligações era com a Alemanha.

Ao arrendar os escritórios de Chicago, tinha êle exigido que se fizessem grandes transformações para remodelar a disposição da casa, por tal forma que qualquer visitante, para chegar ao escritório dêle, tinha que atravessar quatro salas consecutivas, submetendo-se dêsse modo à inspeção dos empregados. Pouco depois de haver instalado ali os seus serviços, queixou-se à gerência do prédio contra as mulheres da limpeza, acusando-as de, por descuido, lhe haverem danificado valioso documento. Daí em diante, insistiu em empregar o seu próprio pessoal de limpeza escolhido.

Examinamos durante três meses os papéis encontrados no lixo do escritório de Ziggly. Era êle um dêsses sujeitos que, enquanto conversam ou pensam, têm por costume fazer desenhos e rabiscos num papel pôsto em sua frente. E o mais curioso é que os seus rabiscos eram quase sempre desenhos muito caprichados de canhões e navios, de aviões e bombas... E vez por outra lá aparecia entre os outros um esquemazinho de impressionante semelhança com um aparelho de radar. Em face disso, acabamos resolvendo levar também a efeito uma "visita clandestina" aos seus escritórios.

No caráter de agente encarregado da missão, levei comigo um revólver e um cassetete, e o mesmo fizeram os três agentes de segurança que me acompanharam nessa visita. Além disso, cada um de nós levava a sua pistola de gás, do tipo "lapiseira". A minha primeira tarefa consistia em ganhar a simpatia do administrador do edifício. Tanto êle como o proprietário já tinham tido suas atividades minuciosamente investigadas, e ambos se mostraram dispostos a nos ajudar. O dono do prédio exigiu, porém, que a turma de busca inventasse um pretexto plausível para penetrar no edifício. Sugeri então que os meus homens se fizessem passar por "engenheiros" que vinham fazer ensaios e observações sôbre o "ângulo de oscilação" do edifício.

— Todos os prédios — expliquei — acabam rachando nos pontos de maior tensão devido à oscilação, e a possibilidade de reides aéreos torna perfeitamente legítimo que o senhor queira mandar experimentar êsses pontos de tensão. Também, sob êsse pretexto, poderemos mandar fechar os elevadores durante a busca, alegando que a vibração dêles iria afetar os delicados instrumentos da prova. Assim, não seremos interrompidos.

— Muito bem. Nesse caso, os senhores ficarão sendo os engenheiros.

Os cinco empregados do edifício que trabalhavam à noite foram por sua vez objeto de rigorosa investigação. Um dêles, cujo passado não nos pareceu inteiramente satisfatório, foi transferido para o serviço diurno. Nesse meio tempo, os nossos técnicos de rádio foram escolhendo os pontos onde convinha estacionar os carros, perto do edifício, e dois agentes secretos, vestidos de macacão, começaram a pintar as paredes do corredor, na parte do andar onde se encontravam os escritórios de Ziggly. Dois dias depois, os nossos pintores declaravam-se aptos a reconhecer e identificar todo o pessoal que trabalhava naquele escritório.

Em seguida, acompanhado do meu serralheiro, procedi a uma inspeção preliminar das instalações. Com tôda a cautela — pois sabíamos que Ziggly, se fôsse realmente um espião, podia ter mandado armar uma cilada — o meu serralheiro conseguiu abrir a complicada fechadura da porta exterior. Não levou 15 minutos nesse trabalho; a porta foi aberta, e êle passou a fazer uma chave ali mesmo.

Utilizando uma planta do andar, que o proprietário me havia emprestado, esbocei ràpidamente tôdas as divisões que Ziggly tinha mandado erguer, e anotei a posição das cadeiras, escrivaninhas, armários-arquivos e outras peças de mobiliário. Tudo isso foi executado no mais completo silêncio. Fiz em seguida uma busca para evitar possíveis armadilhas. No parapeito de uma janela, situada atrás da secretária do patrão, fui encontrar uma maleta de onde partia um fio oculto que se ia ligar a uma tomada do rodapé da sala. Desliguei o fio e abri a maleta: esta continha uma máquina de gravar com uma chave extremamente sensível, que se ligava automàticamente cada vez que se pronunciava uma palavra na sala; o som, colhido pelos microfones, era, sem ruído, gravado em filme.

Fui encontrar um dêsses microfones em cima de uma estante, atrás da secretária de Ziggly; outro estava escondido sob uma mesinha, bem no meio da sala. No escritório particular de Ziggly demos com o alçapão de um porão falso onde estava oculto um cofre "à prova de arrombamento". Tomamos nota do número do fecho respectivo. Antes de sairmos do escritório, procuramos certificar-nos de que

tôdas as coisas haviam sido restituídas à posição original. Também tivemos de dar lustro ao assoalho, que, sendo brilhante, mostrava as marcas impressas pelos nossos tacões de borracha. A fina camada de poeira que revestia a mala da máquina de gravar foi reconstituída com a nossa pistola de pó de talco e carvão. Ao sairmos dali, averigüei de caminho a existência de tôdas as possíveis vias de escape em caso de interrupção, e escolhi um lavatório para os trabalhos fotográficos, algumas portas adiante do escritório de Ziggly.

Três dias depois dessa pesquisa preliminar, por volta de uma da manhã, o nosso grupo de 11 homens dirigiu-se para o edifício, em diversos automóveis e um caminhão de carga, de carroçaria fechada, em cujos lados se liam estas palavras: The Northwest Engineering Company, sem faltar o enderêço e o número do telefone... Convém dizer de passagem que tínhamos realmente alugado um pequeno escritório no enderêço indicado; o nome da "emprêsa" estava pintado na porta e inserto no catálogo telefônico de Chicago.

Descarregamos à porta do prédio uma dúzia de caixotes e malas que trazíamos no caminhão, todos marcados a tinta com o nome da "companhia", e que continham o equipamento de buscas e os instrumentos para medir a "oscilação" do edifício. Dois dos nossos homens ficaram escondidos no caminhão: um operador de rádio e o agente secreto, que dali podia identificar os empregados de Ziggly, seus conhecidos. Uma seteira disfarçada na parede lateral do caminhão permitia-lhes vigiar à vontade o prédio, a essa hora fechado e deserto.

Aproximei-me do superintendente, que estava no vestíbulo, como se nunca nos houvéssemos visto, e mostrei-lhe uma cópia do contrato que o senhorio assinara para o efeito dos ensaios de oscilação. Pedi que suspendesse logo todo o serviço de elevadores. Dois dêsses foram requisitados pelos "engenheiros", que foram saindo em diversos andares do prédio, carregados de equipamento, e, em seguida, subiram ou desceram a pé até o 12.º andar, onde nos concentramos. Deixaram casacos, chapéus e sapatos no elevador, dizendo ao ascensorista que o próprio bater surdo dos tacões de borracha causava vibração suficiente para afetar os instrumentos.

Um dos meus homens, munido da chave feita pelo especialista em fechaduras, foi na frente para abrir a porta de Ziggly e certificar-se de que não iríamos cair em alguma cilada. No caso de se encontrar em dificuldades, as ordens que tinham eram estas: fazer-se passar por gatuno, e escapar como pudesse. Mas felizmente o caminho estava desimpedido, de sorte que êle entrou logo no escritório, desligou a máquina de gravar, instalou as cortinas opacas e acendeu as luzes. Ao sinal combinado, entramos todos no escritório, e cada um pôs-se logo a trabalhar na tarefa que lhe fôra indicada. O operador de rádio estabeleceu contato imediato com o caminhão que estacionava na rua, o técnico em fotografia instalou o seu material de trabalho no lavatório, e o serralheiro abriu com uma chave falsa a porta de um escritório situado do lado oposto do corredor, mesmo defronte da porta de Ziggly: medida essa de precaução para o caso de têrmos que fugir.

Cêrca de 15 minutos após o início do trabalho, o operador de rádio que estava no caminhão anunciou que um dos empregados de Ziggly acabava de dar entrada no edifício! Em poucos instantes os homens recolheram velozmente todo o equipamento e se retiraram para o escritório em frente, onde restabeleceram comunicação pelo rádio com o caminhão. Em menos de dez minutos o escritório estava vazio, e nem um sinal restava para denunciar que estranhos ali tivessem penetrado.

Nesse ínterim, os dois agentes secretos que estavam postados no vestíbulo do edifício puseram em ação todo um plano preestabelecido para atrasar a intervenção de quaisquer intrusos; um dêles exigiu que o empregado de Ziggly provasse cabalmente a sua identidade ao superintendente, e levou mais de cinco minutos telefonando para uma série de escritórios do prédio, que estavam vazios, a simular que se esforçava por encontrar aquêle funcionário. Entrementes, o outro agente enfronhou-se numa explicação altamente técnica e obscura dos "ensaios de oscilação".

— O senhor vem interromper uma operação da mais alta importância! — lamentava o agente, abanando a cabeça. — Não pode esperar até amanhã para ir ao escritório?

— Bem, para lhe dizer a verdade, eu não vim aqui para trabalhar — explicou o empregado, algo consternado. — Minha pequena está à minha espera num bar da esquina, e acho-me sem dinheiro. Que-

ria sòmente apanhar uma garrafa de uísque que tenho guardada na minha escrivaninha. Prometo que não me demorarei nem um minuto.

Finalmente conseguiu que o levassem ao 12.º andar, e o elevador ficou à sua espera enquanto êle abria a porta do escritório de Ziggly e ia buscar o uísque. Feito isso, saiu logo do prédio, e foi seguido por um dos nossos homens até virar a esquina e se meter no bar, onde efetivamente a pequena o esperava, impaciente. Quando o investigador anunciou pelo rádio, lá de baixo, que o caminho estava novamente desimpedido, recomeçamos o trabalho.

O nosso perito conseguiu abrir em menos de 20 minutos o cofre "à prova de arrombamento", que Ziggly tinha no seu alçapão, manipulando o disco do segrêdo e os tambores. Escusado será insistir no longo treino e experiência que exige essa delicada e difícil operação; seu êxito depende de um tato apuradíssimo, de um ouvido muito delicado, e dos conhecimentos (que só um especialista pode ter) sôbre a maneira como funciona o mecanismo do "segrêdo".

Aberto o cofre, meus olhos caíram logo sôbre um embrulho lacrado, com a data na tinta roxa de um carimbo de escritório, e marcado com estas palavras: *Recebido 5 h e 10 m da tarde.* A data, da véspera. Tudo indicava que o pacote havia chegado tão próximo da hora de encerramento, que Ziggly, sabedor do seu conteúdo, o jogara para dentro do cofre sem mesmo se dar ao trabalho de abri-lo. Fiz um desenho pormenorizado que mostrava o lugar exato do embrulho, para que pudéssemos restituí-lo à posição original; em seguida retiramo-lo do cofre e entregamo-lo à nossa perita inglêsa.

Começou ela por envolver o pacote em celofane, no qual recortara prèviamente uns buracos na posição correspondente aos selos de lacre do embrulho, de modo a deixá-los expostos depois de envolto aquêle no celofane. Em seguida amassou bem um pouco de massa que os dentistas usam para tirar moldes de dentaduras. Com esta massa tirou uma impressão perfeita dos selos de lacre expostos através dos buracos, e em seguida, servindo-se de um ferro de soldador de ponta fina como um lápis, cortou o sêlo de meio a meio, ao longo da margem do papel de embrulho. Como êste fôra colado antes de receber os lacres, ela teve que umedecê-lo, pelo lado de fora, com um soluto que os colecionadores empregam para descolar selos dos envelopes. Quando viu que o soluto tinha impregnado bem o papel,

amolecendo a goma que estava por baixo, a nossa perita foi despegando cuidadosamente a margem livre do papel.

O embrulho continha um código de cifras! O nosso auxiliar fotografou-o página por página, e em seguida restituiu-o à perita para que voltasse a fechar e lacrar o embrulho. Ela amoleceu os lacres com o seu ferro de soldar, e em seguida colocou-os em seus lugares, comprimindo-os com as matrizes de massa de dentista — feito o que, os selos do lacre ficaram como novos, sem mostrar nenhum sinal de violação.

Enquanto decorriam essas delicadas operações, tínhamos descoberto no cofre algo que nos pareceu uma armadilha — um cordel disposto em ziguezague sôbre a tampa de uma caixa de latão coberta de pó. Passamos cêrca de 20 minutos a desenhar e a medir o cordel, certificando-nos de que não conduzia a qualquer outra coisa. Depois, retiramos do cofre o resto do que êle continha, para ser examinado pelos nossos peritos. O mesmo processo foi seguido com os numerosos papéis e documentos que retiramos dos arquivos.

Tudo que o poliglota julgou de importância foi fotografado; êsse indivíduo conhecia quatro línguas, e teve de fazer uso de tôdas elas antes de dar por concluída a busca. O fotógrafo trabalhava com grande rapidez. Em pouco menos de quatro horas fotografou duas mil cartas, códigos, relatórios e outros documentos.

Acabada a investigação, reunimo-nos no vestíbulo. Ali, diante dos empregados do edifício, executamos com grande aparato o empacotamento dos nossos instrumentos para ensaios de oscilação, e rabiscamos complicados cálculos. Estávamos talvez a meio dessa tarefa, quando Ziggly entrou esbaforido no edifício. A explicação da sua vinda ali, àquela hora da madrugada, é a seguinte: o empregado que lá estivera algum tempo antes, anuviado pelos efeitos do álcool, só duas horas mais tarde se lembrara de lhe telefonar, participando-lhe que uma porção de homens andavam rondando às sôltas pelo edifício, carregados de instrumentos da mais estrambótica aparência. Ziggly, alarmadíssimo com a notícia, correu ao prédio, entrou no átrio, passou como uma tromba por entre os nossos agentes, e exigiu que o levassem imediatamente, no elevador, ao seu andar. Confiantes de que não seria capaz de descobrir quaisquer vestígios da nossa visita, não fizemos caso dêle.

Vinte minutos depois, reaparecia no vestíbulo com um sorriso de rasgada satisfação, e dando todos os sinais de um humor jovial. Era evidente que encontrara tôdas as suas armadilhas intatas, e nada lhe provocara suspeitas. Já sem pressa, demorou-se então a examinar com grande interêsse os instrumentos de ensaio de oscilação que estavam espalhados no pavimento térreo, e pareceu muito satisfeito quando um dos nossos "engenheiros" lhe declarou que o edifício estava perfeitamente seguro. A dada altura foi-se embora, assobiando alegremente.

Pode bem ter sido essa a última vez que assim assobiou, porquanto dois dias depois alguns agentes do govêrno deram entrada, sem grande alarde, no seu escritório, e levaram-no para lugar seguro, também sem nenhum alarde...

Tínhamos obtido provas concludentes de que Ziggly, a sôldo da Alemanha, dirigia uma rêde de espionagem composta de uns 12 indivíduos, cuja ação se estendia a seis grandes cidades do país. Alguns dos papéis encontrados no seu cofre continham os nomes e endereços dêsses agentes. Outros, as instruções sôbre o uso de microfilme, tinta simpática, disfarces, e assim por diante. Em menos de um mês todos os agentes de Ziggly tinham sido presos, e a rêde de espionagem reduzida à inação. Mas o interessante do caso é que nem Ziggly nem qualquer dos seus agentes nunca chegou a saber como é que a coisa fôra descoberta!

A essa altura, em contraste com aquela nossa primeira incursão, tão desajeitada, no consulado estrangeiro, já havíamos reduzido nossas operações a um sistema tal, que não deixava entregue ao acaso nenhum detalhe das operações. O caso Bata demonstra, talvez melhor do que outro qualquer, o aperfeiçoamento e os requintes a que tínhamos levado a nossa técnica.

Um dos empregados superiores e de maior confiança de uma fábrica de material de guerra do Oeste, Gustav Jensen, foi prêso certo dia, quando os agentes de segurança, ao submeterem os empregados à revista habitual, descobriram no bôlso do seu capote parte dos planos de uma nova arma secreta. Jensen, que era engenheiro na seção da fábrica onde se estava trabalhando nessa arma, alegou em sua defesa que tinha metido os planos no bôlso, enquanto trabalhava, e aí os esquecera. Tratando-se de um indivíduo que já anteriormente prestara valiosas contribuições ao esfôrço de guerra, naquela emprêsa, foi pôsto em liberdade, depois de ouvir severa admoestação. Mas quem não ficou nada satisfeito com a explicação de Jensen, nem com êsses resultados, foi o chefe do serviço de segurança da fábrica — que deu ordens para que o engenheiro fôsse sujeito à mais estrita vigilância.

Gustav Jensen, cidadão americano por naturalização, tinha nascido em um país que estava ocupado pelos nazistas, e cujo govêrno legítimo se encontrava exilado em Londres. Jensen era altamente respeitado pela sua capacidade profissional, e consideravam-no um cidadão leal e sòlidamente favorável à causa aliada. Mas foi, justamente, ao traçar o retrato entusiástico das suas qualidades, que um vizinho forneceu o indício que levaria ao mais alto grau as suspeitas do chefe da segurança.

— Gustav é um sujeito muito habilidoso — disse o vizinho. — Não é sòmente um excelente engenheiro, que faz trabalho de primeira ordem na fábrica; é também capaz de executar por suas mãos seja o que fôr que lhe interesse ou lhe sirva. Por exemplo, faz pouco tempo, êle fabricou uma máquina fotostática que tem instalada no porão da casa...

Uma máquina fotostática? A coisa cheirava a espionagem. O assunto foi entregue à minha seção, e procedemos a averiguações. O dossiê de Jensen revelava que, ao pedir emprêgo, êle tinha dado como referência o nome do Coronel Bata, alto funcionário nos escritórios nova-iorquinos do govêrno no exílio do seu país de origem.

Ora, uma coisa nós sabíamos: êsse Coronel Bata andara envolvido em manobras de espionagem durante a Primeira Guerra Mundial; não deixava, assim, de parecer-nos oportuno dar uma vista de olhos às suas atividades presentes. Fui eu destacado para realizar algumas investigações preliminares no seu escritório de Nova York.

— Foi ótimo que o senhor aparecesse — comentou logo o administrador do prédio onde Bata estava instalado. — Essa gente tem-me trazido tonto. Imagine que ocupam todo o 10.º andar e, além disso, diversos escritórios do 11.º É um vaivém constante, um nunca acabar de visitantes! E agora deram para queimar papelada lá em cima.

Não era fácil descobrir a hora em que os escritórios estariam deser-

tos: três ou quatro noites por semana, habitualmente, alguns dos empregados de Bata deixavam-se ficar até altas horas, escutando notícias no rádio de onda curta, as quais, segundo explicavam, eram mensagens do movimento clandestino na Europa ocupada pelos nazistas.

Inspecionando o registro de entradas e saídas noturnas que estava no vestíbulo (como em todos os edifícios comerciais de Nova York), concluímos que a noite de sábado era a melhor e mais segura ocasião para darmos uma busca preliminar. Assim, no sábado seguinte, acompanhado de um dos nossos fotógrafos, fui ter com o administrador, que nos introduziu logo nos escritórios do décimo andar.

O fotógrafo, servindo-se da aparelhagem de raios infravermelhos, que lhe permitia tirar fotografias no escuro, fotografou todo aquêle andar e ainda os escritórios do andar de cima.

As instalações eram magníficas! Só em uma das seções encontrei 140 arquivos, todos trancados à chave. Tirei o número da série de fabricação de cada um dos armários e escrivaninhas, bem como a marca, tipo e dimensões de cada um dos cofres. Os números de série nos permitiriam fabricar as chaves, e a informação prévia que eu colhi habilitaria o nosso especialista a refrescar os seus conhecimentos relativamente aos tipos de caixas-fortes que teria de abrir.

Não foi preciso muito tempo para eu concluir que essa "visita" ia ser das mais complicadas, e de tal envergadura que me seria preciso mobilizar todos os homens e todo o equipamento de que dispunha o meu serviço. Íamos precisar de duas máquinas fotográficas, do carro-rádio, de transmissores-receptores portáteis para cada andar e de pelo menos 20 homens.

A turma de segurança, que ali ficou trabalhando durante alguns dias, disfarçada de pessoal de limpeza e reparações, acabou por se declarar apta a reconhecer de relance os principais empregados da organização. Fizemos ensaios com a aparelhagem de rádio, para certificarmo-nos de que as instalações elétricas do edifício não viriam a interferir com as nossas emissões e recepções.

Resolvemos adotar uma vez mais a técnica dos ensaios de oscilação, como camuflagem para essa busca. Reunimos verdadeira coleção de instrumentos sem pés nem cabeça, mas de aparência imponente e intrigante, para dar ao pessoal do serviço noturno do edifício a grata ilusão de que "cooperavam" em experiências da mais

alta importância. Armados dêsses adereços, os nossos homens estavam prontos a efetuar uma entrada sensacional no prédio.

A turma de buscas reuniu-se no meu escritório às 22 horas, para se dar derradeira inspeção no material. Às 22 h e 55 m, o carro-rádio e os dois automóveis da brigada partiram, caminho do nosso objetivo. O carro-rádio deteve-se do outro lado da rua, mesmo em frente da casa, numa posição de onde os dois agentes de segurança podiam vigiar à vontade quem entrava e quem saía. Às 23 h e 14 m, por acôrdo com o administrador, a porta de aço da entrada de serviço subiu e os dois carros da brigada, levando os técnicos de rádio e de fotografia que deviam manobrar lá dentro, entraram no prédio. Momentos depois, as portas desceram em silêncio. Os agentes carregaram todo o seu equipamento dentro de um elevador de serviço, e subiram para os 10.º e 11.º andares.

Os dois carros que transportavam o grupo de "engenheiros" largaram do nosso departamento às 23 em ponto, e 20 minutos depois chegavam à porta principal do edifício, onde foram recebidos pelo administrador. Detiveram-se ali o tempo exatamente suficiente para exibirem os seus complicados adereços, e tornarem bem claras e plausíveis as razões que ali os levavam, e em seguida subiram aos andares onde estava o referido escritório.

O perito de cofres atirou-se logo à sua tarefa. Com as chaves que trazíamos, feitas para êsse fim, abriram-se ràpidamente os arquivos e as secretárias. Iniciamos o exame da massa de material acumulado nos arquivos, e dentro de dez minutos estavam sendo tiradas as primeiras fotografias.

Nisso, os agentes postados na rua avisaram que numa das janelas se podia ver, lá de baixo, a luz. Ajeitamos a cortina, que estava fora do lugar, e do carro-rádio disseram-nos que tudo estava bem. O trabalho prosseguiu então velozmente. Mais dez minutos, e o cofre estava aberto. Trabalhávamos sem falar: o silêncio era completo. Ninguém tinha autorização para beber água dos bebedouros ou servir-se dos lavatórios, pois o mais leve gorgolejar nos canos podia denunciar nossa presença. Durante cinco horas de febril intensidade os pesquisadores continuaram trabalhando à velocidade máxima. Os fotógrafos tiraram mais de 6.000 fotos. A tarefa estava concluída. Aprontamo-nos para a retirada.

Todos os objetos foram restituídos ao seu devido lugar; a poeira que recobria o conteúdo de um pequeno cofre — evidentemente pouco usado — foi reconstituída com uma pistola de pó. Lustramos as secretárias, limpamos tôdas as marcas digitais deixadas nos arquivos, e escovamos dos tapêtes todos os sinais que nêles podiam ter deixado as nossas meias (descalçáramos os sapatos para trabalhar).

De regresso ao nosso departamento, o laboratório fotográfico revelou os rolos de filme de 35 mm. Tão depressa secaram, fizeram-se as necessárias ampliações dos negativos. Em seguida selecionamos e classificamos as fotos. Podíamos examinar agora o fruto da nossa busca noturna!

E que encontramos?

Primeiro, descobrimos a história inteirinha de Gustav Jensen; ficamos sabendo que se tratava de um agente a serviço de uma potência estrangeira, e quais as peças de informação que êle lhe fornecera. Mais do que isso: tínhamos desvendado a existência e situação de um centro de espionagem, que andava colhendo segredos de guerra em tôdas as grandes cidades da América do Norte e do Sul. Estávamos de posse dos nomes dos agentes daquele govêrno no exílio, e sabíamos o quanto recebiam. Ficamos senhores de informações completas sôbre os métodos de atuação dessa rêde de espionagem que se valia de organizações sociais de colônias estrangeiras.

A perfeição do trabalho dessa organização de espionagem deixou-nos boquiabertos. Não posso, evidentemente, entrar em pormenores sôbre o que descobrimos, mas uma coisa posso afirmar categòricamente: li os planos da invasão aliada da Sicília duas semanas antes de ter ela começado!

Grande parte do mérito do nosso êxito nas "visitas clandestinas" que realizamos cabe de direito aos técnicos habilíssimos que nos prestaram auxílio. Êsses indivíduos eram civis que tôdas as noites punham em risco a sua reputação pessoal e a própria vida para nos ajudarem. O seu patriotismo e dedicação não eram dêsses que se podem aferir em têrmos de dinheiro. Se alguém os houvesse pegado no correr de uma dessas incursões, não haveria para êles defesa possível. Todos nós, nesses trabalhos, agíamos absolutamente por nossa conta e risco — mas êsses técnicos a um tempo expunham sua integridade profissional e arriscavam-se à ruína dos seus negócios. Um dos melhores e mais conhecidos peritos em fotografia dos Estados Unidos incorreu repetidas vêzes no perigo de ir parar na cadeia, acusado de violar casas particulares, para nos assistir em algum serviço fotográfico particularmente complicado.

Muitos homens de ciência eminentes, sem tomarem pròpriamente parte em nossas buscas, contribuíram memoràvelmente para o êxito das mesmas. Eis um dêsses casos: um dia, verificamos não nos ser possível empregar a nossa aparelhagem de censura dos telefones, visto o suspeito ter por costume certificar-se de que nenhum indiscreto estivesse ouvindo as suas conversas telefônicas. Para contornar a dificuldade, tivemos de lançar mão do rádio — e a solução estava em uma unidade minúscula de transmissão, que pudesse funcionar com pilhas sêcas. Um grupo composto dos maiores técnicos de rádio do país pôs mão à obra, e daí a uma semana tínhamos o nosso aparelho pronto; tratava-se de um transmissor tão pequeno, que se podia esconder numa gaveta. Fomos logo instalá-lo às escondidas na casa do suspeito; um receptor colocado num automóvel parado a um quarteirão de distância podia captar os sinais emitidos pelo minúsculo aparelho. Conseguimos dêsse modo a informação que nos era necessária, e a busca que se seguiu foi das mais proveitosas.

Com o andar do tempo, acabei sendo transferido do grupo de buscas para o pôsto de instrutor nas escolas secretas do Office of Strategic Services (Escritório de Serviços Estratégicos), onde passei a ensinar aos agentes ainda "crus" da OSS as complicações da violação de fechaduras e artes correlatas. Mais adiante ainda, dirigi um grupo de "abridores de cofres" que foi comigo à Alemanha, onde conseguimos colhêr documentos utilizados como prova material nos históricos julgamentos de Nuremberg.

Agora que a guerra acabou e que eu regressei a uma vida menos acidentada e aventurosa de cidadão pacato, encontro-me na situação precária de simples arrombador de cofres sem emprêgo. Ao que parece, a nódoa das minhas ocupações em tempo de guerra não sai da minha reputação. Mas é talvez bem natural que os empregadores se sintam intimidados à idéia de empregar um homem que, embora ao serviço da sua pátria, abriu mil fechaduras e forçou algumas centenas de cofres, sem a licença dos respectivos donos...

Pearl Harbor: Cinco Oportunidades Perdidas

Walter Lord

DESDE O DIA 7 de dezembro de 1941 vêm os americanos discutindo sôbre quem dentre êles teve a culpa de Pearl Harbor... e com razão. O ataque de surprêsa de uns 353 aviões japonêses foi sem dúvida uma das mais fáceis vitórias militares da história. Quando terminou, em coisa de duas horas, os oito couraçados dos Estados Unidos que estavam na baía tinham sido afundados ou danificados. Muitos cruzadores e contratorpedeiros haviam sido atingidos. As seis grandes bases aéreas de Oahu foram destruídas com quase todos os aviões. Mais de 2.400 americanos perderam a vida. Quando os aparelhos japonêses voltaram aos seus porta-aviões podiam contar apenas a perda de 29 aviões e 55 homens.

Muitos homens entendidos têm gasto considerável tempo no estudo dos aspectos militares do caso. Para o leigo, porém, é muito mais fascinante o papel desempenhado pela natureza humana na falta de providências dos americanos para evitar a calamidade no dia 7 de dezembro. A verdade é que, independentemente do fato de ter ou não ter Washington enviado suficientes informações ou de haver ou não o comando americano do Havaí aproveitado convenientemente as informações e o equipamento de que dispunha, houve nas últimas horas cinco excelentes oportunidades para evitar o desastre. Mas, sendo os sêres humanos apenas humanos, tôdas essas cinco oportunidades foram perdidas.

A primeira verificou-se às 18 h e 30 m da véspera do ataque, quando a esquadra japonêsa ainda estava a 500 milhas de distância.

Condensado de um discurso

Honolulu gozava a sua última tarde de paz quando o Tenente-Coronel George Bicknell, do Serviço Secreto, correu à procura do General Walter Short, que era o comandante-em-chefe, levando uma interessante mensagem. Uma conversa telefônica fôra interceptada pelo FBI: um telefonema de Tóquio para um japonês em Honolulu... Tóquio indagou a respeito de aviões, holofotes, navios, o tempo... e flôres.

— Atualmente — dissera o japonês em Honolulu — há menos flôres do que em todo o resto do ano. Mas os hibiscos e os bicos-de-papagaio estão agora em flor.

Os dois oficiais refletiram sôbre o caso. Por que motivo iria alguém gastar seu dinheiro num telefonema através do Pacífico para falar sôbre flôres? Entretanto, se se tratava de espionagem, por que iria alguém utilizar-se de coisa tão fácil de interceptar como um telefonema?

Ainda hoje não há certeza quanto ao significado dêsse telefonema de Tóquio, muito embora, com a vantagem de se ver as coisas retrospectivamente, pareça êle bem suspeito. Naquela ocasião, porém, o General Short, depois de debater o caso com o seu estado-maior durante cêrca de uma hora, chegou a uma conclusão muito humana: resolveu deixar as coisas como estavam e falar de nôvo sôbre o assunto no dia seguinte. E assim terminou o dia. A noite foi calma e não se passou em dissipação e orgias como se tem freqüentemente julgado.

Às 3 h e 42 m da manhã seguinte, estando já a esquadra japonêsa a apenas 275 milhas de distância, o pequeno caça-minas *Condor* avistou um periscópio perto da barra de Pearl Harbor. Transmitiu um aviso ao contratorpedeiro *Ward*, que estava em serviço de patrulha. O *Ward* acorreu ao local e fêz pesquisas durante uma hora, mas nada encontrou.

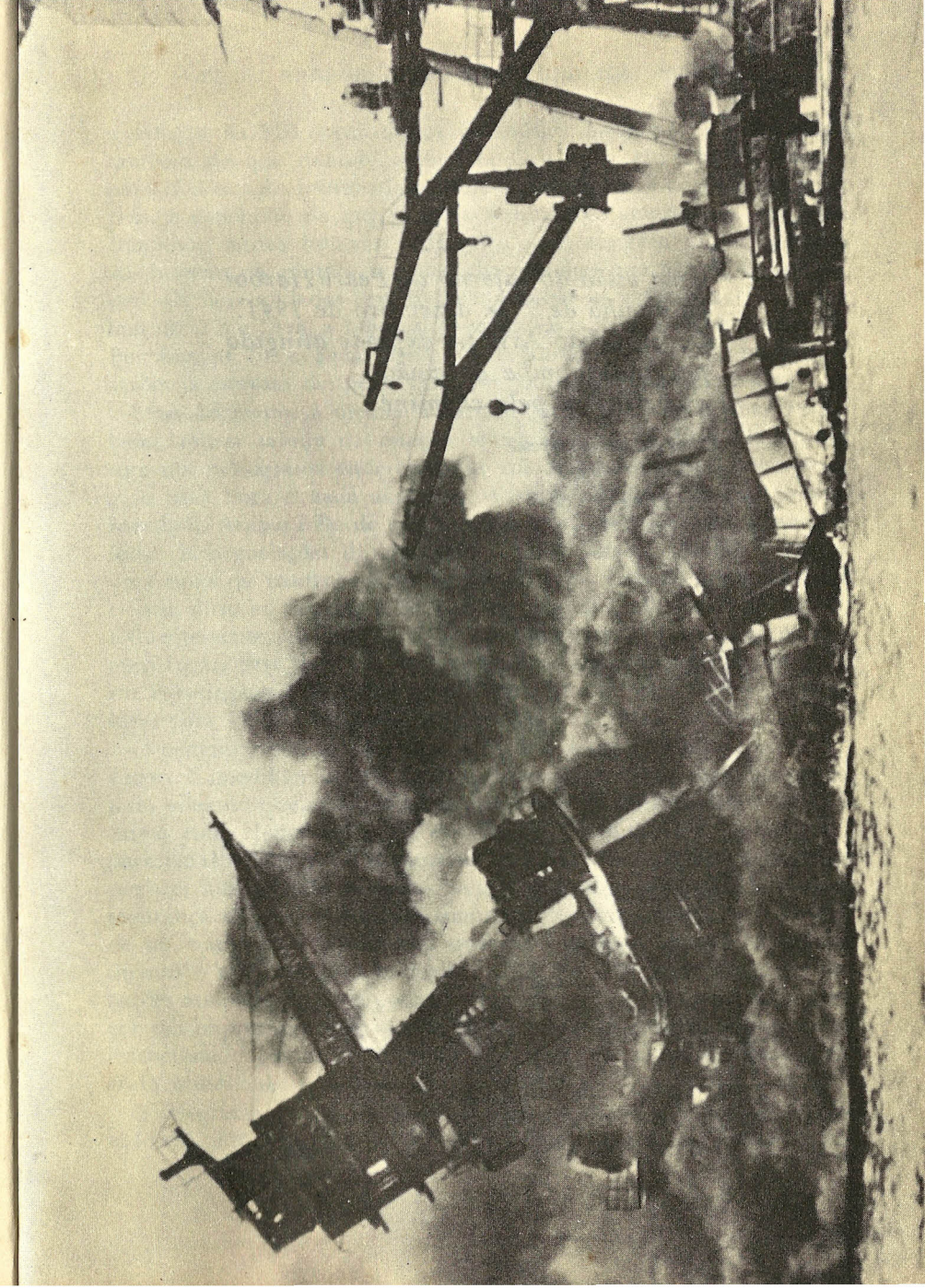
O *Condor* não comunicou ao comando o que vira porque o seu comandante, muito humanamente, julgou que se houvesse enganado, visto que no espaço de uma hora nada fôra encontrado. O *Ward* nada comunicou porque o *Condor* assim também procedera e o caça-minas fôra, afinal de contas, o navio que dissera ter visto alguma coisa. A estação de rádio naval, que estivera escutando todo o tempo, não fêz qualquer comunicação porque o *Ward* e o *Condor* não o haviam feito e, afinal de contas, o caso era com *êles*. Dessa maneira, homens bem intencionados e dignos, que depois se mostraram bra-

vos, dotados de iniciativa e inteligentes, deixaram perder outra oportunidade, porque o periscópio era realmente japonês. Era um dos submarinos de bôlso que deviam cooperar com o ataque aéreo. E quando as últimas mensagens foram trocadas entre o *Condor* e o *Ward,* os primeiros aparelhos japonêses já estavam decolando dos seus porta-aviões a 370 quilômetros de distância.

Já eram 6 h e 45 m da manhã e a frota aérea japonêsa estava apenas a 290 quilômetros de distância. Pouco ao largo de Pearl Harbor, o *Ward,* ainda em serviço de patrulha, viu a tôrre de um submarino estranho. Dirigiu-se para lá, fêz fogo contra o submarino, lançou bombas de profundidade contra êle e pô-lo a pique. Um avião de patrulha da Marinha participou da luta jogando algumas bombas por sua conta. Tanto o *Ward* quanto o avião comunicaram pelo rádio para a terra que um submarino fôra pôsto a pique em águas proibidas. O pessoal de terra reagiu de maneira bem humana: houve troca de telefonemas entre as altas patentes. Que queria dizer aquilo? Seria verdade? Não seria? Chegaram à conclusão de que fôra talvez um mastro ou uma bóia o que o *Ward* vira. Podia ter sido até um submarino americano pôsto a pique por engano. Mandaram o contratorpedeiro, que estava de prontidão, em auxílio do *Ward* e decidiram — muito humanamente — aguardar novas notícias.

Às sete horas, os aviões japonêses estavam a 220 quilômetros de distância apenas e dois soldados do Exército Americano em serviço na estação de radar de Opana captaram muitas manchas, como nunca tinham visto. Eram tantas que chegaram a pensar que o aparelho estivesse desarranjado. Mas não tardou que percebessem que não era êsse o caso e sim que uma enorme frota de aviões se dirigia para as ilhas. Telefonaram para o centro de informações. Ali estava em serviço um jovem tenente. Era a segunda vez que estava de dia e nada sabia sôbre radar. Os oficiais que ficavam normalmente acima dêle não estavam de serviço naquele dia. Os homens que estavam abaixo dêle tinham ido todos tomar café.

Nestas condições, tudo dependia de um jovem oficial que se via quase tão incapaz de agir quanto o pode ser um soldado — ninguém acima dêle, ninguém abaixo dêle e nenhum conhecimento do problema. Lembrou-se, porém, de que quando ia para o trabalho, a fim de dar o plantão de quatro às oito, ouvira, no rádio do carro,



Uma visão do inferno de Pearl Harbor na manhã de 7 de dezembro de 1941. O couraçado Arizona *explode atingido por uma bomba de avião que penetra pela chaminé*

Foto Associated Press

a estação KGMB tocar discos de música havaiana, e se lembrou também de que quando aviões da Califórnia estavam em viagem para lá a estação transmitia a noite inteira para orientá-los. Chegou, pois, à conclusão de que se tratava de aviões americanos. Era uma conclusão muito humana e êle deu uma resposta muito humana aos homens da estação de radar, dizendo-lhes que não se preocupassem. Os dois soldados continuaram a olhar os aviões que se aproximavam: 7 h e 15 m, a 148 quilômetros; 7 h e 25 m, a 100 quilômetros. Por fim, às 7 h e 39 m, perderam o contato pelo radar porque os aviões já estavam tão perto que não podiam mais ser captados.

Mais ou menos à mesma hora, um jovem estafêta, Tadao Fuchikami, estava saindo da estação telegráfica da RCA em Honolulu com um radiograma endereçado ao comandante-em-chefe. Fôra redigido uma hora e meia antes em Washington pelo General George Marshall. Acabara êle de saber que os japonêses iam afinal cancelar tôdas as negociações diplomáticas com os Estados Unidos e que à uma hora da madrugada os seus emissários tinham ordem de dar ciência disso ao Secretário de Estado, Cordell Hull, em Washington. Evidentemente, alguma coisa deveria acontecer à uma hora em algum lugar. Sem demora, verificou-se que uma hora da madrugada em Washington eram 7 h e 30 m da manhã em Pearl Harbor — hora ideal para um ataque aéreo de surprêsa.

O general tinha apenas uma idéia em mente: mandar um aviso. Escreveu imediatamente o aviso que devia ser dado, mas não pegou num telefone que estava bem ao lado dêle. O telefone tinha ligação direta com Honolulu e era dotado de um dispositivo electrônico para baralhar as vozes, assegurando o sigilo. Não utilizou o telefone por um motivo bem humano, pois tinha receio de pôr em risco a segurança do seu sistema de comunicações. Por isso, o aviso tinha de ser transmitido pelo rádio que era, digamos, quase tão rápido quanto o telefone. Mas naquela manhã havia consideráveis perturbações atmosféricas. Isso poderia dificultar a recepção, e a mensagem era tão importante que não se podia correr êsse risco. Algum bem intencionado oficial de comunicações resolveu mandá-la pelo telégrafo comercial.

O telegrama chegou a Honolulu uma hora e meia depois de havê-lo redigido o General Marshall e já eram 7 h e 33 m. Ainda assim,

nada havia no envelope que indicasse urgência, e quando Tadao Fuchikami saiu com êle, perdeu alguns minutos com os amigos no local de estacionamento do outro lado da rua. Afinal, montou na sua motocicleta e partiu. Mas, nesse momento, viu violentas ondas de fumaça negra enovelando-se por sôbre Pearl Harbor e tiros dos canhões antiaéreos marcavam o céu matinal. Era tarde demais; o ataque havia começado.

Até hoje as discussões se prolongam. Mas, fizesse ou não fizesse alguma coisa o alto comando tanto em Washington quanto em Pearl Harbor, houve essas oportunidades de evitar o desastre. Não foram aproveitadas, não por maldade ou incompetência, mas porque os sêres humanos são, afinal de contas, humanos.

Assim tem sido sempre. Na Revolta dos Sipaios contra os inglêses, na Índia, flechas em chamas riscaram o céu noturno, em advertência, antes do desastre. Por ocasião do naufrágio do *Titanic* foram recebidos seis radiogramas que davam notícia de *icebergs* à frente.

O estudioso da natureza humana, depois de analisar as estranhas maneiras como os homens procedem, fica pensando não em orientação e em estratégia mas em que a melhor possibilidade que tem o homem de evitar o desastre é realmente muito simples: basta que aprenda a reconhecer à primeira vista os sinais de perigo.

O Dia Mais Longo da História

Cornelius Ryan

Cornelius Ryan entrevistou mais de 700 pessoas enquanto preparava esta magnífica narrativa de um glorioso e trágico acontecimento. "Que estava fazendo no dia 6 de junho de 1944?" foi a pergunta que Ryan fêz em outros países. Fê-la a generais — americanos, inglêses e alemães; a soldados de infantaria dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Alemanha; a camponeses da Normandia e a elementos da Resistência Francesa. De suas respostas resultou esta emocionante reconstituição de um dos mais importantes momentos dos tempos modernos — o maciço assalto aliado à Fortaleza Européia de Hitler.

Ryan descobriu muitos fatos relevantes que nunca tinham sido revelados. O que êle fêz não é história militar: é o registro dinâmico e fiel de homens e nações empenhados em mortal combate.

A ALDEIA estava em silêncio na manhã chuvosa de junho. Chamava-se La Roche-Guyon e havia quase 12 séculos que ali existia pacìficamente numa grande curva preguiçosa do Sena, mais ou menos a meio caminho entre Paris e a Normandia. Durante anos fôra apenas um lugar por onde se passava para ir a outra parte. Sua única característica distintiva fôra o seu castelo, antiga residência dos Duques de la Rochefoucauld.

Mas a aldeia havia alcançado nessa época outra espécie de distinção. Por detrás de sua fachada bucólica, La Roche-Guyon era na realidade uma prisão — a aldeia mais ocupada de tôda a França ocupada. Para cada um dos seus 543 habitantes havia mais de três soldados alemães. Um dêles era o Feldmarechal Erwin Rommel, Comandante-Chefe do Grupo de Exército B, a mais poderosa fôrça

Condensação do livro "The Longest Day in History: June 6, 1944", copyright, 1959, do autor. Editado por Simon and Schuster, Inc., Nova York 20, N. Y., E. U. A.

da Frente Ocidental Alemã. O seu quartel-general estava localizado no castelo. Dali, naquele decisivo quinto ano da Segunda Guerra Mundial, Rommel preparava-se para travar a batalha mais desesperada da sua carreira.

Embora Rommel não o soubesse, essa batalha — contra a invasão aliada — iria começar daí a 48 horas. Era o domingo, 4 de junho de 1944.

Sob o comando de Rommel, mais de meio milhão de homens guarneciam as defesas que se situavam por uma enorme extensão da costa de quase 1.300 quilômetros, dos diques da Holanda às praias da Bretanha, banhadas pelo Atlântico. Seu efetivo básico, o 15.º Exército, estava concentrado à altura do Passo de Calais, o trecho mais estreito do Canal da Mancha entre a França e a Inglaterra.

Noite após noite os bombardeiros aliados atacavam essa zona. Os veteranos do 15.º Exército, fartos de tantas bombas, diziam, numa pilhéria amarga, que o melhor lugar para uma cura de repouso era a zona do Sétimo Exército, na Normandia, onde quase não tinha caído uma bomba.

Havia meses que as tropas de Rommel esperavam por trás de uma selva fantástica de obstáculos nas praias, e de campos minados. Mas as águas cinzento-azuladas do Canal da Mancha haviam permanecido vazias de navios. Nada acontecera. Em La Roche-Guyon, naquela manhã sombria e calma de domingo, não havia ainda sinal da invasão aliada.

Na sala do andar térreo que lhe servia de gabinete, Rommel estava só, trabalhando à luz de um único abajur. Embora aparentasse mais do que os seus 51 anos de idade, êle continuava infatigável como sempre. Naquela manhã, conforme os seus hábitos, estava acordado desde as quatro horas. Esperava impacientemente que desse seis horas, quando tomaria café com o seu estado-maior e, depois, partiria para a Alemanha — a primeira licença que obtivera em muitos meses.

Aguardava com ansiedade a viagem, mas não lhe fôra fácil a decisão de partir. Rommel carregava nos ombros a tremenda responsabilidade de repelir o assalto aliado no momento em que começasse. O Terceiro Reich de Hitler vacilava sob uma sucessão de

desastres. Dia e noite, milhares de bombardeiros aliados martelavam a Alemanha. As maciças fôrças da Rússia haviam entrado na Polônia. As tropas aliadas estavam às portas de Roma. Por tôda a parte a Wehrmacht estava sendo repelida e destruída. A Alemanha ainda estava longe da derrota, mas a invasão aliada seria a batalha decisiva, e ninguém sabia mais disso do que Rommel.

Entretanto, naquela manhã Rommel ia para casa. Havia meses que êle desejava passar alguns dias na Alemanha, em princípios de junho. Além disso, queria falar com Hitler. Sobravam motivos para que êle acreditasse que poderia afastar-se naquele momento e, embora não o reconhecesse, precisava urgentemente de descanso.

Um dos motivos para a decisão de Rommel de afastar-se naquela ocasião era o juízo que pessoalmente fazia das intenções dos Aliados. Tinha sôbre a mesa o relatório semanal do Grupo de Exército B, que deveria ser remetido no dia seguinte ao quartel-general do Feldmarechal Gerd von Rundstedt em St.-Germain, nos arredores de Paris — e, dali, para o quartel-general de Hitler, o OKW *(Oberkommando der Wehrmacht)*.

O parecer de Rommel dizia em parte que os Aliados haviam chegado a "elevado grau de preparação" e que havia "aumento da massa de mensagens expedidas para a Resistência Francesa". Mas continuava: "De acôrdo com experiências do passado, isso não indica que esteja iminente uma invasão..."

Rommel deduzira mal outra vez.

Passado o mês de maio, que tinha sido um mês de condições atmosféricas perfeitas para o ataque aliado, Rommel havia chegado à conclusão de que a invasão só viria a ocorrer várias semanas mais tarde. Julgava, do mesmo modo que Hitler e o Alto Comando Alemão, que a invasão se realizaria simultâneamente com a ofensiva de verão do Exército Vermelho, ou pouco depois. Sabiam que o ataque russo não poderia começar senão depois de terminado o degêlo na Polônia, e, portanto, não julgavam que a ofensiva pudesse ser lançada senão em fins de junho.

No Oeste o tempo estava ruim há vários dias e prometia tornar-se ainda pior. O boletim das cinco horas da manhã do dia quatro de junho, expedido pelo C.el Prof. Walter Stöbe, meteorologista-chefe da Luftwaffe em Paris, previa tempo cada vez mais nublado, ventos

fortes e chuva. Naquele momento mesmo soprava na Mancha um vento de 30 a 50 quilômetros por hora. Parecia pouco provável a Rommel que os Aliados se arriscassem a desfechar o seu ataque naqueles próximos dias. Abriu a porta do gabinete e foi tomar café com o seu estado-maior.

Do lado de fora, na aldeia, o sino da Igreja de St-Samson tocou Ave-Marias. Eram seis horas da manhã.

Rommel estava na França desde novembro de 1943. Para humilhação de von Rundstedt, o aristocrático Comandante-Chefe do Oeste, responsável pela defesa de tôda a Europa Ocidental, Rommel chegara com um *Gummibefehl,* uma "ordem elástica", que o incumbia de inspecionar as fortificações costeiras, a tão falada "Muralha do Atlântico" de Hitler, e, depois, apresentar relatório diretamente ao quartel-general do Führer.

A Muralha do Atlântico era uma das obsessões relativamente novas de Hitler. Até 1941, a vitória parecera tão certa ao Führer e aos seus arrogantes nazistas que não havia necessidade de fortificações na costa. Depois da queda da França, Hitler tinha esperado que os inglêses pedissem a paz. Isso não aconteceu. E à medida que o tempo ia passando a situação se modificava ràpidamente. Com a ajuda dos Estados Unidos a Inglaterra começou a empreender uma recuperação lenta, mas firme.

Hitler, a êsse tempo profundamente empenhado na guerra da Rússia, pois havia atacado a União Soviética em junho de 1941, viu que a costa da França deixara de ser um trampolim para a ofensiva. Passara a ser um ponto fraco nas suas defesas. E em dezembro de 1941, depois que os Estados Unidos entraram na guerra, o Führer proclamou espalhafatosamente ao mundo que "um círculo de baluartes e gigantescas fortificações se estende de Kirkenes (na fronteira da Noruega com a Finlândia) aos Pireneus (na fronteira franco-espanhola)... e é minha inabalável decisão tornar essa frente inexpugnável a qualquer inimigo". Era uma arrojada e impossível fanfarronada. Sem contar as reentrâncias, essa linha de costa se estende por mais de 4.800 quilômetros.

Em 1942, quando a maré da guerra começou a oscilar contra os alemães, Hitler rugiu para os seus generais dizendo que a muralha

devia ser concluída com a maior rapidez. A construção teria de ser efetuada "fanàticamente".

E foi. Centenas de milhares de escravos labutavam noite e dia para construir as fortificações. Milhões de toneladas de cimento eram ali empregadas, em tão grande quantidade que em tôda a Europa de Hitler era impossível conseguir cimento para qualquer outra coisa. Espantosas quantidades de aço foram encomendadas, mas o fornecimento dêsse artigo era tão escasso que os engenheiros se viam muitas vêzes forçados a prescindir dêle. Tão grande era a necessidade de material e equipamento, que foram aproveitados pedaços da velha Linha Maginot francesa e das fortificações de fronteira da Alemanha (a Linha Siegfried). Em fins de 1943, embora mais de meio milhão de homens estivessem trabalhando nela, a muralha estava muito longe de conclusão.

Hitler sabia que a invasão era inevitável, e se via naquela época diante de outro grande problema: encontrar divisões para guarnecer as suas defesas que aumentavam. Na Rússia, sucessivas divisões estavam sendo devoradas. Na Itália, que fôra afastada da guerra depois da invasão da Sicília, milhares de soldados ainda estavam bloqueados. Nestas condições, em 1944, Hitler viu-se obrigado a reforçar as suas guarnições de Oeste com uma estranha massa heterogênea de substitutos — velhos e rapazes remanescentes das divisões desbaratadas na frente russa e "voluntários" recrutados nos países ocupados. Por mais precária que viesse a ser em combate a ação de tais soldados, êles ao menos preenchiam os claros. Além disso, Hitler ainda tinha um núcleo de experimentadas tropas e *Panzers.* No Dia-D, os efetivos alemães no Oeste elevaram-se a 58 divisões. Nem tôdas elas estavam com os seus quadros completos, mas Hitler ainda confiava na sua Muralha do Atlântico, que compensaria a diferença.

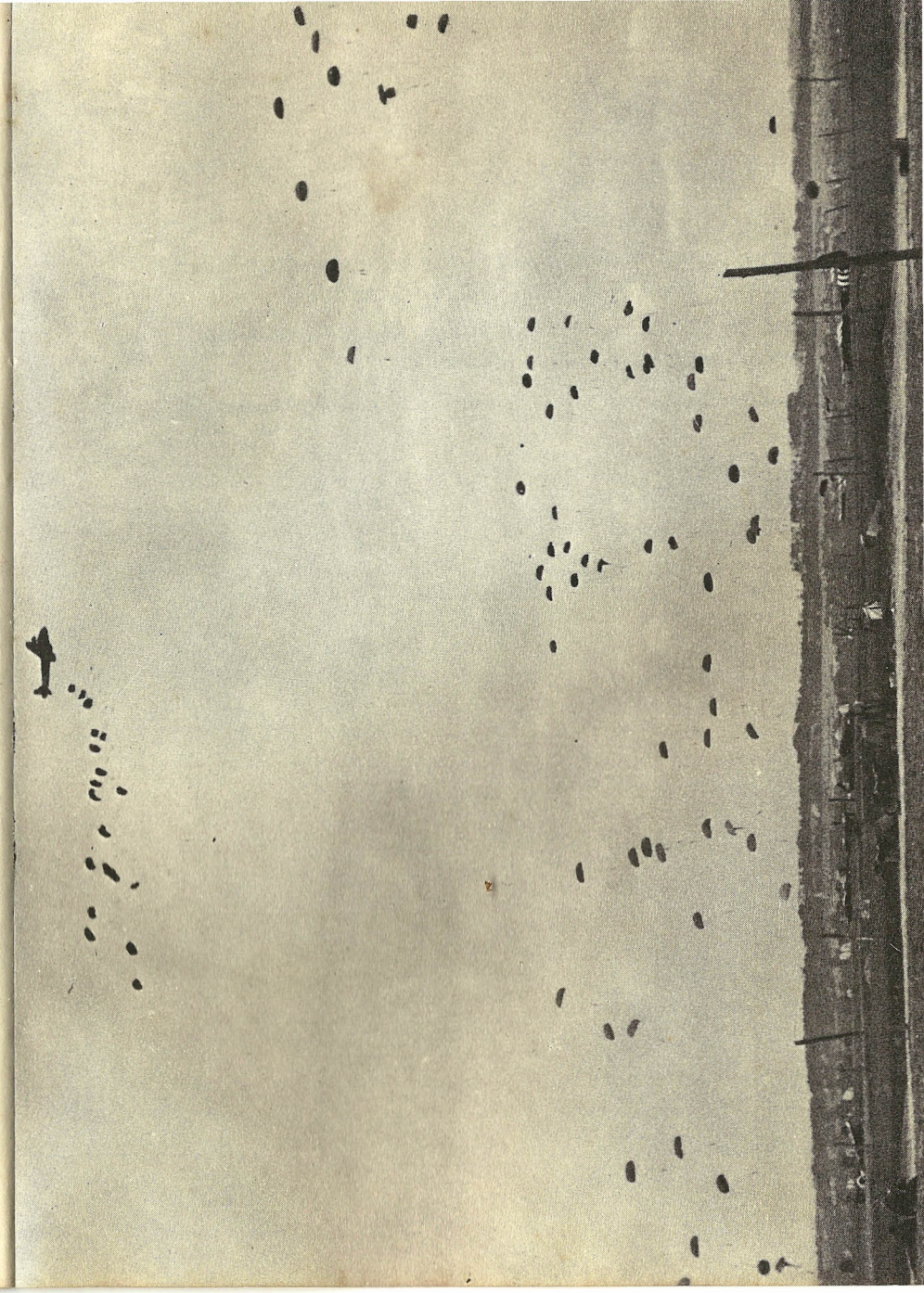
O que Rommel viu quando fêz uma inspeção da muralha em novembro de 1943 horrorizou-o. Só em alguns pontos estavam as fortificações terminadas, ao passo que noutros as obras nem haviam começado. Na realidade, ainda no estado em que se achava, a Muralha do Atlântico era uma formidável barreira. Onde estava concluída, se eriçava razoàvelmente com artilharia pesada. Mas não havia bastante artilharia pesada, ou fôsse lá o que fôsse, capaz de satisfazer Rommel. Para os seus olhos críticos, a Muralha do Atlân-

tico era uma farsa. Censurou-a. Disse que não passava de uma "ficção do *Wolkenkuckucksheim* (mundo da fantasia) de Hitler".

Von Rundstedt com sinceridade se associou às severas críticas de Rommel. (Foi essa provàvelmente a única vez em que êle concordou plenamente com Rommel em alguma coisa.) O velho e bem-avisado von Rundstedt nunca havia acreditado em defesas fixas. Fôra êle o orientador do ataque que contornara a Linha Maginot em 1940 e determinara a queda da França. Para êle a Muralha do Atlântico de Hitler era um "enorme blefe... mais para o povo alemão do que para o inimigo". Poderia "obstruir temporàriamente" o ataque aliado, mas não o deteria. Von Rundstedt estava convencido de que nada poderia impedir que os desembarques iniciais fôssem bem sucedidos. O seu plano para desbaratar a invasão era manter o grosso das suas tropas longe da costa e atacar *depois* que as tropas aliadas houvessem desembarcado.

Rommel discordava inteiramente dessa teoria. Tinha certeza de que só havia uma maneira de esmagar o ataque: opor-se a êle frontalmente. Não haveria tempo de pôr os reforços em ação. Estava convencido de que êles seriam destruídos pelos ataques aéreos ou navais, ou pelo bombardeio da artilharia. Na sua opinião, tudo, da infantaria às divisões *Panzer*, teria de ser mantido na costa ou logo atrás.

O Cap. Hellmuth Lang, seu ajudante-de-ordens, de 36 anos, lembra-se bem do dia em que Rommel fizera um resumo da sua estratégia. Estavam numa praia deserta e Rommel, baixo e gordo, metido num grosso capote com um velho cachecol passado ao pescoço, passeava para cima e para baixo, brandindo o seu bastão "não regulamentar" de marechal, uma bengala preta de mais de meio metro de comprimento, com castão de prata e uma borla vermelha, preta e branca. Apontou para as areias e disse: "A guerra será ganha ou perdida nas praias. Teremos apenas uma oportunidade de deter o inimigo. Será quando êle estiver ainda na água, procurando chegar à praia. As reservas nunca chegarão ao ponto de ataque e será insensatez pensar nelas. A *Hauptkampflinie* (linha principal de resistência) será aqui... Tudo o que temos deve estar na costa. Fique sabendo, Lang, que as primeiras 24 horas da invasão serão decisivas... Para os Aliados, como para a Alemanha, será o mais longo dos dias."



Lançamento de pára-quedistas inglêses sôbre Caen durante o desembarque na Normandia.

Em terra, divisa-se, mais além, planadores aliados que desembarcaram outras tropas

Foto gentilmente cedida pelo Imperial War Museum, Londres

Hitler tinha aprovado o plano de Rommel nas suas linhas gerais e daí por diante von Rundstedt se tornou simples figura decorativa. Em poucos meses rápidos, o inflexível esfôrço de Rommel transformou todo o panorama. Em tôdas as praias, onde julgou possível um desembarque, ordenou a colocação de fortes obstáculos contra a invasão. Êsses obstáculos — que compreendiam triângulos de aço farpados, armações de ferro com dentes de serra e em forma de portões, postes de madeira com cabeça de metal e cones de cimento armado — foram plantados logo abaixo da linha de preamar e de baixa-mar. Amarraram-se explosivos a todos êles.

As estranhas invenções de Rommel (êle planejara pessoalmente a maior parte delas) eram ao mesmo tempo simples e mortíferas. O seu objetivo era dilacerar e destruir as lanchas de desembarque cheias de soldados ou obstruí-las o tempo suficiente para que as baterias da costa ajustassem a sua pontaria sôbre elas. Mais de meio milhão dêsses terríveis obstáculos sob a água se estendia pela costa.

Apesar disso, Rommel, homem obcecado pela perfeição, não estava satisfeito. Nas areias, nas colinas e nos caminhos que se afastavam das praias, mandou colocar minas de tôdas as variedades, desde as grandes, tipo panquecas, capazes de fazer voar pelos ares as lagartas de um tanque, até às pequenas minas S, que, quando alguém as pisava, saltavam no ar e explodiam à altura do meio do corpo de um homem. Mais de cinco milhões dessa minas já infestavam a costa. Antes de verificar-se o ataque, Rommel esperava ter mais seis milhões colocadas só na Praia Omaha. O total por êle previsto era de 50 milhões.

Dominando o litoral, por trás dessa selva de minas e obstáculos, os soldados de Rommel aguardavam em ninhos de metralhadoras, abrigos de cimento e trincheiras de comunicação, tudo isso cercado por algumas camadas de arame farpado. Dessas posições, tôdas as peças de artilharia em que o Feldmarechal conseguira pôr as mãos estavam voltadas para a praia e para o mar, já apontadas para cobrir campos de fogo sobrepostos.

Rommel se aproveitou de tôdas as técnicas novas e de todos os progressos conhecidos. Nos pontos em que tinha escassez de bôcas de fogo, colocava baterias de plataformas de foguetes ou de lança-

dores múltiplos de morteiros. Em determinado lugar, tinha até tanques automáticos em miniatura chamados "Golias". Êsses engenhos, capazes de carregar mais de meia tonelada de explosivos, podiam ser guiados por contrôle remoto das fortificações até às praias, onde seriam detonados entre os soldados ou as lanchas de desembarque.

Nunca na história da guerra havia sido preparado um conjunto mais mortífero de defesas para uma fôrça invasora. Entretanto, Rommel não estava contente. Queria mais ninhos de metralhadoras... mais obstáculos nas praias... mais minas... mais armas e soldados. Queria, principalmente, as maciças divisões *Panzer* que eram mantidas como reservas longe da costa. Mas então, naquele momento decisivo, o Führer fêz questão de ter essas formações blindadas sob a sua autoridade pessoal. Rommel precisava de um mínimo de cinco divisões *Panzer* na costa. Só havia um meio de consegui-las: iria falar com Hitler. Rommel tinha dito muitas vêzes a Lang: "O último homem que fala com Hitler é que fica com a vantagem." Naquela sombria manhã em La Roche-Guyon, quando êle ia partir para a Alemanha, a oportunidade da viagem era muito conveniente para Rommel. Ao seu lado, no banco, havia uma caixa de papelão com um par de sapatos de camurça n.º 39, feitos à mão, para a sua espôsa. Havia um motivo especial e muito humano para que êle quisesse vê-la na têrça-feira, 6 de junho. Era o dia do aniversário dela.

No quartel-general do 15.º Exército, perto da fronteira belga, a 200 quilômetros de distância de La Roche-Guyon, havia um homem que via com satisfação chegar a manhã do dia 4 de junho. O Ten.-C.el Hellmuth Meyer estava sentado no seu gabinete, ansioso, com os olhos cansados. Chefe do pôsto de escuta de rádio da contra-espionagem alemã na frente de invasão, êle não tinha dormido realmente um bom sono desde 1.º de junho. Mas aquela noite que passara tinha sido a pior de tôdas; êle nunca a esqueceria.

Durante a noite, os seus homens haviam captado o inacreditável. A mensagem, um cabograma de imprensa a alta velocidade, fôra interceptada logo depois do anoitecer. Dizia: URGENTE IMPRENSA ASSOCIATED NOVA YORK QG EISENHOWER ANUNCIA DESEMBARQUES ALIADOS NA FRANÇA.

Meyer estava estupefato. O seu primeiro impulso fôra dar o alarma no quartel-general. Mas refletira um pouco e se acalmara, porque sabia que a mensagem tinha de ser falsa.

Havia duas razões para isso. A primeira era o fato de não haver atividade de qualquer espécie na frente de invasão. (Se tivesse havido um ataque, êle teria ciência imediatamente.) A segunda era que em janeiro o Alm. Wilhelm Canaris, então chefe do Serviço Secreto Alemão, dera a Meyer os detalhes de um sinal dividido em duas partes, do qual, segundo êle, os Aliados se utilizariam para dar aviso à Resistência antes da invasão.

A princípio Meyer se mostrara céptico. Parecia-lhe loucura confiar de maneira tão completa numa única mensagem. Mas na noite de 1.º de junho os seus homens haviam interceptado a primeira parte da mensagem aliada, exatamente como a descrevera Canaris. Não se distinguia das centenas de outras frases cifradas que eram lidas para a Resistência depois dos programas regulares de notícias da BBC. Quase tôdas as mensagens, transmitidas em francês, holandês, dinamarquês e norueguês, eram sem nexo. Como, por exemplo: "Não será efetuada a guerra de Tróia"; "Amanhã jorrará conhaque do melado"; "João tem bigode comprido".

Mas a mensagem que se seguiu ao noticiário das 21 h, na noite de 1.º de junho, podia ser compreendida por Meyer. "Queiram escutar agora algumas mensagens pessoais", dissera a voz em francês. Houvera uma pausa, e em seguida: *"Les sanglots longs des violons de l'automne"* ("Os soluços longos dos violinos de outono").

Era essa mensagem de que Canaris os havia prevenido. Era o princípio da *"Chanson d'Automne"* de Paul Verlaine, poeta francês do século XIX. De acôrdo com Canaris, êsses versos seriam transmitidos no "dia 1.º ou no dia 15 de algum mês... e representariam a primeira parte de uma mensagem que anunciaria a invasão anglo americana".

A outra parte da mensagem seria constituída pelo verso seguinte do poema de Verlaine: *"Blessent mon coeur d'une langueur monotone"* ("Ferem-me o coração com um langor monótono"). Quando essas palavras fôssem irradiadas, isso significaria, de acôrdo com Canaris, que "a invasão começaria 48 horas depois... a contar da meia-noite do dia da transmissão".

Logo que ouviu a gravação da primeira parte da frase do poema de Verlaine, Meyer avisou o Chefe do Estado-Maior do 15.º Exército, General Wilhelm Hofmann.

— A primeira mensagem já chegou — disse êle a Hofmann. — Agora vai acontecer alguma coisa.

Hofmann deu imediatamente o alarma para alertar o 15.º Exército.

Meyer transmitiu mensagens por teletipo para o quartel-general de Hitler (OKW). Depois telefonou para o quartel-general de von Rundstedt (OB Oeste) e para o quartel-general de Rommel (Grupo de Exército B).

No OKW a mensagem foi entregue ao Gen. Alfred Jodl, chefe das operações. Ficou sôbre a mesa dêste, que não ordenou a prontidão, supondo que von Rundstedt já o tivesse feito. Mas êste pensou que o quartel-general de Rommel houvesse dado a ordem. (Rommel devia ter sabido da mensagem, mas, em vista das hipóteses que formulara sôbre as intenções aliadas, é evidente que não lhe deve ter dado atenção.)

Em tôda a costa da invasão, só um exército foi pôsto em estado de alerta: o 15.º O Sétimo Exército, que defendia a costa da Normandia, não soubera da mensagem e não ficara de prontidão.

Nas noites de 2 a 3 de junho foi retransmitida a primeira parte da mensagem. Menos de uma hora depois de ter sido a mensagem repetida na noite de 3 de junho, foi captado o *flash* da Associated Press a respeito dos desembarques aliados na França. Se o aviso de Canaris fôra correto, o comunicado da Associated Press, na opinião de Meyer, devia estar errado. O comunicado urgente fôra, na realidade, uma quebra de sigilo das mais estranhas. Durante a noite, uma operadora de teletipo da Associated Press na Inglaterra resolvera treinar numa máquina que estava parada, a fim de melhorar a sua velocidade. Por engano, a fita em que ela perfurara sua mensagem de treinamento precedeu o habitual comunicado em russo. A correção fizera-se 30 segundos depois, mas a transmissão estava feita.

Depois dos seus primeiros momentos de pânico, Meyer decidiu confiar em Canaris. Nada mais restava a fazer senão esperar a segunda parte do aviso importante, que podia chegar a qualquer momento.

Na Inglaterra eram 8 horas da manhã (havia uma hora de diferença entre a hora de verão inglêsa e a hora da Alemanha Central). O Gen. Dwight D. Eisenhower, Supremo Comandante Aliado, dormia profundamente num carro-reboque, dentro de uma floresta perto de Portsmouth.

O carro-reboque de Eisenhower, cabina baixa e comprida, de três toneladas e meia, tinha três compartimentos sumàriamente mobiliados, que serviam de quarto, sala de estar e escritório. Dêsse carro-reboque êle comandava quase três milhões de soldados aliados: perto de um milhão de inglêses e canadenses, 1.700.000 americanos, e contingentes de franceses livres, poloneses, tchecos, belgas, noruegueses e holandeses.

Quatro meses antes, nas instruções que o haviam nomeado Supremo Comandante, os chefes do Estado-Maior Conjunto em Washington haviam traçado a sua missão num parágrafo exato. Dizia o seguinte: "Entrará na Europa e, juntamente com as outras Nações Unidas, empreenderá operações que visarão ao coração da Alemanha e à destruição das suas fôrças armadas..."

Havia mais de um ano que se faziam intensos preparativos militares para a invasão, mas já se pensava no assalto quase desde o tempo de Dunquerque. Muito antes de alguém saber que Eisenhower seria nomeado Supremo Comandante, um pequeno grupo de oficiais anglo-americanos, sob a chefia do Gen. Sir Frederick Morgan, da Inglaterra, vinha fazendo o trabalho básico de preparação para o assalto. Por fim, os seus estudos, ampliados e transformados no plano definitivo (que recebeu o nome cifrado de *Overlord*), previa o emprêgo do maior número de homens, navios, aviões e material que até então já haviam sido postos em ação para uma única operação militar.

Antes mesmo de haver o plano chegado à sua forma definitiva, homens e material em quantidades nunca vistas começaram a derramar-se na Inglaterra. Dentro em pouco, havia tantos americanos nas pequenas cidades e aldeias que muitas vêzes os inglêses que nelas viviam ficavam em minoria, e em maio o sul da Inglaterra parecia um vasto arsenal. Havia enormes pilhas de munição escondidas nas florestas. Nas charnecas estendiam-se, com os pára-choques encostados uns nos outros, tanques, tratores, carros blindados, cami-

nhões, jipes e ambulâncias, em número superior a 50.000. Nos campos havia imensas filas de *howitzers,* canhões antiaéreos e grande quantidade de material pré-fabricado, de barracões Nissen a pistas de pouso. De tudo isso o que mais espantava eram as longas filas de material rodante ferroviário que enchiam os vales: quase 1.000 locomotivas novas em fôlha e perto de 20.000 carros-tanques e vagões de carga, que se destinavam a substituir o aparelhamento francês danificado, depois que a cabeça-de-praia fôsse estabelecida.

Havia também estranhos e novos engenhos de guerra, como tanques que podiam andar dentro da água e outros munidos de grandes chicotes de correntes, que batiam o chão à frente para fazer explodir minas. Talvez o mais estranho de tudo fôssem dois portos artificiais que seriam rebocados até às praias da Normandia. Êsses portos, chamados *Mulberries,* constavam primeiro de um quebra-mar externo feito de grandes flutuadores de aço. Vinham depois 145 grandes blocos estanques de cimento de vários tamanhos, que seriam afundados de ponta a ponta para formar um quebra-mar interno. O maior dêsses blocos tinha alojamentos para a tripulação e canhões antiaéreos, parecendo, quando rebocado, um edifício de apartamentos de cinco andares deitado de lado. Dentro dêsses portos artificiais, grandes cargueiros podiam transferir a sua carga para barcaças que faziam o serviço de transporte para as praias. Navios menores, como barcos de cabotagem ou lanchões de desembarque, podiam deixar a carga em maciços cais de aço, onde esperavam caminhões que a levavam para terra por um cais flutuante apoiado em pontões. Além dos *Mulberries,* uma fila de 60 blocos de cimento seria afundada como quebra-mar adicional. Dispostos ao largo das praias de invasão da Normandia, cada qual seria do tamanho do pôrto de Dover.

Durante todo o mês de maio, homens e material foram levados para os portos e locais de embarque. Em cidades de barracões Nissen e barracas os homens dormiam em cama de três e quatro andares. Os banheiros e aparelhos sanitários ficavam em geral a vários campos de distância e os homens tinham de fazer fila para utilizá-los. As filas do rancho eram às vêzes de 400 metros de comprimento. Na última semana de maio, os soldados e o material começaram a ser levados para os transportes e navios de desembarque. Finalmente tinha chegado a hora.

Eisenhower e os seus comandantes haviam feito tudo o que era possível para que a invasão tivesse as maiores possibilidades de êxito com o menor sacrifício de vidas. Mas naquele momento, depois de tantos anos de planejamento militar e político, a Operação Overlord estava à mercê dos elementos. O tempo estava ruim. Eisenhower nada mais podia fazer. Só lhe restava esperar e desejar que as condições do tempo melhorassem. Mas naquele domingo, 4 de junho, acontecesse o que acontecesse, êle seria forçado a tomar uma importante decisão até o fim do dia: efetuar ou adiar o assalto. O êxito ou insucesso da Operação Overlord dependeria talvez dessa decisão. E ninguém poderia tomá-la em seu lugar. A responsabilidade seria dêle e só dêle.

Eisenhower se via diante de um terrível dilema. A 17 de maio resolvera que o Dia-D seria um de três dias de junho: 5, 6 ou 7. Os cálculos meteorológicos haviam mostrado que duas condições essenciais para a invasão se verificariam na Normandia naqueles dias. A lua nasceria tarde e a maré estaria baixa pouco depois do amanhecer.

Os pára-quedistas e a infantaria transportada em planadores que desfechariam o assalto — cêrca de 22.000 homens da 101.ª e da 82.ª Divisões dos Estados Unidos e da 6.ª Divisão inglêsa — precisavam de um pouco de luar. Mas o seu ataque de surprêsa dependia da escuridão até a hora em que chegassem aos pontos em que seriam lançados. Necessitavam, pois, fundamentalmente, de uma noite em que a lua nascesse tarde.

O desembarque das tropas transportadas por via marítima teria de efetuar-se quando a maré estivesse suficientemente baixa para descobrir os obstáculos que Rommel semeara na praia. Dessa maré dependia tôda a sincronização da invasão. Para complicar ainda mais os cálculos meteorológicos, as tropas adicionais que desembarcassem muito depois no mesmo dia também precisariam da maré baixa e isso antes de escurecer.

Êsses dois fatôres básicos da lua e da maré tolhiam Eisenhower. Por si só, a maré reduzia a seis em qualquer mês o número de dias para o ataque... e em três dêsses dias não havia luar.

Mas não era só isso. Havia muitos outros fatôres. Primeiro, tôdas as Armas precisavam de muitas horas de luz do dia e de boa visibili-

dade. Precisavam de luz para poder identificar as praias, para que a Marinha e a Aviação pudessem localizar os seus alvos e para diminuir os riscos de abalroamento quando os navios começassem a manobrar quase lado a lado na Baía do Sena. Segundo, havia necessidade de mar calmo. Além dos danos que um mar encapelado pudesse causar nos navios, o enjôo poderia pôr os soldados fora de combate antes mesmo de botarem o pé na praia. Em terceiro lugar eram necessários ventos baixos, que soprassem do mar para a terra, a fim de limpar as praias de fumaça para que os alvos não ficassem obscurecidos. E, por fim, os Aliados necessitariam de mais três dias de bom tempo depois do Dia-D a fim de poderem reforçar homens e material.

Ninguém no Supremo Comando esperava condições perfeitas no Dia-D, e Eisenhower menos que todos. Em inúmeros exercícios de prova com o seu pessoal do serviço de meteorologia êle aprendera a reconhecer e pesar todos os fatôres que lhe dariam as condições mínimas aceitáveis para o ataque. Mas, de acôrdo com os seus meteorologistas, as probabilidades eram de um contra dez de que a Normandia em qualquer dia de junho apresentasse um tempo que atendesse até mesmo às exigências mínimas.

Dos três dias possíveis para a invasão Eisenhower escolhera o dia 5, porque, se houvesse adiamento, êle poderia desfechar o ataque no dia 6. Mas se desse a ordem para os desembarques no dia 6 e tivesse de cancelá-la novamente, o problema de reabastecer de combustível os comboios que voltassem poderia impedi-lo de atacar no dia 7. Haveria então dois caminhos a seguir. Poderia adiar o Dia-D até o primeiro período em que as marés fôssem favoráveis, 19 de junho. Mas a 19 de junho não haveria luar. Os exércitos aerotransportados teriam de atacar na escuridão. Ou poderia esperar até julho, e êsse longo adiamento, conforme êle diria mais tarde, "era tão duro que não se poderia pensar nêle".

Tão terrível era a idéia de um adiamento, que muitos dos mais cautelosos comandantes de Eisenhower se mostravam dispostos a arriscar o ataque no dia 8 ou 9. Não viam como um quarto de milhão de homens, mais de metade dêles já de posse das suas instruções, poderiam ser conservados isolados e imobilizados durante semanas em navios, zonas de embarque e aeroportos sem que o segrêdo da invasão transpirasse. A perspectiva de um adiamento era sombria para todos. Mas Eisenhower é que teria de tomar a decisão. No domingo, 4 de junho, às cinco horas da manhã, mais ou menos na hora em que Rommel se levantara em La Roche-Guyon, Eisenhower chegou a uma grave decisão. Em vista das condições desfavoráveis do tempo, a invasão aliada seria adiada por 24 horas. Se as condições melhorassem, o Dia-D seria têrça-feira, 6 de junho.

No vasto Centro de Operações do Quartel-General Naval Aliado em Southwick House, na cidade de Portsmouth, havia febril atividade. Tôda uma parede estava coberta por um gigantesco mapa do Canal da Mancha. Nesse mapa estavam marcadas as posições de centenas de navios que já haviam partido para o continente em dezenas de comboios e que tinham de ser chamados de volta desde que se resolvera adiar a invasão. Cada poucos minutos duas môças do Serviço Auxiliar da Marinha Britânica, as WRENS, trabalhando numa escada portátil, assinalavam as novas posições de cada comboio que regressava. Oficiais de estado-maior de cada uma das armas aliadas olhavam em silêncio, à medida que as comunicações iam chegando. Pareciam calmos externamente, mas não havia meio de disfarçar a tensão que todos experimentavam. Os comboios não só tinham que dar meia-volta quase em cima do nariz do inimigo e voltar para a Inglaterra seguindo rotas determinadas e limpas de minas, mas também naquela hora estavam sob a ameaça de outro inimigo, uma tempestade no mar. Na Mancha o vento já soprava com uma velocidade de 50 quilômetros por hora, com ondas até de metro e meio, e o tempo devia piorar ainda.

Enquanto os minutos se passavam, o aspecto do mapa refletia o processo regular de contra-ordem. Havia grande número de marcas subindo pelo Mar da Irlanda, as quais se amontoavam nas vizinhanças da Ilha de Wight e se agrupavam em vários portos e ancoradouros ao longo da costa sudoeste da Inglaterra. Alguns comboios levariam quase todo o dia para estar de volta ao pôrto, mas havia esperança de que todos o conseguiriam.

E agora, enquanto as horas se passavam e o tempo piorava contìnuamente, a maior fôrça pára-quedista e anfíbia já organizada esperava a decisão do General Eisenhower. Confirmaria Ike o dia

6 de junho como o Dia-D? Ou se veria forçado, diante do tempo que fazia no Canal — o pior nos últimos 20 anos — a adiar mais uma vez a invasão?

À luz declinante da tarde, o Supremo Comandante chegava de vez em quando à porta do seu carro-reboque e olhava, por entre as copas das árvores agitadas pelo vento, o pálio de nuvens que cobria o céu — figura solitária, com os ombros ligeiramente curvados para a frente e as mãos enfiadas nos bolsos.

Pouco antes das 21 h e 30 m de 4 de junho, os comandantes mais graduados de Eisenhower e os seus chefes de estado-maior se reuniram na biblioteca de Southwick House. Espalhados pela sala em pequenos grupos, os oficiais de estado-maior conversavam calmamente. Perto da lareira, o Chefe do Estado-Maior de Eisenhower, Gen. Walter Bedell Smith, falava com o Vice-Supremo Comandante, o Marechal-do-Ar Sir Arthur Tedder, de cachimbo na bôca. Sentados ao lado, estavam o impetuoso Comandante da Marinha Aliada, Alm. Sir Bertram Ramsay, e o Comandante da Fôrça Aérea Aliada, Marechal-do-Ar Sir Trafford Leigh-Mallory. Só um oficial não estava corretamente fardado, recorda o General Smith. O irascível Bernard Montgomery, que comandaria o ataque do Dia-D, vestia as suas habituais calças de veludo *côtelé* e o seu suéter de gola alta enrolada. Eram aquêles os homens que transmitiriam a ordem de ataque, quando Eisenhower decidisse. Estavam, juntamente com os seus chefes de estado-maior — havia ao todo na sala 12 oficiais superiores — à espera do Supremo Comandante e da conferência decisiva que se iniciaria às 21 h e 30 m. Nessa ocasião ouviriam as últimas previsões dos meteorologistas.

Exatamente às 21 h e 30 m a porta se abriu e Eisenhower apareceu envergando impecàvelmente o seu uniforme de campanha verde-escuro. Eisenhower teve um sorriso quase imperceptível ao cumprimentar seus velhos amigos, mas as nuvens da preocupação prontamente voltaram a cobrir-lhe o rosto quando iniciou a conferência. Não havia necessidade de preâmbulos. Todo o mundo sabia quanto era grave a decisão que tinha de ser tomada. Logo após entraram na sala os três mais importantes meteorologistas de Overlord, conduzidos pelo seu chefe, o Coronel-Aviador J. N. Stagg, da RAF.

Foi num pesado silêncio que Stagg começou a falar. Esboçou em

breves palavras o quadro meteorológico das 24 horas anteriores e, depois, disse calmamente:

— Senhores, houve alterações rápidas e inesperadas na situação...

Todos os olhos estavam voltados para Stagg, enquanto êle oferecia a Eisenhower e a seus comandantes ansiosos um tênue fio de esperança.

Disse êle que fôra localizada uma nova frente meteorológica, a qual tomaria o rumo do Canal da Mancha nas horas seguintes e determinaria progressiva melhoria do tempo nas zonas de assalto. Essas condições favoráveis se estenderiam a todo o dia seguinte e continuariam até a manhã de 6 de junho. Depois disso o tempo voltaria a piorar. Durante êsse prometido período de bom tempo os ventos cairiam de maneira apreciável e o céu ficaria limpo, ao menos o suficiente para permitir aos bombardeiros estarem em ação na noite de 5 e durante tôda a manhã de 6. Ao meio-dia a camada de nuvens aumentaria e o céu ficaria de nôvo nublado. Em resumo, o que estava sendo dito a Eisenhower era que um período quase tolerável de boas condições meteorológicas, embora muito abaixo das necessidades mínimas, se estabeleceria *durante um pouquinho mais de 24 horas.*

Eisenhower e os seus comandantes deliberaram durante os 15 minutos seguintes. O Almirante Ramsay salientou a urgência de uma decisão. A fôrça-tarefa americana para as praias Omaha e Utá, sob o comando do Contra-Almirante A. G. Kirk, teria de receber ordem dentro de meia hora, pois do contrário Overlord não poderia ser efetuada na têrça-feira.

Eisenhower passou a colhêr a opinião de cada um de seus comandantes. O General Smith julgava que o ataque deveria realizar-se no dia 6. Seria arriscado, mas era um risco que devia ser assumido. Tedder e Leigh-Mallory tinham ambos receio de que a prevista camada de nuvens, se fôsse excessiva, impedisse a eficiência da aviação. Isso poderia ter como conseqüência a realização do assalto sem cobertura aérea suficiente. Na sua opinião, a operação seria duvidosa. Montgomery manteve a decisão que tomara na noite anterior, quando fôra adiado o 5 de junho como Dia-D.

— Eu diria... que sim — declarou êle.

Tudo, daí por diante, dependia de Eisenhower. Chegara o mo-

mento em que sòmente êle poderia tomar a decisão. Houve um longo silêncio enquanto Eisenhower ponderava tôdas as possibilidades. Olhando-o, o Gen. Smith ficou impressionado com "o isolamento e a solidão" do Supremo Comandante ali sentado, com as mãos entrelaçadas e o olhar baixo, fito na mesa. Os minutos passaram. Há quem diga que o intervalo foi de dois minutos; outros dizem que chegou a cinco. Por fim, Eisenhower, com a tensão estampada no rosto, levantou a cabeça e anunciou a sua decisão. Disse, com voz pausada:

— Estou absolutamente convencido de que devemos dar a ordem... Não me agrada, mas é preciso... Não sei como poderemos agir de outra maneira.

Eisenhower levantou-se. Estava cansado, mas parte da tensão tinha desaparecido do seu rosto. Têrça-feira, 6 de junho, seria o Dia-D.

Quase às 22 horas, o soldado Arthur Schultz, da 82.ª Divisão de Pára-Quedistas, resolveu abandonar o jôgo de dados. Talvez nunca mais tivesse tanto dinheiro nas mãos quanto naquele momento. O jôgo durava desde que se soubera que o ataque dos pára-quedistas não se realizaria no mínimo dentro das 24 horas seguintes. Começara numa barraca, mudara-se para debaixo da asa de um avião, e naquela hora prosseguia animadíssimo no hangar que fôra transformado em grande dormitório.

Schultz era um dos grandes ganhadores. Não sabia ao certo quanto havia ganhado, mas calculava que ia a mais de 2.500 dólares — muito mais dinheiro do que êle já tivera de uma vez em todos os seus 21 anos de vida.

Material e espiritualmente, êle tudo fizera para preparar-se para o salto. Pela manhã haviam sido celebrados ofícios religiosos de todos os credos no aeroporto e Schultz, que era católico, confessara-se e comungara. Sabia exatamente o que ia fazer com o que ganhara e efetuava mentalmente as contas.

O jovem pára-quedista sentia-se bem. Tomara tôdas as providências... Mas tomara realmente? Por que um fato que ocorrera naquela manhã não lhe saía da cabeça e o enchia de tanta inquietação?

Na distribuição da correspondência naquela manhã recebera uma carta de sua mãe e dentro da carta havia um têrço.

Nesse momento, a lembrança do têrço suscitou uma pergunta que até então não lhe ocorrera: *Por que estava êle jogando numa ocasião como aquela?* Olhou para as notas dobradas e amarfanhadas. *Compreendeu* de repente que se embolsasse todo aquêle dinheiro seria morto com tôda a certeza. Schultz resolveu não facilitar.

— Dêem lugar que eu quero entrar no jôgo — disse êle.

Olhou para o relógio e procurou calcular quanto tempo levaria para perder 2.500 dólares.

Quando caiu a noite, as fôrças de invasão em tôda a Inglaterra continuavam a esperar. Incitadas em meses de treinamento, estavam prontas para ação, e o adiamento as fizera nervosas. Já se haviam passado 18 horas de espera e cada uma delas tinha produzido seu efeito sôbre a paciência e a boa disposição dos homens. Não sabiam êles que faltavam apenas 26 horas para o Dia-D. Era ainda muito cedo para que a notícia se tivesse espalhado. E assim, naquela tempestuosa noite de domingo, os soldados esperavam, cheios de solidão, ansiedade e mêdo secreto, que acontecesse alguma coisa.

Êles faziam exatamente o que se espera que os homens façam em tais circunstâncias: pensavam nas famílias, nas espôsas, nos filhos, nas namoradas. E todos falavam na luta que teriam de enfrentar. Como seriam realmente as praias? Os desembarques seriam tão difíceis quanto todos pareciam julgar? Ninguém podia ter uma visão exata do Dia-D, mas cada qual se preparava para êle à sua maneira.

Os homens que mais sofreram durante o período de espera foram os que faziam parte dos comboios que tinham recebido ordem de voltar. Haviam navegado todo aquêle dia sob a tempestade nas águas do Canal. Ensopados e exaustos, enchiam apàticamente as amuradas enquanto os últimos navios desgarrados dos comboios lançavam ferros. Às 23 horas, todos os navios estavam de volta.

Ao largo do pôrto de Plymouth estendiam-se filas de vultos negros de navios de desembarque às escuras, de todos os tamanhos e tipos. Quando voltavam para o pôrto, tinham sabido pela primeira vez o motivo do adiamento. Então foram avisados de que deviam ficar de nôvo de prontidão.

A notícia se espalhou ràpidamente. O operador de rádio de terceira classe, Bennie Glisson, do destróier americano *Corry*, soubera das ordens quando se preparava para fazer o seu quarto. Diri-

gira-se para o refeitório e encontrara ali mais de dez homens que jantavam — naquela noite era peru com todos os acompanhamentos. Todo mundo parecia deprimido.

— Até parece que vocês estão comendo pela última vez na vida — disse êle.

Bennie estava quase certo. No mínimo a metade das pessoas presentes afundaria com o *Corry* poucos minutos antes da Hora-H do Dia-D.

À meia-noite, os cúteres da Guarda-Costeira e os destróieres da Marinha deram início à grande tarefa de juntar de nôvo os comboios. Dessa vez não haveria retrocesso.

Segunda-feira, 5 de junho de 1944: à luz do amanhecer, as praias da Normandia estavam cobertas pela névoa. As chuvas intermitentes do dia anterior se haviam transformado num gotejar constante que ensopava tudo. Além das praias ficavam os velhos campos de forma irregular, onde se haviam travado inúmeras batalhas e outras se travariam.

Havia quatro anos que o povo da Normandia vivia com os alemães no seu território. Essa servidão tivera sentidos diferentes para diferentes normandos. Nas três cidades principais — Havre, Cherburgo e Caen — a ocupação era um duro e constante fato da vida. Ali estavam as sedes da Gestapo e das Tropas de Assalto, as SS. Ali estavam os lembretes da guerra — as prisões noturnas de reféns, as incessantes represálias contra a Resistência, os aplaudidos mas temidos bombardeios aliados.

Fora das cidades, especialmente entre Caen e Cherburgo, ficava a região das sebes: os pequenos campos limitados por grandes barreiras de terra, cada uma encimada por mato cerrado e arbustos, que tinham servido de fortificações naturais a invasores desde os tempos dos romanos. Pontilhando a paisagem, erguiam-se as casas de madeira das herdades, com telhados de côlmo ou de telhas vermelhas. Aqui e ali havia vilas e aldeias, como cidadelas em miniatura, quase tôdas com igrejas normandas de linhas sóbrias, rodeadas de seculares casas de pedra cinzenta. Os seus nomes eram desconhecidos de quase todo o resto do mundo — Vierville... Colleville... La Madeleine... Ste-Mère-Eglise... Chef-du-Pont... Ste-Marie-du-Mont... Arromanches... Luc... e tantas outras.

Ali, no campo escassamente povoado, a ocupação tinha um sentido diferente do das cidades grandes. Colhido numa espécie de refluxo da guerra, o camponês normando não tivera outro recurso senão adaptar-se à situação. Milhares de homens e mulheres eram levados das vilas e aldeias para serem empregados no trabalho escravo, e os que ficavam eram forçados a labutar parte do seu tempo em batalhões de trabalho para as guarnições da costa. Mas os camponeses, ferozmente independentes, não faziam senão o que era absolutamente necessário. Viviam, de dia para dia, odiando os nazistas com a típica tenacidade normanda, observando e aguardando estòicamente o dia da libertação.

Em Colleville, perto do lugar que em breve o mundo conheceria como a Praia Omaha, Fernand Broeckx, homem de 40 anos, estava fazendo o que fazia tôdas as manhãs: sentado no seu galpão, com os óculos de esguelha no rosto e a cabeça inclinada junto ao ubre de uma vaca, dirigia para um balde o fino jacto de leite. A sua fazenda, à beira de uma estreita estrada de terra, ficava no alto de uma pequena elevação, talvez a um quilômetro do mar. Havia muito que êle não andava por aquela estrada ou ia até à praia, isto é, desde que os alemães a tinham isolado.

Fazia cinco anos que êle era lavrador na Normandia. Na Primeira Guerra Mundial, Broeckx, que era belga, tivera a sua casa destruída. Nunca mais se esquecera disso. Em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, deixara imediatamente o seu emprêgo num escritório e se mudara com a mulher e a filha para Normandia, onde ficaram em segurança.

A 25 quilômetros dali, na cidade episcopal de Bayeux, a sua bela filha de 19 anos, Anne Marie, preparava-se para ir à escola onde ensinava no jardim da infância. Estava ansiosa pelo fim do dia, porque então começariam as férias. Resolvera passá-las na fazenda e pretendia voltar para casa de bicicleta no dia seguinte. Não tinha meio algum de saber que no dia seguinte um americano alto e magro, natural de Rhode Island, a quem ela não conhecia, desembarcaria na praia, quase em frente à fazenda do pai dela. Também não tinha meio algum de saber que um dia se casaria com êle.

Ao longo de tôda a costa da Normandia as pessoas cuidavam das suas habituais tarefas cotidianas. Os lavradores trabalhavam nos

campos, tratavam dos seus pomares de macieiras, pastoreavam o seu gado malhado de marrom e branco. Nas pequenas vilas as lojas se abriam. Para todos era apenas mais um dia comum de trabalho.

No povoado de La Madeleine, por trás das dunas e da grande extensão de areia que daí a pouco seria conhecida como a Praia Utá, Paul Gazengel abria, como de costume, as portas do seu pequeno café e loja, embora quase não houvesse freguesia.

Em outros tempos Gazengel fizera bons negócios. Mas tôda a zona costeira fôra isolada. As famílias que viviam depois da praia e em todo aquêle lado da península de Cherburgo tinham sido transferidas. Só os proprietários de fazendas tiveram permissão de ficar. A subsistência do dono do café passara a depender de sete famílias que haviam ficado em La Madeleine e de alguns soldados alemães da vizinhança, aos quais êle era forçado a servir.

Gazengel gostaria de partir. Sentado no seu café à espera do primeiro freguês, êle não podia suspeitar que antes de 24 horas iria fazer uma viagem. Êle e todos os outros homens da aldeia seriam reunidos e mandados para a Inglaterra a fim de serem interrogados.

Também para os alemães o dia foi tranqüilo e sem incidentes. Nada acontecia nem se esperava que algo acontecesse. O tempo estava tão feio que em Paris, no quartel-general da Luftwaffe, no Palácio de Luxemburgo, o C.el Prof. Walter Stöbe, meteorologista-chefe, dissera aos oficiais do estado-maior que podiam ficar descansados. Duvidava que os aviões aliados pudessem sequer levantar vôo naquele dia. As guarnições dos canhões antiaéreos receberam prontamente ordem de descansar.

Em seguida Stöbe telefonou para o quartel-general de von Rundstedt, em St.-Germain. Naquele dia von Rundstedt dormiu até tarde, como de costume, e era quase meio-dia quando conferenciou com o seu chefe de estado-maior e aprovou a "Análise das Intenções Aliadas" de OB Oeste, para que pudesse ser encaminhada ao OKW, o quartel-general de Hitler. A análise era mais uma típica impressão errada. Dizia: "O sistemático e nítido aumento de ataques aéreos indica que o inimigo alcançou um grau elevado de preparação. A frente provável da invasão continua a ser o setor do Escalda (na Holanda) à Normandia... e não é possível que a frente norte da Bretanha seja incluída... (mas)... ainda não é evidente onde o inimigo invadirá dentro dessa área. Os ataques aéreos concentrados nas defesas costeiras entre Dunquerque e Dieppe podem significar que o principal esfôrço de invasão aliado será feito ali... (mas)... não há indícios de iminência de invasão..."

Desembaraçado dessa análise vaga, que cobria quase 1.300 quilômetros da costa da invasão, von Rundstedt e o filho, um jovem tenente, partiram para o restaurante predileto do marechal, o Coq Hardi, que ficava perto, em Bougival. Passava um pouco das 13 horas; faltavam 12 horas para o Dia-D.

Através de tôda a cadeia do comando alemão, o persistente mau tempo agia como um tranqüilizador. Os vários quartéis-generais tinham plena confiança de que não haveria ataques em futuro imediato. Êsse raciocínio se baseava nas condições do tempo por ocasião dos desembarques aliados na África do Norte, na Itália e na Sicília, as quais tinham sido cuidadosamente estudadas. As condições tinham variado de caso para caso, mas os meteorologistas haviam notado que os Aliados nunca tentavam um desembarque sem que as perspectivas de tempo favorável fôssem quase certas, especialmente para assegurar as operações aéreas. Para a metódica mentalidade alemã não havia desvio dessa regra: se o tempo não fôsse o que devia ser, os Aliados não atacariam. E o tempo não era o que devia ser.

No quartel-general do Grupo de Exército B em La Roche-Guyon os trabalhos prosseguiam como se Rommel ainda estivesse lá. Mas o Chefe do Estado-Maior, Gen. Dr. Hans Speidel, julgava tudo tão calmo que organizou um pequeno jantar. Convidara várias pessoas, entre elas o filósofo e escritor Ernst Juenger. O intelectual Speidel aguardava com ansiedade o jantar. Esperava que se discutisse o seu assunto predileto — Literatura Francesa. Mas havia outra coisa a se discutir: um manuscrito de 20 páginas que Juenger redigira e passara secretamente a Rommel e a Speidel. Ambos acreditavam fervorosamente no documento: esboçava um plano de obter a paz, depois que Hitler fôsse julgado por um tribunal alemão ou assassinado.

— Podemos passar a noite discutindo as coisas — dissera Speidel a Juenger.

Em St.-Lô, no quartel-general da 84.ª Unidade, o Major Friedrich Hayn, oficial do Serviço Secreto, tomava providências para uma

festa em honra do comandante da unidade, Gen. Erich Marcks, cujo aniversário era a 6 de junho.

Estavam esperando pela meia-noite para fazer a festa de surprêsa porque Marcks teria de partir ao amanhecer para a cidade de Rennes, na Bretanha. Êle e todos os outros comandantes graduados na Normandia iriam participar de um grande exercício no mapa, o qual começaria na manhã de têrça-feira. Todos esperavam que o *Kriegsspiel* fôsse interessante, pois trataria de uma "invasão" teórica que se verificaria na Normandia.

O Gen. Max Pemsel, Chefe do Estado-Maior do Sétimo Exército, estava preocupado com o *Kriegsspiel*. Já era bem mau que os seus comandantes graduados na Normandia e na península de Cherburgo ficassem ausentes dos seus comandos, todos ao mesmo tempo. Mas poderia ser perigoso passarem a noite fora. Rennes ficava muito longe para a maioria dêles e Pemsel receava que alguns estivessem cogitando de partir da frente antes do amanhecer. Pensava êle que, se chegasse a se verificar uma invasão na Normandia, o ataque seria desfechado ao romper do dia. Resolveu advertir a todos os que deviam participar dos jogos. A ordem que êle transmitiu por teletipo dizia o seguinte. "Os generais e outros comandantes indicados para comparecer ao *Kriegsspiel* não devem partir para Rennes antes do amanhecer do dia 6." Mas era muito tarde. Alguns já haviam partido.

Nessa altura, como por um capricho do destino, quando muitos dos oficiais encarregados das defesas da cabeça-de-praia estavam ausentes da frente, o Alto Comando Alemão resolveu transferir as últimas esquadrilhas de caça da Luftwaffe que restavam na França para um ponto que deixava as praias da Normandia fora do seu alcance. Os aviadores ficaram atônitos.

O motivo principal da transferência foi que as esquadrilhas eram necessárias para a defesa do Reich, o qual havia meses vinha suportando bombardeios aliados cada vez mais pesados, durante as 24 horas do dia. De acôrdo com as circunstâncias, não parecia sensato ao Alto Comando deixar êsses aparelhos de vital importância nos expostos aeroportos da França, onde os caças e bombardeiros aliados os estavam destruindo. Hitler prometera aos seus generais que 1.000 aviões da Luftwaffe chegariam às praias no dia da invasão. Isso se tornara evidentemente impossível. No dia 4 de junho havia apenas

183 aviões de caça diurnos em tôda a França; uns 160 eram considerados em condições de vôo. Dêsses 160, uma ala de 124 — a 26.ª Ala de Caças — fôra transferida da costa naquela mesma tarde.

No quartel-general da 26.ª em Lille, na zona do 15.º Exército, o C.el Josef "Pips" Priller, um dos grandes ases da Luftwaffe (êle tinha abatido 96 aviões), estava furioso no aeroporto. Priller, que tinha fama de dizer as verdades aos generais, telefonou em seguida para o seu comandante.

— Isso é uma loucura! — gritou êle. — Se estamos esperando uma invasão, as esquadrilhas devem ser transferidas para cá e não tiradas daqui! E que acontecerá se o ataque fôr desfechado durante a transferência? O meu material não poderá chegar às novas bases senão amanhã ou talvez depois de amanhã. Vocês estão todos malucos!

— Escute, Priller — redargüiu o comandante. — Não pense em invasão. O tempo está ruim demais.

Priller bateu o telefone. Voltou ao aeroporto. Só dois aviões ainda estavam ali. O seu e o que pertencia ao Sarg. Heinz Wodarczyk, seu companheiro de esquadrilha.

— Que é que vamos fazer? — disse êle a Wodarczyk. — Se houver invasão, êles naturalmente vão querer que a detenhamos sòzinhos. Portanto, podemos desde já começar a embriagar-nos.

De todos os milhões de pessoas que observavam e esperavam através da França, menos de uma dezena de homens e mulheres realmente sabia que a invasão estava iminente. Prosseguiam tratando dos seus negócios com calma e despreocupação, como de costume. Fazia parte das suas atividades serem calmos e despreocupados, pois eram os chefes do movimento subterrâneo francês.

A maioria estava em Paris. Dali comandavam vasta organização, tão secreta que os chefes raramente se conheciam, exceto por nomes cifrados, e nunca um grupo sabia o que o outro estava fazendo.

Êsse grande exército secreto da Resistência, composto de homens e mulheres, vinha travando uma guerra silenciosa havia mais de quatro anos — uma guerra que raramente era espetacular, mas era sempre perigosa. Milhares dos seus combatentes tinham sido executados e outros milhares haviam morrido em campos de concentração. Mas, embora os homens que combatiam nas suas fileiras

não soubessem disso, o dia por que vinham lutando estava próximo.

Nos dias anteriores, o alto comando do movimento subterrâneo havia captado centenas de mensagens cifradas, transmitidas pela BBC. Algumas dessas tinham sido avisos de que a invasão poderia verificar-se a qualquer momento. Uma dessas mensagens fôra o princípio do poema de Verlaine, *"Chanson d'Automne"*, o mesmo aviso que os homens do Ten.-C.el Meyer, no quartel-general do 15.º Exército Alemão, haviam interceptado a 1.º de junho. Canaris tivera razão.

Agora, os chefes do movimento subterrâneo, como Meyer, mas muito mais nervosos, esperavam o resto do trecho do poema. Entretanto, para o movimento subterrâneo em geral, o verdadeiro aviso se verificaria quando os Aliados ordenassem a execução dos planos de sabotagem prèviamente combinados. Duas mensagens desfechariam os ataques. Uma delas, *"Faz calor em Suez"*, poria em vigor o "Plano Verde" — a sabotagem do material ferroviário. A outra, *"Os dados estão na mesa"*, desfecharia o "Plano Vermelho" — o corte dos fios telefônicos e telegráficos. Todos os chefes de região, de área e de setor haviam recebido instruções para ficar à espera dessas duas mensagens.

Naquela noite de segunda-feira, véspera do Dia-D, uma mensagem foi irradiada pela BBC às 18 h e 30 m. O locutor disse: *"Os dados estão na mesa... O chapéu de Napoleão está na arena... A flecha não passará."* A outra chegou minutos depois.

Em tôda a parte, depois disso, os grupos da Resistência souberam da notícia por intermédio dos seus chefes imediatos. Cada grupo tinha o seu plano próprio e sabia exatamente o que tinha de fazer. Albert Augé, o chefe de estação em Caen, tinha de destruir com os seus homens as bombas de água dos pátios e quebrar os injetores de vapor das locomotivas. André Farine, dono de um café em Lieu Fontaine, perto de Isigny, estava encarregado de estrangular as comunicações da Normandia. A sua turma de 40 homens cortaria o grosso cabo telefônico que partia de Cherburgo. Yves Gresselin, merceeiro de Cherburgo, tinha uma das mais árduas missões: os seus homens iriam dinamitar um entroncamento de linhas ferroviárias entre Cherburgo, St.-Lô e Paris. Por tôda a parte ao longo da costa da invasão, da Bretanha à fronteira da Bélgica, havia homens preparados.

Na cidade de Grandcamp, estação de veraneio à beira-mar, perto

Navios de desembarque aliados aproximam-se da costa francesa em 6 de junho de 1944.

A fotografia foi tirada de bordo de um avião que documentava o desembarque

Foto estúdio de Illustrazione Arborio Mella

da foz do Vire e quase eqüidistante das praias Omaha e Utá, o chefe de setor Jean Marion tinha importantes informações para transmitir a Londres. Não sabia como poderia fazê-lo nem se ainda teria tempo.

No começo da tarde os seus homens lhe haviam comunicado a chegada à zona de um nôvo grupo de bateria antiaérea. Marion fôra despreocupadamente de bicicleta até lá para ver as baterias. Ainda que o fizessem parar, êle sabia que se sairia bem. Entre os muitos cartões de identificação falsos que tinha para ocasiões assim, havia um que o declarava operário de construção na Muralha do Atlântico.

Marion ficou impressionado com o tamanho do grupo e com a superfície que ocupava. Era um Grupo de Assalto Antiaéreo motorizado, com canhões antiaéreos pesados, leves e mistos. Marion ficou preocupado com a febril atividade que presenciava. Isso só podia indicar que a invasão seria ali e que, de uma maneira ou de outra, os alemães haviam sabido daquele fato.

Embora Marion o ignorasse, os canhões estavam situados exatamente no caminho que os aviões e planadores dos pára-quedistas seguiriam poucas horas depois. Entretanto, se alguém no Alto Comando Alemão tivera qualquer conhecimento do ataque iminente, não o havia dito ao C.el Werner von Kistowski, experimentado comandante do 1.º Regimento de Assalto Antiaéreo. Ainda não sabia por que a sua unidade antiaérea de 2.500 homens tinha sido mandada às pressas para ali. Mas Kistowski estava habituado a essas mudanças repentinas. Certa vez, o seu regimento fôra mandado sòzinho para as Montanhas do Cáucaso. Nada mais o surpreendia.

Ao largo da costa francesa, um pouco antes das 21 horas, apareceu uma dúzia de pequenos navios. Deslocavam-se sossegadamente ao longo do horizonte, tão perto que suas tripulações podiam ver perfeitamente as casas da Normandia. Os navios passaram despercebidos. Fizeram o que tinham de fazer e voltaram. Eram caça-minas inglêses — a vanguarda da mais poderosa frota já reunida.

Já então, no Canal, sulcando as agitadas águas cinzentas, uma falange de navios levava para a Europa de Hitler o poder e a fúria que afinal o mundo livre desencadeava. Implacàvelmente, fila após fila, estendendo-se por dez colunas, numa largura de mais de 30 quilômetros, seguiam 2.727 navios de tôdas as espécies. Havia rápi-

dos e novos transportes de ataque, lentos cargueiros marcados de ferrugem, pequenos transatlânticos, vapôres do canal, navios-hospitais, navios-tanques batidos pelas intempéries, barcos de cabotagem e enxames de irrequietos rebocadores. Havia infindáveis colunas de lanchas de desembarque de pequeno calado, grandes e pesados navios, alguns de mais de 107 metros de comprimento. Muitos dêsses e de outros transportes mais pesados levavam mais de 2.500 embarcações menores de desembarque para o assalto direto à praia.

À frente dos comboios havia procissões de caça-minas, cúteres da Guarda-Costeira, lança-bóias e lanchas. Por cima dos navios voavam balões de barragem. Esquadrilhas de caça passavam de um lado para outro abaixo das nuvens. E, rodeando êsse desfile fantástico de navios carregados de homens, armas, tanques, veículos motorizados e material, seguia um conjunto impressionante de mais de 700 navios de guerra.

Lá estava o cruzador pesado americano *Augusta,* navio-capitânia do Contra-Almirante Kirk, liderando a fôrça-tarefa americana — 21 comboios que se destinavam às praias Omaha e Utá. Perto, navegando majestosamente com tôdas as suas bandeiras de combate desfraldadas, estavam os couraçados inglêses *Ramillies* e *Warspite,* bem como os americanos *Texas, Arkansas* e o orgulhoso *Nevada,* que os japonêses haviam pôsto a pique e considerado fora de combate em Pearl Harbor.

À frente dos 38 comboios inglêses e canadenses, que se destinavam às praias Espada, Juno e Ouro, ia o cruzador inglês *Scylla,* capitânia do Contra-Almirante Sir Philip Vian, que ajudara a caçar o grande couraçado alemão *Bismarck.* Nas imediações estava um dos mais famosos cruzadores da Inglaterra, o *Ajax,* que fizera parte do grupo de três que haviam caçado o *Graf Spee,* até afundá-lo no pôrto de Montevidéu. Havia muitos cruzadores famosos: os americanos *Tuscaloosa* e *Quincy,* os inglêses *Enterprise* e *Black Prince* e o francês *Georges Leygues* — 22 ao todo.

Em filas, nas margens dos comboios, seguia uma grande variedade de navios, chalupas, corvetas, canhoneiras poderosas — como a holandesa *Soemba* — lanchas de patrulha anti-submarina, rápidas lanchas torpedeiras e, por tôda a parte, os ágeis destróieres. Além das dezenas de destróieres americanos e inglêses, havia os canadenses

Qu'appelle, Saskatchewan e *Restigouche;* o *Svenner* da Noruega Livre, e até uma contribuição das Fôrças Polonesas Livres, o *Piorun.*

Lenta e pesadamente, essa grande armada atravessava a Mancha. Seguia uma ordem de tráfego traçada de minuto a minuto de uma forma que até então não se tentara. Saindo dos portos inglêses, os navios desciam pelas costas em duas filas de comboio, encaminhando-se para o ponto de reunião ao sul da Ilha de Wight. Ali eram distribuídos e incorporados às fôrças que se dirigiam a uma das cinco praias para as quais tinham sido designadas. Do ponto de reunião, que logo foi apelidado "Piccadilly Circus", os comboios tomaram o rumo da França seguindo rotas marcadas por bóias. Perto da Normandia, essas cinco rotas, como um entroncamento rodoviário, se dividiram em dez canais — dois para cada praia — sendo um dêles para tráfego rápido e outro para tráfego lento. À frente, perto da cabeça dêsses duplos canais e atrás da ponta-de-lança dos caça-minas, couraçados e cruzadores, estavam os navios de comando — cinco transportes de ataque, eriçados de antenas de radar e de rádio. Êsses postos de comando flutuantes seriam os centros nervosos da invasão.

Por tôda a parte havia navios, e para os homens que iam a bordo aquela histórica armada era "o espetáculo mais impressionante e inesquecível" que já tinham visto.

Para os soldados era bom estar afinal a caminho, apesar dos desconfortos e perigos que os esperavam. Estavam ainda inquietos, mas já se atenuara um pouco a tensão. O que todos então queriam era simplesmente fazer o trabalho e acabar logo com aquilo.

Nos navios e transportes de desembarque, os homens escreviam cartas de última hora, jogavam cartas, empenhavam-se em longas discussões filosóficas e os capelães trabalhavam ativamente.

Pouco depois de se verem no Canal, muitos homens que tinham passado horas preocupados com as suas possibilidades de sobrevivência estavam impacientes por chegar às praias. O enjôo havia assolado os 59 comboios como uma epidemia, principalmente nas lanchas de desembarque que jogavam muito. Cada homem recebera pílulas contra o enjôo e uma peça de material inscrita nos inventários como típico realismo militar, da seguinte maneira: "Saco, Vômito, Um."

Era um exemplo máximo de eficiência do Exército. Mas ainda não era suficiente... Um sargento, recordando aquêles tempos, diz: "Os sacos ficaram cheios, os capacetes se encheram. Tirou-se até a areia dos baldes de incêndio para enchê-los."

Alguns homens tentavam ler livros estranhos e curiosos, que, na maioria, nenhuma relação tinham com a situação em que êles se encontravam. O cabo Alan Bodet, da Primeira Divisão, começou a ler *Em Cada Coração um Pecado (Kings Row),* mas teve dificuldade em concentrar a atenção no livro porque estava preocupado com o seu jipe. Iria a impermeabilização resistir quando êle dirigisse o veículo em cêrca de um metro de água? O Capelão Lawrence E. Deery, da Primeira Divisão, a bordo do transporte britânico *Empire Anvil,* espantou-se ao ver um oficial de marinha inglês lendo as *Odes* de Horácio em latim. Por sua vez, Deery, que desembarcaria na Praia Omaha com a primeira leva, juntamente com o 16.º Regimento de Infantaria, passara as primeiras horas da noite lendo *A Vida de Miguel Ângelo,* de Symonds. Ali perto, numa embarcação de desembarque, o Comandante Phillipe Kieffer, da única unidade francesa, enrolou-se nos cobertores. Nesse momento veio-lhe à mente a prece de Sir Jacob Astley na batalha de Edgehill, na Inglaterra, em 1642. Kieffer pronunciou-a docemente na escuridão, em voz alta. "Ó meu Deus, Tu sabes quanto vou estar ocupado neste dia. Se eu Te esquecer, não Te esqueças de mim..." Puxou as cobertas para cima e adormeceu quase instantâneamente.

Passava um pouco das 22 h e 55 m quando o Ten.-C.el Meyer, chefe do serviço de contra-espionagem do 15.º Exército Alemão, saiu às carreiras do seu escritório. Levava nas mãos talvez a mensagem mais importante que os alemães haviam interceptado durante tôda a Segunda Guerra Mundial. Meyer sabia naquele momento que a invasão se realizaria dentro das 48 horas seguintes. Com essa informação, os Aliados seriam repelidos até ao mar. A mensagem, colhida de uma transmissão da BBC para o movimento subterrâneo francês, era o resto do trecho do poema de Verlaine: *"Blessent mon coeur d'une langueur monotone."*

Meyer irrompeu na sala onde o Gen. Hans von Salmuth jogava bridge com o seu chefe de estado-maior e mais duas pessoas.

— General! — exclamou Meyer, ofegante. — A mensagem, a segunda parte... aqui está!

Von Salmuth pensou um momento, depois deu ordem de colocar o 15.º Exército em rigorosa prontidão. Quando Meyer saiu às pressas, von Salmuth olhou de nôvo para as suas cartas. Recorda-se de haver dito nessa ocasião:

— Sou muito velho nisto para que uma coisa destas me ponha nervoso.

Como os outros pára-quedistas, o soldado Schultz, da 82.ª Divisão de Pára-Quedistas dos Estados Unidos, estava pronto e à espera no aeroporto. Estava com o macacão de salto e um pára-quedas sôlto pendurado no braço direito. Tinha o rosto enegrecido com carvão e a cabeça tôda raspada à exceção de um pequeno tufo de cabelos no alto da cabeça, o que lhe dava a aparência de um índio iroquês. Em tôrno dêle estava o seu equipamento. Schultz sentia-se bem, porque conseguira perder tudo o que ganhara. Só lhe restavam as contas do têrço que sua mãe lhe mandara. De repente, alguém gritou:

— Muito bem, vamos embora!

Em seguida, os caminhões começaram a atravessar o aeroporto em direção aos aviões que esperavam.

Por tôda a parte na Inglaterra os exércitos aliados de pára-quedistas estavam embarcando nos seus aviões e planadores. Os aviões-pilotos já haviam levantado vôo. No quartel-general da 101.ª Divisão de Pára-Quedistas, em Newbury, o Gen. Eisenhower, com um pequeno grupo de oficiais e quatro correspondentes de guerra, olhava os primeiros aviões que tomavam posição para a decolagem. Levara mais de uma hora falando com os soldados. A ação dos pára-quedistas preocupava-o mais do que qualquer outra fase do assalto. Alguns dos seus comandantes estavam convencidos de que o assalto dos pára-quedistas poderia resultar em baixas de mais de 75 %.

Eisenhower olhava enquanto os aviões corriam pelas pistas e se elevavam lentamente no ar. Um por um êles iam penetrando na escuridão. Evoluíam sôbre o campo para unir-se em formação. Eisenhower, com as mãos metidas nos bolsos, erguia o olhar para o céu noturno. Quando a grande formação de aviões passou roncando mais uma

vez sôbre o aeroporto e tomou a direção da França, Eisenhower tinha os olhos cheios de lágrimas.

Minutos depois, no Canal da Mancha, os homens da esquadra de invasão ouviram também o barulho dos aviões. Ia-se tornando mais forte de segundo a segundo, à medida que as diversas ondas de aparelhos passavam. As formações levaram mais de uma hora a passar. Depois começou a amortecer-se o fragor dos seus motores. Dos tombadilhos dos navios os homens olhavam para o alto dentro das trevas. Ninguém podia dizer uma palavra. Quando passou a última formação, uma luz ambarina piscou através das nuvens e foi vista pela esquadra embaixo. A luz formou lentamente em alfabeto Morse três pontos e uma linha: o V da Vitória.

Pouco depois da meia-noite, em 6 de junho de 1944, o Major Werner Pluskat, da 352.ª Divisão Alemã, foi despertado por um sinistro fragor que enchia o céu. Pluskat estava no seu quartel-general em Etreham, seis quilômetros para o interior da costa da Normandia. Atarantado, ainda tonto de sono e em trajes menores, pegou no telefone e ligou para o Tenente-Coronel Ocker, seu comandante de regimento.

— Que é que está acontecendo? — gritou êle pelo telefone.

O barulho dos aviões e do tiroteio estava aumentando e o instinto mostrava claramente a Pluskat que não se tratava apenas de um assalto aéreo.

Ocker se mostrou aborrecido com o telefonema de Pluskat.

— Meu caro Pluskat — disse êle friamente — não sabemos ainda o que está acontecendo. Receberá comunicação quando soubermos.

O telefone foi desligado com um estalo sêco. A resposta não satisfez Pluskat. Havia 20 minutos que os aviões roncavam pelo céu pontilhado de artifícios iluminantes, bombardeando a costa a leste e a oeste. O setor da costa de Pluskat, no centro, estava inquietamente sossegado. Do seu quartel-general, instalado num velho castelo, comandava quatro baterias — 20 canhões ao todo — que cobriam metade da área que breve seria conhecida como a Praia Omaha.

Pluskat telefonou nervosamente para o comando da divisão e falou com o oficial do serviço de informações da 352.ª, o Major Block.

— Deve ser apenas outro bombardeio aéreo, Pluskat — disse-lhe Block. — Não se sabe ainda.

Pluskat desligou um pouco desconcertado. Talvez estivesse sendo muito impulsivo. Afinal de contas, Pluskat se recorda agora, depois de semanas de ordens de prontidão dadas e revogadas, aquela era uma das poucas noites em que os seus homens tinham recebido ordem de descansar.

Pluskat já estava inteiramente acordado, inquieto demais para dormir. Ficou por algum tempo sentado na cama. Aos seus pés, Harras, o seu cão-policial, estava tranqüilamente deitado. Ao longe, Pluskat ouvia ainda o zumbido dos aviões. O telefone tocou e Pluskat atendeu.

— Há notícia de pára-quedistas na península — disse com voz calma o Tenente-Coronel Ocker. — Ponha os seus homens de prontidão e vá imediatamente para a costa.

Minutos depois, Pluskat e dois dos seus oficiais, o Capitão Ludz Wilkening e o Tenente Fritz Theen, entraram no seu pôsto de comando avançado, um abrigo para observação construído nos penhascos perto da aldeia de Ste.-Honorine.

Pluskat tomou imediatamente posição diante de uma luneta de artilharia de grande alcance, assentada num pedestal em frente de uma das duas estreitas aberturas do abrigo. O pôsto de observação não poderia estar mais bem situado. Elevava-se mais de 30 metros acima da praia e estava quase no centro do que seria dentro em pouco a cabeça-de-praia da Normandia. Num dia claro, daquele ponto privilegiado poder-se-ia ver desde a ponta da península de Cherburgo, à esquerda, até ao Havre, à direita.

Mesmo então, ao luar, Pluskat dispunha de amplo campo de visão. Movendo lentamente a luneta de um lado para outro, examinou tôda a baía. Nada viu de extraordinário. Por fim, afastou-se.

— Nada há por lá — disse êle a Theen, enquanto telefonava para o comando do regimento.

Nessa altura, notícias vagas e contraditórias estavam chegando aos postos de comando do Sétimo Exército Alemão em tôda a Normandia, e por tôda a parte os oficiais procuravam apurá-las. Não sabiam de muita coisa — vultos vistos aqui, tiros disparados ali, um pára-quedas suspenso de uma árvore acolá. Eram indícios de alguma coisa,

mas de quê? Quantos homens haviam descido — dois ou 200? Eram tripulantes de um bombardeiro que se haviam lançado de pára-quedas? Seria uma série de ataques da Resistência Francesa? Ninguém tinha certeza — e com base nas informações conseguidas não havia ninguém no quartel-general do Sétimo Exército ou do 15.º Exército, na zona do Passo de Calais, que estivesse disposto a dar um alarma... um alarma que poderia ser depois um rebate falso. E assim os minutos se iam passando.

Embora os alemães não o reconhecessem como tal, o aparecimento de pára-quedistas na península de Cherburgo era sinal de que o Dia-D havia começado. Aquêles pára-quedistas, em número de 120, eram balizadores. Tinham sido preparados numa escola especial instalada pelo Brigadeiro James M. Gavin, Subcomandante da 82.ª Divisão de Pára-Quedistas. Levavam a missão de marcar as zonas de lançamento numa área de 130 quilômetros quadrados da península, além da Praia Utá, para o ataque em grande escala dos pára-quedistas e planadores americanos que começaria uma hora depois.

— Quando descerem na Normandia — tinha-lhes dito Gavin — vocês só terão um amigo: Deus.

Desde o início os balizadores depararam com dificuldades. O fogo antiaéreo dos alemães era tão intenso que os aviões tiveram que desviar-se da rota. Apenas 38 dos 120 balizadores desceram no lugar marcado. O resto foi parar a quilômetros de distância.

Por tôda a área havia balizadores procurando orientar-se. Deslocando-se em silêncio de sebe em sebe, carregados de armas, minas, faróis e painéis fluorescentes, partiram para os pontos marcados. Dispunham de uma hora para balizar as zonas de lançamento para o ataque americano em grande escala.

A 80 quilômetros dali, na extremidade oriental do campo de batalha da Normandia, seis aviões cheios de balizadores inglêses e seis bombardeiros da RAF rebocando planadores sobrevoavam a costa. O céu estava revôlto pelo violento fogo antiaéreo e por tôda a parte pendiam os fantásticos candelabros dos artifícios iluminantes quando começaram os saltos.

Dois balizadores inglêses mergulharam do céu noturno diretamente no gramado em frente ao quartel-general do General Josef Reichert,

Comandante da 711.ª Divisão Alemã. Reichert estava jogando cartas quando os aviões se fizeram ouvir e correu para fora com os oficiais, justamente a tempo de assistir à aterrissagem dos dois britânicos.

Seria difícil dizer quem se espantou mais, se os alemães, se os balizadores. O atônito Reichert pôde apenas exclamar:

— De onde é que vocês estão chegando?

Um dos balizadores, com todo o aprumo de quem acabasse de penetrar numa festa, respondeu:

— Desculpe, meu velho, mas acontece que descemos aqui por acaso.

Reichert correu para o telefone, dentro do quartel-general.

— Quero falar com o quartel-general do 15.º Exército — disse êle.

Mas, enquanto esperava que completassem a ligação, os faróis das zonas de lançamento começaram a brilhar, tanto no setor inglês como no americano. Alguns dos balizadores haviam encontrado suas zonas.

Em St.-Lô, no comando do 84.º Corpo, que vinha hieràrquicamente logo depois do comando do Sétimo Exército, os oficiais de estado-maior se haviam reunido no quarto do General Erich Marcks para homenageá-lo com uma festa de aniversário de surprêsa. Congregados num reduzido grupo em tôrno do seu general perneta e de rosto severo (perdera uma perna na Rússia), os oficiais se perfilaram. Erguendo rìgidamente as taças, beberam à sua saúde, beatìficamente ignorantes do fato de que, enquanto faziam o brinde, milhares de pára-quedistas inglêses desciam em solo francês.

Para a maior parte dos pára-quedistas aquêle foi um momento que nunca esquecerão. O soldado Raymond Batten foi cair em cima de uma árvore. O seu pára-quedas se prendeu nos galhos e êle ali ficou, balançando-se nas correias a cinco metros do chão. A floresta ainda estava sossegada, e quando Batten puxou a faca para desembaraçar-se do pára-quedas, ouviu nas imediações o repentino crepitar de uma pistola de repetição Schmeisser. Um minuto depois houve uma agitação no mato abaixo dêle. Batten perdera a sua metralhadora Sten e teve de ficar ali, indefeso e dependurado, sem saber se quem se aproximava dêle era um alemão ou outro pára-quedista.

— Fôsse quem fôsse, chegou e olhou para mim — recorda Batten. — Não tive outro jeito senão ficar absolutamente imóvel. A pessoa, pensando decerto que eu estava morto, como era meu desejo que pensasse, afastou-se.

Batten desceu da árvore o mais depressa possível e se encaminhou para a orla da floresta. No caminho encontrou o corpo de um jovem pára-quedista cujo pára-quedas não se abrira. Depois, quando caminhava à beira de uma estrada, um homem passou por êle na carreira, gritando alucinadamente:

— Mataram meu companheiro! Mataram meu companheiro!

Por fim, alcançando um grupo de pára-quedistas que se dirigiam para o ponto de reunião, Batten se viu ao lado de um homem que parecia em estado de choque completo. Caminhava sem olhar para a esquerda nem para a direita e inteiramente indiferente ao fato de que o fuzil que agarrava convulsivamente com a mão direita estava inteiramente vergado.

O inimigo mais sinistro naqueles minutos iniciais do Dia-D não foi o homem, mas o que o homem fizera com a natureza. Na zona inglêsa, na extremidade oriental do campo de batalha da Normandia, as precauções que Rommel tomara contra os pára-quedistas deram bom resultado. Mandara inundar o vale do Rio Dives, transformando em armadilhas mortais as águas e os pântanos. Nunca será conhecido o número dos que morreram naqueles ermos. Os sobreviventes dizem que os pântanos eram cortados por um labirinto de valas de 2,00 m de profundidade e 1,20 m de largura, cujo fundo era de lama pegajosa. Um homem que mergulhasse numa dessas valas, sobrecarregado de armas e de equipamento pesado, estava perdido. Houve quem se afogasse com a terra firme a alguns metros de distância.

No parapeito de observação alemão, que dominava a Praia Omaha, o Major Werner Pluskat ouviu o crescente ruído de um grande número de aviões à sua esquerda. Instintivamente, olhou de nôvo pela luneta. A baía estava deserta.

Em Ste.-Mère-Eglise, à esquerda de Pluskat, o ruído do bombardeio era próximo. Alexandre Renaud, prefeito e farmacêutico do lugar, sentia até o chão tremer. Tocou a mulher e os três filhos para um abrigo antiaéreo improvisado, um corredor sòlidamente estaqueado ao lado da sala de estar. Era meia-noite e dez. Lembra-se da hora, porque exatamente nesse momento bateram com fôrça e com insistência na porta da rua. Antes mesmo de chegar à porta,

Renaud viu do que se tratava — a casa do Sr. Hairon, do outro lado da praça, estava tôda em chamas.

Quem estava à porta era o chefe dos bombeiros do lugar, resplandecente no seu polido capacete que lhe descia até à altura dos ombros.

— Acho que a casa foi atingida por uma bomba incendiária desgarrada — disse êle. — Pode conseguir do comandante a suspensão do toque de recolher? Precisamos de gente para fazer uma linha de baldes para apagar o fogo.

O prefeito correu para o comando alemão, que ficava perto, e conseguiu a autorização. Então êle e outros saíram batendo nas portas e convocando a gente do lugar para ir ajudar. Dentro em pouco mais de 100 homens e mulheres estavam estendidos em duas longas filas, passando baldes de água de mão em mão. Cercavam-nos 30 guardas alemães, armados de fuzis e Schmeissers.

Renaud se recorda de que no meio dessa confusão se ouviu de repente o ruído dos aviões avançando bem na direção de Ste-Mère-Eglise. Juntamente com o ronco cada vez mais forte dos motores ouvia-se, de instante a instante mais próximo, o pipocar do fogo antiaéreo, à medida que cada bateria tinha as formações ao seu alcance. Na praça de Ste.-Mère-Eglise todos olhavam para cima, fascinados, esquecidos da casa em chamas. Depois os canhões alemães da cidade começaram a atirar e o fragor dos aviões passava sôbre as suas cabeças. Os aviões atravessavam uma barragem de fogo cruzado. As luzes dos aparelhos estavam acesas. Voavam tão baixo que os que estavam na praça instintivamente se abaixaram. Renaud se lembra de que os aviões lançavam "grandes sombras no chão, ao mesmo tempo que luzes vermelhas pareciam brilhar dentro dêles".

Passavam em onda após onda as formações — os primeiros aviões da maior operação de pára-quedismo já tentada: 882 aparelhos transportando 13.000 homens da 101.ª e da 82.ª Divisões de Pára-Quedistas dos Estados Unidos, dirigindo-se para seis zonas de lançamento, tôdas elas num raio de poucos quilômetros de Ste.-Mère-Eglise. Os pára-quedistas saltavam dos seus aviões, uns após outros. O Tenente Charles Santarsiero estava postado na porta do seu avião, quando êste passou.

— Estávamos a cêrca de 120 metros de altura — recorda êle. —

Eu podia ver línguas de fogo e soldados alemães correndo. Um verdadeiro inferno. Subia para nós o fogo da artilharia antiaérea e das armas portáteis e os nossos homens estavam bem no meio dêle.

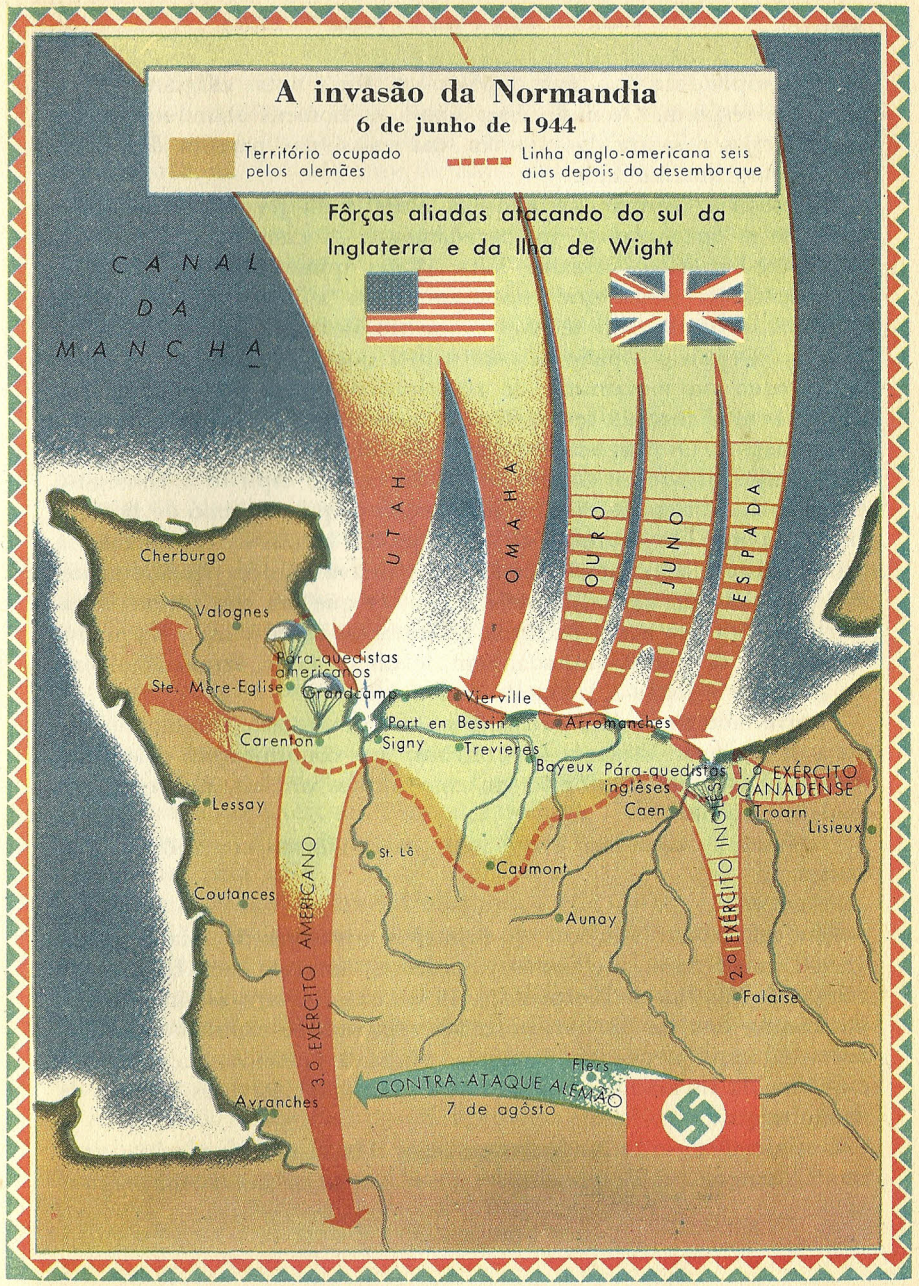
Envolvida pela carnificina que a rodeava, a gente que estava na praça não dava atenção à poderosa frota de aviões cheios de pára-quedistas que continuavam a zumbir incessantemente no alto. Milhares de homens estavam saltando para as zonas de lançamento a nordeste da cidade e entre Ste.-Mère-Eglise e a área de invasão denominada Utá. Dêles dependia o destino de tôda a operação da Praia Utá.

Os americanos lutavam contra obstáculos tremendos. As duas divisões estavam perigosamente dispersas. Só um regimento — o 505.º — descera no ponto exato. Cêrca de 60 % do equipamento se perdera, inclusive a maior parte dos rádios, dos morteiros e da munição. Pior ainda era a perda de muitos homens. A rota dos aviões ia de oeste para leste, através da península que se estendia para o norte e que se levava 12 minutos para atravessar. Centenas de homens, sobrecarregados de equipamento, saltaram antes do tempo e caíram nos traiçoeiros pântanos. Muitos se afogaram, alguns em menos de 60 centímetros de água. Outros, saltando tarde demais, foram cair no Canal da Mancha.

O cabo Louis Merlano desceu numa praia, diante de um letreiro que dizia: ACHTUNG MINEN! Tinha sido o segundo homem do seu avião a saltar. Enquanto procurava recuperar o fôlego na praia, ouviu gritos à distância. Eram os últimos 11 homens do seu avião que estavam nesse momento se afogando no Canal.

Merlano saiu da praia ràpidamente sem tomar conhecimento das minas. Pulou uma cêrca de arame farpado e correu para uma sebe. Já havia gente lá, mas Merlano não parou. Atravessou uma estrada e começou a galgar um muro de pedra. Nesse momento ouviu um grito de angústia às suas costas. Voltou-se. Um lança-chamas banhava a sebe que êle acabava de transpor e viu delineada pelo fogo a silhueta de outro pára-quedista.

Os americanos se reuniram naquela noite em inúmeros campos e prados, guiados pelo som de um grilo de brinquedo. As suas vidas dependiam de um pouco de metal, no valor de alguns cruzeiros, transformado num brinquedo de criança. Uma nota do grilo tinha



de ser respondida por uma dupla nota. Duas notas exigiam apenas uma em resposta. Ouvindo êsses sinais, os homens abandonavam os esconderijos e saíam das árvores, das valas, das paredes das casas, para cumprimentarem-se.

Por tôda a Normandia, naquela noite, pára-quedistas e soldados alemães se encontravam inesperadamente. A cinco quilômetros de Ste.-Mère-Eglise, o Tenente John Walas quase caiu em cima de uma sentinela alemã que estava em frente a um ninho de metralhadoras. Durante um terrível momento ficaram a olhar um para o outro. Depois o alemão deu um tiro à queima-roupa em Walas. A bala bateu no mecanismo de repetição do fuzil do tenente, que estava bem diante do seu estômago, passou-lhe de raspão pela mão e ricocheteou. Os dois homens deram as costas um ao outro e fugiram.

O Major Lawrence Legere teve presença de espírito e conseguiu livrar-se das dificuldades. Comandava um pequeno grupo de homens para o ponto de reunião. De repente foi intimado em alemão a parar. Legere não sabia alemão, mas falava francês fluentemente. Na escuridão do campo, disse em francês que era um jovem lavrador que fôra ver a sua pequena e estava de volta à casa. Enquanto falava, segurava uma granada. Sem deixar de falar, arrancou o pino da granada e jogou-a, matando três alemães.

Houve momentos de confusão para todo o mundo, principalmente para os generais. Estavam sem oficiais, sem comunicações e sem soldados. O General Taylor se viu com muitos oficiais, mas com três soldados apenas.

— Nunca — disse-lhes êle — tão poucos foram comandados por tantos.

Êste foi, pois, o comêço. Os primeiros invasores do Dia-D, quase 18.000 americanos, inglêses e canadenses, estavam nos flancos do campo de batalha da Normandia. Entre êles ficavam as cinco praias da invasão e, além do horizonte, aproximando-se ràpidamente, apenas a 20 quilômetros de distância, vinha o princípio da poderosa esquadra da invasão — mais de 5.000 navios, inclusive as lanchas de desembarque.

E os alemães ainda continuavam cegos. Havia muitos motivos para isso. O tempo, a falta que tinham de reconhecimento (apenas alguns aviões haviam sido mandados a sobrevoar as áreas de embarque nas semanas anteriores, e todos foram abatidos), a sua obstinada convicção de que a invasão *devia* ser feita pelo Passo de Calais... tudo isso contribuiu. Até os postos de radar lhes falharam naquela noite, perturbados por aviões aliados, que voavam ao longo da costa, soltando tiras de papel de estanho que embaçavam as imagens nas telas.

Mais de duas horas se haviam passado desde que os primeiros pára-quedistas tinham saltado. Só então os comandantes alemães na Normandia estavam começando a compreender que talvez estivesse acontecendo alguma coisa importante. Começaram a chegar as primeiras notícias esparsas.

O General Erich Marcks, Comandante do 84.º Corpo, estava ainda na sua festa de aniversário quando o telefone tocou. Marcks pegou no receptor. O Major Friedrich Hayn, oficial do serviço secreto de Marcks, lembra-se de que "o corpo do general deu a impressão de inteiriçar-se enquanto escutava". Quem estava telefonando era o General Wilhelm Richter, Comandante da 716.ª Divisão que defendia a costa acima de Caen. "Desceram pára-quedistas a leste do Orne... A área atingida parece ser em tôrno de Bréville e Ranville..."

Era a primeira notícia do ataque aliado a chegar a um quartel-general alemão importante. Era 2 h e 11 m da madrugada.

Marcks telefonou imediatamente para o General Max Pemsel, Chefe do Estado-Maior do Sétimo Exército, que tratou de acordar o Comandante do Exército, General Friedrich Dollmann.

— General — disse Pemsel — creio que é a invasão. Quer vir imediatamente para cá?

Enquanto Pemsel esperava Dollmann, o 84.º Corpo fêz novas comunicações: "...Pára-quedistas desceram perto de Montebourg e Marcouf... há tropas empenhadas em combate."

Pemsel prontamente avisou o General Dr. Hans Speidel, Chefe do Estado-Maior do Feldmarechal Erwin Rommel, Comandante-Chefe do Grupo de Exército B, a mais poderosa fôrça do Oeste Alemão. Rommel estava em férias na Alemanha.

Às 2 h e 30 m da madrugada, aproximadamente, o General Josef Reichert, da 711.ª Divisão, comunicou ao quartel-general do 15.º Exército, o segundo dos exércitos do Grupo B de Rommel, que

estavam descendo pára-quedistas em Cabourg. O General Hans von Salmuth, que comandava o 15.º Exército, telefonou depois para Reichert, a fim de obter algumas informações de primeira mão.

— Que diabo está acontecendo por aí? — perguntou von Salmuth.

— Meu General — respondeu Reichert — se me der licença, deixarei que o senhor mesmo escute.

Houve uma pausa e von Salmuth pôde ouvir claramente pelo telefone o crepitar das metralhadoras.

— Obrigado — disse von Salmuth, e desligou.

Logo depois telefonou também para o Grupo de Exército B.

No quartel-general de Rommel aquêles momentos foram de estranheza e confusão. Continuavam a chegar, aos montes, de tôda a parte, notícias que eram, na sua maioria, inexatas, incompreensíveis e contraditórias. O comando da Luftwaffe em Paris anunciou que "50 a 60 aviões bimotores" estavam sobrevoando a península de Cherburgo, e que pára-quedistas haviam descido "perto de Caen". O quartel-general do Almirante Teodor Krancke — *Marinegruppenkommando West* — confirmou a descida de pára-quedistas inglêses, mas acrescentou que "parte dos lançamentos de pára-quedas consistia em bonecos de palha". Minutos depois da sua primeira mensagem, a Luftwaffe comunicou que perto de Bayeux também haviam descido pára-quedistas. Na realidade, nenhum pára-quedista desceu ali. Outras notícias chegavam dizendo que as tropas transportadas de avião eram apenas "bonecos disfarçados de pára-quedistas".

A observação em parte era correta. Os Aliados haviam lançado centenas de bonecos de borracha, vestidos como pára-quedistas, ao sul da área de invasão da Normandia. Levavam amarradas fieiras de fogos de artifício, que explodiam quando tocavam ao solo, dando a impressão de uma luta com armas de fogo portáteis. Alguns dêsses bonecos iriam dar resultado no correr do dia, na batalha da Praia Omaha. Iriam enganar o General Marcks, fazendo-o acreditar que estava sendo atacado pela retaguarda. O General Marcks teve de destacar para o sul, a fim de enfrentar o falso ataque, tropas que poderiam ter sido lançadas na cabeça-de-praia.

No quartel-general de Rommel procurava-se febrilmente compreender a significação da erupção de pontos vermelhos por todos os cantos nos seus mapas. Se era a invasão, seria realmente contra a

Normandia? Ou seriam os ataques apenas uma manobra diversionista com o fim de desviar a atenção da verdadeira invasão? Refletindo sôbre a situação, os oficiais alemães chegaram a conclusões que, em vista do que estava realmente acontecendo, parecem incríveis. Quando o Major Doertenbach, oficial do Serviço Secreto do OB Oeste [quartel-general de von Rundstedt], telefonou para o Grupo de Exército B à procura de notícias, disseram-lhe que "o chefe do estado-maior encarava a situação com tranqüilidade" e que "existe a possibilidade de que os pára-quedistas de que se têm notícias sejam apenas tripulantes de bombardeiros forçados a lançar-se de pára-quedas".

O Sétimo Exército não era dessa opinião. Às três horas da madrugada Pemsel telefonou para Speidel, a fim de comunicar-lhe que a estação naval de Cherburgo estava captando ruídos de navios ao largo, nos seus aparelhos direcionais de som. A resposta de Speidel foi que "a ação ainda era local e, por enquanto, não devia ser considerada uma grande operação".

Talvez os homens mais perplexos naquela noite em tôda a Normandia fôssem os experimentados 16.200 soldados da aguerrida 21.ª Divisão *Panzer*, que fizera parte do famoso Afrika Korps de Rommel. Dominando tôdas as aldeias, povoados e bosques, numa área que ficava 40 quilômetros a sueste de Caen, um dos principais objetivos britânicos, êsses homens estavam parados quase na beira do campo de batalha. Desde que fôra dado o alarma aéreo, ficaram postados ao lado dos seus tanques e veículos, com os motores ligados, à espera da ordem de avanço. Com raiva e impaciência cada vez maiores, continuaram esperando.

Já os primeiros reforços estavam chegando ao local em que se encontravam as tropas de invasão. Na zona inglêsa 69 planadores haviam aterrissado — 49 na pista de pouso exata, perto de Ranville. No outro lado do campo de batalha da Normandia, a seis quilômetros de Ste.-Mère-Eglise, estavam chegando os primeiros comboios de planadores americanos, esquivando-se por entre "um fogo antiaéreo tão espêsso que se poderia aterrissar nêle". Sentado no lugar do co-pilôto do planador-capitânia da 101.ª Divisão estava o General-de-Brigada Don Pratt. Segundo se disse, Pratt estava "tão alvoroçado como um colegial", por estar fazendo o seu primeiro vôo

de planador. Atrás vinha um cortejo de 52 planadores em grupos de quatro, cada planador rebocado por um Dakota. O comboio transportava jipes, canhões antitanque, tôda uma turma de serviços médicos e até um pequeno *bulldozer*.

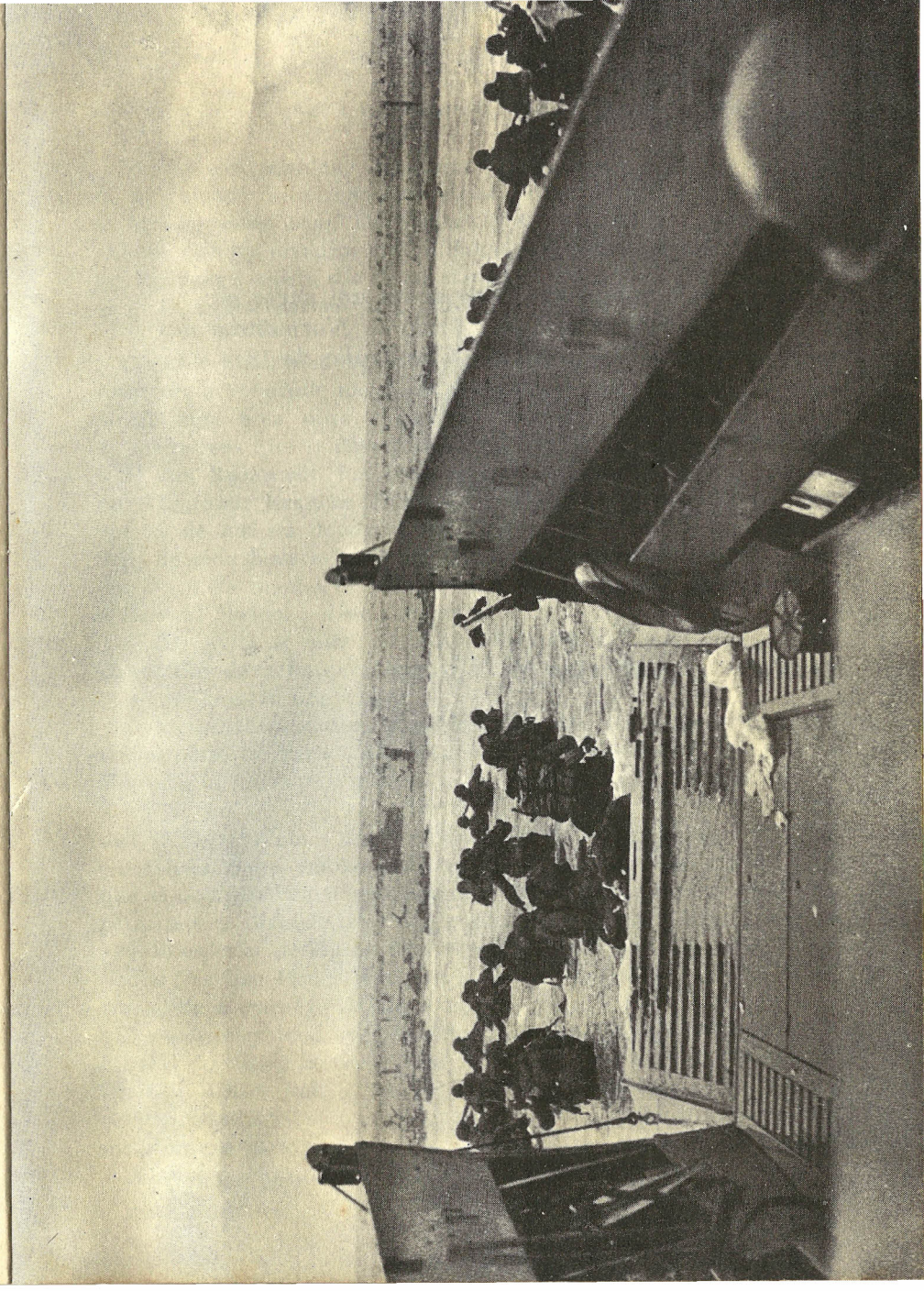
O médico Emile Natalle vinha no planador logo atrás do do General Pratt. O planador ultrapassou a zona e foi espatifar-se num campo semeado de "espargos de Rommel" — grossos postes cravados no chão como obstáculos para planadores. Sentado num jipe dentro do planador, Natalle olhava por uma das pequenas janelas e viu com fascinado horror as asas serem arrancadas enquanto os postes passavam ruidosamente. Houve um barulho de coisa dilacerada e o planador se abriu pelo meio, justamente sob o jipe em que estava Natalle.

— Isso tornou muito fácil a minha saída — diz êle.

A pouca distância estavam os destroços do planador n.º 1, despedaçado de encontro a uma sebe. Natalle encontrou o pilôto ali caído com as pernas quebradas. O General Pratt morrera instantâneamente, esmagado dentro da carlinga despedaçada. Foi uma das primeiras baixas nas aterrissagens da 101.ª Divisão e o primeiro general de um e do outro lado morto no Dia-D.

Já era quase de manhã — a manhã que 18.000 pára-quedistas esperavam. Em menos de cinco horas haviam correspondido de sobra à expectativa do General Eisenhower e do seu estado-maior. Os exércitos transportados por via aérea haviam lançado a confusão no meio do inimigo, haviam desorganizado as comunicações e, por fim, guarnecendo os flancos dos dois lados da área de invasão na Normandia, bloqueavam em grande parte o movimento dos reforços inimigos.

Na zona inglêsa, tropas transportadas em planadores dominavam as pontes importantes de Caen e do Orne, que êles haviam capturado num audacioso ataque desfechado pouco depois da meia-noite. Pára-quedistas haviam tomado posição nas elevações que dominavam Caen. Pelo amanhecer, as cinco passagens sôbre o Dives em poder dos alemães seriam demolidas. Assim, as principais missões inglêsas tinham sido completadas e, enquanto as várias artérias pudessem ser mantidas, os contra-ataques alemães seriam retardados ou completamente bloqueados.



Tropa americana descendo de um navio de desembarque em uma praia da Normandia nas primeiras horas do dia 6 de junho de 1944

Foto gentilmente cedida pelo USIS

Na outra extremidade das praias de invasão, os americanos, apesar da dificuldade do terreno e da maior variedade de missões, também se haviam saído bem. Os homens dos exércitos de pára-quedistas aliados tinham invadido o continente, ali firmando inicialmente o pé. Estavam à espera das fôrças transportadas por via marítima, com as quais se internariam pela Europa de Hitler.

Em tôda a parte se esperava por aquela manhã, mas em nenhum lugar era a ansiedade maior do que do lado dos alemães. Pois nessa altura uma nota nova e sinistra começara a infiltrar-se na massa de mensagens que se derramavam nos quartéis-generais de Rommel e de von Rundstedt. Por tôda a costa da invasão os postos navais do Almirante Krancke estavam captando o som de navios, não apenas de um ou dois como até então, mas de dezenas. Durante mais de uma hora as notícias foram crescendo. Afinal, pouco antes das cinco da manhã, o persistente General Pemsel telefonou para o General Speidel e disse rudemente:

— Os navios se estão concentrando entre a foz do Vire e a do Orne. Um desembarque inimigo e um ataque em grande escala à Normandia estão iminentes.

O Marechal Gerd von Rundstedt, no seu quartel-general, o OB Oeste, perto de Paris, chegara a conclusão semelhante. O assalto à Normandia ainda lhe parecia uma "manobra diversionista" e não a verdadeira invasão, mas, apesar disso, tomara providências rápidas. Já dera ordem a duas compactas divisões blindadas, a 12.ª S.S. e a Panzer Wehr, ambas estacionadas na reserva perto de Paris, para que se organizassem e marchassem a tôda a pressa para a costa. Por princípio, as duas divisões não podiam entrar em ação sem a autorização especial de Hitler. Mas von Rundstedt assumira o risco; não podia crer que Hitler revogasse a ordem. Expediu um pedido oficial sôbre o emprêgo das reservas.

No quartel-general de Hitler em Berchtesgaden, no ambiente suave e irreal do sul da Baviera, a mensagem foi entregue no gabinete do General Alfred Jodl, chefe das operações. Jodl estava dormindo e os seus auxiliares não julgaram que a situação fôsse já suficientemente grave para perturbar-lhe o sono. A mensagem podia esperar.

A cinco quilômetros de distância, no "Ninho da Águia", o refúgio

de Hitler nas montanhas, em Obersalzberg, o Führer e sua amante, Eva Braun, também estavam dormindo. Hitler fôra deitar-se, como de hábito, às quatro da madrugada, e o seu médico, o Dr. Morell, dera-lhe um hipnótico, sem o que já então êle não conseguia dormir. Mais ou menos às cinco da manhã, o assistente naval de Hitler, Almirante Karl Jesko von Puttkamer, acordou com um telefonema do quartel-general de Jodl. A pessoa que telefonou — Puttkamer não se lembra quem foi — disse que tinha havido "uma espécie de desembarque na França". Não se sabia ainda ao certo de nada. Disseram a Puttkamer que, na verdade, os primeiros comunicados recebidos eram "extremamente vagos". Julgava Puttkamer que o Führer devia ser informado? O assunto foi discutido, ficando resolvido não acordar Hitler. Puttkamer se recorda de que "não havia, na verdade, muito para dizer-lhe e ambos receávamos que, se eu fôsse acordá-lo naquela ocasião, êle poderia começar uma das suas intermináveis crises de nervos que freqüentemente o levavam às mais desarrazoadas decisões". Resolveu por isso que poderia esperar até de manhã para dar a notícia a Hitler.

Na França, os generais do OB Oeste e do Grupo de Exército B estavam à espera. Tinham pôsto de prontidão as suas fôrças, ao mesmo tempo que convocavam as reservas de *Panzer*. Cabia aos Aliados o lance seguinte. Ninguém podia calcular a extensão do assalto iminente. Ninguém sabia — ou podia sequer conjeturar — qual era o tamanho da frota aliada. E, embora tudo apontasse para a Normandia, ninguém tinha realmente certeza de onde seria desfechado o grosso do ataque. Os generais alemães tinham feito tudo o que podiam. O resto dependia dos soldados comuns da Wehrmacht, que defendiam as fortificações costeiras. Ali os soldados do Reich olhavam para o mar, sem saber se se tratava de um exercício de alerta ou da invasão de verdade.

Desde uma hora da madrugada que o Major Werner Pluskat, no seu parapeito dominando a Praia Omaha, não tivera qualquer notícia dos seus superiores. Na verdade, o simples fato do seu telefone não ter tocado durante tôda a noite era um bom sinal. Devia significar que nada de grave estava acontecendo. Mas como se explicariam então os pára-quedistas, as formações compactas de aviões? Pluskat tornou a esquadrinhar lentamente o horizonte. Tudo parecia tranqüilo. Atrás dêle, os seus oficiais, Wilkening e Theen, conversavam calmamente. Pluskat aproximou-se.

— Nada ainda — disse êle. — Creio que vou desistir.

Resolveu, porém, olhar ainda uma vez. Sem grande interêsse, fêz girar a luneta mais uma vez para a esquerda. Foi lentamente percorrendo a linha do horizonte. Chegou bem ao centro da baía. A luneta parou. Pluskat arregalou os olhos, atônito.

Através da névoa cada vez mais rala o horizonte se enchia de navios como por encanto — navios de todos os tamanhos e feitios, navios que manobravam displicentemente de um lado para outro, como se ali estivessem há horas. Parecia haver milhares dêles. Era uma fantástica frota que parecia de algum modo ter surgido ali por artes mágicas. Pluskat olhava sem querer acreditar no que via, sem poder falar, emocionado como nunca se sentira em tôda a sua vida. Naquele momento o mundo do bom soldado Pluskat começou a desmoronar-se. Diz êle que naqueles primeiros momentos compreendeu, com calma e certeza, que "aquêle era o fim da Alemanha".

Virou-se para Wilkening e Theen e, com uma estranha displicência, disse-lhes simplesmente:

— É a invasão. Vejam!

Em seguida pegou o telefone e ligou para o Major Block, no quartel-general da 352.ª Divisão.

— Block — disse Pluskat — deve haver uns 10.000 navios ali.

Mal acabou de dizer isso, compreendeu que as suas palavras não deviam parecer dignas de crédito.

— Calma, Pluskat! — exclamou Block. — Os americanos e os inglêses juntos não têm tantos navios assim. Ninguém tem tantos navios!

A incredulidade de Block dissipou o torpor de Pluskat.

— Se não acredita — gritou êle de repente — venha ver pessoalmente. É fantástico! É inacreditável!

Houve uma pequena pausa e, por fim, Block perguntou:

— Para onde se dirigem os navios?

Pluskat, com o telefone na mão, olhou pela abertura do abrigo e respondeu:

— Bem em minha direção.

Nunca se vira um amanhecer como aquêle. À luz densa e cinzenta, a grande frota aliada estava postada, em tôda a sua majestosa e temível grandeza, diante das cinco praias de invasão da Normandia. O mar fervilhava de navios. Pavilhões de batalha tremulavam ao vento em tôda a extensão através do horizonte, desde o limite da zona Utá, na península de Cherburgo, à Praia Espada, perto da foz do Orne. Silhuetados contra o horizonte estavam os grandes couraçados, os ameaçantes cruzadores, os contratorpedeiros ligeiros como galgos. Atrás dêles vinham os pesados navios de comando, ostentando a sua floresta de antenas. Mais atrás ainda, vinham os comboios de transporte e barcos de desembarque cheios de tropas, baixos e pesados dentro da água. Em volta dos transportes que iam à frente, esperando o sinal para se dirigirem às praias, havia verdadeiros enxames de balouçantes lanchas de desembarque, superlotadas com os homens que desembarcariam nas primeiras ondas.

Essa grande e extensa massa de navios estava cheia de rumor e atividade. Giravam molinetes enquanto guindastes faziam girar para fora veículos anfíbios. Rangiam correntes nos turcos, que arriavam lanchas de assalto. E, através de tudo isso, vinha das instalações de alto-falantes dos navios um fluxo contínuo de mensagens e exortações: "Lutem para levar os soldados até a terra, lutem para salvar os navios e, se ainda lhes restar alguma fôrça, lutem para salvar a própria vida. Lembrem-se de Dunquerque! Lembrem-se de Coventry! Deus os proteja a todos... *Nous mourrons sur le sable de notre France chérie, mais nous ne retournerons pas* (Morreremos nas areias da nossa querida França, mas não bateremos em retirada)... É isto, pessoal! Vocês só têm bilhete de ida, e êste é o fim da linha. Vamos, 29.ª Divisão!" E em seguida as duas mensagens de que os homens se lembram melhor: "Todos os botes à água" e "Pai Nosso, que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome..."

Botes e mais botes atopetados de soldados se juntavam às lanchas de assalto em movimento, que rodeavam incessantemente os navios maiores. Encharcados, enjoados e aflitos, os homens que iam nos botes é que teriam de romper caminho na Normandia. Carregar os barcos no mar agitado era uma tarefa complexa e arriscada. Os soldados levavam tanto equipamento que quase não se podiam mover. Tinham salva-vidas de borracha, armas, mochilas, ferramentas para

cavar trincheiras, máscaras contra gases, caixas de pronto-socorro, cantis, facas, rações e quantidades reforçadas de granadas, explosivos e munição que na maioria dos casos iam até 250 tiros. Muitos levavam ainda equipamento especial para as tarefas particulares que tinham de executar. Alguns homens calculam que pesavam no mínimo 140 quilos quando atravessaram as cobertas preparando-se para desembarcar.

Quando entravam nos pequenos botes, os soldados veteranos diziam aos novatos que estavam com êles o que deviam esperar. No navio de guerra inglês *Empire Anvil*, o cabo Michael Kurtz, da Primeira Divisão, reuniu o seu pelotão em seu redor.

— Quero que todos fiquem com a cabeça bem abaixo da borda — disse êle. — Logo que formos avistados, ficaremos sob fogo inimigo. Se passarmos, tanto melhor. Se não, isto aqui é um excelente lugar para morrer. Vamos embora!

Quando Kurtz e os seus homens tomavam lugar no bote pendente dos turcos, ouviram gritos embaixo. Outro bote havia caído de ponta, despejando dentro da água todos os seus ocupantes. O bote de Kurtz foi arriado sem qualquer transtôrno.

Eram cinco e meia da manhã. O horário dos desembarques estava marcado numa escala quase de minuto a minuto.

Tudo fôra tão cuidadosamente sincronizado que o equipamento pesado, como a artilharia, era esperado na Praia Omaha 90 minutos depois da Hora-H, e até guindastes, caminhões com lagarta, veículos de manutenção dos tanques e transportes de todos os tipos estavam marcados para chegar às 10 h e 30 m. Era uma escala complicada e minuciosa que dava a impressão de que não poderia ser observada, coisa que muito provàvelmente os planejadores também haviam levado em consideração.

A primeira vaga de tropas de assalto não podia ainda divisar as praias brumosas da Normandia. Estavam ainda a mais de nove milhas de distância. Alguns navios de guerra já estavam trocando tiros com as baterias navais de costa dos alemães, mas a ação era remota e impessoal para os homens das primeiras levas, pois ninguém estava atirando diretamente nêles. O maior inimigo que tinham ainda era o enjôo.

No navio-capitânia *Augusta,* que estava ao largo das praias visadas pelos americanos, o General Omar N. Bradley tapou com algodão os ouvidos e olhou pelo binóculo as lanchas de desembarque que avançavam velozmente a caminho das praias. Suas tropas, os homens do Primeiro Exército dos Estados Unidos, avançavam firmemente. Bradley se achava extremamente preocupado. Soubera poucas horas antes que elementos de uma forte divisão alemã, a aguerrida 352.ª, tomara posição ao longo da Praia Omaha. A informação chegara tarde demais para ser transmitida às tropas de assalto. Por fim, ia começar o bombardeio naval que êle esperava tornasse mais fácil a tarefa dos homens. Quatro milhas ao largo da Praia Omaha, a bordo do contratorpedeiro americano *Carmick,* o Comandante Robert O. Beer apertou um botão do sistema de intercomunicação do navio e disse:

— Atenção! Esta festa é, provàvelmente, a maior a que vocês assistirão em tôda a vida, rapazes! Portanto, vamos todos para o salão e toca a dançar!

Eram 5 h e 50 m da manhã. Havia mais de 20 minutos que a esquadra inglêsa estava atirando contra as suas praias. Naquele momento começou o bombardeio na zona americana. Tôda a área da invasão entrou em erupção num fragoroso temporal de fogo. O turbilhão de som reboava para trás e para diante, ao longo da costa da Normandia, enquanto os grandes navios martelavam incessantemente os alvos prèviamente escolhidos. O céu plúmbeo se iluminava com os quentes relâmpagos dos canhões, e pelas praias grandes nuvens de fumaça negra começavam a subir em novelos pelo ar.

Ao largo da Praia Omaha, os grandes couraçados *Texas* e *Arkansas,* equipados conjuntamente com um total de 10 canhões de 14 polegadas, 12 de 12 e 12 de 5, despejaram 600 granadas sôbre a posição das baterias costeiras no alto da Pointe du Hoc, num esfôrço maciço para abrir caminho para os batalhões de comandos que avançavam em direção aos escarpados penhascos de 30 metros de altura. Ao largo das praias Espada, Juno e Ouro, os couraçados inglêses *Warspite* e *Ramillies* lançavam toneladas de aço dos seus canhões de 15 polegadas contra as poderosas baterias alemãs do Havre e em tôrno da foz do Orne. Cruzadores e contratorpedeiros em movimento despejavam torrentes de balas em ninhos de metralhadoras,

Pára-quedistas americanos avançam sob intenso fogo de barragem alemão

Foto do Corpo de Sinaleiros do Exército Americano

parapeitos e redutos de concreto. Com incrível pontaria, o navio inglês *Ajax*, de uma distância de seis milhas da praia, destruiu uma bateria de quatro canhões de seis polegadas.

Um nôvo ruído se fêz ouvir enão sôbre os navios. Lentamente a princípio, como o zumbido de uma enorme abelha, depois aumentando até chegar a um máximo de fragor, apareceram os caças e bombardeiros. Sobrevoavam a compacta massa de navios, quase com as asas unidas, formação atrás de formação — 11.000 aviões. Spitfires, Thunderbolts e Mustangs silvavam sôbre a cabeça dos homens que estavam nos botes de assalto. Com aparente indiferença pela chuva de balas que partia da esquadra, metralhavam as praias e as pontas de invasão, tomavam altura, davam a volta e atacavam de nôvo.

Cruzando por sôbre êles estavam os bombardeiros médios B-26 da Nona Fôrça Aérea dos Estados Unidos e, mais acima, perdidos de vista na espêssa camada de nuvens, os Lancasters inglêses da RAF e as Fortalezas Voadoras e Liberators da Oitava Fôrça Aérea Americana. Dir-se-ia que o céu não poderia contê-los a todos. Os soldados olhavam para cima e ficavam a vê-los, de olhos úmidos e rostos contraídos, numa súbita emoção quase insuportável. Pensaram então que tudo iria ficar resolvido naquele momento mesmo. Havia a cobertura aérea — o inimigo fixado nas suas posições, os canhões destruídos, as praias esburacadas de crateras-abrigos. Mas os 329 bombardeiros designados para a Praia Omaha, que não tinham boa visibilidade em virtude das nuvens compactas e não queriam arriscar-se a bombardear as suas próprias tropas, estavam lançando as suas bombas cinco quilômetros para o interior dos seus alvos — as mortíferas defesas da Praia Omaha.

No seu abrigo sôbre a Praia Omaha, o Major Werner Pluskat estava pensando na quantidade de tiros a que a sua posição poderia resistir. Outra bala atingiu a parede do penhasco, bem na base da posição oculta. O choque da detonação fêz Pluskat girar, jogando-o para trás e fazendo-o cair pesadamente no chão. Choveram sôbre êle pó, terra e blocos de cimento. Nada via através da poeira branca, porém ouvia os gritos dos seus homens. As balas golpeavam repetidamente o penhasco. Pluskat ficara tão atordoado com o abalo que mal podia falar.

O telefone estava tocando. Era o quartel-general da 352.ª Divisão.

— Qual é a situação? — perguntaram.

— Estão bombardeando — conseguiu dizer Pluskat. — O bombardeio é pesado.

Ouviu então bombas que explodiam muito para trás da sua posição. Outra salva de tiros atingiu o alto do penhasco, arremessando uma avalancha de terra e de pedras através das aberturas do parapeito.

Os tiros cessaram por um momento e Pluskat, aproveitando-se da pausa, telefonou para as suas baterias. Com grande surprêsa verificou que nenhum dos seus 20 canhões — todos êles Krupps de vários calibres, novinhos em fôlha — tinha sido atingido. Não podia entender como as baterias, tôdas a cêrca de 800 metros da costa, tinham conseguido escapar. Não havia nem uma só baixa entre as guarnições.

Encaminhou-se para uma abertura e olhou. Parecia que havia ainda mais barcos de assalto no mar do que da última vez que olhara, e estavam mais perto. Dentro em pouco estariam ao seu alcance. Telefonou para o Tenente-Coronel Ocker no quartel-general do regimento.

— Todos os meus canhões estão intatos — comunicou êle.

— Ótimo. Agora convém voltar imediatamente para o seu quartel-general.

— Vou voltar — disse Pluskat aos seus oficiais de artilharia. — Não se esqueçam: nenhum canhão deve atirar enquanto o inimigo não chegar à beira da água.

As lanchas de desembarque que levavam as tropas da Primeira Divisão dos Estados Unidos para o seu setor na Praia Omaha já não tinham muito que andar. Por trás das escarpas as guarnições dos canhões nas quatro baterias de Pluskat esperavam que os barcos se aproximassem um pouco mais.

Nessa altura as longas filas ondulantes das lanchas de assalto estavam a menos de uma milha das praias Omaha e Utá. Para os americanos da primeira leva faltavam apenas 15 minutos para a Hora-H.

No alto, como uma grande copa de guarda-chuva de aço, as balas da esquadra ainda estrondeavam. E da costa para o interior, estendendo um tapête de bombas, troavam as explosões da aviação aliada. Coisa estranha: os canhões da Muralha do Atlântico dos alemães

estavam mudos. Os soldados viam estender-se à frente a linha da costa e se admiravam da ausência do fogo inimigo. Talvez, depois de tudo, pensaram muitos, o desembarque fôsse fácil.

As grandes rampas quadradas das lanchas de assalto batiam de encontro às ondas e a fria e espumante água verde salpicava todo o mundo. Não havia heróis naquelas embarcações, mas apenas homens enregelados, sofredores e ansiosos.

Alguns não tinham tempo de pensar nos seus sofrimentos, pois estavam baldeando água desesperadamente. Muitas das lanchas começavam a fazer água. A princípio, os homens não tinham dado muita atenção à água que lhes batia nas pernas. O Segundo-Tenente George Kerchner, dos comandos, viu a água subir pouco a pouco na sua lancha e ficou na incerteza sôbre a gravidade do fato. Tinham-lhe dito que as lanchas eram insubmersíveis. Foi então que pelo rádio os soldados de Kerchner ouviram um brado de socorro. "Fala a Lancha 860!... Lancha 860!... Estamos afundando!... Estamos afundando!" Depois, ouviu-se uma exclamação final: "Meu Deus, afundamos!" Kerchner e seus homens puseram-se imediatamente a esgotar a água.

Outras lanchas começaram a submergir, tanto na área de Omaha como na de Utá. Alguns homens foram recolhidos por escaleres de socorro; outros levaram horas boiando dentro da água. E alguns soldados, sem que os seus gritos fôssem ouvidos, foram arrastados para o fundo pelo equipamento e pela munição que levavam. Morreram afogados à vista das praias, sem terem dado um tiro.

Então a mortífera música marcial do bombardeio pareceu crescer e engrossar quando as estreitas filas ondulantes das lanchas de assalto convergiram para a Praia Omaha. Os lanchões de desembarque, que estavam cêrca de um quilômetro ao largo, juntaram-se ao bombardeio e, então, milhares de foguetes fulgurantes sibilaram sôbre as cabeças dos homens. Parecia inconcebível às tropas que alguma coisa pudesse sobreviver ao pêso maciço do fogo que varria as defesas alemãs. A praia estava envôlta em névoa, e novelos de fumaça do mato incendiado flutuavam lentamente pela encosta dos penhascos. Ainda assim os canhões alemães continuavam mudos. Os barcos avançavam. Os soldados já podiam ver na arrebentação e na praia as florestas letais dos obstáculos de aço e de cimento. Estavam espalhados por

tôda a parte, revestidos de arame farpado e encimados por minas. Por trás das defesas, a praia estava deserta; nela não se movia nada nem ninguém.

Cada vez os barcos se aproximavam mais... 450 metros... 400 metros. Nada de fogo inimigo ainda. As lanchas de assalto avançavam por entre ondas de metro a metro e meio de altura e, então, o grande bombardeio começou a ser levantado, transferindo-se para alvos situados mais no interior. Os primeiros barcos estavam apenas a 350 metros da praia quando os canhões alemães abriram fogo — os canhões que poucos acreditavam pudessem ter sobrevivido ao furioso bombardeio aéreo e naval aliado.

Através do estrépito e do clamor havia um ruído mais próximo e mais mortífero do que todos os outros: o das balas das metralhadoras que batiam no focinho de aço da proa das lanchas. Em seguida, a artilharia abriu fogo. Choviam balas de obus, e em tôda a extensão de seis quilômetros da Praia Omaha os canhões alemães martelavam as lanchas de assalto.

Era a Hora-H.

O fogo mais intenso sôbre a "Sangrenta Omaha" vinha dos penhascos e morros de ambos os lados da baía em forma de meia-lua — no setor Dog Green da 29.ª Divisão a oeste, e no Fox Green, da Primeira Divisão a leste. Ali os alemães haviam concentrado as suas mais fortes defesas para guardar dois dos principais caminhos que saíam da praia em Vierville em direção a Colleville. Em tôda a praia os homens encontraram fogo nutrido e concentrado quando os seus barcos chegaram, mas as tropas designadas para o desembarque em Dog Green e Fox Green não tiveram nenhuma oportunidade. Os artilheiros alemães, das suas posições nos penhascos, olhavam quase diretamente para as lanchas de assalto embaixo, que avançavam fazendo água para aquêles setores da praia. Difíceis de governar e lentas, as embarcações estavam quase paradas dentro da água. Acertá-las era como atirar em patos pousados.

Alguns dos barcos se desviaram ao largo da praia à procura de um ponto menos defendido. Outros, tentando obstinadamente aportar nos setores que lhes tinham sido designados, foram de tal modo metralhados que os soldados se atiravam das suas bordas para dentro

De volta de uma incursão à França, um bombardeiro Liberator americano explode atingido pelo fogo antiaéreo alemão

Foto gentilmente cedida pelo USIS

da água ainda profunda, onde eram imediatamente colhidos pelo fogo das metralhadoras. Algumas lanchas de desembarque foram despedaçadas pelas balas quando se aproximavam da terra.

Em tôda a Praia Omaha o lançamento das rampas de desembarque pareceu dar o sinal para um fogo de metralhadora renovado e mais concentrado. E o mais mortífero fogo era ainda nos setores Dog Green e Fox Green. Os homens caíam à beira da água. Alguns morriam instantâneamente; outros pediam angustiosamente os socorros do corpo de saúde, enquanto a maré em preamar os ia lentamente arrastando. Nos primeiros minutos do massacre de Dog Green tôda uma companhia ficou fora de ação. Menos de um têrço dos homens sobreviveu ao trajeto sangrento dos barcos para a beira da praia. Com os seus oficiais mortos, gravemente feridos ou desaparecidos, os soldados, sem armas e desorientados, aninharam-se no sopé dos penhascos.

Foram sem conta os infortúnios que assaltaram os soldados na Praia Omaha. Muitos descobriam que tinham ido desembarcar em setores diversos do que lhes cabia. Alguns chegaram à praia quase a três quilômetros de distância das suas áreas de desembarque. Os engenheiros do Exército e da Marinha, especializados em demolição, incumbidos da tarefa de abrir caminho através dos obstáculos da praia, não só foram dispersados por uma grande área, mas também chegaram aos seus objetivos importantíssimos minutos depois da hora marcada. Êsses homens frustrados procuravam entrar em ação no lugar onde se encontravam. Mas se empenhavam numa batalha perdida. Nos poucos minutos de que dispunham até as sucessivas levas de tropas chegarem às praias, os engenheiros só abriram cinco caminhos e meio em lugar dos 16 previstos. Trabalhando com rapidez frenética, as turmas de demolição se viam estorvadas a cada passo: soldados de infantaria andavam pelo meio delas, outros soldados se refugiavam por trás dos obstáculos que elas iriam logo destruir, e lanchas de desembarque, impelidas pelas ondas, avançavam quase sôbre elas.

Eram sete horas da manhã. A segunda leva de tropas chegou às ruínas que era a Praia Omaha. A história foi a mesma — os homens saltavam para a água na beira da praia sob o fogo de saturação do inimigo. Outras lanchas de desembarque iriam aumentar o cemi-

tério cada vez maior de cascos naufragados e incendiados. Cada leva de barcos pagava o seu tributo sangrento à maré montante.

Na praia empilhavam-se os destroços da invasão. Por tôda a parte se espalhavam materiais e abastecimentos. Os destroços retorcidos das lanchas de desembarque se inclinavam fantàsticamente, saindo de dentro da água. Tanques incendiados lançavam para o alto grandes espirais de fumaça negra. Havia *bulldozers* caídos de lado entre os obstáculos. Perto de Easy Red, boiando no meio de todo o material de guerra, via-se um violão.

A terceira leva chegou ao caos, à confusão e à morte que reinavam na praia... e parou. Os homens se estenderam em massa compacta nas areias, nas pedras e na ardósia. Agacharam-se atrás dos obstáculos; abrigaram-se entre os corpos dos mortos. Paralisados pelo fogo inimigo que haviam julgado já neutralizado, desorientados com o seu desembarque em outros setores, espantados com a ausência das crateras de abrigo que esperavam que o bombardeio aéreo houvesse aberto e atônitos com a devastação e a morte que havia por tôda a parte, os homens estacaram nas praias. Pareciam dominados por uma estranha paralisia.

Diante de tudo isso, alguns homens acreditaram que a partida estivesse perdida. O Sargento-Técnico William McClintock, do 741.º Batalhão de Tanques, deparou com um homem sentado à beira da água, aparentemente indiferente ao fogo de metralhadoras que caía por tôda a área. Estava ali sentado "jogando pedras para dentro da água e chorando mansamente, como se o seu coração fôsse partir".

Não durou muito o choque. Logo alguns homens aqui e ali, compreendendo que a permanência na praia significava morte certa, levantaram-se e partiram.

A 15 quilômetros dali, na Praia Utá, a história era diferente. Ali os homens da Quarta Divisão do General Raymond O. Barton estavam chegando compactamente em terra e seguindo ràpidamente para o interior. A terceira leva de lanchas de assalto estava chegando e encontrava apenas ligeira oposição.

Um dos primeiros oficiais que desembarcaram na Praia Utá foi o General Theodore Roosevelt. O militar de 57 anos, o único general que desembarcara com as tropas da primeira leva, havia insistido em participar da missão. De vez em quando, uma bala de morteiro explodia na praia, levantando no ar uma chuva de areia.

Os tanques anfíbios tinham sido um fator importante no êxito dos desembarques. Até então só Roosevelt e alguns outros oficiais sabiam da existência de outro motivo para que as fôrças desembarcadas em Utá houvessem encontrado tão pequena resistência. Graças a um êrro feliz, haviam desembarcado onde não deviam. Desorientado pela fumaça do bombardeio naval, arrastado por uma correnteza forte, um barco de contrôle isolado havia guiado a primeira leva para um local de desembarque quase dois quilômetros ao sul da praia fixada. Em vez de invadir a praia em frente às Saídas 3 e 4 — duas das cinco vias de penetração vitais para as quais a 101.ª Divisão de Pára-Quedistas se estava dirigindo — a cabeça-de-praia estabelecida ficava a cavaleiro da Saída 2.

Na praia, nas proximidades da Saída 2, Roosevelt estava prestes a tomar uma importante decisão. Dali por diante, de espaço a espaço, deveriam desembarcar outras levas de homens e veículos — ao todo 30.000 homens e 3.500 veículos. Seriam seguidos pelos homens da Nona e da 90.ª divisões. Cabia a Roosevelt decidir se as sucessivas levas deveriam ser encaminhadas para aquela área nova e relativamente calma, com apenas uma via de penetração, ou se tôdas as outras tropas de assalto com o seu equipamento deveriam ser desviadas para a anterior Praia Utá, com as suas duas vias de acesso para o interior. Se a única saída não pudesse ser aberta e mantida, haveria uma confusão apavorante de homens e veículos bloqueados. O general reuniu os seus comandantes de batalhão. A decisão foi tomada. Em vez de lutar pelos objetivos previstos, a Quarta Divisão avançaria para o interior pelo caminho único e tomaria posições alemãs quando e onde as encontrasse.

Tudo passava a depender da rapidez com que se movessem antes que o inimigo voltasse a si da surprêsa inicial dos desembarques. Os homens da Quarta afastavam-se da praia com rapidez.

— Vou à frente com as tropas — disse Roosevelt.

Enquanto isso, os inglêses e canadenses estavam desembarcando nas praias chamadas Espada, Juno e Ouro. Num espaço de quase 25 quilômetros — de Ouistreham, na foz do Orne, à aldeia de Le

Hamel, a oeste — a linha da costa estava atopetada de lanchas de desembarque a descarregar soldados. Diante das praias o mar se transformou num depósito de lanchas de assalto. As levas de barcos começaram a acumular-se quase umas em cima das outras. O telegrafista John Webber, numa lancha que levava comandos dos Fuzileiros Reais para a Praia Espada, achou que "o desembarque era uma tragédia". Quando se aproximou da praia, Webber viu "lanchas encalhadas e em chamas, massas retorcidas de metal na praia e tanques e *bulldozers* incendiados".

No todo, porém, as tropas inglêsas e canadenses encontraram menos resistência no seu assalto do que os americanos encontraram em Omaha. Tendo tido uma Hora-H marcada para mais tarde, a esquadra inglêsa tivera mais tempo para saturar as defesas costeiras e os soldados puderam desembarcar nas suas praias e marchar para o interior. Da Praia Ouro, da Juno e da Espada, os inglêses e canadenses se espalharam terra adentro. Fariam os maiores avanços do Dia-D, mas não conseguiriam capturar o objetivo principal — Caen. A rija 21.ª Divisão *Panzer* lhes impediria o acesso a essa importante cidade da Normandia nas cinco semanas seguintes.

Berchtesgaden estava em sossêgo e paz naquele princípio de manhã. As nuvens se acastelavam sôbre as montanhas em tôrno, e no retiro de Hitler tudo estava tranqüilo. Mas no quartel-general do Führer, a três quilômetros de distância — a *Reichskanzlei* — O General Alfred Jodl, chefe de operações de Hitler, começara a estudar os primeiros comunicados sôbre a invasão da Normandia. Ainda não julgava grave a situação.

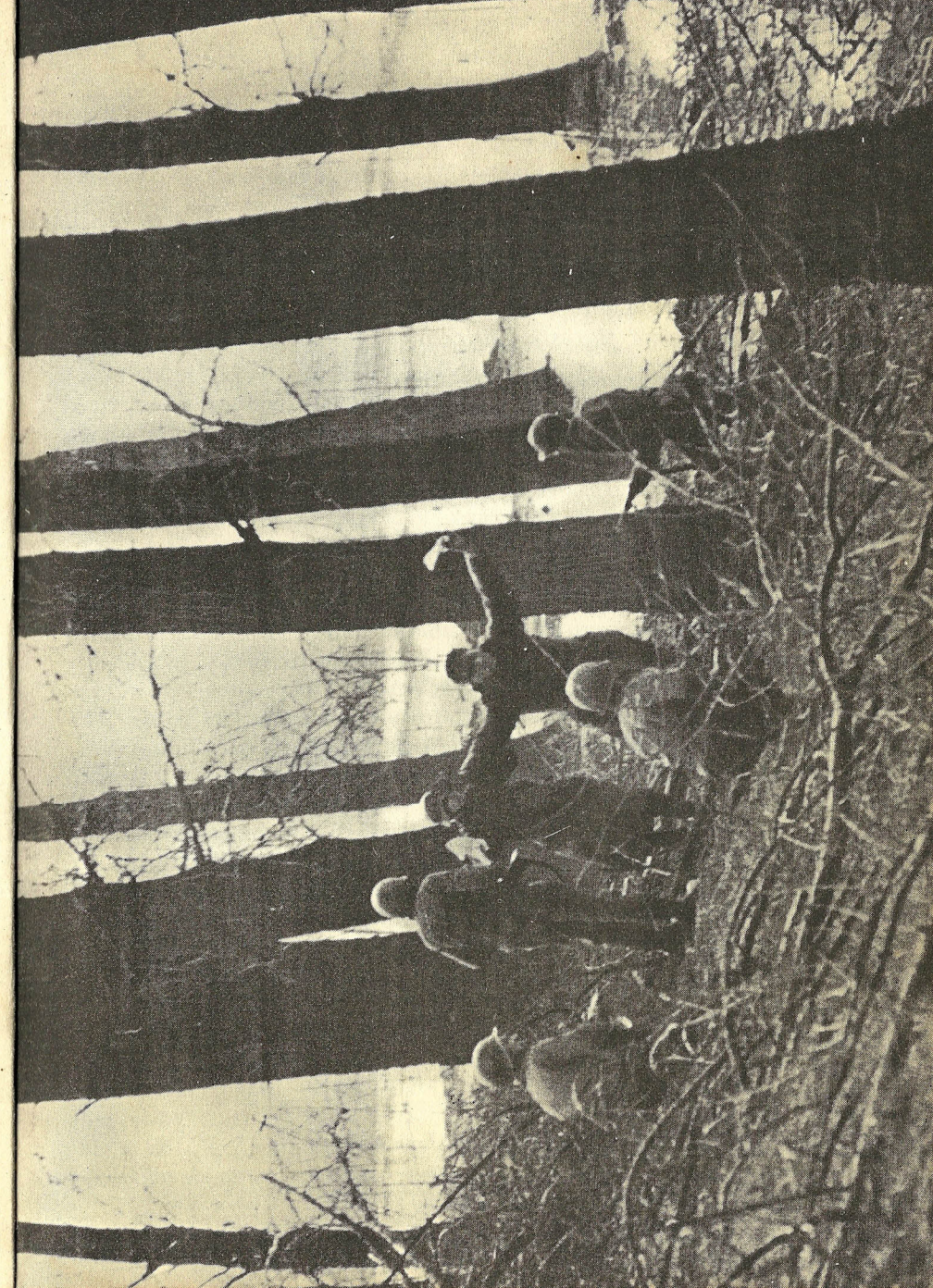
O vice-chefe de operações, General Walter Warlimont, telefonou:

— Rundstedt está pedindo a liberação das reservas blindadas. Quer mandá-las o mais depressa possível para as áreas de invasão.

Warlimont se lembra de que houve um longo silêncio enquanto Jodl refletia sôbre o pedido.

— Tem tanta certeza assim de tudo isso? — perguntou Jodl. — Não sei ainda se se trata da invasão. Não creio que seja o momento de liberar as reservas... Temos que esperar que a situação se esclareça.

Warlimont ficou surprêso com a interpretação literal dada por



Franco-atiradores alemães rendem-se a uma patrulha americana em uma floresta francesa

Foto gentilmente cedida pelo USIS

Jodl à determinação de Hitler sôbre o contrôle das divisões *Panzer*. Como diria mais tarde: "A decisão de Jodl foi a que êle julgava que Hitler teria tomado." Daí por diante, a decisão de liberar as divisões *Panzer* dependia do capricho de um homem — Hitler. E naquele dia, quando a derrota da invasão aliada dependia de fôrça e rapidez, a decisão chegaria mais tarde — só daí a oito horas e meia.

Enquanto isso, o homem que previra exatamente essa situação e que tinha pensado em discuti-la com Hitler estava a menos de uma hora de automóvel de Berchtesgaden. O Feldmarechal Erwin Rommel estava na sua casa em Herrlingen, em Ulm. Eram 7 h e 30 m. Não há indício no Diário de Guerra do Grupo de Exército B, minuciosamente escriturado, de que o Feldmarechal tivesse sido até então informado sequer dos desembarques na Normandia.

Até êsse momento, embora a invasão já se estivesse processando havia sete horas e meia, o estado-maior de von Rundstedt e o quartel-general de Rommel não podiam avaliar todo o alcance do ataque aliado. Por tôda a extensão da frente de batalha a vasta rêde de comunicações estava interrompida. Os pára-quedistas haviam trabalhado bem. Como disse o General Max Pemsel, do Sétimo Exército, num telefonema para o quartel-general de Rommel:

— Estou fazendo o tipo de batalha que deve ter feito Guilherme, o Conquistador: de vista e ouvido. Os meus oficiais telefonam e dizem: "Ouço ruídos e vejo navios", mas não me podem dar uma idéia exata da situação.

Entretanto, no quartel-general do Sétimo Exército, em Le Mans, os oficiais estavam entusiasmados. Parecia que a intrépida 352.ª Divisão, atacando a cabeça-de-praia na área Vierville-Colleville, já havia desbaratado a invasão. Estavam com o moral tão elevado que, quando o 15.º Exército mandou oferecer reforços, o oficial de operações do Sétimo Exército os recusou.

— Não há necessidade — disse êle.

No quartel-general de Rommel, no velho castelo do Duque de la Rochefoucauld, em La Roche-Guyon, reinava um ambiente de otimismo semelhante. O Coronel Leodegard Freyberg recorda que "a impressão geral era de que os Aliados seriam repelidos até o mar antes do fim do dia". O Vice-Almirante Friedrich Ruge, assistente naval de Rommel, participava da euforia geral. Mas Ruge observou

uma coisa estranha: a criadagem do Duque circulava calmamente pelo castelo tirando das paredes as preciosas tapeçarias Gobelin.

Eram 9 h e 30 m na Inglaterra. O General Eisenhower andara de um lado para outro a noite inteira, à espera dos comunicados que chegavam. Já não havia dúvida de que se havia conseguido firmar pé no continente. Embora êsse ponto de apoio fôsse mínimo, já êle não teria necessidade de distribuir o comunicado que redigira tranqüilamente apenas 24 horas antes. Na hipótese de que o empreendimento aliado fôsse destroçado, havia êle escrito: "Os nossos desembarques na área Cherburgo-Havre deixaram de conseguir uma penetração satisfatória e eu ordenei a retirada das tropas. A minha decisão de atacar nesta ocasião e naquele lugar se baseou nas melhores informações ao meu alcance. As tropas, a aviação e a marinha fizeram tudo o que a bravura e a obediência ao dever podiam fazer. Se há qualquer culpa ou êrro relacionados com o esfôrço, só a mim cabem."

Em lugar disso, um comunicado muito diferente foi distribuído pelo rádio para o mundo, às 9 h e 33 m. Dizia o seguinte: "Sob o comando do General Eisenhower, fôrças navais aliadas, com apoio de fortes contingentes da aviação, iniciaram o desembarque na manhã de hoje na costa norte da França."

Às 10 h e 15 m soou o telefone na residência do Feldmarechal Erwin Rommel, em Herrlingen. Quem telefonava era o seu Chefe de Estado-Maior, General Hans Speidel. O objetivo era dar a primeira notícia completa da invasão. Rommel escutou com o coração confrangido.

Não se tratava mais de um assalto como o de Dieppe. Era aquêle o dia pelo qual havia esperado e do qual dissera que seria "o dia mais longo da história". Era evidente para Rommel, "o realista", que, embora a luta ainda tivesse de prolongar-se por muitos meses, tudo estava perdido. A manhã ia ainda em meio, mas o "dia mais longo da história" estava quase terminado. Por uma ironia do destino, o grande general alemão ficara nos bastidores durante a batalha decisiva da guerra. A única coisa que Rommel pôde dizer quando Speidel acabou de falar, foi:

— Como fui estúpido! Como fui estúpido!

Quarenta Minutos que Decidiram a Guerra

Allan A. Michie

ERA JÁ TARDE quando, na noite de 17 de agôsto de 1943, uma densa formação de bombardeiros pesados da RAF, para missões noturnas, largou através do Mar do Norte, caminho da Alemanha. No dia seguinte, o comunicado do Ministério do Ar registrava que a estação de pesquisa e aplicação de Peenemünde, na Alemanha, havia sido atacada.

Nas entrelinhas dêsse comunicado, propositadamente obscuro e vago, jaz uma das mais empolgantes crônicas da guerra. Com o conhecimento tão só de um punhado de homens, o comando de bombardeios da RAF acabava de ganhar uma batalha aérea que constituía um dos momentos decisivos da campanha. O caso, porém, manteve-se secreto quase durante um ano, até o momento em que as primeiras bombas voadoras começaram a explodir fragorosamente em Londres.

Pelas alturas da primavera de 1943, a ofensiva aérea dos Aliados já tinha aberto grandes rasgões sangrentos na face da Alemanha, e então, para repelir os nossos aviões, os nazistas resolveram dedicar os seus maiores esforços à produção de aparelhos de combate.

Em breve a Luftwaffe, com a sua fôrça de bombardeiros reduzida a umas poucas centenas de máquinas obsoletas, se revelava incapaz de furar as defesas antiaéreas britânicas, exceto em casos isolados, que eram como pequenas alfinetadas de fugida. Mas ainda restavam as bombas voadoras e os foguetes de longo alcance, para dar satisfação às exigências do povo alemão que reclamava repre-

sálias aéreas. Se fôsse possível produzir essas armas em tempo, e em massa, elas poriam os alemães em condições de empreender a ofensiva aérea, sem para isso terem que arriscar os seus preciosos e cada vez mais raros bombardeiros e aviadores.

E tomou-se a decisão: Hitler deu ordens para que se completasse ràpidamente a aplicação experimental das bombas voadoras e dos foguetes e se entrasse o mais depressa possível na fase de produção.

O centro principal para a criação destas armas era a estação de pesquisas da Luftwaffe em Peenemünde, muito bem disfarçada entre as árvores duma floresta pouco além das praias do Báltico, a 96 quilômetros a nordeste de Stettin, e a 1.120 quilômetros da Inglaterra. Os arames farpados, eletrizados, mantinham à distância todos os indiscretos.

Concentraram-se em Peenemünde as melhores celebridades técnicas da Luftwaffe e as mais altas capacidades da ciência aeronáutica e da engenharia alemãs. O chefe supremo da organização era o cientista veterano da Luftwaffe, General-de-Divisão Wolfgang von Chamier-Glisezenski, de 49 anos de idade, que tinha sob as suas ordens alguns milhares de professôres, engenheiros, e peritos em propulsão por meio de expansão de gases e em projetis-foguetes. Êsses cientistas puseram-se a trabalhar dia e noite, porque o Fuehrer tinha esperança de poder desencadear as suas "armas secretas" no curso do inverno de 1943-44.

Alguns entusiastas acreditavam que as armas secretas decidiriam a sorte da guerra em 24 horas. Outros alemães, mais chegados à realidade, esperavam que elas conseguissem pelo menos desorganizar a produção de guerra dos inglêses, e retardar a invasão, ou talvez mesmo forçar os Aliados a invadir prematuramente o continente, pela zona densamente fortificada de Calais, precisamente aquela donde os alemães se preparavam para lançar os seus novos projetis. E ainda no caso de êstes se mostrarem menos decisivos do que se esperava, os bombardeios de represália viriam tonificar o moral do povo alemão, e serviriam para encarecer, mais tarde, a paz negociada com a Alemanha.

Em julho de 1943, os relatórios dos oficiais do serviço secreto inglês tinham situado em Peenemünde, para além de qualquer dúvida, o mais importante dos centros alemães para produção de

bombas voadoras e foguetes. Todo um grande maço de relatórios e fotografias aéreas, tiradas dos aviões de reconhecimento, foi entregue em mãos de uma comissão especial do govêrno britânico, a qual sugeriu que a RAF concedesse aos terrenos de Peenemünde uma alta prioridade de favor na escala dos seus bombardeios. O Marechal-do-Ar Harris decidiu organizar um reide de surprêsa, para o próximo período de luar e céus limpos.

Os alemães tinham-se tornado de certo modo descuidados na vigilância das suas instalações de Peenemünde: os bombardeiros noturnos da RAF voavam com freqüência sôbre a região, a caminho de Stettin e até de Berlim, e os alemães que trabalhavam em Peenemünde costumavam seguir com os olhos, tranqüilamente, os aviões inglêses que ali passavam, tão seguros êles viviam na convicção de que o inimigo ignorava a importância do lugar.

Tiraram-se fotografias especiais de reconhecimento, em preparo do reide, com tôdas as cautelas próprias para evitar que os alemães percebessem que a RAF se estava interessando por Peenemünde. Essas fotos eram tiradas durante os vôos normais de reconhecimento aos portos do Báltico, vôos êsses a que os alemães já se tinham acostumado. As fotografias permitiram aos organizadores do reide selecionar três objetivos determinados, nos quais seria causado o máximo possível de prejuízos.

O primeiro dêsses alvos eram as residências dos cientistas e dos técnicos. O segundo era constituído pelos hangares e as oficinas que continham as bombas e foguetes experimentais. O terceiro era a área dos serviços administrativos, isto é, os edifícios onde se encontravam os planos e outros dados técnicos.

Foi escolhida para o reide a noite de 17 de agôsto, porque a Lua estaria então quase cheia.

As tripulações dos bombardeiros foram informadas, apenas, de que Peenemünde era uma importante estação experimental de radar; que iriam pegar ali um nutrido grupo de cientistas alemães, e que a sua tarefa consistia em matar o maior número possível dêles. Dadas as instruções de vôo usuais, foi lida em voz alta uma nota especial do comando de bombardeiros: "A extrema importância dêste objetivo, e a necessidade de alcançar a sua destruição em um só ataque, devem-se tornar nìtidamente claras para tôdas as

tripulações. Caso o ataque não alcance o seu objetivo, terá que ser repetido nas noites imediatas — e sem olhar perdas, dentro dos limites das nossas possibilidades."

Cêrca de 600 "pesados" quadrimotores rolaram e decolaram em direção a Peenemünde, mas por uma via indireta. Os defensores de Peenemünde, pensando provàvelmente que os bombardeiros iam diretos a Stettin ou a Berlim, foram apanhados cochilando. Os aviões batedores dos inglêses, chamados Pathfinders, foram os primeiros a entrar na dança: voando a pouca altura do objetivo, semearam os seus pára-quedas iluminantes, de côres, em volta dos alvos das bombas. Seguiram-se os bombardeiros, que empregaram novas miras de bombas, de tipo completamente revolucionário. Zombando do fogo antiaéreo, aliás frouxo, os aviões, em ondas sucessivas, foram despejando altos explosivos e bombas incendiárias a alguns milhares de metros de altura, sobre os três alvos claramente visíveis em terra. Dentro de 40 minutos a área inteira era uma quase ininterrupta faixa de incêndios.

Foi só quando a última vaga de bombardeiros vinha de regresso a Londres, que os caças noturnos alemães, depois de terem esperado em vão nas vizinhanças de Berlim, conseguiram sair-lhes ao caminho: perderam-se 41 bombardeiros inglêses, mas o preço foi na verdade insignificante para uma das maiores vitórias aéreas desta guerra.

Na manhã seguinte, um Spitfire de reconhecimento foi fotografar os danos causados pelo bombardeio: metade das 45 barracas em que os cientistas e os especialistas habitavam tinham ficado arrasadas, e as restantes mostravam-se consideràvelmente danificadas. Além disso, 40 edifícios, inclusive as oficinas de montagem e os laboratórios, tinham ficado completamente destruídos, e outros 50 estavam danificados. Dentro de poucos dias começaram a transpirar da Alemanha notícias ainda mais satisfatórias: dos 7.000 cientistas e técnicos estacionados em Peenemünde, tinham morrido ou desaparecido uns 5.000. A razão é que, ao fim do reide, as bombas "arrasa-quarteirões" da RAF, combinadas com os explosivos alemães armazenados em paióis subterrâneos, desencadearam uma tão tremenda concussão, que muitas pessoas morreram a mais de quatro quilômetros de distância.

O diretor técnico von Chamier-Glisezenski morreu durante o ataque. Da Alemanha veio o boato de que êle fôra fuzilado por agentes ou oficiais da Gestapo enciumados. Dois dias após o ataque, os alemães anunciaram a morte do General Jeschonnek, chefe do estado-maior da Luftwaffe, e um dos mais jovens favoritos de Hitler, o qual se encontrava de visita a Peenemünde. Em seguida os nazistas confessaram que o General Ernst Udet, aviador veterano da primeira guerra mundial, e um dos primeiros organizadores da Luftwaffe, morrera em misteriosas circunstâncias. Nada mais lógico do que supor que Udet, na condição de chefe do Diretório Técnico do Ministério Alemão do Ar, se encontrava também em Peenemünde, e ali morreu.

Os nazistas compreenderam todo o alcance do desastroso ataque: agentes da Gestapo submeteram os sobreviventes a rigoroso interrogatório, e deram uma batida por tôda a região, em busca de possíveis traidores que pudessem ter dado à RAF qualquer informação sôbre a importância de Peenemünde. O General Walther Schreckenback, do Serviço Secreto dos Camisas Negras, foi pôsto à frente das instalações de Peenemünde, com ordem de recomeçar os trabalhos de produção de bombas voadoras e foguetes.

Tornou-se porém necessário refazer todos os planos. Uma vez que Peenemünde estava meio demolida, e exposta agora a renovados ataques, urgia construir novos laboratórios, desta vez subterrâneos. (Segundo notícias vindas da Suécia, êsses laboratórios teriam sido instalados em algumas ilhas do Báltico.) Por outro lado, aniquilados os melhores cientistas e especialistas no assunto, houve que encontrar novos homens capazes de prosseguir nos trabalhos de pesquisa e aplicação.

Em resultado destas demoras, os nazistas ficaram impossibilitados de fazer uso das suas armas secretas no inverno de 1943/44; e mais difícil se lhes tornou assim manter o moral do povo alemão, constantemente sujeito aos assaltos aéreos dos Aliados.

Novos reides aéreos dos Aliados, durante a primavera, às rampas de lançamento das bombas voadoras e foguetes, no Passo de Calais, e às fábricas de peças componentes, ainda vieram atrasar mais a prometida ofensiva germânica. Passou então a dizer-se ao povo alemão que as armas secretas eram para ser usadas como defesa contra a invasão, e que estavam sendo poupadas para massacrar os Aliados

nos portos e praias de desembarque. O dia da invasão, porém, veio apanhar os alemães ainda mal preparados. E foi só sete dias após a invasão da Normandia, pelos Aliados, que a primeira bomba voadora abateu sôbre Londres.

Se Peenemünde não tivesse sido arrasada quando e como o foi, os ataques das bombas-*robot* contra Londres haveriam sem dúvida começado seis meses mais cedo, e teriam sido muitas vêzes mais pesados. A comunicação de Londres, que era ao mesmo tempo o fulcro da Inglaterra e o centro nervoso dos planos e preparativos da invasão, teria sido sèriamente atingida, sendo mesmo possível que êsse ataque tivesse forçado os Aliados a deixar para mais tarde a invasão tão ansiosamente esperada.

Eu Fui Montgomery

M. E. Clifton James

CERTA MANHÃ, no fim da primavera de 1944, o telefone tocou na minha mesa, no gabinete do Real Corpo de Pagadores do Exército, em Leicester.

— Tenente James? — indagou uma voz agradável. — Fala o Coronel Niven, da seção cinematográfica do Exército. (Reconheci a voz do astro de cinema David Niven.) Está interessado em fazer alguns filmes para o Exército?

— Sim, senhor — disse. — Com todo o prazer!

— Ótimo — respondeu Niven prontamente. — Providencie sua vinda a Londres para uma prova de câmara.

Vagarosamente, repus o fone no gancho. Teria o Exército sofrido um ataque de lucidez? Durante 25 anos eu fôra ator, de modo que, quando a guerra estourou, em 1939, oferecera meus serviços para divertir as tropas. Em vez disso, deram-me um pôsto no Corpo de Pagadores, onde eu não entrosava. Talvez tivesse chegado a hora de corrigir o equívoco.

Muito animado, viajei para Londres. No enderêço de Curzon Street, que me dera, David Niven cumprimentou-me cordialmente, deixando-me depois em companhia de um homem à paisana e que se apresentou como o Coronel Lester.

— James — disse êle — faço parte do MI 5, o Serviço de Informações do Exército, e receio ter-lhe reservado um choque. Você não vai fazer filme nenhum. Foi escolhido para *double* do General Montgomery.

Eu sabia que era parecido com "Monty". Muitas vêzes meus amigos haviam comentado a notável semelhança. E meu retrato fôra uma vez publicado no *News Chronicle*, de Londres, com boina

Condensação do livro "I Was Monty's Double", copyright, 1954, dos editôres Rider and Company, Hutchinson House, Londres W. 1, Inglaterra

militar e a legenda: "VOCÊ ESTÁ ENGANADO. ÊSTE É O TENENTE CLIFTON JAMES." Mas aquela missão era uma incógnita.

O Coronel Lester estudou-me em silêncio por alguns momentos. Depois explicou o plano.

Estava iminente o Dia-D, disse êle. Havíamos reunido uma poderosa fôrça de invasão que breve desembarcaria na França e, lutando, abriria caminho até Berlim. Era impossível ocultar tais preparativos dos alemães, e êles provàvelmente imaginavam onde pretendíamos atacar. Mas não sabiam a data da esperada investida, nem podiam desprezar inteiramente a possibilidade de um golpe de surprêsa noutra frente. Por isso, formulara-se um plano de despistamento, aprovado pelo General Eisenhower. O estratagema era acumular provas de que Monty — provável comandante da fôrça invasora britânica — deixara seu pôsto na Inglaterra, partindo para outra parte do mundo. Para fazer isso, depois de ensaiar o papel apressadamente, eu deveria *transformar-me em General Montgomery*.

— Não deve deixar transparecer uma palavra disto a ninguém, absolutamente ninguém — advertiu-me o Coronel Lester. — Alguma dúvida?

Abanei a cabeça. Ou faria dezenas de perguntas ou não faria nenhuma.

Depois da entrevista tive a terrível sensação de mêdo que se sente ao enfrentar o palco. Fôra soldado raso na guerra anterior e ainda tinha o pavor de colegial pelos oficiais superiores — e a idéia que iria personificar o maior de todos era sinistramente cômica! Dali por diante, todavia, não me deram muito tempo para meditações.

Nos poucos dias que se seguiram estudei documentários cinematográficos e fotografias de jornal de Monty. O Coronel Lester e dois oficiais seus ajudantes me exercitavam em centenas de detalhes da representação. A necessidade de sigilo foi de tal maneira inculcada em mim que, a princípio, eu tinha mêdo de falar com quem quer que fôsse.

— Quero que você considere isto uma peça que representamos para uma platéia inimiga — disse o Coronel Lester. — Não será fácil iludi-la. Temos simplesmente de enganar o Alto Comando Alemão.

Para que me aperfeiçoasse no papel, arranjaram para eu passar vários dias com o pessoal imediato de Monty, de modo a poder estudá-lo de perto. E para evitar suspeitas ou perguntas incômodas, mandaram-me para lá disfarçado de sargento do Corpo de Informações. Só dois membros do pessoal sabiam do plano.

Na primeira manhã, após me apresentar com minha estranha farda e credenciais de sargento do C. I., encontrei-me num jipe logo atrás do Rolls Royce do General. Ao alvorecer, a nossa fila de veículos, com intervalo exato de quatro metros e meio, parou diante duma mansão rural perto de Portsmouth. Seguiu-se uma espera de cinco minutos de evidente tensão, após a qual, a intervalos rigorosamente cronometrados, os ajudantes imediatos de Monty começaram a aparecer; e depois de cada um nos ter inspecionado com uma precisão de ritual, Monty em pessoa apareceu.

O General tinha exatamente a aparência que eu imaginara. Usava a sua famosa boina negra e uma jaqueta de couro, de aviador, e notei que fazia uma continência especial — um ligeiro movimento duplo da mão que a tornava mais um cumprimento do que outra coisa.

Quando a fileira de carros partiu, meu motorista manteve-se nos quatro metros e meio regulamentares atrás do Rolls Royce. Eu não desgrudava os olhos de Monty. Enquanto corríamos pelas estradas da campina, as poucas pessoas que já estavam de pé paravam para olhar. Depois, reconhecendo de repente o General, sorriam e acenavam vigorosamente, recebendo em troca aquela continência amistosa.

Monty não perdia ninguém de vista. Uma vez, ao passarmos por um campônio, o velho pareceu um pouco espantado do sorriso e da continência de Monty. Aqui estava o homem que nos levaria à vitória: Monty, o homem em que todo cidadão, mulher e criança depositava sua confiança para a invasão. Tirando o chapéu velho, o ancião agitou-o lentamente, enquanto seus olhos se marejavam de lágrimas.

Quando avistamos o mar, um espetáculo maravilhoso se ofereceu aos meus olhos. Eu estava assistindo ao ensaio final para o Dia-D — o dia da invasão da Europa. No mar, até aonde a vista podia alcançar, havia couraçados, cruzadores, contratorpedeiros e outros barcos. Enormes barcaças de desembarque vomitavam tanques, carros blin-

dados e canhões às centenas. O céu estava carregado de aviões, enquanto a infantaria se despejava em terra das balsas de invasão.

Depois de conferenciar brevemente com os outros chefes do Comando Aliado que observavam as operações do terraço dum hotel, Monty reapareceu e imediatamente se formou uma pequena procissão. Meti-me no meu lugar atrás dêles e, observando-o, esqueci tudo mais. Êle dominava a cena, sem jamais, porém, intervir desnecessàriamente. De vez em quando parava e desfechava perguntas aos oficiais, suboficiais e praças — examinando-os, dando sugestões ou ordens breves.

Que personalidade tinha aquêle homem! No momento em que aparecia, antes mesmo de falar, dominava completamente todos os presentes. Faria fortuna no palco, pensei.

Alguns dos soldados de infantaria que subiam a encosta da praia, vindos das barcaças, ainda estavam enjoados, embora procurassem corajosamente não o mostrar. A repulsa de Monty por doença sua ou dos outros era bem conhecida. Um soldado muito jovem, que pelo jeito devia achar que o fuzil e o equipamento pesavam toneladas, avançava tentando valentemente manter-se em linha com os companheiros. Mas quando chegou à altura onde estávamos, tropeçou e caiu de bruços. Meio soluçante, levantou-se e pôs-se a marchar, tonto, na direção contrária.

Monty foi direto a êle e com um ligeiro sorriso amigo fê-lo voltar-se.

— Por aqui, menino. Você está indo bem... muito bem. Mas não se perca do camarada da sua frente.

Pôs a mão no ombro do rapaz e cuidadosamente ajeitou-lhe a mochila, que escorregara.

Quando o môço percebeu quem lhe dera aquêle auxílio amistoso, sua expressão de muda adoração constituiu um verdadeiro estudo do grau de confiança que Monty inspirava às tropas.

Nos dias que se seguiram, aprendi muita coisa sôbre o General. Não fumava absolutamente, não bebia álcool e era fanático pelo preparo físico. Uma vez, quando o Coronel Lester lhe telefonou para perguntar se havia no seu regime peculiaridades que eu devesse saber, êle retrucou:

— Claro que não. Apenas não ponho leite nem açúcar no mingau de aveia. Nada mais.

Às refeições falava alegremente sôbre aves, animais e flôres e zombava moderadamente dos oficiais se se mostravam ignorantes de história natural. Nunca o ouvi referir-se à guerra.

Seguindo Monty por tôda parte, dia após dia, eu o observava como um falcão, tentando captar as suas expressões fugidias. Observava seu andar característico, com as mãos fechadas atrás das costas, o modo como beliscava a face quando pensava, seus movimentos bruscos, sua maneira de comer, o seu hábito de estender um braço para reforçar um ponto de vista. Por fim, achei-me apto a imitá-lo no que se referia à voz, aos gestos e maneiras próprias. Mas, com minha timidez natural, conseguiria imitar sua personalidade inconfundível, irradiar o seu sentimento de fôrça e tranqüila confiança? Duvidava-o.

Como etapa final do meu estudo, concederam-me uma entrevista particular com o General. Êle estava sentado à sua mesa escrevendo, mas se levantou com um sorriso quando entrei. Era mais velho do que eu, mas a semelhança era notável; era como se eu me estivesse olhando ao espelho. Não havia necessidade de sobrancelhas postiças, de molares artificiais ou de outro artifício.

Logo achou terreno comum entre nós que me colocou à vontade: eu fôra criado na Austrália, êle na vizinha Tasmânia. Enquanto êle falava, eu ouvia com atenção, tentando gravar aquela voz incisiva, um tanto aguda, e a maneira de escolher as palavras. Nunca usava frases empoladas; houve mesmo quem qualificasse sua conversa de sêca e árida.

— Você tem uma grande responsabilidade, sabe? — disse-me antes de eu sair. — Sente-se confiante?

Vendo-me hesitar, acrescentou depressa:

— Tudo sairá bem; não se preocupe.

E naquele momento desapareceram minhas dúvidas, tamanha era sua habilidade em inspirar confiança.

No Ministério da Guerra, dias depois, percebi uma atmosfera de tensão.

— Muito bem, James — disse o Coronel Lester — chegou o momento de subir o pano. Amanhã às 18 e 30 você se transformará

no General Montgomery. Será levado de carro ao aeroporto e, à vista de dezenas de pessoas, partirá no avião do Primeiro-Ministro. Às 7 e 45 da manhã seguinte pousará em Gibraltar. Espalhamos por todo o litoral africano o boato de que Monty talvez estivesse formando um exército anglo-americano para invadir o sul da França. Você vai viajar por todo o Oriente Médio, para dar substância a êsses rumôres. Todos os seus movimentos serão observados atentamente pelos agentes de Hitler.

— Nós podemos dizer-lhe mais ou menos o que fazer — continuou — mas as coisas nunca saem exatamente como se planeja. Você precisa seguir por sua própria conta. Domine sempre a situação. Lembre-se: de agora em diante oficiais de alta patente serão meros subordinados. Se as multidões aclamarem, é a você que aclamam.

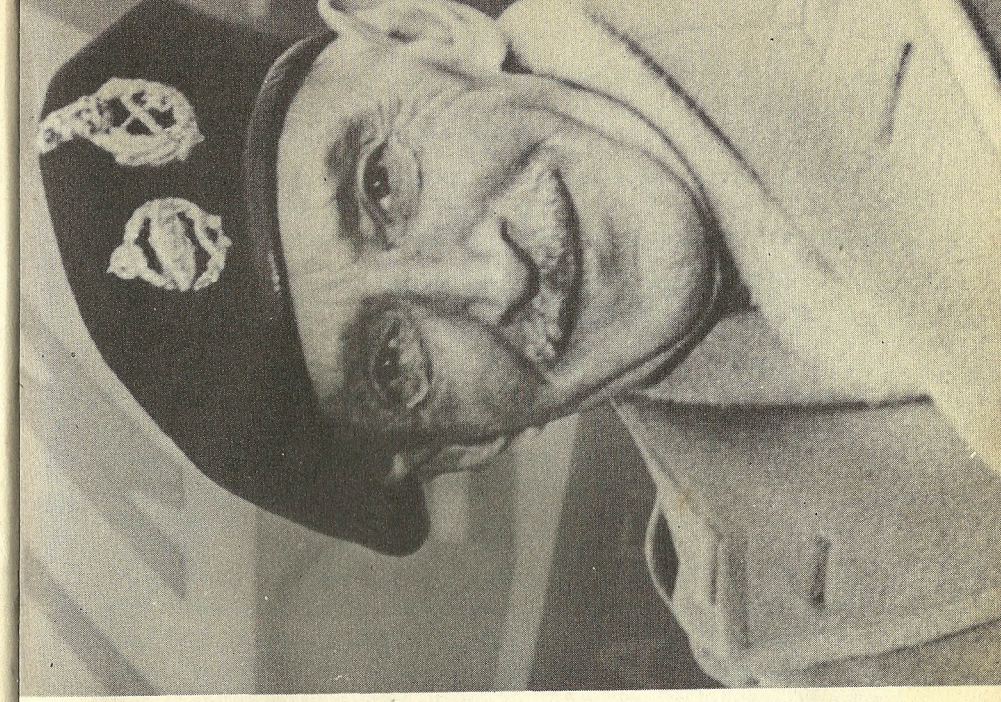
No dia seguinte, a sensação opressiva da hora H me dominava quando me enfarpelei no uniforme de combate do General, com a famosa boina negra com o distintivo da Divisão Blindada. Mas o Coronel Lester pareceu satisfeito com o resultado quando me apresentei a êle para inspeção.

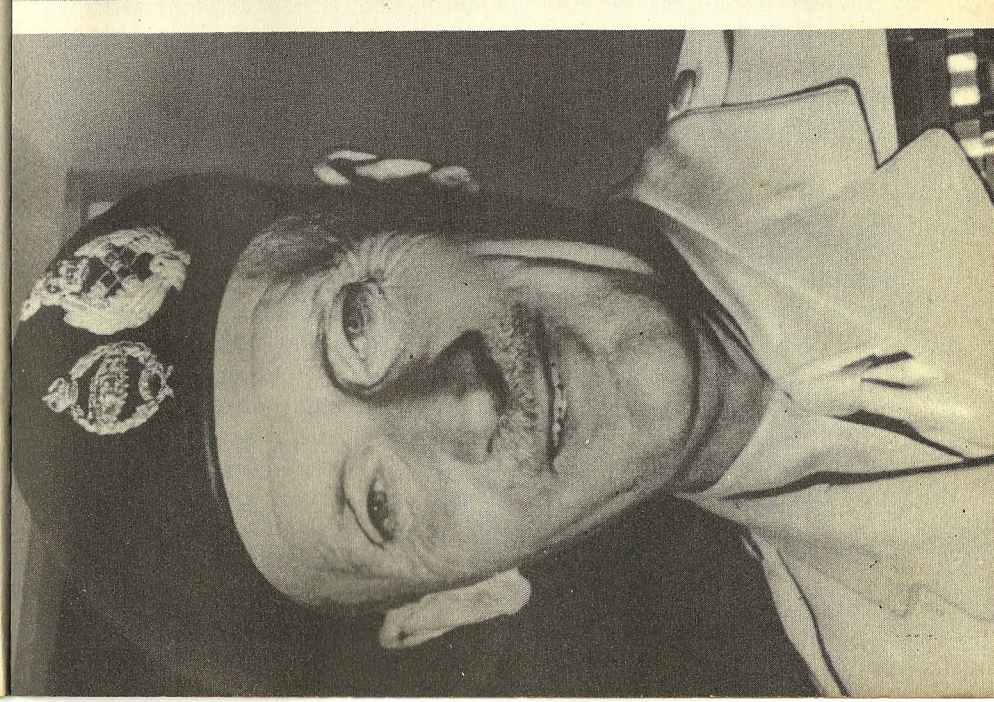
— Uma última recomendação — disse-me, entregando-me uns lenços cáqui, marcados com as iniciais B.L.M. — Deixe-os cair, como por acaso, onde achar conveniente. Neste jôgo são os pequenos detalhes que importam.

Apertou-me a mão com fôrça, desejou-me felicidade e saiu. Rápido, coloquei a boina no ângulo certo e, seguido pelo Brigadeiro Heywood e o Capitão Moore, meus ajudantes-de-ordens, desci a escadaria.

Diante do prédio havia três carros militares. Uma multidão se havia aglomerado em volta do que ostentava a flâmula de Montgomery. Uma aclamação se ouviu quando embarquei e, quando o carro se pôs em marcha e eu lhes dei com o melhor sorriso a continência de Monty, ouvi gritos de "Viva Monty!" Sorri e saudei até que os músculos do meu rosto ficaram rígidos e o braço começou a doer-me.

No aeroporto de Northolt havia mais gente, e perto do meu avião um imponente grupo de oficiais de alta patente, alguns dos quais conheciam Monty intimamente. Meu coração batia como um pistão, mas com um violento esfôrço saltei lépido do automóvel, sorrindo





O General Bernard Law Montgomery e seu double *(à direita)*

Foto UPI

um pouco. Seguido pelo Brigadeiro Heywood, percorri devagar a fila de oficiais de alta patente, passando-os em revista, todos em rigorosa posição de sentido. Dirigi-me depois à tripulação do avião.

— Como vai, Slee? — disse ao pilôto. — Acha que faremos boa viagem?

Trocamos algumas palavras sôbre o boletim meteorológico. Depois de passar em revista os tripulantes, subi a escada, voltei-me para uma última continência e, por fim, entrei no avião, grandemente aliviado de ter terminado a cena sem percalços. (Soube mais tarde que nenhum dos oficiais superiores que estavam no aeroporto suspeitara de minha identidade; um dêles, que conhecia Monty, chegou a observar que o velho parecia bem disposto, embora um pouco cansado.)

Na manhã seguinte o avião pousou em Gibraltar e o pano subiu sôbre outra cena. Ao fundo, alteava-se o famoso penhasco. Diante de mim, dois grupos de oficiais e uma fila de carros. No meio da costumeira multidão de aeroporto, alguns operários espanhóis — vários dêles sabidamente agentes inimigos. Ouvi o Brigadeiro Heywood dizer:

— Deixe-se ver pelo maior número possível de pessoas.

A seguir, abriram-se as portas do avião. Parei por um momento na saída; em meio ao silêncio geral, fiz a continência de Monty e, sem hesitar, desci a escada.

Depois das cerimônias de recepção, levaram-me num carro pelas ruas de Gibraltar, sob os olhares da população civil espanhola. Havia mais gente no Palácio do Govêrno, quando lá chegamos. Uma guarda de honra apresentou armas, e o General Sir Ralph Eastwood — Governador de Gibraltar e velho amigo de Montgomery — sorriu e estendeu-me a mão:

— Alô, Monty. Que prazer vê-lo de nôvo.

Eu fôra bem ensaiado para aquêle encontro, e sabia que Monty sempre chamava Sir Ralph pelo apelido.

— Como vai, Rusty? — indaguei, com o jeito efusivo de Monty. — Você parece muito bem disposto.

Tomei-lhe do braço, com familiaridade, e entramos.

Sir Ralph levou-me ao seu gabinete, examinou o corredor, fechou

a porta cuidadosamente e depois ficou a me olhar em completo silêncio. Então sorriu e apertou-me a mão calorosamente.

— Não posso acreditar — exclamou. — Sim senhor, então você *é* o Monty! Durante uns momentos pensei que êle tivesse mudado de plano e resolvido vir em pessoa.

Conduziram-me aos meus aposentos, onde tomei lá meu desjejum sòzinho. Terminando, fui até à janela. Olhando casualmente para cima chamou-me a atenção um ligeiro movimento no telhado do edifício ao lado. Um operário estava lá encarapitado, apontando para mim um objeto parecido com um fuzil.

Passei um mau bocado, mas, olhando com maior atenção, vi que meus temores eram exagerados. O homem não me apontava um fuzil. Tentava examinar-me por meio de um fino telescópio.

Um ajudante conduziu-me de nôvo ao gabinete, onde Sir Ralph me explicou os lances seguintes.

— Daqui a 12 minutos, eu e você iremos passear nos jardins dos fundos do palácio. Dois eminentes financistas espanhóis, conhecidos nossos — e os olhos dêle brilharam — embora não os possa chamar de amigos... virão examinar uns tapêtes marroquinos antigos que temos aqui. Por mera coincidência, êles o encontrarão quando atravessarem o jardim ao entrarem.

Instantes depois conduziu-me ao jardim, observando:

— Desde menino que não me divirto tanto!

O Sol fulgia no céu sem nuvens quando saímos a caminhar lentamente por entre os canteiros, parando a intervalos para discutir alguma questão de horticultura. Tomando uma vereda lateral, tínhamos pela frente a ala esquerda do palácio onde vi um grupo de operários reparando as paredes, trepados em andaimes. Um dêles fitava-me atentamente, mas, quando surpreendi seu olhar, êle imediatamente o desviou e continuou a trabalhar. Reconheci nêle o indivíduo que estivera a me observar pelo telescópio.

Continuamos o passeio até que de repente os portões de ferro do jardim rangeram. Dois homens vieram em nossa direção — espanhóis escanhoados, beirando os 40 anos e trajando terno escuro.

— Não fique nervoso, James — sussurrou-me Sir Ralph em voz áspera quando os dois se aproximaram. — Não perca a calma.

Fingindo não perceber os dois desconhecidos, pus-me a falar sôbre o Gabinete de Guerra e o "Plano 303". O Governador tocou-me no braço como para me avisar e eu me interrompi bruscamente, demonstrando surprêsa com aquela aparição.

Sir Ralph cumprimentou-os cordialmente e os homens inclinaram-se à moda espanhola. Fui apresentado e ambos ficaram a me olhar com evidente admiração e respeito. Mostrei-me cortês, porém distante, e, enquanto falava, conservei as mãos fechadas atrás das costas, à moda característica de Montgomery.

Um dos espanhóis, que parecia tão sinistro como qualquer espião de novela, não desgrudava de mim seus olhos de ofídio, enquanto o outro fingia interessar-se pelo que dizia Sir Ralph; notei, porém, que a intervalos seus olhos me examinavam da cabeça aos pés. Ambos ouviram com ridícula atenção minha tagarelice sôbre o tempo, as flôres e a história do Palácio do Govêrno.

Quando achei que já me haviam visto o suficiente, disse de repente:

— Bem, espero que o tempo continue firme. Tenho muito que voar êstes dias.

E dei meia-volta.

Imediatamente êles se despediram de mim, e Sir Ralph os guiou até o palácio. Tudo se passou ràpidamente e, no entanto, aquêle breve lapso de tempo alterou a fundo o destino daqueles dois espiões e talvez o de milhares de soldados nossos.

Como ouvi contar depois, aquêles espanhóis eram dois dos agentes mais hábeis de Hitler, treinados pela Gestapo. Em conseqüência dos bem espalhados boatos do MI 5, tinham recebido em Berlim nomes e papéis falsos, sendo apressadamente introduzidos na sociedade espanhola como banqueiros e fixando-se em Gibraltar — tudo com a finalidade expressa de me espionar. Tinham também colocado dois subalternos ali; um, passando por operário, arranjara emprêgo nos prédios do palácio; outro, um norueguês, trabalhava no aeroporto. Os quatro espiões deveriam fazer comunicações independentes, dando todos os detalhes que lograssem descobrir. Eu iria novamente encontrar o norueguês mais tarde.

Os espanhóis devem ter trabalhado muito depressa. Duas horas depois de saírem do Palácio do Govêrno, os representantes de Hi-

tler em Madri sabiam que o General Montgomery chegara a Gibraltar e que seguiria para a África por via aérea. Logo Berlim recebia um apêlo frenético: "A todo custo descubram a natureza do Plano 303. Têm alguma informação? Muito urgente." E imediatamente a contra-espionagem alemã ordenou aos seus homens que se concentrassem neste problema.

Minha partida de Gibraltar foi muito parecida com a chegada. Baionetas reluziam ao sol e uma esquadrilha de Spitfires sobrevoou o aeroporto, baixando as asas em continência. Terminadas as formalidades costumeiras, tomei Sir Ralph pelo braço e passeamos de um lado para outro, na cantina do aeroporto; pois era ali que estava empregado o agente norueguês da Gestapo. Perto da janela aberta da cantina pus-me a fingir de muito preocupado, entretendo uma discussão militar urgente.

— Quanto às defesas do pôrto, Rusty — disse eu — afirmei ao Primeiro-Ministro que o C4 oferece perfeita segurança. Mas quero os aspectos navais do plano meticulosamente elaborados para que as fôrças blindadas possam embarcar sem perda de tempo.

Depois, apontando para a baía:

— Se tomarmos uma posição cêrca de 90º para a direita do cabo, os engenheiros poderão alterá-lo de modo a ajustar-se ao Plano 303.

Continuei nesse estalão, dizendo coisas sem o menor sentido, e posso quase jurar que a certa altura o Governador me deu a sugestão duma piscadela.

Minha próxima parada foi na cidade de Argel, onde circulavam boatos cuidadosamente disseminados de que Monty chegaria numa importante missão — talvez a de formar um Exército Anglo-Americano para invadir o Sul da França. No aeroporto fui recebido por membros do estado-maior do General Wilson, depois do que passei à revista habitual. Não longe dali, uma multidão de civis de muitos idiomas, atraída por bem calculadas revelações sôbre minha "secretíssima visita", esperava para ver que jeito tinha o General Montgomery.

No meio do povo havia dois italianos ostensivamente pró-aliados, mas sabidamente empregados pela Gestapo, e um misterioso major francês que era seu superior imediato. O major aparecera em Argel na semana anterior, passando por membro da espionagem francesa;

mas, como sabíamos, era na verdade um ás entre os agentes inimigos. Quase imediatamente êle manifestara forte desejo de conhecer Monty, se por acaso fôsse a Argel. Combinou-se satisfazer o seu desejo.

Antes de sairmos do aeroporto, o major francês foi-me apresentado por um coronel do estado-maior do General Wilson. Raramente tenho visto homem de aspecto mais sinistro. Com seus olhos negros muito brilhantes, o rosto pálido cortado por uma cicatriz lívida e a bôca cruel, parecia capaz de qualquer coisa. Não pude deixar de vigiar atentamente seus movimentos, não fôsse êle tentar assassinar-me. Mas apenas apertamos as mãos e trocamos polidos cumprimentos sem incidente.

Um coronel americano acompanhou-me do aeroporto até Argel. Quando entramos no carro, a formosa motorista loura, que envergava um elegantíssimo uniforme do Corpo Auxiliar Feminino do Exército Americano, fêz continência e me pediu o autógrafo.

Tendo previsto exatamente essas emergências em seus contatos com os americanos tão amantes de autógrafos, o Coronel Lester fornecera-me retratos autografados do General. Sem um sorriso — pois era bem conhecida a aversão de Monty pela presença feminina no teatro de guerra — entreguei à jovem uma das fotos, observando friamente:

— Espero que esta sirva.

Enquanto eu viver, jamais me esquecerei daquela viagem do aeroporto até Argel. O acompanhante americano fôra advertido da possibilidade de um atentado à minha vida, e como não era possível guarnecer de tropas os 19 quilômetros de caminho, ficara resolvido seguir à tôda, confiando a sorte a Deus. Investimos pela estrada e, com as sereias uivando, mantivemos marcha puxada até Argel.

Durante tôda essa correria palestrei com o coronel — que naturalmente sabia de tudo — apenas por causa da bela motorista. Fiquei aliviado quando por fim passamos por grandes portões e paramos diante duma mansão de pedra branca, o Q.G. do General Wilson. Quando as portas protetoras se fecharam sôbre mim, caiu o pano sôbre outra cena concluída.

Os próximos dias passaram-se numa espécie de sonho que se repetia — desembarques, recepções oficiais, guardas de honra, ôcas con-

versas sôbre alta estratégia; bandos de espectadores civis, sem dúvida com agentes inimigos em seu meio; as ruas guarnecidas de tropas a aclamar.

O que eu mais temia era a perspectiva de contato imediato com oficiais de alta patente, pois não podia esperar manter uma conversa sôbre assuntos militares de alta especialização. Mas o MI 5 projetara minha viagem tão sagazmente que eu sempre fazia as refeições sòzinho e evitava cuidadosamente conhecer oficiais (exceto os poucos que sabiam do plano) que tivessem tido contato pessoal com Monty. Eu era, porém, freqüentemente atirado no caminho de agentes inimigos.

Lembro-me de que o Brigadeiro Heywood trouxe-me um dêles, um paisano idoso cuja barbicha, terno prêto surrado e chapelão de abas largas lhe davam aspecto dum decadente ator trágico.

— Com licença, General — disse Heywood. — O Professor Salvadore X consideraria um grande favor se lhe permitisse apresentar os seus cumprimentos. Trata-se de um famoso arqueólogo. E é um italiano leal — acrescentou, vendo minha expressão de dúvida.

Por um momento, indaguei de mim para comigo por que havia de perder tempo falando com um arqueólogo. Mas sabia que Heywood estava no MI 5 havia muitos anos, que fôra especialmente escolhido para aquela delicada missão e que nunca fazia nada sem bons motivos. Troquei por isso algumas palavras com o professor e quando êle se retirou com uma inclinação de cabeça e se afastou alguns metros, voltei-me para Heywood e iniciei, em voz bastante alta, uma discussão sôbre enigmáticos planos militares.

Mas nem eu nem Heywood, em que pesasse seu treino no MI 5, podíamos enfrentar tôdas as emergências com *aplomb*... como descobri noutra cidade norte-africana onde meu encargo principal era conversar com uma certa francesa. O marido, contou-me Heywood, fizera parte do Movimento de Resistência em Paris, mas caíra nas mãos da Gestapo. A espôsa fôra então detida e forçada a escolher entre trabalhar para os alemães ou saber que o marido morreria lentamente na prisão. Com extrema relutância, a infeliz aceitara a primeira alternativa e agora operava em Argel.

Quando a apresentaram, vi uma senhora alta, morena, bem vestida, de uns 50 anos, rosto côr de cinza. Mantendo a atitude de

Monty em relação às mulheres, saudei-a com cortesia porém sem efusão.

Trocamos algumas palavras formais e vi que ela estava nervosíssima a ponto quase de estourar. De repente, perdeu o contrôle de si mesma. Soluços histéricos sacudiam-lhe todo o corpo e começou a denunciar a guerra como obra do demônio e a mim como um dos seus sacerdotes. Foi extremamente constrangedor e eu, sem saber o que responder, voltei-me bruscamente para o lado, enquanto Heywood a conduzia para fora, com a máxima gentileza. Ao que parece, o tremendo conflito entre o seu patriotismo e o desejo de salvar o marido perturbara o espírito da coitada.

Foi essa a única vez que vi Heywood desconcertado. Nenhum de nós dois tornou a falar do incidente.

Com o passar dos dias, acostumei-me ao meu papel de tal forma que, para todos fins e propósitos, eu *era* o General Montgomery. Mesmo quando estava só me surpreendia representando.

Uma vez, quando íamos pousar num aeroporto, Heywood indagou:

— Como vão os nervos?

No tom preciso de Monty eu repliquei:

— Nervos, Heywood? Não diga tolices!

— Desculpe, meu General — redargüiu êle, perfeitamente sério.

No fim de uma semana, voltei a Argel sabendo que cumprira minha missão sem qualquer falha séria. Que eu soubesse, ninguém duvidara da minha identidade como General Montgomery.

Aproximava-se o dia da invasão da Europa e meu trabalho estava concluído. Segui para o Q.G. do General Wilson num lampejo final de glória, meti-me de nôvo na farda de tenente e fui discretamente retirado daquela representação. A minha semelhança com o General tornara-se agora um embaraço, pois, enquanto a invasão não fôsse lançada, sempre havia o perigo de que o segrêdo transpirasse. Por isso, na tarde seguinte, fui em sigilo colocado num avião para o Cairo — a única cidade próxima suficientemente grande para me engolir sem deixar vestígios — e lá fiquei até depois da invasão.

Durante muito tempo indaguei de mim para comigo qual teria sido o resultado dos meus esforços. Mas só depois da guerra é que me contaram como o estratagema conseguira confundir o inimigo,

desviando as divisões blindadas de Rommel e, dessa forma, contribuindo para o sucesso da invasão.

Mais tarde soube também como fôra potencialmente perigosa a missão. Quando as primeiras notícias da planejada viagem de Monty ao Oriente Médio chegaram a Berlim, o Alto Comando Alemão ordenara que meu avião fôsse abatido em caminho; ou, se êsse plano fracassasse, que Monty fôsse assassinado na Espanha ou na África. Mas, no último instante, os alemães resolveram verificar se eu *era* de fato Monty e, quando se tranqüilizaram nesse ponto, o Führer interviera para salvar-me a vida. Hitler ordenara que Monty de forma alguma fôsse morto enquanto não descobrissem o ponto exato em que a invasão se iniciaria. E isso (à parte a travessia da Mancha), os germânicos nunca descobriram.

No meu solitário e melancólico regresso à Inglaterra após o dia da invasão da Europa, o avião em que eu viajava parou em Gibraltar. Enquanto aguardávamos transporte para as acomodações onde passaríamos a noite, o bando de soldados-passageiros convergiu para a cantina.

Quando me encostei no balcão da cantina, uma voz estrangeira me perguntou:

— O que o senhor deseja?

Levantei o olhar e vi um homem de meia-idade, de cabelo branco, bastas sobrancelhas e olhos cinzentos muito penetrantes.

Notando o sotaque estrangeiro, um marinheiro do nosso grupo observou:

— Você está bem longe da sua terra, não é?

— Muitos quilômetros — foi a resposta. — Sou da Noruega.

Uma associação de idéias se completou de repente no meu cérebro cansado e eu me afastei. Reconhecera o agente inimigo a quem tão industriosamente enganara. E perguntei aos meus botões qual seria sua resposta se eu lhe perguntasse como ia indo o Plano 303.

O Engano Mais Trágico dos Nossos Tempos?

William J. Coughlin

Ex-correspondente da United Press, destacado para o Pacífico

O homem que me contou primeiro esta história fantástica foi Kazuo Kawai, então redator-chefe do Nippon Times, *influente jornal de Tóquio e órgão do Ministério das Relações Exteriores do Japão. Durante os meses de julho e agôsto de 1945, Kawai havia passado várias horas por dia naquele Ministério. Das notas de seu diário e das vívidas recordações que guardou dos dias sombrios e movimentados que precederam a rendição tirou êle êste estranho relato de uma palavra que podia ter mudado o mundo.*

Quando chegou a primavera de 1945, o Japão já havia sofrido graves derrotas. Os ataques aéreos aliados destruíam estradas de ferro, rodovias e pontes com uma rapidez que não dava tempo de substituí-las. As cidades e as vilas eram ruínas fumegantes; havia milhões de pessoas sem lar, os víveres escasseavam. Os aviões americanos tinham destruído os remanescentes da esquadra japonêsa.

Mas o alto comando militar recusou-se a depor as armas e jurou lutar até à morte. Os militaristas alegavam estarem prestes a vencer uma batalha decisiva. O General Korechika Anami, Ministro da Guerra, prometeu que os americanos seriam expulsos de Okinawa.

Em oposição aos militaristas havia um pequeno grupo de diplomatas que compreendiam que o Japão tinha mais a perder lutando até o fim do que com a rendição. Na esperança de obter condições melhores do que a rendição incondicional, foram iniciadas conver-

sações secretas com a União Soviética, que então era ainda neutra, procurando os bons ofícios da Rússia para promover a paz.

Em 3 de junho, o antigo Primeiro-Ministro Koki Hirota procurou o embaixador russo Jacob Malik. Malik mostrou-se frio em relação às propostas. Depois, no dia 12 de julho, o Imperador confiou ao Príncipe Konoye uma mensagem pessoal pedindo paz. Konoye tinha instruções para ir de avião a Moscou e terminar a guerra a qualquer preço. Mas o Primeiro-Ministro Stalin e o Comissário do Exterior Molotov se escusaram, alegando estarem ocupados com a preparação da Conferência de Potsdam.

Em Potsdam, Stalin disse, casualmente, ao Presidente Truman que os japonêses haviam abordado a questão das negociações. Mas o ditador soviético declarou que os russos não lhes tinham dado atenção visto considerá-los insinceros.

O ultimato de Potsdam foi emitido em 26 de julho de 1945; assinado pelos Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a China, exigia que o Japão se rendesse, do contrário seria aniquilado. A reação entre os líderes japonêses foi de júbilo, pois as condições eram muito mais clementes do que as esperadas. Prometia-se que o Japão não seria destruído como nação, que os japonêses teriam liberdade para escolher seu próprio govêrno. E deixava-se transparecer claramente que o Imperador seria deixado no trono.

Sem hesitações, o Imperador disse ao Ministro do Exterior, Shigenori Togo, que considerava a proclamação aceitável. Todo o gabinete se reuniu, então, para debater o ultimato aliado.

Examinei muitas versões japonêsas dessa dramática sessão. Tôdas concordam em que, naquela tarde quente de 27 de julho, a resolução foi de paz. O Ministro da Guerra Anami e os chefes de estado-maior protestaram, violentamente, contra a aceitação das condições de Potsdam, mas foram vencidos.

Surgiram, porém, várias complicações. Que dizer das negociações de rendição com os russos ainda em andamento? A última proposta fôra mandada para Moscou havia dois dias apenas.

O gabinete foi obrigado a considerar ainda outro fator: até então os japonêses só tinham recebido notícia da declaração de Potsdam através de seus postos de radioescuta. Podia o govêrno agir baseado nessas informações extra-oficiais?

Esperava-se que a demora em aceitar as condições aliadas não fôsse longa, mas enquanto isso o Primeiro-Ministro Kantaro Suzuki tinha uma entrevista marcada para o dia seguinte com jornalistas japonêses, que, seguramente, o interrogariam sôbre a proclamação. Ficou decidido que Suzuki se limitaria a dizer que o gabinete não chegara a decisão alguma sôbre as exigências aliadas. O fato de o gabinete não rejeitar o ultimato daria a perceber imediatamente ao povo japonês o que havia no ar.

"O govêrno não tinha intenção de rejeitar as exigências aliadas", diz Kawai.

Quando o Primeiro-Ministro Suzuki se defrontou com a imprensa, em 28 de julho, disse que o gabinete estava adotando uma política de *mokusatsu*. Esta palavra, que não tem correspondente exato nas línguas ocidentais, é ambígua mesmo em japonês. Tanto pode significar "não tomar conhecimento" como "evitar comentários".

Infelizmente os tradutores da Agência de Notícias Domei não podiam saber que sentido Suzuki tivera em mente. Ao traduzirem, apressadamente, a declaração de Suzuki para o inglês, escolheram o sentido errado. Das tôrres da Rádio de Tóquio partiu para o mundo aliado a notícia de que o Gabinete Suzuki resolvera "não tomar conhecimento" do ultimato de Potsdam.

A importância imediatamente atribuída à irradiação — fora do Japão — transparece claramente da manchete do *Times* de Nova York, de 28 de julho de 1945: "A Esquadra ataca, visto Tóquio não tomar conhecimento das condições aliadas."

O resto pertence à História. O falecido Henry L. Stimson, então Secretário da Guerra dos Estados Unidos, esclareceu, no relatório sôbre a resolução definitiva de usar a bomba atômica, que a confusão sôbre a palavra *mokusatsu* teve como conseqüência direta o ataque atômico contra Hiroxima. "Em 28 de julho", escreveu o Secretário da Guerra Stimson, "o Primeiro-Ministro do Japão, Suzuki, rejeitou o ultimato de Potsdam... Diante dessa rejeição, só podíamos tratar de demonstrar que o ultimato significava exatamente o que dizia... Para tal fim, a bomba atômica era uma arma altamente adequada."

Os ataques atômicos contra Hiroxima e Nagasáqui fizeram com que os russos se precipitassem em massa sôbre a Mandchúria. O

avanço russo prosseguiu, impetuosamente, durante dez dias depois da rendição japonêsa. Quando assentou o pó da batalha, a Rússia havia reforçado, poderosamente, a sua posição no Extremo Oriente.

Por que teria o govêrno japonês permitido que ficasse sem correção o engano sôbre a palavra *mokusatsu*? Por que não se retificou um êrro de conseqüências tão desastrosas? Aqui entramos no reino das conjeturas.

Naquele tempo o Exército estava prendendo os "provocadores da paz". Os altos cargos não representavam proteção contra a prisão pelos fanáticos militares, que se lançavam contra todos os que se lhes opunham. Tinham sido necessários meses de trabalho subterrâneo para a facção pacifista alcançar o poderio que tinha ao tempo da importante reunião do gabinete, em 27 de julho. A situação oscilava, num equilíbrio precário, e mal se podiam controlar os atrevidos oficiais do Exército e da Marinha. Quando o Primeiro-Ministro Suzuki e a agência telegráfica Domei, parecendo desafiar o mundo aliado, restabeleceram o poder dos militaristas, os pacifistas japonêses tiveram de silenciar para salvar a vida.

Kawai demitiu-se do cargo de redator-chefe do *Nippon Times*, e atualmente leciona Ciências Políticas na Universidade do Estado de Ohio.

"O fato de os americanos não terem percebido a verdadeira atitude do govêrno japonês em relação à Declaração de Potsdam é fácil de compreender", disse-me êle há pouco tempo. "Mas o fato de a Rússia não ter informado seus aliados ocidentais da disposição dos japonêses de se renderem é outra coisa."

Ocorre perguntar: não será possível que o êrro na interpretação de uma palavra, fortalecendo a posição russa no Extremo Oriente, tenha causado uma série de complicações mundiais?

Como Heidelberg Foi Salva

O. K. Armstrong

NAS MARGENS do belo Neckar, perto de sua confluência com o Reno, está situada a velha e pitoresca Heidelberg, uma das poucas cidades alemãs de suas proporções que não foi tocada pela destruição da Segunda Guerra Mundial. Deve sua salvação a um magro oficial de artilharia americano, o General William A. Beiderlinden, e à cooperação de alguns resolutos cidadãos da própria Heidelberg.

Na primavera de 1945, o avanço dos Aliados pela Alemanha Ocidental foi precedido de tremendo fogo de artilharia e ondas de aviões de bombardeio com suas escoltas de caças. Dia e noite as estradas ficavam atravancadas pelas legiões alemãs, acossadas, que se retiravam para leste. Nenhum oficial alemão poderia acreditar que seus soldados exaustos ainda pudessem opor resistência e mudar a sorte da guerra. Não obstante, os fanáticos chefes nazistas haviam decretado que não haveria rendição. Os burgomestres foram advertidos de que as tentativas de negociações com o inimigo visando a salvar qualquer cidade ou vila seriam punidas com a morte.

A 44.ª Divisão de Infantaria, comandada pelo General-de-Divisão William Dean (que posteriormente seria capturado pelas fôrças comunistas na Coréia) formava a ponta de lança do avanço americano. A brigada de artilharia de Beiderlinden apoiava esta Divisão.

Bill Beiderlinden foi meu colega no Drury College, no Estado de Misúri. Seu avô emigrara do vale do Reno para a América, como refugiado político, em 1848. O jovem Beiderlinden serviu numa unidade de artilharia durante a Primeira Guerra Mundial e depois resolveu seguir a carreira militar. Quando começou a invasão da Europa Ocidental, na Segunda Guerra Mundial, êle havia alcan-

çado o pôsto de general-de-brigada. Calmo, calculista e tremendamente eficiente, êle comandava então uma concentração extraordinàriamente grande de potencial de fogo de artilharia.

A tarefa imediata de Beiderlinden era submeter Mannheim. Heidelberg ficava logo adiante, no centro de um ataque de pinça. E dentro de Heidelberg encontravam-se muitos dos mais preciosos tesouros culturais da Alemanha. Havia igrejas de cinco séculos. Tôdas as três pontes sôbre o Neckar, ligando a velha Heidelberg a Neuenheim, eram famosas por sua arquitetura. A Ponte Velha, construída no século XIII, foi considerada por Goethe "a mais bela ponte construída pela mão do homem".

De tôdas essas coisas, a mais notável era a Universidade de Heidelberg, desde 1385 uma fonte de saber para estudantes de muitas nações. Em sua biblioteca havia volumes raros e manuscritos de valor inestimável, abrangendo tôda a História, desde a antigüidade até ao presente.

Uma ordem do General Beiderlinden poderia ter causado a destruição de tudo isto. Essa ordem nunca foi dada.

"Achei que seria digno de um soldado poupar aquêle símbolo da cultura alemã dos tempos de paz", disse-me Beiderlinden, "desde que não prejudicasse o nosso avanço. Perguntei ao General Dean se êle tinha alguma objeção a que eu negociasse a rendição de Heidelberg como cidade aberta. 'Faça como julgar melhor', respondeu-me êle."

Quando Mannheim, desprovida de água e mantimentos, se rendeu finalmente, Beiderlinden pediu ao intérprete que fizesse chegar uma mensagem a Heidelberg.

"Diga às autoridades de lá que elas poderão salvar a cidade integralmente se não houver resistência."

Dentro de poucas horas veio uma resposta pedindo maiores detalhes. Beiderlinden havia completado seus planos. Convidou os oficiais alemães responsáveis a se encontrarem com êle em seu quartel-general. Deveriam partir de Heidelberg para as linhas americanas por determinado caminho, precisamente às nove horas da noite seguinte, quinta-feira, 29 de março, numa ambulância branca.

Pelo Dr. Fritz Ernst, professor de História da Universidade de Heidelberg, pelo C.el Hubert Niessen, dos serviços médicos e cirúr-

Vista geral de Heidelberg

Foto Color-Bild Heidelberg

gicos alemães, que dirigia as negociações, e por outros cidadãos locais, vim a conhecer a versão alemã da questão.

O C.el Niessen era comandante dos hospitais de Heidelberg, que abrigavam mais de 21 mil soldados alemães feridos. Foi êle quem apresentou a proposta americana ao burgomestre de Heidelberg, o Dr. Karl Neinhaus. Juntos, êles obtiveram o consentimento do comandante do exército para que fôssem retiradas tôdas as tropas e armas das áreas hospitalares, se isso evitasse que elas fôssem bombardeadas. Mas o *Gauleiter* político protestou. Uma nova linha de defesa deveria ser estabelecida ao longo do Neckar, vociferou êle. "Heidelberg deve ser defendida até ao último homem, até à última mulher. Qualquer pessoa que negocie a rendição será enforcada!"

Desprezando a ordem do *Gauleiter,* Neinhaus pediu ao C.el Niessen que reunisse seus negociadores na prefeitura às sete da noite. A essa altura todos os habitantes de Heidelberg já sabiam da missão e esperavam ansiosamente que a ambulância atravessasse a Ponte Velha.

O comandante da artilharia alemã havia concordado em cessar fogo no caminho que a ambulância devia seguir, e parecia que tudo estava pronto. E então veio um telefonema que encheu de angústia os negociadores. O *Gauleiter* havia ordenado a destruição da Ponte Velha para as nove horas — o momento exato em que a delegação deveria atravessá-la! A ponte de Neuenheim seria destruída à mesma hora, e a única outra ponte, a de Ernst-Walz, já fôra destruída.

Assediado por cidadãos exaltados, o oficial encarregado de acender os explosivos concordou em esperar até meia-noite, a fim de permitir o regresso dos negociadores. A ambulância afastou-se, atravessou a Ponte Velha e seguiu o seu caminho.

No quartel-general de Beiderlinden, tomou a iniciativa um tenente nazista representando o comando do Exército Alemão. Declarou que os negociadores estavam ali apenas para pedir que não fôssem bombardeadas as zonas hospitalares de Heidelberg.

— Deve haver algum engano — retrucou rìspidamente Beiderlinden. — Nós entendemos que vocês iam oferecer-nos a rendição incondicional de tôda Heidelberg, permitindo nossa entrada sem resistência.

O tenente insistiu, alegando que não tinham autoridade para

permitir a ocupação de Heidelberg. Pedia uma garantia de que a Fôrça Aérea Americana não atacaria os hospitais.

— Nós não bombardeamos hospitais — respondeu Beiderlinden friamente. — Além disso, é de lastimar que o Exército Alemão, que goza de uma reputação de valente, não compreenda que perdeu esta guerra e que é inútil provocar a destruição de mais cidades.

O tenente respondeu com arrogância:

— Nós somos de opinião diferente. Nós não perdemos a guerra. E não vimos aqui para discutir êsses assuntos!

Fêz-se um silêncio pesado. Os outros oficiais americanos estavam visìvelmente irritados. Então Beiderlinden inclinou-se para a frente, sorrindo pacientemente.

— Escute aqui — disse — vocês são homens práticos. Vocês querem salvar Heidelberg? Pois bem, eu também quero. Vamos estudar um acôrdo que torne possível êsse objetivo.

Os outros representantes alemães entraram na discussão e, por fim, o C.el Niessen prometeu que êles fariam todo o possível para conseguir que não fôsse oferecida qualquer resistência militar em Heidelberg, em troca do que a cidade seria poupada pelo fogo americano.

Os negociadores regressaram a Neuenheim à meia-noite e dez. O fogo e a fumaça teciam desenhos fantásticos sôbre o Neckar. As pontes haviam sido destruídas na hora marcada. Mas uma jovem de 16 anos, Anni Thom, levou o grupo num barco a remo.

Niessen e outro oficial médico dirigiram-se apressadamente para a prefeitura. Estava fechada; o comandante militar e seus assistentes já haviam partido. Imaginaram que a missão havia fracassado. Profundamente desanimado, Niessen foi para seu apartamento. O telefone tocou. Era o comandante. Niessen comunicou-lhe a proposta do General Beiderlinden e suplicou-lhe que a aceitasse. Após alguma hesitação e uma pequena discussão o comandante concordou.

Às 7 h e 30 m da manhã do Domingo de Páscoa as colunas avançadas do Exército Americano entraram em Neuenheim. Ao alcançarem as margens do Neckar, alguns fanáticos das tropas de assalto, a leste de Heidelberg, desrespeitaram a ordem do comandante e abriram fogo. Oficiais americanos, irritados, queriam revidar, mas Beiderlinden respondeu:

"Todo o fogo sôbre Heidelberg está suspenso. O acôrdo será respeitado."

Já havia cessado o fogo alemão à noitinha. Durante a noite inteira, o dia e a noite seguintes, as colunas americanas marcharam através de uma ponte de pontões e da cidade de Heidelberg. Os sinos das velhas igrejas badalavam em ação de graças porque Heidelberg estava salva.

Uma noite, recentemente, eu e o Dr. Ernst estávamos sentados no grande salão do Schloss Hotel, de Heidelberg, vendo o luar brincar sôbre a Ponte Velha, agora completamente restaurada. O professor disse em palavras cuidadosamente medidas:

— Aquêles de nós que fazemos parte da Universidade de Heidelberg sentimos, de agora em diante, uma responsabilidade maior da nossa instituição. O simples ensinamento científico não basta. Devemos provar que, pela educação, tôda a humanidade pode usufruir as bênçãos da liberdade, da justiça e da paz.

A Viagem Secreta do Tesouro da Grã-Bretanha

Leland Stowe

Às 17 h de 2 de julho de 1940, 17 dias depois que Paris caiu sob a Blitzkrieg, um trem especial entrou na estação Bonaventure, em Montreal, no Canadá. Esperavam o trem David Mansur, secretário interino do Banco do Canadá, e Sidney J. Perkins, da Câmara de Contrôle Cambial. Ambos sabiam que o trem transportava carga secreta sob o nome de código "peixe", e que a missão dêles era importante. Mas só Mansur sabia que estavam prestes a tomar parte na maior cartada financeira até então jogada por qualquer nação, na paz ou na guerra.

Apenas o trem parou, desembarcaram guardas armados que os cercaram. Mansur e Perkins foram conduzidos no meio dos guardas ao interior de um dos vagões. Lá encontraram Alexander Craig, do Banco de Inglaterra, acompanhado de seus três ajudantes.

— Espero que não se incomodem por havermos chegado assim inesperadamente — disse Craig, sorrindo. — O fato é que trouxemos uma grande carga de "peixe".

O inglês, um homem frágil, de óculos, fêz uma pausa, depois acrescentou com calma tìpicamente britânica:

— A verdade é que o "peixe" é uma enorme porção do ativo líquido da Grã-Bretanha. Nós estamos limpando as nossas caixas-fortes... para o caso de invasão, vocês compreendem. O resto do material virá dentro em breve.

Em sua mente sobressaltada, Sidney Perkins começou a traduzir "ativo líquido" e "resto do material". Só podia significar que o

Banco do Canadá estava prestes a receber pràticamente tudo o que a Inglaterra possuía capaz de ser convertido em dólares. Um monte de "peixe" considerável! Quão considerável era, exatamente, muito breve êle iria saber.

Duas semanas antes, quando a queda da França ameaçava a Grã-Bretanha com a invasão iminente, Winston Churchill reunira o seu Gabinete em sessão secreta e decidira a cartada desesperada de transportar o equivalente de mais de 1.800.000.000 de libras em títulos e ouro para o Canadá.

Os embarques teriam de passar primeiro pelo Atlântico Norte, infestado de submarinos, mas, uma vez a salvo no Canadá, seriam utilizados para pagar as mercadorias de guerra de que a Inglaterra precisava desesperadamente. (Isso foi antes da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, quando os beligerantes só podiam comprar dos Estados Unidos numa base de pagamento à vista.) Do resultado da secreta "Batalha pelo Ouro em Barra", que ora começava, dependia a capacidade da Inglaterra de resistir sòzinha.

A decisão importava em muito mais ainda. Significava que, se necessário fôsse, o govêrno de Churchill estava secretamente resolvido a fazer muito mais do que "combater nas praias". Se a invasão alemã fôsse bem sucedida, os inglêses continuariam a guerra desde o Canadá. A transferência do tesouro era, pois, parte dum plano de sobrevivência de duas fases que iria até ao último reduto.

Segrêdo era a necessidade primordial. Se algo transpirasse e chegasse ao conhecimento dos nazistas, não só haveria perigo para os embarques, mas o moral inglês seria também enormemente afetado. O espírito combativo do povo ainda era soberbo. Qualquer indicação de que o Govêrno reconhecia a possibilidade de uma invasão bem sucedida poderia muito bem minar a sua vontade de resistir. Assim, a Batalha pelo Ouro em Barra foi combatida em segrêdo, completamente a coberto do conhecimento público, sem que se expedisse sequer um único comunicado oficial.

Uma medida sagaz tomada no início da guerra tornou possível a jogada até ao fim: todos os cidadãos inglêses do Reino Unido haviam recebido ordem de registrar no Tesouro todos os títulos estrangeiros que possuíssem. Isso fazia parte do tesouro de que Churchill

e seu Gabinete decidiram apoderar-se. Nunca antes os investimentos dos cidadãos civis duma nação haviam sido apropriados para a defesa nacional, sem prévio consentimento de seus donos. Em princípios de junho de 1940, quando Paris estava ameaçada, o govêrno de Churchill fêz a mudança.

"No espaço de dez dias", diz um participante da operação, "todos os títulos selecionados existentes nos bancos do Reino Unido foram acondicionados em milhares de caixas do tamanho de engradados de laranjas e entregues aos centros regionais de arrecadação."

Ali estavam todos os imensos lucros levados para a Inglaterra por gerações de negociantes internacionais e capitalistas inglêses. Juntamente com toneladas de ouro acumuladas pelo Império Britânico, êles seriam enviados a seguir através do mar.

E que mar! Nesse mês de junho foram postos a pique, só no Atlântico Norte, 57 navios, num total de 349.117 toneladas.

Para transportar o primeiro carregamento secreto foi escolhido o cruzador inglês H.M.S. *Emerald,* comandado pelo Capitão Francis Ciryl Flynn. Partiria de Greenock, na Escócia, no dia 24 de junho. No domingo, 23 de junho, quatro dos especialistas em títulos de investimento do Banco de Inglaterra, com Alexander Craig como chefe, partiram de trem para Glasgow, levando apenas uma valise cada um. Enquanto isso, trens sòlidamente guardados faziam as últimas entregas de ouro e títulos ao cruzador em Greenock, no Clyde. Tarde naquela noite, o contratorpedeiro *Cossack* — a 30 nós e com grande risco — partiu através do nevoeiro para ir reunir-se à escolta do navio do tesouro.

Pelas seis horas da tarde do dia 24, o *Emerald* estava atulhado com a carga dum tesouro como nenhum navio jamais carregara até então. Nos paióis estavam dispostas em altas pilhas 2.229 pesadas caixas de ouro em barra, cada uma contendo quatro barras. (O ouro era tão pesado que antes do fim da viagem tinha vergado as cantoneiras de ferro sob os soalhos dos paióis.)

Outras 488 caixas de títulos, cujo valor, avaliado por baixo, excedia 100 milhões de libras, estavam acondicionadas alhures. Mais de 130 milhões de libras de um embarque iam ser confiados aos azares da guerra no Atlântico Norte.

— Deixamos o Clyde naquela noite com informações de mau tempo à frente — lembra o Capitão Flynn, um homem robusto, rubicundo, com olhos azul-cinzentos firmes. — As informações eram corretas. O mar começou a agitar-se quando demos volta à costa norte da Irlanda, na manhã seguinte. Quando partimos através do Atlântico, encontramos mar grosso e um vendaval que aumentava.

O pagador do navio, encontrando-se com Alexander Craig na coberta, observou:

— O capitão acaba de receber um radiograma do Almirantado. Há uns submarinos alemães à nossa espera.

E o pagador afastou-se despreocupadamente, deixando o perito matemático do Banco de Inglaterra a calcular as possibilidades que havia de o navio não chegar ao Canadá com a sua preciosa carga.

Essas possibilidades aumentavam à medida que o tempo piorava. O vento reduzia a velocidade dos contratorpedeiros da escolta. Por fim o Capitão Vian, comandante da escolta, informou ao Capitão Flynn que êle ia seguir um curso reto e o *Emerald* deveria ziguezaguear atrás dos contratorpedeiros. Assim, o *Emerald* poderia manter uma velocidade maior e mais segura.

O mar, porém, ia ficando cada vez mais violento, reduzindo de tal modo a velocidade dos contratorpedeiros que o Capitão Flynn decidiu viajar só.

— Achamos mais prudente que a escolta voltasse — diz êle. — Pus meu navio a 22 nós. Naqueles primeiros três dias, a viagem foi tal que muitos homens da nossa tripulação enjoaram.

Mas no quarto dia o tempo clareou e, pouco depois das cinco da manhã de 1.º de julho, apareceu lá longe, vagamente, a costa da Nova Escócia. Então, com mar calmo, o *Emerald* seguiu direto para Halifx, desenvolvendo 28 nós. Pelas 7 h e 35 m da manhã o navio do tesouro estava a salvo na sua doca.

Esperando junto à doca havia um trem especial com uma dúzia de vagões de bagagem, estando presentes funcionários do Banco do Canadá e do Canadian National Express. O cais fôra isolado e estava sob medidas de precaução extremas. Tôdas as caixas foram conferidas ao serem retiradas do *Emerald* e reconferidas ao serem colocadas nos vagões, com o dôbro da rapidez que essa operação levaria normalmente.

Às 7 da tarde o trem do ouro partiu. Em Montreal, os vagões que levavam os títulos foram desengatados e a carga seguiu para Ottawa.

Foi êsse o trem que David Mansur e Sidney Perkins foram esperar em Montreal. Então o tesouro foi largado nas suas mãos. Onde poderiam ser escondidas com segurança centenas de caixas de títulos? David Mansur tinha encontrado a solução.

O edifício de granito da Companhia de Seguros de Vida Sun, com 24 andares, ocupando um quarteirão inteiro na Dominion Square de Montreal, era o maior edifício comercial dos domínios britânicos. Tinha três níveis subterrâneos, o mais baixo dos quais foi escolhido para ser durante a guerra o que logo foi batizado como "Depósito de Títulos do Reino Unido".

O grande transporte começou essa noite logo que as ruas de Montreal ficaram silenciosas e livres de tráfego. Pouco depois da uma da manhã a polícia municipal isolou os poucos quarteirões que mediavam entre a estação da estrada de ferro e o edifício da Companhia de Seguros de Vida Sun, e os caminhões puseram-se em movimento. Acompanhados por guardas do Canadian National Express, armados e em trajes civis, êles rodaram sem parar através das ruas e desceram a rampa atrás do edifício da companhia de seguros. Uma vez no interior, a Real Polícia Montada do Canadá deu a mais vigilante guarda, enquanto as caixas eram descidas para a "Sala dos Contrafortes" no terceiro subterrâneo. Depois de colocada em seu lugar a última caixa e conferida, o Gerente do Depósito Craig, do Banco de Inglaterra, entregou a David Mansur um recibo, para assinar, pelo Banco do Canadá.

Alguns dias depois, entretanto, os ativos do Depósito por pouco escaparam duma liquidação extemporânea. Uma tremenda tempestade inundou Montreal causando uma infiltração considerável pelas paredes laterais da Sala dos Contrafortes. Felizmente os caixotes de títulos tinham sido empilhados sôbre grossas pranchas sustentadas por espeques, a 60 centímetros do chão. Quando se descobriu a infiltração, às quatro horas da tarde, a água já atingia as pranchas. Bombas de emergência foram postas em ação justamente a tempo de salvar milhões em títulos de serem transformados em indecifrável polpa de papel.

Apressou-se então a construção de uma caixa-forte à prova de ladrões. Mas uma caixa-forte com 18 metros de largura por 3,30 m de altura exigia muito aço. Onde arranjá-lo em tempo de guerra? Felizmente alguém se lembrou de uma estrada de ferro esquecida e em desuso. Mais de três quilômetros de estrada forneceram 870 trilhos que foram empregados nas paredes e teto da caixa-forte. Essas paredes e êsse teto tinham 90 centímetros de espessura. No teto foram, além disso, instaladas dezenas de dispositivos microfônicos de detecção de som, tão supersensíveis que eram capazes de registrar até o deslizar duma gaveta do arquivo.

Para abrir a porta da caixa-forte eram necessárias duas combinações. Dois funcionários do banco receberam uma combinação e outros dois a outra.

— Eu nunca soube a outra combinação — diz um dêles. — Para abrir a caixa-forte tínhamos de ir dois, todos os dias.

Três dúzias de trens carregados do mesmo modo chegaram durante os três meses posteriores. Para acondicionar todos os certificados, foram necessários quase 900 arquivos de quatro portas. Vinte e quatro homens da Real Polícia Montada do Canadá guardavam o tesouro escondido, durante as 24 horas do dia, comendo e dormindo no edifício.

A viagem épica do *Emerald* constituiu apenas a primeira leva da histórica corrida transatlântica. Em 8 de julho cinco navios deixaram a Inglaterra carregando no total o maior tesouro já transportado por terra ou por mar. À meia-noite, o couraçado *Revenge* e o cruzador *Bonaventure* partiram discretamente do Clyde. Ao romper do dia encontraram-se no canal do norte, à altura da Escócia, com três antigos transatlânticos: o *Monarch of Bermuda,* o *Sobieski* e o *Batory* (os dois últimos pertencentes à Polônia Livre). Quatro contratorpedeiros serviam de escolta.

Sob o comando do Almirante Sir Ernest Russell Archer, êsse comboio levava o equivalente a uns 192 milhões de libras de ouro em barra, mais 299 caixas de títulos num valor total de aproximadamente 442 milhões de libras.

"Recebemos os informes usuais do Almirantado de que havia submarinos por perto", recorda o Almirante Archer. (Nas duas semanas precedentes haviam sido destruídos pelo inimigo 28 navios alia-

dos perfazendo 139.000 toneladas.) "Conseguimos esquivar os seus submarinos. Tôda vez que sabíamos que êles andavam por perto, executávamos algumas fintas. Os corsários inimigos também andavam ativos, mas não apareceu nenhum. Se estávamos nervosos? Nós sabíamos o que tínhamos a bordo. Tomavam-se os navios e fazia-se o que se podia."

Após umas 200 milhas, a escolta deixou os navios do tesouro entregues à própria sorte. Mas, com o Almirante Archer "fazendo o que podia" incomparàvelmente bem, o comboio prosseguiu, "fintando", para oeste. Não pareceu assim tão simples aos seus importantes passageiros: Sir Otto Niemeyer, vice-governador do Banco de Inglaterra, e seus peritos fiscais. Um dêles informa: "Era verdadeiramente maravilhosa a maneira como os navios mantinham a sua posição. Navegavam a grande velocidade, no entanto cada um conservava a sua posição estipulada a várias centenas de metros dos outros, enquanto serpeavam e executavam curvas em ação evasiva. Sem luzes, à noite êles navegavam mais juntos, mas nunca houve sequer o mais remoto perigo de colisão."

Quanto ao Almirante Archer, "um homem incrível", diz o seu oficial imediato, Comandante H. L. Jenkins, "nada o preocupava. Até mesmo quando os barcos salva-vidas eram arrancados do navio pelas vagas, êle prosseguia normalmente".

Depois de feitos três quartos da travessia, um defeito nas máquinas reduziu a velocidade do *Batory*. Para não arriscar os demais navios, o Almirante desviou-o na direção de St. Johns, escoltado pelo *Bonaventure*. Enquanto os outros corriam para Halifax, êsses dois navios encontraram graves dificuldades.

— Encontramos um nevoeiro terrível e com gêlo flutuante ainda por cima — disse o comandante do *Bonaventure,* Vice-Almirante Jack Egerton. — Durante quase 12 horas ficamos completamente paralisados. Eu tinha de me manter perto do *Batory* no nevoeiro. Os dois navios carregavam uns 60 milhões de esterlinos de ouro em barra e não se podia ver um *iceberg* enquanto não estava pràticamente em cima da gente.

De um modo ou de outro, o Vice-Almirante Egerton conseguiu manter contato com o *Batory* e acompanhá-lo até St. Johns... depois partiu à velocidade máxima para Halifax.

Durante tôda a travessia os oito canhões do *Revenge,* de 380 mm, e os 12 de 150 mm, mais as suas baterias antiaéreas de 100 mm, estiveram prontos para ação.

— As guarnições das peças estavam sempre em seus postos — diz o Comandante Jenkins. — À noite dormiam ao lado dos canhões. Grupos de contrôle de avarias inspecionavam tôdas as partes do navio em busca de possíveis rombos ou fogo.

Em 13 de julho os três navios entraram a salvo na Baía de Halifax, logo seguidos pelo *Bonaventure* e pelo *Batory*. Na enigmática expressão do Alm. Archer: "A chegada foi um alívio."

Com a preciosa carga a salvo dos submarinos inimigos, houve uma ligeira tendência para relaxar a tensão. Ao efetuar-se a descarga do *Revenge,* uma barra de ouro duma caixa quebrada caiu pela escotilha para o quarto *deck* embaixo. Um marinheiro, espreitando para baixo, gritou:

— A barra está bem?

Um veterano irritado respondeu:

— Está, mas e as nossas cabeças?

Em outro incidente espalharam-se litros de soberanos de ouro pela escotilha abaixo. Jenkins mandou alguns aspirantes apanhá-los. Quando foram pesadas as moedas, o pêso deu absolutamente certo.

— Não perdemos sequer meio soberano — observou Jenkins.

Sidney Perkins estava presente à chegada dêles, como estêve à maioria dos outros. Quando Perkins viu os números do manifesto dos cinco navios mal pôde acreditar no que via.

— À vista de dezenas de milhões em ouro empilhados no cais, senti um calafrio — admite êle. — Embora tôda a área estivesse cercada, num grande pôrto como Halifax fàcilmente poderia transpirar alguma palavra sôbre o enorme carregamento.

— Fiquei contente de ver sair a última caixa do *Revenge* — continua. — Mas ao conferir os manifestos dei pela falta de três caixas. Jenkins mandou marinheiros percorrerem o navio de pôpa à proa durante meia hora... mas sem resultado. Completamente perplexos, detivemo-nos no bar do salão dos oficiais. "Vocês não tinham uma lista mostrando onde estavam depositadas as caixas?" perguntei a Jenkins inocentemente.

"Nós estávamos um pouco afobados quando fizemos o carregamento no Clyde", respondeu Jenkins. "A qualquer momento um Junker 88 podia largar um presente de "boa viagem" sôbre as nossas pilhas."

— O taifeiro que preparava as nossas bebidas — continuou Perkins — percebeu sùbitamente o que estávamos falando. "Talvez eu tenha o que o senhor está procurando", sugeriu. "Há uma coisa aqui embaixo em que eu tenho tropeçado desde que deixamos o Clyde." As três caixas de "ativo líquido" tinham sido acondicionadas, em lugar muito próprio, debaixo de várias caixas de uísque escocês.

Foram necessários cinco trens especiais para carregar o ouro em barra de Halifax para Ottawa. O ouro era tão pesado que só 150 a 200 caixas podiam ser postas no soalho de cada vagão. Cada trem tinha de 10 a 14 vagões de bagagem carregados; um vagão-restaurante e dois vagões-dormitórios foram acrescentados para uns 50 guardas da estrada de ferro e do Canadian National Express. Dois guardas, em turnos de quatro horas, eram fechados com o ouro em barra no interior de cada vagão.

Todos êsses carregamentos de ouro viajaram sem seguro. Quem poderia segurar centenas de milhões de libras de ouro em barra, especialmente em tempo de guerra? Mas o comboio do *Revenge* estabeleceu um recorde de custo de outra espécie. As taxas de transporte do Canadian National Express foram as mais altas da sua história... "algo acima de um milhão de dólares."

Em Ottawa, a Canadian National Railway arranjou as chegadas dos especiais de modo a que o ouro pudesse ser transportado à noite da estação para o Banco do Canadá, na Wellington Street, um edifício de cinco andares, tendo no máximo 40 metros de frente.

Durante três dias a corrente de ouro do comboio do *Revenge* fluiu para o interior da caixa-forte do banco, que media 18 metros por 30. O trabalho de tirar o ouro das caixas foi executado com uma pressa febril. Finalmente, dezenas de milhares de barras de 12 kg cada uma encontraram-se metòdicamente empilhadas como enormes barras de sabão amarelo dentro das divisões de arame: prateleira após prateleira, fila atrás de fila, camada sôbre camada, tudo ouro sólido, até ao teto.

Além do ouro em barra, a caixa-forte teve, em certo tempo, mais

de 50.000 sacos de moedas de ouro de muitos países. Havia milhões de napoleões franceses, mundialmente famosos, incontáveis outras moedas cunhadas com os perfis de Luís XVI, Luís XV, Luís XIV. Os soberanos de ouro inglêses iam desde Jorge V e a Rainha Vitória, passando pelos raros *spade guineas* de Jorge III, até aos *souvenirs* dos tempos elisabetanos. Havia grande quantidade de moedas holandesas antigas e modernas, grande número de táleres de ouro de Maria Teresa, milhares de peças de ouro escandinavas e de outros países europeus.

Enquanto isso, em Montreal, ao lado da caixa-forte atulhada de títulos, uma sala enorme, de teto alto, foi equipada como escritório do Depósito. Então, no fundo daquele subporão, brotou a mais estranha e mais secreta bôlsa de valôres do mundo. Mansur havia recrutado para êsse serviço uns 120 canadenses — banqueiros aposentados, técnicos de casas de corretagem e estenógrafos de firmas de investimentos. Depois de prestarem juramento de guardar segrêdo, começaram a esmiuçar os preciosos pacotes.

Era um escritório incrìvelmente exclusivista quanto aos seus funcionários. Só um elevador descia ao terceiro subterrâneo. Todos os empregados tinham de apresentar um passe (que mudava cada mês), primeiro à entrada do elevador e depois aos guardas da Polícia Montada embaixo, assinando um livro de ponto à entrada e à saída, diàriamente. Debaixo das mesas dos guardas, fios ocultos comunicavam-se diretamente com sinais de alarma no quartel da Real Polícia Montada do Canadá e na chefatura de polícia de Montreal, e com o Serviço Elétrico de Defesa do Domínio. Uma vez um guarda da Polícia Montada tropeçou acidentalmente no fio que passava sob a sua mesa. Daí a três minutos o lugar enxameava de policiais de armas engatilhadas.

Durante todo o verão, enquanto outras remessas elevavam o total de caixas de títulos para quase 2.000, o pessoal de Craig trabalhou dez horas por dia, seis dias por semana. Os títulos eram uma gigantesca miscelânea de milhares de emissões de donos diferentes; todos tinham de ser desempacotados, conferidos e verificados. No fim foram identificados uns 2.000 títulos e apólices, inclusive foram relacionados virtualmente todos os "títulos preferenciais". Cada maço

de propriedade de um indivíduo era amarrado (foram necessários mais de 100 quilômetros de fita) e seu conteúdo reconferido. Para corrigir as discrepâncias nas listas confrontadas, mais de 6.000 "papeletas de dúvida" foram despachadas para Londres. Todo o trabalho era urgente, porque nenhum daqueles "negociáveis" podia ser negociado enquanto não fôssem verificadas as listas, quantias e propriedade. "Parecia então que tudo o que pudesse produzir um dólar teria de ser negociado", disse-me um membro do pessoal. No princípio do outono começou êsse processo.

"Craig tinha uma verdadeira equipe de secretários que não faziam outra coisa senão cortar cupons de juros", diz um canadense. "Nunca vi tantos cupons na minha vida. Grande número de proprietários havia muito tempo não tocava em seus títulos."

Em suas memórias, Sir Winston Churchill diz lacônicamente: "Até novembro de 1940 já tínhamos vendido ações americanas no valor de 335 milhões de dólares, cujos donos na Inglaterra desejavam pagamento em libras esterlinas."

Depois que os representantes do Tesouro vendiam os títulos, os antigos donos eram pagos de acôrdo com os preços correntes no mercado por ocasião da venda... mas eram obrigados a aceitar libras esterlinas e não dólares. Dessa maneira, a Inglaterra obteve uma enorme quantidade de dólares além dos que já tinha para as compras de guerra.

Em setembro o Gerente do Depósito, Craig, que sabia o que êle *devia* ter, constatou finalmente que o *tinha:* todos os certificados verificados e arquivados.

— Creio que não perdemos um só cupom — disse êle. — Não faltava um único certificado. Dada a urgência com que foram reunidos e embarcados, isso é verdadeiramente extraordinário.

Igualmente extraordinária foi a maneira como tôda a operação secreta pôde ser executada com perfeita garantia. Foi um segrêdo tão bem guardado como o projeto da bomba atômica. Um dia em que as notícias da guerra eram ruins, uma garçonete da Companhia de Seguros de Vida Sun, recentemente imigrada da Inglaterra, disse melancòlicamente a Perkins:

— Se os alemães tomarem Southampton, espero que não se apoderem das minhas duas ações da Canadian Pacific.

Perkins reprimiu um sorriso. Naquele momento preciso ela estava quase em cima do lugar em que as suas ações se encontravam guardadas.

O Depósito ficou no Canadá durante tôda a guerra, mas as operações de transformação em títulos dos Estados Unidos terminaram com a promulgação da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, em março de 1941. Por êsse tempo já havia sido vendida uma proporção substancial dos negociáveis. Daí em diante o Depósito serviu apenas como lugar seguro para guardá-los.

Quanto valiam todos os títulos? Três autoridades altamente colocadas e intimamente ligadas às operações concordam independentemente em calcular o valor total do Depósito em 1.250.000.000 de libras, aproximadamente.

O ouro, bem como os títulos, continuaram chegando. Nos três meses de junho, julho e agôsto, os assentamentos do Almirantado mostram que navios inglêses (com alguns canadenses e poloneses) transportaram para o Canadá e para os Estados Unidos ouro no valor de mais de 637.000.000 de libras.

E eis o mais assombroso de todos os fatos: nesses três meses foram postos a pique no Atlântico Norte 134 navios aliados e neutros... mas nenhum dos vasos que carregavam o ouro foi ao fundo.

De acôrdo com uma praxe antiga, tôda vez que um vaso de guerra inglês transportava ouro em barra seus oficiais e a tripulação recebiam uma "bonificação" — 0,1 % do valor de sua carga de ouro. Infelizmente, para os vencedores da Batalha da Inglaterra pelo Ouro em Barra, êsse regulamento, havia longo tempo estabelecido, foi revogado pouco antes da Segunda Guerra Mundial!

Que representava realmente aquêle enorme tesouro de barras e moedas? Tomemos todo o ouro mexicano acumulado pelos espanhóis de Cortês no espaço de 17 anos; tomemos o tesouro que Pizarro embarcou do Peru em dez anos; acrescentemos tôda a colheita de sete anos da corrida de ouro-recorde da Califórnia, mais tôda a "coleta" de cinco anos do Klondike, no Alasca. Tudo isso junto (e ao preço atual de 35 dólares a onça) daria o fidedigno total de 646.165.000 dólares. * Só o comboio do *Revenge* transportou mais ouro do que o produzido por êsses quatro famosos Eldorados juntos.

Winston Churchill e seu Gabinete de guerra ganharam essa cartada gigantesca. Não só chegaram em segurança ao Canadá os meios de combate da Grã-Bretanha — um tesouro no valor de mais de 1.800.000.000 de libras — como também tôda a operação foi mantida com êxito no mais absoluto segrêdo. Contando o período todo, estiveram envolvidos nos serviços secretos do Depósito de Títulos bem mais de 600 pessoas. O transporte e entrega do ouro envolveu milhares de tripulantes e oficiais de navio, centenas de trabalhadores das docas dos dois lados do oceano. Talvez jamais tantas pessoas houvessem guardado tão grande segrêdo tão incrìvelmente bem.

*Total de ouro de Cortês, México	US$	5.738.775
Total de ouro de Pizarro, Peru		3.839.150
Total da corrida do ouro da Califórnia		585.788.770
Total da corrida do ouro do Klondike		50.798.230
	US$	646.164.925

Eu Comandei o Ataque a Pearl Harbor

Capitão-de-Mar-e-Guerra Mitsuo Fuchida
da antiga Marinha Imperial Japonêsa
Compilação de Roger Pineau

"DESEJAMOS QUE O SENHOR comande a nossa fôrça aérea, na hipótese de atacarmos Pearl Harbor."

Fiquei quase sem fôlego. Era em fins de setembro de 1941 e, se a situação internacional continuasse a agravar-se, o plano de ataque teria de ser executado em dezembro. Não havia tempo a perder no treinamento para essa importantíssima missão.

Em meados de novembro, após o mais rigoroso treinamento, foram levados os aviões para bordo dos respectivos porta-aviões que, a seguir, aproaram para as Ilhas Curilas, viajando isolados e seguindo rotas diferentes para não despertar atenção. Depois, às seis horas da manhã, uma manhã escura e nublada, em 26 de novembro, nossa fôrça-tarefa de 28 navios, incluindo seis navios-aeródromos, deixou as Curilas.

O Vice-Almirante Nagumo comandava a Fôrça de Ataque a Pearl Harbor. As instruções por êle recebidas diziam: "No caso de as negociações com os Estados Unidos chegarem a conclusão satisfatória, a fôrça-tarefa regressará imediatamente à pátria." Desconhecendo o fato, entretanto, as tripulações, lançando o que talvez fôsse o seu último olhar ao Japão, gritavam: *"Banzai!"* Podia-se perceber seu ardente entusiasmo e espírito combativo. Malgrado isso, eu não podia deixar de alimentar dúvidas quanto à confiança com que o Japão se lançava à guerra.

Nossa rota devia passar entre as Ilhas Aleútas e a Ilha de Midway,

de maneira a ficar fora do alcance das patrulhas aéreas americanas, que, em alguns casos, segundo se supunha, abrangiam uma extensão de 1.000 quilômetros. Enviamos à frente três submarinos para informar da presença de quaisquer navios mercantes, a fim de podermos alterar a rota e evitá-los. Mantínhamos um alerta permanente contra submarinos americanos.

Nossos rádios permaneciam em absoluto silêncio, mas ouvíamos as transmissões de Tóquio e Honolulu procurando alguma palavra sôbre o início da guerra. Em Tóquio, uma conferência de coordenação do govêno e do Alto Comando estêve em sessão, diàriamente, de 27 a 30 de novembro, para discutir a proposta feita pelos Estados Unidos no dia 26. Chegou-se à conclusão de que a proposta era um ultimato destinado a subjugar o Japão e a tornar a guerra inevitável, mas que se deveria prosseguir nos esforços pela paz até o último momento.

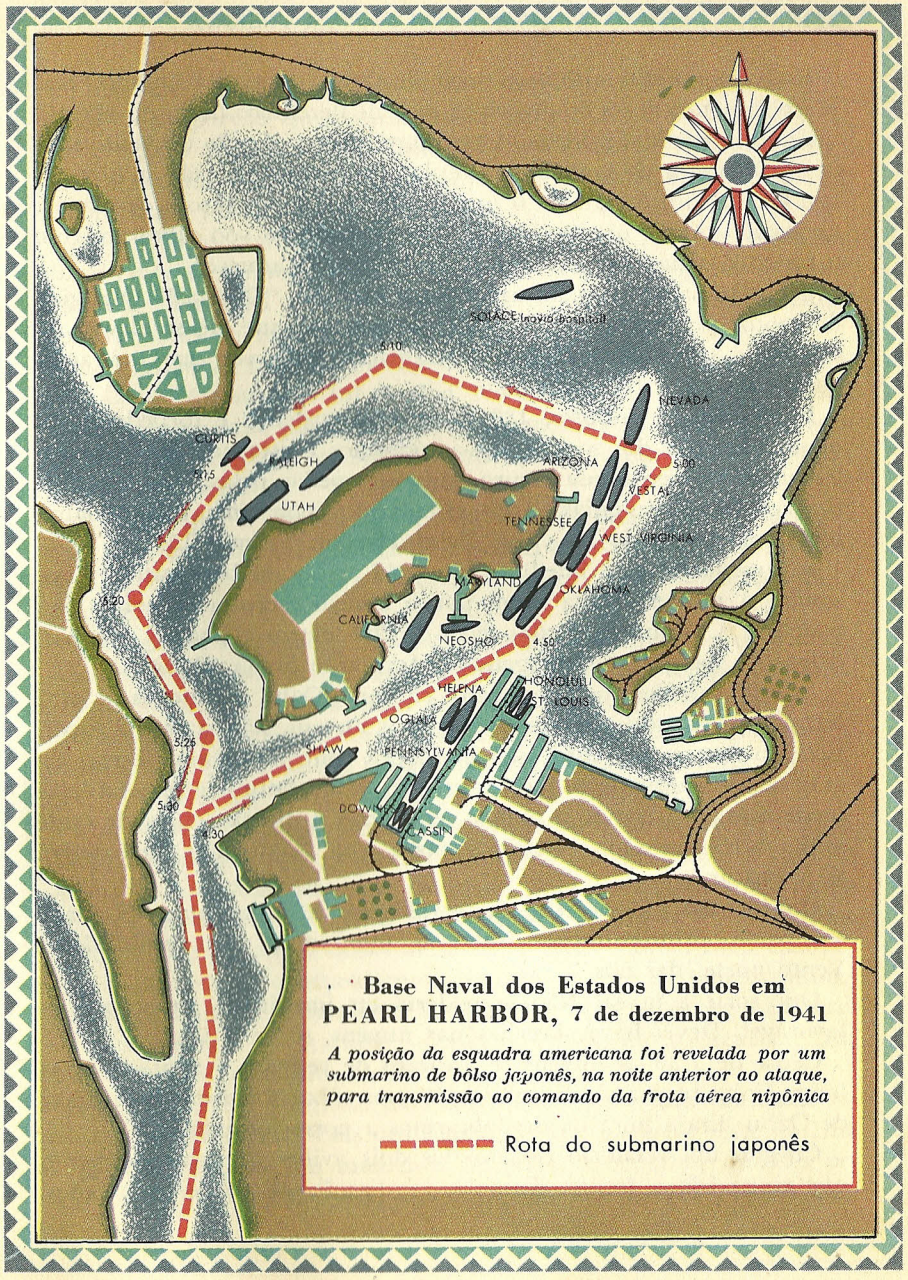
A decisão a favor da guerra foi tomada na Conferência Imperial realizada a 1.º de dezembro. No dia seguinte, o Estado-Maior Geral deu a ordem: "O dia do ataque será 8 de dezembro" (7 de dezembro no Havaí e nos Estados Unidos). A sorte estava lançada: rumamos diretamente para Pearl Harbor.

Por que foi escolhido aquêle domingo para o ataque? Porque estávamos informados de que a Esquadra Americana regressava a Pearl Harbor nos fins-de-semana, após um período de instrução no mar. E também porque o ataque deveria ser coordenado com nossas operações em Malaca, onde estavam previstos ataques e desembarques aéreos para a madrugada daquele dia.

De Tóquio foram-nos retransmitidos relatórios do Serviço de Informações sôbre atividades da Esquadra Norte-Americana:

7 de dezembro (6 de dezembro, hora do Havaí): "Não há balões nem rêdes antitorpedo em tôrno dos encouraçados fundeados em Pearl Harbor. Todos os encouraçados estão na baía. Não há indicações, na atividade do rádio inimigo, de que estejam sendo feitos vôos de patrulha oceânica na região do Havaí. O *Lexington* deixou o pôrto ontem. Supõe-se que o *Enterprise* também esteja operando.

Nessa ocasião é que recebemos a mensagem do Almirante Yamamoto: "O apogeu ou declínio do Império depende desta batalha; todos devem dar o máximo de seu esfôrço no cumprimento do dever."



Base Naval dos Estados Unidos em PEARL HARBOR, 7 de dezembro de 1941

A posição da esquadra americana foi revelada por um submarino de bôlso japonês, na noite anterior ao ataque, para transmissão ao comando da frota aérea nipônica

Rota do submarino japonês

Estávamos a 230 milhas ao norte de Oahu, onde está situada Pearl Harbor, pouco antes do alvorecer de 7 de dezembro (hora do Havaí), quando os navios-aeródromos manobraram na direção do vento norte. A bandeira de combate tremulava no tôpo de cada mastro. O mar estava muito agitado, o que nos fêz hesitar quanto à decolagem no escuro. Achei que era viável. Os conveses de vôo vibraram com o ronco dos motores dos aviões acabando de aquecer.

Uma lâmpada verde foi agitada em círculos. "Decolar!" O rúgido do motor do primeiro caça foi crescendo até que êle se elevou no ar, são e salvo. Havia grande aclamação tôda vez que um avião decolava.

Dentro de 15 minutos, 183 caças, bombardeiros e torpedeiros tinham decolado dos seus navios-aeródromos e estavam entrando em formação no céu ainda escuro, guiados apenas pelas luzes de sinalização dos aviões-guias. Após circularmos por cima da esquadra, tomamos a rota do sul, para Pearl Harbor. Eram 6:15.

Sob meu comando imediato havia 49 aviões de bombardeio horizontal. À minha direita e um pouco abaixo estavam 40 aviões torpedeiros; à minha esquerda, cêrca de 200 metros acima, 51 bombardeiros de mergulho; protegendo a formação havia 43 caças.

Às 7:00 calculei que deveríamos chegar a Oahu em menos de uma hora. Mas, voando por cima de espêssas nuvens, não víamos a superfície do mar e, portanto, não podíamos controlar nossa deriva. Liguei o radiogoniômetro para a estação de Honolulu e não tardei a ouvir música. Girando a antena, encontrei a direção exata de onde vinha a transmissão, e corrigi a nossa rota. Tivéramos uma deriva de cinco graus.

Ouvi então um boletim meteorológico de Honolulu: "Nublado em parte, principalmente sôbre as montanhas. Boa visibilidade. Vento norte, dez nós."

Que sorte a nossa! Não se poderia ter imaginado situação mais favorável. Devia haver brechas nas nuvens, sôbre a ilha.

Cêrca de 7:30 as nuvens se abriram de repente e apareceu uma longa linha branca de litoral. Estávamos sôbre a extremidade norte de Oahu. Era a hora de desdobrarmos a nossa formação.

Chegou um relatório de um dos dois aviões de reconhecimento que tinha ido à frente, dando a localização de dez encouraçados,

um cruzador pesado e dez cruzadores leves. O céu ia ficando mais limpo à proporção que avançávamos para o alvo, e comecei a estudar nossos objetivos com auxílio do binóculo. Os navios estavam lá. "Dê ordem de ataque a todos os aviões", ordenei ao meu radioperador. Eram 7:49.

As primeiras bombas caíram no aeródromo de Hickam, onde havia fileiras de bombardeiros pesados. Os pontos atingidos a seguir foram a Ilha Ford e o aeródromo de Wheeler. Em pouco tempo imensos rolos de fumaça subiam dessas bases.

Meu grupo de bombardeio horizontal manteve-se a leste de Oahu, para lá da extremidade sul da ilha. No ar só havia aviões japonêses. Os navios, na baía, pareciam ainda adormecidos. A estação de rádio de Honolulu continuava normalmente a sua transmissão. Conseguíramos a surprêsa!

Sabendo que o Estado-Maior Geral devia estar ansioso, ordenei que fôsse enviada à Esquadra a seguinte mensagem: "Conseguimos realizar ataque de surprêsa. Peço retransmitir esta informação para Tóquio."

Começaram a aparecer esguichos de água ao longo dos encouraçados. Eram os nossos aviões torpedeiros em ação. Era tempo de desencadearmos nossos bombardeios horizontais. Ordenei ao meu pilôto que inclinasse o avião abruptamente. Era o sinal de ataque para o nosso grupo. Os meus dez esquadrões formaram em coluna por um, com intervalos de 200 metros — uma bela formação.

Enquanto meu grupo fazia a corrida para o bombardeio, a artilharia antiaérea americana, tanto de bordo dos navios como das baterias terrestres, entrou sùbitamente em ação. Aqui e ali viam-se explosões de côr cinza-escura, até que o céu se encheu de abalos de tiros quase certeiros que faziam o nosso avião estremecer. Fiquei surpreendido com a rapidez do contra-ataque, que veio menos de cinco minutos depois de lançada a primeira bomba. A reação japonêsa não teria sido tão pronta — o caráter japonês é apropriado à ofensiva, mas não se ajusta fàcilmente à defensiva.

Meu esquadrão dirigia-se para o *Nevada,* que estava fundeado na extremidade norte do Cais dos Encouraçados, na parte leste da Ilha Ford. Estava quase no momento de soltar as bombas quando penetramos numa formação de nuvens. Nosso bombardeador-guia aba-

nou as mãos para trás e para a frente para indicar que teríamos de passar "em branco", e demos uma volta sôbre Honolulu para aguardar outra oportunidade. Nesse ínterim, outros esquadrões fizeram suas corridas, tendo alguns realizado três tentativas antes de lograrem êxito.

Repentinamente, colossal explosão verificou-se no Cais dos Encouraçados. Uma imensa coluna de fumaça negro-avermelhada se elevou a uns 300 metros, e uma violenta onda de choque atingiu o nosso avião. Devia ter explodido um paiol de pólvora. O ataque estava no auge; a fumaça dos incêndios e explosões enchia quase todo o céu sôbre Pearl Harbor.

Observando com o binóculo o Cais dos Encouraçados, vi que a grande explosão havia sido no *Arizona*. Êste continuava ardendo violentamente, e como a fumaça cobria o *Nevada,* alvo do meu grupo, procurei algum outro navio para atacar. O *Tennessee* já estava pegando fogo, mas junto dêle encontrava-se o *Maryland*. Dei ordem para mudar, tomando o *Maryland* como alvo, e voamos em direção ao fogo antiaéreo.

Quando o bombardeador do nosso avião-guia largou sua bomba, os pilotos, observadores e radioperadores dos demais aviões gritaram "Lançar!" e lá se foram as nossas bombas. Imediatamente me deitei de bruços no chão para observar através de uma fresta. Quatro bombas, formando um desenho perfeitamente simétrico, caíam a prumo como demônios de destruição. Foram diminuindo de tamanho até se transformarem em quatro pontinhos, e finalmente desapareceram dando lugar a quatro minúsculos clarões no navio e perto dêle.

De grande altitude, os tiros perdidos são mais perceptíveis que os impactos diretos, pois produzem ondas circulares na água, fáceis de ver. Percebendo duas dessas ondas e mais dois pequenos clarões, bradei: "Dois certeiros!" Tive a convicção de que havíamos produzido danos consideráveis. Dei ordem aos bombardeiros que haviam completado suas missões para que regressassem aos porta-aviões. O meu, porém, permaneceu sôbre Pearl Harbor para observar e dirigir as operações ainda em curso.

Pearl Harbor e arredores estavam convertidos num caos. O *Utah* havia emborcado. O *West Virginia* e o *Oklahoma,* com os cascos

quase arrancados pelos torpedos, adernavam perigosamente em meio a uma inundação de óleo grosso. O *Arizona* estava muito adernado e ardia furiosamente. Os encouraçados *Maryland* e *Tennessee* ardiam também. O *Pennsylvania,* que estava no dique, ficara intato — evidentemente o único encouraçado que não fôra atacado.

Durante o ataque, muitos dos nossos notaram os valentes esforços dos pilotos americanos para decolar com seus aviões. Apesar da grande inferioridade numérica, voaram diretamente sôbre nossos aparelhos para travar combate. Os resultados foram ínfimos, mas sua coragem impôs admiração e respeito.

Os aviões do nosso primeiro ataque levaram uma hora para concluir sua missão. Quando iniciaram o regresso dos navios-aeródromos, após terem perdido três caças, um bombardeiro de mergulho e cinco aviões torpedeiros, entrou em cena a nossa segunda vaga de 171 aviões.

O céu estava agora tão coberto de nuvens e de fumaça que era difícil localizar os alvos. Para dificultar ainda mais a missão, o fogo da artilharia antiaérea, naval e terrestre tornara-se intensíssimo.

O segundo ataque conseguiu excelente dispersão, atingindo os couraçados menos danificados, bem como cruzadores e contratorpedeiros não atingidos anteriormente. Durou também cêrca de uma hora, mas, em virtude da intensificação do fogo da defesa, houve novas baixas: seis caças e 14 bombardeiros de mergulho.

Depois que a segunda onda iniciou a viagem de retôrno aos navios-aeródromos, dei novamente uma volta sôbre Pearl Harbor para observar e fotografar os resultados. Contei quatro encouraçados positivamente afundados, três sèriamente avariados. Outro encouraçado parecia consideràvelmente desmantelado, e haviam sido destruídos numerosos navios de outros tipos. A base de hidraviões da Ilha Ford estava prêsa das chamas, bem como os aeródromos, especialmente o de Wheeler.

Densa cortina de fumaça tornava impossível determinar os estragos sofridos pelos aeródromos. Era evidente, todavia, que boa percentagem do poderio aéreo da ilha fôra destruído: nas três horas em que meu avião permaneceu naquela região não encontramos um único avião inimigo. No entanto, vários hangares estavam ilesos, e era possível que alguns dêles contivessem aviões utilizáveis.

Meu avião foi talvez o último a voltar para a esquadra, onde os outros aparelhos, reabastecidos e rearmados, estavam-se alinhando, preparando-se para outro ataque. Fui chamado sem demora à ponte de comando. O estado-maior do Almirante Nagumo, enquanto aguardava meu relatório, estivera entretido em uma discussão intensa sôbre a conveniência de lançar nôvo ataque.

— Quatro encouraçados positivamente afundados — informei. — Alcançamos elevado grau de destruição nas bases aéreas e nos aeródromos. Há, contudo, muitos alvos ainda por atingir.

Insisti por nôvo ataque. O Almirante Nagumo, porém — numa decisão que desde então tem sido alvo de muita crítica por parte de peritos navais — preferiu voltar à base. Imediatamente foram alçadas as bandeirolas de sinais e nossos navios aproaram para o norte a grande velocidade.

Os Últimos Dias de Hitler

Frederic Sondern, Jr.

Dois livros serviram de principal fonte para os elementos dêste artigo. The Last Days of Hitler *foi escrito pelo Major H. R. Trevor-Roper, historiador inglês designado pelo Serviço de Informações Britânico para esclarecer o assunto.* Ten Days to Die *consiste numa coletânea, organizada pelo Capitão Michael A. Musmanno, da Reserva Naval dos Estados Unidos — abalizado jurista e juiz nos tribunais de Nuremberg — das descobertas de várias agências do Serviço de Informações Aliado, acrescida dos resultados de exaustivas pesquisas do próprio compilador. Frederic Sondern, Jr. estêve em Berlim logo após a queda da cidade e conferenciou com vários dos oficiais do Serviço de Informações encarregados de investigar os fatos.*

TRÊS SEMANAS depois do colapso da Alemanha nazista, em 1945, o Major Ivan Nikitine, chefe da Polícia de Segurança dos Sovietes, declarou em Berlim que o Führer não se havia suicidado no seu abrigo subterrâneo nem tampouco tinha sido cremado ali por perto, como em geral se supunha, persistindo mesmo uma grande dúvida quanto ao seu falecimento. E continua a ser essa, no momento em que escrevo (1951), a atitude oficial russa a respeito.

O Serviço de Informações do General Eisenhower determinou, em 1945, um meticuloso inquérito de que resultou, graças às atividades coordenadas de técnicos norte-americanos, inglêses e franceses, a reconstituição gradual e pormenorizada dos últimos dias de Hitler. Capturadas pelas fôrças aliadas ocidentais, as 28 pessoas mais chegadas ao Führer durante a Batalha de Berlim foram submetidas a rigoroso interrogatório, tendo sido verificadas e confrontadas as suas

declarações. Estudaram-se também verdadeiras montanhas de documentos. Foi possível, assim, aos Aliados, completar a sua versão dos derradeiros momentos do ditador alemão.

Aproximadamente às 2 h e 30 m da tarde de 30 de abril de 1945, Adolfo Hitler sentou-se ao lado da espôsa no *Führerbunker* subterrâneo, introduziu na bôca o cano de uma automática Walther e puxou o gatilho, enquanto Eva Hitler trincava entre os dentes uma ampola de cianureto. Às 10 h e 30 m da noite o pouco que restava de seus corpos repetidamente embebidos em gasolina e queimados no jardim da Chancelaria foi enterrado pelo General Rattenhuber com a ajuda de um destacamento de Guardas de Elite. Durante a noite inteira uma barragem de artilharia das linhas russas revolveu tôda a área em redor. Atirados ao léu, os ossos do ditador tiveram a mesma sorte do seu tão sonhado Reich Milenar.

Essa versão, entretanto, não agrada a Moscou. As autoridades russas procuraram por todos os meios ao seu alcance obstar as investigações dos aliados. Valiosas testemunhas capturadas pelos soviéticos, inclusive o General Rattenhuber, desapareceram. O Serviço de Informações Norte-Americano teve conhecimento de que um maxilar encontrado por investigadores russos no local da cremação fôra definitivamente identificado como sendo de Hitler pelos dois especialistas que lhe fizeram os dentes postiços. O maxilar e os técnicos foram prontamente enviados para Moscou e nunca mais se teve notícia dêles.

O próprio Stalin estabeleceu a atitude russa oficial ao surpreender o Presidente Truman e o Secretário de Estado Byrnes, na conferência de Potsdam, com a observação de que acreditava que Hitler estivesse vivo e homiziado na Espanha ou na Argentina. Os jornais russos referem-se constantemente ao "misterioso desaparecimento" de Hitler.

Certos analistas da propaganda russa, em Washington, acreditam que seja intenção de Stalin conservar Hitler "vivo" como pretexto para uma futura intervenção na Europa. Já outros acham que o relato daqueles terríveis e derradeiros dias em Berlim quando um tirano louco tentou arrastar à ruína, consigo, a nação inteira constituiria leitura pouco salutar para o povo russo.

Era o aniversário do Führer, 20 de abril de 1945. No *Führer-*

A última fotografia de Hitler vivo
tirada em 20 de abril de 1945, aproximadamente,
entre as ruínas da Chancelaria do Reich.
Com Hitler está seu
Ajudante-de-Ordens Julius Schaub

Foto Associated Press

bunker, dez metros abaixo da superfície, sob o jardim da Chancelaria, os chefes das fôrças armadas alemãs e do Partido Nazista se haviam reunido a fim de cumprimentar o Senhor Supremo da Guerra. Rebrilhavam as botas e luziam as condecorações, mas quase todos os rostos se apresentavam macilentos e os olhos ardentes. Os dizimados exércitos alemães estavam recuando em tôdas as frentes. Os russos ameaçavam Berlim e os norte-americanos, tendo atravessado o Elba, aproximavam-se cada vez mais das tropas vermelhas.

Desde que escapara, por um triz, dez meses antes, à conspiração dos generais e ao atentado da bomba na pasta, Hitler ficara transformado, de repente, num velho alquebrado e corcunda, manco de um pé e com visível tremor no braço esquerdo. Mas quando os que o cortejavam formularam as congratulações genetlíacas que lhes ocorreram no momento, sua voz incisiva e seus olhos brilhantes mostraram-se os mesmos de sempre.

Durante a conferência que se realizou em seguida, aquêles sátrapas mal puderam acreditar no que ouviam. Hesitante, o Marechal-de-Campo Wilhelm Keitel tentou salientar a gravidade da situação, mas Hitler empurrou-o para o lado, cheio de impaciência. "Tolices!", bramiu. "Os russos sofrerão, diante das portas inexpugnáveis de Berlim, a sua mais sangrenta derrota em tôda a guerra. Em seguida, rechaçaremos os aliados até o mar." O olhar mesmérico passeava por sôbre os presentes, que se mantinham imóveis.

O *Reichsmarschall* Hermann Göring desfez o encanto durante alguns minutos. Era inevitável a vitória da Alemanha, disse o corpulento chefe da outrora poderosa Luftwaffe, mas haveria muito mais segurança para o Führer se dirigisse as suas tropas instalado no reduto montanhoso de Berchtesgaden. Hitler esbugalhou os olhos. "O que você está de fato sugerindo é a *sua* partida para um lugar mais seguro", retorquiu êle. "Pode ir, não faça cerimônia." Mudo como uma pedra, Göring fêz continência com o seu bastão de marechal cravejado de gemas e retirou-se da sala. Minutos depois, um comboio de velozes caminhões transportando preciosa carga seguia o seu Mercedes blindado em demanda da Baviera e, pensava êle, da segurança. Tendo voltado aos seus mapas, Hitler expunha planos estratégicos de emergência. "Sabíamos muito bem", declarou mais tarde um velho general, "que a maior parte das divisões com

que êle manobrava no papel já não constituíam unidades efetivas. Mas o simples fato de ouvi-lo dava a quase todos nós a impressão de que talvez ainda houvesse uma oportunidade."

Havia no *Führerbunker,* naquele dia, um homem capaz de dissipar a histeria provocada por Hitler — um homem precipuamente interessado no bem-estar do seu povo. Albert Speer, Ministro dos Armamentos, evidenciara-se, no cenário do Reich, como o seu brilhante cérebro industrial, responsável pela repetida produção do que se afigurava impossível em matéria de canhões, tanques e aviões.

Nos primeiros dias de março, Speer descobrira o terrível plano de Hitler para o aniquilamento do Reich na eventualidade de uma derrota. Tinham sido expedidas ordens minuciosas a todos os chefes distritais do Partido no sentido de providenciarem a destruição, à medida que as tropas aliadas avançassem, de tôdas as fábricas de vulto, grandes instalações de utilidade pública, minas e estoques de alimento e vestuário. Os militares receberam ordem de mandar pelos ares tôdas as pontes importantes, instalações ferroviárias, canais, navios e locomotivas. Percorrendo o país inteiro com a celeridade do vento, Speer conseguiu persuadir os principais *gauleiters* e generais a suspenderem a execução das determinações de Hitler. E agora aproveitava o aniversário do Führer como ótima oportunidade para um último apêlo. "O fracasso do povo alemão", disse-lhe Hitler, olhando-o friamente, "demonstraria cabalmente a sua absoluta falta de valor moral. E um povo sem fibra merece ser destruído."

Speer tomou, então, a resolução de sabotar aquêle plano de holocausto, ainda que com sacrifício de sua própria vida. Arriscando-se a sentir sôbre os ombros, a qualquer momento, a mão da Gestapo, novamente saiu a percorrer a Alemanha com a rapidez de um foguete. Em Hamburgo, o *Gauleiter* Karl Kaufmann prometeu-lhe que o importante pôrto não seria demolido. Vários outros chefes assumiram, nervosamente, compromissos idênticos. A fim de desarmar os fanáticos, Speer ordenou que todo o estoque de explosivos fora de mãos militares fôsse depositado no fundo dos poços e das galerias inundadas das minas. Essa simples ordem salvou muitas centenas de instalações industriais importantes.

Nesse meio tempo, Hitler havia completado laboriosos planos para

expulsar os russos de Berlim. A contra-ofensiva seria dirigida por um dos seus comandantes prediletos da Guarda de Elite — o General Felix Steiner, das tropas SS. "O oficial que dispensar um único homem que seja de tomar parte nesta operação", berrou Hitler através do telefone, "perderá a vida dentro de cinco horas."

Na tarde de 22 de abril, o Führer anunciou ao seu estado-maior a primeira vitória da nova campanha. Heinrich Himmler, chefe sabujo das SS, tinha comunicado pelo telefone que a ofensiva de Steiner estava em pleno prosseguimento e que as tropas vermelhas estavam recuando de Berlim. Diversas mensagens foram então colocadas, uma após outra, diante do chefe de operações, General Alfred Jodl. Êste passou vários minutos sem saber o que dizer. Foi quando Hitler notou o seu embaraço.

— Vamos, quais são as novidades? — perguntou.

— *Mein Führer* — respondeu Jodl. — Steiner *não* atacou. Recebi comunicação de que as tropas blindadas do Marechal Zhukov já se encontram em Berlim.

Hitler parecia fitar o infinito, enquanto o seu rosto se foi lentamente transformando numa máscara arroxeada.

— As SS... — murmurou. — Fui traído pelas SS! Primeiro o Exército, depois a Luftwaffe, e agora as SS.

Sua voz tornou-se trovejante.

— Vocês são todos uns traidores! Uma corja de cães traidores!

Durante três horas, Hitler deu expansão à sua fúria. A fôrça da sua personalidade era tão devastadora quando se desencadeava que os próprios Generais Keitel e Jodl, tão pouco impressionáveis, se sentiram "espremidos contra a parede", conforme um dêles mais tarde confessou. Finalmente, Hitler cambaleou de volta ao seu lugar.

— O Terceiro Reich fracassou — balbuciou com voz cavernosa. — Não me resta senão morrer. Permanecerei aqui até ao fim e depois meterei uma bala nos miolos. Faltam-nos meios para continuar lutando. Mandem Göring negociar com os aliados.

As palavras do Führer foram transmitidas ao Marechal Göring, que, em virtude de uma lei promulgada em 1941, deveria ser o sucessor de Hitler. O gordo sibarita tinha certeza de que lhe seria

possível conseguir dos aliados suaves condições de paz, obtendo êle próprio, na pior das hipóteses, um exílio ameno e confortável. Assim pensando, telegrafou a Hitler:

> *Mein Führer* — Em vista da vossa decisão, concordais em que eu assuma o contrôle total do Reich? Se não receber uma resposta até dez horas da noite de hoje, interpretarei o vosso silêncio como um assentimento tácito à minha proposta.

Göring aumentou para mil homens a sua guarda pessoal e anunciou ao seu estado-maior a intenção em que estava de voar, no dia seguinte, ao encontro do General Eisenhower. Mas, no momento em que redigia uma mensagem ao Supremo Comandante Norte-Americano, chegou às suas mãos o seguinte telegrama:

> *Göring* — O que você fêz reclama a pena de morte. Não levarei, entretanto, a coisa avante, desde que você peça demissão de suas funções. Caso contrário, tomarei as necessárias medidas.
>
> Adolfo Hitler.

Göring relia, incrèdulamente, as palavras do Führer quando as botas de um pelotão das SS feriram as lajes da calçada. O Herr Reichsmarschall recebeu ordem de prisão. Hitler não tencionava ser sucedido por ninguém.

Uma hora depois da sua dramática despedida no *Führerbunker,* Hitler já estava traçando planos para a maior pira funerária da História. Calmo e preciso, ordenou a volta, para a capital, do XII Exército, do General Wenck, empenhado em combate com os norte-americanos. Ao mesmo tempo, todos os homens e meninos de Berlim deveriam partir para as barricadas a fim de conter o avanço russo. Os desertores seriam sumàriamente enforcados.

Ao tomar conhecimento da ordem, o *Gauleiter* Wegener, encarregado dos negócios civis do norte da Alemanha e de longa data um dedicado membro do Partido, procurou comunicar-se telefônicamente com Hitler. Se o Führer ao menos autorizasse a rendição, no oeste, aos norte-americanos e britânicos, argumentou êle, os russos poderiam ser contidos até que se firmasse um armistício, com o que

se evitaria muita devastação. "Devastação, Wegener", retrucou Hitler, "é justamente o que eu quero. Uma fulgurante moldura para o meu fim." No dia seguinte, 25 de abril, os russos tinham completado o cêrco de Berlim.

É difícil descrever a capital da Alemanha tal como a encontramos em princípios de maio de 1945. Não muito longe da Chancelaria do Reich dei com um monte de escombros por trás do qual se ocultava algo semelhante a trouxas de roupa velha. Mas aquelas trouxas tinham constituído a guarnição de uma metralhadora. O mais velho, que ainda se achava recurvado sôbre a sua arma, poderia ter no máximo uns quinze anos. Nas pontes do Wannsee empilhavam-se os cadáveres de 600 meninos que haviam tentado conter o avanço russo com granadas de mão. Em outros setores da cidade pendiam dos postes de luz elétrica rapazinhos da Juventude Hitlerista e membros idosos da Guarda Civil surpreendidos pelos homens das SS quando abandonavam os seus postos.

No *Führerbunker* havia diminuído, durante os sete últimos dias, o número de pessoas que faziam companhia ao ditador nazista. Goebbels e a espôsa tinham trazido os seus cinco filhos, que mais tarde assassinaram, suicidando-se em seguida. Martin Bormann, braço direito de Hitler no campo da política, preferira ficar. Eva Braun, que foi durante tantos anos a amante secreta do Führer, recusou-se a partir. Nos dois compartimentos de aço e concreto contíguos ao de Hitler achavam-se 26 oficiais de alta patente e 30 secretários e guardas.

Quando os petardos dos canhões russos começaram a cair mais perto, abalando o reduto, "foram todos pouco a pouco perdendo a cabeça". A bebida corria como água e os emproados generais prussianos, despindo as túnicas, punham-se a dançar loucamente com as estenógrafas.

Quanto a Hitler, concentrava-se nos seus mapas e realizava conferências. Ocorrendo-lhe que os russos talvez pudessem avançar por uma ramificação da linha do trem subterrâneo de Berlim que passava não muito longe da Chancelaria, ordenou ao seu Chefe do Estado-Maior que inundasse o túnel.

— *Mein Führer* — protestou o General Krebs — há milhares de feridos abrigados no interior dêsse túnel...

Hitler interrompeu-o com um rugido:

— Inunde o túnel!

Minutos depois já as válvulas estavam sendo abertas.

Finalmente, no dia 28 de abril, um despacho de imprensa vindo de Estocolmo trouxe ao Führer a notícia de que Heinrich Himmler, chefe das SS, estava negociando com o Conde Bernadotte a rendição do Reich aos aliados. Era demais. *"Und jetzt der treue Heinrich!"* (E agora até o leal Heinrich!), exclamou Hitler dolorosamente. Mas desta vez o acesso de cólera — o último de sua vida — durou pouco tempo. Caindo em si, tornou-se sùbitamente calmo e inteiriçado. A traição de Himmler destruía tôdas as possibilidades de resistência. Era o fim que se aproximava.

Os dois últimos dias no *Führerbunker* foram os mais estranhos de todos. Às primeiras horas da manhã de 29 de abril, Hitler e Eva Braun casaram-se, numa cerimônia curta e simples, enquanto os projetis russos penetravam na Chancelaria, quase sôbre as suas cabeças, provocando uma chuva de estuque que se desprendia do teto do compartimento. O Führer ditou então à secretária o seu "testamento político". O documento não encerra nada que êle não tivesse dito muitas vêzes antes. Riscando Göring e Himmler dos quadros do Partido, designou o Almirante Karl Dönitz para substituí-lo.

Mais tarde, leu êle no resumo das notícias que, como de costume, lhe trouxeram, a descrição minuciosa da morte de Mussolini ante um pelotão de fuzilamento dos *partigiani,* e a exibição pública do seu corpo, bem como do de Clara Petacci, pendurados ambos pelos pés numa praça de Milão. Hitler já havia expedido instruções no sentido de que o seu corpo e o de Eva fôssem totalmente destruídos após o suicídio, mas àquela altura achou conveniente reiterá-las: "Completamente destruídos, estão compreendendo? Completamente."

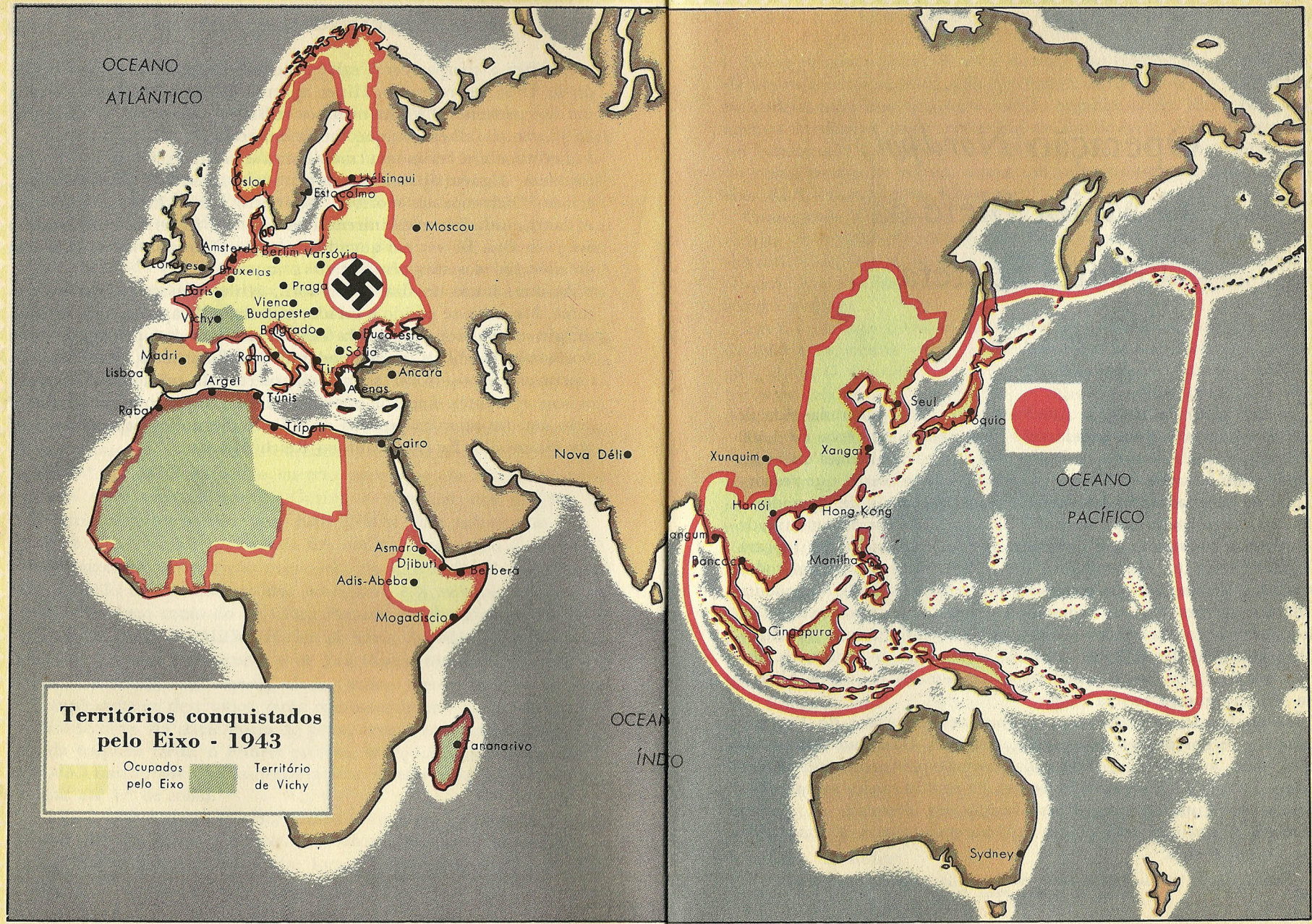
No decorrer da conferência de praxe com o seu estado-maior, realizada naquela tarde, o Führer recebeu tranqüilamente a comunicação do avanço russo. A Chancelaria seria diretamente atacada o mais tardar até 1.º de maio.

— Se é assim, não nos resta muito tempo — observou êle. — Os russos não me devem apanhar vivo, aconteça o que acontecer.

Quando a noite ia adiantada, foram todos convidados por uma ordenança a comparecer à sala principal. O Führer desejava despedir-se. Uma vez reunidos, Hitler apertou a mão, em silêncio, a cada um dos presentes. "Tinha os olhos vidrados", disse uma testemunha, "e já parecia alheio ao que lhe ia em redor."

Terminada a cerimônia, manifestou-se a anarquia na cantina da fortaleza. Alguém apanhou uma garrafa e, subindo a uma das mesas, gritou: "Bebamos aos mortos!" Um outro pôs a vitrola a funcionar. A dança, cada vez mais infrene e estrepitosa, só terminou quando o Sol já ia alto. De vez em quando vinha do *Führerbunker* uma ordem de silêncio, mas ninguém lhe dava importância.

Às duas horas do dia 30 de abril, Hitler almoçou como de costume. Mostrava-se pálido e calado, mas cheio de apetite. Em seguida, dirigiu-se, em companhia da espôsa, ao corredor principal, onde Bormann, Goebbels e os ajudantes-de-ordens mais graduados os esperavam. Após trocar silenciosos apertos de mão, voltaram para os seus aposentos. Fechada a porta com um baque, plantou-se diante dela um dos guardas pessoais do Führer. Segundos depois, ouviu-se um estampido. Estava extinto o Reich Milenar.


OCEANO
ATLÂNTICO
Oslo
Helsinqui
Estocolmo
Moscou
Amsterdã
Berlim
Varsóvia
Londres
Bruxelas
Praga
Paris
Viena
Budapeste
Vichy
Belgrado
Bucaresti
Madri
Roma
Sofia
Lisboa
Argel
Ancara
Atenas
Túnis
Rabat
Trípoli
Cairo
Nova Déli
Asmara
Djibuti
Berbera
Adis-Abeba
Mogadiscio
Tananarivo
OCEAN
ÍNDO
Territórios conquistados
pelo Eixo - 1943
Ocupados
pelo Eixo
Território
de Vichy
Xunquim
Xangai
Seul
Tóquio
OCEANO
PACÍFICO
Hanói
Hong-Kong
angum
Bancoque
Manilha
Cingapura
Sydney

Operação *Nordpol:* O Maior Blefe da Guerra Secreta

H. J. Ciskes

Em dezembro de 1943, os Aliados tinham uma esmerada rêde de espionagem e uma organização subterrânea de cêrca de 1.500 sabotadores que agiam na Holanda ocupada pelos alemães ou assim acreditavam êles. Na realidade, os rádios "subterrâneos" que respondiam aos chamados de Londres estavam nas mãos de operadores alemães havia quase dois anos. Os homens e a enorme quantidade de armas e explosivos que o Serviço Secreto anglo-holandês lançara de pára-quedas na Holanda, em quase 200 operações, foram todos esperados, ao chegar, por comissões de recepção alemãs. Cinqüenta e quatro agentes secretos treinados em Londres estavam na prisão, enquanto os contra-espiões alemães inventavam histórias fabulosas sôbre as atividades dêles e as transmitiam para a Inglaterra. Foi uma das mais gigantescas mistificações perpetradas contra os Aliados em tôda a "guerra secreta".

Na qualidade de major do *Abwehr* (serviço secreto do Exército Alemão), recebi ordem de apresentar-me em Haia, no outono de 1941, para assumir o comando da contra-espionagem militar nos Países Baixos. Tinham corrido boatos de comunicações radiofônicas clandestinas com Londres. Nossa função era descobrir os agentes inimigos e invalidar seus planos de levarem a guerra à retaguarda das linhas alemãs.

Condensado de "London Calling North Pole", copyright, 1953, de Opéra Mundi, 7, rue de la Paix, Paris, França

Nosso primeiro golpe de sorte ocorreu em fins de novembro. Um de nossos agentes secretos, que conseguira introduzir-se na resistência holandesa, informou que estava sendo organizada em Haia, por dois agentes britânicos, uma nova rêde de espionagem. Tal informação foi confirmada em janeiro de 1942, quando o Tenente Heinrichs, do nosso serviço de escuta, ouviu um nôvo transmissor, com o prefixo RLS, operando em Haia.

Começamos a controlar a RLS, anotando todos os detalhes da técnica de transmissão. Nosso objetivo não era eliminar a estação e sim utilizá-la, isto é, operá-la nós mesmos, fingindo-nos de agentes aliados. Isso nos faria conhecer por dentro as operações do serviço secreto inimigo.

Em 6 de março, o nosso radiogoniômetro indicou a situação exata da RLS e na mesma noite nós prendemos o seu operador — um inglês, H. M. G. Lauwers. Dentro de algumas horas havíamos prendido todos os colaboradores do grupo de espionagem, de maneira a não deixar elementos que pusessem em perigo a nossa mistificação.

Com os códigos apreendidos no momento da prisão e outras informações fornecidas pelo nosso agente no grupo de espionagem, não tardamos a desvendar o código secreto de Lauwers. Mas Lauwers recusou-se a transmitir as nossas mensagens falsas para Londres, e nós relutávamos em fazê-lo nós mesmos — por enquanto.

No terceiro domingo de março procurei Lauwers e disse-lhe que só êle podia facilitar o meu plano de salvá-lo e ao agente Thijs, seu colega, de condenação à morte por um tribunal militar alemão. Disse-lhe que teria apenas de transmitir as três mensagens que não pudera mandar no dia da sua prisão.

Lauwers mostrou-se interessado, mas conservou-se em silêncio. Modifiquei minha maneira de tratá-lo.

— Como soldado, respeito sua coragem e seu senso de dever — disse eu — mas deploro a missão que Londres lhe confiou, pois importa em armar civis para que nos alvejem pelas costas. Todo exército de ocupação é obrigado a sufocar tramas dessa espécie com a captura de reféns. Usarei, portanto, de todos os meios ao meu alcance para impedir o fornecimento de armas a fanáticos dêste país, pois o uso delas só poderá resultar num banho de sangue para a população holandesa.

Vesti o sobretudo.

— Está na hora de se preparar a transmissão de hoje — disse eu. — Você vem?

Êle me olhou dentro dos olhos e respondeu:

— Vou.

Lauwers irradiou as três mensagens e depois recebeu vários despachos referentes a irradiações anteriores da RLS. Heinrichs, naturalmente, tinha um de seus agentes ouvindo a transmissão, com a mão na chave de um aparelho de interferência, para o caso de Lauwers nos trair. Nada de suspeito ocorreu (1).

E assim começou o que denominamos Operação *Nordpol* (Pólo Norte).

Por quanto tempo seria possível manter essa comunicação radiofônica com Londres? Se houvesse no código sinais que desconhecíamos para confirmar a autenticidade do operador, a mistificação poderia muito bem ser descoberta na transmissão seguinte.

Na segunda vez que estivemos no ar, Londres fêz um pedido urgente: preparação de uma zona onde pudesse ser lançada grande quantidade de material de sabotagem e um nôvo agente. A notícia perturbou Lauwers consideràvelmente. Disse que não operaria mais a RLS, que não podia tornar-se responsável pela queda de camaradas seus em nossas mãos.

— Êsse homem cairá nas nossas mãos, quer você coopere, quer não — disse-lhe eu. — Se você continuar as transmissões para nós, espero obter das autoridades superiores que não sejam condenados à morte os agentes que capturarmos (2).

Lauwers voltou para o transmissor.

O aviso do desembarque foi recebido em 27 de março, e às 11 horas da mesma noite uma pequena caravana de automóveis, com

(1) Depois da guerra, Lauwers declarou que recebera instruções de Londres para cometer propositadamente um êrro na 16.ª letra de cada mensagem; a falta dessa "prova de identidade" indicaria que êle tinha caído nas mãos do inimigo. Conseguiu esconder de seus captores êsse estratagema, inserindo, assim, uma advertência clara em tôdas as mensagens que irradiava para os alemães. Mas, por incrível que pareça, Londres não percebeu êsses avisos.

(2) Nota do autor: Apesar disso, dos 54 agentes anglo-holandeses da *Nordpol*, 47 não sobreviveram à guerra. Investigações dos holandeses apuraram que êles foram fuzilados em 1944, no campo de Mauthausen. Sua eliminação foi um dos muitos crimes característicos dos processos de Himmler, que não podem ser justificados por quaisquer necessidades da guerra. A memória dessas vítimas de um infame abuso de confiança, que só posso recordar com vergonha e amargura, foi o que guiou a minha pena ao escrever esta narrativa.

as luzes amortecidas, parou numa pequena mata perto do local onde deveriam cair os pára-quedistas e onde havia três homens com poderosas lanternas de luz vermelha dispostos num grande triângulo. Esperamos duas horas. Teriam os inglêses descoberto o nosso estratagema? Estariam a caminho do nosso triângulo iluminado com uma carga de bombas, para pulverizar-nos no pântano com TNT?

Finalmente ouvimos um ruído de motores e um avião passou por cima de nós a uns 200 metros de altura no máximo. De repente, bem sôbre nós, apareceram na esteira do avião vários pontos escuros. Quatro pesados volumes, sustidos por pára-quedas, tocaram o solo com baques surdos. Um quinto pára-quedas trazia o agente. O bombardeiro ganhou altura, suas luzes piscaram numa saudação, e êle desapareceu.

Eu e Heinrichs apertamos as mãos em silenciosa congratulação.

Imediatamente após esta operação, radiografamos para Londres informando que o agente lançado de pára-quedas estava bem e em boas mãos. Seguiu-se um calmo intervalo de várias semanas. Isso nos pareceu de mau agouro, pois tínhamos provas de que o serviço secreto anglo-holandês estava realizando operações na Holanda sem o nosso auxílio. Entre outras coisas, ouviu-se um nôvo transmissor na área de Utrecht. E em abril foi encontrado o corpo de um pára-quedista, perto de Holten, com o crânio fraturado; ao aterrar, tinha batido com a cabeça numa pedra. Comecei a preocupar-me com as nossas transmissões pela RLS. Teria Londres desconfiado?

A verdade é que a nossa primeira vitória não poderia ter sido mantida por muito tempo se não fôsse o que aconteceu depois: por mero acaso, caíram em nossas mãos todos os canais usados por Londres para controlar o serviço secreto anglo-holandês!

Sem o nosso conhecimento, seis agentes haviam descido aos pares, cada par com um aparelho de rádio. Viemos a saber depois que, nas aterragens, morrera um operador de rádio, de nome Maartens (era seu o corpo encontrado junto à pedra) e que só um aparelho chegara intato. À vista disso, os agentes se entrosaram, transmitindo seus comunicados por êsse único aparelho, que funcionava e que respondia pela cifra de Trumpet. Quando Londres deu ordem para

que a RLS entrasse em contato com um dos agentes da Trumpet, ficamos conhecendo tôda a rêde.

A Trumpet caiu em nosso poder completa, com seu plano de sinalização e seus códigos. Utilizamo-la para iniciar uma segunda linha de comunicação *Nordpol* com Londres e sugerimos para êsse grupo um nôvo local para o lançamento de pára-quedas. Aceitamos a primeira aterragem nesse ponto cêrca de 15 dias depois.

Enquanto isso, o plano de sinalização de Maartens, o operador morto, fôra encontrado em poder de seu companheiro, Andringa. Anunciamos para Londres, via Trumpet, que Andringa descobrira na resistência um operador de confiança que podia servir-se da sinalização de Maartens com o aparelho dêste já consertado. Londres mandou que o nôvo recruta fizesse uma transmissão de experiência para comprovar sua capacidade. O operador alemão que se submeteu à prova foi ràpidamente aceito. E assim estabelecemos uma terceira linha de comunicação com Londres.

Em meados de maio, Heinrichs declarou suspeitar que Lauwers havia transmitido letras adicionais no fim de sua última mensagem. Esperamos ansiosamente para ver se Londres desconfiara de alguma coisa. Parecia que não. Entretanto pusemos têrmo às transmissões de Lauwers propondo operadores de "reserva". Com espanto nosso, êles foram aprovados.

À medida que novos agentes iam sendo presos à chegada, nossos homens iam apanhando os transmissores e operando-os. Com isso corríamos o risco de que as características de transmissão de algum agente houvessem sido gravadas em Londres antes da partida. Se assim foi, êles nunca fizeram uma verificação cuidadosa. Em várias ocasiões, durante a Operação *Nordpol,* chegamos a ter 14 canais de comunicação radiotelegráfica com Londres e isso apenas com seis operadores alemães!

De junho em diante a operação desenvolveu-se de maneira inacreditável. Os lançamentos de pára-quedas se sucediam quase ininterruptamente. A decisão tomada em Londres de mandar todos os futuros agentes e material por intermédio das articulações existentes foi o grande êrro do nosso inimigo. Um só grupo de contrôle lançado às cegas, sem o nosso conhecimento, poderia ter desarticulado a Operação *Nordpol.*

Em julho Londes confiou ao grupo da RLS uma tarefa especial importante: um reconhecimento para ver se era possível fazer explodirem as tôrres do transmissor de Kootwijk, pelo qual o Almirantado Alemão se comunicava com os submarinos no Atlântico. O agente Thijs deveria comandar a turma encarregada da demolição. Mandei uma patrulha de reconhecimento e depois radiografei as conclusões exatas a que chegara: a demolição das tôrres não apresentaria grandes dificuldades; Thijs e seu grupo estavam de prontidão, à espera de ordens para levar a cabo a operação. Quando chegou a ordem, eu já tinha inventado motivos para o "insucesso". Dois dias depois a RLS transmitiu para Londres a seguinte mensagem: "Tentativa contra Kootwijk mal sucedida. Nossos homens encontraram campo de minas. Cinco homens desaparecidos. Thijs e os outros salvos, inclusive dois feridos." No dia seguinte: "Dois dos cinco desaparecidos voltaram. Três outros mortos em combate. Inimigo reforçou guarda de Kootwijk e outras estações."

Londres respondeu: "Lamentamos muito suas perdas. Sistema de defesa nôvo e imprevisível. Necessária a maior vigilância possível. Comunique qualquer anormalidade."

Mandei noticiar o caso na imprensa holandesa. A notícia dizia que elementos criminosos haviam tentado fazer explodir uma estação de rádio. O material de sabotagem apreendido sugeria auxílio do inimigo. Eu esperava que meus adversários em Londres tivessem conhecimento dessa notícia por intermédio dos países neutros.

Quinze dias depois Londres mandava à RLS uma mensagem de congratulações pela tentativa de sabotar Kootwijk. Thijs deveria receber uma condecoração britânica como dirigente da operação.

A fase decisiva da *Nordpol,* de junho de 1942 até à primavera de 1943, foi a sua participação na Operação Marrow, de iniciativa anglo-holandesa. O chefe da operação Marrow era um agente chamado Jambroes, cuja missão — conforme soubemos quando os *representantes da resistência* lhe deram as boas-vindas antes de o prendermos — era estabelecer contato com os líderes da organização holandesa *Ordedienst* e fazer com que esta formasse 16 grupos de sabotagem e resistência com cem homens cada um.

Não sabíamos quem eram os líderes da *Ordedienst,* de modo que

comunicamos a Londres que havia desmoralização nas altas camadas da organização e que se haviam infiltrado espiões alemães entre os seus dirigentes. Sugerimos que Jambroes entrasse em contacto com líderes de organizações de maior confiança.

A formação fictícia da organização Marrow começou em agôsto de 1942. Os 16 grupos tiveram um desenvolvimento aparentemente tão grande que em novembro Londres havia mandado por nosso intermédio 17 agentes, cinco dos quais eram operadores de rádio, com seus próprios aparelhos e freqüência. Quando radiografamos que havia cêrca de 1.500 homens recebendo instrução, lembramo-nos de que tôda aquela gente precisaria com urgência de coisas tais como roupas, calçados, fumo, chá. E pedimos abastecimentos, recebendo certa noite uma remessa de cinco toneladas!

De janeiro a abril de 1943, outros 17 agentes caíram em nosso poder, compreendendo sete operadores com canais independentes de comunicação radiotelegráfica. Agora eu me defrontava com o problema de dar informações a Londres sôbre as atividades de quase 50 agentes. Não poderíamos manter a situação por muito tempo. Nossos seis radioperadores não podiam dar conta do recado. Assim, obtivemos autorização de Londres, "por motivos de segurança", para encerrar as atividades de alguns dos transmissores Marrow.

Por um triz não fomos apanhados quando desembarcou um agente chamado Jongelie, cujo nome de guerra era "Arie". Prêso, declarou que, para confirmar sua chegada são e salvo, devia imediatamente radiografar a Londres: "O expresso partiu na hora." Isso colocou os interrogadores num dilema. Estaria êle procurando enganar-nos?

Fui falar com Jongelie. Impassível, êle respondia a tôdas as minhas perguntas com a declaração de que devia imediatamente transmitir o despacho: "O expresso partiu na hora", do contrário Londres compreenderia que êle caíra em poder dos alemães. Fingi afinal estar convencido. Aparentemente absorto nos meus pensamentos, disse-lhe que transmitiríamos a sua mensagem. E então, levantando os olhos de repente, surpreendi uma expressão de triunfo nos dêle. Era realmente um estratagema.

Na primeira transmissão de rotina, mandamos o seguinte despacho: "Houve um acidente. Arie caiu mal e está desacordado. Médico diagnostica traumatismo grave." Três dias depois radiografamos: "Arie recuperou os sentidos ontem, por algum tempo. Médico espera melhoras." E no dia seguinte: "Arie faleceu. Esperamos prestar-lhe homenagem condigna depois da vitória."

Tivemos sorte: Londres tomava precauções normais, mas não podia supor que *tôda* a sua rêde de comunicações na Holanda e *todos* os seus agentes tivessem caído nas mãos dos alemães.

Pouco depois dêsse incidente, o quartel-general anglo-holandês começou a insistir para que mandássemos de volta à Inglaterra, a fim de prestar informações, o agente Jambroes, chefe do grupo Marrow. Tínhamos que arranjar pretextos constantes para conservá-lo na Holanda: o principal era que a rota de comunicações para a Espanha andava difícil e perigosa. Reforçávamos esta informação dizendo que de vez em quando um agente partia para a França e não chegava a parte nenhuma. Quando Londres pedia informações sôbre terrenos da Holanda onde poderia descer um avião para apanhar Jambroes, respondíamos que não conseguíamos achar lugar conveniente, ou então, quando parecia iminente um vôo especial, declarávamos à última hora que o local marcado era perigoso. Finalmente, tomamos a única atitude ainda possível: anunciamos que Jambroes estava desaparecido, "depois de uma incursão da polícia alemã em Roterdã".

Para remediar a situação, foi desembarcado na Holanda o Grupo Golf. Visava a preparar rotas de comunicação e linhas de fuga seguras, através da França, Espanha e Suíça. Deixamos passar seis semanas e depois Golf radiografou a Londres que fôra aberta uma rota segura até Paris e que o emissário seria um homem experimentado chamado "Arnaud". Na realidade, Arnaud era o nosso *Unteroffizier* Arno. Fingindo-se de refugiado francês, êle já havia entrado em contato com elementos da resistência e conseguira realmente penetrar nas rotas de comunicação do inimigo.

Para "experimentar a segurança" da linha de fuga do Grupo Golf mandamos para a Espanha dois aviadores inglêses que viviam escondidos na Holanda. Três semanas depois, Londres confirmou que êles haviam chegado bem. Êsse sucesso deu grande prestígio ao Grupo Golf e a Arnaud em Londres, e assim obtivemos informes sôbre três estações do Serviço Secreto britânico em Paris, que serviam

as linhas de fuga. A contra-espionagem alemã não tomou medidas contra essas estações, partindo do princípio de que obter informações — como passamos a obter em quantidade — era mais valioso do que a eliminação.

Nos meses seguintes, o Grupo Golf prestou realmente alguns serviços aos Aliados. Muitos aviadores inimigos que tinham sido abatidos na Holanda e na Bélgica foram encaminhados numa aventurosa viagem clandestina para a Espanha, sem saberem que estavam sob a asa da contra-espionagem alemã. Anunciávamos contìnuamente essas viagens, dando nomes e patentes, e quando os aviadores chegavam à Inglaterra realizávamos o nosso propósito: aumentar o prestígio do Grupo Golf, sem prejudicar a *Nordpol*.

Nessa altura, eu começava a recear que as informações obtidas pelo inimigo nos países neutros não confirmassem as notícias que transmitíamos sôbre movimentadas atividades de sabotagem na Holanda. Promovemos, então, uma série de atentados fictícios nas estradas de ferro. Hora e local eram planejados de maneira a evitar acidentes de trem, mas o assunto era muito comentado nos meios ferroviários holandeses.

Fizemos, também, explodir um navio em pleno dia, no Rio Maas, em Roterdã. Escolhemos uma barcaça de mil toneladas, que fazia o percurso para a Alemanha pelo Reno, com uma carga de peças de aviões destroçados e uma tripulação da Marinha de Guerra Alemã. Pouco depois do meio-dia, numa bela tarde de agôsto, houve uma explosão no momento exato em que a barcaça passava sob a grande ponte do Maas. Subiu uma enorme nuvem de fumaça e a embarcação começou a afundar. Homens a meu serviço tinham embarcado nela passando por engenheiros da Luftwaffe e, sem despertarem as suspeitas da tripulação, fizeram detonar a carga de explosivos no lugar e no momento que convinham.

A lancha do capitão do pôrto "estava por acaso nas proximidades", comigo a bordo. Tocamos depressa para o local do desastre e salvamos a tripulação da barcaça. Os destroços foram arrastados para terra, pela correnteza, com a carga de velhas fuselagens e asas de aviões. Nas margens, milhares de habitantes de Roterdã aplaudiam e gritavam de alegria. A publicidade teve um êxito retumbante.

O capitão do pôrto, um honrado oficial alemão, passou uma semana interrogando febrilmente a tripulação da barcaça, num grande esfôrço para descobrir a origem da sabotagem. Mas nunca soube a verdade.

Em 31 de agôsto de 1943, Ubbink e Dourlein, dois dos cinqüenta e tantos agentes que detínhamos na prisão de Haaren, conseguiram fugir e desapareceram. Eu estava convencido de que aquêles homens corajosos e resolutos encontrariam algum meio de voltar à Inglaterra. Se conseguissem, trairiam a nossa organização.

Durante os dez primeiros dias de dezembro, as mensagens de Londres tornaram-se de repente monótonas e desinteressantes. Parecia que Ubbink e Dourlein tinham alcançado o seu objetivo. Agora Londres procuraria enganar-nos a nós. Não deixamos transparecer que sabíamos que o grande lôgro fôra afinal descoberto e continuamos as atividades normais. As mensagens de Londres apenas se tornavam cada vez mais desinteressantes.

Em março de 1944, propus a Berlim que puséssemos têrmo à farsa das operações *Nordpol* por meio de uma última mensagem. E assim foi que radiografamos aos homens que sabíamos estarem à testa do serviço secreto anglo-holandês:

Srs. Pancrácio, Simplório & Cia. Ltda., Londres. Sabemos que V. S.as há algum tempo vêm procurando fazer negócios na Holanda, sem nosso auxílio. Lamentamos êsse fato, pois fomos por tanto tempo seus únicos representantes no país, em condições mùtuamente satisfatórias. Asseguramos-lhes, não obstante, que, no caso de pretenderem fazer-nos alguma visita no Continente, em escala considerável, dispensaremos aos seus emissários a mesma atenção de sempre, e uma acolhida sempre cordial.

O texto, em linguagem comum, foi radiografado para Londres no dia 1.º de abril, por todos os dez canais. A data não podia ser mais indicada.

Na tarde seguinte, nossos radioperadores informaram que Londres aceitara a mensagem em quatro canais, mas que não respondera aos chamados dos outros seis. E assim foi encerrada a Operação *Nordpol*.

Areias de Dunquerque

Richard Collier

"Areias de Dunquerque" baseia-se em seis anos de pesquisas e entrevistas com 1.100 testemunhas oculares da evacuação. Richard Collier registrou o drama desenrolado naquela infortunada semana, há 22 anos, quando o derrotado Exército Britânico conseguiu o milagre de escapar do continente. O autor conta, em detalhes, a história da retirada infernal e caótica na direção do mar, os bombardeios incessantes da Luftwaffe e a conduta heróica da esquadra que recolheu mais de 300.000 homens. A empolgante narrativa de um dos acontecimentos mais críticos da História Moderna.

A NOITE caía estranhamente silenciosa no Norte da França. Através do tabuleiro de xadrez de campos verdes e canais escuros vinham apenas alguns sons débeis: o latir de cães famintos e o mugido das vacas não ordenhadas, cujos donos já haviam fugido para o Sul. É que um enorme desastre militar estava em curso. Os exércitos britânico, francês e belga, desdobrados ao longo de uma frente de 250 quilômetros, curvada para dentro desde o Canal da Mancha, estavam cercados pelos alemães. E as tropas exaustas, empurradas constantemente para trás pelos *Panzers* inimigos, apertavam nervosamente os fuzis e esperavam em silencioso terror.

A retirada era inevitável. De fato, naquela mesma manhã — domingo, 26 de maio de 1940 — Anthony Eden, Ministro da Guerra, havia autorizado um recuo geral para a costa. Mas seria possível fazer a retirada com êxito? O General Visconde Gort, franco e vigoroso comandante-chefe da Fôrça Expedicionária Britânica (BEF), tinha suas dúvidas. "Não lhe devo esconder que uma grande parte

Condensação de "The Sands of Dunkirk", copyright, 1961, do autor. Publicado por E. P. Dutton & Co., Inc., Nova York 10, N. Y., E. U. A.

da Fôrça e seu equipamento se perderão inevitàvelmente, mesmo na melhor hipótese", telegrafou êle a Eden. Depois, como o Exército era tôda a sua vida, voltou-se para um ajudante, e, num raro momento de auto-revelação, confessou: "Jamais eu poderia pensar, no dia em que me alistei, que haveria de levar o Exército Britânico à maior derrota da sua história."

A perspectiva da derrota viera com surpreendente e terrível rapidez. Durante oito meses, muitos dos 390.000 homens do exército de Lorde Gort tinham desfrutado uma boa vida. Fiados na ilusão de que a Linha Maginot, com seus 400 quilômetros para o Sul, era inexpugnável, êles haviam construído 400 casamatas de concreto, cavado trincheiras e fossos antitanques do tipo da Primeira Guerra Mundial e esperado pelo ataque dos alemães. À noite, durante os longos meses da "falsa guerra", bebiam e dançavam nos 10.000 cafés das aldeias e namoravam as môças locais. Os alemães, por sua vez, estimulavam essa despreocupação de espírito. Quando as donas de casa de Lille reclamaram em um jornal francês que não mais encontravam cosméticos para comprar, os alemães responderam com uma incursão de dois bombardeiros... bombardeando a cidade com milhares de caixas de pó de arroz e frascos de perfume.

Então, sùbitamente, em 10 de maio, a Segunda Guerra Mundial irrompeu com mortífera gravidade. Dez divisões blindadas alemãs e 117 divisões de infantaria esmagaram a Holanda neutra e envolveram a Bélgica e o Luxemburgo também neutros. Pouco depois, sete divisões de tanques rompiam as linhas do Exército Francês em Sedan, atravessando fàcilmente as florestas e colinas das Ardenas — um intervalo no sistema defensivo dos Aliados, que os técnicos acreditavam intransponível.

Os inglêses acorreram em socorro, atravessando a Bélgica com lilases nos capacetes e marchando triunfalmente para Bruxelas. Gort estava certo de que seus homens realizariam grandes feitos. A campanha, porém, logo se transformou em um pesadelo e a posição aliada era agora insustentável.

Tanto os inglêses como os franceses tinham-se equipado para repetir o tipo de luta da Primeira Guerra Mundial. Contra os 2.700 tanques modernos dos alemães Gort podia reunir apenas antigos carros pesadamente blindados como os "Matilda", com seus frágeis

canhões de 37 mm. Os tanques franceses, movendo-se também pesadamente, eram destinados ao apoio da infantaria e muitas vêzes paravam em combate por falta de combustível. A artilharia inglêsa era tão obsoleta que os melhores canhões de Gort tinham pouco mais de metade do alcance dos mais modernos modelos alemães.

Em dez dias os alemães dominaram três quartos da Bélgica, e o exército dêsse país, equipado com fuzis enferrujados e canhões hipomóveis, entrou em colapso. Os tanques alemães correram através da França em direção ao Canal e estavam nessa altura atacando o pôrto de Calais. A única esperança que Gort tinha de escapar estava no pôrto de Dunquerque. Para alcançá-lo êle teria de combater ao longo de um corredor de 80 quilômetros de comprimento e 25 de largura. Eram assim muito acentuadas as probabilidades de que mais de 300.000 homens — a flor do Exército Inglês — caíssem prisioneiros até ao fim da semana.

Poucos, porém, ainda sabiam disso. As unidades inglêsas, colocando suas sentinelas em uma centena de parques de viaturas, mercados e castelos, depositavam suas esperanças nos oficiais mais graduados, certos de que êles sabiam o que estava acontecendo.

— Isto vai ser igualzinho a Mons — declarou um veterano ao cabo Thomas Nicholls, um jovem artilheiro antitanque que defendia Wormhoudt. — Estamos formando uma tênue linha vermelha para rechaçá-los.

Mas em Ypres, quando o Major Cyril Huddlestone, do 4.º East Yorks, abriu um telegrama do Ministério da Guerra, dirigido a tôdas as unidades e comunicando que "estamos celebrando um Dia Nacional de Prece em vossa intenção", o oficial bufou e amarrotou o papel no bôlso:

— Por que, em vez disso, não nos mandam alguns canhões de 88 mm?

Ao sul de Houthem, onde estava acampado o 43.º Regimento de Infantaria Ligeira, o cabo John Linton — um veterano com mais de 11 anos de serviço — esqueceu o cansaço que o dominava e as ordens dos oficiais, preocupado em proteger seus homens. O regimento, ora cavando trincheiras para lutar desesperadamente, ora abandonando-as às pressas, vinha em retirada desde Bruxelas. Em cada alto os oficiais transmitiam a mesma ordem impiedosa:

— Os extraviados e feridos devem ser deixados para trás. Os alemães estão aos nossos calcanhares.

Quando o soldado Curtis sofreu um ataque de apendicite, caindo em plena estrada, e seus camaradas resmungaram que carregá-lo seria um pêso demais, Linton concordou:

— Está bem, vamos abandoná-lo.

Depois, com uma voz dura e olhando de frente homem por homem, perguntou:

— Mas *quem* é que vai fazer isso? *Quem* vai deixá-lo para trás, hem?

E êles carregaram Curtis aos ombros até ao caminhão de bagagens, que por fim o levou para a Inglaterra e para a segurança.

No meio da noite de domingo, o Capitão Harry Smith, estacionado nos arredores de Roncq, acordou bruscamente seus homens do East Surreys, pois as notícias do desastre já se haviam espalhado.

— Estamos fazendo uma retirada geral para a costa — anunciou êle, quando a companhia entrou desajeitadamente em forma. — A idéia é voltar para a Inglaterra, de modo que possamos vir de nôvo para a França mais tarde.

Para o soldado Bill Hersey a informação foi de gelar o sangue nas veias. Logo depois da ordem de fora de forma êle se aproximou do Capitão Smith e, perfilando-se, perguntou:

— Comandante, o senhor pode fazer alguma coisa por minha mulher?

A resposta foi sucinta:

— Vá buscá-la.

Tendo arranjado uma bicicleta, Hersey pedalou até Tourcoing, distante três quilômetros, para trazer a jovem francesa com quem se casara havia 39 dias. O namôro de ambos, tão improvável, teve início quando Bill entrou no Café L'Epi d'Or num dia calmo durante a "falsa guerra". Êle havia queimado a mão em um fogareiro de campanha, e quando o dono do café viu a queimadura insistiu em que sua filha fizesse um curativo. Augusta não tinha aprendido os primeiros socorros e não necessitava praticar?

Os conhecimentos de Augusta parece que eram um tanto primitivos, pois o álcool que ela derramou na queimadura fêz Hersey dar

pulos de dor. Entretanto, depois dêsse primeiro encontro, Bill achou que precisava fazer curativos pelo menos uma vez por dia. Não havia pretexto melhor para os dois ficarem de mãos dadas.

Augusta não sabia uma única palavra de inglês, mas Bill iniciou uma côrte pertinaz com o auxílio de um dicionário de bôlso. Êle era um tipo bonito e despreocupado, que havia servido em várias guarnições da Índia e passado muitas noites na guarita, ìntimamente desejando ter uma espôsa e um lar. Não tardou muito que ambos se apaixonassem.

Uma noite Bill dirigiu-se ao pai de Augusta, apontou para a palavra *mariage* no dicionário e disse simplesmente:

— Sua filha.

O pai explodiu.

— Êste sujeito não presta — gritou para Augusta. — Gasta um dinheirão em conhaque!

— Êle vai mudar — respondeu Augusta com convicção.

O pároco local também desaprovou, mas o capelão do regimento de Bill intercedeu pelos jovens namorados e êles se casaram a 17 de abril.

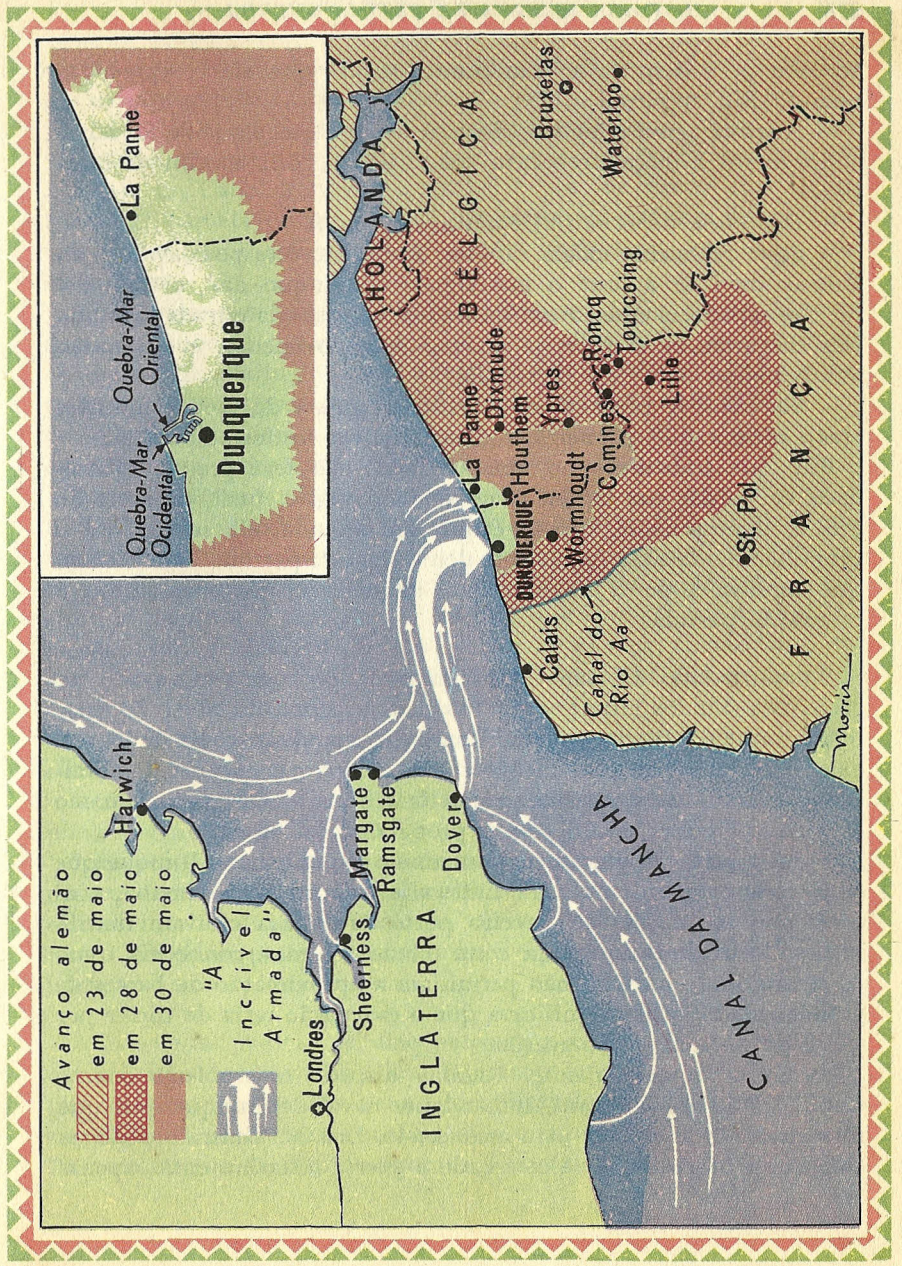
Contra tôdas as expectativas, o casamento deu certo desde o início. O amoroso casal partilhava de agradáveis reuniões no café com os amigos de Bill: cantavam, jogavam cartas e se distraíam no estande de tiro, em disputas entre os locais e os soldados, e Augusta manejava sua espingarda tão destramente como qualquer homem.

Mas então, pedalando furiosamente para a casa da espôsa, Bill estava certo de que não mais haveria aquelas noites despreocupadas. Duas semanas atrás êles tinham sido separados pela guerra súbita e violenta; nos últimos dez dias Bill lutara na exaustiva retirada desde Bruxelas. Agora seu único pensamento era ter Augusta em segurança na Inglaterra. Às 11h e 30m chegou ao café e bateu estrondosamente na porta.

Quando Augusta veio abrir e deparou com o rosto lívido do marido, compreendeu imediatamente por que êle voltara.

— Apanhe suas coisas — pediu. — Vamos partir.

Augusta vestiu-se e arrumou a mala às pressas. Seu pai já tinha ido para o Sul em busca de acomodações mais seguras para a família, e a mãe estava desesperada demais para falar quando Augusta a



acordou para despedir-se. Entretanto, parece que ela compreendeu quando Bill explicou:

— Augusta agora é inglêsa; sòmente assim é que ela pode ser salva.

Enquanto a môça preparava sua bicicleta, Bill continuou insistindo:

— *Dépêchez, dépêchez!* (Depressa, depressa!)

A noite realmente exigia rapidez. Enquanto êles pedalavam para Roncq, ouvia-se a leste o matraquear longínquo das metralhadoras e os sapadores enterravam minas nas margens da estrada. Quando êles chegaram as viaturas já estavam em movimento, e o Capitão Smith tomou uma decisão rápida:

— Sua mulher pode ir ao lado do motorista de meu caminhão, mas é melhor que, primeiro, você arranje um uniforme para ela.

Bill, que trabalhava no almoxarifado, não teve grande dificuldade em fardar sua espôsa como soldado inglês: fuzil, capacete de aço, e, naturalmente, capote cáqui. Em seguida, ela subiu para o caminhão e o capitão impaciente deu o sinal de partida. Para Helsey, que seguiria a pé, a singularidade daquele incidente amenizou a mágoa da partida.

Do outro lado do Canal, em um pôsto de comando cavado na greda dos úmidos alcantilados, 150 metros acima do nível do mar, o Almirante Sir Bertram Home Ramsay, comandante-chefe de Dover, examinava sua pavorosa missão. Para o altivo e encanecido almirante, evacuar da França as tropas britânicas — Operação Dínamo — parecia oferecer muito poucas probabilidades de êxito.

A única saída de que os inglêses ainda dispunham — Dunquerque — já fôra bombardeada pela Luftwaffe durante uma semana, e as excelentes instalações do terceiro pôrto da França estavam inutilizadas. Os 40 quilômetros da costa tortuosa e rasa, conhecida como "o cemitério de navios", não permitiam a aproximação de barcos de grande calado, o que significava que a evacuação teria de correr por conta de pequenas embarcações.

Calma e minuciosamente, Ramsay discutiu o problema com o Capitão William Tennant, comandante naval de Dunquerque, que fôra chamado às pressas para assessorá-lo. Dos 202 contratorpedeiros com que a Marinha havia começado a guerra restavam então apenas

40; ademais, êsses pequenos navios, entulhados de canhões e de cargas de profundidade, não se prestavam para o transporte de pessoal. Assim, a quase totalidade dêste transporte teria de ser feita por navios mercantes com armamento ligeiro — costeiros, barcaças usadas na travessia do Canal e embarcações holandesas de fundo chato. Entretanto, naquela quente manhã de maio, só estavam disponíveis 129 dêstes navios, embora muitos outros já tivessem partido de uns vinte portos.

Para dirigir a evacuação — que prosseguiria enquanto os homens de Gort pudessem conter os alemães — o taciturno Tennant de cara de águia seria auxiliado por 12 oficiais e 150 marinheiros. Nos navios muito poucos estavam a par do projeto, mas em tôda a Marinha havia uma agradável sensação de expectativa. Se algo de estranho estivesse para acontecer, a Marinha estava pronta.

Alguns homens souberam da operação através dos mais desencontrados boatos. O Suboficial Wilfred Walters, avisado quando se encontrava em uma taberna de North Shields, à margem do Tyne, a essa altura navegando para Harwich a bordo do navio caça-minas *Ross,* alimentava a romântica ilusão de que corriam em socorro da família real da Holanda. O Ten. Victor de Mauny, comandante do navio de repressão ao contrabando *Ocean Breeze,* acreditava que sua missão dizia respeito aos refugiados belgas — até que, tomando café na base naval da praia em Ramsgate, um oficial dos Guardas Escoceses deu-lhe, de golpe, a versão exata:

— Refugiados? Santo Deus! Não se trata de refugiados, mas de nossa Fôrça Expedicionária!

Ninguém tinha muita fé no êxito da operação. Quando Tennant deixou o gabinete de Ramsay, o almirante, quase displicente, acrescentou uma observação final: na melhor das hipóteses, Tennant e seus auxiliares poderiam alimentar a esperança de recolher 45.000 homens.

A evacuação, mesmo de uma pequena parte da Fôrça Expedicionária Britânica, constituiria um fato surpreendente, pois Dunquerque só se manteve graças a uma inexplicável reviravolta na estratégia alemã. A 23 de maio, quando seus tanques já se encontravam a 20 quilômetros de Dunquerque, o General Gerd von Rundstedt

baixou uma ordem geral de comando: "Deter-se na linha do Canal Aa e instalar-se."

Ao contrário dos audazes comandantes dos *Panzers* como Rommel, o prudente Rundstedt, de 65 anos, não aceitava o nôvo conceito de independência no emprêgo dos tanques. Por mais de uma vez, na campanha das Ardenas, êle havia determinado várias paradas, com receio de que os tanques se distanciassem muito da infantaria, criando um flanco extenso e exposto. Nessa ocasião, porém, Hitler visitou o quartel-general de Rundstedt, discutiu a situação e depois resolveu tornar a parada permanente. Os tanques não deveriam avançar mais na direção de Dunquerque. A planície pantanosa de Flandres não era propícia ao emprêgo de tanques, disse Hitler. Os *Panzers* poderiam atolar-se e pôr em perigo seu plano de ataque blindado contra o coração da França.

— Acredito que chegaremos em breve a um acôrdo com a Grã-Bretanha — confessara êle a Rundstedt uma semana antes.

E depois de um fervoroso louvor ao Império Britânico, acrescentara:

— *Êle* deveria ser o senhor do globo e dos mares. Eu deveria dominar a Europa.

Esta história, ràpidamente difundida entre os generais, levou o General Hans Jeschonnek, chefe do estado-maior da Luftwaffe, a observar:

— Hitler suspendeu o avanço dos tanques para Dunquerque para salvar os inglêses de uma vergonhosa derrota.

Talvez a decisão de Hitler tivesse sido influenciada por Hermann Goering, o vaidoso comandante-chefe da Luftwaffe. Quando soube que os tanques se encontravam quase em Dunquerque, Goering deu um murro na mesa e exclamou:

— Vou imediatamente falar com o Führer. Esta é uma missão especial para a Luftwaffe.

Fêz uma chamada telefônica e, em poucos minutos, obteve a concordância de Hitler: Dunquerque seria deixada para a Fôrça Aérea alemã.

Os protestos dos altos chefes alemães vieram de todos os lados.

— Mas é essencial que os tanques ataquem imediatamente! — reclamou irado o General Fedor von Bock. — Se Dunquerque não fôr tomada, os inglêses poderão transportar seu exército para onde quiserem.

— Que significa essa ordem insensata? — exclamou o General Greiffenberg, do estado-maior de operações de Hitler. — Vamos construir pontes de ouro para os inglêses?

O Marechal-de-Campo Albert Kesselring, comandante da Segunda Fôrça Aérea, telefonou a Goering, de Bruxelas, para protestar. Então Goering não sabia que três semanas de luta aérea tinham reduzido de 50 % o efetivo de algumas unidades da Luftwaffe? Que os bombardeiros mais prontamente utilizáveis ainda se encontravam estacionados em campos a 500 quilômetros de Dunquerque? E como Goering se mostrasse inflexível, Kesselring bateu o telefone com um curto *"Nicht lösbar"* (Não dará certo).

As discussões prolongaram-se por três dias, enquanto os britânicos reorganizavam e reagrupavam suas fôrças para defender o pôrto. Na segunda-feira, 27 de maio, Hitler concordou em que se empregasse um limitado número de tanques na região, mas com a condição de desbordarem o pôrto. Dunquerque continuou tarefa da Luftwaffe.

Por mais desesperada que fôsse sua situação — e boatos alarmantes já se espalhavam ao longo dos 150 quilômetros da frente — os inglêses se recusaram teimosamente a perder a cabeça. Na madrugada de segunda-feira, quando os 600 homens do 2.º Regimento de East Yorks se retiravam para o norte de Waterloo, caiu sôbre êles uma chuva de panfletos aconselhando a rendição. Êsses panfletos continham mapas mostrando o Exército Inglês com as costas voltadas para o mar e encravado em uma imensa ferradura. O texto era aterrador: "Soldados inglêses! Olhem para êste mapa; êle lhes dá a verdadeira situação em que vocês se encontram! As unidades estão inteiramente cercadas! Parem de lutar!"

— Bem, rapazes — perguntou o Major Eric Rippingille, olhando demoradamente para os rostos dos que estavam em tôrno dêle — que é que vamos fazer com isto?

Alguém apresentou uma sugestão e houve um murmúrio geral de assentimento, pois a unidade estava de há muito com falta de papel higiênico. E então, estranhamente reanimados, os homens retomaram a marcha.

Entrementes, as unidades que mantinham o perímetro lutavam demonstrando a mesma indiferença ante a superioridade dos alemães, enquanto êstes tentavam cortar o Exército Inglês de Dunquerque. Nas elevações que dominam La Bassée, por exemplo, o Regimento Queen's Own Cameron Highlanders (escocês) ficou quase cercado e, durante dois dias, cumpriu a impossível missão de deter 400 tanques das 7.ª e 8.ª Divisões *Panzer* de Rommel. Mas uma unidade que havia desafiado o próprio Gort jamais cederia ante os alemães. (Alguns meses antes, Gort ordenara aos Highlanders que não vestissem saias no serviço ativo, mas êles continuavam a usá-las.)

De seu pôsto de comando, no porão de uma casa de fazenda, o Ten.-C.el Peter Rose-Miller telefonara em vão pedindo o apoio da artilharia e dos canhões antitanques. Não foi possível atendê-lo. Então, sùbitamente, observando os 400 tanques agrupados na planície embaixo, Rose-Miller teve uma idéia luminosa. Reunindo uns vinte atiradores selecionados, ordenou:

— Se vocês virem um orifício prêto, atirem nêle.

A outro grupo entregou algumas granadas com a recomendação:

— Vamos ver quantos tanques vocês podem caçar!

Os resultados foram melhores do que êle previra. Quando os tanques se puseram em movimento, os Highlanders apontaram para as fendas escuras. À medida que as balas atingiam o alvo, cada comandante de tanque tratou de recolher o periscópio e fechar a viseira. Assim, cegos, os tanques passaram a andar às tontas. E até os artilheiros, ao procurarem respirar um pouco de ar fresco, se arriscavam a receber uma granada hàbilmente introduzida através da tôrre do canhão. "As perspectivas não se apresentavam favoráveis para um ataque através do canal", escreveu Rommel mais tarde. "A situação era extremamente crítica."

Durante 36 horas Rose-Miller manteve uma ação retardadora, até que os *Panzers* finalmente conseguiram passar e o teto da casa começou a arder. Rose-Miller — que já evacuara seus feridos — esgueirou-se então de seu enfumaçado abrigo, atirou-se de cabeça no canal, justamente quando um tanque se aproximava dêle, e emergiu triunfalmente na outra margem para combater outra vez. Seus escoceses de saias tinham pôsto fora de combate 21 tanques de Rommel.

O Capitão Tennant rumou para Dunquerque no fim da tarde de segunda-feira, 27 de maio, a bordo do contratorpedeiro *Wolfhound*. Mal o navio deixou Dover foi atacado por aviões e, durante duas horas, enquanto os canhões antiaéreos vomitavam fogo, o navio ziguezagueou quase ininterruptamente para fugir à chuva de bombas. Foi com dificuldade que Tennant transmitiu suas ordens ao estado-maior: o Comandante Jack Clouston deveria ir ao encontro dos navios que vinham; o Comandante Renfrew Gotto encarregar-se-ia das tropas a partir do pôrto; e o Comandante Harold Conway reconheceria as praias. Cada um dêstes oficiais seria auxiliado por 12 graduados.

Mas quando Dunquerque apareceu à vista, o coração de Tennant quase parou. Por mais pessimista que fôsse, êle nunca imaginaria tamanha devastação. Uma densa fumaça negra, produzida pelo incêndio das refinarias de petróleo, envolvia o pôrto, e os quilômetros de armazéns do cais pareciam de ponta a ponta um enorme braseiro. No céu, bombardeiros de mergulho circulavam e desciam, enquanto as bombas explodiam incessantemente. Naquele instante um conjunto de bombas caiu fragorosamente junto do cais mais próximo, atirando para o alto pedaços de concreto e jatos de água.

— Uma bela recepção que Dunquerque nos oferece — murmurou o Comandante Gotto.

Eram precisamente 18 horas quando Tennant desembarcou e fêz um rápido levantamento da situação. O quadro era terrível. Havia já quatro dias que não existia abastecimento de água em Dunquerque. Uma única linha telefônica ainda continuava funcionando para Londres. Devido a um êrro de interpretação de ordens, foram destruídos mais de 100 canhões pesados antiaéreos, tornando pràticamente nula a defesa contra aviões. E sòmente naquela segunda-feira tinham sido lançadas 30.000 bombas incendiárias e 15.000 de alto teor explosivo. Os 46 hectares de docas e os oito quilômetros de cais estavam reduzidos a escombros, enquanto nas ruínas da cidade jaziam mortos 1.000 homens, mulheres e crianças.

A derrota e a vergonha deram origem à anarquia; alguns grupos de soldados, talvez abandonados por seus oficiais, vagueavam pelas ruas de Dunquerque, repulsivamente propensos à violência. Percorrendo a cidade em chamas, Tennant e seus auxiliares encontra-

ram soldados com marcas de batom no rosto, gritando e gemendo; um sargento, completamente bêbedo, ostentava um boá de penas enrolado ao pescoço.

De repente ouviu-se um tiro e uma bala de fuzil passou assobiando entre Tennant e seus companheiros.

Na meia-luz do crepúsculo divisaram um grupo agitado de soldados inglêses que, nervosamente, com as armas apontadas, avançava na direção dêles. Ao Comandante Harold Henderson pareceu que era hora de voltar. Tennant, porém, aproximou-se do chefe dos desordeiros e calmamente o desarmou.

— Olhe aqui, companheiro — convidou êle, tirando um frasco do bôlso. — Tome um gole. Você vai sentir-se melhor.

Por uma fração de segundo, Henderson julgou que os soldados iriam abrir fogo. Mas a tensão havia passado. Certos de que a Marinha chegara para salvá-los, os homens se tornaram impressionantemente dóceis, entrando logo em forma.

Tennant passou então a dar ordens incisivas a seus auxiliares. As unidades deveriam entrar em forma nas dunas e deslocar-se para a beira da praia em grupos de 50. Nenhum homem embarcaria desarmado. A última ordem do Almirantado determinava: "Faça o possível para trazer os canhões." Se a própria Grã-Bretanha tivesse de ser a derradeira linha de defesa, até mesmo os fuzis seriam em breve de grande valia.

Afora as praias, batidas pelos ventos uivantes do norte, as únicas possibilidades restantes de embarque eram os molhes leste e oeste — longas armações de madeira superpostas a uma estrutura de concreto que penetrava 1.300 metros ancoradouro adentro. Os molhes tinham sido construídos para proteger o pôrto e não se prestavam à atracação de navios. Naquela fase do ano a maré provocava uma correnteza de três nós entre os pilares de concreto, tornando extremamente difícil encostar as embarcações.

Ao cair da noite, Tennant verificou que na maré baixa as águas do Canal tinham recuado quase um quilômetro. O pessoal do serviço de saúde, com as padiolas à altura da cabeça, procurava alcançar dois solitários botes salva-vidas que se haviam aproximado até 100 metros da praia. Os navios a que êles pertenciam não eram mais do que manchas escuras a quilômetro e meio de distância; cada

Evacuação das fôrças aliadas de Dunquerque na concepção do pintor Charles Candell

Foto Underwood & Underwood

viagem de bote até êles exigia 20 minutos de vigorosas remadas, transportando no máximo 25 homens.

Acompanhado de dois auxiliares, Tennant encaminhou-se pensativamente para o molhe de leste:

— Andaríamos muito mais depressa se pudéssemos encostar um navio aqui.

Ràpidamente analisou as soluções e decidiu:

— Vamos tentar. Transmitam ao navio mais próximo a ordem de atracar.

Quando o *Queen of the Channel* respondeu e rumou na direção dêles, os minutos pareceram arrastar-se. Foi preciso primeiro encostar a proa com muito cuidado. A seguir, prendeu-se uma espia. Depois, enquanto Tennant com os nervos tensos observava a manobra, a pôpa deslocou-se lateralmente até encontrar o molhe. Minutos mais tarde o navio estava completamente atracado e os homens já subiam para bordo.

Tennant deu um suspiro de alívio. Afinal, aquilo *era* possível, desde que a sorte ajudasse.

Conforme se verificou depois, 7.669 homens foram postos a salvo na Inglaterra naquele primeiro dia de experiência.

Às 23 horas da mesma segunda-feira, o General Gort, conferenciando no Bastião 32, recebeu a infausta notícia de que a Bélgica havia capitulado. O Rei Leopoldo solicitara um armistício que deveria começar à meia-noite. Conseqüentemente, numa extensão de 30 quilômetros até ao mar, todo o flanco esquerdo do Exército Inglês ficaria descoberto. Gort permaneceu sentado, imóvel, as mãos espalmadas sôbre a mesa e o olhar perdido no espaço.

Êle fôra alertado, horas antes, de que a rendição estava iminente.

— Meu Deus, Gordie, isto é uma sujeira! — exclamara êle então para o Capitão George Gordon-Lennox, um dos oficiais de seu estado-maior.

Todavia, em momento de mais ponderação, Gort reconheceu que tinha sido injusto. Vinte e quatro horas antes da rendição dos belgas êle já havia iniciado a retirada de *seu* exército, sem dar conhecimento ao Rei Leopoldo. Êste também tinha responsabilidade para com seu povo.

A brecha nas linhas aliadas foi desastrosa. Gort, porém, com seus claros olhos azuis brilhando, tratou ràpidamente de fechá-la. As implicações políticas de suas funções se situavam muitas vêzes além do que êle podia controlar, mas o perigo e a perspectiva da batalha fizeram-no reagir como uma carga de cavalaria respondendo ao clarim.

Embora Augusta Hersey não tivesse tido conhecimento naquela noite da rendição dos belgas, de alguma coisa ela ouvira falar. Um oficial de ligação francês tinha pedido pousada para ela em uma fazenda a leste de Dixmude, mas todos os seus apelos não haviam abrandado o coração do agricultor belga; êle não dispunha de camas para os inglêses e sua gente. Augusta arranjou-se com um monte de palha sêca no pátio da fazenda. Na manhã seguinte, quando ela e o motorista Johnson procuravam matar a sêde, descobriram que o agricultor fechara o poço a cadeado.

Augusta compreendia aquela hostilidade. Sendo francesa, ela conhecia por experiência própria a angústia que se abatera sôbre o país. Duas semanas antes os belgas tinham recebido os inglêses com vinhos e flôres; os padres abençoaram os soldados em desfile. Nessa altura, porém, os libertadores se estavam retirando, os belgas se haviam rendido, e, pela segunda vez em sua vida, aquêle povo via-se invadido pelos alemães.

Por tôda a parte havia indícios flagrantes e desesperadores da derrota: bandeiras brancas amarradas nas baionetas dos soldados; lençóis pendurados nas janelas, como se fôsse dia de lavar roupa; um general belga vestindo apressadamente, dentro de seu automóvel, um traje civil. E em cada aldeia os inglêses recebiam os mesmos olhares amargos e hostis.

— Por que êles se viraram contra nós? — perguntou surprêso um sargento, ignorando que as tropas britânicas voltavam para a Inglaterra.

— Sei lá! — respondeu outro. — A gente nunca sabe quem está ganhando esta guerra infernal!

Muitos belgas fugiam ante a aproximação dos alemães. De Lille para diante, na têrça-feira, 28 de maio, cêrca de 800.000 refugiados inundaram e obstruíram as estradas em uma caótica procissão. Os boatos se espalhavam por tôda a parte em meio à confusão: alemães

falando inglês e fardados de oficiais se tinham infiltrado nas linhas para dar indicações falsas aos comboios e provocar o pânico. Perto de Dixmude, uma ordem do Quartel-General Divisionário avisara que pára-quedistas alemães estavam caindo do céu vestidos de freiras, mas que seria fácil identificá-los pelas marcas que as correias do pára-quedas deixariam nas costas dos sabotadores.

O artilheiro William Brewer achou que tudo isso não passava de histórias fantásticas. Entretanto, quando êle e quatro companheiros tomavam chá perto de uma fazenda, o bombardeiro "Geordie" Allen chegou correndo:

— Vocês já viram uma danada de uma freira fazendo a barba?

Esgueirando-se através da pastagem, o grupo viu dois pára-quedistas alemães, com as toucas brancas postas de lado e os crucifixos balouçando pendentes do pescoço, fazendo a barba atrás de um monte de feno. Segundos depois, as "freiras" caíam crivadas de balas de fuzil.

Embora fôsse um dia em que o mundo parecia haver enlouquecido, milhares de soldados, com pena dos refugiados, esqueciam seus próprios sofrimentos para ajudá-los. Um sargento permaneceu durante horas à margem de uma estrada fornecendo chá à multidão que fugia. Um enfermeiro esgotou quase todo o estoque de material para curativos e de leite enlatado que havia em sua ambulância de campanha. Um capelão, que levava o suprimento de pão para o 6.º Lincolns, não pôde resistir ao apêlo de fome que havia nos olhos dos adultos ou nos gritos das crianças. Sem hesitar — embora a unidade estivesse há muito sem pão — êle distribuiu todos os 50 que levava.

Em cada homem a manifestação de piedade tomava um aspecto particular. Alguns ficavam com pena dos cães — animais sem dono, transidos de terror, que enxameavam por tôda a parte, acompanhando qualquer soldado sem coragem para enxotá-los. O que impressionou o General Alan Brooke, que percorria em seu automóvel de campanha a linha Ypres-Comines, foi o riso alvar dos loucos libertados dos asilos e apinhados à beira das estradas.

Em Londres não se podia escapar aos fatos. Às 14h e 45m, em suas cadeiras forradas de couro verde, na Câmara dos Comuns, 600 deputados ouviram sob grande tensão e em profundo silêncio o

Primeiro-Ministro Winston Churchill: após uma luta heróica e desigual, os belgas tinham capitulado. "Entrementes", alertou Churchill, "a Câmara deve preparar-se para receber duras e angustiosas notícias..." Em quatro minutos apenas êle transmitiu as piores.

Mais tarde, no grande Salão de Despachos da residência do Chefe do Govêrno, êle reuniu 25 ministros e lhes disse sem rebuços quanto o futuro poderia ser sombrio. Como que por acaso, concluiu: "Naturalmente, aconteça o que acontecer em Dunquerque, nós continuaremos lutando."

Por uma fração de segundo houve um pesado silêncio. Depois, para surprêsa do velho lutador, irromperam os aplausos. Os 25 graves estadistas manifestaram unânimemente sua aprovação, uns batendo nas mesas com os punhos, outros levantando-se para abraçar Churchill. A enorme sala vibrou com aquela lealdade.

Embora dezenas de navios já houvessem retirado muitos sobreviventes de Dunquerque, o processo ainda era lento demais. Como o molhe de leste permitia a atracação apenas de 16 navios na maré alta, o Capitão Tennant informou ao Almirante Ramsay que a necessidade premente era de navios pequenos — botes a motor, baleeiras, botes salva-vidas ou qualquer embarcação capaz de atracar na praia.

Ramsay fêz uma chamada telefônica para o Contra-Almirante Tom Phillips, vice-chefe do Estado-Maior da Armada, e passou o fone ao emissário de Tennant, Capitão Eric Bush:

— Tome. Fale diretamente com êle.

Phillips ouviu Bush por um tempo e depois perguntou:

— Quantos botes pequenos vocês *querem*? Cem?

Pareceu a Bush que ninguém ainda se tinha dado conta da plena gravidade da situação. Com voz embargada pela emoção, êle respondeu:

— Almirante, não são 100 botes — *todos* os botes que houver no país devem ser enviados, se quisermos ter uma probabilidade de êxito.

O Almirante, que já tinha iniciado duas semanas antes um registro de embarcações de propriedade privada, concordou em mobilizar todos os botes pequenos existentes na Inglaterra.

Entrementes, as melhores tropas da Inglaterra lutavam para manter aberto o perímetro da via de fuga. A infantaria de von Bock, tendo atravessado o canal em Comines, tentava em vão desalojá-los. Quando as próprias tropas de assalto alemãs começaram a retirar-se, seus orgulhosos oficiais, desprezando os abrigos, desafiaram o fogo dos inglêses.

Entre êles, o *Oberleutnant* Georg, comandante do 176.º de Infantaria, permaneceu em pé, com o binóculo assestado, acompanhando o combate. Alguns minutos depois foi atingido por uma bala do 3.º de Granadeiros inglês, mas Georg, soldado até o fim, sentiu-se no dever de fazer um último relatório. Os homens em tôrno dêle, pasmos de admiração, viram-no cambalear e anunciar:

— *Oberleutnant* Georg comunica sua morte em ação!

Depois, fazendo continência, tombou para trás morto.

O 3.º de Granadeiros conseguiu manter um setor vital, empregando recursos inusitados. Após ter repelido ataques sôbre ataques dos alemães, a unidade ficou quase sem munição. Quando o Capitão Stanton Starkey, comandante de uma das companhias de testa, abriu os últimos cunhetes de munição disponíveis, seus homens sentiram um calafrio. Os cunhetes continham apenas foguetes de sinalização.

Mas Starkey havia notado um fato importante: os alemães atacavam segundo um plano rígido. Para manter os Granadeiros abrigados, êles primeiro pediam uma densa barragem de morteiro, por meio de um sinal luminoso Very — vermelho-branco-vermelho. Depois, outro sinal Very assinalava a suspensão da barragem, a fim de que a infantaria pudesse avançar.

Starkey resolveu entrar na brincadeira. Quando a infantaria alemã retomou o avanço, êle ergueu sua pistola e atirou para o céu escuro o sinal convencionado do inimigo: vermelho-branco-vermelho. As granadas de morteiro dos alemães choveram imediatamente sôbre os assaltantes, lançando-os em confusão.

Das posições avançadas alemãs subiu um angustioso sinal de "pare" e, em poucos segundos, o fogo foi suspenso. Reanimada, a infantaria deslocou-se uma vez mais para a frente. Novamente, porém, Starkey lançou o sinal de pedido de barragem. Os alemães, por sua vez, dispararam a contra-ordem, enchendo o céu de sinais vermelhos e brancos. E como Starkey continuasse atirando, o inimigo

desistiu. O fogo de morteiro cessou de repente e a linha Ypres-Comines continuou mantida.

Naquela têrça-feira, segundo dia da evacuação, 17.804 homens foram retirados de Dunquerque.

As baixas em navios e em homens já eram grandes por causa dos inevitáveis percalços na travessia do Canal da Mancha. Cite-se o caso do contratorpedeiro H. M. S. *Wakeful.*

Emperrado navio de 23 anos, construído para uma época já ultrapassada, o *Wakeful* já descarregara todos os seus torpedos e cargas de profundidade a fim de poder transportar maior número de passageiros. Em sua primeira viagem levara 600 homens para Dover. Depois, sem se reabastecer, partiu imediatamente, conseguindo escapar de cêrca de 70 bombas em sua viagem de volta para Dunquerque.

Aos 30 minutos de quarta-feira o *Wakeful* iniciou o regresso à Inglaterra com mais 640 soldados a bordo, balouçando através da escuridão, enquanto o Capitão Ralph Fisher vigiava ansiosamente na ponte de comando. Como o Almirante Ramsay avisara que as águas estavam nessa altura ameaçadas pelos submarinos e pelos contratorpedeiros alemães, Fisher tinha determinado que todos os passageiros ficassem nos porões.

De repente, apareceram na água rastros luminosos que se dirigiam diretamente para o navio.

— Todo o leme para bombordo! — gritou Fisher.

Mas era tarde demais. Um torpedo alcançou o *Wakeful* bem no meio. Com um rangido de ferro retorcido, o velho contratorpedeiro partiu-se completamente em dois, e a proa e a pôpa se ergueram verticalmente como duas tôrres de um arranha-céu.

Os soldados que estavam a bordo não tiveram qualquer oportunidade de salvar-se. Mais de 600 dêles ficaram presos nos porões, numa agonia que durou várias horas. O Capitão Fisher, porém, com outros sobreviventes, foi recolhido pelo rebocador escocês *Comfort;* outros ainda pelo caça-minas *Gossamer.*

A êstes dois navios se juntaram o contratorpedeiro *Grafton* e o caça-minas *Lydd.* Às 2h e 50m, entretanto, dois torpedos atingiram o *Grafton.* Êste não afundou, embora um dos torpedos, atravessando a praça de armas, matasse 35 oficiais.

A confusão tornou-se completa e, em meio à escuridão e ao frio, o *Lydd* abriu fogo contra o que parecia ser um bote torpedeiro alemão. Os canhões do *Grafton* o acompanharam, com as aclamações da tripulação, convencida de que atiravam contra o agressor do *Wakeful.* Tratava-se, porém, de um êrro trágico: os dois navios estavam fazendo fogo contra o *Comfort.*

Para os sobreviventes do *Wakeful,* ainda nos porões do *Comfort,* foi um momento de pavor total. Nus, pois suas roupas estavam secando na cozinha, êles correram para o tombadilho, mas apenas para aí serem recebidos por uma saraivada de balas. Frenèticamente, Fisher gritava:

— Pelo amor de Deus, parem! Somos todos inglêses!

Mas ninguém ouvia. Com um fragor tremendo, o *Lydd* abalroou o *Comfort.* E sòmente quando a tripulação pulou para bordo do outro navio para fazer prisioneiros e encontrou apenas dois sobreviventes foi que verificou a enormidade do êrro.

Poucas horas depois a tragédia teve seu complemento. Na rota para Dunquerque, o mestre do H. M. S. *Ross* sentiu o sangue gelar nas veias. Destacando-se dentro da neblina da madrugada, como grotescos leviatãs, apareceram a proa e a pôpa do *Wakeful.* De alguma parte do interior do casco vinham os gritos sinistros de homens irremediàvelmente prisioneiros.

Houve um momento de estupefação. Depois, gravemente, o Comandante James Follington dirigiu-se aos artilheiros do *Ross.* Ninguém teve dúvidas quanto à intenção de suas palavras:

— Não estou dando uma ordem, mas se um canhão disparar por acidente, nada direi a respeito.

Os canhões vomitaram fogo, piedosamente, e seus ecos soavam como trovões do céu. Depois, com um último borbulhar agitado, o *Wakeful* desapareceu.

No lusco-fusco que precedeu a alvorada de quarta-feira, o Capitão Eric Bush, tendo transmitido seu apêlo em favor da remessa de embarcações pequenas, retornou para a área de evacuação a bordo do caça-minas *Hebe.* Ao chegar ao largo de La Panne — onde Gort instalara seu quartel-general, a 14 quilômetros de Dunquerque, costa acima — percebeu que havia algo estranho nas praias.

— Que acha você que sejam aquelas manchas escuras? — perguntou a John Temple, comandante do *Hebe*.

O nevoeiro da madrugada dificultava a visibilidade.

— Não posso saber — respondeu Temple — a menos que sejam sombras projetadas pelas nuvens.

O céu, porém, estava perfeitamente límpido. Em seguida, quando o nevoeiro se dissipou, a espantosa realidade tornou-se evidente e os dois homens prenderam a respiração, mudos de assombro.

— Meu Deus — exclamou o Capitão Bush — são soldados!

Apinhados em vastos grupos êles bloqueavam as praias, enquanto imensas filas, como serpentes negras, desciam dos cômoros de areia. Em cada metro dos 14 quilômetros que vão de La Panne a Dunquerque, o cais parecia prolongar-se mar adentro — cais humano, as fileiras de frente com água até o pescoço, esperando pacientemente os botes.

E mais gente estava chegando, como Bush acabava de verificar — outros milhares de soldados, formando uma corrente contínua para Dunquerque, através dos campos, na mais estranha retirada já feita por um exército. Alguns vinham em motonetas e bicicletas de criança; outros empurravam seus feridos em carrinhos de mão. Um sargento montava um enorme cavalo branco, enquanto um bombardeiro guiava um trator com canhão a reboque. Um grupo se acomodara em um carro de lixo de Bruxelas, outro vinha montado em vacas. Alguns fuzileiros do Lancashire viajavam em um caminhão; quando o radiador secou, êles gravemente passaram um balde de mão em mão e nêle verteram as necessidades da natureza; depois encheram o radiador com o líquido assim coletado e continuaram a viagem. "Sigam na direção da fumaça negra", informavam quando êles perdiam o rumo; é que as fogueiras de Dunquerque eram visíveis a uma distância de quase 50 quilômetros.

Muitos só conseguiram chegar por verdadeiro milagre. Um soldado do Regimento de Guardas foi capturado e trabalhou três dias na cozinha para os alemães até que pôde escapar. Um motorista caminhou uma noite inteira, seguindo a luz traseira de um comboio; quando clareou o dia, ao divisar a cruz suástica no tanque que ia à sua frente, fêz meia-volta e correu para longe.

"Os generais de vocês já foram embora", diziam os panfletos de

rendição para a turba em retirada, enquanto que, atormentada pelas picadas dos mosquitos e muitas vêzes faminta e exausta, ela se movia na direção de Dunquerque, imersa em um pesadelo que jamais seria esquecido. Um motorista relembra a fome e a sêde que o levaram a comer excremento de vaca com água estagnada de um valado. Um sargento recorda como seus homens choravam ao cavar sepulturas para um grupo de freiras e criancinhas colhidas por uma metralhadora emboscada. Os inúmeros que vieram a pé jamais esquecerão os sofrimentos por que passaram. Com os pés cobertos de bôlhas enormes êles marchavam enrolando-os em sacos, o sangue correndo das botas. Um único pensamento os animava: se conseguissem alcançar Dunquerque, a Marinha os transportaria.

Para os auxiliares do Capitão Tennant, o ritmo da evacuação parecia terrìvelmente lento. No molhe de leste a maré subira 4,50 metros, tornando difícil o embarque rápido dos navios, e uma forte rebentação atirava detritos sôbre a praia. Na tarde de quarta-feira, 11 navios se encontravam na extremidade do molhe de leste, enquanto as águas no interior estavam coalhadas de contratorpedeiros, barcaças e outras embarcações. O céu, completamente limpo, era um convite ao Barão von Richthofen, o general que, de seu quartel-general em uma fazenda perto de St. Pol, distante 80 quilômetros, comandava uma fôrça de 180 bombardeiros Stuka de mergulho.

Eram quase 16 horas quando veio o ataque. O céu pareceu escurecer para os lados do oeste e dentro de minutos a primeira vaga de Stukas surgiu como uma nuvem negra. Richthofen havia adaptado apitos de brinquedo nos aviões e nas bombas; assim, quando desciam cada vez mais baixo, os bombardeiros produziam um som terrível, que gelava o sangue dos homens apinhados nas praias. Em um extenso mergulho, êles varriam os 14 quilômetros de água entre Dunquerque e La Panne.

A Real Fôrça Aérea, embora tentando com um heroísmo suicida fornecer cobertura aérea para o Exército Inglês cercado, não tinha ainda aprendido a enfrentar a tática da Luftwaffe, de modo que os navios amontoados junto ao molhe de leste ficaram à mercê dos atacantes. Todavia, enquanto houve uma embarcação flutuando, as tropas continuaram a subir para bordo, sem se importarem com

as bombas. O Capitão Bernard Lockey, no navio de transporte de pessoal *Canterbury,* via-os entrar em forma disciplinada, em coluna por três, e homem por homem voar aos pedaços.

Ali perto, alguns Stukas mergulharam sôbre o contratorpedeiro *Grenade.* Três bombas sibilantes atingiram o alvo, uma delas entrando pela chaminé e deixando os marinheiros se debatendo no convés, sôbre uma escorregadia camada de sangue e de óleo. Depois, de proa à pôpa queimando como uma acha de lenha, o *Grenade* deslizou lentamente, sem contrôle, para o canal de navegação. Durante segundos pareceu inevitável que o contratorpedeiro fôsse afundar, bloqueando a entrada do pôrto e paralisando inteiramente a evacuação.

O Comandante Jack Clouston gritou para um pesqueiro que rebocasse o *Grenade,* e lentamente o navio avariado foi retirado do canal. Um instante depois seu paiol incendiou-se e, com uma violência que poucos homens jamais presenciaram, 1.000 cartuchos de munição voaram pelos ares.

Nas praias, enormes colunas de água se levantavam até 30 metros de altura quando os Stukas, sibilando, desencadeavam seus ataques. Toneladas de areia desmoronavam dos cômoros, sufocando os que tinham cavado abrigos muito profundos. Um homem corria perdidamente pelas dunas, com um pano enrolado na cintura e dizendo-se o Mahatma Gandhi. Outros, que haviam saqueado uma loja de brinquedos abandonada, vagueavam perdidamente, apertando ursinhos de pano contra o peito e chorando. Um inferno de chamas envolvia o pôrto; dos guindastes retorcidos pingava metal em fusão. E enquanto os caças alemães, voando baixo, disparavam suas metralhadoras, os cadáveres boiavam por tôda a parte.

Para muitos, porém, o espetáculo mais horripilante foi o do vapor *Crested Eagle,* com suas chapas incandescentes e as vigas do convés encurvando sob a ação do calor, como uma carapaça de tartaruga. Milhares de espectadores nas praias viram, apavorados, os tripulantes — envoltos em chamas da cabeça aos pés — dançando como dervixes, gritando e se atirando ao mar.

Apesar de tudo, enfrentando quadros de incrível horror, muitos homens reuniram incomparável coragem. No navio costeiro *Bullfinch,* um soldado de nervos rijos tirou o pistão dos lábios, deu

um murro em um companheiro atacado de histeria e continuou tocando o hino "Terra de Esperança e de Glória" sem falhar uma nota. Na praia, um oficial francês, não suportando a fúria cega dos ataques, sugeriu a um major inglês que ambos se abrigassem. O major, porém, limpando calmamente as unhas, recusou, alegando que estava de guarda a uns morteiros. Mais tarde, ao voltar, o francês encontrou seu amigo irreconhecìvelmente mutilado. Voltando-se para seus homens, exclamou:

— Os inglêses são bravos. Êste oficial morreu com as mãos bem tratadas, mas agora, vejam, até as unhas dêle foram reduzidas a pedaços!

A bordo do *Oriole,* no pôrto, o Tenente Edwin Lacey Davies tomou uma decisão rápida. As tropas que êle via amontoadas ao longo da praia necessitavam de um cais. Mas o único cais de que Davies dispunha era o próprio *Oriole,* de 432 toneladas — um velho vapor que fôra convertido em caça-minas.

— Só há uma coisa a fazer — disse êle a seu subtenente. — Vou encalhar o navio até a próxima maré alta. Assim, os outros poderão atracar nêle seus botes.

Lentamente Davies virou a proa do *Oriole* para ficar no rumo de terra. Depois, com suas hélices revolvendo a água, o navio arrancou para a praia até que se deteve com um estremeção.

Aquêle fôra um gesto nobre. Durante tôda a tarde, mais de 2.500 homens, agrupando-se no *Oriole,* passaram a salvo para as baleeiras e botes salva-vidas de outros navios. Embora a Luftwaffe continuasse atacando impiedosamente, nenhuma bomba interrompeu a manobra.

Quando subiu a maré seguinte, o *Oriole,* com 600 homens a bordo, estava novamente navegando para a Inglaterra. Ao chegar, Davies escreveu um relatório dirigido ao Almirante Ramsay: "Encalhei deliberadamente o H. M. S. *Oriole.* Minha finalidade era acelerar a evacuação das tropas. O navio voltou a flutuar sem avarias aparentes. Pretendemos encalhar outra vez, se assim fôr julgado necessário."

A resposta de Ramsay sintetizou todo o espírito de Dunquerque: "Ação integralmente aprovada!" A despeito dos ataques dos Stukas, 47.310 homens foram, naquela quarta-feira, transportados para a Inglaterra. Era mais do que a Marinha esperara recolher em tôda a operação. O total já atingia a 72.783 homens.

O Almirante Jean Abrial, comandante francês em Dunquerque, se mantivera sempre convencido de que os inglêses estavam evacuando apenas suas tropas não essenciais. Na quinta-feira, porém — 4.º dia da evacuação — a realidade o atingiu com violento impacto: o exército de Gort retirava-se em massa. Furioso, Abrial exigiu uma explicação. (Segundo a organização aliada, Lorde Gort estava tècnicamente subordinado ao alto comando francês.)

Gort replicou sêcamente que cabia aos governos francês e inglês resolverem o assunto entre si. Esta resposta deixou Abrial tão encolerizado que, mais tarde, êle ameaçou interditar todo o pôrto e, se necessário, prender Gort.

— Que é que êsse Lorde Gort está pensando que é? — explodiu o almirante para o Capitão Harold Henderson, oficial de ligação naval inglês.

Implorando ao almirante que não tomasse uma decisão apressada, Henderson comunicou-se imediatamente com o Almirante Ramsay em Dover:

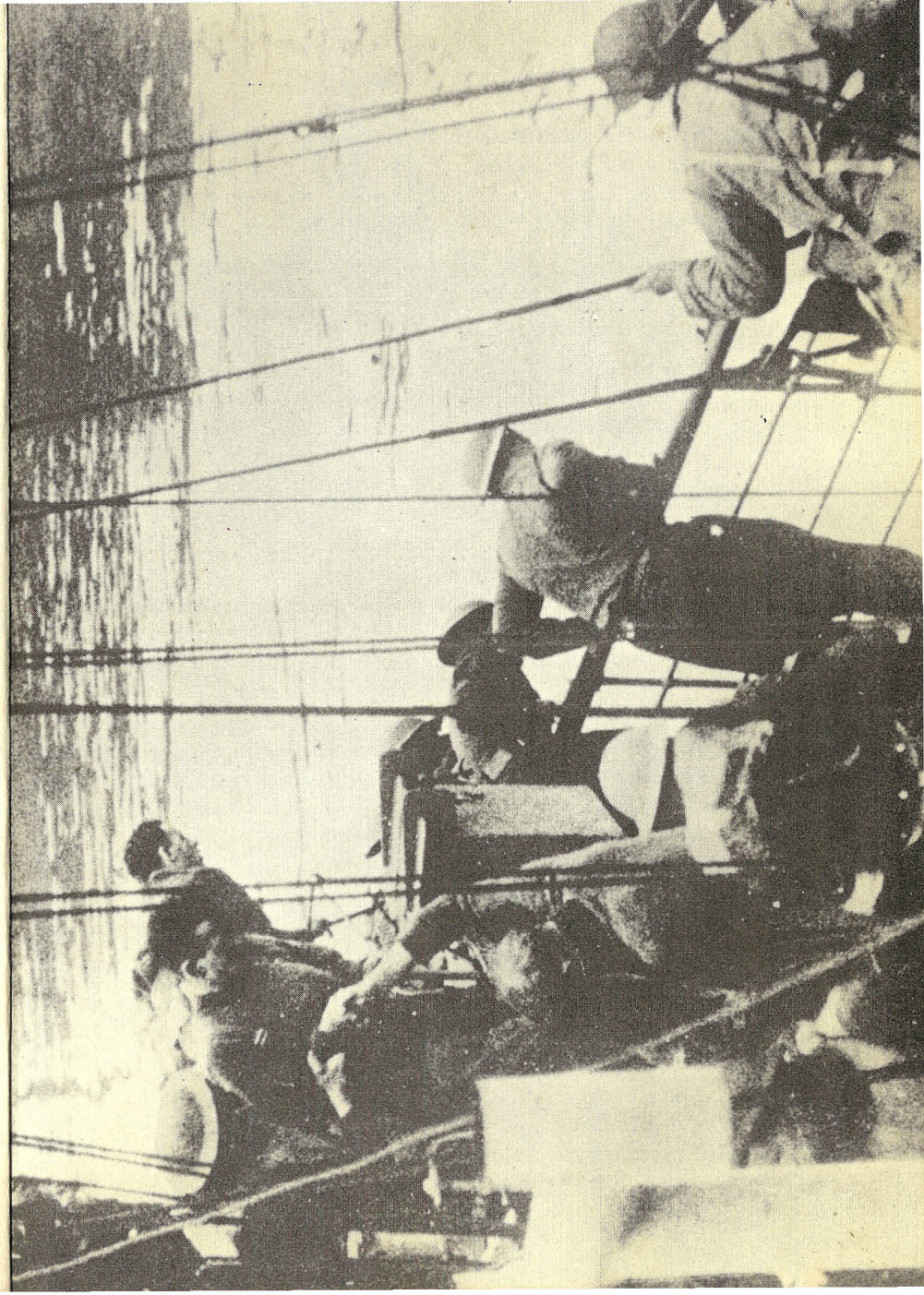
— Escute, a evacuação está em curso já há dias e ninguém disse uma palavra a êsse respeito ao almirante francês.

A seguir, acrescentou um detalhe vital: não só o govêrno de Abrial deveria pô-lo a corrente da situação, mas ainda os soldados franceses deveriam ter oportunidades iguais de salvamento. Ramsay concordou desde logo, prometendo submeter o assunto pessoalmente à consideração de Winston Churchill.

Henderson sentiu-se mais confortado ao desligar o telefone. A evacuação continuaria, os inglêses lado a lado com os franceses, embora êle jamais pudesse esquecer a amarga reprimenda do Almirante Abrial.

— O senhor deve lealdade a seu país, mas não se esqueça de que faz parte de meu estado-maior. Não lhe teria sido possível reunir lealdade bastante para fazer com que *eu* soubesse o que estava acontecendo?

Para Gort, porém, imerso na crise ininterrupta de comandar um exército derrotado, não havia dúvida quanto a quem deveria êle ser leal com prioridade. Até o momento, a luta tenaz de suas tropas da linha de frente tinha impedido que os alemães cortassem a retirada. Mas ainda havia quase 200.000 homens dentro da cabeça-de-



Soldados inglêses ajudam seus camaradas
a subir em um navio
ao amanhecer do dia 13.6.1940

Foto UPI

ponte de Dunquerque — 50.000 dêles prontos para embarcar — e, qualquer que fôsse a sua sorte, Gort queria participar dela.

— Você pode dizer lá na Inglaterra que nada no mundo me fará ir embora — declarara êle a seu jovem ajudante-de-ordens, o Capitão Visconde Lorde Munster, quando êste, na noite anterior, embarcava para Dover. — Ficarei aqui e lutarei até ao último cartucho!

Mas Lorde Munster sabia que, para que a Inglaterra pudesse subsistir, homens como Gort seriam desesperadamente necessários para o prosseguimento da luta. Ao chegar a Londres, na manhã de quinta-feira, o jovem aristocrata foi imediatamente avistar-se com Winston Churchill — o único homem em tôda a Inglaterra que poderia forçar Gort a mudar de idéia.

Quando Munster chegou, o Primeiro-Ministro estava de pijama, com um vistoso roupão prêto e dourado, e tinha acabado de fazer a refeição da manhã. Imediatamente chamou seu criado e providenciou roupa enxuta para seu visitante que, tendo na noite anterior viajado numa baleeira, estava ainda completamente molhado.

O jovem visconde não perdeu tempo em apresentar seu relatório: o comandante-chefe estava disposto a sacrificar sua própria vida, mas tinha de ser trazido de volta.

Homem que nunca se afastava de seus hábitos, Churchill preparava-se para tomar seu banho:

— Acredito que você não seja exageradamente pudico, meu jovem amigo.

Munster respondeu que não era.

Poucos momentos depois, metido em enormes roupas interiores de lã, que o envolviam como uma bata, Munster sentou-se no bordo da banheira, enquanto Churchill, chapinhando alegremente na água, o ouvia em silêncio. "Faltava apenas um pato de celulóide côr-de-rosa para completar o quadro", recorda Munster carinhosamente.

Mas o velho guerreiro percebeu desde logo o ponto de vista de Munster: a morte de Gort à frente de seus homens seria uma perda injusta.

— Devemos evitar isso — rosnou o Primeiro-Ministro.

E tão logo terminou o banho, redigiu uma ordem incisiva: Gort deveria nomear um sucessor e regressar à Inglaterra. "Não se admi-

tem ponderações de sua parte", dizia a ordem. "Se o inimigo o fizer prisioneiro, isso corresponderá a um triunfo que devemos evitar."

Havia já dois dias que as embarcações pequenas se estavam reunindo ao longo da costa, procedentes de Margate e Dover, de Portsmouth e Sheernes, enfim de todos os portos possíveis, descendo ao refluxo da maré — uma frota de quase mil barcos, onde havia pesqueiros manchados de sal, lanchas a motor, reluzentes lanchas-cruzeiro, barcaças, rebocadores e botes salva-vidas. E na tarde de quinta-feira os oficiais adidos ao Agrupamento de Embarcações Pequenas receberam as últimas instruções em Ramsgate, um pequeno pôrto pesqueiro perto de Dover.

— Podem partir — disseram-lhes. — Boa sorte, e naveguem ao encontro do estampido dos canhões.

E os frágeis barcos moveram-se rumo ao inconfundível concêrto do canhoneio de Dunquerque, que ecoava como uma trovoada sôbre o mar.

Jamais houvera uma frota como aquela. Tripulada por ricos e famosos, por pobres e desconhecidos, por jovens e velhos, ela era uma frota internacional de misericórdia, uma verdadeira Organização das Nações Unidas de barcos e homens. Um monge dominicano comandava o iate *Gulzar*. Um funcionário do Banco da Inglaterra apresentou-se para o serviço em um bote salva-vidas, usando guarda-chuva, chapéu-côco e calças listradas. O camaroteiro chinês Ah Fong serviu chá a bordo do *Bideford,* e o Conde de Craven trabalhou como terceiro-maquinista no rebocador de salvamento *St. Olave*. O californiano John Fernald comandou um dos 12 botes salva-vidas rebocados pelo rebocador *Racia,* e uma tripulação irlandesa, com intérprete próprio, guarneceu o caça-minas *Fitzroy*.

Houve quem tomasse parte na operação a despeito do protesto das autoridades. A aeromoça Amy Goodrich — a única mulher a receber uma condecoração de Dunquerque — jurara que, enquanto houvesse enfermeiras a bordo do navio-hospital *Dinard,* ela embarcaria também. E embarcou. Quando a Marinha tentou requisitar o *Bee* — navio a motor, de 70 toneladas — sem aproveitar sua tripulação, o maquinista Fred Reynard protestou tão violentamente

que foi levado à presença do Almirante Sir William James, comandante-chefe em Portsmouth.

— Queira desculpar, Almirante, mas o que é que os jovens oficiais da Marinha Inglêsa entendem de motores suecos? — perguntou Fred obstinadamente. — Eu venho cuidando dêsses motores desde 1912.

— Não podemos garantir que você regresse desta empreitada — disse-lhe o almirante, fugindo à pergunta. — Você já estêve alguma vez sob fogo?

Como ex-soldado da Primeira Guerra Mundial, Fred tinha uma resposta à altura:

— Alguma vez ouviu falar de Gallipoli?

O almirante sabia quando devia ceder; Fred Reynard e sua tripulação partiram para Dunquerque, embora jamais tivessem navegado em águas mais largas do que os 6,5 quilômetros do canal, entre Portsmouth e a Ilha de Wight.

Centenas de embarcações, construídas para pequenas travessias de rios, enfrentavam o mar pela primeira vez. Poucas dispunham de proteção contra minas e quase tôdas eram desprovidas de armas e de provisões adequadas. Uma tripulação partiu levando como alimento apenas um vidro de pastilhas de leite maltado. A bordo de certo rebocador um grupo de padioleiros verificou que não havia material de penso; sem hesitação, êles despiram suas roupas interiores e as transformaram em tiras para curativos. Não querendo ficar atrás, o comandante logo determinou aos seus homens que aproveitassem tôdas as toalhas, fronhas e mesmo as camisas dêle.

A frota de cascas de nozes sulcava as águas: o *Count Dracula,* lancha que pertencera a um almirante alemão e fôra afundada em Scapa Flow, em 1919, mas posta novamente a flutuar alguns anos depois; o pesqueiro *Jacinta,* cheirando a bacalhau; o famoso iate de regatas *Endeavour;* o bote do Iã-Tzé, *Mosquito,* eriçado de armas para proteger o rio contra os piratas chineses; e o bote de praia *Dumpling,* construído no tempo de Napoleão, com um comandante de 70 anos.

Quando a frota se aproximou de Dunquerque, até os mais empedernidos marinheiros sentiram um nó na garganta; absurda, porém magnífica, ela não tinha precedente na história naval do mundo.

No passadiço do contratorpedeiro *Malcolm* o Tenente Ian Cox viu, emocionado, os botes conduzidos pelo *Woolton* — uma velha e desengonçada barcaça de transporte de carros da Ilha de Wight. Com a voz embargada, Cox recitou os versos clássicos do *Henrique V* de Shakespeare, que falavam de outra batalha em França:

> E os gentis-homens, ora repousando na Inglaterra,
> Julgar-se-ão execrados por não estarem aqui;
> E se sentirão humildes quando alguém referir
> Que lutou conosco no Dia de São Crispim.

A flotilha de salvamento mergulhou em um inferno então quase indescritível. Dois milhões de toneladas de óleo que se derramava dos tanques do pôrto bombardeado rugiam numa fogueira imensa, subindo a 3.300 metros e estendendo-se por mais de um quilômetro de largura. O ar tinha um cheiro horrível — mistura de fumaça, carne de cavalo putrefata, tabaco deteriorado, cordite, alho e óleo rançoso. Ruídos sinistros feriam os ouvidos: o sibilar das bombas, o estridor frenético da buzina emperrada de uma ambulância abandonada; os relinchos dos cavalos das tropas francesas, rodopiando e arremetendo em pânico; e, absurdamente, a toada das gaitas de foles, ao longe, nas dunas.

Ao longo dos 30 quilômetros de praia mergulhados na névoa, colunas infindáveis ainda se arrastavam pelas areias. Por vêzes, a proximidade aparente dos navios de salvamento fazia dezenas de soldados desprezarem tôdas as precauções e correrem para o mar e geralmente para a morte. Do convés do contratorpedeiro *Impulsive* o foguista Walter Perrier observava uma cena de horror em câmara lenta: homens completamente equipados, com os fuzis suspensos acima da cabeça, avançavam com dificuldade na direção do navio. Repetidamente, como que aparvalhados, êles tentavam vencer as ondas, até que o mar os engolia.

Algumas vêzes, depois de se debaterem na água, as tropas se amontoavam de tal modo nos botes que as tripulações não podiam manejar os remos. Após ter arrostado a forte rebentação, uma baleeira alcançou a praia sòmente para ser emborcada pela fúria incontida

de 20 soldados. Antes que a tripulação pudesse endireitar o barco os homens afundaram no mar revôlto como se fôssem de chumbo.

A essa altura já milhares de soldados estavam prestes a morrer de fome. Com sua estação ferroviária bombardeada, Dunquerque ficara privada há dias de quase todos os suprimentos; os homens, desesperados, catavam qualquer coisa que pudessem mastigar. A sêde também constituía um terrível tormento. Por tôda a parte havia soldados vagueando entre as dunas, com os lábios ressequidos, cobertos de areia, chupando pedrinhas e lambendo água das sarjetas.

Não obstante, o bom-humor não desaparecera de todo. De um ponto dominante nas dunas um sargento não parava de rir, contemplando seis marinheiros de primeira viagem que, praguejando e suando, remavam inùtilmente em um bote salva-vidas, sem avançarem uma polegada. Foi preciso que o pessoal de uma lancha, que passava perto, lhes explicasse que o bote estava ancorado de proa e de pôpa.

Declamando a arenga pitoresca de um mágico de feira, outro sargento se mantinha em água até a cintura fazendo truques com moedas e cartas de baralho. Ali perto, alguns homens escutavam um concêrto de harmônica. Quatro soldados dos Engenheiros Reais faziam acrobacias com suas motocicletas, e outro, montado em um cavalo castanho, realizava, como um cossaco, piruêtas de um número de circo. Mais além, 22 homens encontraram balizas, bastão e bola e improvisaram uma partida de críquete. Cada vez que um caça isolado mergulhava disparando suas metralhadoras, êles se dispersavam... voltando ràpidamente às suas posições tão logo passava o perigo.

Gort ordenara que todos os meios de transporte, ressalvados os indispensáveis, fôssem destruídos, a fim de que não ficasse para trás nenhuma coisa de utilidade para os alemães. "Queimem, rebentem tudo o que pertencer à Inglaterra!", tal foi a interpretação de um oficial. Assim, por tôda a parte se viam homens manejando martelos e tochas com a selvagem energia de vândalos. Os caminhões eram reunidos em locais designados e aí transformados em enormes piras funerárias. Foi então que o General Harold Alexander teve a idéia de tirar partido da destruição dos veículos. Uma vez que a Marinha

tanto necessitava de cais, raciocinou êle, por que não construir um, enfileirando caminhões dentro da água?

E assim foi feito. Obstinadamente um motorista levava seu veículo mar adentro, o mais longe possível, enquanto uma fila de caminhões, aos solavancos e roncando, seguia atrás. Em seguida, outros homens completavam a tarefa, serrando pranchas e amarrando-as às capotas dos veículos, até formar uma espécie de molhe com uns 20 caminhões enfileirados. Dentro em pouco já os soldados marchavam em coluna por três sôbre essas passadeiras, embarcando nos botes salva-vidas e nas baleeiras que, não fôra isso, êles jamais alcançariam.

À medida que o tempo passava, o engarrafamento do tráfego se tornava mais acentuado ao longo das linhas de retirada. Os velhos caminhões de leite e de lavandaria, que tinham sido aproveitados para transporte de pessoal, enguiçavam a todo o momento. As estradas principais estavam totalmente bloqueadas. Em Watten e Moeres os franceses tinham aberto as comportas, inundando a planície numa extensão de 25 quilômetros. A finalidade dessa providência era retardar os alemães, mas ela ocasionou também um enorme engarrafamento no tráfego meio submerso dos veículos inglêses em retirada.

Um soldado ficou tão irritado com o caos daí resultante, que correu para o General Alexander e esbravejou:

— O senhor aí que parece que é um figurão pode informar-me onde a gente consegue um bote para a Inglaterra?

Embora os oficiais de seu estado-maior quisessem intervir, exasperados, Alexander não se perturbou:

— Siga aquêle grupo ali, meu filho.

Em retribuição o soldado exclamou:

— Muito obrigado. O senhor é o melhor camarada que encontrei nestes 100 quilômetros.

Mas o Capitão Edward Bloom, infelizmente, encontrou um general que ainda queria que as coisas se fizessem segundo determinam os regulamentos. Antes de os 380 homens de Bloom poderem deslocar-se para o pôrto, recomendara o general, Bloom deveria apresentar uma relação em três vias com os nomes de todos êles — um formulário côr-de-rosa usado na burocracia do tempo de paz. O capitão, naturalmente, não dispunha do formulário, mas, entrando em uma casa vazia, encontrou um rôlo de papel higiênico, onde laboriosamente escreveu o nome de todos os homens de sua companhia. Depois voltou ao general.

— O senhor está brincando comigo, capitão? — explodiu o oficial superior.

Bloom, porém, se manteve imperturbável:

— Cumpri suas ordens da melhor maneira que pude, mas não tenho papel carbono.

Por um instante o general bufou e esbravejou, mas Bloom e seus homens conseguiram passar. O papel higiênico, devidamente preenchido, fizera as vêzes de passaporte para Dunquerque.

De todos os comandantes que se encontravam na praia de La Panne talvez o que deu maior assistência aos seus homens tenha sido o Major Valdes Gates. Muitas vêzes, na testa de uma fila, com água pelo pescoço, êle acompanhou até aos botes o maior número possível de seus comandados, antes de regressar, encharcado, para as dunas. O major era muito devotado à sua tropa e esta lhe retribuía a afeição. Mas não fôra sempre assim. Quando sua unidade estava acampada em Liévin, ao tempo da "falsa guerra", Gates se preocupara com as desordens que ocorriam nos bordéis e cafés da vizinhança; para resolver o problema, exigira que seus homens comparecessem incorporados à igreja e fizessem longas marchas completamente equipados. Essa luta contra o pecado despertara forte ressentimento entre seus comandados — até que a retirada começou e êles se deram conta de que estavam em condições de suportar pesadas etapas, enquanto outras unidades fraquejavam no caminho.

Então, tìmidamente, um de seus sargentos se aproximou dêle:

— Em nome dos outros, gostaria de dizer-lhe que, quando o senhor inventou aquelas marchas e idas à igreja, nós achamos uma bobagem. Hoje, porém, estamos orgulhosos porque o senhor teve "peito" para nos treinar.

Uma onda de afeição dominou Gates. Reconhecendo que seus homens nesse momento necessitavam não de disciplina, mas de confôrto, êle se levantou e gritou:

— Ajoelhem-se todos! O capelão pedirá a Deus Todo-Poderoso que tenha piedade de nós.

E enquanto o padre rezava uma oração Gates olhou em tôrno de si e sentiu o coração apertado. Não só os 500 soldados de sua unidade, mas centenas de outros tinham ajoelhado na areia, formando um mar de cabeças descobertas, inclinadas em silenciosa adoração.

Aquela quinta-feira foi o dia mais rendoso da evacuação. Com o auxílio de inúmeras embarcações pequenas, que baldeavam as tropas para os navios maiores, foi possível salvar 53.823 homens.

Mas o custo da operação era espantoso. Na sexta-feira os trapiches de Dover se haviam transformado em enormes estaleiros, onde carpinteiros, mecânicos e mergulhadores trabalhavam frenèticamente na reparação dos navios avariados. Cada entrada no pôrto de Dunquerque era um pesadelo para os pilotos tendo de atravessar uma floresta de mastros e superestruturas afundadas. Naquela manhã soprou um vento forte e, quando a arrebentação aumentou nos baixios, dezenas de embarcações pequenas perderam o rumo e encalharam. Ademais, as linhas de defesa se tinham contraído de tal modo que o pôrto já estava dentro do alcance dos canhões alemães, permitindo que durante tôda a manhã os ancoradouros fôssem batidos pelo fogo da artilharia, enquanto em La Panne as granadas caíam ao longo da praia numa extensão de um quilômetro.

Dificilmente castigo semelhante já fôra infligido a um conjunto de navios ou tropas. Ramsay e Tennant achavam que só um milagre seria capaz de salvar aquêles homens — mais de 100.000 — que ainda aguardavam transporte.

Mas a Inglaterra estava na época dos milagres. As tripulações dos pequenos navios trabalhavam febrilmente; as embarcações vinham em número cada vez maior, fazendo lembrar ao Capitão de Toulouse-Lautrec, a bordo do navio francês *Sirocco,* os Campos Elísios na hora de maior movimento. Elas continuaram chegando durante todo o dia — barcaças de rio com seus remos maciços e suas velas avermelhadas, um abastecedor de hidravião da RAF, o pequeno navio *Minotaur,* tripulado por jovens Escoteiros do Mar, e até uma barcaça contra incêndio do Corpo de Bombeiros de Londres.

Poucas tripulações dispunham de capacete de aço para protegê-las contra os estilhaços das granadas. Os homens do pesqueiro de ostras *Vanguard* cobriram a cabeça com tigelas de ágata e baldes de zinco

enquanto levavam tropas para um iate. Numerosos botes retornaram à praia mais de uma vez, sempre sob fogo. Um bote salva-vidas — o *Prudential,* tripulado por civis — trabalhou ininterruptamente durante 30 horas, transportando da praia para os contratorpedeiros 160 homens de cada vez, rebocando outras embarcações que se tinham avariado, conseguindo um total de 2.800 homens salvos.

Entrementes, animadas pelo aumento constante da frota, as unidades continuavam deslocando-se ao encontro das embarcações. Muitos soldados descobriram processos próprios para deixarem a praia. Um homem flutuava sôbre uma porta; outro, sôbre um caixão; outros ainda sôbre jangadas feitas de barris. Do caça-minas *Ross,* um marinheiro presenciou com admiração um soldado que, sentado numa câmara-de-ar, remava frenèticamente com o fuzil.

Assim, graças a uma coragem e uma determinação indomáveis, prosseguiu o milagre de Dunquerque. Contra tôdas as previsões, 68.014 homens foram levados para a Inglaterra naquela sexta-feira, 31 de maio — o mais elevado número conseguido em 24 horas, durante tôda a evacuação.

Às cinco horas da manhã de sábado, 1.º de junho, o Visconde Gort desembarcou relutante em Dover de um bote anti-submarino. Um representante do Govêrno foi recebê-lo em automóvel oficial e apressou-se em demonstrar sua satisfação por ver que o comandante-chefe regressara são e salvo.

— Que eu esteja são e salvo? — comentou Gort com azedume. — Não é isso o que interessa. O que interessa é que o meu exército regresse!

Boa parte dêle *já* havia regressado. A maioria da BEF, assim como milhares de soldados franceses (que Churchill havia concordado fôssem também evacuados), já se encontravam na Inglaterra. Entretanto, mais de 65.000 inglêses, inclusive as melhores unidades que mantinham a retaguarda, ainda se encontravam em Dunquerque, bem como 50.000 franceses. Gort receava que os alemães dentro em pouco alcançassem as praias e pusessem fim à evacuação.

A Luftwaffe procurou realmente conseguir o máximo. Às 7h e 20m da manhã Richthofen desencadeou um ataque geral que deveria prolongar-se por quase todo o dia. Mas então seus aviões encon-

traram uma oposição mais efetiva por parte da RAF, sendo recebidos, quando voavam baixo, pelo fogo concentrado dos fuzis de milhares de soldados enraivecidos. Hora após hora, enquanto os Stukas continuavam mergulhando, as unidades se deslocavam pacientemente para os navios.

Um número impressionante — 64.429 homens — foi transportado para a Inglaterra naquele dia. Às 18 horas, porém, o Capitão Tennant julgou que a Marinha estava pagando um preço muito elevado pela evacuação à luz do dia. Os contratorpedeiros ficaram reduzidos a apenas nove, e outras perdas em navios se apresentavam desproporcionais ao número de homens que ainda deveriam ser salvos.

Naquele momento, enquanto êle observava, seis Stukas atacaram o velho contratorpedeiro *Worcester,* bombardeando-o impiedosamente cada cinco minutos de tal modo que o navio deixou o pôrto com um total de baixas de 350 mortos e 400 feridos. Tendo chegado a uma decisão, Tennant declarou positivamente ao General Alexander, sucessor de Gort:

— Lamento muito, general, mas chegamos ao fim. Vou pedir a Ramsay que suspenda a remessa de mais navios.

Irônicamente, o dia acabou para a Luftwaffe em grande desapontamento e frustração. Quando, ao escurecer, o último de seus avariados Stukas chegou à base, o Barão von Richthofen soube que o bombardeio de Dunquerque fôra suspendido. Hitler havia ordenado uma alteração de objetivos. A partir de segunda-feira, todos os aviões deveriam estar em condições de bombardear os aeroportos nos arredores de Paris.

No momento em que o caça-minas *Speedwell* entrava em Dover, ao cair da tarde de sábado, um oficial de embarque foi receber o comandante no cais:

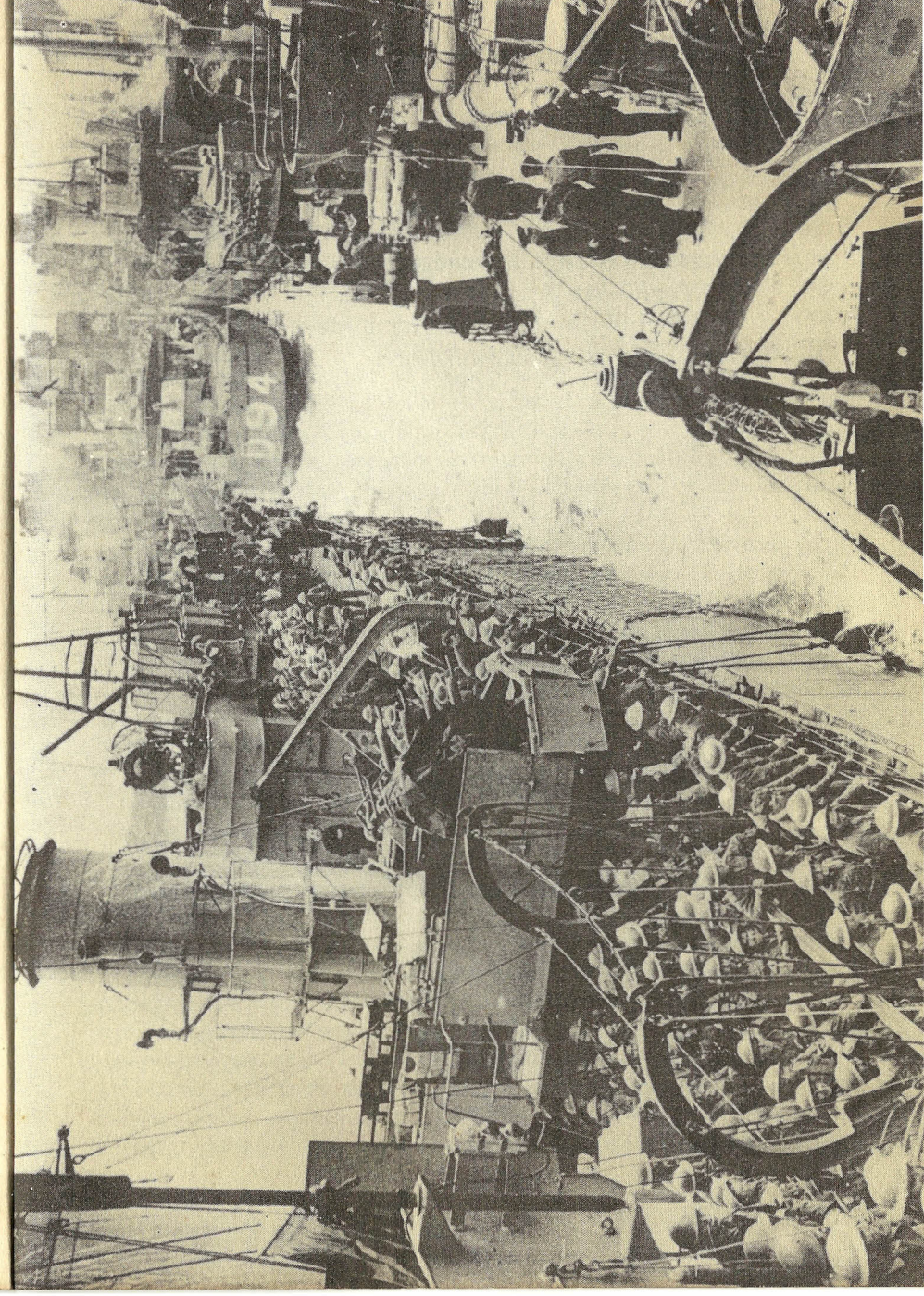
— Quantos homens a bordo?

A resposta veio pelo megafone:

— Quinhentos e cinqüenta e nove homens e uma mulher!

Em meio a uma gargalhada que troou por todo o navio, Augusta e Bill Hersey certificaram-se de que estavam finalmente salvos.

A viagem fôra um tormento. Por mero acaso, Bill encontrara a espôsa a tempo de embarcarem juntos no contratorpedeiro *Ivanhoe.*



Destróieres inglêses chegam a um pôrto na Inglaterra
conduzindo os homens que puderam ser salvos de Dunquerque

Foto UPI

Horas depois, porém, o *Ivanhoe* sofrera um pesado bombardeio. O casal conseguiu escapar do navio no último minuto, passando para o *Speedwell,* que fôra em seu socorro.

E então, ao fim de tormentosa viagem, êles desembarcaram em uma Inglaterra fremente de entusiasmo. Ante o espetáculo de milhares de soldados que ininterruptamente desciam dos navios, era evidente que a maior parte do Exército Inglês fôra salva, dando margem a que uma atmosfera de exuberante alegria dominasse o pôrto.

Durante todo o domingo uma enorme multidão encheu as ruas e pontos de desembarque ao longo dos 65 quilômetros que vão de Dover a Londres, ovacionando os trens carregados de tropas. Por tôda a parte havia demonstrações de regozijo; galhardetes e bandeiras do tempo da coroação, a frase "Aprovado, BEF" rabiscada nos muros dos jardins, bandas tocando "Saudemos o Regresso dos Heróis Conquistadores".

Naquela noite de domingo mais 26.256 homens regressaram para desfrutar essas homenagens. Mas para 68.000 outros — os mortos ou capturados na retirada — não haveria a ovação de boas-vindas. Na estação de estrada de ferro de Dover centenas de pessoas presenciaram a mesma cena repetida inúmeras vêzes: as faces pálidas e fatigadas das espôsas e noivas, emergindo de uma floresta de mãos agitadas para fazer as perguntas ansiosas:

— O senhor não viu o meu Johnny?

— Não sei quem é, meu bem; qual a unidade dêle?

— Dorset — o 2.º de Dorset.

— Há uns soldados de Dorset no vagão seguinte; talvez êle esteja lá.

Com um pouco de sorte, talvez estivesse mesmo.

Surpreendentemente, a evacuação — então realizada principalmente à noite — continuou até as primeiras horas de têrça-feira, 4 de junho. Durante aquêles últimos dias a artilharia dos alemães podia bater o pôrto com precisão. A intervalos certos de dez minutos, as granadas rebentavam sôbre os navios que se amontoavam no cais. Soldados às dezenas, perdidos de seus oficiais, escondiam-se nas ruínas da cidade, desencorajados, sem ter quem os dirigisse através daquele corredor de fogo. Mas, quando êles não apareciam, a Marinha en-

viava patrulhas para encontrá-los. Os extraviados eram recolhidos sem incidentes, pois a disciplina, daí por diante, foi rígida e impecável até ao fim.

Naqueles últimos dias outros 52.921 homens foram evacuados, a maioria franceses, elevando o número dos recolhidos ao quase inacreditável total de 338.226 homens, dos quais 139.911 não eram inglêses, mas soldados das tropas aliadas.

Mas, como o Primeiro-Ministro se apressou a assinalar, "não se ganham guerras com retiradas". E a Inglaterra havia pago um preço desmesurado para a salvação de seu Exército, tendo perdido mais de 200 navios e 177 aviões, inclusive 40 % de seus bombardeiros de primeira linha. O equipamento de dez divisões lá ficou, inutilizado e abandonado, nos campos de Flandres — destroços de mais de 2.000 canhões, 60.000 veículos, 76.000 toneladas de munição e quase 600.000 toneladas de suprimentos e combustível. Para enfrentar as 200 divisões alemãs, nessa altura restava apenas equipamento para duas. E em tôda a Inglaterra havia — como mais tarde Churchill revelou — sòmente 500 canhões de 75 mm e obuseiros... muitos dêstes retirados dos museus.

A sobrevivência da Inglaterra estava naturalmente em jôgo; seu fim, para muitos alemães, era apenas uma questão de tempo. Ao clarear da têrça-feira, o Major Hans Sandar e seus artilheiros, descendo para as praias de Dunquerque, detiveram-se atônitos diante dos milhares de veículos que cobriam as praias e as estradas e atulhavam as águas costeiras. Sandar gritou para seu motorista:

— Exatamente o que estávamos procurando. Ponha fora meu carro, tire aquêle Buick de dentro da água e faça-o funcionar.

Quando Oberst Priesz, o comandante de seu regimento, observou que "os inglêses foram embora", o Major Sandar apontou para a devastação e comentou:

— Os inglêses estão liquidados.

O alto comando tinha a mesma impressão, inclusive o próprio Führer.

— Agora pouco ouviremos falar dos inglêses nesta guerra — declarou Hitler mais tarde ao General Ewald von Kleist.

Sòmente os próprios inglêses se negaram a aceitar que estivessem

irremediàvelmente batidos. Winston Churchill falou pela Inglaterra ao anunciar ao Parlamento naquela mesma tarde:

"Nós não fraquejaremos nem desertaremos. Iremos até o fim. Combateremos na França, combateremos nos mares e oceanos... Defenderemos nossa Ilha, custe o que custar. Lutaremos nas praias, lutaremos nos campos de pouso, lutaremos nas campinas e nas ruas, lutaremos nas colinas... Não nos renderemos jamais."

E a História registrou que êles jamais se renderam.

A Guerra Secreta de Censores *versus* Espiões

Mary Knight

Fui uma censora de guerra, uma das 15.000 bisbilhoteiras que durante quatro anos abriram correspondência, escutaram conversas telefônicas, e meteram o bedelho nas películas cinematográficas, em tudo que é matéria impressa e nos programas de rádio.

A princípio sentíamo-nos culpadas. Estávamos fazendo uma coisa que quase tôdas detestávamos: meter o nariz na vida alheia. Mas não foi preciso muito tempo para nos convencermos da necessidade da censura. Quando a fumaça ainda pairava sôbre as ruínas de Pearl Harbor, uma das primeiras cartas que abrimos, no laboratório improvisado no banheiro de uma casa de Honolulu, descrevia em detalhe os resultados do ataque. O destino dessa carta era o Japão, através de canais tortuosos.

A censura era uma arma de dois gumes. Não só subtraía ao inimigo informações essenciais, como nos fornecia elementos valiosos a seu respeito. Por exemplo, um pedaço de uma carta, um pedaço de outra, e assim sucessivamente, proporcionaram a um censor a descrição minuciosa de certa rota comercial japonêsa e permitiram o afundamento de cinco cargueiros japonêses no mesmo ponto.

Uma conversa telefônica interceptada revelou o esconderijo de uma grande quantidade de precioso quinino açambarcado pelo mercado negro. O exame de um telegrama denunciou a presença em Havana de um espião alemão que se intitulava negociante de vestidos de senhoras e que recebia dinheiro misteriosamente, através de vários bancos. Foi prêso, julgado, condenado e fuzilado. No total foram presos 189 espiões nos Estados Unidos e em quase todos os casos a censura desempenhou algum papel.

Quando Byron Price assumiu as funções de Diretor da Censura, seu escritório de Washington não era mais que um quarto emprestado. Mais tarde os serviços expandiram-se a 90 edifícios nos Estados Unidos e a censura americana, juntamente com a canadense e a inglêsa, organizou a primeira rêde de censura mundial.

A maioria dos censores era constituída por peritos nos diversos ramos. Tínhamos necessidade de decifradores, tradutores, técnicos, jurisconsultos, financistas e até filatelistas. (Uma carta de um filatelista para outro continha uma fôlha de selos que revelava, mediante um código engenhoso, a data e ponto de partida do couraçado *Iowa,* assim como o seu destino.) Um professor da Universidade de Columbia lia nove línguas, inclusive o sânscrito, e podia identificar 95 outras. Entre os idiomas com que tivemos de lidar figuravam o haitiano crioulo; o hindustani escrito no alfabeto Braille; o japonês romanizado pelos portuguêses (missionários portuguêses estiveram no Japão no século XVIII e romanizaram a língua que é usada atualmente por grupos de japonêses no Brasil) e o papiamento (falado em Curaçau e que contém vocábulos holandeses, espanhóis, portuguêses e inglêses, aprendidos de marinheiros). Nossos lingüistas liam estenografia em 300 idiomas.

Todos os dias passavam pelas nossas mesas um milhão de cartas. O correio aéreo sòmente podia ser retido durante 24 horas e o correio comum, 48. Não abríamos a correspondência das altas entidades do govêrno americano e dos governos aliados, mas tínhamos que inspecionar cuidadosamente os envelopes, pois os agentes inimigos iam até o ponto de falsificar os envelopes do Departamento de Estado e da própria Casa Branca. Tôda a correspondência era cotejada com uma lista das pessoas que sabíamos ou suspeitávamos serem inimigas. Aquela relação continha geralmente de 75.000 a 100.000 nomes. As cartas dirigidas a tais pessoas ou por elas subscritas eram submetidas a tratamento especial e as restantes passavam imediatamente para as mesas de exame.

Cada censor possuía uma lista volumosa, com a indicação dos assuntos em que estavam interessadas as diversas entidades oficiais:

o Departamento do Tesouro, nos negócios financeiros; o do Comércio, nos negócios em geral; o do Trabalho, em assuntos trabalhistas; o Bureau Federal de Investigação (FBI), nas atividades suspeitas, e assim sucessivamente. Além disso havia também um índice com os artigos ou produtos mais variados, tais como platina, galochas, dragas, pêlo de animais, urânio, etc.

Algumas cartas interceptadas permitiram localizar depósitos de borracha, fôlha-de-flandres e mica, e por indicação de um censor descobriu-se um carregamento de zinco, a caminho da Argentina; o navio foi encontrado em pleno oceano e, naturalmente, forçado a regressar. Outra carta revelou que uma firma de Nova York estava negociando a venda de mil toneladas de sucata de níquel a uma casa sueca; o metal destinava-se à manufatura de aço duro que iria parar na Alemanha. Ainda outra carta desvendou um plano nazista para a venda de um milhão de garrafas de champanha aos espanhóis, obtendo dêstes quantia correspondente a cêrca de 120 milhões de cruzeiros em divisas estrangeiras. Um negociante sul-americano escreveu a um amigo relatando uma peça que ia pregar aos ianques, vendendo à armada americana 700 toneladas de carne de má qualidade; está claro que isso não passou de plano.

Uma senhora alemã escreveu a seu filho nos Estados Unidos, informando-o de que quando regressasse poderia ir de trem para o emprêgo. As investigações complementares permitiram descobrir uma nova estrada de ferro que foi bombardeada sem demora. O mesmo aconteceu a uma grande fábrica de material bélico, próximo de Dresde, que estava marcada num mapa interceptado pelos censores de Miami.

Nas fronteiras dos Estados Unidos examinávamos os jornais transportados pelos passageiros de aviões e trens. Uma mulher que prendemos trazia escondida em um ramo de flôres uma mensagem com a data da partida de um comboio marítimo. Um agente alemão queixava-se, em uma carta escrita em tinta simpática, que a censura dos viajantes tinha paralisado as suas atividades. Terminou por ser prêso na fronteira.

Nossas suspeitas eram constantemente aguçadas por novas descobertas, como a tentativa de passar diamantes dentro de bombons, e a apreensão, dentro de lata de conserva com fundo falso, do

relatório dos trabalhos de um ano, no hemisfério ocidental, da I. G. Farbenindustrie, que também se empenhava em atividades de espionagem para os alemães.

O problema mais difícil era, porém, o relativo às comunicações em código e em tinta simpática. Examinávamos minuciosamente tôdas as cartas, em busca de símbolos ou sinais, frases extravagantes e papel ressequido ou arranhado, pois até simples arranhões incolores denunciavam fibras de papel deslocadas pela escrita com tinta invisível. Tôdas as cartas com essas ou outras características, assim como a correspondência escrita ou recebida por pessoas na lista dos *vigiados,* eram enviadas para a Divisão de Operações Técnicas (TOD). A TOD era o nome propositadamente vago dado ao laboratório de investigação de Washington encarregado de pesquisar códigos, cifras e tintas simpáticas. Distante da cidade e sem janelas, sòmente admitia a entrada de cêrca de uma dezena de empregados, os quais submetiam as cartas a reagentes químicos capazes de revelar tôdas as tintas invisíveis conhecidas. A correspondência era depois examinada sob a luz de raios ultravioleta.

Descobrimos milhares de códigos e cifras, dos quais remetemos 4.600 ao FBI e a outros serviços de informação militar. Havia códigos "abertos" e "fechados". Os primeiros utilizavam frases aparentemente inocentes para encobrir comunicações perigosas: "Mamãe chega Bilbau dia sete"; "mamãe" podia significar um comboio e Bilbau podia ser Gibraltar. Os códigos fechados usavam letras, números e símbolos em vez de palavras. Eram menos perigosos que os códigos abertos porque indicavam automàticamente a natureza secreta da mensagem.

Aos censores mais hábeis cabia fiscalizar as conversas telefônicas internacionais. Sentados a uma mesa, com os fones aos ouvidos, seguravam um lápis em uma das mãos e tinham a outra junto à chave do circuito, prontos para interromper imediatamente qualquer uma das partes. Todavia, as maiores dificuldades eram causadas pelos altos funcionários do govêrno, especialmente em momentos de crise. Depois da conferência de Teerã, por exemplo, o ajudante-de-ordens de um general identificou um a um com seus nomes e patentes — algumas muito altas — todos os passageiros

importantes e a rota e pontos de escala de um avião de transporte, quase convidando o inimigo a preparar uma emboscada.

Todos os telegramas expedidos dos Estados Unidos eram transmitidos por teletipo à mais próxima das 12 estações de cabo submarino americanas. Quando compreendíamos o seu conteúdo e tínhamos a certeza de que era inocente, permitíamos que seguisse, mas, quando tínhamos dúvidas, procedíamos a uma segunda verificação. O telegrama de um soldado encomendando "quatro libras de orquídeas" para sua namorada foi alterado para "quatro libras de plantas florais", pois os nomes de flôres podiam encobrir um código. Outro censor modificou para "Papai faleceu" um telegrama que dizia "Papai morreu" e o destinatário traiu a sua qualidade de espião ao responder com outro telegrama em que perguntava "papai morreu ou faleceu?".

Ao todo a censura interceptou cêrca de 400 cartas e comunicações secretas de grande importância. Os que tinham manifestado inicialmente ceticismo sôbre "essa história de espiões" ficaram estupefatos quando viram uma carta pessoal, de aparência inocente, dirigida a uma mulher em um hotel de Nova York, revelar sob os reagentes químicos uma mensagem que começava:

"Escreva ou visite Teresa. Ela recebe dinheiro do Sr. Miller..."

A destinatária, Grace Buchanan-Dineen, havia três meses tinha passado pelo contrôle de viajantes nas Bermudas, a caminho de Nova York. Embora nunca houvesse estado nos Estados Unidos, trazia consigo os endereços de numerosas pessoas residentes nesse país. Isto fêz com que fôsse colocada imediatamente na lista dos suspeitos. Um dos censores informou tê-la conhecido em Londres, não como uma refugiada judia, que ela dizia ser, mas como uma húngara católica.

Apesar destas incongruências não foi prêsa no momento, pois queríamos continuar a ler-lhe a correspondência. E efetivamente acabou por revelar a presença de cinco cúmplices que, com ela, foram condenados a penas pesadas.

Outra espiã tinha um plano de comunicação extremamente hábil, mas acabou por trair-se. Havia organizado um negócio de compra e venda de bonecas com correspondentes em todo o mundo. Suas cartas comerciais constituíam um disfarce excelente para as comunicações que enviava para o Japão sôbre a situação e movimentos dos navios aliados, de acôrdo com o que observava durante as suas viagens de negócios à costa do Pacífico.

"Deixei minhas três bonecas inglêsas no consêrto; estarão totalmente reparadas dentro de alguns meses."

Isto queria dizer três navios britânicos. Bonecas siamesas significavam porta-aviões mistos.

Estas e outras frases igualmente nocivas teriam passado despercebidas se a espiã não tivesse assinado algumas cartas com o nome de outros negociantes do ramo. As cartas destinavam-se à Argentina, para um enderêço que ela obtivera dos japonêses. No entanto o enderêço estava errado e as cartas acabaram por ser devolvidas aos remetentes. Êstes, como era de esperar, não compreenderam a história e foram contá-la ao FBI que, por sua vez, a transmitiu à censura. Começamos então a escrutinar tôdas as cartas sôbre bonecas, assinadas por Velvalee Dickson ou qualquer outra pessoa, e acabamos por acumular provas suficientes para prendê-la. Passado algum tempo confessou-se culpada do crime de evasão à censura e foi condenada a dez mil dólares de multa e dez anos de prisão.

Uma carta dirigida a um certo Hirzel, na Suíça, que se achava na lista dos suspeitos, falava em "fechar a casa". Após uma investigação minuciosa, o FBI descobriu que a "casa" era em Staten Island, Estado de Nova York, e que Fred Lehmitz (Lewis) a havia transformado em pensão para marinheiros. Lehmitz também trabalhara em um restaurante de marinheiros e em ambos os lugares obtivera dados sôbre o movimento de navios. Foi prêso e confessou-se culpado.

Os alemães, porém, não sabiam que estávamos interceptando a correspondência de Hirzel e passado algum tempo apanhamos outra carta, desta vez assinada por R. O. Gerson. O texto, absolutamente inocente, encobria informações sôbre a produção de explosivos, escritas com uma nova tinta simpática. O jôgo começava a tornar-se perigoso e nas cartas seguintes Gerson confessou-se assustado: "É possível que tenha de fugir", e pedia aos superiores que não voltassem a escrever-lhe. A tinta que empregava estava quase no fim; teria que escrever a carta seguinte com outro líquido e assinaria "Peel". Quando voltou a escrever, transmitiu algumas infor-

mações militares. Foi prêso pelo FBI e quando lhe apresentaram as provas acumuladas contra êle não hesitou em confessar que era um espião alemão — o Conde von Rautter, cidadão americano naturalizado.

A censura das cartas também nos permitiu descobrir três espiões interessados nas novas bases do Alasca: uma mulher que pretendia visitá-las disfarçada de índia; um espião que projetava montar uma estação de rádio na floresta; e um agente que pedia tinta simpática. No total interceptamos cêrca de um milhão de cartas e telegramas que continham informações capazes de prejudicar-nos.

Todos os tipos de censura tiveram êxito surpreendente. Durante 29 meses ficamos na expectativa de uma notícia relativa a algo fora do comum, o que veio a concretizar-se com a explosão de Hiroxima. Todos os censores comunicavam quaisquer referências a urânio. Em 1.º de abril de 1943 Byron Price pediu aos jornais, revistas e comentadores de rádio dos Estados Unidos que suprimissem tôdas as referências à desintegração do átomo, ao urânio e a outros assuntos correlativos. As crônicas, as histórias em quadrinhos e até as críticas teatrais tinham de ser fiscalizadas. Uma revista apresentou-nos para exame, à última hora, uma novela em série sôbre a conquista do Japão por bombas atômicas! É claro que a história foi suspensa.

O nosso maior êxito, no que se refere à supressão de notícias, graças à cooperação do rádio e da imprensa, consistiu na possibilidade de ocultar dos japonêses os resultados do seu famoso V-I, o balão de papel que carregava uma bomba e era lançado ao espaço quando o vento soprava na direção dos Estados Unidos. O segrêdo que se conseguiu manter em tôrno do assunto convenceu os japonêses de que as bombas não chegavam aos Estados Unidos e abandonaram o plano, após terem lançado 10.000 balões-bombas*.

* Ver "O Mistério dos Balões Japonêses", página 430.

De Quem é a Culpa do Massacre de Katyn?

G. F. Hudson

O episódio hoje conhecido por Massacre da Floresta de Katyn foi noticiado pela primeira vez pelos alemães em abril de 1943. Numa colina coberta de abetos dominando o Rio Dnieper, perto de Smolensk, na Rússia, soldados nazistas tinham encontrado os cadáveres de vários milhares de oficiais empilhados em valas comuns.

Acusando os russos de terem cometido êsse assassinato em massa após a sua invasão da Polônia, em 1939, os nazistas enviaram turmas de médicos não alemães a Katyn para corroborarem a descoberta e levaram vários prisioneiros aliados para ver os corpos.

Os russos revidaram imediatamente acusando os nazistas da autoria do crime. Eis a versão russa: Quando os exércitos vermelhos se retiraram de Smolensk, em julho de 1941, tiveram de deixar para trás os oficiais poloneses prisioneiros. Os nazistas fuzilaram os poloneses, forjando então a história de Katyn com fins de propaganda.

Durante o período de cordialidade ocidental-soviética do pós-guerra, a versão russa foi aceita como autêntica. Todavia, alguns membros do Congresso Norte-Americano, instados por um grupo chefiado pelo ex-Embaixador Americano na Polônia, Arthur Bliss Lane, tentaram, com insistência, investigar novamente o caso de Katyn e em 1951 foi instituída no Congresso uma comissão especial de inquérito para examinar todos os indícios existentes. — *Condensado de "Time".*

Condensado de "Commentary"

ENTRE as famosas atrocidades da História, destaca-se o Massacre de Katyn pela dúvida que reinou durante longo tempo quanto aos seus verdadeiros autores. Hoje, porém, existem provas suficientes para se chegar a uma conclusão.

Para a Polônia, o Massacre de Katyn foi uma catástrofe nacional. Cêrca de um têrço da oficialidade do Exército Polonês de antes da guerra, tanto da ativa como da reserva, desapareceu na Rússia. Os poloneses não podiam deixar de interessar-se profundamente em descobrir o que acontecera aos seus oficiais desaparecidos, e empenharam-se numa ampla investigação, cujos resultados foram publicados no decorrer de 1951/52 em três livros de autores poloneses diretamente interessados.

A história de Katyn começa com o aprisionamento de grande parte do Exército Polonês em setembro de 1939 pelas fôrças soviéticas que invadiram a Polônia pelo leste, dezessete dias depois de os alemães a terem invadido pelo oeste. Quase todos os prisioneiros oficiais, aproximadamente nove mil, certo número de graduados, a gendarmaria e guardas de fronteira, perfazendo o total de 15 mil homens, foram internados em três campos, em Kozielsk, Starobielsk e Ostashkov. Aí foram submetidos a longos interrogatórios sôbre suas opiniões políticas e atividades políticas anteriores. Em abril de 1940, cêrca de 400 oficiais, considerados amigos, foram conduzidos a um campo em Pavlishchev Bor. Os restantes tiveram destino ignorado.

Em outubro de 1940, as tropas alemãs entraram na Romênia e o govêrno soviético compreendeu então, pela primeira vez, que Hitler poderia, a despeito do pacto nazi-soviético, avançar sôbre a Ucrânia. Três semanas depois, um oficial polonês pró-soviéticos, o Ten.-C.el Berling, foi convidado, juntamente com dois outros, a entrevistar-se com os chefes da NKVD, Beria e Merkulov, em Moscou. Perguntaram-lhes se queriam ajudar na organização de unidades militares polonesas que seriam, possìvelmente, empregadas contra os alemães. Berling concordou e sugeriu que os oficiais poloneses desaparecidos fôssem incluídos no plano, ao que Beria respondeu:

— Não, êsses não. Cometemos um grave êrro com êles.

A enigmática observação, repetida por Berling, deu muito que pensar aos demais prisioneiros poloneses.

Quando Hitler lançou suas tropas contra a Rússia, a U.R.S.S. concordou em conceder "anistia" a todos os prisioneiros poloneses e permitiu que o govêrno polonês em Londres formasse com êles um exército. Imediatamente, afluíram poloneses de tôdas as partes da União Soviética para alistar-se, mas quase não havia ex-oficiais entre êles. Afirmavam as autoridades soviéticas que todos os prisioneiros poloneses tinham sido libertados e que desconheciam o paradeiro de cada um individualmente.

Quando, após vários meses, nem um só polonês dos que haviam sido internados em Kozielsk, Starobielsk ou Ostashkov (excetuando-se os 400 levados para Pavlishchev Bor) compareceu aos centros de recrutamento, as autoridades militares polonesas ficaram inquietas. Através da organização subterrânea souberam que as famílias dos desaparecidos não recebiam cartas dêles desde maio de 1940.

Em dezembro de 1941, o Primeiro-Ministro polonês, General Sikorski, levou o assunto diretamente a Stalin. Stalin aventou, apenas, que os prisioneiros desaparecidos poderiam ter escapado para a Mandchúria — o que implicava em terem sido enviados para a Sibéria. Um inquérito que durou ano e meio, no qual estavam representados também os embaixadores inglês e americano em Moscou, não revelou o menor indício dos oficiais. Os chefes poloneses chegaram à conclusão de que as autoridades soviéticas estavam mentindo, que os prisioneiros não mais viviam.

Ao anunciarem, em abril de 1943, o descobrimento dos cadáveres na floresta de Katyn, os alemães declararam que os oficiais poloneses tinham sido vítimas de um massacre russo e convidaram a Cruz Vermelha Internacional a investigar. O govêrno soviético não só se recusou a permitir tal investigação, mas ainda rompeu relações diplomáticas com o govêrno polonês por não ter imediatamente repelido as alegações alemãs. Ao mesmo tempo deu a conhecer nova versão sôbre o destino dos oficiais: haviam sido aprisionados pelos alemães durante a sua invasão, em julho de 1941.

Se essa versão é verdadeira, os chefes soviéticos deviam estar sabendo o que ocorrera durante todo o tempo em que foram alvo de perguntas a respeito. Por que não disseram que os prisioneiros poloneses, juntamente com centenas de milhares de soldados russos, haviam caído em mãos dos alemães? Se os russos eram inocentes, não havia motivo para não o admitirem; mas, se eram culpados,

havia forte razão para não contarem tal história. Enquanto afirmaram não saber onde estavam os oficiais poloneses, ninguém podia provar que êles tinham morrido. Agora, porém, os corpos tinham sido encontrados.

Depois que ocuparam novamente a área de Katyn, em setembro de 1943, os russos designaram uma "Comissão Especial para Investigar e Comprovar os Fatos Relacionados com o Fuzilamento de Oficiais Poloneses pelos Agressores Fascistas Alemães na Floresta de Katyn". Essa comissão compunha-se inteiramente de cidadãos soviéticos. Seu relatório declarou que os alemães, tendo assassinado os prisioneiros poloneses no outono de 1941, deliberaram acusar os russos da autoria do crime e, para isso, em março de 1943 — um mês antes de anunciar a descoberta das sepulturas — desenterraram todos os corpos, tiraram todos os documentos com datas posteriores a abril de 1940 e tornaram a enterrá-los.

Antes de se retirarem de Katyn, os alemães permitiram à Cruz Vermelha Polonesa exumar e examinar os cadáveres. A Cruz Vermelha Polonesa não fêz nenhuma declaração pública e não podia, por isso, ser acusada de ajudar a propaganda anti-soviética alemã. Contudo, seu relatório completo das provas foi enviado ao govêrno polonês em Londres pelo serviço subterrâneo. Os indícios encontrados nos cadáveres consistiam no seguinte: 3.300 cartas e cartões-postais, nenhum com data ou carimbo ulterior a abril de 1940; certo número de diários, todos terminando em abril ou na primeira semana de maio de 1940 (um dêles descrevendo, como última ocorrência registrada, a viagem, sob escolta da NKVD, para a floresta de Katyn); centenas de jornais e recortes de jornais, todos datados de março ou abril de 1940.

O relatório da comissão soviética não dá a entender que a Cruz Vermelha Polonesa estivesse mentindo, mas sim que os alemães removeram tôda a documentação com data posterior a abril de 1940, enganando assim os investigadores.

Êste é o nó de tôda a história. Joseph Mackiewicz, que visitou Katyn com a Cruz Vermelha Polonesa, não tem dificuldade em refutar a explicação soviética. Em primeiro lugar, escreve êle, não era apenas uma questão de remover papéis, mas também de substituí-los por outros, de reescrever e forjar detalhes em diários e especialmente de obter ou reproduzir o necessário número de jornais russos da primavera de 1940. Mesmo, porém, que tivesse sido levada a cabo tôda essa fraude, o processo de colocar falsos documentos nos cadáveres era tècnicamente impossível.

"Estando tudo impregnado de repugnante e pegajoso líquido dos cadáveres", escreve Mackiewicz, "era impossível desabotoar os bolsos ou tirar as botas. Foi necessário cortá-los à faca para achar os objetos pessoais... Nenhuma técnica permitiria passar revista àqueles bolsos, tirar alguns objetos e pôr outros em seu lugar, depois abotoar os uniformes e empilhar os corpos novamente, camada sôbre camada..."

Seria evidentemente impossível ocultar os vestígios da fraude. Redundaria em certa autodenúncia para os alemães apresentarem semelhante trabalho aos peritos imparciais da Cruz Vermelha Internacional. Devemos, pois, concluir que a exumação e nova inumação efetuadas, segundo os russos, em março de 1943, nunca tiveram lugar, e que as datas dos documentos encontrados nos cadáveres indicam a data do massacre.

E, se sabemos quando foi praticado, sabemos também quem o praticou.

Arthur Bliss Lane

Ex-Embaixador Americano na Polônia

Não pode haver mais dúvida alguma sôbre a responsabilidade do Kremlin no crime hoje conhecido como um dos mais revoltantes dos nossos tempos. A comissão investigadora do Congresso dos Estados Unidos encontrou numerosas provas que confirmam esta conclusão.

Há a declaração feita pelo Ten.-C.el John H. Van Vliet, Jr., um dos quatro oficiais aliados prisioneiros obrigados pelos alemães a irem a Katyn. "Eu detestava os alemães", conclui a declaração de Van Vliet, "e não queria acreditar nêles. Só com grande relutância concluí serem os russos os autores."

Van Vliet frisou que os uniformes e botas dos cadáveres estavam

em boas condições, o que dificilmente seria o caso se os oficiais tivessem sido mortos após dois anos em campos de prisioneiros. Outros investigadores declararam que muitos dos oficiais vestiam casacos de peles e agasalhos de lã — traje pouco adequado para o mês de agôsto, quando os vermelhos dizem que os poloneses foram fuzilados.

O Ten.-C.el Donald Stuart, outro oficial americano forçado pelos alemães a presenciar as exumações de Katyn, atesta. "Deixei Katyn convencido de que os russos tinham executado aquêles homens. *Aquêle* massacre não podia ter sido falsificado ou forjado."

O C.el Henry I. Szymanski, oficial de ligação americano no quartel-general do Exército Polonês, contou à comissão que fôra enviado pelo Departamento da Guerra Norte-Americano para investigar as atrocidades de Katyn. Em seu relatório, beseado em conversas com centenas de poloneses que tinham conhecimento do morticínio, declarou que para êle não havia sombra de dúvida quanto a terem os russos trucidado os poloneses num ato premeditado de genocídio.

Em fevereiro último, um polonês mascarado, cuja identidade foi mantida em segrêdo para proteger seus parentes no Polônia, atestou, em dramático depoimento, que presenciara a morte de 200 oficiais poloneses na floresta de Katyn. De um esconderijo próximo à vala comum, êle e um companheiro viram os oficiais sendo conduzidos aos pares para o fôsso, com os braços amarrados nas costas, seguro cada um por dois soldados russos. Enquanto um guarda segurava a vítima, outro enchia-lhe a bôca de serragem. Os que resistiam eram alvejados. Os outros eram "simplesmente derrubados a pontapés" no fôsso, onde provàvelmente morriam asfixiados.

Um oficial fugitivo do Exército Vermelho, C.el Vasili Ershov, testificou que, em 1944, um oficial da polícia secreta soviética, embriagado, se tinha vangloriado, na sua presença, das enormes quantidades de vodca consumidas pelos pelotões encarregados do massacre de Katyn antes e depois do morticínio.

A prova mais interessante talvez seja, no entanto, a que emana do próprio Kremlin, que se recusou a permitir que as suas próprias testemunhas comparecessem perante a comissão. Alarmados com o impacto da verdade nas suas irrequietas populações-satélites, os

comunistas lançaram uma campanha mundial de desvirtuamento e contra-acusações. Todos os jornais da Polônia tiveram de publicar o comunicado soviético de oito anos antes, que tentava culpar os nazistas. O *Pravda* encheu-se de ruidosas contestações e acusações caluniosas contra os americanos.

Ninguém melhor do que os chefes comunistas sabe quão profundamente a verdade sôbre êste crime bestial pode prejudicar sua causa. Mas quanto mais a União Soviética tenta obstruir a descoberta da verdade, tanto mais certo se torna que os homens que jazem mortos na floresta de Katyn jazem também na consciência da União Soviética.

Hitler Tentou Invadir os Estados Unidos

Lawrence Elliott

Foi o mais ambicioso plano de sabotagem da Segunda Guerra Mundial. O Serviço Secreto Nazista pretendia simplesmente desorganizar os setores essenciais da produção de guerra americana. Conta-se aqui, pela primeira vez, a história dos oito sabotadores que foram desembarcados na costa da Flórida e de Long Island — e do que lhes aconteceu posteriormente. Esta narração minuciosa só se tornou possível porque o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, a instâncias de The Reader's Digest, deixou de considerar documentos secretos as 3.000 páginas de depoimentos relativos à mal sucedida aventura.

A 14 DE JUNHO de 1942, pouco depois da meia-noite, John Cullen, da Guarda-Costeira dos Estados Unidos, partiu do pôsto da Guarda-Costeira de Amagansett, em Long Island, para efetuar o patrulhamento habitual da praia. Levava uma lanterna elétrica, que acendia de vez em quando para olhar o caminho à sua frente. Entretanto, o nevoeiro envolvente só lhe permitia enxergar no máximo cinco ou seis metros adiante.

O guarda encontrava-se a uns 800 metros de distância do pôsto, na direção de leste, quando sùbitamente deparou com quatro homens metidos na água até os tornozelos, em tôrno de um pequeno bote.

— Que está acontecendo aqui? — perguntou êle.

Um homem de rosto comprido e falando com leve sotaque estrangeiro explicou que êle e os seus companheiros eram pescadores e se haviam perdido no nevoeiro.

Cullen não se satisfez com isso.

— É melhor me acompanharem até o pôsto — disse.

O "pescador" de rosto comprido pegou no braço de Cullen:

— Escute, rapaz! Você tem pai e mãe? Gostaria de tornar a vê-los? Então, pegue êste dinheiro e vá divertir-se. Esqueça-se do que viu aqui, compreendeu?

Atordoado, o jovem Cullen agarrou o maço de notas que lhe fôra metido na mão. Estava desarmado e teve a súbita percepção de que havia topado com alguma coisa muito além da sua capacidade de ação pessoal. Recuou, depois correu para o pôsto da Guarda-Costeira.

O homem de rosto comprido e seus três cúmplices trataram sem demora de descarregar o bote de borracha que de bordo do submarino U-202 os levara para a praia. Cavando apressadamente uma trincheira, enterraram quatro caixas impermeáveis repletas de explosivos, mecanismo para provocar explosões em hora determinada e detonadores — o suficiente para sustentar durante dois anos um ataque em massa contra o centro do poderio industrial dos Estados Unidos. Em seguida, enquanto Cullen batia na porta do velho pôsto de madeira da Guarda-Costeira para pedir auxílio, tomaram ràpidamente a estrada da praia rumo à estação da estrada de ferro de Amagansett. Quando Cullen e dois dos seus companheiros se armaram e voltaram correndo ao local do desembarque, encontraram apenas a praia deserta e o silêncio do nevoeiro.

Foi assim que começou a primeira etapa da Operação Pastorius — o desembarque de uma turma de sabotagem alemã nas costas dos Estados Unidos.

As linhas gerais do plano para paralisar a produção nos estabelecimentos industriais essenciais era da autoria da Abwehr — a divisão do serviço secreto do Alto Comando Alemão. A organização do plano foi confiada a um brilhante e irascível oficial do serviço secreto, o Tenente Walter Kappe, que durante 12 anos fizera propaganda em favor de organizações nazistas de Chicago e Nova York. O plano de Kappe era recrutar alemães que tivessem vivido e trabalhado nos Estados Unidos, homens tão familiarizados com os há-

bitos e a linguagem dos americanos que pudessem ficar à vontade em qualquer ponto do país.

Pequenas turmas dêsses homens, intensivamente treinados e fartamente equipados, seriam desembarcadas de submarinos. Os pontos em que teriam de agir seriam de antemão determinados. Kappe se convencera de que os seus homens seriam ajudados por inúmeros teuto-americanos leais à Pátria. Comunicar-se-iam com Kappe e entre si por meio de anúncios em linguagem cifrada publicados no *Tribune* de Chicago. Uma vez montada a rêde de sabotagem, Kappe entraria furtivamente nos Estados Unidos e passaria a dirigir tudo de um pôsto de comando secreto em Chicago.

Walter Kappe deu início ao seu recrutamento no inverno de 1941. Foi uma tarefa penosa. Consultou as listas que a Gestapo mantinha dos repatriados recentes. Falou em reuniões do Instituto Ausland, criado para recrutar para o Partido Nazista os alemães do exterior. Rebuscou os arquivos da Wehrmacht. Interrogou todos os prováveis candidatos. Por fim, no dia 10 de abril de 1942, reuniu-se numa propriedade cheia de cerrados bosques, nas vizinhanças de Berlim, o pequeno bando de voluntários que seria em breve encarregado de iniciar a "invasão" alemã. Entre êles estavam:

George John Dasch, o homem de rosto comprido, de 39 anos, o mais velho do grupo, que entrara irregularmente nos Estados Unidos em 1922; trabalhara como garçom em Nova York e até servira por breve período na Aviação do Exército dos Estados Unidos, antes de voltar para a Alemanha em 1941.

Werner Thiel, que fôra para os Estados Unidos em 1927, ali passara 14 anos e dera entrada no seu pedido de naturalização.

Edward Kerling, nazista devotado, que trabalhara nos Estados Unidos como chofer e empregado doméstico durante 11 anos.

Hermann Neubauer, cozinheiro.

Herbert Hans Haupt, o mais môço dos candidatos, que passara 16 dos seus 22 anos nos Estados Unidos e era cidadão americano em virtude da naturalização de seus pais.

Ernest Peter Burger, filiado ao Partido Nazista, que trabalhara nos Estados Unidos como maquinista e servira em unidades da Milícia Estadual de Míchigan e Wisconsin.

Heinrich Heinck, fabricante de ferramentas, que vivera durante 13 anos nos Estados Unidos.

Richard Quirin, que fôra para os Estados Unidos em 1927 e, alguns anos depois, se aproveitara do oferecimento do Reich de financiar o regresso de qualquer alemão nato que tivesse qualificações como mecânico especializado.

Na tarde de 10 de abril o Tenente Kappe percorreu com seus homens a propriedade. Além de um dormitório havia ginásio, sala de aulas com um laboratório extravagantemente montado, tôrre para experiências com explosivos e dois campos de tiro. Kappe disse ao grupo que daquele momento em diante êles ficariam separados do resto do mundo. Ninguém podia saber onde estavam.

No dia seguinte, ao amanhecer, começou a rigorosa escala de trabalho: ginástica; aulas sôbre bombas incendiárias, explosivos, estopins, mecanismo de bombas-relógios e escrita secreta; lançamento de granadas, prática de tiro e luta livre; e missões práticas de sabotagem real.

Os professôres faziam questão de materiais que se poderiam comprar numa farmácia sem despertar suspeitas. Uma bomba incendiária eficiente poderia, por exemplo, ser deflagrada com ácido sulfúrico e açúcar em pó. Um método de escrita oculta exigia apenas um comprimido de analgésico dissolvido em álcool. Logo que secasse, a escrita desapareceria. Esfregada com um algodão molhado em álcool, reapareceria claramente.

Eram engenhosos e mortíferos os métodos empregados para fazer disparar uma carga de explosivo. Precisava-se apenas de uma rôlha de cortiça com uma ponta de fio boiando numa lata que vazasse lentamente. Quando tôda a água se houvesse escoado, tendo dado tempo ao agente de se afastar para quilômetros de distância do local, a rôlha tocaria o fundo, o metal entraria em contato com o metal e completar-se-ia um circuito elétrico. Isso provocava a explosão.

Na última semana de instrução, a turma foi levada para o pátio ferroviário de Berlim. Os técnicos demonstraram como um pouco de areia numa chumaceira de eixos podia pôr uma locomotiva fora de ação, e como uma pequena carga de explosivo, hàbilmente colocada, podia bloquear um trecho vital de estrada de ferro durante

vários dias. Do pátio ferroviário, os sabotadores foram fazer uma visita de três dias às usinas de alumínio e magnésio da I. G. Farbenindustrie. Kappe fêz uma demonstração de como tudo seria fácil: um fio de alta tensão cortado, um transformador despedaçado por um tiro de fuzil e a usina semelhante que havia nos Estados Unidos ficaria sem energia no mínimo por oito dias — tempo suficiente para que o alumínio líquido se solidificasse e destruísse a complexa rêde de fornos e banhos. Resultado: semanas de paralisação até a instalação de nôvo equipamento.

Os exames finais começaram em 29 de abril. Instruções lacradas encaminharam cada uma das turmas para um local onde havia um simulacro de fábrica, terminal ferroviária ou tanque de petróleo. Depois de tomar secretamente conhecimento das circunstâncias, tinham de preparar os explosivos indicados, e destruir o objetivo dentro de 36 horas. Dois homens foram sumàriamente eliminados ao executarem desajeitadamente sua tarefa, sendo capturados num ataque de surprêsa pelos guardas da escola.

Concluídos os exames, os candidatos restantes tiveram a promessa de um salário mensal e de um bom emprêgo público depois da guerra. Em seguida, foram divididos em duas turmas, sendo-lhes comunicadas então as suas missões de sabotagem. A Turma N.º 1, comandada por Dasch e da qual faziam parte Burger, Heinck e Quirin, deveria atacar as usinas de alumínio de Alcoa, no Tennessee; East St. Louis, em Illinois; e Massena, em Nova York, bem como a fábrica de criolita de Filadélfia. Cabia-lhe ainda fazer explodir as comportas do Rio Ohio, entre Pittsburgo e Louisville. A Turma N.º 2 — Kerling comandando Neubauer, Thiel e Haupt — se dedicaria aos ataques a pontes e túneis, fazendo voar pelos ares a Ponte Hell Gate no East River de Nova York e destruindo a rêde de abastecimento de água daquela cidade. Em tôdas as oportunidades, os dois grupos procurariam colocar bombas em lugares públicos a fim de provocar pânico.

Kappe insistiu na necessidade de recrutar teuto-americanos. "Explorem-lhes o espírito nacionalista, a saudade da Pátria", dizia êle. "Prometam-lhes tudo. Prometam-lhes até o céu, mas consigam o auxílio dêles." Kappe não disse apenas isso naqueles últimos dias. Ordenou também aos seus homens que matassem, sem o menor escrúpulo, qualquer dos outros que fraquejasse ou pusesse em perigo a missão.

Kappe cometeu ainda outro grande êrro.

Na manhã de 26 de maio, dois dias antes do embarque das duas turmas nos submarinos U-201 e U-202 na base de submarinos de Lorient, distribuiu o dinheiro destinado ao financiamento da aventura. Cada um dos dois chefes recebeu 50.000 dólares americanos, sendo entregues aos outros cintos com 4.400 dólares. Dasch estava arrumando o dinheiro numa maleta de fundo falso quando percebeu de repente que grande parte da importância se constituía de notas conversíveis em ouro, as quais tinham sido retiradas da circulação havia cêrca de nove anos. Embora as notas perigosas fôssem prontamente substituídas, uma alteração sutil começou a se manifestar na mente dos sabotadores. Dasch explicou depois: "Fiquei pensando naquele dinheiro. Se eram capazes de cometer um engano assim, que interêsse poderiam ter realmente pela nossa sorte? Quais seriam as nossas probabilidades?"

Duas semanas depois, palmilhando apressadamente a estrada da praia para Amagansett, na manhã de 14 de junho, Dasch tinha novos motivos de preocupação. O primeiro contratempo — aquêle maldito homem da Guarda-Costeira — os atingira antes mesmo de poderem tirar da água o bote de desembarque.

Ainda estava preocupado às seis horas da manhã, quando o agente da estação de Amagansett abriu o guichê de passagens. Os quatro alemães estavam à espera para comprar bilhetes.

— Vocês madrugam — disse o agente com bom humor.

— Estávamos fazendo uma pescaria — disse Dasch.

Comprou, então, alguns jornais e entregou-os aos seus cúmplices. Recomendou-lhes que enterrassem a cabeça nos jornais como os passageiros habituais e calassem a bôca. Eram 7 h e 30 m quando tomaram o trem para Nova York.

Na Estação Pensilvânia, em Nova York, separaram-se. Dasch e Burger se hospedaram no Hotel Governor Clinton, na Rua 31 Oeste; Heinck e Quirin foram até o quarteirão seguinte, para se hospedarem no Martinique.

Deviam estar contentes consigo mesmos. Haviam desembarcado

com segurança. No trem, ninguém sequer olhara de esguelha para êles. Haviam conseguido sem tropeços perder-se dentro da cidade. Mais tarde, quando arranjassem um carro, iriam desenterrar o seu equipamento e levá-lo para um esconderijo permanente nas Montanhas de Catskill, como haviam planejado. Não havia pressa; Kappe recomendara expressamente que os atos declarados de sabotagem só deveriam começar quando as duas turmas estivessem firmemente instaladas.

Nesse instante, porém, a Operação Pastorius tomou nôvo rumo. Talvez nunca se saiba por que isso aconteceu tão de súbito. Logo que Dasch e Burger ficaram sòzinhos no seu quarto, Dasch começou a passear nervosamente de um lado para outro.

— Escute — disse êle. — Estou preocupado. Quero que me diga o que você pensa a respeito disto tudo. Tenho um plano para nos livrarmos de aborrecimentos aqui.

— Sei o que você pretende fazer — disse Burger.

— Muito bem, então. Se você não concordar, terei de matá-lo... e agora mesmo.

A resposta de Burger foi:

— Não se preocupe comigo.

Naquela noite, às sete horas, o agente especial do FBI, Dean F. McWhorter, atendeu ao telefone do seu escritório no Tribunal Federal de Nova York. Um homem com um leve sotaque estrangeiro disse que acabara de desembarcar de um submarino alemão e que tinha informações importantes para J. Edgar Hoover.

— Ainda nesta semana estarei em Washington para dar pessoalmente as informações — disse o homem, que a seguir desligou.

Isso acontecia pouco mais de seis meses depois de Pearl Harbor. O FBI vivia perseguido por telefonemas de excêntricos e desequilibrados. O agente McWhorter escreveu um memorando sôbre os misteriosos telefonemas e foi tratar de outras coisas. Mas o telefonema adquiriu importância quando a Guarda-Costeira comunicou ao FBI o que acontecera na praia de Amagansett e fêz entrega dos explosivos escondidos, que tinham sido posteriormente descobertos.

Enquanto isso, cêrca de 1.500 quilômetros ao sul, o U-201, transportando a Turma de Sabotagem N.º 2, seguia para a costa da Flórida. Emergiu ao largo de Ponte Vedra Beach, 40 quilômetros

a sudeste de Jacksonville, na madrugada de 17 de junho. Lançou-se ao mar um bote de borracha, e Kerling, Neubauer, Thiel e Haupt se dirigiram a remo para a praia. Enterraram prontamente o equipamento. Após trocarem de roupa, foram até a estrada U.S. 1 e esperaram o ônibus para Jacksonville. Na manhã seguinte, Kerling e Thiel viajavam de trem para Cincinnati e Haupt e Neubauer estavam a caminho de Chicago.

George Dasch levou quatro dias em Nova York sem nada fazer, passando o tempo a jogar *pinochle* com garçons seus amigos dos velhos tempos, até tomar o trem para Washington e telefonar para a sede do FBI.

— Fui eu que telefonei para a sede do FBI em Nova York — disse êle. — Estou no quarto 351 do Hotel Mayflower.

Alguns minutos depois estava contando a sua fantástica história aos agentes especiais Duane Traynor e Thomas J. Donegan.

Falou durante dois dias. Os agentes Frank Johnstone e Norval Wills se revezavam com Traynor e Donegan. De duas em duas horas, revezavam a estenógrafa no quarto 351. O depoimento de Dasch, cheio de divagações e de coisas sem interêsse, se estendeu por 254 páginas dactilografadas em espaço um.

Entre as informações importantes estava o que disse sôbre Kappe e a escola de sabotadores. Enumerou os objetivos das duas turmas, descreveu os sinais de cada homem e deu os nomes e endereços dos elementos americanos com os quais mais provàvelmente entrariam em contato. Disse o que estava comendo na Alemanha, falou do racionamento, da crise de habitações e da situação militar. Revelou que os submarinos nazistas navegavam a uma profundidade muito maior do que se julgava, bem longe do alcance decisivo das bombas de profundidade aliadas. Por fim, manifestou a esperança de que, em troca da sua cooperação, lhe fôsse dada a oportunidade de fazer programas de propaganda pelo rádio para o povo alemão.

Mais ou menos na hora em que Dasch concluía as suas declarações em Washington, os agentes do FBI em Nova York abriram a porta, apenas encostada, do quarto de Ernest Peter Burger no Hotel Governor Clinton e o prenderam. Êle se mostrou mais aliviado do que surprêso. Cêrca de uma hora depois, Heinck e Quirin,

voltando ao Martinique após uma tarde no cinema, encontraram também o FBI à sua espera.

Edward Kerling, chefe da Turma N.º 2, tinha a espôsa em Nova York. Foi de Cincinnati para lá, a fim de vê-la, no dia 22 de junho. Na noite seguinte, êle e Thiel, que o acompanhara, foram presos. Enquanto isso, em Chicago, Haupt voltara para o seu antigo quarto na casa dos pais. Tão serena era a sua confiança que entrou certo dia em um escritório do FBI a fim de se informar sôbre a sua situação militar. Disseram-lhe que não havia problema e, de fato, não havia. O FBI o tinha sob vigilância e na noite de 27 de junho foi prêso — depois de haver levado o FBI a Hermann Neubauer, o último dos oito sabotadores.

Cinco dias depois, a 2 de julho, o Presidente Roosevelt nomeou uma comissão militar para julgar o caso. Era a primeira vez que um tribunal dessa espécie se reunia nos Estados Unidos depois do assassinato de Abraham Lincoln, em 1865, e funcionou no mais rigoroso sigilo.

Por que foi secreto o julgamento? Por que se criou uma comissão militar em vez de entregar o julgamento aos tribunais federais?

Tudo se explica em função da época em que êsses fatos ocorreram. Os Estados Unidos ainda estavam atordoados com os ataques japonêses no Pacífico. Haviam sido expulsos dos seus postos avançados nas ilhas e ainda não tinham desfechado uma ofensiva. Viam-se naquele momento ameaçados de assaltos às suas indústrias de guerra, que justamente então se preparavam para o grande esfôrço.

Não haviam os sabotadores confessado que eram apenas os primeiros de uma contínua onda alemã em projeto? E não poderia a mais pronta e mais severa punição possível servir de advertência ao Alto Comando Alemão? Uma das maneiras de conseguir isso era uma comissão militar, investida do poder de proferir sentenças de morte, o que não poderia ser feito, em tais casos, pelos tribunais civis.

O julgamento foi realizado na Sala 5.235 do Edifício do Departamento da Justiça. Advogados, testemunhas, observadores e guardas se comprometeram todos, sob juramento, a guardar segrêdo. Eminentes advogados militares, inclusive o Coronel Kenneth C. Royall, que foi depois Secretário da Guerra, foram designados pela comissão para defender Burger, Heinck, Quirin, Kerling, Neubauer, Thiel e Haupt. A seu pedido, Dasch foi defendido separadamente por um brilhante advogado que prestava serviço de guerra no gabinete do Auditor Militar Geral, Coronel Carl L. Ristine, hoje falecido.

O julgamento se iniciou com a exposição do Procurador-Geral dos Estados Unidos, Francis Biddle, e do Auditor Militar Geral do Exército, Myron Cramer, que, pessoalmente, se encarregaram da acusação. Além da confissão espantosamente minuciosa de cada um dos réus, foram apresentados os explosivos levados pelos sabotadores. Admitiram os escrúpulos dos alemães, desde que puseram pé em terras americanas. Mas salientaram o fato de que só a ação segura do FBI havia impedido ao menos alguns do grupo de executarem as suas missões de destruição. Deveriam todos ser postos em liberdade apenas porque faltara a um ou dois coragem de agir?

A defesa se baseou numa única alegação, certamente notável: os alemães não haviam cometido um só ato de sabotagem, *nem jamais tinham tido a intenção de cometê-lo!* Tratava-se no máximo de nazistas sem entusiasmo, que se haviam oferecido para a Operação Pastorius apenas porque esperavam com isso sair sem dificuldade da Alemanha e voltar para junto dos seus amigos e parentes nos Estados Unidos.

Um após outro, os discípulos do Tenente Kappe testemunharam sua aversão pelo regime de Hitler. Burger contou as suas dificuldades com a Gestapo. Lembrou à comissão que a confissão encerrava informações de grande valor para os Estados Unidos, tais como os sinais distintivos dos seus cúmplices, o funcionamento do material escondido pelos sabotadores e a construção e a planta do submarino U-202.

O ponto culminante do julgamento foi atingido com as declarações de George John Dasch. O homem de rosto comprido mostrou-se uma testemunha nervosa, combativa, demorada. Lutou tanto com o seu advogado como com o Procurador-Geral Biddle. Contestou que se houvesse entregado por haver compreendido sùbitamente que se estava arriscando a ser executado como espião. Disse que desde o comêço tivera a idéia de delatar a missão. Odiava Hitler e tudo o que êle representava.

A acusação replicou. Fizera o FBI alguma promessa ao réu em troca da sua cooperação? Dasch respondeu que fôra exatamente isso o que acontecera. O agente Donegan lhe dissera que, se êle prestasse declarações completas e se apresentasse como culpado, provàvelmente estaria em liberdade daí a seis meses. Por que, então, perguntou a acusação, êle se apresentara como inocente? A resposta foi que o reconhecimento da sua culpa o marcaria na Alemanha como traidor e faria a sua família sofrer ali brutais conseqüências.

Foi chamado então a depor o agente especial Donegan. Disse êle que a verdade fôra um tanto falseada pelo réu. O FBI nada prometera a Dasch. O que se fizera fôra apenas mostrar os diversos caminhos que lhe estavam abertos. (Naquela ocasião esperava-se que o julgamento se processasse pùblicamente perante um tribunal federal. A alegação de *inocência* é que revelaria aos alemães o papel anômalo de Dasch no caso. Se houvesse feito uma declaração de culpa, não teria sido necessário fazê-lo depor.)

O FBI fêz outra observação ponderável. Por que Dasch, se pretendia delatar a Operação Pastorius, esperara até 19 de junho para entregar-se às autoridades? Naqueles cinco dias de vital importância os Estados Unidos haviam perdido uma excelente oportunidade de preparar uma armadilha para o U-201 ao largo da costa da Flórida, quando o submarino desembarcara a Turma N.º 2.

Para chegar a uma decisão, não é improvável que os homens da comissão houvessem meditado em questões como estas: Era lógico — ou mesmo razoável — que numa potência militar de primeira ordem como a Alemanha os melhores homens de que a Abwehr podia dispor para tão delicada missão fôssem tipos como Dasch, um neurótico insatisfeito, e outros igualmente instáveis? Ou tudo isso fazia parte das falsas aparências, das atitudes cuidadosamente ensaiadas que os conspiradores deveriam tomar em caso de captura?

Fazendo um resumo do caso pela acusação, o Auditor Militar se dirigiu aos oito oficiais da comissão nos seguintes têrmos: "Aceitar a versão da defesa, senhores, equivale a chegar à conclusão de que os réus aqui chegaram não como invasores, mas como refugiados."

A 8 de agôsto os réus ouviram as conclusões da comissão, aprovadas pelo Presidente: todos eram culpados de violação das leis de guerra. Dasch foi condenado a 30 anos de prisão, e Burger à

prisão perpétua. Os outros foram condenados à morte na cadeira elétrica. Foram executados naquele mesmo dia, ao meio-dia, sendo enterrados em sepulturas sem qualquer marca num terreno próprio federal, em Washington.

A notícia foi prontamente divulgada nos jornais do mundo inteiro. Menos de dois meses depois de serem desembarcados nas costas dos Estados Unidos, os aspirantes a sabotadores tinham sido severamente castigados. Sem dúvida alguma, a advertência que se desejava chegou ao Alto Comando Alemão.

Em abril de 1948 o Presidente Truman concedeu indulto a Dasch e Burger. Ambos foram transportados para a Alemanha Ocidental. Burger sem demora desapareceu da circulação.

Dasch, entretanto, deu início a uma interminável campanha de correção das graves injustiças que, na sua opinião, foram cometidas contra êle pelos Estados Unidos. Pleiteava particularmente a sua admissão naquele país, com base no auxílio prestado em tempo de guerra ao FBI e no fato de sua espôsa, americana nata, viver ali. Para êsse fim, fêz agitação, ligou-se a indivíduos do mais duvidoso caráter político, escreveu diatribes longas e muito pitorescas e, ainda recentemente, fêz uma visita à Alemanha Oriental. O que lhe aconteceu é, naturalmente, lenha para a fogueira comunista. Em fevereiro de 1959 o Serviço de Imigração dos Estados Unidos indeferiu seu nôvo pedido de entrada no país.

Qual foi, para os Estados Unidos, o resultado da captura dos invasores alemães? É indiscutível que os planos nazistas foram frustrados. Quando se divulgou a prisão dos sabotadores, o Almirante Doenitz ficou tão furioso com o fato de terem sido arriscados os seus submarinos naquele plano que durante muitos meses não quis cooperar com a Abwehr nas emprêsas que exigissem transporte em submarino. Nos Estados Unidos, em virtude da redobrada vigilância e da constante observação de elementos suspeitos de simpatizar com o inimigo (o FBI fêz investigações sôbre muitos milhares de casos em que havia suspeita de sabotagem), não houve um só caso de sabotagem orientada pelo inimigo que tivesse êxito ao longo de tôda a Segunda Guerra Mundial. Tal foi o legado do que poderia ter sido a mais espetacular vitória da sabotagem na história moderna.

As Façanhas do Corsário *Atlantis*

Robert Littell

Quando o vigia do paquête inglês *City of Exeter* comunicou a presença de um mastro estranho no horizonte do Atlântico Sul, o comandante ficou desconfiado. Era maio de 1940, e a Alemanha nazista estava em marcha. Meia hora depois, porém, o Comandante, aliviado, identificava o estranho que se aproximava como o *Kashii Maru,* de 8.400 toneladas, japonês e, portanto, neutro.

No convés, uma mulher empurrava um carrinho de criança. Perto dela, vários membros da guarnição descansavam — pequenos homens escuros, com as fraldas das camisas esvoaçando ao vento, à moda dos marinheiros japonêses. Os dois navios cruzaram-se sem pausa nem sinais.

Na realidade, o carrinho de criança estava vazio e a "mulher" não era mulher. Os marinheiros se chamavam Fritz, Klaus ou Karl. O restante da guarnição de 350 técnicos e combatentes estava escondido embaixo. O navio pròpriamente, camuflado com cachimbos de madeira compensada e chaminés de lona pintada, era o corsário alemão *Atlantis,* uma das mais terríveis aves de rapina que já foram sôltas nos sete mares.

Os alemães armaram nove dêsses corsários durante a Segunda Guerra Mundial. Ao todo, êles afundaram 136 navios, mas o *Atlantis* foi o que fêz a maior prêsa, que fêz a viagem mais longa e que teve o mais notável comandante. Sua história será sempre contada enquanto houver homens viajando de navio.

O *Atlantis* começou sua vida com o nome de *Goldenfels,* cargueiro

de 7.800 toneladas, da Hansa. Quando estourou a guerra, êle foi equipado com seis canhões camuflados de 150 mm, muitos canhões menores, tubos de torpedos, um hidravião de patrulha e uma carga de minas. Levava suficientes meios de disfarce para passar por uma dúzia de diferentes navios mercantes de aspecto inteiramente inocente.

Em março de 1940, sob o comando de Bernhard Rogge, um oficial de rosto grande e figura imponente, de 40 anos de idade, o *Atlantis* subiu sorrateiramente a costa da Noruega disfarçado em vapor russo e saiu livremente para o Atlântico Norte. Suas instruções eram: atacar com tôda a surprêsa possível os navios nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, na África.

Depois de cruzar o equador a 25 de abril, o *Atlantis* arriou a bandeira soviética e, alterando fàcilmente a chaminé postiça, tornou-se o navio japonês que foi visto pelo *City of Exeter* — que o Comandante Rogge não quis atacar devido ao grande número de passageiros a bordo.

A primeira vítima do *Atlantis* foi o navio inglês *Scientist.* Foi uma completa surprêsa para o *Scientist* a ordem de parar e não utilizar o seu rádio. Mas o oficial telegrafista teve a presença de espírito de transmitir um desesperado "QQQ" — significando "Mercante inimigo armado quer interceptar meu navio". O *Atlantis* abriu fogo, atingindo o *Scientist* a meio navio e destruindo seu equipamento de rádio. Os 77 homens da guarnição do navio atacado abandonaram-no em escaleres, dois dêles feridos mortalmente. Foram todos aprisionados no *Atlantis* e o *Scientist* torpedeado. O *Atlantis* dobrou o Cabo da Boa Esperança.

Duas semanas depois, o Comandante Rogge interceptou um aviso britânico de que um cruzador auxiliar alemão, disfarçado de navio japonês, talvez estivesse rondando pelo Oceano Índico. Imediatamente o *Atlantis* tirou o quimono e se tornou o navio-motor holandês *Abbekerk.*

Sua segunda vítima foi o navio-motor norueguês *Tirranna,* carregado de suprimentos para as tropas australianas na Palestina. O Comandante Rogge ocupou-o com uma guarnição de prêsa, transformou-o em navio-prisão e fêz-se acompanhar por êle algumas semanas. Em princípios de agôsto o *Tirranna* foi mandado para a

França ocupada com uns 300 prisioneiros a bordo. A poucas milhas da costa foi torpedeado, ao que parece por um submarino germânico. Tôda a tripulação de prêsa foi salva, mas como o navio afundou em dois minutos, 60 dos prisioneiros, entre os quais mulheres e crianças, pereceram.

Um mês depois da captura do *Tirranna,* apareceram três vítimas em rápida sucessão. E, no seguinte, mais cinco, uma das quais o transatlântico francês *Commissaire Ramel,* de 10.000 toneladas, que o corsário fêz o possível para apreender intato. Mas o *Ramel* tinha sido requisitado pelos inglêses e, quando o australiano que o comandava começou a expedir mensagens, êle foi canhoneado e afundou à noite. Foi uma visão terrível, a daquela carcaça vermelha afundando-se na eternidade. Mensagens encontradas nas cestas de papéis velhos de um dos navios possibilitaram aos alemães descobrirem o código da Marinha Mercante inglêsa.

Por êste tempo, o Almirantado Britânico já havia determinado que fôsse comunicada via rádio a presença de qualquer navio suspeito, fôssem quais fôssem as conseqüências. Em resultado disso, o *Atlantis* tinha ordens de atirar à primeira vista e de fazer perguntas depois.

Cêrca de metade das vítimas do corsário conseguiam mandar uma mensagem pelo rádio antes de serem dominadas. A maioria era atacada a artilharia, às vêzes com grandes perdas. Mas a guerra solitária do Comandante Rogge era tão "civilizada" quanto é possível ser uma guerra. Êle tinha espaço para prisioneiros e recolhia todos os que podia salvar. Em 20 meses no mar, êle abrigou — em diferentes ocasiões — mais de 1.000 prisioneiros de tôdas as idades, de ambos os sexos e de 20 nacionalidades. Dava-lhes rações idênticas às da guarnição do navio, permissão de ficar no convés durante o dia, a não ser que a guarnição do *Atlantis* estivesse em postos de combate, e de nadar na piscina de lona.

Os comandantes aprisionados tinham alojamentos separados. Os oficiais inglêses e noruegueses organizaram um clube para o qual os alemães eram freqüentemente convidados. Falavam, disse um dêles, "sôbre o lar, o mar e mulheres bonitas". Política era assunto proibido. Quando os prisioneiros eram transferidos para outros navios, o Comandante Rogge oferecia festas de despedida aos comandantes.

Tripulantes do Atlantis *desembarcam em uma ilhota do Pacífico para se reabastecerem de água. Ao fundo vê-se o* Atlantis

Foto de um álbum em poder do Contra-Almirante Rogge

Durante o outono de 1940 o *Atlantis* foi perseguido pela má sorte: um único navio em 40 dias. Depois, sùbitamente, em meados de novembro, três navios em 48 horas. O navio norueguês *Ole Jacob,* pejado de gasolina de alto teor de octanas, foi aprisionado sem resistência por dois oficiais que, na lancha do *Atlantis,* se fizeram passar por oficiais britânicos. O navio-tanque norueguês *Teddy* ardeu durante horas — uma fogueira gigantesca, visível para todos os navios na área. E o inglês *Automedon,* cujos papéis compreendiam um relatório ultra-secreto do Gabinete de Guerra e a correspondência para o Alto Comando Britânico no Extremo Oriente, rendeu-se quando um projetil matou todos os que se encontravam na ponte de comando.

O Comandante Rogge possuía altas qualidades de chefe. Todos recebiam exatamente a mesma parcela dos pequenos luxos — cerveja, chocolate, pacotes de alimentos — encontrados nos navios aprisionados. Em substituição à licença em terra, êle dava uma semana de licença a bordo. Doze licenciados de cada vez ocupavam a enfermaria de isolamento e, a não ser que houvesse postos de combate, tinham liberdade de fazer o que entendessem: dormir, remendar roupas, escrever poesias ou tocar violão. Aquêle descanso oficial, no meio do trabalho intenso dos outros homens, tinha um efeito maravilhosamente repousante. O Comandante Rogge, cujo avô fôra clérigo na côrte do Kaiser Guilherme II, fazia questão de que todos os seus oficiais assistissem ao serviço religioso nos domingos. Mas depois do serviço êle servia-lhes sempre uma bebida a que êles chamavam o "coquetel da igreja".

O ano de 1941 começou mal para o *Atlantis* — sòmente quatro navios em outros tantos meses. Um dêles foi o paquête egípcio *Zam Zam,* com 140 missionários americanos a bordo. A guarnição e os passageiros do *Zam Zam,* 309 pessoas, foram todos transferidos com segurança para o *Atlantis.* No dia seguinte, outro navio alemão, o *Dresden,* aliviou o *Atlantis* dos seus cativos e, finalmente, levou-os sãos e salvos para Bordéus.

O terror que o corsário espalhava fazia, provàvelmente, tanto mal aos Aliados como os afundamentos. Navios de guerra inglêses, vitalmente necessários em outras partes, tiveram de ser mandados para o sul para caçá-lo. Os navios mercantes tinham que ziguezaguear em

derrotas mais longas, desperdiçando tempo e combustível. Era mais difícil encontrar tripulações, sendo necessário pagar-lhes gratificações de zona de perigo. A correspondência oficial atrasava-se ou extraviava-se. As taxas de seguro de guerra aumentaram, foi preciso apagar as luzes dos portos.

Durante a maior parte do verão, o *Atlantis* cruzou as paragens meridionais do Oceano Índico em tôdas as direções sem encontrar nada maior que uma gaivota. Por fim, a 10 de setembro de 1941, capturou sua 22.ª e última vítima, o vapor norueguês *Silvaplana*.

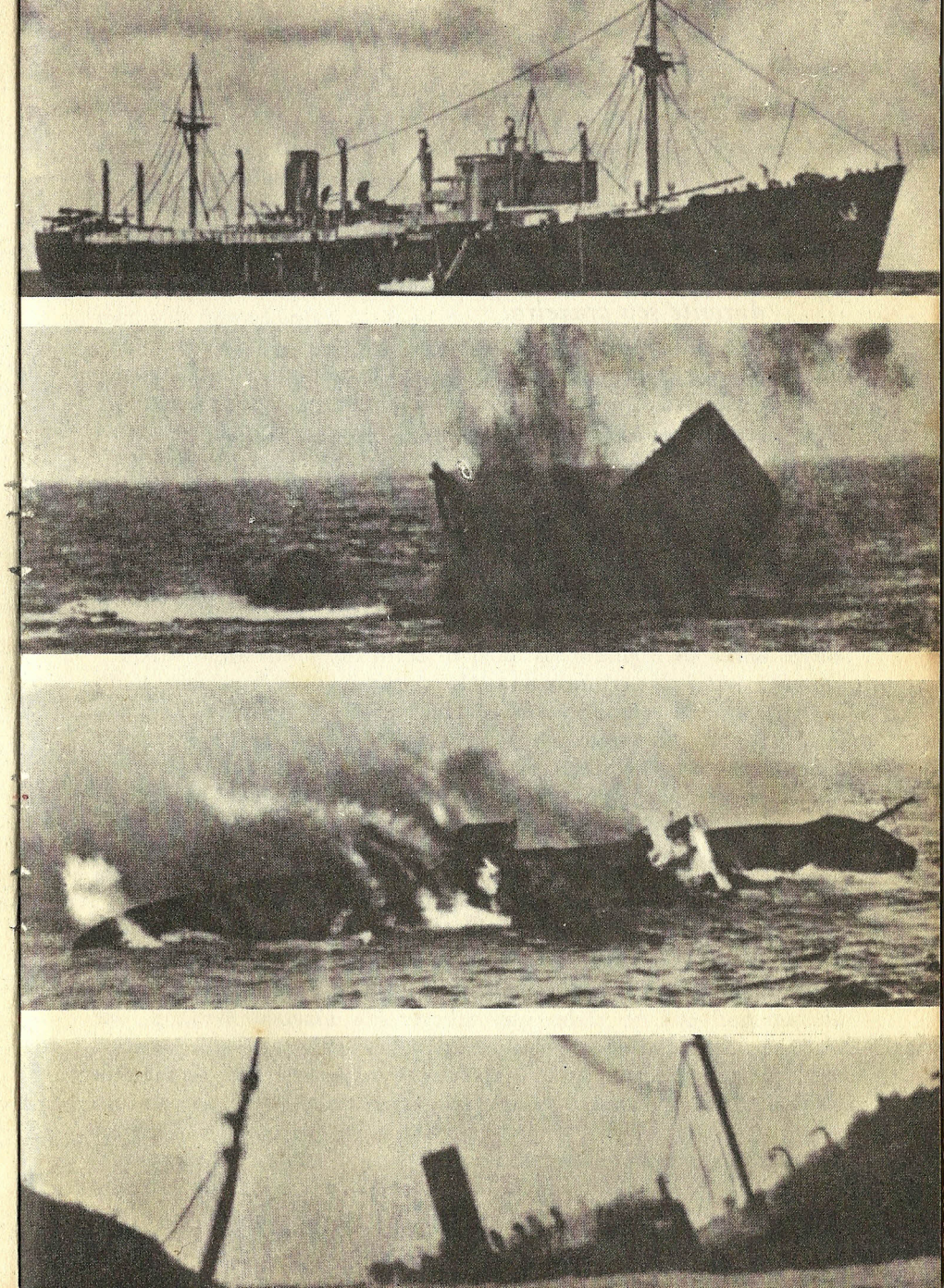
A 21 de novembro, quando amerissava depois de um vôo matutino, o avião de patrulha do *Atlantis* ficou avariado — justamente quando ia ser mais necessário, pois no dia seguinte o submarino U-126 devia encontrar-se com o corsário para receber óleo combustível — operação delicada, durante a qual o *Atlantis* ficaria indefeso. No ponto determinado, a meio caminho entre o Brasil e a África, os dois navios se encontraram, e à hora do desjejum o combustível estava sendo bombeado de um para o outro. Numa lancha atracada ao submarino, encontravam-se vários membros da guarnição do *Atlantis;* o comandante do submarino estava a bordo do *Atlantis*. Ao mesmo tempo a máquina de bombordo do corsário foi desmontada para reparos.

De repente, o vigia, pesquisando o mar ensolarado, avistou uma pequena ponta de mastro. Poucos minutos depois o cruzador pesado britânico *Devonshire,* sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra R. D. Oliver, aproximou-se dos dois barcos alemães.

No instante em que foi avistado o *Devonshire,* as espias de atracação alemãs foram largadas e o submarino mergulhou, deixando o seu comandante a bordo do corsário. Teria o submarino sido avistado? Do mangote de óleo combustível desligado saía uma denunciadora mancha iridescente de óleo, que se espalhava sôbre a água.

Havia apenas uma esperança para o *Atlantis:* blefar, falar, ganhar tempo, de modo a atrair o *Devonshire* para dentro do alcance dos tubos de torpedos do submarino.

O Capitão Oliver estava extremamente desconfiado. À exceção de algumas partes, como os cachimbos, o navio que êle surpreendera espalhando óleo sôbre o mar calmo adaptava-se à descrição que o Almirantado fizera do misterioso corsário. Ficou, pois, navegando



Quatro dos 27 navios afundados pelo Atlantis *durante seu cruzeiro.*
De cima para baixo: Tirrenia, City of Baghdad, King City, Kemmendine

Fotos de um álbum em poder do Contra-Almirante Rogge

em ziguezague, bem fora do alcance dos torpedos, e enquadrou o *Atlantis* com duas salvas.

Eis um tipo de pergunta a que qualquer navio sensato responde. O Comandante Rogge informou que era o navio *Polyphemus*, e o Capitão Oliver enviou uma mensagem ao Comandante-Chefe do Atlântico Sul perguntando-lhe se aquêle estranho poderia ser realmente o *Polyphemus*.

Durante quase uma hora o *Atlantis*, com as máquinas paradas e jogando lentamente nas ondas, manteve a conversa. Havia ainda uma esperança de que o submarino se aproximasse do cruzador inglês o suficiente para lançar um torpedo. Mas o oficial mais antigo a bordo do submarino e que assumira o comando manteve-se perto do *Atlantis* em vez de atacar o cruzador.

Às 9:34 horas o Capitão Oliver recebeu a resposta do Comandante-Chefe do Atlântico Sul: "Não — repito — não!" Um minuto depois o *Devonshire* abriu fogo. Quando a terceira salva de projetis de 200 mm atingiu o *Atlantis*, o Comandante Rogge deu ordens de ajustar as cargas de destruição e abandonar o navio.

Pouco antes das 10:00 horas, o paiol de munição de vante explodiu e, poucos minutos depois, o *Atlantis* afundava de pôpa. Quando imergiu, os homens cujo lar tinha sido êle durante 20 meses deram vivas, e o Comandante Rogge, com seu cachorrinho *terrier* escocês Ferry a seu lado, levantou-se em um dos escaleres e fêz continência.

Como o Comandante Oliver, nas palavras do aviso do Almirantado, não pudesse parar para recolher sobreviventes "sem correr graves riscos de ser torpedeado", o *Devonshire* não tardou a desaparecer no horizonte.

Por apitos e vozes foi reunida a guarnição do *Atlantis*. Apenas sete haviam sido mortos pelo fogo de artilharia. No mínimo 100 estavam nadando em volta ou agarrados a destroços do navio afundado. O submarino recolheu os feridos e os técnicos insubstituíveis. Seis escaleres estavam abarrotados com mais de 200 homens; 52 homens, com salva-vidas e cobertores, tiveram de ficar no convés do submarino com instrução de nadarem para um dos escaleres em caso de imersão. A terra mais próxima era o Brasil, a 950 milhas de distância.

A estranha flotilha — seis escaleres rebocados por um submarino

— pôs-se em movimento na tarde do afundamento. Duas vêzes por dia o submarino mandava uma chalana de borracha fazer o percurso dos botes com uma refeição quente.

Três dias depois do afundamento, o U-126 encontrou o *Python,* navio de suprimentos de submarino dos alemães, e os sobreviventes foram recolhidos... para serem novamente lançados ao mar, pois o *Python* foi interceptado e afundado por outro cruzador britânico, o *Dorsetshire,* famoso por ter dado o "golpe de misericórdia" no *Bismarck* alguns meses antes.

Por fim, em submarinos alemães e italianos, os membros da guarnição do *Atlantis* chegaram a St. Nazaire, seguindo para Berlim, onde chegaram logo após o Dia de Ano Bom de 1942.

O Comandante Rogge foi promovido a contra-almirante e recebeu o encargo de treinar cadetes navais. Mas seus sentimentos antinazistas foram descobertos e êle foi relegado a uma função sem importância. Em 1953, quando êste artigo foi escrito, vivia em Hamburgo, onde era gerente de uma firma fabricante de material cirúrgico.

O raro é que, depois de uma guerra longa e encarniçada, não poucas vítimas do *Atlantis* conservam sentimentos de amizade para com Rogge. O Comandante White, do *City of Bagdad,* escreveu-lhe agradecendo o tratamento que lhe fôra dispensado quando prisioneiro. O Comandante Woodcock, do *Tottenham,* convidou o Almirante Rogge a visitar seu atual navio quando êste passou por Hamburgo. Durante os anos magros que se seguiram ao colapso da Alemanha nazista, ex-prisioneiros mandaram aos seus ex-captores muitos volumes de víveres. Os antigos membros da guarnição do *Atlantis* conservam uma grata recordação do navio e de seu comandante.

— Êle transformou a guarnição do *Atlantis* numa verdadeira família — explica o Tenente Dehnel. — Se tivéssemos outra vez uma Marinha alemã, eu *talvez* me alistasse. Mas se Rogge me chamasse, eu iria como uma bala... para qualquer marinha que fôsse.

O Homem que Salvou Londres

George Kent

Baseado no livro de George Martelli

Era em outubro de 1943 — no quinto ano da Segunda Guerra Mundial — e Michel Hollard, um francês de 45 anos, baixo e musculoso, aprontava-se para atravessar furtivamente a fronteira e chegar à Suíça, país neutro. Levava ao ombro um saco de batatas e na mão um machado. Aparentemente, era um lenhador.

O sol da manhã filtrava-se através das árvores, e êle ia avançando ràpidamente, parecendo mais um gato que uma criatura humana. Fazer qualquer barulho, por menor que fôsse, poderia significar a morte, pois nas matas e atrás dos morros havia ouvidos atentos — ouvidos de patrulhas alemãs, de cães policiais alemães.

Hollard, desenhista industrial que se tornara espião para servir a sua pátria, já havia atravessado a fronteira da Suíça 49 vêzes. De cada vez levava informações militares a serem transmitidas para a Inglaterra. Êle e seus auxiliares haviam localizado campos de pouso nazistas na França, descoberto baterias de costa, surpreendido um plano de uma base submarina em Bolonha, anunciado os movimentos de divisões inteiras — tôdas informações de grande valor. Nenhum dêsses segredos se comparava, porém, ao que êle levava naquela ocasião.

Dessa vez, escondido entre as batatas, havia um papel que não só salvaria Londres da total destruição, mas também iria abreviar de muitos meses a própria guerra. Hollard levava um plano das bases de lançamento da nova e terrível bomba voadora de Hitler, a V-1.

Era intenção de Hitler lançar 50.000 dessas bombas sôbre Londres, numa média de 5.000 por mês. Os preparativos para o lançamento eram cercados do mais rigoroso sigilo. A construção das rampas de lançamento estava entregue a uma maioria de conscritos holandeses

e poloneses que não falavam francês. Essas rampas estavam quase prontas em mais de 100 lugares.

Naquele instante, Michel Hollard, o único elemento aliado que conhecia os pormenores do plano, chegou à vista da fronteira. Começou a correr. Daí a pouco alcançou os rolos de arame farpado que separavam a França da Suíça. Já tinha jogado o machado e o saco para o outro lado quando, de repente, sem um ruído, seu joelho foi agarrado num tôrno de ferro — as mandíbulas de um imenso cão policial alemão.

O cachorro ficou parado, simplesmente segurando. Hollard não podia mover-se. Mas êle sabia que precisava mover-se, pois era certo que nas imediações havia homens que trabalhavam com o cão.

Êle não levava armas. Passando por simples camponês, a posse de uma arma despertaria suspeitas se fôsse revistado. Aterrado, Hollard procurou alguma coisa para forçar o cão a abrir a bôca. Por felicidade, encontrou exatamente o que precisava — um longo pau resistente. Introduzindo-o entre as mandíbulas do animal, enfiou-lho com tôda a fôrça pela goela abaixo. Durante um longo minuto nada aconteceu. Depois, o cão largou a prêsa e caiu para o lado, morto.

No momento em que Hollard conseguiu passar por entre o arame farpado e ia agarrando o saco, viu um guarda suíço apontando o fuzil. Mas não o apontava para Hollard e sim para dois soldados alemães que se preparavam para atirar nêle. Os alemães baixaram os fuzis e afastaram-se, resmungando.

Algum tempo depois da acidentada travessia de Hollard, os bombardeiros aliados começaram a atacar as bases da V-1. Em cinco semanas 73 das rampas foram totalmente destruídas ou tão danificadas que não podiam mais ser usadas. É verdade que foram construídas outras — menores — mas foi desarticulado o grande plano nazista para deixar Londres em ruínas. Hitler conseguiu lançar, em vez de 50.000 bombas, menos de 2.500. E estas não caíram em fins de 1943, quando o seu lançamento poderia ter sido fatal, e sim em meados de 1944... Muito poucas e muito tarde.

No seu livro *Cruzada na Europa,* Dwight D. Eisenhower escreveu: "Parece provável que, se os alemães tivessem conseguido aperfeiçoar e usar essas novas armas seis meses antes, nossa invasão da Europa teria sido extremamente difícil e talvez impossível."

O mais espantoso nesta história é que Michel Hollard — que se tornou um dos espiões mais notáveis da Segunda Guerra Mundial — entrou em ação inteiramente por iniciativa própria. Ninguém lhe pediu que se tornasse espião. Quando tinha informações a transmitir, limitava-se a atravessar a fronteira para a Suíça. Não tinha rádio, nem articulações com pára-quedistas, nem sistema de correios internos.

Michel Hollard era o mais simples dos homens — empregado mal pago de uma organização de pesquisas. Quando os alemães entraram em Paris e seus patrões começaram a trabalhar para êles, Hollard achou que chegara o momento decisivo. Abandonou o emprêgo em sinal de protesto e arranjou outro como agente de um fabricante de geradores de gasogênio para automóveis. Êsse trabalho viria a ser de valor inestimável para auxiliá-lo na tarefa que se propusera a desempenhar para a sua pátria: justificava suas freqüentes visitas a zonas de mata, perto da fronteira — como a procurar lenha para o carvão vegetal.

Um dia tentou atravessar a fronteira suíça, onde a guarda era cerrada, para oferecer seus serviços aos inglêses como espião. Foi capturado pelos alemães, mas conseguiu livrar-se com explicações que inventou. Na segunda vez conseguiu passar. Os inglêses pediram-lhe que identificasse unidades militares alemãs e que desse notícia de seus movimentos.

Durante os três anos seguintes Hollard estêve quase constantemente em atividade. Tinha espôsa e três filhos a quem amava, mas raramente os via, para que êles não sofressem por sua causa. Com o tempo foi recrutando vários franceses para ajudá-lo: ferroviários, motoristas de caminhão, donos de bares, donos de hotéis.

Começando com um núcleo de cinco pessoas, sua organização — *Réseau Agir* (Rêde de Ação) — foi crescendo até somar no fim 120 pessoas. Entre elas, 20 foram capturadas e condenadas à morte pelos alemães. Outras foram feridas; escaparam por milagre. O próprio Hollard, ao voltar uma noite da Suíça, cometeu a loucura de vir com um cigarro aceso na bôca. Quando uma voz de alemão gritou "Alto!" êle se atirou ao chão, levantou o braço e colocou o cigarro aceso no tronco de uma árvore. Quando fugia de rastros, duas balas se encravaram no tronco.

O feito mais importante de Hollard — a descoberta dos planos da V-1 — começou num café de Ruão, em agôsto de 1943. Um de seus agentes na cidade comunicou-lhe que ouvira uma conversa de dois empreiteiros sôbre umas construções estranhas que os alemães vinham realizando. O que espantava os dois homens era a extraordinária quantidade de concreto que êles usavam.

No dia seguinte Hollard encontrava-se em Ruão. Discretamente vestido de prêto, entrou na agência oficial de empregos, dizendo que representava uma organização protestante interessada na vida espiritual dos trabalhadores. Apresentou várias Bíblias e indagou se havia obras nas redondezas. Disseram-lhe que havia uma em Auffay, a cêrca de 30 quilômetros de Ruão.

Uma hora depois êle estava em Auffay, enfiado num macacão de trabalhador. Partiam da cidade quatro estradas importantes. Êle experimentou três delas, tôdas em vão. Na quarta, chegou a uma grande clareira onde encontrou várias centenas de homens. Chegava concreto em profusão; subiam edificações.

Hollard pegou um carrinho de mão, encheu-o de tijolos e misturou-se com os trabalhadores. Ninguém o deteve. A maioria dos homens não sabia falar francês. Os que sabiam lhe disseram que estavam construindo garagens. Evidentemente isso não era verdade. As construções eram pequenas demais. Além disso, para que construir garagens a quilômetros de distância da cidade mais próxima?

O que mais o fascinou foi uma pista de concreto de 45 metros, com uma longa guia de cordão azul. Usando a bússola, descobriu que a guia — que não podia ser outra coisa senão a localização de alguma rampa — apontava diretamente para Londres. Ao saber que os alemães dividiam os trabalhadores em três turmas, trabalhando 24 horas por dia, êle partiu para transmitir a informação aos inglêses.

Em Londres, os líderes aliados, entre os quais Winston Churchill e o General Eisenhower, andavam profundamente preocupados com o que os alemães estariam fazendo. De Peenemünde haviam chegado indicações de que estava sendo estudado um modêlo qualquer de "avião sem pilôto", e numa praia de Bornholm um dinamarquês descobrira os destroços de uma estranha arma que parecia ter caído do céu. Tudo indicava estar em elaboração uma nova *blitz,* mas como seria e qual a sua gravidade ninguém sabia.

Nessas condições, a notícia de Hollard explodiu como uma bomba. O homenzinho recebeu ordem de abandonar qualquer outra atividade e concentrar suas atenções na misteriosa construção.

Hollard e quatro agentes, munidos de mapas, iniciaram então uma excursão sistemática pelo norte da França, de bicicleta. Pssando de bicicleta por algumas bases, obtendo informações sôbre outras, em conversa com pessoas da localidade, dentro de três semanas êles tinham descoberto mais de 60 dessas misteriosas construções. Em meados de novembro haviam encontrado mais 40, tôdas elas num corredor de quase 300 quilômetros de extensão por 50 quilômetros de largura, mais ou menos paralelo à costa — e tôdas apontando na direção de Londres! Mas que era aquilo?

Na espionagem a sorte tem muitas vêzes função importante, e foi uma série de coincidências que levou Hollard a descobrir o segrêdo mais bem guardado de Hitler. Hollard estava certo dia conversando com um de seus agentes, que recomendava com interêsse um amigo. Era um rapaz chamado Robert, que tinha vontade de participar de alguma façanha contra os alemães. Hollard arranjou emprêgo para Robert num aeroporto. Robert, por sua vez, convenceu um amigo, de nome André, a apresentar-se como voluntário para o serviço que no fim o levou a Bois Carré, outro lugar onde estava sendo feita a estranha construção. Uma semana depois de assumir o seu nôvo cargo, André entregou a Hollard cópias de planos que lhe haviam passado pelas mãos. Ao fazê-lo, disse que era a última vez que dava informações a Hollard. Explicou que os alemães o tinham obrigado a assinar um compromisso de não revelar o que estava fazendo.

Hollard é um homem brando. Conquistara a cooperação de outras pessoas apelando para o seu patriotismo de franceses. Mas dessa vez agiu às brutas. *Ordenou* a André que obtivesse uma cópia do plano geral, custasse o que custasse. Se não o conseguisse, seria tratado como qualquer soldado que desertasse de seu pôsto em combate.

O rapaz concordou em cooperar. Em Bois Carré, o chefe alemão guardava o plano geral num bôlso interno do sobretudo — e usava o sobretudo até mesmo no escritório. Só o tirava às nove horas da manhã, quando saía para ir ao banheiro.

Durante vários dias André marcou o tempo das ausências matutinas do alemão. Variavam entre três e cinco minutos. Então, um

dia, quando o alemão largou o casaco, André se esgueirou para dentro do escritório, fêz uma cópia rápida do plano geral e estava de volta à sua mesa quando o alemão voltou.

No fim da semana, seguindo as sugestões de Hollard e usando um remédio que lhe fôra fornecido, começou a queixar-se de fortes dores de estômago. O médico alemão zombou dêle, mas, quando André começou a vomitar, obteve uma licença para ir a Paris consultar o médico da família.

Em Paris, André e Hollard começaram a coordenar a cópia do plano geral com os outros planos que *Réseau Agir* obtivera. Depois, conferiram seus desenhos com observações locais. Foi um trabalho colossal, semelhante ao da reconstituição de um dinossauro com meia dúzia de ossos. Muitas vêzes os dois homens chegaram a um impasse e tiveram de começar tudo de nôvo. Mas finalmente conseguiram colocar tôdas as peças na devida posição, e surgiu, com estupenda nitidez, o contôrno de uma base da V-1.

Era êsse o papel que Hollard levava entre as batatas quando o cão policial lhe agarrou a perna, na fronteira.

Depois que Hollard entregou essa prêsa, chegou de Londres um telegrama que dizia: "Material recebido em ordem. Parabéns." Veio então a reação. Hollard estava cansado — cansado de viver eternamente em ação, cansado de viver todos os minutos com mêdo. Os inglêses insistiram em que êle se demorasse na Suíça, e êle cedeu à tentação. Depois lembrou-se dos agentes da estação copiando relações de movimentos de trens, com risco da própria vida, homens entrando furtivamente em hangares de aviões e estaleiros navais, outros sentados em campanários de igrejas observando as manobras alemãs.

Voltou para a França e lá, alguns meses depois, em conseqüência de um lapso de um colega, foi capturado num *bistro*. Dos três homens que foram presos com êle, um morreu num campo de concentração, os outros foram soltos ao cabo de três meses. Hollard foi horrìvelmente torturado, mas não deu informação nenhuma aos alemães. Como não foi encontrada em seu poder nenhuma prova de cumplicidade, não o fuzilaram; foi condenado ao campo de concentração de Neuengamme.

Quando a guerra estava prestes a terminar, os alemães esvaziaram o campo, meteram os prisioneiros em porões de navios e deixaram-nos à deriva no Mar do Norte, esperando que fôssem afundados por bombardeiros aliados. Hollard, trancado com centenas de outros, foi milagrosamente transferido, à última hora, de um dos navios condenados para um navio da Cruz Vermelha sueca.

Precisou de seis semanas de tratamento num hospital para ficar em condições de movimentar-se. A RAF mandou um avião para levá-lo a Londres, onde deveria receber a mais alta condecoração militar a que pode concorrer um estrangeiro na Inglaterra, a Ordem de Serviço Especial. Mas Hollard já estava a caminho de sua terra, e foi preciso condecorá-lo depois, em Paris. O avião que o levou para a França passou por Auffay em vôo baixo, e lá êle viu a massa de destroços, restos da primeira base de V-1 que descobrira.

Hoje Michel Hollard é gerente de vendas de uma firma de material elétrico. Sôbre suas atividades durante a guerra o General Sir Brian Horrocks, que comandou o XXX Corpo do Exército da Libertação britânico, diz: "Ninguém pode ter dúvidas de que Hollard fêz jus à mais alta condecoração por bravura. Êle foi, literalmente, o homem que salvou Londres."

"Estávamos à Sua Espera em Dacar"

·Donald Coster

Prefácio de Frederic Sondern, Jr.

Uma noite, em fins de 1942, o formidável enxame de submarinos alemães no Atlântico Sul recebeu ordem urgente de seguir a todo o vapor para Dacar. Dentro de poucos dias, muito mais de uma centena de submarinos nazistas navegavam ao largo da ponta mais ocidental da África. Em terra, as tropas francesas de Vichy ocupavam as poderosas defesas costeiras que, dois anos antes, haviam repelido o assalto anglo-francês, dirigido pelo General de Gaulle. A invasão americana, atravessando o Atlântico, ia ao encontro de uma emboscada que lhe seria desastrosa, segundo pensava o Alto Comando Alemão.

Contudo, na noite de 7 de novembro, as estações alemãs de rádio transmitiam as notícias: "Achtung! Achtung! *(Alerta! Alerta!) Grande exército inimigo na costa setentrional da África..." As fôrças aliadas de invasão tinham surpreendido os alemães, desembarcando a perto de 3.200 quilômetros de distância de Dacar, onde eram esperadas. Dera ótimo resultado o Plano Disfarçado de Dacar, estratagema dos mais eficazes desta guerra.*

Um dos elos mais importantes na cadeia dêsse plano foi forjado por Donald Coster, jovem nova-iorquino, de aspecto tímido, que fôra diretor de uma agência de publicidade.

Em 1940, Coster conduzia uma ambulância de campo dos serviços americanos, para o Exército Francês. Foi capturado, passou alguns meses desagradáveis em poder dos alemães, foi sôlto e regressou à pátria para se alistar na Marinha. Seus conhecimentos da língua

francesa levaram-no para a Divisão dos Serviços Estratégicos dos Estados Unidos sob a direção do Coronel William Donovan. Deixemos, porém, que Donald conte a sua história.

NUM DOMINGO fui chamado ao gabinete do Coronel Donovan. — Você vai para a África; para Casablanca — disse-me. — É o local mais importante do mundo neste momento. A África Francesa vai ser invadida um dêstes dias ou pelos alemães ou por nós. Você tem de auxiliar nos preparativos de qualquer uma destas eventualidades. Temos de conhecer o plano alemão logo que êles próprios o saibam.

— Sim, senhor — respondi, quase sem poder respirar.

— Está em Casablanca uma comissão alemã de armistício, fazendo cumprir os têrmos que os nazistas impuseram aos franceses em 1940. Você pode tentar convencê-los de que, se invadirmos, entraremos por Dacar. Deixo ao seu critério a escolha do método que deve empregar para conseguir isso.

Engolia em sêco à medida que ia compreendendo o alcance das palavras do coronel, pronunciadas com tôda a simplicidade.

— É melhor que você passe por Londres, Lisboa e Gibraltar, para colhêr dos inglêses tôdas as informações que fôr possível. Agora pode ir.

Sentia-me como a Menina do Chapèuzinho Vermelho ao atravessar a floresta povoada de lôbos — à meia-noite. Pela minha imaginação desfilava um cortejo de agentes da Gestapo, de superespiões e de engenhosos métodos nazistas de suplício e de morte.

Poucos dias depois, vi-me transformado em "vice-cônsul" com ordenado pago pelo Departamento de Estado. Donovan usava dêsse disfarce para dissimular seus agentes que agiam no território oficialmente neutro da França de Vichy.

Em Washington segui um curso rápido de instruções sôbre o código que havia de utilizar, e pouco mais. Ainda não estava organizada a escola complicada de espiões, que mais tarde ensinou aos agentes americanos desde o arrombamento de cofres fortes até a técnica difícil de se dirigir a outro agente na esquina de uma rua, num país hostil, com o mínimo dos riscos de chamar a atenção. Eu

nem sequer sabia como abrir uma simples gaveta de secretária. Quando segui para Londres, de avião, tinha plena noção da minha pouca experiência.

Ccorreu, então, a primeira das minhas coincidências curiosas. Uma pequena inglêsa, a quem fôra apresentado por amigos, descobriu, não sei como, que eu ia para a África do Norte. Pediu-me encarecidamente que tentasse encontrar e auxiliar um bom amigo dela — um austríaco chamado Freddy — que estivera na Legião Estrangeira Francesa e que se encontrava provàvelmente agora num campo de concentração, perto de Casablanca. Senti-me muito atrapalhado. Ninguém devia saber para onde eu ia. No entanto, prometi, sem entusiasmo, fazer o possível para achar o tal austríaco.

Em Londres, Lisboa e Gibraltar encontrei-me com os principais agentes do serviço inglês de informação. Eram homens calmos, de aspecto formidável, cuja presença de espírito me aumentava o sentimento de incompetência para a missão. Mantinha completo silêncio quando os maiores falavam. Contaram-me fatos sôbre o General Theodor Auer, chefe da comissão alemã de armistício — evidentemente um adversário sinistro. O seu sistema de contra-espionagem era bem organizado e executado sem escrúpulos.

Os cavalheiros inglêses abanaram a cabeça, incrédulos; duvidavam da probabilidade de eu convencer o general de qualquer coisa importante que não fôsse verdadeira: êle conhecia tôdas as manhas. Recomendaram-me cuidado com minha integridade física. Os alemães tinham sistemas para se desfazerem de pessoas incômodas: levavam-nas para ruas escuras e apunhalavam-nas. Pouco antes da partida do meu avião de Gibraltar, um inglês de ar severo deu-me umas pancadinhas no ombro:

— Boa sorte, meu velho. Havemos de nos lembrar de você.

Pareceu-me notar um tom fúnebre na sua voz...

Em Casablanca, apenas alguns dos principais diplomatas americanos sabiam o que estavam fazendo os homens do Coronel Donovan. O pessoal regular dos consulados vivia constantemente irritado com os jovens e enigmáticos assistentes que pouco interêsse demonstravam pelos seus deveres consulares e tinham um modo muito pouco diplomático de falar com contramestres das docas, pescadores e outros tipos estranhos. Era-nos, também, bastante difícil esconder de

A invasão aliada da África do Norte

alguns dos nossos colegas indiscretos os transmissores de rádio com os quais enviávamos relatórios.

Com a *Croix de Guerre* na lapela e sabendo falar francês, não me foi difícil fazer amigos e colhêr informações. Algumas pessoas de confiança, contrárias a Vichy, auxiliaram-nos a verificar a fidelidade das nossas fontes. O dono de uma emprêsa de pesca desenhou uma carta dos pontos da costa de Marrocos que eram abordáveis. Um arquiteto francês, que escapara de trabalhos forçados na Alemanha, seguiu-me dois domingos à igreja e ao abrigo de uma coluna entregou-me os desenhos das mais modernas tôrres antiaéreas alemãs — tôrres que êle fôra obrigado a construir. Tudo isso era de grande valor; não havia, porém, meio de encontrar o General Auer.

Então, certa tarde, ocorreu a segunda das coincidências curiosas. Eu e outro "vice-cônsul" estávamos sentados num café de má fama, à beira-mar, onde nos mantínhamos à escuta de informações sôbre o movimento de navios. Dois jovens passaram pela nossa mesa.

— Walter — chamou meu companheiro.

O recém-chegado parou.

— Quero apresentar-lhe um amigo, Donald Coster, também empregado no consulado.

Os rapazes sentaram-se. Eram austríacos; encontravam-se em França quando da invasão alemã. Tinham-se alistado na Legião Estrangeira; foram internados num campo de concentração de Vichy e de lá conseguiram evadir-se para Casablanca.

— Quando, de repente, um dia — contava Walter — quem havia de encontrar na rua? Teddy Auer, o general que chefia a comissão alemã de armistício. Eu o conheci em Paris antes da guerra.

— Bem — concluiu Walter alegremente — fizemos um contrato com êle. Daríamos informações em troca de êle nos manter fora da prisão. Somos ambos antinazistas violentos, é claro, e só queremos a pele dos alemães.

O meu espírito começou a girar depressa. Ou Walter e seu companheiro tinham sido encarregados de me encontrar e aquilo era uma armadilha, ou tratava-se de um acaso extraordinário. Continuava a pensar nisso, quando o austríaco me disse:

— Então você acaba de chegar de Londres? — Suspirou. — Conheço lá uma pequena encantadora. Se pudesse ir vê-la...

Eu tirara minha carteira para pagar a conta. De repente o austríaco quase pulou por cima da mesa.

— É a letra dela! — exclamou, apontando para um envelope na minha carteira.

Era uma carta que recebera daquela londrina de caligrafia grande e distinta. Êste rapaz era, portanto, o Freddy que ela me pedira que procurasse!

Nessa noite estudei um plano bem definido. Fingiria ser um rapaz tagarela e estúpido e, enquanto bebesse copo após copo, transmitiria aos austríacos informações precisas, mas sem importância, que êles passariam a Auer. Tinha lido isso em livros e não acreditava que houvesse a mínima probabilidade de êxito. Mas não era capaz de inventar outra coisa.

Poucos dias depois, verifiquei que Auer não só acreditara quando os austríacos lhe relataram sua nova aquisição, mas também abrira uma garrafa de champanha.

— É isso! Todos uns idiotas, êsses americanos — dissera o general. — Basta embebedá-los, para que comecem a falar.

As primeiras informações exigidas por Auer não eram difíceis. Aparentemente o general estava experimentando a precisão da nova fonte de informações, em assuntos de menor valor.

Depois, um dia, os dois homens estavam muito preocupados quando os encontrei. O general estivera muito irritado na noite anterior.

— Seus porcos austríacos! — vociferara. — Vocês não conhecem êsse americano, e estão roubando meu dinheiro.

Freddy e Walter juraram que conheciam muito bem o americano e podiam prová-lo.

— Então provem e bem depressa. Senão vão já saber o que significa enganar um general alemão.

Vi ameaçado o meu plano. Auer já desconfiava. Lançaria na nossa pista a contra-espionagem, e todo o nosso trabalho — que progredia com surpreendente falta de interferência por parte dos alemães — ficaria exposto aos maiores perigos. De repente, o horizonte desanuviou-se. Era só dizer ao general que, se quisesse certificar-se das nossas relações de amizade, viesse àquele restaurante do mercado negro, à beira-mar, na noite seguinte, e ver-nos-ia cear todos juntos.

— Vou representar uma comédia que há-de convencê-lo — acrescentei.

Os rostos dos austríacos retomaram a côr natural.

— E o general há-de pagar o jantar — disse Walter gravemente.

Nunca mais esquecerei aquela noite. Todos igualmente nervosos, estávamos para comer os nossos bifes do mercado negro, quando entrou o governador extra-oficial da África do Norte Francesa, magro e louro, acompanhado dos membros principais da comissão alemã de armistício; com modos arrogantes, tomaram lugar junto de nós. Sentia o olhar agudo do general a espicaçar-me a nuca.

Comecei então a mostrar-me exuberante. Bati em cima da mesa, contei algumas histórias indiscretas sôbre o Departamento de Estado, gritei pedindo mais vinho, discuti com os garçons, dei pancadinhas nas costas do Walter e do Freddy, dirigi de vez em quando um olhar beligerante aos alemães, embora com a respiração suspensa.

Gradualmente os austríacos começaram a respirar com mais calma.

— Muito bem — murmurou Walter. — O general está satisfeito. Conheço os sintomas. Está aliviado e bem impressionado.

Para maior ênfase, estacionamos depois o nosso automóvel à porta do consulado alemão e começamos a cantar em voz roufenha.

No dia seguinte Freddy apresentou ao general a conta do jantar, de vários milhares de francos. Auer não cabia em si de contente quando entregou o dinheiro, com uma gratificação por cima.

— Ótimo, rapaz — disse rindo. — Agora você trate de extrair dêsse idiota coisas importantes a respeito dos americanos.

Mal podia acreditar na minha boa estrêla. O general convidava agora os austríacos para tôdas as recepções suntuosas que dava. Ouviam, assim, muitas conversas sôbre assuntos que nos interessavam profundamente. Os químicos alemães estavam produzindo em massa um gás nôvo. O alto comando desistira da idéia de invadir a África Francesa através da Espanha. Transmitíamos tôdas as noites essas informações pelo rádio ou pelo correio.

Periòdicamente ia comunicando a Freddy e Walter que se preparava uma invasão americana. Em julho, Auer estava evidentemente preocupado e exigiu que os austríacos se dedicassem inteiramente a descobrir quando e onde os americanos atacariam.

— Diga ao Auer — sugeri — que o plano de invasão está definitivamente estabelecido. Vamos desembarcar em Dacar lá para o fim do outono.

Passei uma noite sem poder adormecer. Seria Auer capaz de acreditar? E se Freddy e Walter estivessem fazendo comigo o papel que eu queria que êles representassem? Se me enganasse, seria responsável pela perda de muitas vidas aliadas.

Na manhã seguinte os austríacos estavam radiantes. O general exclamara satisfeito:

— Muito bem, vou caçar os americanos. Vão cair numa linda ratoeira. Esta notícia vai ser transmitida sem demora ao Alto Comando!

Premira botões e gritara pelos auxiliares. Uma longa mensagem fôra transmitida para Wiesbaden. Abriram-se depois muitas garrafas de champanha e fizeram-se muitos brindes: a Hitler, à glória do Exército Alemão, aos "sinceros amigos austríacos" de Auer e até ao "estúpido americano". Freddy e Walter foram recompensados com uma quantia avultada.

Minha contribuição para o Plano Disfarçado de Dacar fôra completa. Foi, é claro, apoiada por outros artifícios e "indiscrições" intencionais, tudo com o fim de convergir as suspeitas inteiramente para Dacar.

Poucos meses depois passei pelos momentos mais palpitantes da minha vida. No dia do ataque desembarquei em Orã, a 3.000 quilômetros de Dacar. A *Operação Facho* subjugou a África do Norte Francesa com poucos tiros; nem um único dos navios da gigantesca armada aliada fôra afundado. A caminho do aeródromo de Tafaroui, onde se tinham feito 600 prisioneiros, recebi ordens de me avistar com o oficial comandante de Vichy. Ficou vermelho de cólera quando me aproximei. Apontando para mim um dedo acusador, explodiu:

— Como é que vocês aparecem aqui? Estávamos à sua espera em Dacar!

Como o Gen. Eisenhower Escapou de Morrer

John Carlova

Redator de *Straits Times* de Cingapura, representante de imprensa junto ao Estado-Maior do Supremo Q. G. Aliado na Segunda Guerra Mundial

Foi em fins de 1944. Das planícies geladas da Holanda às montanhas nevadas do Luxemburgo a guerra estava paralisada. O General Eisenhower, no seu quartel-general em Versalhes, estava planejando a estocada final no coração da Alemanha.

Pouco antes do Natal, alguns dias antes de os alemães desfecharem contra os aliados a Batalha do Bolsão, Ike dirigiu-se ao seu pôsto de comando em Reims, a fim de elevar o moral das tropas. Naquele dia reuniram-se ali representantes de tôdas as fôrças aliadas e cada qual posou para um breve jornal cinematográfico em companhia de Ike para desejar boas-festas ao povo nos Estados Unidos. Voltamos para Versalhes à tarde. Ike e seu motorista iam num Cadillac oliva-escuro, côr dos automóveis do Exército Americano, e nós três — Al, cinegrafista; Junior, fotógrafo de jornal; e eu — seguíamos num carro menor, dirigido por um soldado raso a quem todos chamavam de Cabeça de Malho.

A neve começou a cair e a lama a congelar-se, tornando perigoso dirigir. Adiante de nós, o chofer do Cadillac do General guiava com perícia mas Cabeça de Malho era menos habilidoso e numa curva fechada nosso carro bateu numa crista de gêlo e furou um pneu. Quando prosseguimos viagem, já ia caindo a noite.

Pouco depois, eu e Junior estávamos cochilando no banco de trás quando Al, à nossa frente, exclamou de repente:

— Que é aquilo?

Íamos chegando ao cruzamento de duas estradas principais, uma que seguia diretamente para Paris e outra que passava pelos arredores de Paris e levava a Versalhes, que fica um pouco a sudoeste. O local estava cheio de homens da Polícia do Exército. Por entre a confusão dos vultos escuros víamos um grande *sedan* oliva-escuro caído de lado; tôda a parte da frente tinha voado pelos ares.

— Deus do céu! — gritou Junior. — É o carro de Ike!

Abrimos caminho por entre a multidão. O carro danificado não era um Cadillac, mas no escuro fôra fácil confundi-lo com o de Ike. Ao lado havia dois corpos estendidos no chão: um coronel americano e um cabo.

— Que foi que houve? — perguntei a um sargento da PE.

— Dois soldados americanos se aproximaram do carro num jipe e jogaram três granadas.

— Soldados americanos? — exclamei sem poder acreditar.

— É só o que sei, amigo — disse o atarantado sargento. — Vá andando!

Voltamos para o nosso carro e prosseguimos. Não fomos longe. Um caminhão de transporte militar nos fechou bruscamente a frente, enquanto dois jipes nos bloqueavam pela retaguarda. Paramos e um punhado de homens da Polícia do Exército com os seus capacetes brancos cercou o carro, um dêles com uma pistola 45 a menos de um palmo do nariz do nosso chofer. Outro acendeu uma lanterna elétrica em cima de mim e gritou:

— Quem são vocês?

— Estamos com o estado-maior do General Eisenhower.

— É mesmo? — replicou o polícia. — Foi a melhor piada que já ouvi até agora! Desçam já! Todos!

Fomos revistados, arrastados para o caminhão e levados para um pôsto da Polícia do Exército. O pôsto estava cheio do tumulto de soldados nervosos. Depois de interrogados por dois tenentes, fomos levados à presença dum nervoso major.

— Os papéis dêles parecem em ordem — disse o tenente que nos acompanhava.

— Isso não quer dizer nada — replicou o major.

De repente voltou-se para mim e disse alguma coisa em alemão. Limitei-me a olhá-lo.

— Major — disse Al, que era capitão e o homem de maior patente do nosso grupo — basta telefonar para o oficial da Polícia do Exército de dia em Versalhes e tudo será esclarecido em poucos minutos.

Em resposta, o major gritou alguma coisa em alemão para Al.

— Ora! Pare com isso! — exclamou Al.

— Vocês são alemães, todos vocês! — gritou o major. — Leve-os daqui! — ordenou ao tenente.

Fomos levados novamente para a prisão do pôsto. Dezenas de soldados que discutiam ruidosamente estavam sendo aprisionados. Notei que uma cela próxima era ocupada por dois homens bem altos que usavam uniformes de capitães americanos. Um dêles tinha uma cicatriz no rosto e sacudia as grades da cela gritando:

— Tirem-me daqui! Alguém vai pagar por isto!

Algum tempo depois fomos levados novamente para a sala do major, que ainda estava sob visível tensão.

— Podem ir-se embora — disse-nos. — Já me comuniquei com Versalhes e obtive informações sôbre vocês. Desculpem a detenção.

— Que está acontecendo? — perguntei-lhe.

— Uma confusão infernal. Cêrca de cem alemães com uniformes americanos entraram em Paris. Alguns estão rodando num carro parecido com o de vocês. Foi por isso que os detivemos.

Olhei para Al. Estávamos ambos pensando a mesma coisa.

— O General Eisenhower já está de volta a Versalhes? — perguntei.

— Não. E é isso o que nos preocupa. Êle ainda não apareceu.

— Êle já devia estar de volta há uma hora — disse Al.

— Sei disso — interrompeu o major. — Desconfiamos de que êsses alemães andam à procura dêle, e nós não conseguimos encontrá-lo.

— Vimos um carro destruído na estrada — disse eu. — Foram os alemães?

O major concordou com um gesto.

— Êles julgaram com certeza que fôsse o carro de Ike. Êsses alemães parecem ter tido informações seguras sôbre todos os movimentos do General hoje.

— Que é que há com um sujeito grande, com uma cicatriz, que está na prisão? Está envolvido no caso?

— Não sabemos... Mas descobrimos que um homem alto com uma cicatriz está provàvelmente encabeçando a operação. É por isso que estamos detendo todo o mundo que esteja com uniforme americano e que pareça de qualquer forma suspeito.

(Soube depois que tudo fôra realmente uma tentativa cuidadosamente planejada para raptar ou matar o General Eisenhower. Fui informado de que o Coronel Otto Skorzeny, que tem o rosto marcado por uma cicatriz e foi o chefe do "comando" alemão que espetacularmente arrancou Mussolini do poder dos Aliados, chefiara um grupo de homens escolhidos para a execução do fantástico plano, que, às vésperas da Batalha do Bolsão, deveria causar confusão no alto comando aliado.)

Continuando em nosso caminho para Versalhes, tivemos de parar em cinco pontos onde a estrada estava fechada. Felizmente o major nos dera salvo-condutos. Quando chegamos ao quartel-general de Ike, todo o vasto terreno estava cercado por um cordão de homens da PE e soldados.

Ike ainda não havia aparecido. Aflitos oficiais de segurança interrogaram a cada um de nós para saber quando víramos o General pela última vez. Depois permitiram-nos entrar no escritório principal. Quase todo o pessoal estava ali reunido e a tensão era sensível. Uma das môças do Corpo Auxiliar Feminino desatou em soluços nervosos, gritando:

— Mataram Ike! Mataram Ike!

No meio de tôda essa confusão, quem havia de aparecer? O próprio Ike e seu motorista, cercados por uma dezena de homens da PE. Todos nos levantamos num pulo, gritando, rindo e dando expansão à alegria que sentíamos em tornar a vê-lo. Nunca esquecerei seu ar de surprêsa, enquanto procurava compreender o que estava acontecendo.

A PE conseguiu afinal afastar-nos e sair com Ike. Saí à procura do chofer de Ike e encontrei-o na cozinha engolindo com voracidade o seu jantar.

— Que foi que houve? — perguntei-lhe. — Por que você e Ike demoraram tanto?

Êle comia enquanto falava:

— A uns 25 quilômetros de Paris vimos um casal de velhos sen-

quais se lia: 'As suas florestas estão secando. Por que não tratam de renová-las? Podemos ver tudo.' O próprio Togo, Ministro do Exterior, não sabia dessas coisas exatamente, pois os militares as escondiam dêle.

"Quando o Primeiro-Ministro Suzuki tomou conhecimento dêsses tristes fatos, disse: 'Temos de acabar a guerra na primeira oportunidade.' Isso aconteceu em fins de abril de 1945."

Suzuki promoveu uma reunião do Supremo Conselho de Guerra, o qual constava dêle, do Ministro do Exterior, do Ministro da Guerra, do Ministro da Marinha, do Chefe do Estado-Maior da Marinha e do Chefe do Estado-Maior do Exército — seis pessoas ao todo. Sakomizu serviu como secretário nesse conselho.

O Primeiro-Ministro leu ao conselho o calamitoso relatório e disse:

— Devemos acabar a guerra o mais depressa possível.

Os componentes do conselho concordaram em princípio. Mas Anami, Ministro da Guerra, disse:

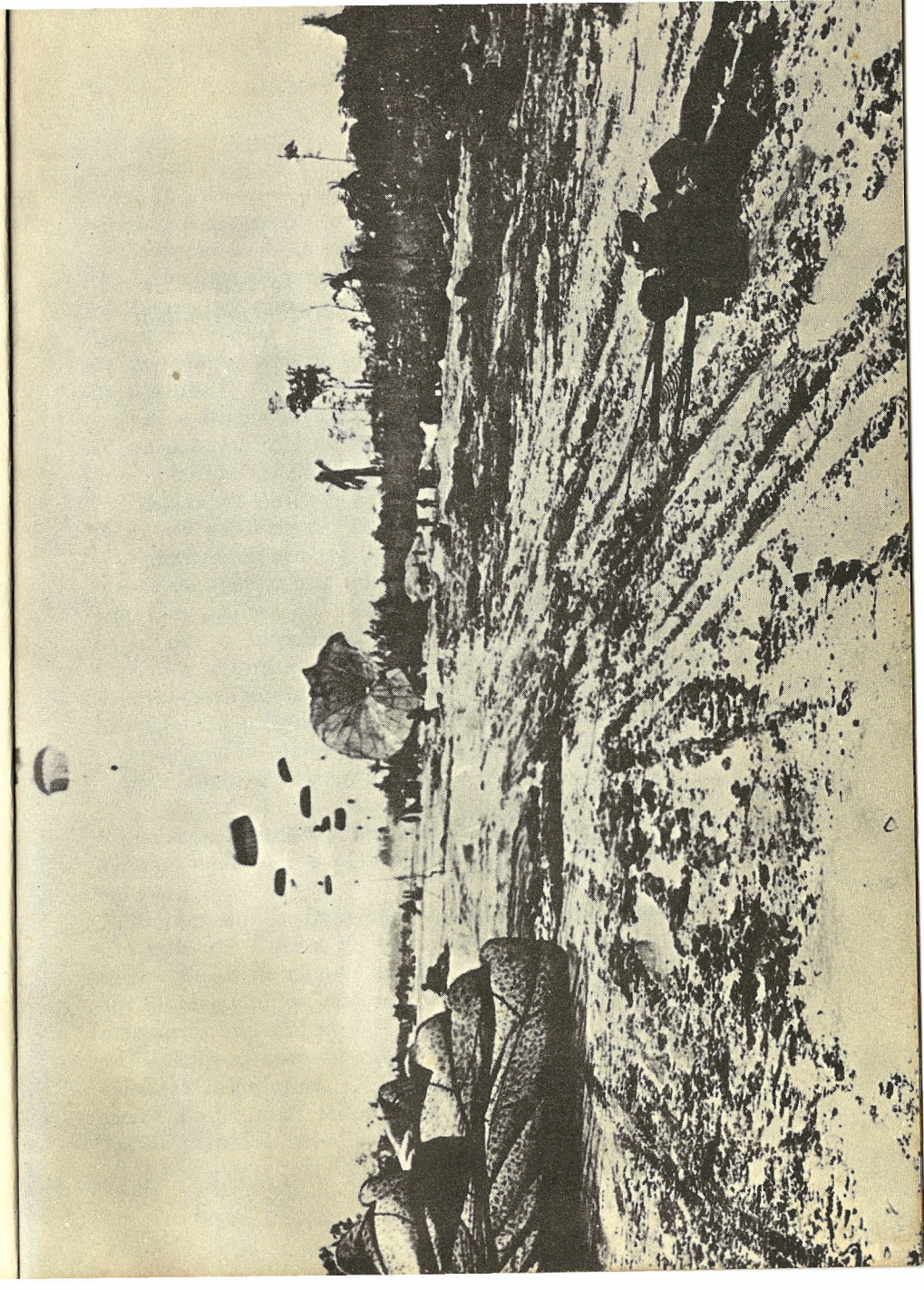
— Devemos esperar um pouco, pois dentro em breve as tropas imperiais expulsarão o Exército Americano de Okinawa até o mar. Poderemos então entrar em negociações de paz em posição mais vantajosa.

Era uma atitude típica dos militares. Até o fim o exército afirmou, por um lado, que havia probabilidade de vitória e, pelo outro, reconheceu virtualmente a impossibilidade de continuar a luta. Suzuki, que era versado em letras clássicas, disse a Anami:

— Faz-me lembrar o mercador da lenda chinesa que oferecia à venda um escudo que não podia ser penetrado por nenhuma arma e uma lança capaz de perfurar qualquer escudo.

No dia 3 de junho de 1945, enquanto se travava a decisiva batalha de Okinawa, Suzuki pediu ao ex-Primeiro-Ministro Hirota que conversasse secretamente com o embaixador russo em Tóquio a fim de pedir a mediação russa para a paz. Constitui uma das ironias da História o fato de que o embaixador russo, que iria arrastar os pés através de tôdas essas manobras frustradas de paz, não fôsse outro senão Jakob Malik, que depois se tornaria tão conhecido como obstrucionista nas Nações Unidas.

Hirota concordou em falar com Malik, mas, segundo Sakomizu, tinha receio de que a polícia secreta do Japão descobrisse os seus



Pára-quedistas americanos descendo do céu sôbre Okinawa em apoio da violenta operação aeronaval para a conquista da ilha

Foto gentilmente cedida pelo USIS

desígnios e o prendesse como traidor. Para livrar-se de vigilância, mudou-se para Hakone, uma estância de águas termais perto de Tóquio, e alugou uma casa vizinha à de Malik, a fim de poder visitá-lo secretamente pelos fundos.

Até então os jornais russos tinham falado apenas de vitórias americanas e reveses japonêses. Nessa ocasião começaram a dizer que as fôrças americanas poderiam ser vencidas e expulsas de Okinawa. Isso deu a Hirota a esperança de que a Rússia concordasse em servir de mediadora. Mas, na sua terceira visita a Malik, o russo perguntou de repente:

— Se a Rússia aceitar a mediação, que fará o Japão pela Rússia?

Isso ocorreu a 24 de junho, três dias depois de haverem os japonêses perdido Okinawa.

"Okinawa", disse-me Sakomizu, "foi um golpe mortal. Pela primeira vez a Rússia se via em condições de exigir corretagem."

O Imperador não era pôsto ao corrente, pelos militares, do andamento da guerra, mas quando Okinawa caiu nem os militares conseguiram ocultar ou atenuar o presságio fatal da catástrofe. Foi então que o Imperador determinou que o Supremo Conselho de Guerra se reunisse na sua presença e lhe fizesse uma exposição fiel da situação. Depois de cada qual dos ministros e dos chefes militares haver falado, o Imperador disse que o govêrno e os militares deviam elaborar algum plano para acabar prontamente a guerra.

Disse então o Primeiro-Ministro Suzuki:

— Isso é da maior importância porque agora o Imperador disse o que todos queriam dizer, mas hesitavam em sugerir. (E com tôda a razão, desde que a polícia militar estava prendendo quem falasse em paz.)

"Depois que o Imperador falou", disse Sakomizu, "o Supremo Conselho de Guerra deliberou pôr têrmo à guerra. Discutiram-se quatro meios de efetuar as tentativas de paz: (1) falar diretamente aos Estados Unidos; (2) pedir a mediação da Rússia; (3) enviar uma mensagem imperial ao Rei da Inglaterra, invocando os velhos usos da diplomacia entre as côrtes; (4) pedir a Chiang Kai-shek que iniciasse as negociações. O Ministro do Exterior Togo queria o primeiro alvitre, mas todos os outros ministros hesitaram porque os Estados Unidos nessa época exigiam a rendição incondicional, o

que significaria a perda do nosso Imperador e da nossa pátria. Depois de longas discussões a respeito de todos os meios propostos, resolveu-se oficialmente pedir a mediação da Rússia."

A única pessoa ainda viva das que figuravam no Supremo Conselho de Guerra, o Almirante Soemu Toyoda, disse que o Imperador queria que o Príncipe Konoye fôsse mandado imediatamente a Moscou como enviado extraordinário.

Enquanto isso, pela quarta e última vez, a 29 de junhó de 1945, Hirota visitou Jakob Malik na embaixada soviética em Tóquio. Ao fim de muita insistência, Malik prometeu transmitir a Moscou a mensagem de Hirota, mas, segundo diz Sakomizu, "por um correio regular de trem, arrastando-se como uma lêsma através da Sibéria". Hirota esperou impacientemente durante alguns dias. Depois pediu outra audiência a Malik, mas êste se escusou, dizendo que não se sentia bem.

Enquanto isso acontecia em Tóquio, Sato, embaixador japonês em Moscou, foi falar duas vêzes com Molotov a respeito das conversações entre Hirota e Malik. Segundo comunicou, Molotov se mostrava completamente indiferente.

A 12 de julho, o Imperador mandou chamar o Príncipe Konoye e lhe confiou pessoalmente uma mensagem para ir como Enviado Especial a Moscou pedir a mediação da Rússia para a paz. No mesmo dia, o Ministro do Exterior Togo passou ao Embaixador Sato o seguinte telegrama urgente: "Sua Majestade extremamente ansioso terminar guerra mais depressa possível." Isso foi comunicado ao Vice-Comissário do Exterior Rosovsky, que disse a Sato:

— Molotov não pode recebê-lo agora porque está ocupado com os preparativos da viagem a Potsdam com o Marechal Stalin.

"A 16 de julho", diz Sakomizu, "Sato procurou novamente Rosovsky e solicitou com empenho que o govêrno russo nos desse uma resposta antes da partida de Stalin e Molotov para Potsdam. Mas Rosovsky disse: 'As propostas japonêsas são muito vagas e difíceis de compreender. É preciso esperar que Stalin e Molotov voltem a Moscou.' "

A 21 de julho, quatro dias depois de iniciada a Conferência de Potsdam, Sato recebeu novas instruções pelo seguinte telegrama: "Enviado especial mandado Moscou em obediência solicitação Imperador para pedir bons ofícios govêrno soviético sentido obter condições paz diferentes rendição incondicional." Por alguma estranha razão, afirma Sakomizu, êsse telegrama chegou com atraso às mãos de Sato e êste nada pôde fazer antes de 25 de julho.

No dia seguinte foi divulgada a Declaração de Potsdam. "Ficamos animados", disse Sakomizu, "ao vermos, depois de cuidadoso exame, que a declaração não falava de rendição incondicional para a nação, mas de 'rendição incondicional de tôdas as fôrças armadas japonêsas'. O Ministro do Exterior Togo disse: 'É melhor aceitarmos isso logo.' Mas o Primeiro-Ministro Suzuki replicou: 'Ainda não. Podemos agora entrar em negociações. Vamos esperar alguma resposta do govêrno russo aos muitos pedidos que fizemos para que nos servisse de mediador.' "

A 30 de julho Sato estêve de nôvo com Rosovsky, sem resultado. No dia 2 de agôsto recebeu mais uma vez instruções para lembrar a Rosovsky a grande urgência necessária. Assim fêz êle, mas responderam-lhe: "Não haverá resposta enquanto Stalin e Molotov não voltarem a Moscou."

Stalin e Molotov voltaram a Moscou no dia 5 de agôsto. "Ficamos então à espera da resposta da Rússia", disse Sakomizu. "Esperávamos ansiosamente, 'com os pescoços esticados como o de uma cegonha', conforme diz um provérbio japonês."

No dia seguinte foi lançada a bomba atômica em Hiroxima.

Tôdas as comunicações com Tóquio foram destruídas. Só bem tarde naquela noite foi que o govêrno japonês soube que uma só bomba destruíra tôda a cidade.

O Primeiro-Ministro resolveu então aceitar a oferta feita na Declaração de Potsdam e convocou uma reunião do gabinete. "Mas nesse dia, 8 de agôsto, antes de nos podermos reunir, Molotov mandou chamar Sato e disse: 'Já tenho a sua resposta.' Em seguida leu-lhe a declaração de guerra da Rússia ao Japão."

Também nesse dia caiu uma bomba atômica em Nagasáqui. Na manhã seguinte o Exército Vermelho invadia a Mandchúria.

A última conferência dramática da guerra se realizou num pequeno abrigo antiaéreo de cinco metros e meio por nove, sob os terrenos do palácio imperial. Ali se comprimiam o Imperador, todo o gabinete e o Supremo Conselho de Guerra. O Ministro da Guerra Anami,

obstinado até o fim, afirmou que o Exército Imperial repeliria os invasores americanos até o mar se êles se atrevessem a pôr os pés na terra sagrada da pátria. Mas o Imperador disse que concordava com a maioria que estava disposta a aceitar a Declaração de Potsdam. Declarou que o Japão e o povo japonês lhe tinham sido transmitidos pelos seus antepassados e que era do seu dever transmiti-los aos seus descendentes.

— Mas se continuarmos a lutar em nosso território — disse êle — todo o Japão será destruído e todos os japonêses morrerão. Como, então, poderemos transmiti-los?

"Os bombardeiros voavam acima de nós e as sirenas gemiam sem parar", disse Sakomizu, "mas lá embaixo o silêncio era tão grande que se poderiam ouvir as nossas lágrimas caindo no papel. Foi o momento mais triste dos 2.500 anos de nossa história."

Febris negociações encheram os dias que se seguiram. "Mas finalmente", disse Sakomizu, "o Imperador afirmou que estava satisfeito com as condições de paz e passou-se um telegrama, aceitando-as e pondo têrmo à guerra. No dia seguinte (15 de agôsto), ao meio-dia, o Imperador falou à nação pelo rádio.

"Foi a primeira vez que todo o povo japonês lhe ouviu a voz e todos choraram ao saber que a guerra estava perdida. Mas o Japão perdera a guerra antes da bomba atômica — e antes da entrada da Rússia no conflito. Por que a Rússia se negara a servir de mediadora? Por que a Rússia abafou os nossos esforços de muitos meses para fazer a paz? Foi tudo um sinistro plano para fazer a guerra continuar até que os russos pudessem intervir no último minuto — para colhêr resultados que hoje podemos ver com a maior clareza?"

O Prisioneiro que Escapou

Kendal Burt e James Leasor

O *Oberleutnant* Franz von Werra, marchando entre guardas impassíveis, atravessou os compridos corredores do Centro de Interrogatório da Aeronáutica Britânica, em Cockfosters, e foi introduzido em uma sala agradável, ricamente apainelada. Estava totalmente às escuras, salvo por uma forte lâmpada de leitura que projetava um círculo de luz sôbre uma vasta secretária de mogno. Atrás desta estava sentado um oficial da RAF, de rosto magro e vincado, sobrancelhas hirsutas e bigodes de pontas para cima.

O oficial falou em alemão fluente se bem que com leve sotaque.

— Sou o Major-Aviador Hawkes. Sente-se, *Oberleutnant*.

Quando o prisioneiro bateu os calcanhares, inclinando-se rìgidamente, reparou em uma bengala com castão de prata encostada à mesa. Isso o fêz pensar no afetado oficial britânico das caricaturas dos jornais alemães.

— *Oberleutnant,* 13 aviões inglêses abatidos e meia dúzia destruídos no solo é um resultado bastante respeitável.

Havia um tom de fria zombaria na voz do inquiridor.

— Na qualidade de pequeno ás da primeira guerra, sinto-me especialmente emocionado de travar conhecimento com um dos grandes ases da segunda.

Von Werra arremedou a voz descansadamente arrastada do outro.

— Não li nada sôbre suas façanhas quando estudei a fascinante história do Real Corpo Aéreo* — disse — e, por mais curioso que me sinta ao conhecê-lo, não revelarei nenhum informe militar.

Calou-se por um instante, e em seguida, com insolência escarninha, acrescentou:

* Nome primitivo da Royal Air Force (RAF).

Condensação do livro "The One That Got Away", copyright, 1956, de Harry Kendal Burt e Thomas James Leasor, edição conjunta de William Collins Sons & Co., Ltd. e Michael Joseph, Ltd., Londres.

— Mas que asneira a minha, *Herr* Major! Foi sem dúvida o senhor que me derrubou!

O major nada disse.

O longo silêncio que se seguiu foi finalmente interrompido pelo uivo de uma sirena de alarme antiaéreo. Outra sirena começou e mais outra, até que a cacofonia ululante cobriu tôda a área de Londres. Von Werra sorriu afetadamente. Mais bombardeiros alemães lá em cima. Era o dia 7 de setembro de 1940 e estava-se em plena Batalha da Grã-Bretanha.

Repentinamente o major ergueu-se da cadeira, agarrou a bengala, mergulhou a sala no escuro e caminhou até a janela. Apesar das sirenas, von Werra percebeu que êle mancava pesadamente e que uma de suas botas rangia. Seu interrogador tinha uma perna postiça.

— Perdoe-me, *Herr* Major. Sinto imensamente. Não pensei...

Não houve contestação. O major abrira as cortinas de escurecimento e contemplava a noite londrina.

Afinal o estridor acabou, sirena após sirena. Hawkes correu de nôvo as cortinas e voltou para a sua mesa. Ao acender a lâmpada, inclinou o abajur de modo que von Werra ficasse de frente para a claridade impiedosa.

— Diga-me, *Oberleutnant* — observou como por acaso — qual de seus amigos do *Staffel* do Estado-Maior do Segundo *Gruppe* do *Geschwader* de Caça Número Três tomará conta de Simba, o seu leãozinho de estimação? Será "Sanni"?

Von Werra deixou escapar uma exclamação abafada. A partir de sua captura, dois dias antes, êle revelara apenas seu nome, pôsto e número de identidade. No entanto, um interrogador britânico não só conhecia sua unidade como também o nome de seu leãozinho de estimação e o apelido de seu melhor amigo. E não estava blefando; parecia saber tudo. Chegou até a comentar quanto era fraca a possibilidade de von Werra ser barão, título que o jovem pilôto usava a miúdo.

Durante as duas horas seguintes o Major Hawkes prosseguiu em seu ataque devastador, tocando profundamente a arrogância do alemão com a sua voz sarcástica.

— Devo cumprimentá-lo, *Oberleutnant* — disse êle — por seu gôsto pela publicidade.

Trouxe a gravação de um programa de rádio alemão em que von Werra contava ter abatido cinco Hurricanes e destruído quatro outros no solo, tudo sòzinho, em uma única incursão. Conquanto não tivesse havido testemunhas, a proeza fôra enaltecida na Alemanha como "o maior feito da aviação de caça de tôda a guerra".

Hawkes, meio sentado na ponta da mesa, inclinou-se para o prisioneiro. Sua voz era glacial.

— O senhor sabe tão bem quanto eu, *Oberleutnant* "Barão" von Werra, "O Demônio Rubro", "O Terror da RAF", que nunca houve um incidente que lembrasse de longe sequer essa suposta proeza.

Dificilmente a RAF poderia ter sofrido a perda de nove Hurricanes sem tomar conhecimento disso, observou Hawkes. E assinalou, ponto por ponto, os absurdos e lacunas da invencionice, inclusive as contradições entre o que von Werra dissera pelo rádio e o que descrevera à imprensa. No fim, a falsidade da história ficou patente e von Werra permaneceu sentado, silencioso e embaraçado.

Aí o Major Hawkes desferiu o golpe.

— Suponhamos que seus companheiros de prisão viessem a saber o que o senhor e eu sabemos a respeito de sua famosa proeza. Que vida o esperaria entre os prisioneiros? O senhor seria alvo da chacota geral.

Von Werra sorriu frouxamente, mas de qualquer maneira sorriu.

— *Herr* Major, eu sei qual é o preço que o senhor provàvelmente vai pedir em troca do silêncio: informes militares.

Sua voz tornou-se mais firme:

— Nada lhe direi, *Herr* Major! O senhor pode tornar difícil minha vida com meus camaradas, mas a alternativa seria pior: eu não poderia viver comigo mesmo.

A entrevista terminara. Von Werra não fraquejara sob o malho do interrogatório cerrado. E quando Hawkes tocou a campainha para chamar o guarda, o prisioneiro deu uma amostra de seu ânimo indomável.

— *Herr* Major, aposto uma garrafa de dois litros de champanha contra dez cigarros como fugirei dentro de seis meses.

Foi bom que Hawkes não aceitasse a aposta. Pois teria perdido.

Então com 26 anos de idade, obstinado, exuberante, tremendamente ambicioso, Franz von Werra estava na Luftwaffe desde sua fundação, há mais de cinco anos. Depressa avaliara a natureza daquela corporação: o único meio de subir era conseguir tornar-se falado. O que impressionava era o arrôjo, a agressividade, um pouco de temeridade. Von Werra procurava exceder todos os demais em combates simulados, entregava-se à prática de façanhas proibidas tais como passar por baixo de pontes e executar acrobacias a baixa altura por cima da casa de sua namorada. Ao passo que outros pilotos tinham cães, falcões e até mesmo porcos como animais de estimação, von Werra havia de ter um filhote de leão. Para aumentar seu cartaz adotou o título de Barão, que, malgrado sua discutível legitimidade, possuía um certo valor esnobe mesmo entre as tropas de Hitler.

Quando sobreveio a guerra, o que importava, é claro, era tornar-se um ás, e foi comprovado que von Werra realmente derrubara oito aviões, o que não era má fôlha de serviço. Mas as fôrças aéreas polonesa, norueguesa, holandesa e belga haviam sido destruídas em questão de dias, e a Fôrça Aérea Francesa estava sendo duramente castigada. Em algumas semanas a RAF também seria posta fora de combate e todos os pilotos nazistas disputavam honrarias antes que fôsse demasiadamente tarde. A bazófia de von Werra de ter destruído nove Hurricanes em sua famosa incursão não-testemunhada colocou seu escore quase no primeiro lugar. As autoridades, depois de reduzirem sua reivindicação de nove para cinco aviões, concederam-lhe a Cruz de Cavaleiro. Antes, porém, que pudesse recebê-la, seu aparelho foi abatido em sua décima missão sôbre a Inglaterra.

Não obstante o seu espírito jactancioso, von Werra possuía um vivo senso de segurança. Numa época em que os nazistas, excessivamente confiantes, esperavam poucas perdas e quase nem se davam ao trabalho de instruir seus aviadores sôbre questões de segurança, a negligência dos pilotos capturados era um verdadeiro maná para o Serviço Britânico de Informações. Muitas vêzes êles conduziam consigo documentos secretos, cartas, mapas, relatórios de efetivos, dados

técnicos, diários; ou pedaços de passes de ônibus, canhotos de entradas de cinema e talões de compras amarfanhados, pelos quais era possível deduzir a localização de diversas unidades. Von Werra, porém, queimara todos os papéis que tinha consigo logo depois da queda de seu avião.

Seu primeiro interrogatório convencera-o de que os chefes alemães estavam com razão: os inglêses *eram* néscios. Um capitão do exército, de cabelo cinza-escuro, homem cortês e sem cerimônias, ofereceu-lhe um cigarro e, olvidando a situação de captor e cativo, pareceu interessado apenas em conversas sôbre a política alemã, os ideais nazistas, reivindicações coloniais da Alemanha e coisas semelhantes. Bastante aliviado por não lhe ser perguntado nada de natureza militar, von Werra pusera-se à vontade, tornara-se expansivo e falara livremente. Só mais tarde êle verificou com que astúcia a entrevista fôra conduzida e que o inquiridor o estivera apenas sondando para decidir que processos dariam mais resultado em futuros interrogatórios.

Embora von Werra tivesse agora agüentado satisfatòriamente o duro ataque frontal do Major Hawkes, que fôra seu segundo interrogador, o Serviço de Informações da RAF estava longe de haver terminado com êle. Nos dias subseqüentes foi interrogado reiteradamente a tôdas as horas do dia e da noite por meia dúzia de diferentes oficiais que falavam alemão, trabalhando isoladamente e em colaboração. Entre si êles experimentaram todos os truques para induzi-lo a falar.

Foi lisonjeado, adulado, tentado e provocado. Insinuaram-lhe que seria possível arrumar-se uma visita sua ao West End* — discretamente escoltado, é natural, e à paisana; tudo seria providenciado para êle: jantar, teatro, ida a uma boate. Outro interrogatório revestiu-se do aspecto de "bate-papo amigável entre camaradas aviadores" acompanhado de uma garrafa de uísque ("Sirva-se, meu velho") e uma caixa de charutos em cima da mesa. Von Werra não topou nenhuma dessas brincadeiras perigosas.

Lançando mão de outro estratagema ainda, seus captores puseram-no na solitária por vários dias e depois colocaram-no num

* Zona elegante, comercial e de diversões, de Londres.

quarto com outro membro de sua unidade, o *Oberleutnant* Carl Westerhoff. Acontecia que os dois eram amigos íntimos e ao se encontrarem a sós cumprimentaram-se efusivamente. Westerhoff logo assediou o amigo com perguntas, mas von Werra mostrou-se cauteloso nas respostas, examinando o quarto sem cessar. Sùbitamente puxou Westerhoff para um canto escuro, trepou em seus ombros e olhou através da grade de um respiradouro. Ao descer sussurrou:

— É ali que êle está; há positivamente um objeto prêto ali dentro e uns fios. Vamos nos debruçar para o lado de fora da janela e conversar. Assim ficaremos resguardados.

O microfone do respiradouro foi confirmado naquela noite quando ligaram as luzes. Daí em diante êles passaram a só conversar debruçados na janela.

Na manhã do terceiro dia depois dêsse incidente von Werra sentou-se de repente na cama, como se tivesse sido espetado por um alfinête.

— Meu Deus! Que tolo que fui!

O respiradouro era o lugar mais lógico do quarto para se instalar um microfone. Os inglêses tinham-no colocado ali *propositadamente para ser achado!* Ademais, as janelas dos outros quartos em que êle havia estado em Cockfosters estavam tôdas prêsas de modo a não poderem ser abertas. Essa, porém, fôra deixada funcionando deliberadamente, sem dúvida com um microfone sob a saliência externa do peitoril.

Von Werra inclinou-se para o lado de fora da janela e falou, em voz alta e nítida:

— Alô, Serviço de Informações da RAF. Fala *Oberleutnant* von Werra. Estou procurando descobrir um microfone oculto próximo da janela de meu quarto. Estou batendo agora na parte ôca do caixilho do lado esquerdo. Estão-me ouvindo? *Oberleutnant* von Werra falando e testando...

Pode ter sido mera coincidência, mas o fato é que naquela manhã mesmo Westerhoff e von Werra foram transferidos de quarto.

Antes de se darem por satisfeitos, os inquiridores britânicos trabalharam em von Werra durante um total de três semanas. Durante êsse período êle não divulgou conscientemente nenhum informe militar. Mas, durante seus interrogatórios, os britânicos inegàvelmente lhe tinham dado uma idéia quase completa de seus processos e técnicas. Daí decorreu ter essa revelação se tornado muito mais importante do que qualquer coisa que êle lhes pudesse haver contado. Pois o *Oberleutnant* von Werra ficou profundamente impressionado com a sutileza e manha dos métodos britânicos de interrogatório, e agora conhecia mais a seu respeito do que qualquer outro alemão — fato que mais tarde teve conseqüências de extraordinário alcance, tanto para a RAF quanto para a Luftwaffe.

Von Werra foi mandado para Grizedale Hall, um campo de prisioneiros de guerra situado na região rural de charnecas, a 30 quilômetros do Mar da Irlanda. O edifício era uma sombria mansão de pedra, com 40 cômodos, cuidadosamente guardada. Um comandante de submarino aprisionado, o *Kapitänleutnant* Werner Lott, tinha tentado evadir-se ùltimamente, mas não conseguira ultrapassar sequer a cêrca interna de arame farpado.

Tinha havido, sem embargo, algumas tentativas sérias de fuga. Como em outros campos de prisioneiros britânicos dessa época (a guerra estava prestes a acabar), a maioria dos nazistas capturados contentava-se em permanecer calada e inativa, aguardando, esperançosa, a chegada de tropas alemãs. Mas von Werra já não compartilhava mais da crença de que os inglêses estariam derrotados por ocasião do Natal. A surpreendente e desagradável competência da RAF, que já custara quase 15 pilotos à sua unidade, e as inúmeras medidas de defesa que êle observava — casamatas e blocausses camuflados, fossos anticarro, postes altos nos terrenos descampados como obstáculos contra o pouso de planadores — haviam-no convencido de que a guerra duraria muito tempo.

Dez dias depois de ter chegado a Grizedale Hall, von Werra já tinha concebido um plano para evadir-se. O oficial alemão mais graduado, Major Willibald Fanelsa, que, ajudado por um conselho de três membros, examinava todos os planos de evasão, escutou-o cheio de dúvidas.

Dia sim, dia não, 24 prisioneiros eram levados para a estrada a fim de se exercitarem. Infletiam para o norte ou para o sul — aparentemente segundo o capricho do sargento que os acompa-

nhava a cavalo — e marchavam em cadência viva uns três quilômetros, depois descansavam dez minutos numa curva da estrada e regressavam. A disciplina era rígida e a vigilância intensa; além do sargento a cavalo havia um oficial a pé, comandando, e quatro guardas à frente e outros tantos à retaguarda.

O local destinado ao descanso no itinerário do norte, onde uma cêrca de arame dava para um prado aberto, não apresentava possível cobertura. No itinerário do sul, todavia, o local onde faziam alto ficava ao lado de um muro de pedra. Se alguns de seus colegas de cativeiro distraíssem os guardas e outros fizessem um grupo para esconder seus movimentos — e von Werra estudara isso em pormenores — êle poderia saltar o muro e correr agachado por trás dêle até atingir um trecho da estrada onde não seria avistado, e depois fugir para o bosque denso. Uma vez livre, seguiria até a costa e procuraria embarcar clandestinamente em um navio neutro.

O Major Fanelsa aprovou o plano como "inegàvelmente o melhor que fôra apresentado" até aquele momento. O conselho de evasão forneceu-lhe um mapa rudimentar e a roupa grossa de que necessitaria no áspero terreno de charneca. Von Werra já conseguira obter três xelins em dinheiro inglês e guardara sua ração de chocolate para servir-lhe de alimento. Dois dias depois o plano foi pôsto em execução.

O Major Fanelsa pediu ao comandante do campo que mudasse a hora do exercício de dez e meia da manhã para duas da tarde, sob o pretexto de que interferia com as sessões educativas realizadas no campo na parte da manhã, mas, na realidade, para dar ensejo a von Werra de evadir-se mais perto do cair da noite. No portão do campo, como havia o risco de ser adotado o itinerário do norte, um dos prisioneiros comandou a conversão para o sul, o que não foi contestado. O oficial encarregado pensou que o sargento a cavalo dera a ordem, enquanto êste imaginou que ela houvesse partido do oficial.

Quando foi dada a costumeira voz de alto, os guardas colocaram-se de um lado da estrada, enquanto os prisioneiros foram para o outro, ficando parados ou perambulando em frente ao muro de pedra. O aparecimento do carrinho de um verdureiro na estrada

habitualmente deserta desalentou-os a princípio. Acabou, entretanto, sendo a distração ideal, pois os guardas compraram maçãs e o sargento deu uma ao cavalo. Quando o carrinho se afastou, von Werra saiu andando por trás de seus companheiros mais altos, que haviam sido reunidos cuidadosamente de acôrdo com o plano, e trepou no muro. Uma cotovelada avisou-o de que os guardas nada tinham percebido; êle rolou então, caindo sem fàzer barulho sôbre o capim do outro lado.

No momento em que os prisioneiros entravam de nôvo em forma e o sargento dava ordem de rompimento da marcha, duas mulheres, a quase um quilômetro de distância mas em situação que lhes permitia ver o prisioneiro que fugia, começaram a gritar e a agitar os braços. Com grande presença de espírito um dos presos respondeu aos gritos e acenos. Os outros imitaram-no e assim o sargento não compreendeu absolutamente o significado dos sinais desesperados das espectadoras.

Após haverem progredido uns 300 metros, os alemães romperam numa canção de marcha — uma das duas que tinham combinado cantar à essa altura. Era a favorável e fêz saber a von Werra que sua falta não tinha sido notada. Então, livre das vistas de seus captores, que tinham desaparecido na curva da estrada, ficou em pé sem mais se abrigar e pulou por cima do muro de pedra. A seguir, acenando alegremente para as duas mulheres assustadas que ainda o observavam sem nada poderem fazer, atravessou correndo a estrada e desapareceu em um denso pinheiral do lado oposto.

Era estritamente proibido cantar durante as marchas, e, quando os presos sùbitamente iniciaram o cântico a plenos pulmões, os guardas foram apanhados de surprêsa. O sargento montado esbravejou, o oficial gritou, pigarreou, gritou de nôvo e brandiu a bengala. Nada surtia efeito; os alemães recusavam-se a parar de cantar.

Suspeitando de qualquer anormalidade, o sargento percorreu a coluna de ponta a ponta, tentando contar os prisioneiros. Mas êstes ficaram passando de uma fila para outra — artifício sugerido por von Werra — de modo que era difícil saber quantos havia. Depois de confabular com o oficial, o sargento afinal foi até a testa da coluna, puxou o revólver e comandou alto.

Quando os prisioneiros fizeram alto arrastando os pés, o oficial

correu tôda a coluna, contando. O total era de 23 em vez de 24. Para certificar-se, o oficial e o sargento contaram outra vez, deslocando-se da retaguarda para a testa da coluna. Não podia haver dúvida; faltava um prêso.

Os moradores locais ainda se recordam do furor suscitado. Às cinco e meia tôda a maquinaria antievasão da área havia sido posta em movimento. Caminhões, carros de passeio, viaturas com metralhadoras Bren e motocicletas corriam frenèticamente de um canto para outro, através de tôda a região. A Guarda Territorial e a polícia aderiram à caçada e três cães sabujos foram levados às pressas, de automóvel, do quartel central em Preston, para o local. Antes que chegassem, porém, choveu fortemente, deixando-os sem serventia. Os soldados das fôrças armadas, a princípio contidos para não prejudicarem o rastro, foram então enfileirados, para darem enérgica batida nos bosques.

Von Werra ficou completamente desaparecido durante três dias e três noites. À medida que o tempo passava sem se encontrar vestígios dêle, foram sendo convocados mais soldados e policiais. No fim havia vários milhares empenhados na perseguição. O alemão simplesmente se evaporara e a polícia desconfiava que alguém o acolhera ou que êle tivesse morrido de frio ou ferimentos.

Nada disso ocorrera.

Mesmo nas partes mais agrestes do Distrito dos Lagos há inúmeras pequenas cabanas de pedra, conhecidas como *hoggasts,* usadas para guardar forragem para os carneiros. Os guardas territoriais examinaram tôdas as existentes em sua zona de ação, por mais afastadas que estivessem; e, cêrca de 11 horas da noite do quarto dia, dois guardas que patrulhavam a área de Broughton Mills, apenas a sete ou oito quilômetros do litoral, encontraram uma cabana cuja porta, fechada a cadeado, tinha sido arrombada. Iluminando o interior da mesma com a lâmpada de carbureto de uma bicicleta, descobriram o fugitivo. Tinha o rosto macilento e encarquilhado, a roupa enlameada e as botas gastas como as de um vagabundo.

Enquanto um dos guardas o mantinha sob a mira de sua arma, o outro atou uma corda fortemente em tôrno do punho de von Werra

e depois prendeu-a a seu próprio punho. Mas, antes que o pudesse levar, von Werra, em uma manobra perfeitamente sincronizada, derrubou o homem a que estava amarrado, ao mesmo tempo que arrebentava a lâmpada. Em seguida, pulando para fora do alcance do segundo guarda e puxando, com tôda fôrça, o punho amarrado, arrebentou a corda e desapareceu nas trevas da noite.

Só foi encontrado novamente após mais dois dias de busca intensa. Às duas e meia da tarde do sexto dia de liberdade de von Werra um pastor avistou-o infiltrando-se entre as samambaias de uma colina de 360 metros de altura que dava para o Vale Duddon. O pastor avisou o contingente mais próximo da Fôrça Policial de Cumberland e Westmorland, que ràpidamente isolou a base da colina. Quando afinal cercaram o fugitivo, algemaram-no sem perda de tempo. Dessa vez êle não escapou.

Após passar 21 dias na solitária, como punição por sua fuga, von Werra foi transferido de Grizedale Hall para Swanwick, um campo de prisioneiros de guerra nos Midlands, Inglaterra central. Tendo, porém, escapado uma vez, êle alimentava esperanças de fazê-lo de nôvo e estava decidido a experimentar. Assim, examinou logo minuciosamente a organização de segurança do nôvo campo.

Swanwick era rodeado por duas fortes cêrcas de arame farpado e a estreita faixa de terra entre estas era constantemente patrulhada. Tôrres de vigia, dispostas a intervalos de 50 metros ao longo da rêde exterior, eram equipadas de metralhadoras e holofotes, e as cêrcas eram iluminadas à noite exceto durante os alertas de ataque aéreo, quando reforçavam a guarda. O único meio possível de escapar, concluiu, seria abrir um túnel.

O prédio para o qual foi designado ficava só a um metro da rêde exterior, e von Werra calculou que um túnel com 13 metros de comprimento apenas, partindo de um pequeno quarto desocupado do andar térreo, iria dar além daquela cêrca. A saída ficaria perto de uma das tôrres de vigia, o que não era muito cômodo, mas alguns arbustos e árvores ali existentes poderiam oferecer certo abrigo. O projeto parecia plausível e dentro de poucos dias cinco outros oficiais entusiàsticamente se uniram a êle, constituindo a Swanwick Tiefbau A. G. (Companhia de Mineração de Swanwick).

Desde o começo o empreendimento correu bem, a despeito de muitos obstáculos. Von Werra constatou que, faltando ao almôço, hora em que dificilmente dariam por sua ausência, já que um único oficial inglês tinha a seu cargo 150 prisioneiros, poderia dedicar seis horas por dia ao trabalho de escavação. As pás côncavas de cabo curto e os baldes para incêndio, previdentemente fornecidos pelo Ministério da Guerra para o combate a bombas incendiárias, eram esplêndidos para cavar e transportar a terra; e um dos membros da equipe do túnel encontrou um imenso depósito para captação de águas pluviais, parcialmente vazio, em que se poderia jogar a terra. Depois de certo tempo o ar tornou-se tão nauseabundo na toca que mesmo uns poucos minutos de trabalho produziam vômitos e violentas dores de cabeça; e uma grande caverna provocaria o desastre total, pois deixava apenas uma delgada crosta de terra sôbre o túnel. Entretanto, nenhum guarda caiu neste — por sorte êle ficava bem embaixo da primeira cêrca de arame, e o ar fresco que se infiltrava através da tênue abóbada remanescente solucionou o problema da ventilação.

Todos os prisioneiros cooperaram, postando-se de vigia em pontos estratégicos e bradando palavras de código quando o barulho da escavação ou da remoção de pedras grandes ameaçava chegar aos ouvidos das sentinelas. Quando era de todo inevitável o ruído, abafavam-no cantando em côro, tocando gaita, jogando cartas em grande algazarra, e até mesmo encenando uma briga generalizada. O trabalho prosseguiu com regularidade, e, exatamente um mês depois de ter sido iniciado o túnel, estava pronta uma "toca de coelho", com espaço estritamente suficiente para se passar de rastos.

Entrementes, os cinco perfuradores (um dos seis iniciais, tomado de pessimismo, tinha desistido a meio do caminho) haviam traçado seus planos para escapar da Inglaterra. A venda de um anel de brilhante a um guarda, por uma libra, proporcionara quatro xelins a cada um dêles. Com êstes minguados fundos para a passagem de ônibus, dois dos homens contavam ir até Liverpool e embarcar clandestinamente em um navio neutro para a Irlanda. Dois outros dirigir-se-iam a Glasgow com a mesma intenção. Apenas von Werra resolveu partir sòzinho.

A experiência que tivera, quando de sua evasão do Distrito dos

Lagos, convencera-o de que um fugitivo alemão na Inglaterra tinha muito poucas probabilidades de êxito, a menos que pudesse de qualquer jeito escapar do país antes que começassem a procurá-lo. O único meio para isso era pelo ar. Von Werra decidiu-se, por conseguinte, pela linha de ação mais audaciosa possível: abrir caminho até a base aérea mais próxima e, fiado em sua presença de espírito, quando ali chegasse, procurar um avião.

Empenhando-se em encontrar um disfarce simples mas convincente, deliberou passar por pilôto holandês que sofrera um acidente ao regressar de uma missão de bombardeio. Isso era plausível, visto haver então grande número de refugiados tchecos, holandeses, noruegueses e poloneses servindo na RAF, falando inglês estropiado (o dêle era regular) e envergando uniformes relativamente desconhecidos. Como provàvelmente poucos aviadores dos Midlands estariam exatamente a par das operações do Comando Costeiro, êle seria do "Esquadrão Especial Misto de Bombardeio, do Comando Costeiro", baseado em Aberdeen. Essa base ficava longe e a denominação vaga e ambígua dar-lhe-ia certa margem de amplitude para os esclarecimentos.

Como fardamento, um prêso deu-lhe um macacão de vôo que de algum modo conseguira guardar, um outro forneceu-lhe um par de botas de vôo forradas de pêlo, e um terceiro um par de luvas de couro. Para completar seu enxoval, êle comprou um cachecol de lã enxadrezada na loja do campo. Podia passar sem documentos de identidade, mas por certo precisaria de um disco de identificação militar britânico, que era feito de fibra vulcanizada. Isso era impossível obter, mas o "Departamento de Falsificações" do campo contribuiu com uma perfeita imitação em papelão.

Às nove horas da noite de 20 de dezembro, usando um pijama lambuzado de graxa de sapato preta sôbre o macacão de vôo para protegê-lo, von Werra cautelosamente passou através da última camada de terra que havia sôbre a saída do túnel. As condições eram ideais. A noite estava escura e um alerta antiaéreo fizera desligarem os holofotes. Quando êle emergiu livre, o côro do campo, grandemente ampliado para a ocasião e cantando altíssimo para encobrir qualquer ruído da evasão, prorrompeu em *Muss-i denn,*

muss-i denn, zum Städtele hinaus (Devo deixar a minha cidadezinha).

Silenciosamente von Werra avançou através da escuridão e poucos minutos mais tarde seus companheiros saíram do túnel, um a um. Em um celeiro, a uns 200 metros, onde haviam combinado reunir-se, murmuraram então as suas despedidas e apertaram a mão de von Werra, separando-se.

Como prosseguisse o reide aéreo, von Werra resolveu aguardar o sinal de céu limpo antes de aventurar-se mais, para não correr o risco de ser apanhado como sobrevivente de um avião alemão abatido. Não havia pressa. Com um pouco de sorte a fuga não seria descoberta antes da revista matinal, o que lhe daria pelo menos dez horas de vantagem. Agachou-se junto do celeiro e ficou esperando.

Às três horas não havia soado ainda o sinal. Von Werra não se atreveu a prolongar a espera. Saiu de seu esconderijo, enfiou embaixo do braço o exemplar de *The Times* que apanhara no campo, à guisa de acessório de seu disfarce, e saiu através dos campos.

Teria andado menos confiante se soubesse que a polícia já estava esquadrinhando a área à sua procura. Swanwick tinha sido alertada sôbre a fuga pouco depois de meia-noite, quando um dos evadidos, o Major Heinz Cramer, fôra capturado. O Major Cramer tentara roubar uma bicicleta que encontrara encostada à parede de uma loja. Infelizmente, ela pertencia ao policial da vila, que a deixara ali por um instante enquanto fazia a ronda usual nos fundos das dependências da loja.

Von Werra andou vários quilômetros ao longo de caminhos rurais sem encontrar vivalma. Restavam-lhe apenas poucas horas e estava começando a ficar inquieto. Às quatro e meia ouviu uma locomotiva silvando em um desvio próximo. Subiu nela e entrou na cabina.

O maquinista ficou boquiaberto.

— Que é que você pretende? — perguntou.

— Sou o Capitão van Lott, da Real Fôrça Aérea Holandesa e agora servindo na RAF — explicou von Werra com naturalidade. — Acabo de fazer um pouso forçado em Wellington, depois de ter sido atingido pelo fogo antiaéreo em uma incursão sôbre a

Dinamarca. Preciso chegar ràpidamente ao campo da RAF mais próximo. Onde é que há um telefone por perto, por favor?

O maquinista mostrou-se solícito.

— O foguista, Harold, vai largar o serviço agora mesmo. Êle o acompanhará até a estação.

Andando pela linha férrea com o ajudante de maquinista, von Werra foi ter à estação de Codnor Park às cinco e meia. Mas o telefone ficava na bilheteria, que estava trancada, e o bilheteiro, Sam Eaton, só chegava pouco antes das seis. Von Werra ficou aguardando nervosamente.

Eaton estava mal-humorado quando apareceu e escutou com impaciência a história de von Werra sôbre o acidente com um bombardeiro nas vizinhanças, estranhando que tivesse deixado a tripulação ilesa em uma casa de fazenda sem telefone.

— O senhor pode fazer o favor de telefonar para o campo da RAF mais próximo e pedir que mandem um carro me apanhar? Minha base em Aberdeen enviará para lá um avião para mim e minha tripulação.

Manifestamente cético, o pequeno e esperto bilheteiro fêz várias perguntas relativas ao acidente e a seguir pegou o telefone.

— Ligue-me com a polícia, faz favor!

Von Werra ficou rígido, enquanto o outro falava longamente ao telefone. Mas aparentemente Eaton queria apenas livrar-se do problema, pois, quando pôs o fone no gancho, disse:

— Não se incomode. Alguém virá já. Êles estarão em melhores condições para ajudá-lo do que eu.

Um carregador fêz chá e Eaton ofereceu uma xícara a von Werra tomando uma êle mesmo. Enquanto os três esperavam a polícia, o magnetismo pessoal e a sociabilidade de von Werra começaram a fazer o seu efeito. Durante meia hora êle respondeu a perguntas a respeito do acidente e da missão de bombardeio, e falou expansivamente sôbre a RAF. Por fim, disse em tom confidencial — "Na verdade não lhes deveria contar isto" — que pertencia a um esquadrão especial e que a incursão daquela noite tinha sido uma experiência de um nôvo visor de bombardeio.

— Compreendem agora por que é preciso regressar depressa?

Eaton estava visìvelmente impressionado.

— Deveras! Sinto muito. Se o senhor tivesse dito isso antes... Será que devo ligar para a base?

— Por favor!

O funcionário suspendeu o receptor e pediu ligação para o aeródromo de Hucknall. Quando afinal conseguiu falar com o oficial de dia, deu ligeiras explicações sôbre von Werra e depois chamou êste ao telefone.

O oficial de dia de Hucknall foi duro de convencer. Fêz uma porção de perguntas sôbre o acidente e comentou ser curioso não ter ouvido nada a respeito. Mas finalmente disse:

— Creio que devo fazer algo pelo senhor. Mandarei uma viatura buscá-lo.

Um minuto depois das sete chegou a polícia. Eram dois investigadores à paisana e um sargento fardado. Fitaram von Werra em silêncio por algum tempo, sem dar mostras de cordialidade nem de hostilidade. Aí um dos detectives falou abruptamente:

— *Sprechen Sie Deutsch?*

Von Werra respondeu em inglês:

— Falo, falo um pouco de alemão, como a maioria dos holandeses.

O detective resmungou e instantâneamente a tensão desapareceu. Evidentemente "*Sprechen Sie Deutsch?*" era tudo o que os três sabiam de alemão, pois o segundo policial em traje civil disse:

— Quer dizer então que o senhor é um dos rapazes do Comando Costeiro?

Von Werra sabia agora que êles não tinham ido ali para prendê-lo. Estavam apenas verificando a sua história. Êle havia lido suficientes relatos de incursões de bombardeiros da RAF nos jornais britânicos para poder mostrar-se convincente.

— Sou — disse com o seu sorriso mais conciliador.

Falou com naturalidade, em perfeita gíria usada pela RAF, sôbre a missão bem sucedida da noite anterior.

Ao ouvirem a conhecida gíria da RAF os três policiais entreolharam-se significativamente e sorriram.

— Onde estão seus documentos? — perguntou o sargento.

Von Werra mostrou-se louvàvelmente paciente.

— O senhor não sabe que é proibido voar conduzindo documentos pessoais? Conosco, no esquadrão especial, essa regra é ainda mais severa.

Depois disso êles nem mesmo pediram para ver seu disco de identificação. E, embora fizessem muitas perguntas mais, as respostas de von Werra, juntamente com o fato de que a base de Hucknall lhe estava mandando um carro, pareceram satisfazê-los.

Por fim, um dos detectives deu-lhe uma palmada nas costas:

— Camaradas formidáveis, vocês do Comando Costeiro.

— Isso mesmo. Boa sorte para o senhor — disse o segundo investigador. — Uns alemães escaparam ontem à noite de um campo de prisioneiros aqui perto. A princípio imaginamos que o senhor pudesse ser um dêles.

Von Werra engoliu em sêco e disfarçou o susto, aderindo às suas risadas. Com que então, a sua fuga já fôra descoberta!

Cinco minutos depois de a polícia ter saído, um soldado da aeronáutica entrou e fêz uma continência traquejada, anunciando:

— Transporte para Hucknall, meu senhor.

Von Werra se reanimou. Ao instalar-se a cômodo para o percurso de 16 quilômetros até à base da RAF, teve a impressão de que ainda poderia roubar o tal avião.

Ao contrário da suposição de von Werra, o oficial de dia de Hucknall não tinha mandado o automóvel por estar convencido de que o Capitão van Lott fôsse autêntico, mas por suspeitar fortemente de que era falso. Êle não tinha sabido da evasão de Swanwick; mas van Lott falara demais e com excessiva loquacidade. E parecia incrível que um bombardeiro pudesse cair no escuro sem que nenhum tripulante se machucasse. Enfim, às vêzes as tripulações tinham uma sorte espantosa nos acidentes. O oficial achou que seria melhor investigar em pessoa a história do Capitão van Lott. Se se tratasse de um impostor, seu traje, seus documentos e o seu modo de descrever os fatos cara a cara o denunciariam.

Como precaução o oficial de serviço entregou um revólver ao motorista do carro, prevenindo-o de que van Lott podia ser um sabotador ou um prisioneiro evadido. As janelas do Comando da Base tinham barras de ferro e êle trancou tôdas as portas menos a principal. No gabinete do ajudante, onde se realizaria a entrevista,

preparou um fogo bem vivo na lareira de modo a obrigar Van Lott despir seu macacão de vôo e mostrar o uniforme.

Tinha apenas nascido o dia quando o motorista parou à porta do PC e levou von Werra até a sala da ajudância. O oficial de dia, que desejava estar ocupado para poder examinar dissimuladamente seu visitante, estava tirando as cortinas de escurecimento.

Viu um homem de 1,70 m de estatura, com cabelo ondulado, rosto franco e juvenil e sorriso agradável. Não parecia sinistro nem tampouco teutônico. Mas seu macacão de vôo não era regulamentar mas de um tipo estranho — de côr cinza-esverdeado pálido e com um fecho *éclair* disposto diagonalmente.

Ainda às voltas com as cortinas de escurecimento, o oficial inquiriu com naturalidade:

— Van Lott? Não demorarei mais que um minuto. Talvez o senhor ache um pouco abafado aqui. Tire o macacão de vôo e fique à vontade!

A sala estava de fato sufocante como a casa das caldeiras de um navio. Mas von Werra respondeu:

— Não vale a pena. Meu avião deve chegar a qualquer momento de Aberdeen.

E discretamente afastou-se do fogo quanto pôde.

O oficial de dia acabou de tirar as cortinas, limpou as mãos e voltou para sua mesa. Von Werra apertou-lhe a mão.

— Desculpe-me ter de importuná-lo — disse. — Não quero causar-lhe nenhum transtôrno. Esperarei junto da tôrre de contrôle pelo meu avião, está bem?

— Não é preciso. Fique aqui que está quentinho! A tôrre me comunicará logo que entrar em contato com o seu aparelho.

Como a visita não desse mostras de sentir-se mal devido ao calor, parecendo achá-lo perfeitamente normal, o oficial de serviço que se estava assando nas próprias brasas experimentou outro método.

— O senhor por certo teve uma sorte extraordinária nesse acidente — disse êle. — Os pormenores pareceram-me muito confusos ao telefone. É melhor me contar tudo de nôvo, pois, como sabe, terei de apresentar um relatório.

Enquanto von Werra apressadamente descrevia a incursão e a queda, o oficial tomava notas e o sondava com perguntas. Quando

von Werra contou ter sido inquirido pela polícia, isso fê-lo vacilar. Se isso fôsse verdade, dava um caráter bem diferente ao problema: se o Departamento de Investigações Criminais ficara satisfeito com a história e de certo modo respondia por êle...

Sem embargo, tomou do telefone e pediu que o ligassem com a base de Aberdeen. Uma conversa com o comandante de lá resolveria o caso.

— Será que isso é mesmo necessário? — perguntou von Werra. — Meu avião deve chegar logo.

— O senhor me desculpe. Mas, como sabe, há a burocracia, e naturalmente compreende que é preciso identificar-se convenientemente. Que tal se me mostrasse seu disco de identificação?

Von Werra riu tolerante ante essa insistência em formalidades. Tinha usado seu disco de papelão cuidadosamente forjado sempre em volta do pescoço. Confiante, abriu o fecho da parte superior de seu macacão de vôo e tateou à procura dêle. No momento em que seus dedos o alcançaram, perdeu o fôlego: a transpiração e o calor do corpo haviam reduzido o papelão a uma massa viscosa. Não se atreveu a mostrá-lo.

Enquanto continuava a remexer inseguro e o outro esperava pacientemente, soou o telefone. Estava salvo. O oficial atendeu.

— Certo! — disse ao telefonista. — Pode ligar... Alô, Aberdeen?

A ligação estava evidentemente ruim, porquanto êle logo começou a gritar com impaciência.

Mas von Werra não queria escutar a conversação. Recuando até a porta, seu olhar encontrou o do oficial. Ergueu as sobrancelhas interrogativamente e indicou por gestos que queria lavar as mãos.

— Não demoro — disse e saiu batendo os pés pelo corredor até a porta com o letreiro "Homens", que abriu e fechou... ficando de fora.

A seguir foi na ponta dos pés até a porta principal. Ao abri-la pôde escutar o oficial de dia bradando:

— Capitão van Lott... duas palavras... Alô?... Um holandês...

Uma vez do lado de fora, seguiu agachado até haver ultrapassado as janelas da ajudância e saiu correndo a tôda a velocidade em

direção aos hangares. O tempo era agora o supremo fator decisivo; as frações de segundo tinham importância.

Perto do primeiro hangar passou a caminhar em passo vivo e intencional. Ali havia obras em andamento e os carpinteiros olharam-no com curiosidade de cima dos andaimes. Desviando-se de um misturador de cimento e quase se chocando com um operário que estava abrindo uma saca de cimento, chegou a uma fila de bombardeiros bimotores. Êstes não lhe serviam, de modo que continuou.

Adiante, no segundo hangar, havia um grupo de Hurricanes. Uma parte de Hucknall era uma base de treinamento de pilotos da RAF, a outra era uma estação experimental altamente secreta da Rolls Royce. Era nessa parte secreta, severamente guardada, que von Werra tinha agora penetrado. A confusão da área em obras proporcionara uma brecha em sua segurança normalmente impecável.

Acercou-se do único mecânico à vista.

— Bom dia — disse em tom autoritário. — Sou o Capitão van Lott, pilôto holandês. Acabo de ser designado para cá. Mas ainda não voei em Hurricanes. O ajudante mandou-me aqui para que o senhor me mostrasse os comandos e fizesse um vôo de treinamento. Qual é o que está pronto para decolar?

O mecânico, um empregado civil da Rolls Royce, espantou-se.

— O senhor não terá vindo procurar no lugar errado? — perguntou. — Isto aqui é uma firma particular.

— Sei disso. Mas o ajudante disse que eu deveria procurar o senhor. Não disponho de muito tempo.

O mecânico matutou e afinal acudiu-lhe a provável explicação. O aviador devia ser um pilôto civil de transporte, do Comando de Transporte Aéreo, que tinha ido lá para levar um Hurricane. Êsses pilotos civis recebiam o tratamento de "Capitão" por uma questão de cortesia e muitos dêles eram estrangeiros que pouco falavam inglês.

— Nada posso fazer pelo senhor sem que assine o Livro de Visitantes — explicou. — Espere um minuto, Capitão. Vou chamar o administrador.

Quando o mecânico entrou no hangar, von Werra encostou-se à fuselagem de um Hurricane. Um belo Hurricane, absolutamente

nôvo, sem um único arranhão! (Era um Mark II, um tipo ainda secreto e não empregado em combate.) Sentiu-se tentado a subir e experimentar dar partida no motor por sua conta. Mas isso poderia arruinar completamente suas probabilidades de êxito. Havia alguns comandos a cujo respeito êle tinha de se assegurar antes de tentar decolar.

O mecânico reapareceu com um homem trajando um guarda-pó cáqui, presumìvelmente o administrador. O funcionário sorriu e saudou-o afàvelmente.

— Soube que o senhor veio buscar um Hurricane. Se me acompanhar poderemos ajeitar logo a papelada.

— Será que isso vai demorar? Tenho pouco tempo — respondeu von Werra. — Só quero conhecer os comandos do Hurricane.

— Receio que nada possa ser feito antes de o senhor assinar o Livro de Visitantes. Num instante o despacharemos.

Relutante, von Werra acompanhou-o até o interior do hangar. O administrador andava com uma lentidão exasperante e um relógio do hangar lembrava a von Werra quanto tempo tinha passado desde que o oficial de dia conseguira a chamada para Aberdeen. Êle quase perdeu a coragem.

O gerente conduziu-o até um pequeno escritório onde um homem de uniforme azul — inegàvelmente um policial da oficina — cuidava de um enorme livro.

O policial então falou:

— O senhor queira assinar na linha seguinte...

O registro tinha de ser feito transversalmente nas duas páginas, que eram divididas em colunas. Usando letra de fôrma para que sua caligrafia germânica não o traísse, von Werra não achou dificuldades nos quatro primeiros títulos, que eram Data, Nome, Nacionalidade e Base. Os outros êle não compreendeu, mas o policial auxiliou-o a preenchê-lo, e por fim o formulário ficou completo.

O administrador declarou então que tudo estava em ordem, faltando só o recibo das ordens escritas para a entrega do Hurricane. Von Werra disse que elas estavam em sua maleta, que deveria chegar de avião a qualquer momento. Neste ínterim, para ganhar tempo, não seria possível receber instruções sôbre os comandos do Hurricane?

— Perfeitamente — disse o gerente. — Agora podemos fazer isso, já que o senhor assinou o livro.

Ao sair do hangar com o mecânico, von Werra olhou apreensivo em redor. Não havia ainda uniformes da RAF à vista. Se ao menos o oficial de dia lhe desse mais uns cinco minutos!

O mecânico encaminhou-se para um dos novos Hurricanes, deslizou para trás a capota da carlinga e von Werra subiu para dentro dela. O mecânico começou a dar explicações a respeito dos instrumentos e comandos desconhecidos. Von Werra prestava a máxima atenção a cada palavra. Muito daquilo era confuso, mas êle procurava concentrar-se nos elementos essenciais para não capotar com o Hurricane na decolagem.

Antes que o mecânico pudesse perceber seu movimento, êle apertou o botão de partida.

— Não faça isso! — gritou o mecânico assustado. — Não se pode dar a partida sem o trole-acumulador.

— Vá buscá-lo então! — ordenou von Werra.

— Está sendo usado por outra pessoa.

Von Werra sorriu cordialmente.

— Por favor, vá buscá-lo, sim? Eu estou mesmo com pressa.

Prestativo, o mecânico foi buscar e dali a pouco voltou guiando o motor de arranque elétrico. Parou-o sob o motor do avião, pulou fora e ergueu o cabo por cima de seu ombro para ligá-lo.

Quando von Werra acionava a bomba de combustível, ouviu uma voz acima dêle ordenando-lhe calmamente:

— Saia daí!

Levantando a cabeça von Werra viu-se diante do cano de uma pistola e dos frios olhos azuis do oficial de dia.

— Falei com Aberdeen — explicou o oficial sêcamente.

A ligação com Aberdeen tinha sido péssima, e só graças a constantes berros e repetições é que o oficial de dia conseguira fazer-se entendido e entender a pessoa na outra extremidade da linha. Várias vêzes a comunicação fôra interrompida completamente. Mas afinal êle verificara que van Lott era fictício.

Em retrospecto vê-se quão nìtidamente apareciam as falhas enormes na história de von Werra, sendo, por exemplo, uma implausibilidade patente o fato de não existir o pôsto de capitão da RAF. Mas permanece de pé o fato de que ela o levou até a uma base aérea britânica, onde por pouco não decolou em um Hurricane. Os inglêses, como sempre fascinados pela audácia, a iniciativa, e a personalidade cativante, mostraram-se propensos a admirar a façanha. Conforme comentou um dos funcionários da Rolls Royce:

— Muitos de nós, de tipo esportivo, sentimos bastante que êle não conseguisse safar-se!

Os cinco fugitivos, todos apanhados dentro de 24 horas, receberam 14 dias de prisão solitária em Swanwick. Talvez a suavidade da punição fôsse motivada pelo fato de o comandante saber que em breve ficaria livre dêles. De qualquer forma, na manhã derradeira de seu castigo, êle anunciou que seriam enviados para o Canadá no dia seguinte, juntamente com uma leva de outros prisioneiros.

Para von Werra isso significou apenas uma outra oportunidade para fugir, e o Canadá tinha a grande vantagem de ser adjacente aos Estados Unidos, então neutros. De um dos outros prisioneiros, que conhecia alguma coisa sôbre o país, logo começou a aprender tudo que podia a respeito da geografia e dos costumes do Canadá.

— Tenho um pressentimento — disse êle — e até mais que um pressentimento, de que terei sorte no Canadá.

Quando o *Duchess of York* zarpou de Greenock, na Escócia, a 10 de janeiro de 1941, com 1.050 prisioneiros a bordo, von Werra foi conservado sob guarda especial até o momento da partida, o que o lisonjeou consideràvelmente. Durante a viagem passou longos períodos imerso em uma banheira que dispunha de uma torneira de onde saía água do mar, gelada. Queria enrijecer-se para o caso de ter uma oportunidade de se atirar ao mar quando o navio atracasse.

Tal oportunidade não sobreveio em Halifax, aonde o navio chegou a 21 de janeiro, e aí êle passou a olhar com esperanças o trem para o qual os prisioneiros foram tangidos. No vagão de von Werra havia 35 prisioneiros e 12 guardas. Havia três guardas de plantão de cada vez, os quais ficavam no corredor central: um em cada extremidade do carro e o outro no meio. Os presos iam à privada escoltados, um de cada vez, e a porta do lavatório era sempre

conservada aberta. Havia gêlo entre as janelas duplas do vagão, que provàvelmente estavam grudadas pelo congelamento. De qualquer maneira, porém, era proibido aos prisioneiros mexerem nelas.

As refeições eram servidas aos presos em seus lugares. Quando os primeiros recipientes fumegantes de comida apareceram, os prisioneiros foram surpreendidos com uma refeição exuberante depois das reduzidas rações inglêsas: grossas fatias de carne de porco salgada, batatas fritas bem torradinhas, feijão de forno, pão, manteiga, compota e café *verdadeiro,* pelando de quente. Depois de comer, muitos dos prisioneiros ficaram condescendentes e expansivos, esquecendo seus ambiciosos planos de fuga.

Von Werra, porém, não se esqueceu. Quando soube que o trem se dirigia para um campo em Ontário, à margem do Lago Superior, viu que passaria perto da fronteira. Se escapulisse em uma região razoàvelmente povoada, poderia arranjar carona e chegar aos Estados Unidos em um dia.

O único modo exeqüível para fugir era pular da janela e mergulhar na neve. Isso significaria suicídio, com o trem a tôda velocidade; não obstante, isso não poderia ser feito durante uma parada, porque então os guardas ficavam particularmente atentos e era colocado um refôrço do lado de fora do trem. A melhor ocasião seria logo após uma parada, antes que o trem ganhasse velocidade; a hora melhor, pouco antes do alvorecer.

Enquanto seus companheiros vigiavam os guardas, von Werra ajoelhou-se e conseguiu levantar a janela interna cêrca de um centímetro. Mal dava para se notar a abertura, mas permitia que o calor do carro chegasse até o gêlo da janela externa; depois de certo tempo isso produziu um tênue filête de água. Mas o gêlo derretia muito lentamente, e von Werra pediu aos outros presos que abrissem ao máximo os reguladores de aquecimento.

Depois que o derretimento do gêlo desprendesse a janela, como faria êle para escapar à observação atenta dos três guardas e abri-la? E como é que vestiria o capote? Necessitaria dêle no glacial inverno canadense; contudo, se o vestisse dentro do vagão superaquecido, por certo levantaria suspeitas.

Um fugitivo precisa de sorte e a sorte resolveu então êsses problemas para von Werra.

No jantar daquela noite os prisioneiros receberam um caixote inteiro de maçãs; estavam ansiosos por frutas e comeram tudo. Ora, isso, depois da alimentação farta e rica a que não estavam acostumados, foi demais para seus organismos. De meia-noite em diante formaram-se longas filas no caminho para a privada, e alguns presos tiveram de ser escoltados até a dos guardas. Os três guardas de plantão divertiram-se à grande. Sua atenção viu-se assim desviada e freqüentemente só havia um dêles no interior do carro.

Apesar do calor, alguns dos prisioneiros que se sentiam pior, pálidos e trêmulos, envolveram-se em seus capotes ou cobertores e ficaram sentados comprimindo o ventre. Pareceu assim natural que von Werra envergasse o seu capote, sentando-se com a cabeça apoiada nas mãos.

Quando o trem diminuiu a marcha ao se aproximar da estação seguinte, von Werra esperou o sinal de que os guardas estavam ocupados e então levantou-se, desdobrou seu cobertor e sacudiu-o. Oculto por êste, um de seus companheiros ajoelhou-se e empurrou a janela interna, abrindo-a completamente.

Durante a parada na estação, o gêlo remanescente da janela externa derreteu ràpidamente. A vidraça visìvelmente limpa constituía agora um perigo, mas felizmente nenhum dos guardas reparou nela. Ao pôr-se o trem em movimento, vários presos levantaram a mão pedindo para ir ao lavatório. Enquanto um de seus colegas repetia a manobra com o cobertor, von Werra levantou-se, agarrou a janela exterior e empurrou-a para cima; ela nem se mexeu. Experimentou de nôvo e ela deslizou suavemente.

Logo a seguir von Werra pulou fora, de cabeça, e aterrou na neve, estonteado mas exultante. Os outros conseguiram fechar ambas as janelas sem serem percebidos, e sua fuga só foi descoberta depois que o trem estava distante várias centenas de quilômetros.

Segundo as autoridades canadenses, von Werra fugiu do trem perto de Smiths Falls, na província de Ontário, quando se achava sòmente a 50 quilômetros da fronteira. Caracterìsticamente, von Werra depois contou aos repórteres de Nova York que abandonara o trem 160 quilômetros ao norte de Ottawa — uma localização que lhe dava mais amplitude para narrar extravagantes aventuras no

Canadá. Em face de seu reconhecido talento para mentir, é difícil precisar exatamente como logrou alcançar a fronteira.

O que é certo é que chegou, às 7 horas da noite de 24 de janeiro, a Johnstown, na margem setentrional do Rio São Lourenço, de onde viu as cintilantes luzes de Ogdensburg, no Estado de Nova York, acenando-lhe da outra margem. O rio estava congelado e êle pensou em atravessá-lo a pé, mas a meio quilômetro da margem norte-americana topou com um canal de água corrente.

Retrocedeu para a margem canadense e foi caminhando até que encontrou um campo de veraneio desabitado. Ali viu o que estava procurando: um montículo comprido, em forma de charuto, sôbre a neve. Era um barco de remos, que estava de bôrco.

Usando estacas de uma cêrca como alavancas, com muito trabalho conseguiu soltá-lo do gêlo e revirá-lo. Em seguida, valendo-se de tôda sua fôrça, empurrou o pesado bote, vagarosamente, através do gêlo, até o canal desimpedido. Não tinha remos, mas a sorte de nôvo o favoreceu: o bote derivou tranqüilamente até a margem norte-americana.

No momento em que o fundo do barco raspou no gêlo da margem, von Werra saltou e correu margem acima. Na primeira estrada avistou um carro estacionado, com placa de Nova York. A motorista, uma enfermeira de um hospital dos arredores, estava-se preparando naquele justo instante para dar a partida.

— Desculpe-me — falou apreensivamente. — Isto aqui é os Estados Unidos?

Queria certificar-se, pois sabia que em alguns lugares a fronteira canadense prolongava-se bem para baixo do São Lourenço.

— O senhor está em Ogdensburg — respondeu-lhe a enfermeira.

Êle sorriu extenuado.

— Sou oficial da Fôrça Aérea Alemã. Sou... — corrigiu-se — *fui* prisioneiro de guerra.

Êle ainda não estava completamente a salvo. Um prisioneiro alemão que fugira recentemente para Minnesota tinha sido encarcerado ali durante três meses e posteriormente devolvido ao Canadá. Von Werra foi poupado a destino idêntico por seu gôsto pela publicidade.

Quando funcionários do Departamento de Imigração norte-americano o acusaram de entrada ilegal no país e o entregaram à polícia de Ogdensburg, os repórteres e cronistas da imprensa imediatamente assediaram a cela de von Werra, cujas fanfarronadas, exageros e copiosos embustes lhes deram muito material para escrever. Grande parte dos comentários dos jornais foi mordaz. O *Journal* de Ogdensburg, por exemplo, comentou: "Em sua entrevista coletiva à imprensa, êle teceu histórias que teriam embasbacado o autor de *As Mil e Uma Noites.*" Mas a publicidade que lhe foi dada pela imprensa, pelos jornais cinematográficos e pelo rádio transformaram o seu caso em uma questão internacional.

O cônsul alemão, ansioso por abafar suas embaraçadoras indiscrições, depositou uma fiança de 5.000 dólares, levou-o secretamente para a cidade de Nova York e durante algum tempo fêz com que se divertisse règiamente em teatros, boates e reuniões sociais. Na Alemanha, a propaganda feita em tôrno de sua evasão elevou-o ràpidamente à categoria de figura nacional. Entrementes, o Canadá tentou conseguir sua prisão pelo roubo do barco, avaliado em 35 dólares. E a Grã-Bretanha, perfeitamente consciente da ameaça que êle representava para a segurança britânica (já que se havia medido com tôda a gama de artifícios de interrogatório), estava igualmente envidando todos os esforços possíveis para extraditar von Werra. A 24 de março, funcionários do consulado alemão contaram-lhe que certas novas medidas adotadas em Washington tornavam possível seu iminente reenvio para o Canadá. Êle devia desistir de sua fiança, que fôra elevada agora para 15.000 dólares, e deixar ilegalmente o país sem perda de tempo.

Agentes do FBI (Bureau Federal de Investigações) haviam sido destacados para segui-lo, mas von Werra iludiu-os graças a uma série de mudanças de táxi, tomou um trem para El Paso, no Estado do Texas, e ali atravessou a fronteira disfarçado de trabalhador mexicano. A Embaixada alemã no México arranjou-lhe um passaporte com nome suposto e forneceu-lhe passagem de avião para a Alemanha, via Rio de Janeiro e Roma. Chegou a Berlim em 18 de abril de 1941.

Por uma questão de segurança o regresso de von Werra foi conservado em segrêdo durante certo tempo, e não houve lisonja pú-

blica. Mas o *Reichsmarshal* Goering promoveu-o a *Hauptmann* (Capitão) e Hitler cumprimentou-o pessoalmente por sua fuga, concedendo-lhe a tão retardada Cruz de Cavaleiro por sua pseudofaçanha anterior. E houve muitas festas e recepções privadas.

A evasão de von Werra teve conseqüências assaz desproporcionais ao seu significado como feito de ousadia individual. Êle foi classificado como adido ao serviço de informações da Fôrça Aérea Alemã; seu relatório sôbre os métodos britânicos de interrogatório, posteriormente ampliado para um folheto de 12 páginas, que passou a ser de distribuição regulamentar a tôdas as equipagens de vôo alemãs, teve efeitos imediatos. Dali em diante os inglêses constataram que todos os aviadores alemães por êles capturados estavam bem compenetrados com respeito à segurança.

Em Grizedale Hall e outros campos, von Werra havia colecionado zelosamente as experiências de interrogatórios de outros prisioneiros além das suas, discutindo o assunto com alguns dêstes, que eram oficiais de estado-maior. Êles também haviam ficado impressionados com os métodos de interrogatórios dos britânicos e concordavam em que representavam uma ameaça para a segurança alemã. Para a maioria dos pilotos alemães, que se mostravam propensos a desprezar os interrogadores inglêses como um bando de "velhas comadres" e "guerreiros de escrivaninha", a divulgação de segredos consistia apenas em revelar nomes, efetivos e localização de unidades, desenhar mapas de bases aéreas e expor dados técnicos. Mas êles deixavam transpirar informes sem se darem jamais conta disso, tal a perícia daqueles "guerreiros de escrivaninha". Von Werra aprendeu por experiência própria que não havia fragmento de informes aparentemente banais e irrelevantes que a RAF não registrasse e que não acabasse afinal sendo encaixado no quadro geral, e que a única defesa contra um interrogatório tão hábil era "silêncio absoluto e persistente".

Êle informou, por exemplo, que os interrogadores demonstravam um interêsse extraordinário pelos números indicativos do Serviço Postal Militar dos prisioneiros, muitas vêzes dando-se a enorme trabalho para obter êsse dado aparentemente inócuo e inútil. Quando os alemães pesquisaram o assunto, constataram que os inglêses podiam deduzir pelo número postal de um prisioneiro a sua

unidade e localização. O sistema de numeração foi sem demora modificado.

Von Werra visitou também Dulag Luft, o centro de interrogatórios da aeronáutica alemã, com resultados de grande repercussão. Os alemães ainda não haviam dado o devido valor à imensa importância do interrogatório como fonte de informes militares, e quando von Werra submeteu-se a algumas de suas inquirições, achou-as tão superficiais a ponto de serem quase ridículas.

— Antes quero ser interrogado por meia dúzia de inquisidores alemães do que por um só especialista inglês — comunicou.

Como resultado dessa visita, Dulag Luft adotou muitas das técnicas de interrogatório dos inglêses.

Quando realizou um giro pelos campos alemães de prisioneiros de guerra, para propor medidas antievasão, e achou que a situação era pior do que a de que desfrutara na Inglaterra, apresentou uma série de sugestões para melhorar a vida dos inglêses aprisionados. Um livro que escreveu acêrca de suas experiências de evasão foi de caráter surpreendentemente amistoso e reconhecido para com os inglêses. Não pôde, entretanto, resistir à tentação de modificar a realidade no título. Denominou-o *Meine Flucht aus England* (Minha Fuga da Inglaterra), embora tivesse fugido do Canadá; na verdade, nenhum prisioneiro alemão jamais conseguiu evadir-se da Inglaterra durante a guerra. O Ministério da Propaganda proibiu a publicação do livro por considerá-lo favorável aos inglêses.

Uma quinzena depois de a Alemanha ter atacado a Rússia, von Werra conseguiu ser mandado para aquela frente. Como comandante do Primeiro *Gruppe* do *Geschwader* de Caça Número 53 — famoso como *Geschwader* "Ás de Espadas" — foram atribuídas a êle mais oito vitórias aéreas dentro de poucas semanas, elevando seu presumível total para 21 aviões abatidos.

Em setembro, seu *Gruppe* foi transferido para a Holanda e designado para o patrulhamento da defesa costeira. A 25 de outubro, durante uma patrulha de rotina, o avião de von Werra apresentou um defeito no motor e caiu no mar. Os jornais alemães anunciaram que êle morrera em combate. Entretanto, a comissão de inquérito que investigou a perda do avião concluiu que o acidente se devera a "defeito no motor e negligência do pilôto".

O Fim do *Bismarck*

Edwin Muller

"A Caça ao Bismarck", *na página 18, descreve o acontecimento visto do lado dos inglêses. Êste artigo nos apresenta o episódio tal como foi visto de bordo do couraçado alemão.*

O COURAÇADO *Bismarck* era o orgulho da marinha de guerra alemã, e o seu afundamento foi para os peritos navais uma transcendente lição de ordem profissional que veio coroar 20 anos de experiência na construção de vasos de guerra e no treino de marinheiros para combatê-los. O triste fim do *Bismarck* foi, na verdade, a primeira prova real de um grande couraçado moderno, pôsto em presença de navios e aviões de combate dos tipos mais avançados. Mas, além dos problemas de ordem puramente técnica, havia ainda a considerar, no caso, a questão do moral dos combatentes: que elementos contribuem para manter calmos e firmes os marinheiros, e quais as razões por que êles perdem a cabeça no momento culminante do risco?

As marinhas de guerra de todo o mundo lançaram mão dos recursos mais extremos para coligir o maior número de dados sôbre o desastre do *Bismarck,* sendo hoje possível, graças a isso, relatar os dramáticos acontecimentos que, a bordo do navio, precederam seus últimos instantes. Todos os fatos, todos os incidentes aqui referidos são, pois, a expressão pura e completa da verdade.

Na noite de 22 de maio de 1941, acompanhado pelo cruzador *Prinz Eugen,* o *Bismarck* largava da costa da Noruega, rumo à vasta passagem situada entre a Groenlândia e a Islândia. Na madrugada

de 24 o inimigo estava à vista: era a maior nave de guerra inglêsa, o velho e famoso cruzador-couraçado *Hood.* Pouco depois surgia no horizonte outro navio inglês, o *Prince of Wales.*

Dos dois, foi o *Hood* o primeiro a romper fogo contra o *Bismarck,* que respondeu com tôdas as baterias. Em seguida os alemães concentraram a artilharia sôbre o *Prince of Wales:* sèriamente atingido, êste último ficou incapacitado de acompanhar a batalha móvel, que se transformou num duelo entre o *Hood* e o *Bismarck.*

À terceira descarga dos alemães, o *Hood* vomitou pela proa uma nuvem de fumaça negra e adernou sôbre bombordo: daí a pouco o famoso vaso de guerra dobrava pelo meio e partia-se em dois. A metade de ré afundou imediatamente, e a outra ficou flutuando alguns minutos, até que, lentamente, se sumiu também nas ondas...

A notícia correu veloz a bordo do *Bismarck;* de pôpa a proa romperam manifestações de louca alegria. O tombadilho, que ficara deserto durante o combate, estava negro de gente, marujos e oficiais, que cantavam e se abraçavam uns aos outros.

Mínimo era o preço que o *Bismarck* pagara pela destruição do maior navio da marinha de guerra inglêsa: fôra atingido, é certo, mas o estrago era o que há de mais banal, e apenas alguns homens tinham ficado feridos.

As manifestações de júbilo duraram todo êsse dia e o seguinte. O Almirante Luetjens mandou formar a tripulação no tombadilho, e discursou, um dos seus discursos fogosos e triunfantes. Os aplausos trovejaram, e sôbre as ondas rolou o eco prolongado e grave do grito de *"Sieg Heil!".* O almirante fazia 52 anos nesse dia, e o fato dava mais relêvo ao entusiasmo da vitória.

Não tardou que o rádio lhes trouxesse uma exultante mensagem do Fuehrer: o Comandante Schneider, primeiro-oficial da Artilharia, era recompensado com o grau de Cavaleiro da Cruz de Ferro, e outras condecorações chegavam pelas ondas do éter.

Mas eram os operadores cinematográficos do Dr. Goebbels que andavam agora mais azafamados a bordo do *Bismarck:* já tinham filmado o combate com o *Hood,* e agora registravam as celebrações. Em breve, os cinemas de Berlim mostrariam ao povo alemão como tivera fim o poderio naval da Grã-Bretanha!

A tripulação era constituída em sua maioria de rapazes com

pouco mais de 20 anos, e ainda iam a bordo uns 500 aspirantes de marinha, todos com menos de 20 anos. Essa gloriosa vitória era exatamente o que todos êles tinham esperado com cega certeza. Novos como eram, só vagamente recordavam o que fôra o mundo antes do advento de Hitler; na qualidade de membros da Juventude Hitlerista, todos os dias, ao acordar, lhes tinham martelado na cabeça a indiscutível crença na Raça Superior: "Hoje dominamos a Alemanha — amanhã será o mundo inteiro." Uma coisa se tornava agora positiva para êles: a invencibilidade da Alemanha.

E o *Bismarck* era invencível também! Era na verdade o mais forte navio de guerra de todos os tempos. Fora do Alto Comando Alemão, ninguém conhecia exatamente a sua tonelagem: mas era com certeza muito superior às 35.000 toneladas que os tratados navais impunham como limite máximo. Havia mesmo quem lhe atribuísse 50.000 toneladas... Dizia-se que, durante as experiências, atingira 33 nós por hora, velocidade superior à de um couraçado americano ou inglês.

Olhado de fora, não diferia muito de qualquer couraçado moderno: mas interiormente, abaixo do tombadilho, era um navio incomparável. Da linha de flutuação para baixo tinha cinco paredes de aço, que encerravam outros tantos compartimentos perfeitamente estanques. Tinham afirmado à tripulação que o *Bismarck* era capaz de vencer não só qualquer navio inglês, mas tôda combinação de navios que contra êle se congregassem. Era literalmente inafundável! E os marinheiros acreditavam nisso.

Havia contudo a bordo alguns homens, de mais idade e experiência, que não acreditavam nisso; por exemplo, o Capitão Lindemann, oficial comandante, sabia que os navios alemães podiam ser metidos a pique como quaisquer outros. Era um oficial competente e calmo, um marinheiro alemão da velha escola, mais do que um fervoroso adepto do partido nazista.

Mas o comando superior fôra confiado ao Vice-Almirante Gunther Luetjens, que era um nazista de alma e coração: franzino de corpo, compensava a fraqueza física com a truculência do aspecto e a violência do caráter. Era um chefe emocional, capaz de arrastar seus homens ao rubro do fervor... O que a tripulação ignorava, todavia,

é que o almirante sofria de crises depressivas, que contrabalançavam seus ímpetos de entusiasmo!

O moral fôra sempre elevado no *Bismarck,* apesar das exíguas instalações da marinhagem. Além dos aspirantes e da tripulação normal, havia a bordo algumas centenas de supranumerários, que elevavam o total a 2.400 homens. E as acomodações já não eram muito amplas para a fôrça regular: o espaço que noutros navios se reserva para dormitórios, refeitórios, etc. fôra aqui sacrificado à proteção extra, aos complicados compartimentos do casco. A tripulação dormia à proa, em rêdes suspensas, tão juntas que se tocavam. À pôpa, os oficiais subalternos se apinhavam aos quatro em cada camarote. O rancho era escuro e sem ar. Mas todos compreendiam que o desconfôrto era o preço a pagar pela superior resistência do couraçado. Ali, como em terra, reinava o princípio — "canhões em vez de manteiga"...

Entre os homens da tripulação faziam-se hipóteses sôbre o destino que o navio levava: pensava a maioria tratar-se de uma expedição de corso contra os navios mercantes da Inglaterra, do gênero que Luetjens levara tão brilhantemente a cabo, com o *Scharnhorst* e o *Gneisenau.* O número de marujos supranumerários tornava a hipótese lógica: eram talvez as tripulações destinadas aos barcos que fôssem apresados... Alguns tinham ouvido dizer que o *Bismarck* ia tomar os Açôres para o Reich; outros afirmavam que ia juntar-se à esquadra japonêsa, no Pacífico. De tôdas as explicações, esta era a menos provável, pois os tripulantes não tinham recebido nenhum equipamento tropical.

Após o combate, o objetivo da excursão se esclareceu: tinha por fim destruir o *Hood!*

Mas o júbilo resultante da vitória não podia durar indefinidamente, e a reação inevitável declarou-se no segundo dia. O *Prinz Eugen* virou de bordo e regressou à Alemanha. O tempo fizera-se fusco e frio, com borrascas intermitentes de granizo, neve e neblina. A maioria dos homens do *Bismarck* tinham pouca experiência do alto mar e começaram a sentir-se longe da pátria e sós...

Não tardou que percebessem estarem sendo alvo de caça. Ao largo da ponta sul da Groenlândia, na manhã do dia 26, ouviu-se

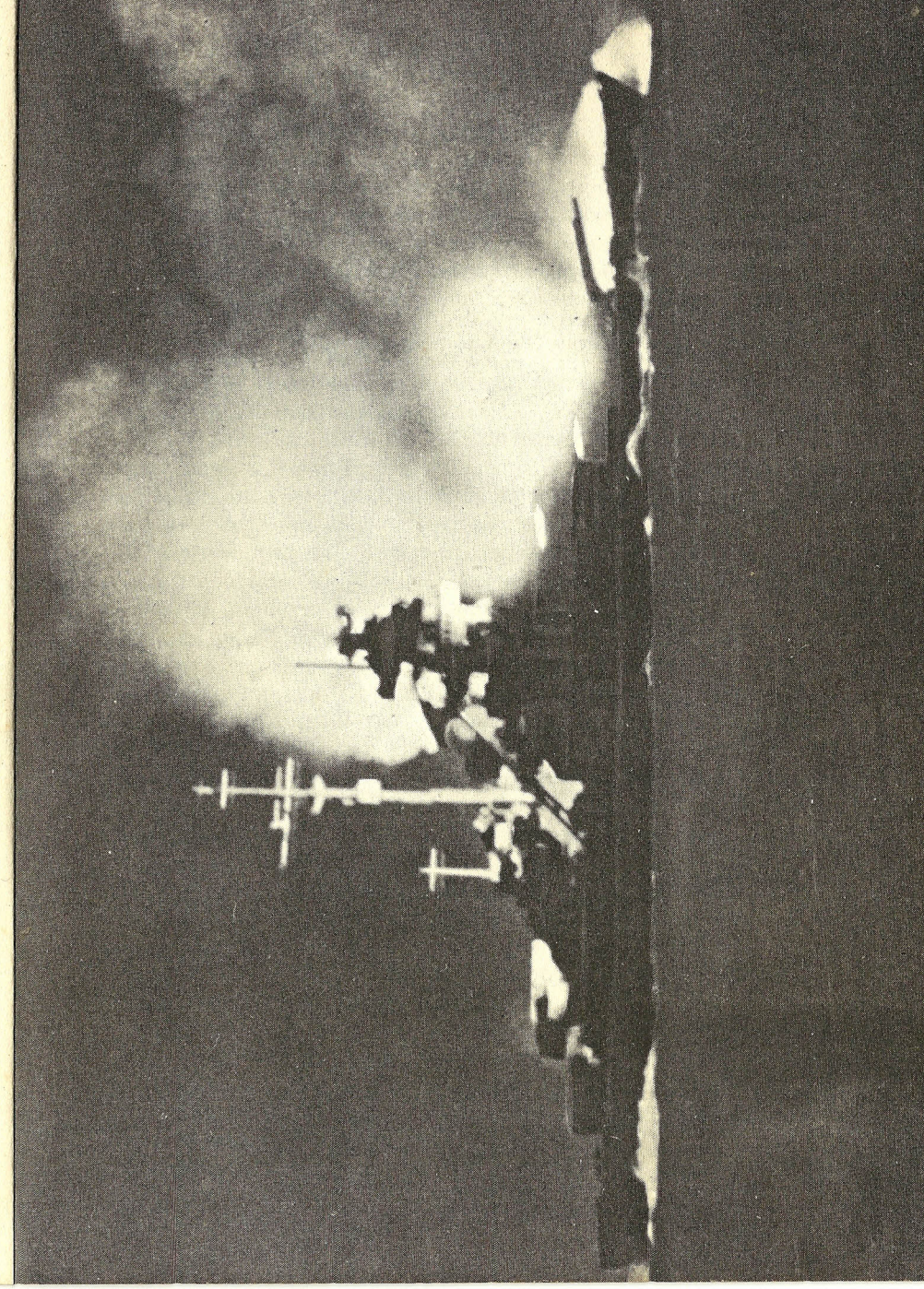
o ruído de um avião, e daí a pouco um Catalina, de fabrico americano, saía de um rasgão das nuvens, quase mesmo por cima do couraçado. Todos os canhões antiaéreos começaram a bradar, erguendo uma barragem tremenda, e o avião desapareceu. Mas pouco depois outro avião surgia, vigilante. A tripulação sentiu que uns braços longos, ameaçadores, se estendiam de terra para agarrá-la...

Começou então a circular a bordo um estranho boato: o Almirante Luetjens e o Capitão Lindemann tinham tido uma violenta altercação. Alguém ouvira, através de portas fechadas, a voz irritada do almirante, gritando. Lindemann tinha tentado fazer prevalecer o seu plano de regresso imediato à Alemanha, visto que os inglêses iriam certamente concentrar tôdas as suas unidades disponíveis na caça ao *Bismarck*, e não descansariam enquanto não o apanhassem na rêde.

Irritadíssimo, Luetjens opusera o seu veto à sugestão, e mandou anunciar aos marinheiros que ia conduzi-los a novas e retumbantes vitórias. O pessoal o aclamou, e todos se sentiram aliviados. Apesar disso, os homens ficaram de ôlho no horizonte cinzento, esperando a chegada de reforços.

No dia seguinte, porém, não foi ajuda que chegou: ouviu-se o zumbido de um enxame de gigantescas abelhas, e uma esquadrilha de aviões veio pelos céus afora — as aeronaves da Real Marinha Inglêsa; os "Peixes-Espadas" tinham enfim encontrado o seu alvo! Precipitavam-se lá de cima, um após outro, até quase roçar nas ondas, largavam os torpedos, e disparavam para longe. Um torpedo acertou a meia-nau, erguendo no ar uma coluna de água mais alta que o mastro grande, e o couraçado estremeceu de pôpa a proa. A brigada de reparação verificou que um dos compartimentos estanques fôra arrombado e se enchera de água.

O estrago não era decisivo, mas apesar disso teve efeito profundo no estado de nervos do Almirante Luetjens; é provável, também, que nessa altura o rádio lhe tenha levado a incômoda notícia de grandes formações navais inglêsas, que a tôda a fôrça convergiam para o *Bismarck*. Essa notícia, conjugada com o ataque aéreo, era o bastante para provocar uma reviravolta completa no ânimo de um homem com o temperamento do almirante, que ia fàcilmente do entusiasmo ao desespêro.



O Bismarck *em ação contra o* Hood, *visto de bordo do* Prinz Eugen

Foto do arquivo particular de Aldo Fraccaroli, Milão

Convocou a tripulação e fêz-lhe um discurso espantoso, afirmando que o *Bismarck* ia ser forçado a travar batalha; a sua esperança era que os aviões e submarinos alemães acudissem a tempo, para amortecer o choque das fôrças britânicas: se não, o *Bismarck* arrastaria para o fundo, na morte, mais de uma unidade inimiga...

— Marinheiros — gritou no auge histérico — lembrai-vos do vosso juramento! Sêde fiéis ao Fuehrer até à morte!

Não precisava mais: o efeito dessas palavras foi devastador naqueles rapazes. Tinham-lhes assegurado que eram invencíveis, que o navio não poderia ir a pique. E, agora, assim sem mais nem menos, vinham-lhes falar de morrer!...

Para reparar os efeitos da gafe do chefe, fêz-se circular um telegrama entre a marinhagem: a ajuda já estava a caminho, dizia êle; aproximava-se uma flotilha de submarinos, e não tardaria que mais de 200 aviões viessem voar sôbre o *Bismarck*.

É possível que essa notícia fôsse inventada do começo ao fim, mas a tripulação acreditou. O ânimo restabeleceu-se. Todo o dia os homens exploraram com os olhos o horizonte...

Depois do combate com o *Hood,* o *Bismarck* tinha rumado para sudoeste e mais tarde para o sul. E agora, decorridos três dias da batalha, tomava o rumo do Cabo Finisterra, na esperança de alcançar as águas territoriais da França, e navegar, chegado à costa, até pôrto de salvamento. Mas, ao cair da noite, um esquadrão de "Peixes-Espadas" deu outro ataque repentino, acertando três vêzes no alvo: dois dos torpedos pouco dano causaram, mas o terceiro atingiu o aparelho de direção, torcendo os lemes. E o couraçado começou a navegar em círculo.

A atividade a bordo se tornou frenética. Prometeram a Cruz de Ferro ao homem que fôsse capaz de reparar os lemes. Pararam as máquinas, e um mergulhador passou por cima da borda. Fêz esforços estrênuos, mas, quando o *Bismarck* se pôs de nôvo em andamento, continuava a navegar em círculo!

A vida normal do navio entrou em desorganização; gritava-se, e os homens corriam de um lado para o outro, desorientados. Em plena confusão, chegou esta mensagem do Fuehrer, que mais parecia uma ironia do destino: "Todos os nossos pensamentos estão com os camaradas vitoriosos."

Procuraram então, desesperadamente, dirigir o navio por meio das máquinas: mas o couraçado parecia ir coxeando lentamente, a dar guinadas para a esquerda e para a direita, como um ébrio.

Era uma hora da madrugada quando surgiu da treva uma flotilha de destróieres inglêses. Cercaram o *Bismarck* como a matilha cerca o urso ferido, e agora um, depois outro, aproximavam-se ràpidamente para lançar-lhe um torpedo. Outros compartimentos foram atingidos e inundados. O número das baixas aumentou.

Então o comando do navio tentou dar uma nova injeção de moral nos seus homens. Desta vez a mensagem era terminante: "Pela madrugada virão rebocadores dar-nos auxílio, e 80 aviões."

Alguns ainda acreditaram: não porém Luetjens. Teve então um gesto eloqüente, e radiografou a Hitler: "Lutaremos até o último cartucho. Viva o Fuehrer, chefe supremo da Marinha."

Foi o seu fim: ainda houve quem o ouvisse através da porta, gritando como louco: "Faça o que quiser! Para mim, acabou!"

Na manhã seguinte o tempo estava enevoado, e um vento frio fustigava o oceano, eriçando-o de espuma. Surgiram no horizonte os pesos-pesados da Grande Armada Inglêsa, o *Rodney* e o *George V*, que imediatamente abriram fogo com os canhões de 16 polegadas, a 11 milhas, e em seguida vieram tomar posição a cêrca de metade dessa distância. Um obus de 16 polegadas pesa 950 quilos, e viaja oitocentos e tantos metros por segundo... Cada vez que um dêsses bólides o atingia, o *Bismarck* balouçava e estremecia violentamente. Mas durante algum tempo ainda foi ripostando, tiro por tiro, salva por salva...

O desastre se deu quando um obus estourou com a estação central de comando: como máquina de guerra coordenada, o *Bismarck* estava acabado. É certo que a tripulação ainda se batia nas diversas tôrres de ação individual, mas o fogo era já desordenado.

O *Rodney* e o *George V* chegaram-se ainda mais, a duas milhas de distância. Todos os obuses atingiam o alvo com precisão matemática. O mastro grande do *Bismarck*, esburacado, pendia como uma árvore ferida enredada em trepadeiras, até que um obus o cortou na base, fazendo-o precipitar-se no tombadilho com terrífico fragor. As chamas romperam de uma chaminé. Uma das tôrres

tombara e seus imensos canhões apontavam para o céu... Nunca um vaso de guerra recebera tanto impacto sem afundar!

Foi assim que o moral dos combatentes se desintegrou completamente: a tripulação de uma das tôrres se amotinou e desertou do pôsto. Após um momento de hesitação, o oficial fugiu também. Em outra tôrre, tendo os homens deixado de obedecer, o oficial abateu-os a tiro.

Pouco depois o barco começava a adernar lentamente para bombordo, e a água a jorrar para dentro, através dos rombos abertos pelos obuses e das chapas despedaçadas. A água inundou os conveses um atrás do outro, borbotando e rugindo através do labirinto das câmaras e dos corredores. Alguns compartimentos estavam trancados e os homens morriam afogados como ratos quando a água inexorável atingia os tetos... Outros procuravam romper caminho até lá em cima, debatendo-se para alcançar as escadas.

O tombadilho virara um inferno: os tiros abriam buracos, as explosões arrancavam as roupas do corpo dos homens, a gritaria dos feridos era de ensurdecer, e por todos os lados jaziam os mortos. A horda, enlouquecida de terror, tentou voltar para baixo, fugindo ao tombadilho e à morte: mas as escadas estavam atulhadas de homens que se batiam ferozmente por abrir caminho para a vida e para a luz, fugindo às águas que subiam lá do fundo, espumando e rugindo. Com as cabeças perdidas, em luta de morte, rolavam pelas escadas como serpentes enfurecidas.

Nessa altura o *Bismarck* estava quase completamente de quilha para o ar. Muitos homens se debatiam já nas ondas, outros escorregavam e gatinhavam frenèticamente no bôjo negro e viscoso do casco. Vagarosamente, a proa se empinou para o céu — e, de pôpa para baixo, o *Bismarck* desapareceu no oceano.

Os navios inglêses se aproximaram para recolher os náufragos. Cêrca de 100 alemães conseguiram agarrar-se às cordas que os inglêses lhes atiravam e foram içados para bordo. Mas correu que os submarinos alemães se estavam aproximando, e os inglêses, para não serem apanhados a pairar no mar, puseram-se em marcha, abandonando centenas de alemães a lutar sem esperança com as vagas do Atlântico.

Os homens que foram salvos pareciam desvairados, e vinham com

os olhos encovados como se tivessem sofrido meses de torturas. Mais tarde, depois de tratados e metidos na cama, e de terem repousado e recebido tônicos, ainda se mostravam atoleimados. Mesmo entre si, mal podiam falar. Houve um observador que, ao vê-los, os comparou aos zumbis, que erram pelo mundo, sem alma... O que sofreram aquêles homens era mais do que um simples choque físico: a fé em que os educaram, em que se inspiraram suas vidas, estava despedaçada, e morta a crença na sua invencibilidade!

Eu Fui Uma Espiã

Claire Phillips

Segundo narrativa feita a Frederick C. Painton

QUANDO COMEÇOU a retirada das tropas americanas de Bataã, em fevereiro de 1942, eu e minha filha Diana seguimos com elas para ir ao encontro de meu marido, John Phillips, que servia no 31.º de Infantaria. Ante o ataque dos japonêses, fugimos para as montanhas, perseguidas como animais do mato. Diana sofria repetidos ataques de sezões e precisava de cuidados médicos. Aflita com a minha situação, resolvi levá-la clandestinamente para Manilha, onde nos hospedou o Juiz Mamerto Roxas, parente de meu primeiro marido, pai de Diana.

Durante aquêles meses de agonia, nas montanhas, senti-me dominada por um ódio mortal aos japonêses e comuniquei ao juiz que ia fazer espionagem contra êles. O meu plano consistia em abrir um cabaré na zona do pôrto, de onde pudesse vigiar o movimento de vapôres e obter informações dos fregueses nipônicos. O juiz ficou preocupado; disse que eu corria enorme risco de ser descoberta e executada.

Mas eu já conhecia bem os japonêses, pois trabalhara dois meses no cabaré de Anna Fey, sob o pseudônimo de Madame Dot, e menosprezava a organização dêles. Sendo morena-oliva, de cabelos negros, eu passava por italiana, viúva de um filipino, e, agindo sob o nariz dos japonêses, êles nunca suspeitaram de nada. Tendo tido experiência de palco desde que saíra do colégio e possuindo voz suave e um tanto rouca, cantava com muita naturalidade canções apaixonadas. Quando trabalhava com Anna, pude observar a vida noturna de Manilha, assim como o caráter dos japonêses; compreendi então que se montasse um cabaré de luxo, de preços altos, especialmente dedicado a uma clientela de importantes personagens japonêses e

aos seus oficiais do exército e da marinha, poderia contar com franco sucesso.

Com êsse plano em mente, empenhei um anel de brilhante e um relógio-pulseira, conseguindo dinheiro suficiente para iniciar o negócio. Escolhi uma casa no bairro de Ermita, de onde podia observar o movimento do pôrto. Batizei a casa de Tsubaki Club. Aos nipônicos a palavra *club* sugere clientela reservada, e *tsubaki* quer dizer camélia, que para êles tem o sentido de algo delicado, muito difícil de obter. Fely Cucuarra, cantora filipina, era a estrêla do cabaré; aliás, sabedora que era das dificuldades por que eu passava, salvou-me a vida várias vêzes.

Na noite da estréia — 15 de outubro de 1942 — postei-me à porta. Assim que entrava um oficial japonês, eu fazia uma solene curvatura e saudava-o com um não menos solene *"kombara"*, que é uma forma polida de dar boa noite. Depois, levava o oficial para uma mesa onde êle escolhia a sua "hospedeira" ao seu gôsto, que se encarregava de lhe servir a cerveja, acender-lhe os cigarros e lhe dirigir sorrisos. Os cabarés de Manilha, em sua maioria, só davam um *show* por semana; no meu havia *show* tôda noite. Fely cantava canções japonêsas, eu fazia os meus números, e tínhamos ainda grupos de rapazes e pequenas para complemento — as danças regionais que os japonêses tanto apreciavam.

Eu tive, porém, embaraços. A princípio os japonêses me faziam certas propostas, e também às hospedeiras e freqüentemente nos esbofeteavam quando lhes dizíamos que a casa não era daquele gênero. Mas à medida que a freguesia se tornava mais seleta, iam cessando êsses aborrecimentos. Os fregueses reclamavam, no comêço, os altos preços que cobrávamos, mas eu explicava que tinha de acrescentar, a tudo mais, o que nos custavam os *shows;* e depois, frisávamos, não devia causar estranheza, tratando-se de um lugar "tão reservado..." Ao dizer-lhes isso, era de vê-los inchar de nipônica satisfação...

Muitas vêzes, jovens oficiais tomavam cerveja, espatifavam a garrafa ao chão e saíam sem pagar. De uma feita, um dêsses insolentes quebrou uma garrafa na cabeça de uma hospedeira. Era, porém, regulamento japonês, que a menor desordem ou dano causados em qualquer casa fôssem comunicados ao comando superior para os devidos fins. Mas eu, fôssem quais fôssem as faltas que os oficiais cometessem, não dizia nada; o meu intento era captar as simpatias dos que freqüentavam o cabaré.

O comando superior japonês proibia terminantemente que os oficiais dançassem, pois a dança era considerada falta de respeito em tempo de guerra. Muitos, porém, infringiam essa regra; e, uma noite, um simples soldado da polícia do exército, atravessando o salão cheio de gente, foi a um capitão que estava dançando e esbofeteou-o em cheio. O capitão enrubesceu, mas não fêz nada; retirou-se apenas do salão e desapareceu. Fiquei apavorada, pensando que os japonêses me mandassem fechar o cabaré, perdendo-se assim todo o meu trabalho. Mas, nessa altura, Fely me sussurrou:

— Deixe isso por minha conta.

Ela e um major japonês foram ter com o soldado da PE e lhe disseram que nós, do cabaré, tínhamos recusado as danças, mas os oficiais nos haviam obrigado a ceder. O major subornou tranqüilamente o soldado, e êste rasgou a parte, que já estava escrita. Daí em diante a clientela japonêsa passou a confiar totalmente em mim. O negócio estava dando ótimos resultados e era já tempo de eu começar a agir...

Pus-me em contacto com o Capitão John Boone, comandante dos guerrilheiros do distrito militar de Bataã. Pelo nosso código os informes eram dados sob o nome de comestíveis. Se se tratava de um fato importante, o capitão escrevia: "Feijão delicioso." Se uma notícia já não valia muito, então poderia dizer: "O repôlho chegou estragado."

O primeiro mensageiro que despachamos foi colhido pelos japonêses e fuzilado. O segundo, porém, conseguiu chegar ao seu destino, levando a mensagem entre duas solas do sapato. Outras vêzes cortávamos uma banana no meio de um cacho, colocando dentro a mensagem e repondo depois a casca como se estivesse intacta.

Uma vez por mês eu mandava a Boone algumas caixas de provisões de bôca e medicamentos e tôdas as informações existentes no momento. Quando havia algo urgente, despachava um mensageiro filipino que ia ao esconderijo dos guerrilheiros sem grande demora. As principais notícias se referiam aos vapôres japonêses de passagem no pôrto e ao movimento de tropas do inimigo.

Um capitão-de-corveta, comandante de um navio-hospital da Cruz Vermelha japonêsa, estêve uma noite no cabaré e, tendo-se embriagado, começou a se ufanar de ter chegado de Bougainville com um carregamento de tropas. Eu perguntei:

— Feridos?

Êle riu alto e respondeu:

— Apenas uns poucos. O resto era tropa de primeira classe, que os idiotas dos americanos, por ser o nosso navio da Cruz Vermelha, deixaram passar sem nenhuma dificuldade.

Despachei nessa mesma noite um informe a Boone, dizendo-lhe que os japonêses estavam transportando tropas em navios-hospitais. Êsse capitão também me disse que todos os japonêses gravemente feridos eram logo mortos e enterrados. Esta notícia eu a tive confirmada por outros oficiais nipônicos, segundo os quais, estando êsses feridos sem esperança de vida, o melhor era liquidá-los de uma vez, em lugar de deixá-los para serem torturados pelos americanos...

A obtenção de tais informes muita vez me custou bofetadas e pontapés. Certa noite um oficial japonês me perguntou:

— Creio que já a vi em outra parte, será verdade?

Pensei que êle se referisse ao tempo em que tinha cantado no cabaré de Anna Fey, e respondi:

— Ah, você quer dizer antes de...

Mas um murro brutal atirou-me ao chão. Êle explodiu raivoso:

— Vocês sempre começam dizendo: "Antes de os japonêses chegarem." Os degenerados americanos foram expulsos para sempre. Aqui só impera agora a nova ordem japonêsa. Convém que se lembrem disso!

Algumas vêzes tínhamos oportunidade de saber do resultado de certos informes. Uma ocasião, por exemplo, apareceu um capitão de porta-aviões que se apaixonou pelas canções de Fely. Numa festa de despedida, ela lhe perguntou para onde devia escrever-lhe. Êle respondeu que para Cingapura e depois para Rabaul. Despachei logo essa notícia. Meses depois, um de seus oficiais apareceu no cabaré. Conversando, penalizado, com Fely, êle lhe disse:

— O seu namorado já não é desta vida... Aliás, muitos dos seus homens já não existem.

Vertemos algumas lágrimas de crocodilo...

De outra feita, o comandante de uma flotilha de submarinos japonêses começou a gostar de mim. Vira a dança do leque de Sally Rand, em São Francisco, e queria que eu fizesse êsse número. Prometi-lhe para o dia seguinte. Fizemos dois leques de papel de sêda e varetas de bambu, e eu me apresentei de malha côr de carne. O comandante compareceu com 40 de seus oficiais, que me fitavam, de olhos esbugalhados, para ver se eu estava mesmo despida.

Na noite seguinte êle de nôvo nos visitou, com quase tôda a oficialidade dos seus submarinos.

— Quero que dance a Dança do Leque, que de madrugada temos de partir para as Ilhas Salomão.

Executei o número solicitado, para o deleite dos oficiais, e imediatamente enviei aos guerrilheiros a notícia da partida dos submarinos. Meses depois apareceu no cabaré um dos poucos sobreviventes da flotilha, que, embriagado e bebendo em memória das vítimas, nos contou como os submarinos tinham sido destruídos.

Nunca abandonei as tentativas de comunicar-me com meu marido, que se achava no campo de prisioneiros de Cabanatuã. Tínhamos provas de que os pacotes de provisões e outros presentes que, por intermédio da Cruz Vermelha, mandávamos aos presos não lhes eram dados; os japonêses vendiam-nos aos destinatários. Eu estava ganhando muito dinheiro no cabaré e queria ajudar meu marido, a fim de que não passasse grandes privações. Entretanto, tendo estabelecido contacto com a prisão, tremendo foi o meu choque quando me informaram:

— Seu marido faleceu há duas semanas; os japonêses disseram que foi impaludismo, mas a verdade é que morreu de inanição.

Os capelães Robert Taylor e Frank Tiffany (ambos mortos depois, com 1.600 americanos, no torpedeamento de um navio, quando eram levados para o Japão) tinham-me escrito sôbre a situação precária dos prisioneiros; era preciso que a nossa sociedade de socorros agisse com presteza, enviando cartas, dinheiro, comestíveis e medicamentos. Sabendo que os presos sofriam de beribéri e escorbuto, chegamos até a preparar remédios e cozimentos de *calamansis* (laranja silvestre) que mandávamos aos pobres em botijas de barro, sendo quase sempre necessário subornar os guardas com relógios, canetas-tinteiros e máquinas fotográficas americanas.

E assim aumentou o tráfico de pacotes e remessas de cartas e dinheiro para Cabanatuã. Às vêzes seguiam de uma até 100 cartas contendo importâncias que podiam chegar a 20.000 pesos. Eu ainda possuo um pote cheio de pedaços de papel amarelecidos — recibos do dinheiro que enviava aos prisioneiros, alguns passados até em carteiras de cigarros. Mas eu não precisava disso e aos que sobreviveram digo agora que nada me devem.

Êsse auxílio aos prisioneiros de Cabanatuã foi o último serviço que lhes prestei. Eu estava tomando meu desjejum na manhã de 23 de maio de 1944, quando de repente me entraram na sala quatro PE japonêses. Pus-me de pé, incontinenti, ao mesmo tempo que dois dêles apontavam com os revólveres.

— Onde estão os seus documentos? — berrou um dêles. — Você é espiã!

Meu coração quase parou. Quis engolir e um nó me fechou a garganta. A pena dos espiões, eu bem o sabia, era o fuzilamento, quando não a decapitação. Vendaram-me os olhos e me levaram para o quartel, onde mais tarde, estando eu ainda de olhos vendados, começou o interrogatório.

Aí, como numa cena de filme policial, ouvi uma voz que me dizia:

— Vamos, confesse! Já sabemos de tudo!

Fiquei fria. Êles tinham com certeza interceptado uma carta minha. Mas para quem? Para o Capitão Boone? Sendo assim, eu não escaparia de ser executada.

O japonês começou a ler uma carta que eu mandara ao Capelão Tiffany, o que deixava claro que a portadora, uma pequena filipina, tinha sido capturada.

De repente, êle perguntou:

— Quem é Cal?

Eu expliquei que era uma abreviação de *calamansi*. Na mesma carta eu me referia à escassez de botijas e pedia ao capelão que me devolvesse as que ia recebendo...

Para o meu espanto, não acreditavam nas minhas declarações. Bateram-me, deram-me pontapés.

— Responda! Quem são Cal e Botija?

De nôvo expliquei que se tratava apenas do caldo de fruta e do recipiente que o continha.

— Não somos idiotas! — gritou o inquisidor. — Isso é algum código secreto.

Gritei em protesto. Senti que me atavam as mãos, os pés e a cabeça. Depois encostaram uma mangueira de jardim na minha bôca e nas narinas. Era a tortura, um quase afogamento — só que mais terrificante. Desmaiei. Quando voltei a mim, chorava de dor... Êles encostavam cigarros acesos na parte interna das minhas coxas.

— Quem são êsses homens da sua carta? — insistiam.

Eu repeti a mesma resposta.

— Quer mais água na bôca?

Antes que me atirassem o jôrro de água, pude gritar:

— Vejam a palavra "botija" no dicionário.

Quando o jato de água me encheu a bôca e o nariz, perdi novamente os sentidos. Enquanto isso, os japonêses tinham procurado a palavra no seu dicionário de bôlso e sabiam agora que eu havia dito a verdade. Resolveram então deixar-me, e o guarda tirou-me a venda dos olhos.

Nesse quarto permaneci fechada e só, durante três semanas. A minha alimentação constava de três xícaras de água por dia e uma de arroz. Um dia, tendo pedido, por meio de sinais, um pouco de água ao japonês que limpava o corredor, a fim de lavar minha roupa horrìvelmente suja, êle ergueu o balde de água de sabão suja e atirou-a no meu rosto. Sentei-me no chão com os cabelos empastados, coberta de sujeira, piolhos e pulgas. A falta de alimentação ia-me enfraquecendo e reduzindo-me a esqueleto, e as feridas das pernas, causadas pelas queimaduras de cigarro, deixaram-me cicatrizes que nunca mais desaparecerão. Murmurava palavras sem nexo para comigo mesma, para ouvir minha própria voz e me certificar de que ainda vivia.

Ao cabo de três semanas, fui removida para outra prisão, onde me puseram numa cela de dois metros por metro e meio, em companhia de outras mulheres. Assim correram três meses, em que os dias eram como séculos. Ao cabo dêsse período, vi passar pelo corredor um oficial que eu conhecia do cabaré. Pedi-lhe que providenciasse a reconsideração do meu caso para me livrar daquele inferno.

Às 2 horas da madrugada (os japonêses sempre preferem essas altas horas, para abrandar os prisioneiros), de nôvo me vendaram os olhos

e me levaram ante os inquisidores. Disseram-me então que tinham perdido as cartas originais, que serviam de base ao meu caso, mas já dispunham de outras. Numa delas, eu havia sido muito estúpida, ao escrever "Pois é, aqui estou eu, uma americana, mantendo cabaré para japonêses"!

O inquisidor ficou furioso comigo e vociferou:

— Sua ladra, você mete a mão nos bolsos dos japonêses, e roubalhes dinheiro e coisas, para dar a êsses degenerados americanos!

Uma das torturas a que me sujeitaram consistia em meter umas farpas pelo sabugo das unhas e depois martelá-las com repetidas pancadas. Isso causava uma dor de quase matar. E assim, mesmo que eu quisesse responder ao que me perguntavam, agora já não podia. O sofrimento me perturbava a mente.

Uma semana depois, fui levada, de olhos vendados, para uma antiga câmara de tortura espanhola, no porão da prisão. Tiraram-me a venda e vi um oficial japonês brandindo um espadagão. Ordenou que me ajoelhasse e senti então o fio da arma no meu pescoço.

— Reze! — disse êle. — Chegou a sua hora final!

Eu mal podia me mover. Mesmo assim, no silêncio que nos envolvia, comecei a rezar. Aí disse o oficial:

— Mulher corajosa. Esperávamos que nos revelasse uns nomes e a senhora nada disse. Temos que acreditar na sua história...

Não ouvi o resto do que me disse porque desmaiei.

Três dias depois, levaram-me para Fort McKinley, para responder a um conselho de guerra. Quando eu tentava defender-me, uma pancada quebrou-me um dente.

— Basta dizer "culpada" ou "inocente" — bradaram.

Confessei-me culpada, para me livrar de maiores torturas, e fui imediatamente condenada a ser executada como espiã.

Subseqüentemente, tôdas as noites que passei na prisão de Bilibid, pensava que na manhã seguinte dariam cabo de mim. Ao fim de algum tempo cheguei a perder o mêdo. E assim fui até 22 de novembro de 1944. E então, para meu espanto, fui levada a nôvo julgamento. Desta vez, a culpa não se firmava em espionagem, mas em "atos prejudiciais ao Govêrno Imperial Japonês". Novamente confessei-me culpada. E logo me deram uma sentença de 20 anos de trabalhos forçados.

No dia seguinte levaram-me para um presídio de mulheres que era um paraíso, comparado com o que eu havia passado. Sofríamos fome, também, sujeitas a uma dieta de fôlhas de banana cozidas e mandioca, mas trabalhávamos na horta, ao ar livre, sob a guarda de um bom filipino, que apenas exigia de nós um pouco de trabalho, a fim de enganar a inspeção do oficial japonês.

E assim ia eu sofrendo os dias, até que surgiu aquêle abençoado 10 de fevereiro de 1945, quando vimos o primeiro soldado americano que nos vinha libertar. Corri para êle, tôda esfarrapada, de pés descalços, mas feliz pela liberdade e pela esperança de voltar a ver minha filha e a minha pátria querida.

O Mistério dos Balões Japonêses

W. H. Wilbur
General Reformado do Exército dos E.U.A.

O BOMBARDEIO de Tóquio, em 18 de abril de 1942, pelo General Doolittle, feriu em cheio o orgulho japonês. Procurando meios de tirar uma desforra, planejaram os japonêses o que a história registra como a primeira campanha transoceânica de balões automáticos. Os preparativos levaram dois anos, mas num período de seis meses, iniciado em 1.º de novembro de 1944, soltaram êles nove mil bôlsas de gás engenhosamente fabricadas e destinadas a deixar cair bombas incendiárias e explosivas sôbre as florestas, fazendas e cidades dos Estados Unidos.

Essas novas armas, de 10 metros de diâmetro, deveriam atravessar o Pacífico a uma altura de nove a dez mil metros, onde as correntes de ar predominantes sopram na direção dos Estados Unidos a uma velocidade de 160 a 320 quilômetros por hora. Embora nenhum contrôle humano, nem mesmo pelo rádio, fôsse exercido sôbre os balões depois de soltos, calcula-se que pelo menos 900 a 1.000 alcançaram o continente americano. Apareceram desde o Alasca até o México. Cêrca de 200 dêles foram encontrados, quase completos, no Pacífico norte-ocidental e no oeste do Canadá. Destroços de outros 75 foram achados em terra, nos mais diversos pontos, ou pescados nas águas costeiras do Pacífico, e clarões vistos no céu indicaram aos observadores que pelo menos uns 100 explodiram no ar.

Procurou-se diminuir a importância dêsse ataque. Mas o fato é que êle representou um notável progresso na arte da guerra. Pela

primeira vez foram lançados através do mar engenhos não dirigidos pelo homem, com real perigo de grandes danos. Felizmente, as neves do inverno eliminaram o risco de incêndios nas florestas. Se o ataque dos balões se tivesse prolongado pelo sêco verão, quando vastas florestas do Oeste dos Estados Unidos pegam fogo como palha; se os japonêses tivessem continuado, como em março de 1945, a lançar uma média de cem balões por dia e se os tivessem equipado com centenas de pequenas bombas incendiárias, em vez das poucas e grandes que traziam, ou com agentes bacteriológicos — teriam causado terrível devastação.

Os japonêses fizeram as suas primeiras experiências de lançamento em massa dos balões na primavera de 1944, soltando 200 bôlsas de gás. Nenhuma chegou às costas dos Estados Unidos. Os primeiros balões de alcance transoceânico foram lançados em 1.º de novembro daquele ano, e logo no dia 4 me chegava a primeira notícia dêles. Nesse dia, um barco de patrulha da Marinha localizou algo semelhante a um grande pedaço de pano rasgado boiando no mar. Um marinheiro tentou içar para bordo o tecido, mas verificou que estava prêsa a êle uma pesada massa. Não podendo erguer essa massa, o marinheiro desprendeu-a com uma faca, deixando afundar a barquinha de mecanismos e explosivos. Só se salvou o invólucro, que, no entanto, trazia sinais japonêses e assim mostrou a mim e aos meus colegas que algo de misterioso tinha sido introduzido na guerra.

Avaliamos desde logo as possibilidades dessa nova campanha. Foram imediatamente mobilizados todos os recursos oficiais. A Marinha foi alertada e o Bureau Federal de Investigações convocado a agir. Aos guardas-florestais recomendou-se que fizessem comunicações sôbre as quedas dos balões e que recolhessem quaisquer dêstes ou da sua carga porventura encontrada.

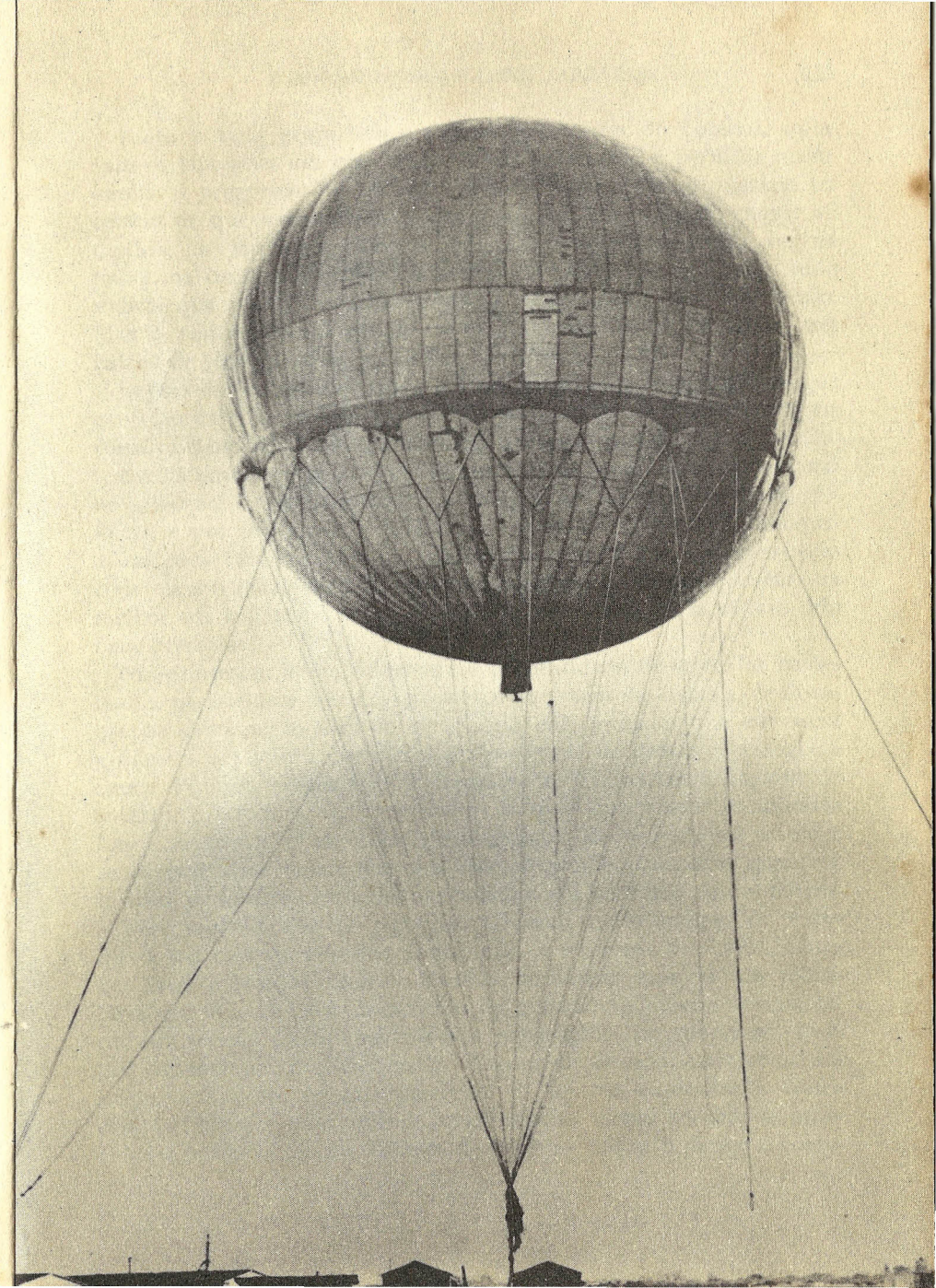
Achado o primeiro invólucro, só duas semanas após foi pescado do mar um segundo fragmento. Pouco depois, outro balão, queimado e em parte destruído, caiu bem para o interior, em Montana. Em meados de dezembro, partindo de uma série de dados incompletos, os técnicos estabeleceram os princípios básicos da nova arma e os desenhistas a reconstituíram. Verificamos mais tarde, com satisfação, que o nosso "modêlo" estava certo em todos os seus pontos essenciais.

Os destroços foram enviados ao Laboratório Naval de Pesquisas, em Washington, e ao Instituto de Tecnologia da Califórnia. Verificou-se, então, que o envoltório era constituído de várias camadas de espêsso pergaminho, coladas uma à outra com cola vegetal — e que retinha o hidrogênio com grande eficiência.

Os peritos que examinaram a areia dos sacos de lastro indicaram cinco lugares, no Japão, de onde deveria ser oriunda. Solicitou-se à Aviação que verificasse o que se passava ali. Logo tivemos um relatório, com fotografias, de um dos sítios indicados. As fotografias mostravam uma fábrica e, ao lado dela, várias esferas cinza-pérola que, tudo indicava, eram balões que estavam sendo enchidos para voar rumo aos Estados Unidos!

Pouco depois um dos sacos cinza-pérola foi divisado no ar, perto de uma cidade do Oeste dos Estados Unidos. O pilôto de um avião militar enviado para recolhê-lo intacto conduziu-o para campo aberto por meio de rajadas de ar produzidas com a hélice. Essas rajadas fizeram a barquinha do balão inclinar-se, de modo que o registro do hidrogênio se abriu, deixando o gás escapar. O balão veio descendo suavemente, até chegar ao solo. Felizmente o mecanismo automático de detonação deixou de funcionar. Ficou tudo intacto.

Cada balão, como vimos depois, saía, aproximadamente, por 800 dólares e conduzia cêrca de 30 sacos de areia, com três quilos cada. Eram largados um a um, por meio de um barômetro, sempre que o balão descia a menos de 9.000 metros. Outro registro automático abria uma válvula, para deixar sair hidrogênio, quando o globo subia a mais de 10.000 metros. Cada balão conduzia três ou quatro bombas, das quais uma, pelo menos, incendiária. As outras eram bombas de estilhaços, com 15 quilos de pêso, para agir como bombas-armadilhas. As bombas de ambos os tipos eram controladas por um mecanismo de relógio que só deveria funcionar depois que todos os sacos de lastro tivessem sido largados. É que, segundo os cálculos dos japonêses, os balões já se encontrariam, então, sôbre o continente americano. Além disso, havia um dispositivo destinado a fazer explodir o balão depois que as bombas tivessem sido largadas. A circunstância de ter falhado êsse dispositivo, pelo menos em 10 % dos balões que caíram ao solo, nos permitiu recolher muitos dêles pràticamente intactos.



Um dos balões japonêses

Foto UPI

Junto a cada grupo dêsses balões condutores de bombas, soltavam os japonêses um que emitia sinais pelo rádio e permitia acompanhar a progressão do grupo através do oceano. Como queriam ter certeza de que êsses balões de contrôle não deixariam de chegar ao destino, os japonêses usavam sêda impermeabilizada, em vez de papel, na confecção do seu envoltório — por pensarem, como tudo indica, que a sêda impermeabilizada retinha melhor o hidrogênio. Mas o contrário, exatamente, é que foi verificado. Sòmente três balões de sêda alcançaram os Estados Unidos.

Depois de recolhidos alguns balões, chegou-se à conclusão de que o perigo das bombas explosivas não era grande, mas as incendiárias constituiriam séria ameaça durante a época dos incêndios de florestas na costa ocidental dos Estados Unidos — um período que vai de julho até o fim de setembro. Precisávamos da madeira dessas florestas, e por isso foram organizados corpos de bombeiros pára-quedistas para cooperar com os guardas-florestais e com as repartições civis encarregadas de combater tais incêndios. Mesmo, porém, na melhor das hipóteses, as nossas medidas de defesa ainda teriam sido bem precárias.

Nesse ínterim, a fim de afastar a possibilidade de serem os balões usados para semear pestes, sob a forma de pragas da lavoura, de doenças do gado ou mesmo de germes de enfermidades que devessem vitimar a população, incluímos no programa de defesa o pessoal da Saúde Pública, veterinários e agrônomos. Treinaram-se turmas de socorro, e estoques de bactericidas, roupas apropriadas e máscaras foram acumulados em pontos estratégicos. Recomendou-se a todos os proprietários rurais que comunicassem imediatamente qualquer sintoma de moléstia estranha nas boiadas, nos carneiros ou nos porcos.

Para impedir que os japonêses tivessem conhecimento do êxito que a sua campanha vinha alcançando, a imprensa e o rádio, tanto nos Estados Unidos como no Canadá, aceitaram uma censura voluntária que foi uma das maravilhas da guerra. Ao mesmo tempo, tal censura tornou difícil prevenir-se a população. Um grupo de crianças, durante um piquenique, no Estado de Oregon, encontrou um balão, arrastou-o, ao que parece, e as bombas explodiram. Cinco dessas crianças e uma mulher foram mortas. Como podiam as autoridades militares alertar milhões de crianças contra o perigo e comu-

nicar aos fazendeiros e lenhadores do Oeste que precisávamos de informações, sem que os japonêses soubessem de coisa alguma? A extraordinária cooperação das autoridades escolares e dos professôres, da Polícia e dos guardas-florestais tornou-nos possível alcançar os nossos objetivos.

De repente, no fim de abril, cessou a campanha dos balões. Teriam os japonêses desistido do ataque, julgando-o ineficaz, ou seria apenas trégua enganadora, antes de uma investida mais violenta? Passaram-se semanas e meses e os balões não reapareceram.

O mistério foi desfeito três anos depois, quando visitei o Japão e conferenciei com o General Kusaba, que comandara a campanha. Disse-me êle que um total de 9.000 balões tinha sido lançado. Esperava-se que pelo menos dez por cento deveriam alcançar os Estados Unidos. Com o relato da chegada de um único balão ao continente americano, o estado-maior japonês começou a exercer pressão sôbre o General Kusaba. Disseram-lhe muitas vêzes que a sua campanha era um fracasso, e que êle estava, dêsse modo, desperdiçando os recursos ràpidamente decrescentes da sua pátria.

Finalmente, já em dias de abril, o General Kusaba recebeu ordem de cessar as operações. A conclusão do estado-maior foi a seguinte: "Os seus balões não estão chegando aos Estados Unidos. Se estivessem, os jornais dariam notícia. Os norte-americanos não conseguiriam ficar calados tanto tempo."

Heróis em Cascas de Nozes

George Kent

CORRIA O TERCEIRO ANO da Segunda Guerra Mundial e a França estava ocupada pelos nazistas. No pôrto de Bordéus, o terceiro da França, havia contínuo movimento de chegada e saída de cargueiros velozes que, rompendo o bloqueio aliado, traziam material essencial para o esfôrço de guerra alemão. Não havia aviões aliados em número suficiente para bombardeá-los, e os navios eram por demais rápidos para serem alcançados por submarinos. Tornava-se imperioso, porém, obstar-lhes a ação.

O Ministério da Economia de Guerra da Inglaterra transferiu o problema para Lorde Louis Mountbatten, comandante das Operações Combinadas. Um oficial do Real Corpo de Fuzileiros Navais, que se encontrava sob seu comando, o Capitão H. G. Hasler, sugerira, anteriormente, o emprêgo de pequenos botes para destruir os navios nos portos inimigos. A idéia parecera a princípio impraticável, mas Mountbatten decidira experimentá-la.

A Operação Frankton se iniciou em meados de 1942, quando o Capitão Hasler, nomeado chefe da expedição, reuniu 30 fuzileiros navais desejosos de um choque pessoal com o inimigo, fôsse qual fôsse o perigo. Entre os escolhidos havia poucos homens musculosos, do tipo dos heróis de cinema. "Eram", disse Hasler, "quase todos magros, miúdos, homens já bastante maltratados pela vida e por isso mesmo corajosos e dispostos a levar as coisas até o fim." A maioria nunca entrara num bote e alguns nem sabiam nadar.

Sem a menor informação sôbre o que iam fazer, êsses homens foram mandados para a base naval de Portsmouth, para um árduo treinamento de seis meses. Ali, trabalhando durante a noite, por pior que fôsse o tempo, aprenderam a remar sem produzir o menor

ruído e a subir de nôvo para o bote sem o fazer virar. Com pesos de chumbo à volta dos quadris, mergulhavam até o fundo com um tubo nos dentes, e aspiravam oxigênio que vinha do dispositivo de escapamento de um submarino. Exercitaram-se na prática de transporem despercebidamente a entrada do pôrto de Portsmouth, sempre rigorosamente vigiada. Todos os meses Hasler eliminava os que não se mostravam capazes.

A seguir, os homens aprenderam a lidar com as bombas aderentes que mais tarde teriam de utilizar. Essas bombas são providas de um magneto tão poderoso que podem ser fixadas num navio, geralmente abaixo da linha da água. Não contêm mecanismo de retardamento, cujo tique-taque as denunciaria, e sim um parafuso de borboleta, que fura uma cápsula de ácido, e êste vai corroendo um plástico a determinada velocidade. Quando a matéria plástica é destruída, a bomba explode.

No dia 1.º de dezembro os homens embarcaram no submarino *Tuna*. Só depois de estarem a caminho Hasler lhes revelou para onde se dirigiam e lhes deu pormenorizadas instruções. Um dos homens fêz as perguntas que todos tinham em mente: E a volta? O submarino ficaria esperando? Hasler acenou negativamente. Os botes seriam postos a pique e os homens teriam de ir por terra até alcançar a Espanha com o auxílio dos *maquis* franceses.

Às 22 horas do dia 7 de dezembro o *Tuna* subiu à superfície, a uns 20 quilômetros da foz do Rio Gironda. As escotilhas se abriram num movimento rápido, e dez homens, metidos em macacões da Marinha Real camuflados com manchas, empurraram para fora botes dobráveis construídos para aquêle fim. Sôbre cada bote havia uma coberta feita de madeira compensada e dentro dêles colocaram-se as bombas, uma metralhadora Sten equipada com silencioso, rações, bússola, remos sobressalentes e uma vasilha para tirar água. Cada homem levava uma pistola Colt, uma faca do tipo das usadas nos "comandos", uma granada e um pequeno apito prêto, cujo som se assemelhava ao grito da gaivota. As mãos e os rostos dos homens foram pintados de prêto.

Os botes eram cinco.

Hasler e William Edward Sparks, um rijo e dinâmico londrino de 60 quilos, entraram no *Catfish;* embarcaram dois homens em cada um dos demais — *Coalfish, Crayfish, Cuttlefish* e *Conger.* E as cinco conchas, como as chamam os inglêses, partiram. A água que espirrava das remadas gelava nas cobertas de madeira compensada. As cargas pesadas tornavam os botes estáveis, mas não impediam que as ondas entrassem. *Coalfish* foi a pique ao tentar atravessar os violentos macaréus da entrada do estuário.

Agora eram quatro.

Dentro do estuário houve outra luta contra os macaréus. *Catfish* conseguiu passar a salvo. *Crayfish* e *Cuttlefish* também. Mas *Conger* teve menos sorte, e logo depois o encontraram virado. Os seus dois tripulantes boiavam enregelados. Era impossível recolhê-los às embarcações restantes, já sobrecarregadas.

Depois do afundamento de *Conger,* Hasler mandou que os homens se agarrassem aos lados do seu bote, enquanto êle e Sparks remavam em direção à costa. A uns 90 metros da praia, ordenou que procurassem alcançá-la a nado.

— Temos de abandonar vocês — disse êle. — Que Deus os acompanhe.

Agora eram três.

Adiante havia um forte na costa e um farol lançava o seu jato de luz circulante. Hasler viu que havia não apenas um navio-patrulha, como tinham dito, e sim quatro. *Catfish* esgueirou-se entre o primeiro dêles e o molhe; logo em seguida *Crayfish* conseguiu fazer o mesmo. Durante muito tempo esperaram por *Cuttlefish,* dando gritos de gaivota com os apitos, mas não se ouviu nenhuma resposta.

Agora eram dois. E a primeira noite de travessia ainda não terminara. Os quatro homens restantes haviam percorrido mais de 30 quilômetros; os outros seis estariam mortos ou nas mãos dos alemães.

Ao alvorecer, as tripulações do *Catfish* e do *Crayfish* decidiram passar o dia escondidas no que parecia ser uma ilha. Empurraram os botes até o mato, cobriram-se com as rêdes de camuflagem e três foram dormir, enquanto Hasler ficava de guarda. Pouco depois êle os acordou. Encontravam-se junto de uma colônia de pescadores. Cêrca de 30 franceses estavam sentados à volta de uma fogueira, tomando o desjejum. Os quatro fuzileiros estavam perfeitamente à

vista, mas os franceses fingiam não os notar. Hasler dirigiu-se a êstes, enquanto os outros o protegiam com as metralhadoras Sten. Os pescadores prometeram não revelar a presença dêles e dos seus companheiros.

Durante o dia viram um grupo de soldados alemães trabalhando num dique a pouca distância. Ficaram satisfeitos quando a noite desceu e puderam pôr-se novamente a caminho.

Na madrugada seguinte, Hasler desembarcou para procurar um esconderijo e esbarrou, de supetão, com um pôsto de artilharia antiaérea dos nazistas. Se a sentinela não estivesse dormindo, ali teria terminado a aventura. Os fuzileiros passaram o dia sentados nos botes, cobertos com as rêdes de camuflagem.

Levaram ainda duas noites e um dia para chegar a Bordéus. A 11 de dezembro, esconderam-se durante o dia entre caniços altos, perto do pôrto. Às nove horas da noite, Hasler ordenou:

— Coloquem as espolêtas nas bombas.

Cada um dêles tinha quatro bombas preparadas para explodir em nove horas. Os quatro homens apertaram as mãos uns dos outros.

Bordéus estava profusamente iluminada. Todos os navios que se encontravam no pôrto, ocupados com sua carga, brilhavam sob as lâmpadas suspensas às extremidades dos mastros. A água refletia as luzes como um espelho. Os fuzileiros se conservaram bem perto da praia, deixando a correnteza levar os botes, enquanto inspecionavam os seus possíveis alvos.

Depois de seis meses de trabalho e planejamento, chegara o momento culminante. Hasler escolheu um grande navio cargueiro e, enquanto Sparks mantinha o bote firme, colocou a primeira bomba numa vara de uns dois metros de comprimento, e lentamente a foi levando por debaixo da água até o costado do navio, onde o magneto a prendeu firmemente. Colocou uma sob a proa, outra sob a pôpa e uma no meio do navio, sob a casa de máquinas.

No navio seguinte, uma sentinela que se encontrava no convés pareceu percebê-los, depois de haverem colocado duas bombas, e projetou sôbre êles a luz de sua lanterna. Mas, ao que tudo indica, ficou em dúvida quanto ao que viu. Êles tinham as mãos e os rostos prêtos, traziam capuzes e o bote estava camuflado. Seguiu

êste ao longo do navio enquanto, na coberta, os passos da sentinela iam na mesma direção. Na pôpa, cuja saliência os ocultava, permaneceram cêrca de 20 minutos, e depois deixaram que a correnteza os levasse ao alvo seguinte.

Hasler, num esfôrço para atingir um terceiro dos grandes cargueiros, colocou o bote entre êle e outro navio. Com o movimento do mar, os dois navios se juntaram um ao outro, e foi graças a um rápido golpe com o remo que êle e Sparks escaparam de ser esmagados. Prenderam duas bombas ao cargueiro e terminaram o trabalho da noite colocando uma sob a pôpa de um petroleiro.

Margeando novamente a praia, os dois homens se fizeram ao mar. Remavam havia perto de uma hora, quando ouviram a água espadanar atrás dêles e rumaram para os caniços. Suspiraram de alívio ao perceberem que o ruído fôra produzido pelos remos dos companheiros do *Crayfish,* que haviam colocado bombas em dois navios. Assim, o resultado do trabalho daquela noite se traduziu em seis navios afundados. Os navios que furavam o bloqueio eram doze, dos quais seis se encontravam no mar e seis no pôrto; a Operação Frankton lograra, pois, completo êxito.

Como o plano de fuga estipulava que os homens viajassem dois a dois, afundaram os botes e se separaram em dois pares. Essa foi a última vez que Hasler e Sparks viram a tripulação do *Crayfish.* Num julgamento de criminosos de guerra nazistas, depois da guerra, soube-se que êles foram capturados e fuzilados, bem como cinco outros membros da Operação Frankton. Um dos homens morreu afogado, tendo seu corpo sido encontrado alguns meses mais tarde.

Hasler e Sparks só chegaram a Londres cinco meses depois. Auxiliados pelo movimento subterrâneo francês, transpuseram os Pireneus e, através da Espanha, acabaram alcançando Gibraltar. Mas muito antes de seu retôrno à Inglaterra já se sabia no quartel-general de Mountbatten o que haviam realizado no pôrto de Bordéus.

Quando o comandante das Operações Especiais soube que seis navios inimigos haviam sido afundados, ficou radiante:

— Isso foi obra de meus homens! — exclamou êle.

— Isso é que não — disse Lorde Mountbatten sêcamente. — Foi obra dos rapazes das cascas de nozes!

Dinheiro Falso Como Arma de Guerra

Major George J. McNally e Frederic Sondern, Jr.

Poucos dias depois da rendição dos exércitos de Adolf Hitler, um oficial do Serviço de Contra-Espionagem dos Estados Unidos telefonou alvoroçado para o meu gabinete no Supremo Q. G. das Fôrças Expedicionárias Norte-Americanas na Europa, em Francforte. Queria comunicar-me que um capitão alemão havia entregue um caminhão carregado com milhões de cédulas de dinheiro inglês. Acrescentou que grandes quantidades de notas estavam boiando no Rio Enns e que civis e soldados aliados as estavam recolhendo.

Surprêso e intrigado, corri ao local onde o capitão alemão e o seu veículo estavam detidos. Ali, dentro de 23 caixotes do tamanho de caixões de defunto, estavam maços e maços de notas do Banco da Inglaterra. Uma rápida avaliação da prêsa — com o auxílio dos manifestos escritos em caligrafia caprichada e pregados na parte interna de cada tampa — indicou que a quantia importava em nada mais nada menos que 21 milhões de libras esterlinas!

Foi-me impossível determinar, mesmo com uma forte lente de aumento, se as notas eram verdadeiras ou não. Comuniquei-me com meus colegas inglêses em Francforte e, pouco depois, recebi um telefonema diretamente do Banco da Inglaterra. Quando fiz uma descrição do achado, ouvi uma longa exclamação de espanto do outro lado do fio. Pouco depois, chegava de Londres um representante do Banco, um cavalheiro alto, anguloso e reservado, de nome Reeves.

Levamos Reeves à sala muito bem guardada onde fôra recolhido

o tesouro, e êle começou a olhar de caixote em caixote, folheando as notas. Afinal, deteve-se e ficou de olhar parado no espaço. Em seguida, durante vários segundos, praguejou lenta e metòdicamente na sua voz de inglês bem-educado, mas com grande veemência.

— Desculpem — disse êle por fim. — Mas a gente que fêz êsse dinheiro já nos deu muito prejuízo.

Daquele momento em diante Reeves, três detectives da Scotland Yard e eu colaboramos na reconstituição da fantástica história da Operação Bernhard, a maior mistificação que um govêrno já perpetrou contra outro.

Para começar, disseram-me que no ano de 1943 uma quantidade alarmante de dinheiro inglês falsificado principiou a chegar a Londres, procedente de Zurique, Lisboa, Estocolmo e outros centros neutros. As notas apareciam no comêço em lotes de 100 mil libras ou mais e a qualidade da falsificação melhorava sempre. Os técnicos do Banco da Inglaterra chegaram, sem demora, à conclusão de que as notas estavam sendo fabricadas por homens de grande competência e distribuídas por uma quadrilha extraordinàriamente bem organizada.

Um dia, um espião alemão foi prêso em Edimburgo. Fôra levado de hidroavião até a costa da Escócia e alcançara a praia num bote de borracha. A mala que levava estava cheia de notas — o dinheiro falso mais perfeito que já se vira no Banco da Inglaterra.

O Banco percebeu, então, que o falsário com quem tinha de lidar era o próprio govêrno alemão e que aquilo bem podia ameaçar o crédito da Inglaterra. Durante dezenas de anos os bancos do mundo inteiro vinham usando notas do Banco da Inglaterra quase como se fôssem ouro. Europeus e asiáticos receosos costumavam entesourá-las como reserva, caso houvesse desvalorização do seu próprio dinheiro. Havendo, naquela ocasião, centenas de milhares de libras em dinheiro falso em circulação fora da Inglaterra, se houvesse dúvidas quanto à validade das notas nos países neutros e aliados, especialmente no meio de uma guerra, o resultado poderia ser extremamente perigoso não só para a Inglaterra, mas também para a causa aliada. Por fim, o Banco teve de ceder ante o inevitável.

O mundo financeiro internacional sofreu um choque quando o Banco anunciou que ia recolher tôdas as suas notas de todos os valô-

res e substituí-las por notas de cinco libras de nova estampa. A partir de uma data determinada, tôdas as notas antigas perderiam o valor.

O Ministro da Fazenda da Inglaterra explicou ao Parlamento atônito, com a devida reserva, que um dos motivos determinantes da providência era a falsificação em grande escala. Mais não disse, e a imprensa inglêsa foi dissuadida de levar adiante as suas indagações.

A verdade era que, em três anos, os nazistas tinham imprimido quantidades incalculáveis de notas inglêsas falsas que estavam desmoronando fortunas, abalando bancos e indústrias e custando ao Tesouro inglês milhões de esterlinos.

Baseados nessa informação, iniciamos as investigações para descobrir os homens e as máquinas responsáveis por essa obra colossal de falsificação.

Por acaso, não foi difícil encontrar as máquinas. O capitão alemão que nos entregara os caixotes de notas disse havê-las recebido de um oficial das Tropas de Assalto (SS), cujo caminhão enguiçara perto da aldeia de Redl Zipf, com ordem para jogar tudo dentro de um lago próximo. O capitão nada mais sabia além disso. Fomos a Redl Zipf e descobrimos uma das rêdes subterrâneas de depósitos e oficinas que ramificam o reduto alpino onde os nazistas pretenderam opor a sua última resistência. Ali, na Galeria 16 — um túnel de 60 metros de comprimento partindo de uma grande escavação feita no flanco de uma montanha — encontramos prelos para imprimir notas e outras máquinas. Mas não havia clichês, nem papel, nem escrituração. "O que temos a fazer agora, meu amigo", disse Reeves, "é procurar as pessoas que trabalhavam aqui."

As indagações que fizemos em Redl Zipf revelaram que todos os homens que haviam trabalhado na fábrica subterrânea tinham sido levados para o campo de extermínio de Ebensee, a 65 quilômetros dali, poucos dias antes da capitulação dos alemães. Fomos, sem demora, a Ebensee — mas já não encontramos nenhum dos falsários. O comandante do campo, sabendo que já havia tropas americanas na região, fingira acatar a ordem de gasear todos os 140 homens, mas não tomara nenhuma providência nesse sentido. Quando o campo foi libertado, os falsários saíram simplesmente, cada qual para o seu lado.

Felizmente os livros do campo tinham sido mantidos em dia, com

a típica precisão germânica, até nos últimos dias alucinados do Reich. Os nomes e os lugares de nascimento de todos os membros do estranho grupo estavam ali registrados. Iniciou-se, então, uma busca que durou meses e nos levou aos quatro cantos do ex-império nazista.

Conseguimos reunir, um por um, mais de 40 dos mais importantes falsários. Pouco a pouco, fomos cotejando e articulando os seus depoimentos, que às vêzes chegavam a ser incríveis. E, afinal, fizemos a mais importante das nossas descobertas. De vários dêsses depoimentos ficamos sabendo que um tcheco de nome Oskar Skala, prisioneiro político dos nazistas, fôra o guarda-livros-chefe da operação. Graças ao auxílio da polícia tchecoslovaca, fomos encontrá-lo pacìficamente vendendo cerveja numa cidadezinha perto de Pilsen. Skala nos ajudou bastante. Sendo homem metódico, tinha anotado, diàriamente, numa caderneta pequena, todo o trabalho feito pelos falsificadores. Os capítulos finais da fantástica história da Operação Bernhard não tardaram a aparecer.

No comêço da guerra, o *Führer* das SS, Heinrich Himmler, criara em seu quartel-general a Seção 6-F-4, organização destinada a abalar a economia inglêsa por meio da falsificação, em grande escala, de dinheiro inglês. O plano foi realmente encaminhado quando o Major Bernhard Krüger foi nomeado diretor executivo, em 1942.

Krüger era um nazista jovem e imaginoso que sentiu um fascinante desafio nos problemas que estavam retardando a 6-F-4. Uma das dificuldades tinha sido o recrutamento do pessoal de elevada competência e especialização necessárias a uma grande oficina de falsificação. Os técnicos do Reichsbank e da Imprensa Oficial do Reich, na sua maioria velhos e conservadores funcionários civis prussianos, revoltaram-se ante a idéia de imprimir dinheiro de outra nação, mesmo em tempo de guerra. Krüger achou uma solução. Muitos dos mais competentes técnicos alemães em artes gráficas estavam em campos de concentração em virtude da sua origem racial. Podia-se pôr êsses homens a trabalhar e, ao mesmo tempo, mantê-los calados.

Bernhard Krüger reuniu êsses técnicos, prometeu-lhes tratamento preferencial pelo resto da vida e mandou transportá-los para o campo de concentração de Sachsenhausen, em Oranienburg, perto de Berlim. Ali, num conjunto de edifícios isolados, conhecido por

Bloco 19, cercado de arame farpado eletrificado e guardado por sentinelas escolhidas da famosa Brigada da Morte, sob o juramento de manterem absoluto segrêdo, a Operação Bernhard entrou sèriamente em fase de execução.

Instalaram-se oficinas com máquinas que eram a última palavra na impressão de notas. Os clichês foram então gravados com minucioso cuidado. Uma firma alemã fabricante de impressoras interrompeu a produção de guerra para fornecer a necessária maquinaria de precisão. Depois de muitas experiências, uma famosa fábrica de papel conseguiu reproduzir o fino e leve papel do Banco da Inglaterra, com as suas complicadas linhas d'água.

A título de experiência, a Seção 6-F-4 enviou partidas do produto de Bernhard aos representantes da Gestapo nas embaixadas e consulados alemães na Turquia, na Espanha, na Suíça e na Suécia, com instruções para tentar passá-las nos bancos locais. Na maioria, as notas foram aceitas sem despertar dúvidas. Himmler exultou.

Depois, à medida que iam saindo das máquinas, as notas eram meticulosamente examinadas e classificadas. As de primeira classe, as melhores, eram distribuídas pela 6-F-4 para compras nos países neutros e como dinheiro para despesas dos mais importantes espiões e sabotadores de Himmler no estrangeiro. As notas de segunda classe, que apresentavam ligeiros defeitos, mas ainda eram falsificações excelentes, eram distribuídas às unidades da Gestapo nos países ocupados para comprar informações e subvencionar colaboracionistas que gostavam de ter notas do Banco da Inglaterra à mão para alguma emergência.

As notas de terceira classe, também contrafações extremamente enganadoras, eram guardadas para a execução de um plano fantástico de Himmler. Essas notas seriam lançadas de avião sôbre as Ilhas Britânicas! A esperança de Himmler era que o povo de tôda a ilha as apanhasse e passasse adiante, colocando assim o govêrno e os bancos diante do difícil problema de separar o bom dinheiro do falso sem causar abalo econômico. Felizmente, quando havia notas em quantidade suficiente, a Luftwaffe já tinha sido expulsa do céu da Inglaterra e o plano foi abandonado.

Uma das vítimas notórias do dinheiro de primeira classe de Krüger foi o famoso "Cícero", o espião que serviu como mordomo do

embaixador inglês em Ancara durante a guerra e se tornou, segundo êle pensava, o espião mais bem pago da História, por ter recebido 300 mil libras do Serviço Secreto Alemão em troca de segredos surripiados ao cofre do embaixador. Outra vítima, essa mais típica, foi um homem de negócios da Suíça que aceitou, com absoluta boa-fé, notas inglêsas no valor de cinco milhões de cruzeiros de um banco suíço, as quais, depois de passarem por vários países neutros, chegaram por fim à sede do Banco da Inglaterra em Threadneedle Street. Ali, o produto do Major Krüger foi afinal descoberto por um tesoureiro perspicaz. Em alguns casos, porém, notas de primeira classe de Sachsenhausen foram enviadas da Alemanha a um país neutro, daí à Inglaterra, de nôvo voltaram a outro país neutro e finalmente à Alemanha mais uma vez, sem despertarem suspeitas em nenhuma das etapas.

Entretanto, ainda no período de maior êxito da Operação Bernhard, o Major Krüger andava apreensivo. A sua fábrica estava produzindo 400 mil notas por mês e em breve seria atingido o total que Himmler estipulara. Diante disso, o major conspirou com os seus capatazes para retardarem o rendimento das máquinas e condenar como defeituosas grandes quantidades de notas de primeira classe. "Se não andarmos devagar", disse êle ao seu guarda-livros e principal assistente, "serei mandado para a linha de frente e vocês todos serão fuzilados. Seria uma grande pena." Para o Banco da Inglaterra foi uma felicidade êle pensar assim. Várias centenas de milhares de notas de primeira classe, que poderiam ter entrado em circulação, foram secretamente encaixotadas e postas de lado por ordem de Krüger.

Para manter a Operação Bernhard funcionando a pleno regime, Krüger empreendeu outro projeto que andava em suas cogitações havia algum tempo — a falsificação de dólares americanos. Isso, porém, foi mais difícil. O papel em que é impresso o dinheiro norte-americano nunca pôde ser imitado com êxito. Depois de exaustivas pesquisas, as melhores fábricas de papel da Alemanha só conseguiram uma imitação grosseira. Além disso, até os mais competentes auxiliares de Krüger se convenceram de que não poderiam produzir os complicadíssimos desenhos e as tintas de côr necessárias.

Em algum ponto da Alemanha ou de um dos países ocupados,

pensou Krüger, devia haver pelo menos um contrafator profissional com experiência de notas americanas capaz de resolver o impasse. A Gestapo e outros serviços secretos de Himmler entraram em ação. Numa prisão da Alemanha foram encontrar um tal Solly Smolianoff, cigano de nascimento e refinado falsário. Solly nunca estivera nos Estados Unidos, mas se especializara em fabricar notas "americanas" tão boas que mais de uma vez haviam chamado a atenção do Serviço Secreto dos Estados Unidos. Várias nações da Europa o haviam condenado e prendido pela fabricação dêsse dinheiro.

Solly achou o Bloco 19 um paraíso.

— Imaginem — dizia êle aos colegas — uma fábrica de dinheiro falso *guardada* pela polícia!

Em fins de 1944, Solly já havia conseguido uma nota de 50 dólares e outra de 100 que os técnicos da Imprensa Oficial do Reich e da 6-F-4 consideraram altamente satisfatórias. A Operação Bernhard preparou-se para a produção dessas notas.

Mas naquela época a maré da guerra começou a voltar-se contra o Reich. Berlim era bombardeada dia a dia com mais violência e Sachsenhausen estava dentro da área visada. Himmler quis encerrar a Operação Bernhard, mas Krüger convenceu-o a deixá-lo transferir a oficina e o pessoal para uma das novas fábricas subterrâneas na zona do derradeiro reduto nos Alpes austríacos. O major ponderou que, na hipótese de um colapso, a Seção 6-F-4 poderia ser muito útil para os bons nazistas, pois poderia abastecê-los de dinheiro estrangeiro e de documentos de tôda espécie, hàbilmente falsificados.

A mudança de Sachsenhausen levou meses. Só em abril de 1945 foi que a Operação Bernhard pôde instalar as suas máquinas na Galeria 16, atrás de Redl Zipf. Por êsse tempo, as tropas americanas já se aproximavam do reduto. Solly Smolianoff nunca chegaria a utilizar os clichês que havia preparado com tanto carinho.

Uma tarde o Major Krüger, num veloz Alfa Romeo conversível e em companhia de uma loura espetacular, entrou roncando no campo de concentração que ficava à entrada da caverna de Redl Zipf. Levava ordens do próprio Himmler e as transmitiu precipitadamente. Todo vestígio da Operação Bernhard devia ser apagado. Todos os registros deviam ser destruídos, as notas falsas e todo o estoque de papel ainda por imprimir seriam queimados, os clichês e as tintas jogados

no ponto mais profundo do Lago Toplitz, que ficava perto. Os 140 membros da Operação Bernhard seriam levados para o campo de concentração de Ebensee e ali mortos.

O major, calmo e polido como sempre, desculpou-se por não poder dirigir pessoalmente o serviço, alegando ter coisas mais urgentes para fazer em outro lugar. O Alfa Romeo estava carregado de notas legítimas do Banco da Suíça, adquiridas, como soubemos mais tarde por intermédio dos seus subordinados, em operações de câmbio negro nas capitais ocupadas. O porta-luvas do carro estava cheio de passaportes muito bem falsificados. O carro partiu veloz na direção da Suíça. Depois disso, nunca mais se ouviu falar no falsário-mor Krüger, apesar dos esforços combinados de meia dúzia de organizações policiais.

Durante os três dias que se seguiram à partida do major, os oficiais das SS e os prisioneiros da Operação Bernhard encheram um grande forno com papéis e notas falsas de qualidade inferior. Um pelotão foi encarregado de jogar os clichês no fundo do Lago Toplitz. Mas ninguém teve ânimo de destruir as notas falsas melhores, aquelas que Krüger tinha pôsto de parte a fim de evitar a aparência de superprodução. "Eram tão bonitas!", disse depois um dos falsários. Os caixões em forma de ataúde, cheios dessas notas, foram levados em caminhões por motoristas que receberam ordem de enterrá-los na vizinhança em lugares adequados, onde pudessem ser encontrados no futuro.

Foi um dêsses caminhões que o capitão alemão nos entregou. Alguns desapareceram, outros foram atirados no Rio Enns por assustados membros das SS, cuja única preocupação era meterem-se em trajes civis e desaparecerem. No turbulento rio alpino, engrossado pelas chuvas da primavera, êsses caixões de notas de primeira classe arrebentaram-se nas pedras e o povo dos arredores começou alegremente a recolher as cédulas.

Terminada a nossa investigação, fizemos um cálculo da produção total da Operação Bernhard. O resultado foi estarrecedor. De acôrdo com a caderneta de Oskar Skala e os depoimentos de outros elementos do grupo Krüger, a oficina do major fabricou quase nove milhões de notas do Banco da Inglaterra, com um valor nominal de cêrca de 140 milhões de libras esterlinas, equivalentes naquela época a

quase 12 bilhões de cruzeiros! Cédulas no valor total de 120 milhões de cruzeiros foram espalhadas pela Turquia e pelo Oriente Médio. A 6-F-4 distribuiu 240 milhões na França e nos Países Baixos. Contas alemãs no valor de 600 milhões de cruzeiros foram pagas em Portugal, na Espanha, na Suíça e nos países escandinavos. Cêrca de cinco bilhões que escaparam do fogo em Redl Zipf foram ou pescados no Rio Enns por austríacos, russos, americanos e inglêses ou escondidos por elementos das SS para futura utilização.

Durante muito tempo as cédulas retiradas do rio e não entregues às autoridades de ocupação foram aparecendo nos hipódromos da Inglaterra, nos centros de câmbio negro de Nova York. Foi por isso que o Banco da Inglaterra teve de fazer o que fêz. Estando o prestígio do Banco da Inglaterra de nôvo assegurado, a história da Operação Bernhard pode ser contada sem perigo.

Novas cédulas de cinco libras, com um finíssimo fio metálico embutido no papel mediante um processo secreto, e tanto quanto possível à prova de falsificação, substituíram as cédulas antigas. Graças a um esfôrço heróico, o Banco da Inglaterra salvou o crédito britânico e anulou uma tentativa desesperada de sabotar a economia aliada.

Mas para os inglêses e para os americanos a Operação Bernhard foi uma ameaça que quase se concretizou e que *pode* vir a repetir-se.

Cinzas de Hiroxima

Fletcher Knebel e Charles W. Bailey II

Ler êste livro é converter-se em testemunha dos derradeiros dias da Segunda Guerra Mundial no teatro do Pacífico e do nascimento da era atômica.

Nêle desfilam, num caleidoscópio, as atividades portentosas e altamente secretas do verão de 1945: a explosão da primeira bomba atômica; o aprestamento das fôrças dos Estados Unidos para o assalto final ao Japão; a luta oculta por trás dos bastidores entre o Imperador japonês e seus chefes militares; as frustradas tentativas nipônicas para persuadir os russos a negociarem a paz; a Conferência de Potsdam; a agonia da decisão sôbre o lançamento da bomba... e o inolvidável relato do que se passou em Hiroxima, a primeira cidade do mundo a experimentar a morte atômica.

Foram dias que encerraram uma era e inauguraram outra. Êste é um livro que ilumina o passado e derrama luz sôbre a nossa própria época. "A narrativa mais interessante já escrita sôbre o mais estupendo acontecimento do século", diz a propósito o Suplemento Literário do Times *de Nova York.*

Em uma plantação de rabanetes nos arredores de Tóquio, uma equipe de operadores peritos da Marinha nipônica mantinha vigilância ininterrupta numa sala apinhada de 181 poderosos receptores de rádio. Membros do Corpo de Comunicações Yamatoda, êles eram encarregados de detectar e registrar todos os sinais de rádio oriundos de transmissores norte-americanos. De manhã cedo, no dia 6 de agôsto, os homens que trabalhavam no turno da noite pegaram um sinal de chamada que tinham ouvido pela primeira

Condensação do livro "No High Ground", copyright, 1960, dos autores. Editado por Harper & Brothers, Nova York 16, N.Y., E.U.A.

vez quase três semanas atrás. Os monitores haviam-no localizado como procedente da Ilha Tinian, e, como fôra ouvido diàriamente no fim de julho, tinham-lhe dado o nome de "Companhia Nova Missão", para rapidez de referência. Os criptógrafos de Tóquio não tinham conseguido desvendar o código, mas os monitores japonêses aprenderam a identificá-lo, como ocorre com radioamadores treinados, pela batida individual do operador americano em sua chave Morse.

Então o sinal saiu novamente do ar. Para os japonêses era apenas mais um tópico a ser registrado e comunicado. Não sabiam que a "Companhia Nova Missão" era o altamente secreto 509.º Grupo de Bombardeio, cuja missão final seria terminar a guerra lançando a primeira bomba atômica.

Enquanto isso, homens em Pearl Harbor, Guam e Manilha estavam dando os retoques finais em um plano denominado Olympic. Deveria ser o primeiro assalto ao Japão e visava a capturar a porção meridional de Kyushu, de maneira que seus aeródromos e ancoradouros pudessem ser utilizados para apoiar um ataque final a Tóquio alguns meses mais tarde.

O Olympic estava em andamento. Os pormenores constavam de um documento de operações ultra-secreto, de 400 páginas dactilografadas com espaço um. Quarenta e dois navios-aeródromos tomariam parte, proporcionando apoio aéreo; 24 couraçados estariam presentes para o bombardeio; 212 contratorpedeiros e 183 contratorpedeiros de escolta protegeriam a frota e proporcionariam fogo de apoio direto às tropas de assalto. Seis divisões de infantaria desembarcariam no Dia-D, seguidas de três outras no Dia-D mais dois. Quatro outras permaneceriam em reserva. Ao todo, seriam empenhados 750.000 homens.

O Anexo de Informação ao plano era provisório, devendo ser revisto ao aproximar-se o Dia-D. Contudo, havia informes bastantes nessa primeira estimativa:

> São escassos os informes atuais acêrca das defesas de praia do inimigo na parte meridional de Kyushu, mas sabe-se que foi dada prioridade máxima aos preparativos para a defesa. As informações recentes indicam considerável atividade de posições de artilharia pesada. É provável que defesas fixas cubram tôdas as praias projetadas para o desembarque; foram lançados campos de minas.
>
> As planícies que rodeiam as praias de desembarque são fechadas por morros escarpados, que estão sendo densamente fortificados pelo inimigo. Com tôda probabilidade se encontrarão, em tôda a área, defesas bem organizadas em cavernas e táticas do tipo com que nos defrontamos em Okinawa...

Um em cada três soldados norte-americanos que tinham combatido em Okinawa estava morto, ferido ou desaparecido.

Tinha havido tentativas de negociação, mas em 6 de agôsto de 1945 o prazo esgotara-se. O gabinete japonês tivera esperanças de convencer a Rússia, ainda neutra na guerra do Pacífico, a agir como intermediária para conseguir um acôrdo de paz. O Ministro do Exterior do Japão, Shigenori Togo, já ordenara ao seu embaixador em Moscou, Naotake Sato, que apresentasse a questão ao Ministro do Exterior soviético Vyacheslav M. Molotov e obtivesse permissão para que um enviado especial do Imperador fôsse à capital russa.

Sato era um diplomata de carreira, bem treinado e experimentado. Da Embaixada em Moscou êle podia ver claramente a situação desesperadora de seu país. Em 1.º de julho aconselhara seu govêrno a concluir a guerra da maneira que fôsse possível. Observou com rudeza que o Japão, nessa altura sòzinho e sem amigos, não podia recorrer a ninguém em busca de ajuda ou solidariedade. A aceitação de quaisquer condições — inclusive mesmo a rendição incondicional — parecia a Sato a única maneira de preservar o Imperador e a estrutura da nação.

O conselho de Sato era judicioso, conforme Togo e o Primeiro-Ministro Kantaro Suzuki sabiam muito bem. Mas êles também sabiam o que Sato, há muito afastado da pátria, não podia saber: ao mesmo tempo em que o Japão era dilacerado pelas bombas e pelo fogo naval dos americanos, sofria também uma terrível luta intestina.

Desde o dia em que assumira o cargo, em abril de 1945, Suzuki vinha tentando arranjar um meio de pôr têrmo à guerra. Nesse

esfôrço contava com o apoio de outros dois membros do Supremo Conselho de Guerra, o "gabinete interno" que realmente dirigia a nação. Êsses eram Togo e o Ministro da Marinha, Yonai. Mas o Ministro da Guerra, Anami, e os chefes dos estados-maiores do Exército e da Marinha queriam continuar lutando. Havia, portanto, um empate de três a três no Conselho.

O Imperador Hirohito desejava pôr fim à guerra; e de fato vinha desde fevereiro sondando a êsse respeito os mais veneráveis estadistas da nação.

O Imperador, porém, apesar de divinizado pelos súditos, não dispunha realmente de poder político sólido. Êle podia exercer influência sôbre chefes isolados, mas não podia ditar uma política ao Conselho.

Em 18 de junho apareceu uma pequena brecha nesse impasse: o Conselho concordou em propor, por intermédio de nações neutras, que se fizesse uma tentativa para negociar a paz. Dificilmente se poderia dar a isso o nome de uma decisão de render-se, mas já era um comêço.

Naquele mesmo dia, em Washington, o conselho íntimo de consultores de guerra do Presidente Truman também estêve reunido, mas com objetivo completamente diferente. No fim, o Presidente colocou sua chancela aprovando o Plano Olympic. A invasão do Japão metropolitano foi programada para novembro.

A guerra, no entanto, não era o único assunto na agenda de Harry Truman para o dia 18 de junho. Nos Estados Unidos, assim como no Japão, prosseguia a procura da paz enquanto ambos os contendores se preparavam para a batalha final. Naquele dia Joseph C. Grew, Subsecretário de Estado, conversou em particular com o Presidente. Êle insistiu com Truman em que se desse ao Japão uma oportunidade de conservar seu Imperador em caso de capitulação, alegando que um oferecimento dêsses facilitaria enormemente a rendição.

Grew sugeriu ao Presidente que fizesse uma declaração exigindo a rendição dos nipônicos, mas deixando aberta a possibilidade de se permitir ao Imperador continuar no poder. (Esta proposta também mereceu o apoio do Secretário da Guerra, Henry L. Stimson.) Truman disse a Grew que gostava da idéia, mas que desejava esperar até poder conversar com os Aliados em Potsdam. Pediu a Grew que incluísse o tema na pauta da Conferência dos Três Grandes.

Enquanto isso, no Japão, as coisas estavam finalmente andando. No dia seguinte àquele em que o Supremo Conselho voltou atrás em sua resolução de 18 de junho, Togo pediu ao ex-Primeiro-Ministro Koki Hirota que procurasse o Embaixador soviético Jacob Malik, num esfôrço para persuadir a Rússia a agir como intermediária nas conversações de paz. Duas vêzes em uma semana, a 24 e 29 de junho, Hirota se avistou com Malik. Não recebeu nenhum encorajamento do taciturno russo; quando tentou um terceiro encontro, disseram-lhe que o Embaixador estava doente.

Nessa altura o relógio estava batendo mais depressa. O govêrno de Suzuki não sabia o pouco que restava. Em 24 de julho, em Potsdam, o Secretário Stimson conferenciou com Trumam durante 15 minutos. Êle ouvira, de James Byrnes, Secretário de Estado, que se decidira não mencionar claramente o Imperador no ultimato aprovado por Truman e Churchill. A declaração se limitaria a dizer que a forma final do govêrno do Japão seria deixada a critério do povo japonês.

Um dia depois, em 25 de julho, na decisão mais séria que teve de tomar, como Presidente, Harry S. Truman aprovou uma ordem para ser usada a bomba atômica se os japonêses recusassem o ultimato de Potsdam. Essa ordem foi redigida em Washington e, a seguir, levada de avião através do Pacífico até a Ilha Tinian.

Em 26 de julho, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, com a China também assinando e a Rússia como espectadora, mas de pleno acôrdo, divulgou-se a Declaração de Potsdam.

Houve imediata preocupação no Japão, conforme Stimson e Grew tinham prevenido. O ultimato não mencionava a futura condição do Imperador. O Supremo Conselho de Guerra e o gabinete não podiam aceitá-lo como estava redigido. O gabinete, após longa discussão, decidiu não responder, mas desprezar o ultimato.

Truman recebeu esta notícia pouco depois de Stalin ter-lhe dito que as propostas japonêsas de mediação ainda eram consideradas pelos soviéticos como "demasiadamente vagas" para serem levadas em conta. A atitude de Stalin, combinada com a informação de que o Japão resolvera não levar em conta o ultimato de Potsdam, dei-

xou o Presidente convencido de que não lhe restava outra alternativa senão deixar em vigor a ordem que enviara para Tinian em 25 de julho. E naquela minúscula ilha já estavam em andamento fatos que iriam eliminar tôdas as sutilezas da diplomacia e da política com um golpe esmagador.

Os passos que conduziram a êsses acontecimentos haviam sido dados seis anos antes.

Em janeiro de 1939 os jornais norte-americanos noticiaram que cientistas alemães tinham conseguido desintegrar o átomo. Para o iniciado era óbvio que Hitler poderia ter um dia uma arma de terríveis proporções. Leo Szilard, um húngaro notável que fugira dos laboratórios alemães quando Hitler subira ao poder, foi com um físico seu compatriota visitar Albert Einstein em sua casa de verão em Long Island. Representando um grupo de cientistas, os dois tinham a esperança de convencer Einstein de que prevenisse o Presidente Roosevelt sôbre o progresso atômico da Alemanha. Einstein não estava a par das últimas novidades atômicas, porém sua ajuda era decisiva, não só por sua influência sôbre o Presidente, mas também por causa de sua amizade com a família real belga. (O Congo Belga era, na época, a principal fonte de minério de urânio.) Êle concordou em assinar uma carta dirigida a Roosevelt. Os dois húngaros, a seguir, conquistaram para a sua causa o financista nova-iorquino Alexander Sachs, que era conselheiro não oficial do Presidente — uma espécie de Bernard Baruch de menor categoria — para que entregasse pessoalmente a carta.

Sachs levou a carta à Casa Branca em outubro de 1939, poucas semanas depois de Hitler haver mergulhado a Europa na Segunda Guerra Mundial. O Presidente Roosevelt ficou visìvelmente impressionado, mas pareceu relutar em acrescentar mais um empreendimento de vulto aos inúmeros projetos novos relacionados com a defesa nacional que estavam sendo iniciados. Conseguindo arranjar um convite para o desjejum na manhã seguinte na Casa Branca, Sachs passou a noite em claro em seu quarto de hotel. Como poderia despertar e prender o interêsse do Presidente?

Quando Sachs chegou, Roosevelt estava tomando sòzinho o café da manhã em seu gabinete, no segundo andar da Casa Branca.

— Qual é a brilhante idéia que você tem hoje? — perguntou Roosevelt alegremente.

— Apenas uma história — respondeu Sachs.

Falou ao Presidente sôbre uma das oportunidades que Napoleão Bonaparte perdera. Ansioso por conquistar a Inglaterra, Napoleão vira-se frustrado pelas caprichosas marés do Canal da Mancha, que impediam a invasão pelos navios de vela franceses. O jovem inventor americano Robert Fulton sugeriu que a França construísse uma esquadra de navios a vapor, que poderiam vencer fàcilmente o Canal. Napoleão repeliu rudemente a idéia como visionária.

— Como se teria modificado a história da Europa se Napoleão tivesse dado ouvidos a Robert Fulton! — exclamou Sachs. — E no mundo de 1939, quem iria patrocinar os cientistas atômicos em seus primeiros esforços para descobrir uma arma de fôrça indescritível?

Enquanto ouvia, o rosto de Roosevelt abriu-se no seu largo sorriso característico. Mandou chamar o General-de-Brigada Edwin M. Watson ("Pa"), seu secretário, e transmitiu-lhe os dados importantes.

— "Pa" — disse êle — isto exige ação.

O Govêrno dos Estados Unidos começara a interessar-se pela bomba atômica.

Durante dois anos a ação foi lenta (embora, nesse ínterim, Hitler estivesse conquistando a Europa e os exércitos japonêses penetrando na Indo-China). Em algumas universidades prosseguiam pesquisas atômicas sem coordenação, mas os entusiastas nucleares queixavam-se da falta de dinheiro e dos reflexos lerdos das autoridades de Washington. Embora os cientistas atômicos encobrissem voluntàriamente em sigilo o seu trabalho, o Govêrno dos Estados Unidos parecia menos interessado em protegê-lo. (Quando Enrico Fermi, italiano, detentor do Prêmio Nobel, que recentemente fugira para os Estados Unidos, construiu a primeira pilha atômica no porão de um prédio da Universidade de Columbia, em 1941, seus assistentes não conseguiram sequer convencer o govêrno a postar um guarda junto dela.)

Só no verão de 1941 foi constituída uma "seção de urânio" na Comissão Nacional de Pesquisas de Washington, e o govêrno só interveio no fim daquele ano. Vannevar Bush, chefe da Repartição de Pesquisa e Desenvolvimento Científico, informou o Presidente do progresso até então feito e obteve promessa de mais pessoal e

fundos para o esfôrço. A 6 de dezembro, Bush anunciou aos seus colegas o nôvo impulso a tôda a fôrça. No dia seguinte, aviões japonêses, partindo de navios-aeródromos, bombardearam Pearl Harbor, e os Estados Unidos declararam guerra ao Eixo.

Na frente da pesquisa foi iniciado, sob rigoroso segrêdo, o mais prodigioso empreendimento científico-industrial-militar já conhecido pelo homem. Quinze anos depois, muitos dos que nêle desempenharam papéis destacados ainda não podiam acreditar inteiramente que aquilo acontecera mesmo.

No fim do verão de 1942, os Engenheiros do Distrito de Manhattan — como eram designados os construtores da bomba — haviam recebido prioridade AAA, ou seja, a máxima possível. O General-de-Brigada Leslie R. Groves, oficial de engenharia, de 46 anos de idade, formado pela Academia Militar de West Point, assumiu o comando da operação em setembro e tratou — sem instrumentos, desenhos ou materiais conhecidos — de transformar uma mistura invisível de equações, teoria e fé científica em uma arma militar de valor prático. Para fazê-lo, Groves recrutou magnatas industriais como se fôssem simples soldados, fêz cara feia para o Congresso, não confiou em ninguém, e arrancou incríveis somas de dinheiro dos Estados Unidos. Dentro de algum tempo Groves tornou-se mais controverso do que a bomba que os físicos projetaram para êle. Possuía, conforme palavras de um admirador seu, "o ego mais impressionante desde Napoleão".

A escala das operações era vertiginosa. Como ninguém sabia qual era o melhor de três diferentes processos de separar o U-235, foram iniciados todos os três. Todos êles eram caros e criavam dois novos problemas para cada solução que apresentavam. Conquanto menos de 50 quilos de material físsil fôssem produzidos para as três bombas prontas no verão de 1945, em seu apogeu as fôlhas de pagamento do projeto e atividades correlatas abrangeram 539.000 pessoas, o suficiente para formar 30 divisões de infantaria.

Quando uma nova usina atômica precisou de 15.000 toneladas de prata para serem usadas em enrolamentos electromagnéticos, o chefe de produção do Distrito de Manhattan indagou do Subsecretário do Tesouro, Daniel W. Bell, se poderia fornecê-las.

— Deus meu — respondeu Bell — a gente não fala de prata em *toneladas* e sim em *gramas!*

Sem embargo, a usina recebeu a prata, que foi devolvida aos depósitos subterrâneos do govêrno depois da guerra.

O Distrito de Manhattan transformou-se no cadinho da ciência norte-americana. Fanáticos nacionalistas da nova física como J. Robert Oppenheimer mesclavam-se com físicos do programa atômico inglês e com cientistas refugiados da Itália, Alemanha e Hungria. Em certos órgãos, o número de doutôres em Filosofia ultrapassava o de estenógrafas, e detentores do Prêmio Nobel marchavam como simples soldados.

Poucos meses após sua instalação, Manhattan logrou um triunfo histórico. Na tarde de 2 de dezembro de 1942, numa quadra de *squash** existente sob a arquibancada do campo de futebol da Universidade de Chicago, seus cientistas produziram a primeira reação em cadeia controlada pelo homem. Sua aparelhagem era tôsca, segundo os padrões em vigor, mas antes de cair a noite os físicos sabiam que o processo de fissão que haviam criado seria algum dia aplicado em uma arma de fôrça inimaginável.

Ainda existiam, porém, certos problemas práticos renitentes. Os cientistas calcularam que cêrca de meio quilo de U-235 (mais ou menos o tamanho de um limão) liberaria energia equivalente a umas 9.000 toneladas de TNT. Contudo, meio quilo apenas dêsse material por si só não bastaria para sustentar uma reação em cadeia. Tinha de haver uma certa quantidade, a chamada "massa crítica" (seu valor numérico era ainda desconhecido), para que se pudesse obter uma explosão. E os cientistas tinham de conservar suficientemente separados os componentes dessa massa de maneira que se mantivesse *não crítica* até o momento exato da detonação.

Para solucionar êstes problemas, o Projeto Manhattan construiu um laboratório da bomba num platô isolado perto de Los Álamos, no Estado do Nôvo México. Oppenheimer foi nomeado diretor científico.

Os regulamentos referentes ao sigilo, nessa instalação em que a arma pròpriamente dita estava sendo desenhada e fabricada, eram severos. Havia censura postal e telefônica, e os cientistas eram segui-

* Esporte muito popular nos Estados Unidos, semelhante ao tênis.

dos de um lado para outro quando saíam do laboratório. As precauções em outras instalações eram só um pouco menos rigorosas. E embora a rêde de espionagem dos aliados russos houvesse furado a cortina de segurança, nenhum agente inimigo — alemão ou japonês — jamais conseguiu qualquer informação significativa sôbre a bomba atômica.

Entrementes, o General Groves acalentava outro projeto em outro deserto. Para garantir o transporte da bomba atômica ainda inexistente até os alvos inimigos, 1.500 oficiais e praças foram reunidos no singular 509.º Grupo Misto, a única unidade perfeitamente versátil da Fôrça Aérea. Foi dado ao 509.º tudo o que precisava para combate e sobrevivência — transporte, material bélico, alimentação, manutenção e aviões. E todos os seus homens foram escolhidos a dedo.

Para comandá-lo foi selecionado o Coronel Paul W. Tibbets, Jr. Homem bem-parecido, de 29 anos, cabelo prêto ondulado, densas sobrancelhas e olhos um tanto tristes, Tibbets parecia tranqüilamente seguro de si. Fôra um notável pilôto de bombardeiro em combate na Europa, e havia conduzido primeiro Mark Clark, depois Eisenhower, da Inglaterra para Gibraltar quando da invasão da África do Norte.

Uma hora depois de ser designado, Tibbets sentiu-se como se tivesse sido largado em outro planêta. Foi instruído sôbre os mistérios da fissão do átomo, sendo-lhe dito o que se esperava militarmente dêle; soube que, se uma bomba A chegasse a ser produzida, talvez êle fôsse o pilôto a lançar a primeira. Deveria também tomar a si o encargo de organizar o núcleo de vôo do 509.º Grupo, assim como escolher um campo de treinamento a seu gôsto.

Quando Tibbets partiu em um B-29 à procura de um campo, sua primeira parada foi em Wendover, no Estado de Utá. Não procurou mais. Wendover era um trecho vazio de deserto, cujas planícies amplas e sem vegetação e o céu brilhante o tornavam ideal para as operações estranhas que o nôvo grupo teria de praticar.

O 509.º foi diferente desde o comêço. Tibbets insistia com os oficiais superiores em que mantivessem sigilo, não lhes dizendo, entretanto, o que não deveriam divulgar. As operações de vôo diferiam

de tudo o que já fôra visto por aviadores. A prática de bombardeio era sempre de 9.000 metros e cada avião só lançava uma única bomba de 4.500 quilos. Dava-se destaque permanente ao bombardeio visual; isto intrigava os bombardeadores veteranos, pois dias claros para bombardeio visual tinham sido raros na guerra aérea sôbre a Europa — e seriam ainda mais raros sôbre o Japão.

As razões eram claras para os iniciados nos segredos do projeto. O treinamento com uma só bomba simulava o eventual vôo atômico, quando uma única e preciosa bomba, valendo centenas de milhões de dólares, estaria colocada no compartimento de bombas. Nessa ocasião, a tripulação não se poderia permitir errar o alvo, e não seria possível confiar no bombardeio pelo radar.

Após lançarem suas bombas simuladas, os pilotos exercitavam-se em manobra extremamente incomum. A fim de se livrarem da rajada e evitarem as subseqüentes ondas de choque, os cientistas calculavam que qualquer avião que lançasse a bomba atômica deveria estar pelo menos a 13 quilômetros de distância quando ela explodisse, 43 segundos depois. Por isso, os pilotos faziam curvas abruptas de 158 graus e mergulhavam para ganhar velocidade. Para aliviar o mais possível os aviões, êstes eram despojados de todo o armamento, exceto as metralhadoras de calibre .50 da cauda.

No Distrito de Manhattan, o frenético esfôrço para criar uma bomba A não esmoreceu nem por um instante.

Por volta de 30 de dezembro de 1944, entretanto, as coisas estavam marchando tão bem que o General Groves achou que podia divulgar o seu programa. "A primeira bomba deve estar pronta por volta de 1.º de agôsto de 1945", escreveu em um memorando ao Chefe do Estado-Maior, General George C. Marshall.

Como isso seria tarde demais para usar a bomba contra a Alemanha, onde o regime nazista já vacilava à beira do colapso, Groves alvitrou que o comando naval do Pacífico fôsse alertado: o 509.º Grupo precisaria de uma base de onde pudesse alcançar o Japão. O General Marshall, Stimson e Roosevelt aprovaram a idéia.

Foi escolhida Tinian, nas Ilhas Marianas.

Constituída por uma plataforma plana de rocha calcária, com aproximadamente 10 quilômetros de largura na parte central e 21 de

comprimento, a ilha era um perfeito navio-aeródromo ancorado, cujas dimensões reduzidas favoreciam a manutenção do sigilo. Além disso, possuía uma rêde de boas estradas construídas pelos japonêses, e seu Campo Norte, com quatro pistas de pouso, já tinha sido projetado para ser a maior base de bombardeiros do mundo.

A 5 de abril, o Departamento da Guerra norte-americano aprovou o nome-código Centerboard (Quilha Corrediça) para a missão de lançamento da bomba atômica no Japão (nome proposto por um oficial que ignorava a natureza da missão). Mais tarde, ainda em abril, o pessoal de Tibbets, que então dispunha de 15 aviões B-29 aliviados, começou a mudança para além-mar.

Quase imediatamente, o 509.º tornou-se a curiosidade da ilha. A locutora do rádio japonês, apelidada pelos americanos Rosa de Tóquio, pontualmente, embora não bem ciente do que se passava, saudou a chegada do grupo pelo rádio; mas essa foi a última notícia "oficial" que as outras unidades de B-29 tiveram daquela estranha organização. A própria polícia militar do 509.º ràpidamente estendeu arame farpado em tôrno de certas áreas e montou metralhadoras para protegê-las. Até um general tinha de mostrar o passe para poder penetrar ali.

Mas foi sobretudo o modo de voar do 509.º que fêz as outras tripulações de B-29 olharem com estranheza. Nunca Tibbets e seus homens participavam das incursões maciças nem partilhavam da emoção de contemplar depois as tarimbas vazias. Em vez disso, êles só faziam missões de avião isoladamente, bombardeando de vez em quando uma ilha ocupada pelos nipônicos, ou fazendo a viagem completa de ida e volta de quase 5.000 quilômetros até cidades japonêsas, para lançarem uma única bomba de cada avião... ou pelo menos era êsse o boato que circulava no quartel-general da Brigada. Em breve, a situação destacada e privilegiada do 509.º tornou-se a queixa favorita da 20.ª Fôrça Aérea nas Marianas.

No Programa do General Groves a data para o término da bomba A — 1.º de agôsto — mostrou-se maravilhosamente exata. O local escolhido para as provas foi um trecho de terra árida no Nôvo México, a 80 quilômetros de Alamogordo, e a hora, 5 h e 30 m da manhã de 16 de julho.

Nessa data inaugurou-se a era atômica com um clarão que alumiou o céu a 400 quilômetros de distância e fêz o Zero Solo brilhar com o fulgor de muitos sóis. Os homens que o fitaram diretamente, contrariando as ordens, ficaram temporàriamente cegos. Uma gigantesca esfera de fogo, enfeitada com tons intensos de violeta e laranja, espalhou-se por mais de 1.500 metros. A terra tremeu. Uma rajada de ar quente propagou-se como uma onda. A tôrre de 30 metros de altura em que a bomba se achava vaporizou-se. Em postos de observação situados a 15 quilômetros o rugido da instantânea reação em cadeia chegou muitos segundos depois. Uma coluna de fumaça branca subiu verticalmente, e a seguir abriu-se em forma de cogumelo, e, finalmente, elevou-se a mais de 12.000 metros. Em todo o Sudoeste dos Estados Unidos os habitantes notaram o ribombo do trovão e o modo estranho como o Sol pareceu subir e depois descer de nôvo. A quilômetros de distância, uma cega gritou que vira uma luz.

Um comunicado à imprensa, preparado antecipadamente, dando uma explicação fictícia da assombrosa erupção, foi entregue aos jornalistas em Albuquerque:

> Um depósito de munições explodiu hoje cedo numa área afastada dos terrenos da Base Aérea de Alamogordo, produzindo uma rajada e um clarão brilhante que, segundo se informou, foram observados até em Gallup, 378 quilômetros a noroeste.

Os cientistas ficaram aterrados com o seu triunfo. "A prova teve um sucesso que ultrapassou nossas esperanças mais otimistas", escreveu o General Groves em um memorando confidencial, que foi levado por um estafêta aéreo ao Secretário Stimson, em Potsdam. A bomba gerara uma energia que se calculou igual à de 20.000 toneladas de TNT.

A decisão de efetivamente lançar bombas atômicas no Japão foi tomada com grande relutância após meses de exame íntimo. Desde o princípio alguns cientistas haviam esperado que as pesquisas do Projeto Manhattan resultassem inúteis, e quando, não obstante, a bomba A foi produzida, muitos dêles escreveram memorandos arrebatados e enviaram petições solicitando que ela não fôsse usada.

Entre os chefes militares, o Almirante William D. Leahy não procurou esconder sua repugnância com relação à bomba, e o Contra-Almirante Lewis L. Strauss e o General Hap Arnold, Comandante da Fôrça Aérea do Exército dos Estados Unidos, ambos manifestaram suas veementes restrições sôbre o uso da bomba. O General Dwight D. Eisenhower, informado do assunto em Potsdam, esperava que a bomba não tivesse de ser empregada contra o Japão; êle detestaria que os Estados Unidos fôssem os primeiros a usarem uma arma com tamanho potencial de morte e destruição.

A maioria dos líderes militares, entretanto, achava que a nova bomba não levantava nenhuma questão ética diferente das relacionadas com o TNT e a bomba incendiária. O bombardeio em massa de civis tornara-se lugar-comum na Segunda Guerra Mundial. (Na noite de 9 de março, por exemplo, 42 quilômetros quadrados de Tóquio haviam sido prêsa das chamas ateadas por bombas incendiárias, tendo morrido 78.000 pessoas.)

Pouco depois da morte do Presidente Roosevelt, em abril de 1945, Stimson insistiu com o nôvo Chefe de Estado, Harry Truman, para que nomeasse uma comissão de política atômica. Truman concordou e pediu a Stimson que tocasse para a frente. A Comissão Provisória, conforme foi denominada, consistia em oito homens, dispondo de um corpo de quatro conselheiros científicos. Reuniu-se em 31 de maio, na Cidade de Washington. A maioria das deliberações da comissão dizia respeito ao contrôle e ao futuro da energia atômica no pós-guerra, mas o problema do emprêgo da bomba contra o Japão também foi enèrgicamente discutido.

Um cientista sugeriu que se demonstrasse a bomba perante observadores estrangeiros, assim persuadindo os chefes militares japonêses a se renderem. Mas quanto mais a comissão examinava essa linha de ação mais perguntas surgiam. E se a bomba falhasse? E se os japonêses se recusassem a enviar representantes? Se os japonêses se recusassem a desistir da luta após a demonstração, não seriam maiores as probabilidades de o bombardeiro atômico ser abatido?

Outro alvitre apresentado foi o de alertar os japonêses explìcitamente sôbre a natureza mortífera da nova bomba e depois lançá-la apenas se a rendição não se efetivasse dentro de um número determinado de dias. Mas se, diante disso, os japonêses reagissem transferindo prisioneiros de guerra aliados para áreas vitais e depois desafiassem os Estados Unidos a soltar a bomba? Mesmo que isto não ocorresse, não se perderia totalmente o efeito do choque e não seriam enviados aviões de caça para interceptar a missão atômica?

Por fim, tôdas as perguntas se resumiram em uma: teria a bomba atômica uma boa probabilidade de acabar a guerra? A resposta parecia ser afirmativa; mas pediu-se aos quatro conselheiros científicos que estudassem a mínima possibilidade de conseguir-se algum tipo de demonstração que tornasse desnecessária a programada invasão do Japão, poupando assim vidas americanas e japonêsas. Após duas semanas de estudos, a resposta foi negativa: "Não vemos alternativa para o emprêgo militar direto."

O relatório da comissão apresentado à Casa Branca recomendava que a bomba fôsse lançada no Japão o mais breve possível, sem advertência específica. Truman já tinha chegado, por sua conta, à mesma conclusão, e então assentou-se definitivamente que a bomba seria usada contra os japonêses, a menos que êstes se rendessem antes.

Para causar o máximo possível de impressão, determinou-se fazer explodir a arma atômica sôbre uma cidade até então relativamente inatingida pelos bombardeios. Nessa altura restavam poucas cidades nessas condições no Japão, e a lista apresentada para exame continha apenas quatro nomes: Quioto, Cocura, Niigata e Hiroxima — Nagasáqui foi acrescentada no último instante.

Por fim, a lista das primeiras cidades-alvos acabou reduzida a uma só. A 2 de agôsto foi emitida em Guam uma ordem de combate ultra-secreta, declarando que a bomba deveria ser lançada em 6 de agôsto. Alvo primário: *a área industrial urbana de Hiroxima.*

Hiroxima era conhecida em todo o Japão como um lugar onde cresciam salgueiros excepcionalmente belos. Êsse grande pôrto e cidade fabril, então marcado para morrer, em três anos e meio de guerra só sentira a concussão de 12 bombas inimigas. Não obstante, os habitantes da cidade sabiam muito bem que a guerra ia mal. Tinham perfeita consciência disso tôda vez que se sentavam à mesa para comer, todo dia que iam para o trabalho, tôda vez que caminhavam pelas ruas da cidade.

Ao longo do cais, de onde partiram quase todos os soldados nipô-

nicos que foram para a área de combate do Sudoeste do Pacífico, pairava um silêncio mortal sôbre as vastas instalações de embarque. O *Gaisenkan,* " Vestíbulo do Regresso Triunfal", em que os soldados haviam escutado as últimas instruções e exortações, estava silencioso e vazio. A cidade, que em anos anteriores contivera até 100.000 homens em trânsito, nessa época só continha uma divisão, e esta preparava-se para a defesa, não para o ataque. Incluindo tropas dos serviços, havia cêrca de 24.000 soldados em Hiroxima. A baía outrora cheia de atividade estava quase morta. Os aviões norte-americanos haviam lançado tantas minas nas águas do Mar Interior que não chegavam mais navios a Hiroxima. Não havia mais comemorações cívicas do gênero que marcaria a grandiosa despedida do "Sempre Vitorioso Quinto Exército" em 1942. Quando êle partira para o sul, a fim de capturar Cingapura, milhares de cidadãos de Hiroxima se haviam alinhado nas docas e molhes do pôrto para bradar *"Banzai!"*

Obedecendo a ordens militares, os próprios cidadãos de Hiroxima fizeram o que os norte-americanos não haviam feito — destruíram grandes trechos de sua cidade. Quase 70.000 residências foram demolidas para abrir três amplos aceiros. Por isso, mais de 90.000 pessoas, da população máxima de 380.000 habitantes em tempo de guerra, tinham recebido ordem de partir em cinco evacuações em massa.

A gente que ficara em Hiroxima estava ocupada. Milhares haviam sido mobilizados em "associações de bairro" para derrubar casas — às vêzes a própria — no programa de combate a incêndios. As fábricas, armazéns e pátios ferroviários de Hiroxima trabalhavam àrduamente para fornecer suprimentos e equipamento para um exército que em breve teria de enfrentar uma tremenda investida americana em sua própria terra. Mas sua atividade mascarava uma desesperança militar e econômica que era dolorosamente aparente para os planejadores dos escalões superiores, se não para o homem da rua.

O cidadão comum de Hiroxima talvez soubesse apenas que sua ração de arroz era menor, ou que o empório da esquina fechara as portas porque tinha pouco para vender. Mas o gabinete nipônico sabia mais. Um estudo oficial feito em junho predissera que as necessidades mínimas de arroz para sustentar a população numa estrita base de sobrevivência ultrapassariam de 14 milhões de toneladas as disponibilidades em 1945. O Ministério também sabia que

as fôrças armadas careciam desesperadamente de combustível havia quase um ano. Já no início do outono de 1944 a Marinha estava em tamanha apertura que alguns dos navios perdidos nas batalhas do Mar das Filipinas não teriam sido capazes de retornar a suas bases ainda que tivessem escapado às bombas e aos torpedos norte-americanos.

O Exército Japonês estava fazendo estojos para granadas com metal de uma côr cinza baça, na falta do latão que acabara. Certas unidades militares regulares estavam recebendo lanças de bambu. Êsse era também o principal armamento do Corpo Combatente de Voluntários Nacionais, uma espécie de guarda territorial de última linha, para a qual em breve seriam mobilizados todos os civis do Japão, homens e meninos.

Cada palmo do litoral estava sendo preparado para a defesa; mas na maior parte dos casos isso significava ùnicamente arame farpado (havia pouco cimento para fortificações), metralhadoras (quase não se dispunha de peças de artilharia) e grutas nos morros (era evidente que não seria possível afastar os norte-americanos das praias). A Marinha Japonêsa, não só com falta de combustível, mas também dizimada pelos canhões e bombas americanos, adotara finalmente a tática dos *kamikazes* da fôrça aérea. Em julho, 700 embarcações de pequeno porte, carregadas de explosivos e destinadas a viagens só de ida, estavam sendo preparadas em portos do Japão meridional para o inevitável dia em que a esquadra de invasão dos Estados Unidos aparecesse no horizonte.

O dia 6 de agôsto de 1945 em Hiroxima foi pouco diferente de outras segundas-feiras daquele ano de escassez, derrota, evacuação e trabalho forçado. As mulheres em quase tôdas as casas estavam preparando o desjejum nos fogareiros de carvão que faziam as vêzes de aquecedores também. As equipes de trabalhadores estavam-se reunindo ou iniciando seus afazeres. Entre êles havia vários de fora da cidade, grupos enviados para Hiroxima a fim de acelerarem o trabalho de demolição e prevenção de incêndios.

Ocupadas em suas diversas tarefas matutinas, a maioria das pessoas de Hiroxima deu pouca atenção ao alerta aéreo que soou nove minutos depois das sete. As que olharam para cima ao ouvirem o

débil ronco de motores, se tinham boa vista perceberam um único B-29 voando muito alto. Provàvelmente era um avião de sondagem meteorológica do tipo que amiúde sobrevoava a cidade na parte da manhã. Êle atravessou a cidade duas vêzes e, a seguir, às 7 h e 25 m afastou-se em direção ao mar. O sistema de alarma deu o sinal de fim de alerta às 7 h e 31 m.

Aquêle B-29 *era* em realidade um avião de informações meteorológicas. Tinha o nome de *Straight Flush*. A ordem que resultou em sua ida a Hiroxima fôra denominada Missão de Bombardeio Especial N.º 13. Sete dos quinze B-29 de Tibbets haviam sido escalados para aquela missão.

A 4 de agôsto, as sete tripulações foram convocadas para uma reunião na sala de instruções, e o Capitão-de-Mar-e-Guerra William Parsons, que deveria armar a bomba atômica, exibiu filmes da prova atômica levada a efeito em Alamogordo. Após contemplarem a arrepiante e pavorosa majestade do espetáculo, todos entenderam por que os pilotos haviam treinado curvas súbitas e abruptas a grande altitude. Parsons também preveniu os pilotos de que não deviam voar através da nuvem em forma de cogumelo, devido ao perigo da radioatividade. Declarou com tôda a franqueza que ninguém podia ter certeza do que iria suceder: mesmo explodindo na altura planejada de 565 metros, a bomba podia fender a crosta da Terra.

O dia seguinte, 5 de agôsto, era um domingo, quente e ensolarado. Por tôda a Ilha Tinian os homens baixaram a cabeça em reverência a Deus. As ocupações bélicas, porém, não pararam por muito tempo para as devoções. No abrigo de montagem de bombas do 509.º, físicos, pessoal do material bélico e da Polícia do Exército, agentes do serviço de segurança e oficiais graduados do Corpo Aéreo reuniram-se para espreitar respeitosamente a bomba A pendente de sua corrente de içamento.

Tendo cêrca de 4,25 m de comprimento por 1,50 m de diâmetro, a bomba pesava pouco mais de 4.500 quilos. O núcleo físsil era menos de meio por cento dêste pêso, e estava metido bem para o interior, conforme Oppenheimer certa vez comentara: "como um pequeno diamante em um enorme chumaço de algodão." Uma espolêta de proximidade seria ajustada para detonar a 565 metros. Quando o projetil em queda livre chegasse a essa altitude, a espolêta acionaria uma carga explosiva que arremessaria um pequeno pedaço do U-235 para a frente, à velocidade de 1.500 metros por segundo, até colidir com um pedaço maior do U-235, em forma de concha, colocado na ogiva. Nesse instante, ocorreria a explosão atômica.

Dois mensageiros especiais haviam levado para Tinian aquêle alvo vital, em forma de concha, em um cilindro de chumbo de uns 45 cm de diâmetro por 60 cm de altura. Suas ordens tinham sido explícitas: em hipótese nenhuma deveriam colocar suas vidas a salvo antes do U-235. Se o navio afundasse — era o cruzador pesado *Indianapolis* — caberia ao U-235 a primeira lancha ou barco salva-vidas. De São Francisco o navio zarpara a todo o vapor para Tinian, detendo-se apenas algumas horas em Pearl Harbor para reabastecimento, e entregara o U-235 na ilha a 26 de julho. (Quatro dias mais tarde, o malfadado *Indianapolis* foi torpedeado e afundado.)

Três pedaços menores do U-235 haviam sido igualmente remetidos via aérea para Tinian, cada um em avião diferente e acompanhado por um agente do serviço de segurança do Projeto Manhattan.

Por volta de meia-noite, o capelão do 509.º fêz uma rápida prece pelo êxito da missão. Em seguida, as sete tripulações tomariam seu desjejum e à 1 h e 37 m da madrugada os três aviões meteorológicos decolaram para Hiroxima, Cocura e Nagasáqui, respectivamente. (Se Hiroxima estivesse encoberta, as outras duas cidades seriam os alvos alternativos.)

Pouco mais de uma hora depois — eram 2 h e 45 m da madrugada de 6 de agôsto — o avião de Tibbets, pesadamente carregado, o *Enola Gay* (assim batizado em homenagem à mãe do pilôto), rolou ao longo da pista de coral, deixando o solo já a poucos metros do fim da pista. Foi seguido, com intervalos de dois minutos, por dois outros B-29 — um para medir a rajada e a radiação, outro para tirar fotografias. Um terceiro, que ficaria de alerta para receber a bomba em Iwo Jima e prosseguir, no caso do *Gay* entrar em pane, partira mais cedo. A Missão de Bombardeio Especial N.º 13 estava a caminho.

Ao elevar-se sôbre o Pacífico com violento impulso ascensional, o *Enola Gay* estremeceu com o esfôrço. A tripulação respirou melhor

depois que Tibbets ganhou altura suficiente para fazer uma curva para a esquerda e procurar a leitura do compasso para Iwo Jima, 1.000 quilômetros ao norte.

A 1.200 metros, Tibbets colocou o manete em velocidade de cruzeiro. Parsons esvaziou o cachimbo apagado, baixou para o compartimento anterior das bombas e iniciou o acabamento da montagem final. Isso tomou-lhe, ao todo, apenas 25 minutos.

À parte seu caráter nuclear revolucionário, a arma, então completamente armada e pronta para funcionar, era um labirinto de engenho electrônico. Quando fôsse largada, uma série de intrincados cronômetros ficaria desligada durante os primeiros segundos, de modo que o dispositivo não pudesse de forma alguma detonar durante êsse intervalo. Outro conjunto de instrumentos impediria a bomba de explodir acima de 3.000 metros. Após 15 segundos de queda, indicadores barométricos alertariam as espolêtas de radioproximidade, ajustadas para provocar a explosão a 565 metros. Havia quatro dessas espolêtas, das quais pelo menos duas teriam de estar de acôrdo na altitude exata para que se pudesse dar a explosão. Todos êsses dispositivos tinham de funcionar dentro dos 43 segundos calculados entre o momento de largada da bomba e o instante da explosão.

Para garantia contra falhas mecânicas, uma "caixa preta" a bordo do avião controlava os circuitos elétricos da bomba. Era verificada de meia em meia hora durante o vôo, e todos os instrumentos de seu painel tinham de apresentar as indicações corretas, pois do contrário a bomba teria de ser levada de volta para Tinian sem ser lançada.

Às 4 h e 55 m, bem depois de clarear o dia, o *Enola Gay* encontrou-se sôbre Iwo Jima com os outros dois B-29 que deveriam acompanhá-lo. Depois, numa formação em V bem aberta, mantendo o rádio em rigoroso silêncio, os três B-29 dirigiram-se para noroeste, em direção à ilha japonêsa de Shikoku.

Por fim Tibbets chamou todo o pessoal pelo interfone. Doravante, falou, todos os homens deveriam conservar-se em suas posições. E, quando atingissem a costa do Japão, tôda a conversa pelo interfone seria gravada.

— Isto é para ir para a História — disse Tibbets. — Portanto, cuidado com a linguagem. Estamos transportando a primeira bomba atômica.

Era a primeira vez que a maioria dos tripulantes ouvia êsse nome.

Às 7 h e 9 m, muito adiante dêles, o *Straight Flush* acercava-se dos arredores de Hiroxima. Um colchão de nuvens contínuo cobria o Japão até onde a vista podia alcançar. Minutos depois, entretanto, abriu-se uma visão de tôda a cidade. No ponto em que o *Enola Gay* deveria despejar sua carga, a cidade estava tão clara lá embaixo que a tripulação podia ver trechos de gramado. Uma abertura de 15 quilômetros em uma massa de nuvens que, não fôsse isso, seria contínua, marcava Hiroxima como se o destino houvesse enterrado um cravo no coração da cidade.

Às 7 h e 25 m, o *Straight Flush* transmitiu pelo rádio seu informe, concluindo assim: "Conselho: bombardear alvo primário." Quando Tibbets acabou de decifrar a mensagem virou-se para o navegador e disse:

— É Hiroxima.

Às 7 h e 50 m, o *Enola Gay* passou por cima da Ilha de Shikoku. Os tripulantes enfiaram suas roupas de proteção contra o fogo antiaéreo. O painel do monitor mostrava que todos os circuitos elétricos da bomba estavam em ordem, sem indícios de interferência eletrônica dos japonêses.

Às 8 h e 9 m, através de uma abertura nas nuvens avistaram-se os contornos de Hiroxima.

— Vamos iniciar a corrida para o bombardeio — avisou Tibbets pelo interfone. — Quando ouvirem o sinal da cigarra, coloquem os óculos até passar o clarão.

Todos os membros da equipagem tinham óculos especialmente fabricados, nos quais cristais de quinino só deixavam passar uma côr, o roxo, através das lentes.

Enquanto o *Enola Gay* voava no rumo oeste a 9.530 metros, Hiroxima descobriu-se claramente sob o avião. Através do visor de bombardeio ela revelou-se um quadro familiar ao bombardeador, o Major Tom Ferebee. Dir-se-ia o mesmo alvo fotografado que êle estudara uma dezena de vêzes. O ponto de visada, o centro de uma ponte principal sôbre o braço mais largo do Rio Ota, avançou para o cruzamento dos retículos.

— Peguei-o — disse Ferebee, e acionou a sincronização automática para o minuto final da corrida para o bombardeio.

Quarenta e cinco segundos depois ligou o sinal de cigarra do rádio, o que significava que dentro de 15 segundos seria largada a bomba.

Às 8 h e 15 m mais 17 segundos abriram-se de supetão as portas do compartimento de bombas e o avião deu uma guinada para cima, tendo ficado de repente 4.500 quilos mais leve. As cabeças de todos os que estavam a bordo foram violentamente sacudidas. Tibbets dirigiu o avião para a direita com uma inclinação de 60° e entrou numa curva apertada de 158°. A fuselagem guinchou com a violência da manobra.

Instruindo apressadamente Bob Caron, o metralhador da cauda, para dizer a todos o que visse, Tibbets começou a contar mentalmente os 43 segundos. Cada momento lhe parecia interminável.

— Não vê nada ainda? — perguntou Tibbets a Caron, depois de se terem passado uns 35 segundos.

— Não, senhor.

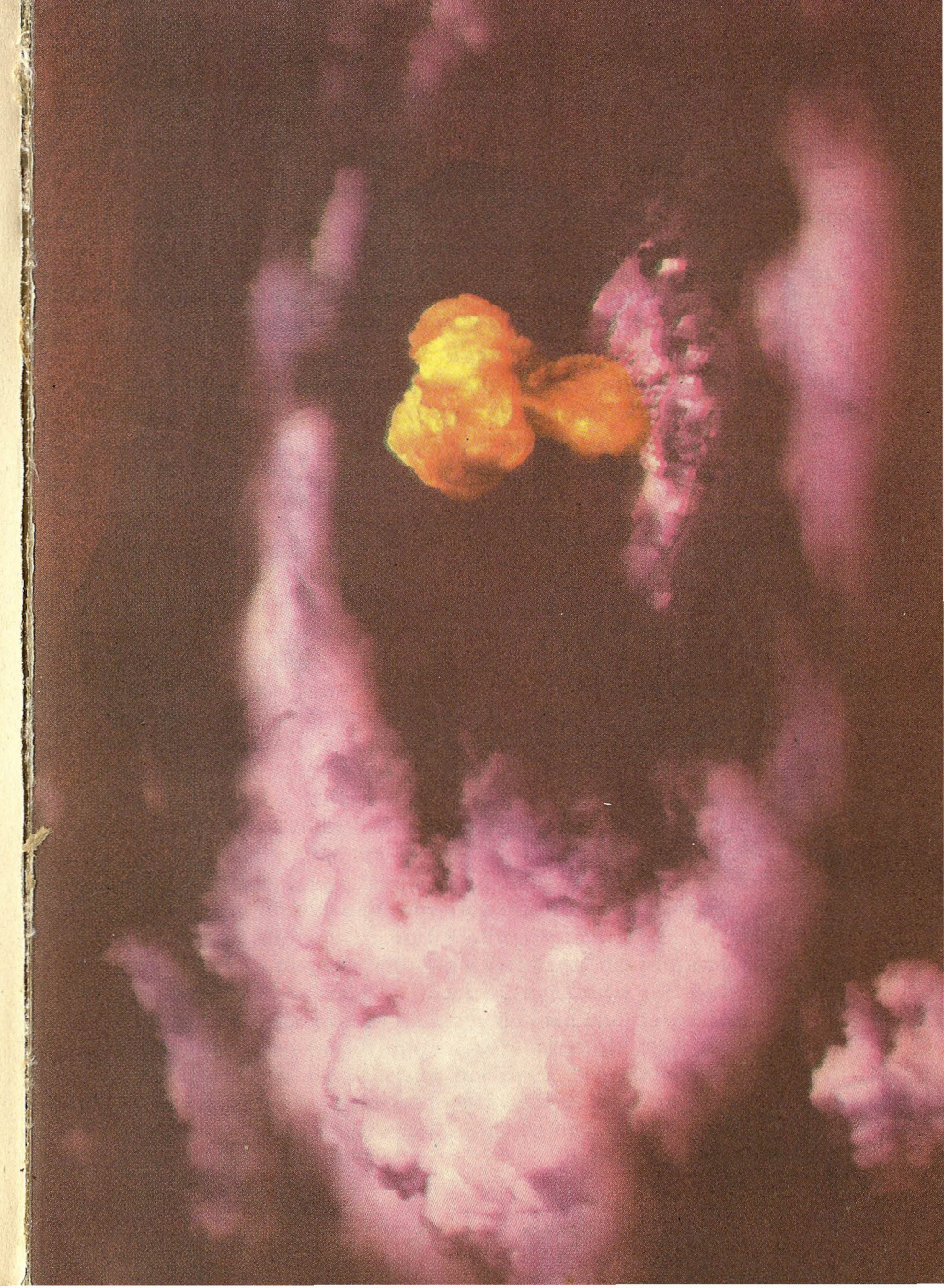
O Primeiro-Tenente Morris R. Jeppson, encarregado do painel que servira para controlar os circuitos da bomba, iniciara sua própria contagem e estava chegando agora ao fim: 40... 41... 42... Jeppson parou de contar. Passou-lhe pela mente um pensamento: "Falhou!"

Nesse instante, o mundo ficou sùbitamente roxo ante os olhos de Bob Caron. Suas pálpebras fecharam-se instintivamente por trás dos óculos. "Devo ter ficado cego", pensou, embora quando êle olhara diretamente para o Sol através dos óculos, um instante antes, só o tivesse visto vagamente. Ficou estupefato demais a princípio para falar no interfone.

Caron estava olhando para uma explosão que, numa fração de tempo demasiado pequena para ser avaliada por qualquer cronômetro, se transformara em uma bola de fogo de 550 metros de diâmetro, cujo centro alcançava a temperatura aproximada de 55 milhões de graus centígrados.

Hiroxima já não existia.

Ao soar o sinal de fim de alerta em Hiroxima, às 7 h e 31 m de 6 de agôsto, pouco se alterara o ritmo da vida da cidade. A maioria



A explosão da bomba atômica com o clássico "cogumelo" que se forma e aumenta ràpidamente. Dois minutos depois da explosão o cogumelo chegava à altura de 12.000 metros. Passados mais dez minutos, a "haste" do cogumelo atingia a 40.000 metros de altura, enquanto a cabeça ia de 16.000 a 150.000 metros de diâmetro.

Camera Press
Foto U.S. Army Air Force

das pessoas estava demasiado ocupada ou com muita preguiça para prestar qualquer atenção ao alerta. O afastamento do único B-29, voando a grande altitude — o avião meteorológico — não provocara mais rebuliço do que sua chegada sôbre a cidade 22 minutos antes.

Às 8 h e 15 m as poucas pessoas de Hiroxima que avistaram outra pequena formação de aviões notaram que três pára-quedas se abriam depois de saírem de um dos aparelhos. Tinham sido lançados do avião encarregado de medir a rajada e a radiação; sustentavam instrumentos para transmitir pelo rádio aquelas medições. Vendo os pára-quedas, algumas pessoas deram vivas, imaginando que os aviões inimigos estivessem em dificuldade e que as tripulações estivessem saltando.

Durante uns 45 segundos não houve mais nada no céu claro sôbre a cidade além dos pára-quedas. Sùbitamente, sem um som, não existia mais céu sôbre Hiroxima.

Para os que sobreviveram, a recordação do primeiro instante da explosão atômica sôbre Hiroxima é de pura luz, ofuscante e intensa, mas de assustadora beleza e variedade. Uma testemunha descreveu um clarão que passou de branco a côr-de-rosa e depois a azul, à medida que se elevava e expandia. Outros tiveram a impressão de ver "cinco ou seis côres brilhantes". Alguns viram ùnicamente "relâmpagos dourados" numa luz branca que lhes lembrava — esta talvez tenha sido a descrição mais generalizada — uma imensa lâmpada de instantâneos fotográficos explodindo em cima da cidade.

A única impressão foi visual. Se houve som, ninguém o ouviu. Milhares nada viram tampouco. Foram incinerados no local onde estavam, sob o calor que converteu o centro de Hiroxima em gigantesco forno. Milhares de outros sobreviveram talvez um ou dois segundos, sendo despedaçados pelos estilhaços das vidraças que foram arremessados para todos os lados ou esmagados sob paredes, tijolos ou outros objetos que se achavam no caminho da explosão.

Diversos fatôres contribuíram para produzir mais devastação do que fôra predita pelos peritos nucleares. Primeiramente, a precisão do lançamento: a pontaria do Major Ferebee fôra quase perfeita. A despeito do fato de ter sido largada de uma aeronave em vôo veloz, mais de cinco quilômetros para leste e quase a dez quilômetros de

altura, a bomba detonou pouco mais de 180 metros à direita do ponto designado como alvo.

Depois, a hora da hecatombe. Por tôda a Hiroxima, milhares de braseiros estavam cheios de tições ardendo para fazer a refeição matinal. Quase todos os fogareiros, derrubados pelas tremendas ondas de ar, se transformaram em tochas que incendiaram as casas de madeira e papel. Oppenheimer presumira que a maior parte da população estaria em abrigos antiaéreos e calculava umas 20.000 baixas. Não tinha havido um alerta específico, entretanto — pequenas formações haviam sobrevoado a cidade muitas vêzes sem lançar bombas — e a maioria das pessoas estava a caminho dos locais de trabalho. Por isso, houve mais de 70.000 baixas.

A faísca inicial gerou uma série de calamidades.

Primeiro foi o calor. Durou apenas um instante, mas foi tão intenso que derreteu telhas, fundiu os cristais de quartzo nos blocos de granito, carbonizou as faces expostas de postes telefônicos numa extensão de quase três quilômetros, e destruiu tão completamente os sêres humanos que estavam perto que nada restou dêles senão o contôrno de suas sombras impresso a fogo nos pavimentos de asfalto ou em muros de pedra.

A 15 quilômetros da cidade, o prefeito de Kabe sentiu nìtidamente o calor no rosto quando se achava no jardim de sua casa. A quatro quilômetros do Zero Solo o calor ainda queimava a pele. A dois quilômetros e meio as ondas de calor queimaram completamente as letras impressas em prêto numa fôlha de papel branco. Centenas de mulheres tiveram as peças escuras de seu vestuário queimadas, enquanto as mais claras permaneciam inalteradas, deixando-lhes a pele embaixo nìtidamente marcada com os desenhos minuciosos dos estampados de seus quimonos.

Após o calor veio a rajada, brotando da bola de fogo para fora com o ímpeto de um vento de 800 quilômetros por hora. Sòmente objetos que apresentavam um mínimo de resistência superficial — corrimões de pontes, canos, postes das emprêsas de serviços públicos — agüentaram a sua fôrça. As paredes de alguns edifícios de escritório, que haviam sido especialmente construídos para resistir a terremotos, continuaram de pé. Dentro delas, porém, só havia ruínas, pois os tetos caíram ao chão, arrastando consigo tudo o mais.

A rajada arrebentou os encanamentos de água em tôda parte, de modo que os bombeiros sobreviventes — dois terços dêles encontravam-se entre as primeiras baixas — ficaram impotentes para fazer face aos milhares de incêndios que surgiram dentro de alguns segundos. Combinados, a rajada e o fogo destruíram todos os prédios, sem exceção, numa área de quase 13 quilômetros quadrados.

Depois do calor, da rajada e do fogo, o povo de Hiroxima teve de enfrentar outros tormentos. Poucos minutos após a explosão, começou a cair uma chuva estranha. As gôtas de água eram do tamanho de bolas de gude... e eram pretas. Êsse fenômeno aterrador decorreu da vaporização da umidade da bola de fogo e da condensação na nuvem que ela produziu. Não houve bastante dessa "chuva negra" para apagar os incêndios, mas o suficiente para agravar o pânico do povo já fora de si pelo que lhe sucedera.

Em seguida à chuva veio o vento, o grande "vento de fogo", que soprou de volta para o centro da catástrofe, aumentando sua fôrça à medida que o ar sôbre Hiroxima ficava mais quente devido aos grandes incêndios. O vento foi tão forte que desarraigou árvores imensas nos parques onde se reuniam os sobreviventes. Levantou vagalhões nos rios e afogou muitos que se haviam metido dentro da água para escapar ao calor e às chamas.

Tibbets fôra prevenido de que uma onda de choque provàvelmente atingiria o avião cêrca de um minuto após a detonação da bomba. Antecipando-se a isto, fêz cabrar o avião para ganhar altitude e perder velocidade — manobra que os peritos em aerodinâmica calculavam que diminuiria o impacto.

Postado na tôrre da cauda, Bob Caron de repente viu uma linha tremeluzente correndo em direção ao avião. Assemelhava-se à onda de calor vista de longe no asfalto de uma estrada, mas prolongava-se numa curva longa como um círculo produzido por uma pedra atirada na água. Era visível porque a forte compressão do ar era seguida por um vácuo em que o vapor se condensava instantâneamente, formando uma rápida cinta de nevoeiro. A onda de choque avançava para o avião com a velocidade de 19 quilômetros por minuto. Embora sua fôrça provável tivesse sido salientada nas instruções dadas à tripulação, sua violência real estarreceu a todos.

— Fogo antiaéreo! — gritou Tibbets involuntàriamente ao sentir o impacto.

Parsons sentiu reação semelhante: dava a impressão de uma imensa granada antiaérea explodindo a uns dois metros do avião.

— Aí vem outra — avisou Caron pelo interfone, de sua posição mais vantajosa na pôpa.

Como reflexo da rajada do solo, essa segunda onda de choque atingiu-os; depois, passou o perigo. Em formação com os dois aviões de acompanhamento, o *Enola Gay* voou então para o sul ao longo dos arredores de Hiroxima, e pela primeira vez os tripulantes observaram o que tinham causado.

De tôda a cidade se elevava poeira remoinhante e compridos rolos de fumaça cinzenta precipitavam-se para o centro. Uma coluna de fumaça branca, incrìvelmente perfeita, erguia-se verticalmente. Na base era pintalgada de vermelho e laranja e o tôpo abria-se na forma exata de um cogumelo. A haste da estranha nuvem em forma de flor lembrou a um dos homens uma enorme laje tumular. Dentro de minutos a nuvem-cogumelo subiu a mais de seis mil metros de altura.

Um conflito de emoções perturbava os espíritos dos aviadores sôbre a cidade arruinada. Alguns estavam exultantes pelo fato de a bomba ter funcionado, e esperavam que ela acabasse com a guerra. Outros debatiam-se entre o orgulho e a consternação. Outros simplesmente não conseguiam ligar à realidade o que os seus olhos viam.

O Capitão Robert A. Lewis, co-pilôto de Tibbets, foi um dos primeiros a falar.

— Deus meu — disse êle — que fizemos?

Tibbets mandou que fôsse transmitida uma mensagem pelo rádio, em linguagem clara, notificando Tinian de que o *Enola Gay* bombardeara visualmente seu alvo principal com bons resultados. Não tinham sido perturbados por caças nem por fogo antiaéreo. A seguir, enquanto se preparavam para o longo vôo de regresso a Tinian, foi redigido o relatório em linguagem cifrada: "Preciso, bem sucedido sob todos os aspectos. Efeito visível superior ao de Trinity [a experiência no Nôvo México]."

Instantes depois das 8 h e 16 m da manhã, o operador de contrôle da Corporação Radiodifusora Japonêsa, em Tóquio, notou que sua linha telefônica para a estação de rádio de Hiroxima emudecera. Tentou restabelecer a ligação, mas verificou que não era possível fazer chamado para a cidade.

Vinte minutos depois os homens do centro de comunicações da estrada de ferro em Tóquio perceberam que a principal linha telegráfica parara de funcionar; o rompimento parecia ter ocorrido logo ao norte de Hiroxima. Começaram a chegar informações de cidades vizinhas de Hiroxima de que parecia ter havido uma explosão qualquer naquela cidade. O pessoal da estrada de ferro encaminhou as mensagens para o Quartel-General do Exército.

Eram quase dez horas quando Ryugen Hosokawa, diretor-gerente do jornal *Asahi* de Tóquio, recebeu um chamado telefônico em casa. Era da redação, avisando que Hiroxima "sumira quase completamente" em conseqüência do bombardeio de aviões inimigos.

Mais ou menos ao mesmo tempo, o Major Tosaku Hirano, um oficial do estado-maior do Segundo Corpo de Exército, achava-se no Quartel-General em Tóquio. Êle chegara de Hiroxima uma semana antes para informar acêrca da situação dos suprimentos militares naquela cidade portuária, e devia voltar de avião no domingo; adiara a partida, porém, e por isso estava ainda na capital.

Seu telefone tocou então. Era um chamado do Pôsto de Comando Central em Osaca, uma instalação subordinada ao Segundo Corpo de Exército de Hiroxima, comunicando que estavam interrompidas suas ligações com aquela cidade e pontos mais a oeste.

O Quartel-General do Exército, em Tóquio, tentou diversas vêzes entrar em contato com o Centro de Comunicações de Hiroxima, mas debalde. Não havia explicação. A sucessão de informes da rêde de radiodifusão, do centro seletivo da estrada de ferro, da sala de noticiário do *Asahi* e de Osaca indicavam que algo de sério ocorrera, mas ninguém conseguia descobrir o que fôra.

Foi então que, pouco depois de uma hora da tarde, o Quartel-General afinal teve notícias do Segundo Corpo de Exército. A mensagem era breve, mas atordoante: "Hiroxima foi aniquilada por uma bomba e os incêndios se estão propagando." Êsse curto despa-

cho veio do depósito militar de embarque, situado no cais de Hiroxima, fora da área atingida pela rajada.

Continuaram a pingar os relatórios. Pelo meio da tarde, o Exército sabia sòmente que três aviões inimigos haviam sobrevoado Hiroxima quando a bomba explodiu; soubera que dois dêles não haviam lançado bomba nenhuma. Os diretores-gerentes dos cinco grandes jornais de Tóquio foram então chamados à sede da Agência de Informações e Divulgação do Govêrno. Um funcionário da imprensa militar dirigiu-se ao grupo:

> Cremos que a bomba lançada em Hiroxima é diferente das bombas comuns. Pretendemos divulgar qualquer coisa assim que obtivermos informes adequados. Até então, noticiem o fato num canto escondido de seus jornais como se em nada diferisse de uma incursão aérea normal.

Noutras palavras, fôra impôsto o silêncio. O Exército já alimentava forte suspeita de que a bomba usada em Hiroxima fôsse uma arma atômica. (O serviço naval de informações japonês noticiara os estudos sôbre a bomba em fins de 1944, destacando o interêsse do Govêrno dos Estados Unidos em comprar todo o minério de urânio disponível.) O Exército, todavia, ansioso por manter a guerra até chegar a uma batalha final corpo a corpo com os norte-americanos em solo japonês, estava resolvido a ocultar a notícia do povo japonês o maior tempo possível.

Entretanto, a verdade sôbre Hiroxima logo seria desvendada. No distrito de Saitama, nos arredores de Tóquio, a agência semi-oficial de notícias Domei possuía uma grande estação de recepção, em que quase 50 empregados, muitos dêles môças nisseis, escutavam as transmissões de rádio norte-americanas. Por volta de uma hora da madrugada, em 7 de agôsto (meio-dia de 6 em Washington), Hideo Kinoshita, chefe da sala de escuta, foi despertado pelo rapaz japonês que estava de plantão noturno. O jovem informou que tôdas as estações norte-americanas estavam irradiando uma declaração do Presidente Truman descrevendo a arma que havia sido lançada em Hiroxima como sendo "uma bomba atômica".

Kinoshita escutou a descrição. Depois chamou apressadamente seu

superior imediato, Saiji Hasegawa. Êste não tinha a menor idéia do que fôsse uma bomba atômica, mas foi correndo para o seu gabinete. Ao ver as transmissões que estavam começando a chegar dos monitores de Saitama, ligou para Hisatsune Sakomizu, secretário-chefe do gabinete ministerial.

Sakomizu ràpidamente conferenciou com o Primeiro-Ministro Suzuki, com quem vinha lidando no esfôrço para arranjar um ajuste de pacificação. Êles perceberam imediatamente, disse êle depois,

> ...que, se a declaração era verídica, nenhum país poderia prosseguir numa guerra. Sem a bomba atômica, seria impossível para qualquer país defender-se de uma nação que possuísse tal arma. Chegara a oportunidade de terminar a guerra. Não era necessário pôr a culpa na facção militar, nos industriais, ou em mais ninguém — apenas na bomba atômica. Era uma boa desculpa.

O Exército, no entanto, não estava disposto a aceitar essa atitude. Os generais, presentes a uma reunião de emergência do gabinete no dia 7 de agôsto, recordaram a propósito uma velha lenda japonêsa a respeito de um comandante militar que se tornou alvo de zombarias porque tomou por engano o bater de asas de pássaros em vôo pelo ruído de aproximação do inimigo e fugiu. Alegaram que a bomba não era atômica, mas apenas uma arma convencional gigantesca. Recusaram-se de maneira terminante a aceitar a proposta de Togo, Ministro das Relações Exteriores, para tomar imediatamente em consideração a possibilidade de rendição nas condições do ultimato de Potsdam, e insistiram em manter oculta do povo japonês a declaração de Truman sôbre a bomba atômica até que o Exército pudesse levar a cabo uma investigação local em Hiroxima.

Os militares já haviam iniciado essa verificação. O Major Hirano, oficial de estado-maior do QG de Hiroxima, cujo desejo de passar mais duas noites de folga em Tóquio lhe salvara a vida, procurou Yoshio Nishina, o mais destacado cientista nuclear do país. Contou a Nishina as alegações de Truman e pediu-lhe que o acompanhasse até Hiroxima em um avião de ligação a fim de investigar o assunto. Nishina concordou em fazer a viagem.

Eram quase sete da noite quando o pequeno avião de Hirano des-

ceu em Hiroxima. Ainda havia claridade, entretanto, de modo que êle viu o panorama total com um choque súbito.

> Como sou soldado, nessa altura meus olhos já estavam acostumados aos efeitos dos bombardeios. Aquela visão, contudo, foi diferente. *Não havia caminhos nos terrenos ermos que se estendiam sob nossos olhos:* essa foi a minha primeira impressão. No caso de uma incursão aérea normal, depois de terminada ainda se podiam ver as estradas. Em Hiroxima, entretanto, tudo estava arrasado e tôdas as estradas cobertas de detritos.

Quando Hirano desceu do avião, a primeira pessoa que viu foi um oficial-aviador que se adiantou pela pista para ir ao encontro da turma de Tóquio. O rosto dêle estava marcado por uma linha pronunciada dividindo-o verticalmente ao meio. Um lado apresentava-se liso e incólume. O outro, o que estivera voltado para o lado da explosão, estava queimado, vesiculado, enegrecido. Os investigadores seguiam através das ruínas da cidade até o que restava do QG do Segundo Grupo de Exército. Lá não havia ninguém. Afinal encontraram o que sobrara do QG — alguns oficiais abrigados numa caverna no flanco de um morro. Muito antes de iniciarem seu inquérito oficial na manhã seguinte, os homens de Tóquio já sabiam a verdade. Em realidade Hirano soubera-a no instante em que avistara o que restava de Hiroxima de bordo de seu avião quando circulava sôbre a cidade, tal e qual Bob Caron o soubera às 8 h e 16 m da véspera, quando olhara para trás de bordo do *Enola Gay*.

Em Washington concordou-se em que a notícia sôbre o ataque atômico deveria ser imediatamente divulgada. Os correspondentes puseram-se incontinenti a trabalhar no que identificaram como uma das maiores reportagens de todos os tempos.

Quando foram dados a público os boletins oficiais sôbre a bomba, a notícia assombrou o mundo. Para a maioria, a informação era impossível de entender, mas quase todos os que a ouviram perceberam que era de tremenda importância. O primeiro comunicado oficial partiu da Casa Branca. Após descrever sumàriamente a natureza e o potencial da arma, o despacho continuava:

> Foi para poupar o povo japonês da completa destruição que se enviou o ultimato de Potsdam do dia 26 de julho. Os chefes japonêses rejeitaram imediatamente êsse ultimato. Se não aceitarem nossas condições agora, poderão contar com uma chuva devastadora caindo do céu, diferente de tudo o que já se viu.

Para acelerar a rendição do Império, Washington decidiu desencadear uma campanha de propaganda intensiva, soltando 16 milhões de folhetos sôbre 47 cidades nipônicas. Foi também antecipado para 9 de agôsto um segundo ataque atômico programado para 11 de agôsto, raciocinando-se que uma seqüência rápida poderia convencer os chefes japonêses de que Hiroxima não fôra uma aberração da natureza.

O segundo vôo com a bomba atômica foi malfadado desde o princípio e, no fim, quase nada deu certo. A bomba era de plutônio, do tipo que fôra detonado no Nôvo México. (A de Hiroxima era de urânio, um tipo que ainda não fôra experimentado.) A arma foi transportada pelo Major Charles W. Sweeney em um avião que não era o dêle. O alvo primário, Cocura, estava tão encoberto pelo mau tempo nas três passagens sôbre a cidade que êle não lobrigou a menor abertura nas nuvens. Quando Sweeney voou para Nagasáqui, o alvo alternativo, também a encontrou encoberta. O Comandante Ashworth, o especialista em armamento atômico que estava a bordo do avião, determinou que, se necessário, se fizesse o lançamento por meio do radar, assumindo pessoalmente a responsabilidade por contrariar as ordens de Washington, em vista da pouca disponibilidade de combustível. A corrida inteira para o bombardeio foi feita pelo radar, e, embora o bombardeador encontrasse uma abertura no último minuto, errou o alvo com cinco quilômetros de diferença. Ainda assim, foi enorme o estrago causado.

No dia seguinte, o gabinete japonês concordou em enviar uma mensagem, por intermédio da Suíça, aceitando as condições do ultimato de Potsdam, ficando "entendido" que o Imperador permaneceria no poder. Salvo pelas formalidades, a guerra acabara.

Mesmo então continuou de pé esta pergunta para perturbar as consciências dos homens em tôda parte: fôra direito empregar a bomba?

O Presidente Truman foi incisivo ao aceitar a responsabilidade e ao defender o seu ato. "Ninguém tenha dúvidas a respeito", disse êle. "Considerei a bomba uma arma militar e nunca tive dúvida alguma de que deveria ser utilizada." Churchill também foi favorável ao seu emprêgo, sem hesitação, caso pudesse ajudar a pôr fim à guerra.

Mas teria Truman alternativa? Quando êle tomou conhecimento do projeto, já dois bilhões de dólares haviam sido gastos em segrêdo. Qualquer chefe político que se recusasse a lançar a bomba, observou o General Groves, seria "pôsto no pelourinho" se, posteriormente, vidas norte-americanas fôssem sacrificadas em uma invasão do Japão.

O julgamento de pós-guerra pronunciado pelo Almirante-de-Esquadra Leahy foi acerbo: "O emprêgo desta arma bárbara em Hiroxima e Nagasáqui não foi de nenhuma ajuda material em nossa guerra contra o Japão. Os japonêses já estavam derrotados e prontos a se renderem devido ao bloqueio e ao bombardeio com armas convencionais."

O Secretário da Guerra, Stimson, que auxiliara a criação do Projeto Manhattan, nunca vacilou em recomendar o uso da bomba. "Vejo demasiadas decisões implacáveis e confrangedoras para pretender que a guerra seja algo diferente do que realmente é", disse êle. "A face da guerra é a face da morte; a morte é uma parte inevitável de tôda ordem que um chefe dá em tempo de guerra. A decisão de usar a bomba atômica acarretou a morte de mais de 100.000 japonêses. Ela era, entretanto, a nossa última e abominável alternativa. Ela pôs têrmo à guerra, acabou com as incursões incendiárias e liquidou o medonho espectro de um choque de grandes exércitos em terra."

Quem estava certo? Truman, que considerou a bomba como uma arma militar para acabar com a guerra? Ou Leahy, que acreditava ser desnecessário o uso da bomba nesse caso? Ou Stimson, que via a guerra como a própria morte? Poucos dos que sabiam tanto quanto êsses três acêrca da situação em 1945 se considerariam aptos para pronunciar um julgamento definitivo. Os veredictos absolutos vieram de pessoas que sabiam menos e sentiam menos intensamente o pêso da responsabilidade e da autoridade.

O físico Luis Alvarez, que voou com a formação que destruiu Hiroxima, encontrou os cientistas de Los Álamos "quase neuróticos" em sua oposição *post-mortem* ao emprêgo da bomba. Reparou, todavia, que os que haviam transportado a bomba para o Pacífico, e por isso tinham visto pessoalmente as batalhas, pareciam bem menos preocupados do que os outros quanto à moralidade de empregá-la.

Se a ilação moral da bomba era nebulosa, o mesmo não se deu com as deduções militares. Uma das máximas favoritas era de há muito "Conquistar terreno elevado", porquanto terreno elevado sempre havia significado vantagem tática. O General Carl Spaatz, chefe do Comando Aerostratégico dos Estados Unidos no Pacífico, após examinar fotografias de Hiroxima, entretanto, comentou:

A BOMBA ATÔMICA REMOVE TODO O TERRENO ELEVADO.

Um Entre Oito Milhões: Caça a um Espião

Carl B. Wall

Eis aqui a história de um espião sem barbas postiças nem capa-e-espada, história em que não aparece nenhuma formosa Mata Hari, em que não se trava nenhuma luta desesperada à beira de um precipício, e não se dispara um tiro sequer. No entanto, é um dos casos mais complicados dos Anais do Bureau Federal de Investigações dos Estados Unidos. É a história da caça a um desconhecido no labirinto de Nova York, perdido entre oito milhões de indivíduos!

NA NOITE de 20 de fevereiro de 1942, um censor postal perspicaz, examinando a correspondência destinada a Portugal, tirou de um envelope aéreo uma fôlha dactilografada de aparência inofensiva; tudo indicava tratar-se de uma dessas cartas que se escrevem a um velho amigo. Mas o sobrescrito constava da lista fornecida pela contra-espionagem no estrangeiro como um dos endereços usados pelos agentes alemães.

Dali a algumas horas, um perito em tintas invisíveis dos laboratórios do Bureau Federal de Investigação (FBI) em Washington passou uma esponja saturada de uma substância química pela parte em branco do papel. Daquele fundo branco começou a surgir pouco a pouco a escrita secreta, curioso hieróglifo em caracteres alemães impressos a mão. A mensagem dava informações sôbre navios de transporte de tropas e cargueiros que se preparavam para partir em comboio do pôrto de Nova York. Nas mãos do inimigo a informação representava uma ameaça para a vida de soldados e marinheiros e para toneladas de valioso material.

O espião precisava ser capturado. Mas o laboratório só havia revelado um indício levíssimo. A pseudocarta havia sido escrita numa máquina de escrever Underwood portátil. Agentes especiais iniciaram uma busca quase sem esperança pelas casas vendedoras de máquinas de escrever em Nova York.

Antes de passados dez dias, apareceu outra carta, e depois mais outra, tôdas elas postas no correio em Nova York. O espião moraria na cidade? Que aspecto teria? Em geral, quando a polícia começa a procurar um criminoso, conta pelo menos com uma descrição para lhe servir de guia. Desta vez o FBI de nada dispunha.

Certa noite, um agente especial, matutando sôbre cópias fotostáticas das cartas originais, teve a intuição de que elas continham partes verdadeiras. A maior parte da conversa, êle bem o sabia, não passava de pura invencionice, mas com relação aos acontecimentos triviais de todos os dias o espião bem podia estar contando a verdade. Agitado pela descoberta, o agente toma nota dos particulares que lhe pareceram autênticos:

X é casado. Vive em casa própria. Tem um cachorro que está doente. Tem emprêgo fixo. Sai de casa entre 7 e 8 da manhã todos os dias da semana. Mudou de óculos recentemente. É guarda do serviço antiaéreo.

O número de guardas antiaéreos na área metropolitana de Nova York era de 98.338!

"Tem guarda antiaéreo nesta terra que não é brinquedo", gracejou o agente-chefe quando recebeu a informação. "Mas sempre é melhor que oito milhões de habitantes. Pelo menos já sabemos por onde começar."

Com tenacidade inquebrantável o FBI encetou a tremenda tarefa de conferir a ficha de todos os guardas antiaéreos. Quantos eram casados? Quantos viviam em casa própria? Quantos possuíam cachorro? Quantos usavam óculos?

À medida que se interceptavam mais cartas o perfil de X começou a delinear-se. Acrescentaram-se à lista os seguintes particulares: X tem uma "horta da vitória"; sua casa está ameaçada de execução hipotecária; quer comprar uma granja de criação de galinhas.

A sombra do espião invisível continuava indefinida, mas já se haviam excluído milhões de possibilidades. Agentes esforçados do FBI foram reduzindo a cifra dia a dia: 98.000... 88.000... 81.000... Mas mesmo 81.000 ainda era muita gente.

Na noite de 14 de abril foi interceptada a décima segunda carta. Os incansáveis investigadores encontraram nela o seguinte trecho nostálgico, aparentemente insignificante: "O calor está muito forte e as árvores estão começando a brotar. A primavera sempre me faz lembrar aquela maravilhosa semana que passei na praia do Estoril."

Estoril! O FBI bem conhecia o Estoril, que é, como se sabe, a estação balneária a poucos quilômetros de Lisboa, aliás ponto de reunião dos espiões alemães durante a guerra.

Convocou-se uma sessão às pressas. Qual seria a melhor maneira de verificar a entrada nos Estados Unidos de nacionais e estrangeiros vindos de Lisboa a partir da primavera de 1941? Não havia retratos para se comparar com fotografias de passaporte. Não havia impressões digitais. De repente um dos agentes teve um "estalo":

— Temos uma boa amostra da letra de X: a assinatura das cartas, um tal Fred Lewis. O nome é falso, mas a letra não é, porque disfarçar a letra é quase tão difícil como mudar as impressões digitais. Todos os que entram no país têm de prencher uma declaração de bagagem para a Alfândega. Vamos então pedir aos nossos investigadores que verifiquem os arquivos da Alfândega de Nova York e comparem a letra das declarações com a assinatura de Fred Lewis.

Na manhã seguinte, armados de cópias fotográficas da assinatura do espião, alguns peritos em caligrafia começaram a conferir milhares de declarações aduaneiras. O fluxo de refugiados provindos de Lisboa havia atingido o máximo justamente na primavera de 1941. As declarações de bagagem eram uma miscelânea tremenda — em polonês, alemão, francês, holandês, russo...

O trabalho do perito em escrita é uma ciência exata. Os indícios dependem às vêzes de um desvio quase imperceptível no traçado de um E ou na volta de um L. Cada um dos formulários tinha de ser examinado meticulosamente. Durante dias a fio os peritos labutaram através de pilhas de documentos, sem resultado. E essa era apenas uma fase da grande caçada humana que já ia bem adiantada.

Os menores detalhes tirados daquelas doze cartas estavam sendo

conferidos cuidadosamente. Dos 98.000 guardas antiaéreos, quase 60.000 haviam sido eliminados. Os agentes do FBI conseguem suas informações fazendo perguntas, esperando pacientemente pela resposta quando dão com indivíduos de pouco falar, agüentando os tagarelas com resignação... Cada fase da pesquisa consumia um tempo precioso.

Às 9 horas da noite de 9 de junho de 1943, um agente especial tirou do arquivo o formulário número 4.881 da Alfândega de Nova York a fim de examiná-lo. Assim que pôs os olhos na assinatura no fim da página, todo o seu cansaço desapareceu. Apanhou a lente de aumento. Era isso mesmo. Êle sabia. Era a mesma volta do E, o mesmo F meio enviesado, a curvatura do S idêntica. O perito soltou um berro de triunfo que assustou todos os colegas.

Nessa mesma noite, no laboratório de Washington, fotografou-se a assinatura, ampliaram-se as cópias e compararam-se com as cartas do espião. Agora os peritos não tinham a menor dúvida. À 1 hora e 45 minutos da madrugada o telefone do FBI em Nova York tocou forte: "Verifiquem o nome de Ernest F. Lehmitz."

Lá estava o nome de Lehmitz na lista dos guardas antiaéreos, com enderêço e tudo: 123 Oxford Place, Tompkinsville, Staten Island, Nova York.

Em menos de uma hora alguns agentes especiais desembarcaram da lancha que vai de Nova York à ilha vizinha. E agora? Uma série de estampidos na escuridão? Um duelo na madrugada? Antes fôsse assim tão simples. Os agentes precisavam descobrir outros dados importantes. Haveria cúmplices? Onde e como conseguia o espião suas informações? Os espiões raramente falam, depois de presos. E outra coisa ainda: os espiões têm que ser submetidos a julgamento, e é preciso acumular provas para convencer o júri.

Os agentes vigiaram a casa de Oxford Place a noite tôda. Às 7 horas e 15 minutos um homem alto e magro, de óculos, saiu da casa e enveredou às pressas pela rua abaixo. Um dos agentes seguiu-o disfarçadamente. Não muito longe da casa o suspeito entrou num restaurante. Apesar da hora matinal, o estabelecimento estava cheio de trabalhadores das docas, soldados, marinheiros. O agente entrou. Enquanto tomava uma xícara de café, observava o movimento. O tal homem tinha pôsto um avental encardido e estava esfregando

o chão. Aparentava uns 55 anos, tinha olhos azuis muito mansos e cabelos castanhos meio ralos. Um tipo que absolutamente não chamava a atenção de ninguém: uma andorinha entre milhares.

No restaurante os fregueses falavam sem cessar sôbre cargueiros, movimentos de navios, próximas partidas. O agente terminou sua xícara de café e saiu.

Nos 16 dias e noites que se seguiram, o espião foi vigiado de perto. Agentes especiais, fingindo-se de vendedores e beberrões, desenterraram um fato atrás de outro — fatos reveladores que coincidiam perfeitamente com o que o espião dizia nas cartas. A vizinhança também gosta de dar com a língua nos dentes:

Ernest? Conheço muito bem. É o guarda antiaéreo aqui no quarteirão. O senhor precisava ver as descomposturas que êle passa nos vizinhos quando se esquecem de abaixar as luzes. O Ernest está levando a guerra a sério.

Ernest? Um sujeito de bom coração. Quando o cachorro dêle ficou doente e morreu no ano passado, êle sentiu como se tivesse perdido o melhor amigo.

Ernest Lehmitz tem uma das melhores "hortas da vitória" em Staten Island.

Que pena que o banco vai executar-lhe a hipoteca!

Se conheço o Ernest! Todos os dias antes de voltar para casa êle dá uma chegada aqui para tomar o seu chope. É um homem sossegado. Só fala na granja que pretende comprar um dêsses dias, para criar galinhas.

Pouco a pouco o cêrco foi apertando. No dia 26 de junho de 1943, às 8 horas da manhã, um ano, quatro meses e sete dias depois de ter sido interceptada a primeira carta, Lehmitz foi conduzido ao FBI. Mostraram-lhe tôdas as provas tão penosamente acumuladas. A prova era tamanha que êle assinou uma confissão completa.

Chegara aos Estados Unidos em 1908 como funcionário do consulado alemão em Nova York. Fizera várias viagens à Alemanha e na última, em 1938, fôra recrutado pelo serviço alemão de espionagem e instruído no uso de tintas invisíveis e de outros truques. Na primavera de 1941 recebera ordem de voltar aos Estados Unidos, arranjar um emprêgo fixo, fazer-se passar por cidadão pacato, e perder-se no meio da multidão.

Em sua confissão, Lehmitz implicou outro espião, Erwin Harry De-Spretter. Tornaram-se, respectivamente, o segundo e o terceiro espiões a serem julgados pelo crime de espionagem em tempo de guerra e foram ambos condenados a trinta anos de prisão.

O grau de perfeição com que Lehmitz havia representado o seu papel de cidadão pacato foi pôsto em evidência algumas semanas depois do seu encarceramento, quando muitos dos seus vizinhos de Staten Island foram visitar a senhora Lehmitz a fim de exprimir-lhe sua solidariedade e simpatia. Uma das mulheres, que por sinal tinha um filho no Exército, chegou a dizer:

— Não pode ser nada de grave. O Ernest Lehmitz é incapaz de fazer mal a uma môsca.

Entretanto, a captura dêsse espião de aparência insignificante e maneiras suaves havia sido, para o FBI, uma das tarefas mais árduas da Segunda Guerra Mundial. Um espião melodramático, de capa-e-espada, é caso fácil para a polícia. Por outro lado, um espião que anda de bonde e usa galochas pode não ser espetacular nem romântico, mas é mil vêzes mais perigoso, porque muito mais difícil de se apanhar.

O Furo da Rendição Alemã

Edward Kennedy

Em princípios de abril de 1945, a resistência alemã na frente ocidental estava-se desmoronando ràpidamente. As tropas norte-americanas haviam atravessado o Elba, e no caminho de Berlim nada existia capaz de dificultar-lhes o avanço. No entanto, recuaram a fim de permitir que os russos entrassem em Berlim.

Para os soldados e o povo dos Estados Unidos, os russos ainda eram bravos aliados; mas as relações oficiais entre Washington e Moscou já tinham sido perturbadas pela aberta desconfiança e mesmo hostilidade dos russos. A política dos aliados ocidentais, baseada na convicção de que a vitória na Segunda Guerra Mundial de nada valeria se levasse a um conflito com a Rússia, era de apaziguamento para com Moscou. Os comandantes militares foram advertidos de que evitassem até mesmo a aparência de estar tirando partido da preferência que os alemães demonstravam pelos ocidentais.

Foi nesse ambiente de nervosismo que dois oficiais alemães, o Almirante Hans Georg von Friedeburg e o Coronel Fritz Poleck, chegaram ao quartel-general do Marechal Montgomery, no dia 4 de maio. Tinham sido enviados pelo govêrno do Almirante Doenitz — que subira ao poder depois da morte de Hitler — a fim de discutir a entrega de tudo que restava do Terceiro Reich. Isso, porém, excedia aos podêres de Montgomery, que os encaminhou a Eisenhower, no Quartel-General Avançado, em Reims.

O gabinete de Doenitz havia fugido para Flensburg, na fronteira teuto-dinamarquesa. As tropas britânicas entraram em Flensburg e o govêrno se tornou cativo, embora continuasse a funcionar. A estação de rádio de Flensburg, de grande potência, era operada pelos alemães, sob censura dos aliados.

Condensado de "The Atlantic Monthly"

Friedeburg, sendo informado de que o nôvo govêrno alemão devia autorizar prontamente a rendição incondicional aos aliados ocidentais e à Rússia, transmitiu a Doenitz essa comunicação.

Na manhã de 6 de maio, domingo, um grupo selecionado de correspondentes de imprensa (entre os quais me achava eu) reuniu-se em um pequeno campo de aviação perto de Paris, onde tomamos um avião para Reims. Éramos 17, representando, indiretamente, através das agências de informações, quase todos os jornais e estações de rádio do mundo aliado.

Enquanto nosso avião se dirigia para o nordeste, o General Frank A. Allen, chefe da Divisão de Relações Públicas do Supremo Comando, prevenira-nos da possibilidade de virem a fracassar as negociações de rendição e dos desastrosos efeitos que provocaria uma prematura divulgação de tal acontecimento. Fêz, então, que cada um de nós prometesse o seguinte: "...não comunicar os resultados desta conferência, nem o fato de sua realização, até que a notícia tenha sido dada pelo Supremo Quartel-General." Fiz minha promessa com sinceridade, pretendendo cumpri-la; e de fato a cumpri.

Em Reims, fomos levados ao pôsto avançado do Supremo Quartel-General da Fôrça Expedicionária Aliada (SHAEF), que ocupava o edifício de uma escola técnica, e aí nos disseram que esperássemos em uma sala do pavimento térreo. Esperamos nove horas. Allen veio falar conosco diversas vêzes, fazendo diferentes declarações à medida que iam sendo alterados os planos, no andar superior. Em determinada hora, comunicou que não poderíamos transmitir notícias enquanto a rendição não fôsse anunciada pelos governos aliados.

Finalmente, às 2 horas e 41 minutos da manhã de 7 de maio, segunda-feira, nós, os correspondentes, fomos conduzidos ao andar de cima para presenciar a assinatura da rendição incondicional pelo General Gustav Jodl, nôvo chefe do Estado-Maior do Exército Alemão, e pelo Almirante von Friedeburg. Outros de nossos confrades, menos afortunados, que, por intermédio do pessoal da Divisão de Relações Públicas, haviam sabido do que se passava, esfregavam as mãos, tiritando, nas calçadas de Reims, naquela manhã fria — embora diversos oficiais do Quartel-General tivessem conseguido introduzir na sala algumas conhecidas suas, enfermeiras e môças do Corpo Auxiliar Feminino do Exército Norte-Americano, para que presenciassem o histórico acontecimento.

Depois de todos terem apôsto suas assinaturas — Bedell Smith pelo Supremo Comando, General François Sevez pela França, General Ivan Susloparov pela União Soviética e Almirante Sir Harold Burrough pela Grã-Bretanha — fomos levados de nôvo para a sala, embaixo, a fim de aguardarmos a decisão final da hora em que poderíamos enviar nossos despachos. Mais ou menos às 4 da manhã, Allen apareceu e disse:

— Meus senhores, o General Eisenhower desejava que a notícia fôsse dada imediatamente, pois assim se poderiam salvar muitas vidas; êle se acha, entretanto, manietado pelas altas esferas da política, e nada podemos fazer. A divulgação foi fixada para têrça-feira, às 15 horas, hora de Paris.

Regressamos a Paris de avião, com um sol de ouro desbotado, naquela manhã de maio. Às 10 horas do mesmo dia, segunda-feira, o General Allen realizou uma conferência com a imprensa no Hotel Scribe, sede da Divisão de Relações Públicas. Foi uma reunião agitada. Os correspondentes cuja presença à assinatura da rendição havia sido barrada foram enérgicos em suas acusações. A incompreensível decisão de reter a notícia por 36 horas atiçou os ânimos de todos nós.

Eu soube, por oficiais superiores do SHAEF, que o atraso tinha sido ordenado por Washington, a pedido dos russos, que desejavam realizar uma outra cerimônia "mais formal" em Berlim. Isso nos pareceu esquisito. A rendição de Reims era incondicional, e a Rússia dela participara plenamente. Uma segunda cerimônia não teria significação nenhuma a não ser para fins de propaganda soviética.

Por tôda parte circulavam boatos do fim da guerra, com estranheza de que não tivesse havido comunicação alguma a respeito. Os vespertinos de Paris publicaram despachos de Londres dizendo que estavam sendo montados alto-falantes na residência do Primeiro-Ministro e que a Inglaterra só aguardava o comunicado oficial. Os soldados aliados, na frente, tiveram informação oficial.

Eu estava convencido de que, se a declaração oficial demorasse, a notícia inevitàvelmente conseguiria, de qualquer maneira, furar

a barreira. Às 14 h e 3 m, hora de Paris, verificou-se o furo: o Conde von Krosigk, Ministro do Exterior do govêrno Doenitz em Flensburg, anunciou a rendição incondicional em uma irradiação para todo o mundo dirigida "aos homens e mulheres alemães".

Eu sabia que o govêrno Doenitz não poderia ter feito a irradiação sem consentimento do Supremo Comando. Estava claro que o furo partira do próprio SHAEF.

Procurei comunicar-me com o General Allen pelo telefone, mas fui informado de que êle se achava muito ocupado. Fui ao escritório do Tenente-Coronel Richard H. Merrick, chefe da censura norte-americana, e lhe mostrei o texto do comunicado de Flensburg.

— Que é que você quer que eu faça? — disse êle. — Tenho que cumprir ordens.

Minha promessa, ponderei, era de não fazer divulgação até que a notícia tivesse sido dada pelo Supremo Quartel-General. Declarei a Merrick que, tendo o Supremo Quartel-General dado a notícia por intermédio dos alemães, eu não me sentia mais na obrigação de observar silêncio.

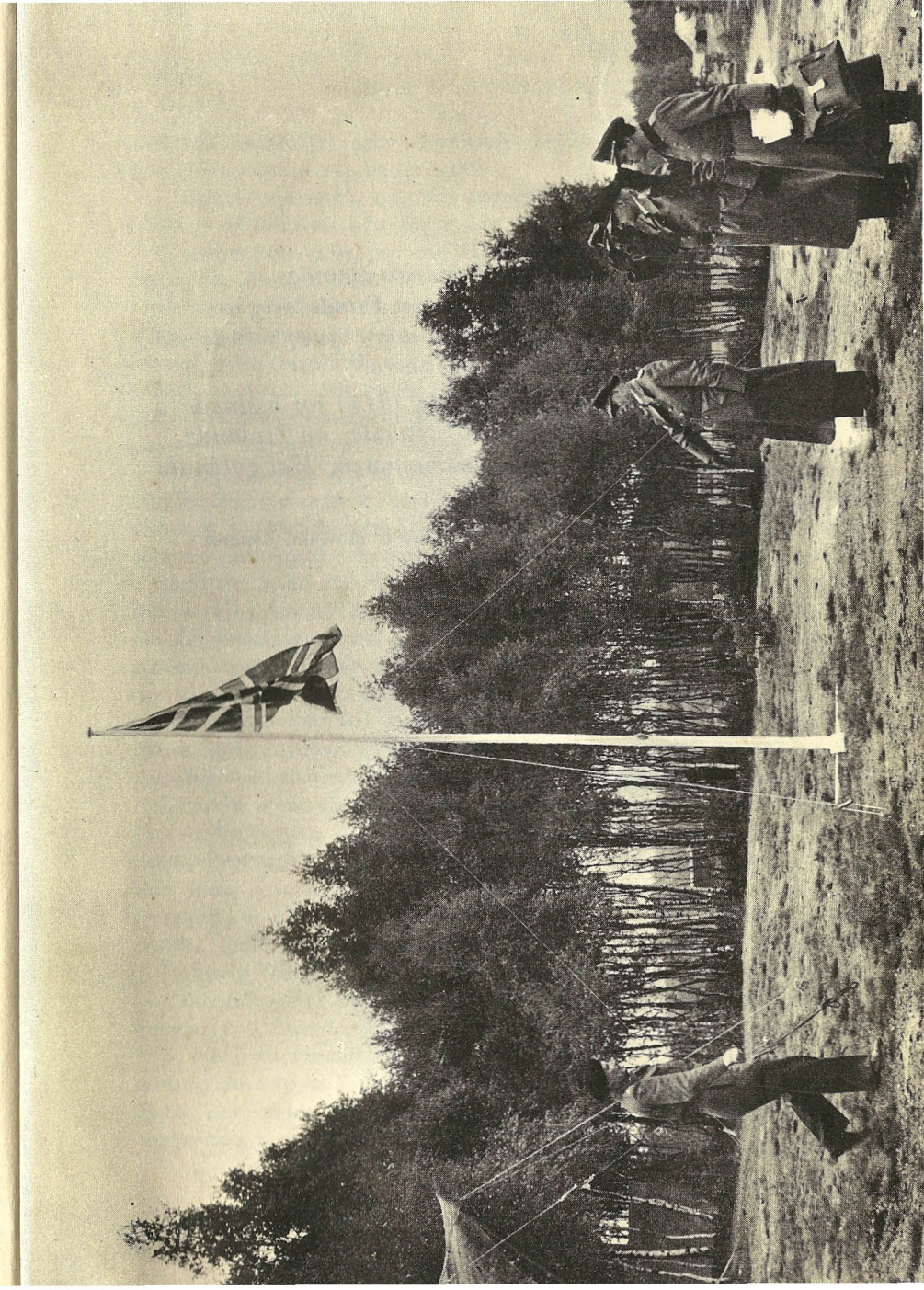
— Faça como quiser — respondeu.

Naturalmente não podia supor que um correspondente conseguisse transmitir um despacho através da cortina de ferro com que a censura pensava haver cercado o teatro europeu.

Não foi o desejo de sensacionalismo que me impeliu, inexoràvelmente, a tomar a decisão que tomei, mas, sim, a convicção de que meu dever era relatar os acontecimentos. Tratava-se, reconhecidamente, de censura política, em flagrante violação do ponto fundamental da censura norte-americana, isto é, que seria limitada a assuntos genuìnamente de sigilo militar. Nunca me arrependi de minha decisão.

Eu sabia que podia comunicar-me com Londres pelo telefone militar. Qualquer pessoa, no Scribe, podia chamar "Militar, Paris" e pedir ligação para um telefone de Londres. Qualquer agente inimigo em Paris poderia ter feito isto. O fato de que o SHAEF tenha deixado essa brecha no seu sistema de segurança, supostamente impenetrável, sòmente os militares poderão explicar.

Transmiti todos os detalhes essenciais do acontecimento de Reims, o bastante para esclarecer que não se tratava de boato, mas de um



A chegada dos plenipotenciários alemães conduzidos pelo Almirante von Friedeburg ao Quartel-General de Montgomery que, saindo da sua barraca, vai-lhes ao encontro.

Nessa ocasião (4 de maio de 1945) foi assinada a rendição das tropas alemãs situadas na Holanda, nordeste da Alemanha, Dinamarca, Heligolândia e Ilha Frisone

Foto gentilmente cedida pelo Imperial War Museum, Londres

autêntico relato de uma testemunha ocular; que essa era a notícia que o mundo estava aguardando.

— Agora vejamos o que vai acontecer — disse eu aos meus auxiliares. — Talvez eu não fique por aqui muito tempo.

A tempestade desabou logo. O General Allen suspendeu as operações da Associated Press em todo o teatro europeu. Até os telefones de nossas salas foram cortados. As outras agências começaram a enviar telegramas de protesto por não lhes ter sido concedida licença para transmitir a notícia.

Meu despacho foi publicado e irradiado pelo mundo inteiro, e provocou uma demonstração gigantesca. Até mesmo o SHAEF espalhou-o na Europa, em 20 línguas, pela estação de rádio do Comando.

A suspensão da Associated Press por parte de Allen provocou um bombardeio de protesto nos Estados Unidos. O SHAEF punira não sòmente a referida agência, mas também todos os jornais e estações de rádio que dela recebiam noticiário, bem como seus leitores e ouvintes, num momento em que todos estavam profundamente interessados nas notícias provenientes do teatro europeu. A suspensão da Associated Press foi cancelada, mas a minha suspensão como correspondente continuou de pé. Parti então para os Estados Unidos. Ao chegar, discutia-se em todo o país a ética do meu ato, mas o sentimento público estava avassaladoramente a meu favor. A massa dos norte-americanos achava que, terminada a guerra na Europa, o povo tinha o direito de ser informado do fato.

Comecei a me movimentar para conseguir um julgamento justo, pois tinha certeza de que eu seria considerado isento de qualquer culpa. Procurei o Ministério da Guerra para me informar de como fôra feita a irradiação de Flensburg. Levei um ano, mas, afinal, consegui o que desejava: uma declaração assinada por Bedell Smith, Chefe do Estado-Maior do Supremo Comando, nestes têrmos:

"Ludwig Schwerin von Krosigk anunciou oficialmente a rendição incondicional da Alemanha em uma irradiação para o povo alemão e o mundo, originada em Flensburg. Essa divulgação foi feita em cumprimento de ordens do Supremo Quartel-General, no sentido de que os soldados alemães deviam ser informados da rendição por todos os meios possíveis e instruídos no sentido de cessarem a resistência..."

O próprio SHAEF não só autorizara a divulgação da notícia antes da hora "oficial", como chegara mesmo a ordená-la.

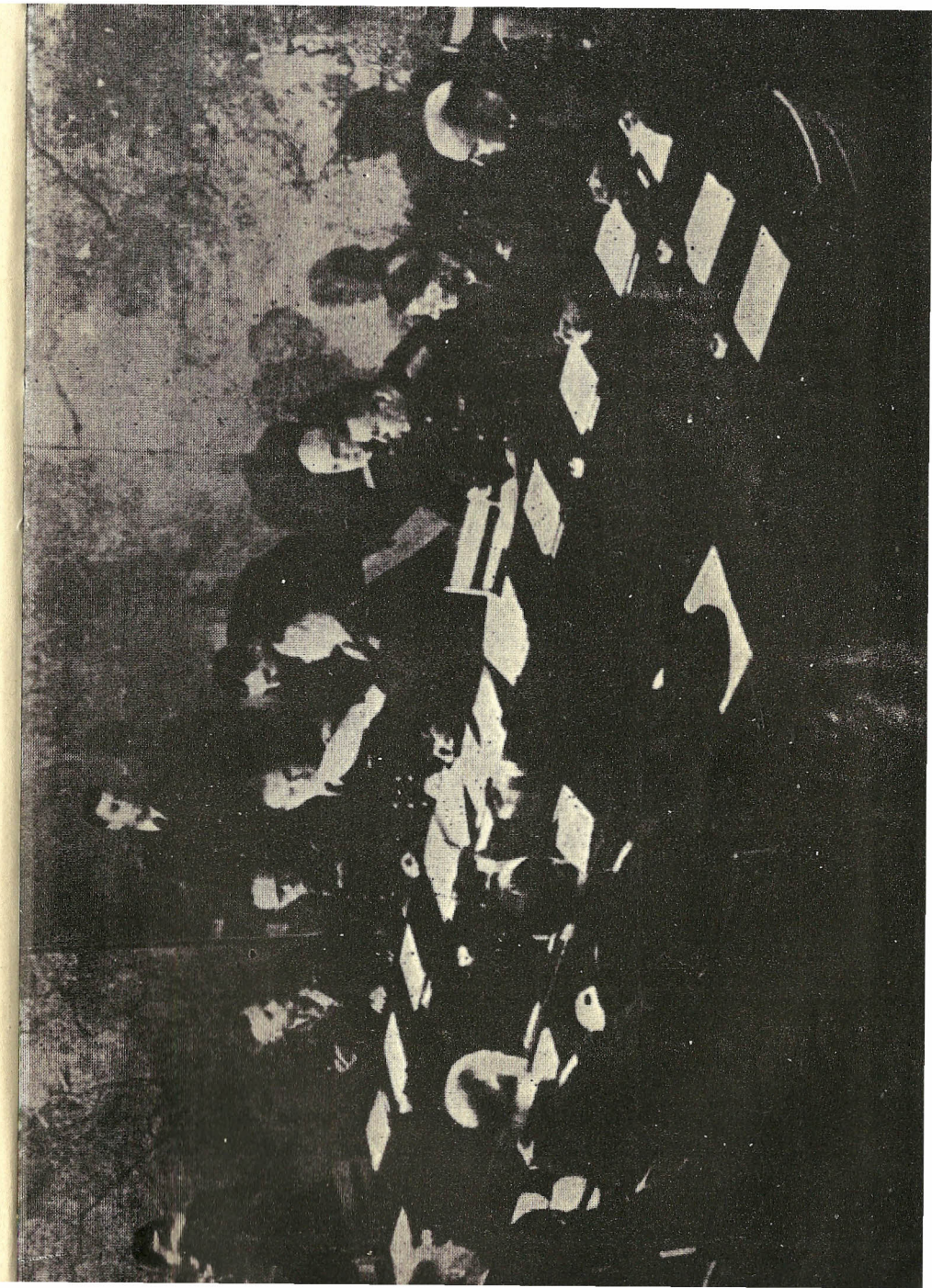
O resto foi fácil. O Senador Sheridan Downey apresentou os fatos e as provas ao General Eisenhower. Êste, após examinar o caso, restaurou minhas credenciais como correspondente de guerra. Deram-me, finalmente, uma fôlha-corrida limpa...

Posteriormente os fatos esclareceram o significado da rendição engendrada pelos russos. Era o primeiro movimento de Moscou, no pós-guerra, contra as potências ocidentais. Os russos solicitaram o atraso na divulgação da notícia para que pudessem organizar a cerimônia-arremêdo nas ruínas da capital alemã. A fim de que a "rendição" em Berlim pudesse parecer legítima, pediram que o acontecimento de Reims só fôsse divulgado algumas horas *depois* da solenidade de Berlim. Isso foi recusado, mas Truman e Churchill — o último com relutância e sob pressão de Washington — concordaram em reter a notícia (que pertencia aos povos aliados) até a hora da reunião em Berlim. Foi uma concessão política que poderia ter custado vidas aos aliados se o SHAEF não a tivesse violado.

Foi uma dessas decisões do Presidente Truman difíceis de serem compreendidas; um apaziguamento típico do período Ialta-Potsdam.

Na imprensa controlada pelos soviéticos nunca apareceu nenhuma palavra sôbre a rendição verdadeira, assinada em Reims. Do outro lado da Cortina de Ferro, a maioria acredita que o Exército Vermelho conseguiu a rendição dos alemães com um "ligeiro auxílio" dos exércitos ocidentais. Essa informação errônea poderia afetar o grau de resolução com que o povo se prontificaria a marchar, no caso de surgir uma nova guerra.

A ação dos russos estava perfeitamente de acôrdo com o conceito soviético do uso da imprensa para fins de propaganda; nós é que erramos, pois nos deixamos levar por ela.



A histórica sessão de 7 de maio de 1945, em Reims, realizada numa sala do Supremo Comando Aliado e na qual foi assinada a rendição incondicional da Alemanha. Os plenipotenciários alemães estão de costas. Assinaram a rendição Jodl pela Alemanha, Bedell Smith pelos anglo-americanos, Suslaparov pela Rússia e Sevez pela França.
Eram 2:41 da manhã e o fogo cessou às 23:01 de 8 de maio

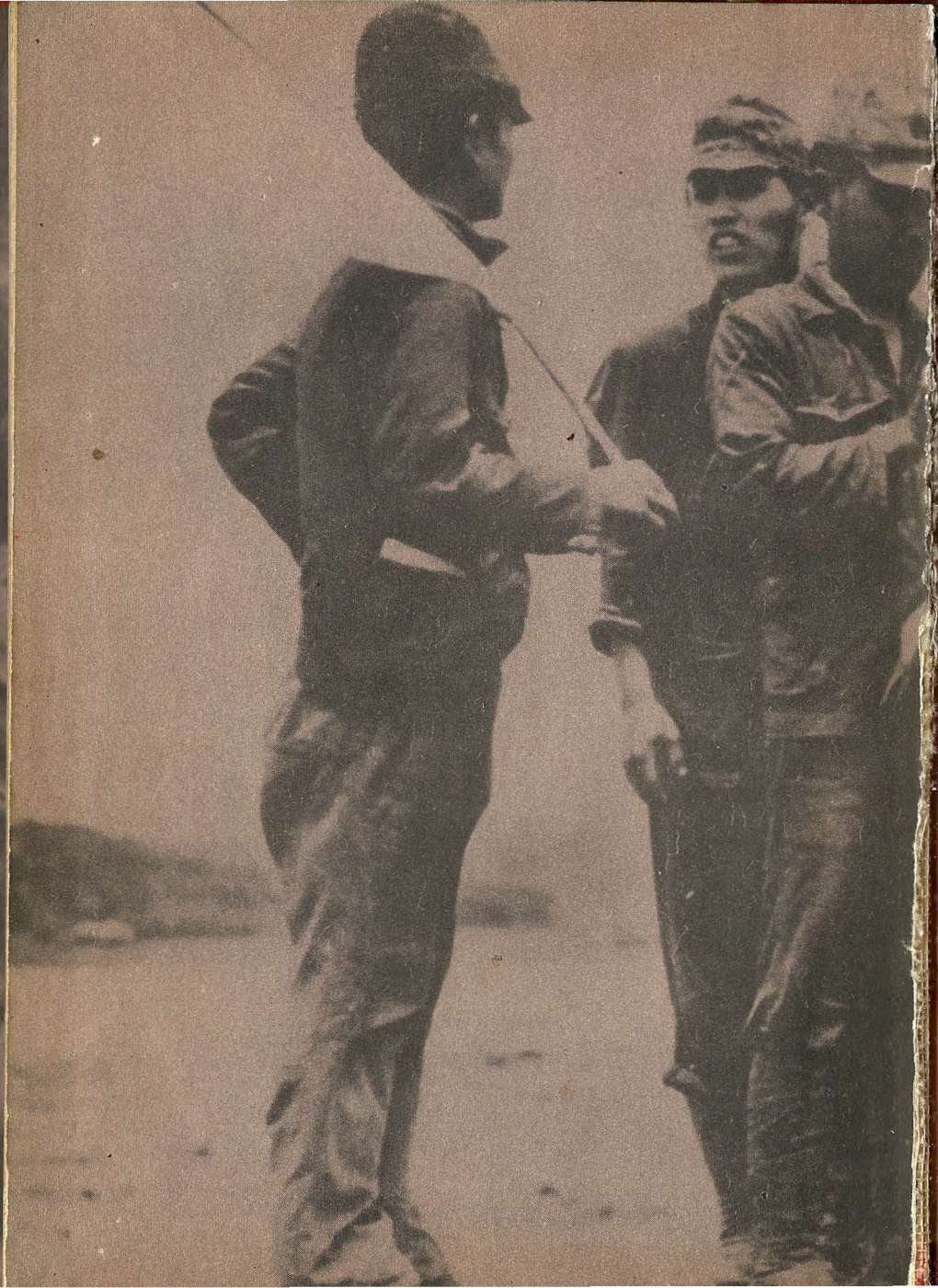
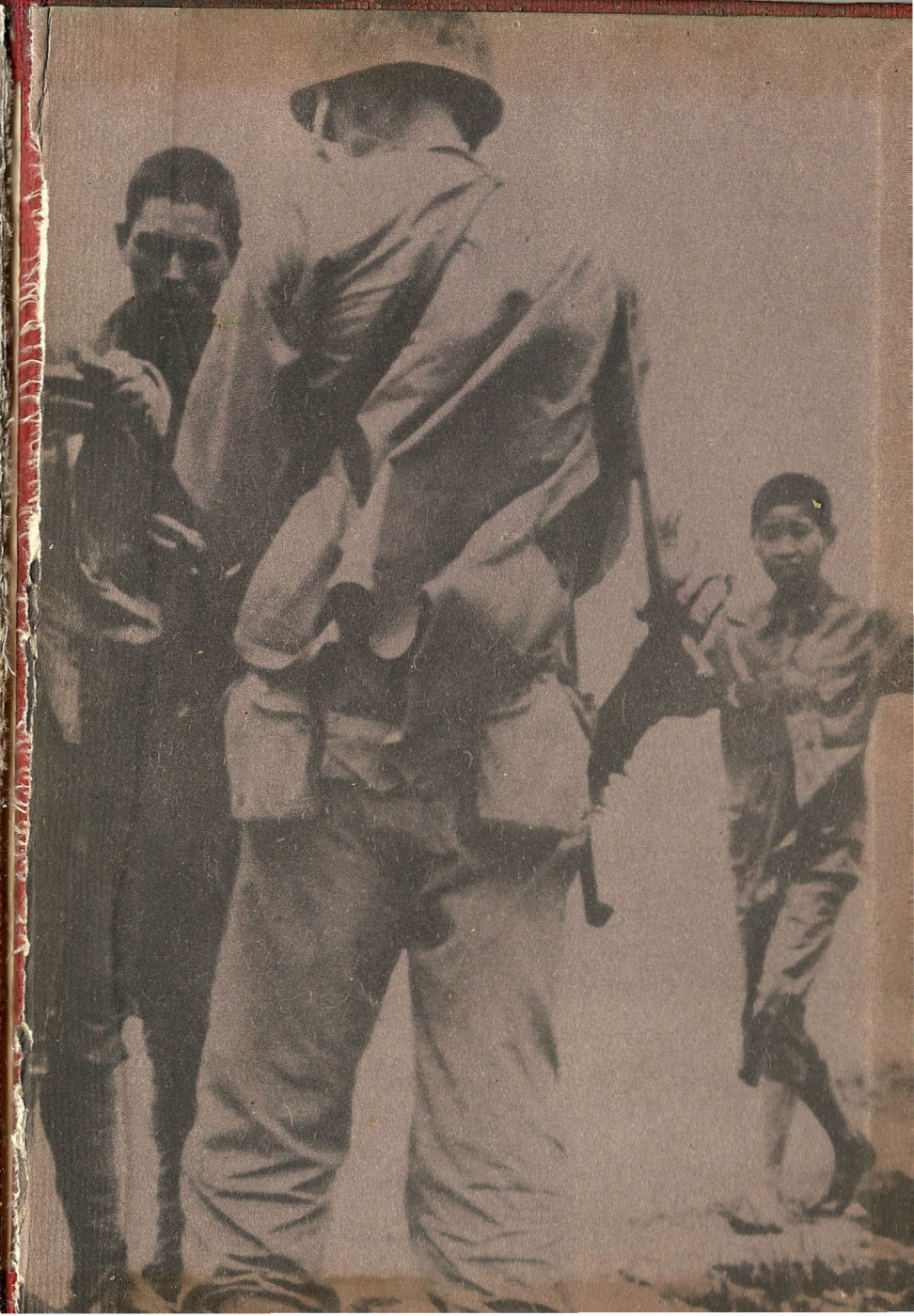



Foto Camera Press, Londres